TOMO I. — QUINTA FEIRA, 1 DE JANEIRO DE 1852.

BIBLIOTHECA NACIONAL RIO DE JANEIRO

O JORNAL DAS SENHORAS

DIRET. DA AC. E PUBL. DA CORTE

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

As nossas Assignantes.

Redigir um jornal é para muitos litteratos o apogeo da suprema felicidade, *já sou Redactor*, esta frazezinha dita com seus botões faz crescer dous palmos a qualquer individuo.

No circulo illustrado o Redactor é sempre recibido com certo prestigio do homem que em letra de imprensa póde dizer muita coisa, propicia ou fatal a alguem.

N'outra roda de gente que considera o progresso do genero humano, como uma heresia, e os litteratos como uma casta de vadios, porque entendem que se possa cavar com uma enxada, porem o trabalho intellectual é para essa gente uma alocução em grego: e por tanto o Redactor é... é um vadio mesmo, um ente inutil.

Ora pois, uma Senhora a testa da redacção de um jornal! que bicho de sete cabeças será?

Comtudo em França, em Inglaterra, na Italia, na Hespanha, nos Estados-Unidos, em Portugal mesmo, os exemplos abundão de Senhoras dedicadas á litteratura collaborando differentes jornaes.

Por ventura a America do Sul, ella só, ficará estacionaria nas suas idéas, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da Sociedade?

Ora! não póde ser. A sociedade do Rio de Janeiro principalmente, Côrte e Capital do imperio, Metropoli do sul d'America, acolherá de certo com satisfacção e sympathia O JORNAL DAS SENHORAS redigido por uma Senhora mesma: por uma americana que, senão possue talentos, pelo menos tem a vontade e o dezejo de propagar a illustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher.

Eis-nos pois em campanha; o estandarte da illustração ondula gracioso á briza perfumada dos Tropicos: acolhei-vos a elle, todas as que possuis uma faisca de intelligencia, vinde. Confidente discreto das vossas producções litterarias; ellas serão publicadas debaixo do anonimo: porem não temaes confiar-mo-las, nem temaes dar expanção ao vosso pensamento; se o possuis é porque é dom da Divindade, e aquillo que Deus dá, os homens não o podem roubar

Por carta fechada a redacção do Jornal podem dirigir-se todas as Senhoras que desejarem honrar as nossas paginas.

Feliz mil vezes se a minha dedicação alcançar a vossa cooperação.

Temos a satisfação de vos declarar que desde já somos coadjuvadas por uma nossa amiga, jovem intelligente e espirituosa, a qual faz-nos o obsequio de encarregar-se especialmente do artigo de Modas, guardando para isso o mais rigoroso incognito. Leia-os pois o seu primeiro artigo.

Joanna Paula Manso de Noronha.

—

O vosso convite.

Minha querida amiga e Redactora em chefe do — JORNAL DAS SENHORAS. — Estou surprehendida do horroroso convite que me fizestes! Eu, pobre de mim, que bem sabeis o quanto sou estouvada e leviana, mettida agora a escrever artigos, e, não é nada, artigos para serem publicados em letra redonda, coisa a que uma certa parenta minha tinha tanta aversão que lhe chamava — *garatujas* — é por certo horrivel! arripia-me os cabellos!

O que escreverei eu?! Está visto, um montão de coisas fôfas sem rei nem roque.

Se me desseis licença ao menos para dar o meu recado sêm preambulos, como faz por ahi tanta gente boa, que não dá, mas *passa recados* com o desembaraço de quem bebe um copo d'agoa, ainda bem iria eu: principiava pelo penteado do Figurino e acabava pelos sapatos, e depois ponto; estava tudo arranjado.

Mas o tal preambulo que me pedis.... Como se eu fosse algum Pregador que traz exordios até nas pontas do lenço com que limpa o reverendissimo suor; e então!...

Todo o meu receio está em não poder achar depois uma *reviravolta*, como fazem os hommens, que me conduza o artigo, que quero escrever, ao ponto principal que são as modas; porque materia vasta tenho eu: principiava, por exemplo, pelo coração dos hommens...

Meu bom Deos, onde ia eu cahir!!! Nada, nada; era muito mal principiado. Isso é porta franqueada com cautela e reserva, cujo guarda, alegre e risonho, não cessa de offerecer entrada franca a quem por sua infelicidade erra o caminho, e por lá quer passar; mudemos de rumo.

Para principiar rendendo homenagens á vossa coragem, minha querida Redactora, não me cabe essa fortuna; o que vos digo somente é que sympathiso com essa certeza e resolução dos espiritos elevados e das intelligencias illustradas. Quisestes redigir um jornal, fizeste-o, e com tanta facilidade como a que tendes fazendo os vossos doces e cadentes versos; mas eu a quem Deos não deu miolo para tanto (o que vale é que ninguem sabe quem eu sou) vede lá a differença; estou tremendo, suando e arfando de cansaço, como se tivesse caminhado a pé até á Tijuca, e por ora ainda me não levantei da cadeira em que ha boa meia hora estou assentada!

Esta educação! esta educação! Pobre sexo feminino que tão mal tem sido comprehendido!

Mas este meu medo, este meu suor copioso e este turbilhão de coisas, que quero dizer e não posso, o que mais é se não o effeito da incompleta educação que recebemos *tão cheia de festas no fim do anno?* Máo, que estou fóra da ordem. Pois bem, então guardai segredo, que eu entro em ordem.

Ahi vou eu:

Sabei que este anno é bissexto, e que, pelas engraçadas Folhinhas dos irmãos Laemmert, elle não nos deve trazer nem a carranca e os pezames do anno que hontem de nós se despedio, nem todas as alegrias e folguedos dos seus ultimos mezes; e a rasão desta differença segundo a explicação de um bom primo que tenho, é porque hão de haver *alguns eclipses invesiveis no Rio de Janeiro.* Gosto muito da *Sabedoria* deste meu primo; é um moço de muitas esperanças.

Ora, se assim for, bom será que eu ainda uma vez me recorde desses dias tão encantadores e suaves para mim, que amo a distracção da vida pelo estrépito da mesma vida. Por certo, nunca o nosso Rio de Janeiro teve uma successão de dias e mezes tão estrepitosos e folgasões! Oh! como eu ainda me lembro delles com tantas saudades!.... quanto me diverti e vivi alegre entre as alegrias do meu proximo...

Ainda me recordo vivamente do pompozo e brilhantissimo baile, verdadeiramente Imperial, com o qual se dignou honrar-nos S. M. o Imperador e sua Augusta e Excelsa Esposa! Como estava Ella tão angelica, tão fagueira e tão sublime; o reflexo de sua alma pura trans

luzia ali, como em toda a parte, cheio de graça e primor. As galas e os diamantes que guarnecião o valioso collar das bellezas que A circundavão, os titulos e as medalhas que se curvavão perante Ella, parecião formar um verdadeiro cofre de joias entre as quaes era Ella a mais primorosa. Cheguei a adoral-a.

O alegre e estrondoso baile do Snr. Commendador Manoel Lopes Pereira Bahia, com seu jardin, cheio de luzes e verdura, fragante e bello, echoando-lhe os harmoniosos sons de uma excellente banda de musica militar; seus salões de mil luzes guarnecidos e perfumados em exceucias inebriantes que recendião das vaporosas bellezas, alegres e seductoras; a riqueza de seus adornos e o seu bem escolhido toilette, tudo isto transportou-me ao mundo das i lealidades, e pareceo-me que estava dentro desses magicos palacios onde as Fadas dirigem o luxo e os prazeres, e os Gênios derramão a profusão e a opulencia.

Os dous bailes dados pelos Exm. Visconde de Abrantes em o seu lindo e caprichoso palacete de Botafogo, oh! como forão cheios de graça e de vida. As decorações e as tapeçarias, a magnifica e bem acertada pintura dos salões, o luxo e o brilhantismo de tudo, estava a par do bem conhecido bom gosto do Snr. Visconde e do bem combinado e encantador toilette das elegantes que ali concorrerão para dar mais um beijinho de sympathia na sua amiga a Exma. Viscondessa de Abrantes.

O baile do Snr. José Maxwel na sua vasta quinta de Andarahy, que saudades que me faz, e que sustos que me causou a carruagem que para la me conduzio!... Tudo foi bem empregado por que passei uma noite divina.

As centenas de soirées e partidas semmaes, para as quaes de instante a instante chovião os convites ao circulo do bom tom, como forão todos elles alegres e completos; quantos suspiros abafados em o terno coração da donzella, prestes a despedir-se destas funções, não forão tomar alento e desprenderem-se junto ao seu toucador ainda no dia seguinte....

O elegante baile do Casino, como que formando o estribilho dansante de todas essas brilhantes reuniões do luxo e do bom tom, que de recordações saudosas não tem produsido desde mim até á elegante e coquette feiticeira, desde o leão da corte até ao dandy de provincia... Cada um metta a mão na sua consciencia se couber.

O Campestre é o Lizia, ambos no pavilhão do Paraiso, que bailes que são tão vivos e encantadores. Sempre ahi tive occasião de contemplar bellezas fóra do commum, e uma certa confusão que me agrada, principalmente quando apparecem as bandejas dos sorvetes. Tanta lida para um sorvete...!

Por ultimo, e para mais lembrar-me do anno de 1851, o Snr. Conde de Iguassú teve o feliz accordo de festejar o baptisado do seu lindo filhinho no Jardin Botanico, offerecendo um sumptuoso jantar ás familias de sua amizade no hotel do Snr. Amiral, onde brincamos e nos rimos muito, depois de havermos passeado e corrido todos os logares mais pitorescos do Jardin Botanico com aquelle delirio quasi juvenil que nos traz a alegria do campo e a certeza da companhia escolhida com quem estamos. A interessante e espirituosa Condessa com o seu lindo toilette — colete de emancipação — capitaneava a nossa companhia feminina, ou antes era a mimosa flôr que prendia esta grinalda de lindas flôres, em cujo numero estava esta vossa criada. Está bom, cale-se, que elogio em boca propria é vituperio. Não ha gostos perfeitos: não vi o grande repuxo deitar agua porque, forte gente! estava com o registo quebrado.

Ora bem vejes que todo este encadeamento de funções deslumbrantes e estrepitosas forão para mim, que sou alegre por natureza, um dos meus melhores passatempos a par das sonoras e melodiosas arias e duettos divinamente cantados na Phil'Euterpe e Phil'Armonica aonde, para adoçar os meus ouvidos das amarguras dos dias magros, fui e irei sempre, e até escreverei um artigo a esse respeito se me derdes licença, pois tornão-se dignas disso estas duas sociedades.

É o meu logar favorito para os meus momentos romanticos, arranjados o proposito, todas as vezes que por lá encontro o batalhão de especuladores do sexo feminino em linha de batalha, de frente á inexperiencia e ao candor. Escalda-me o sangue. Então tambem sei fingir á vista desses vigarios collados da freguezia dos fingimentos, e com meia duzia de surrisos, e quatro onças de sentimentalismo, tenho o gostinho de vel-os *fazer de conta* que estão rendidos e apaixonados, e então rio-me a não poder mais de seu artificio (que bicho máo são os taes namoralos') em vez de os arreme sar ao despreso da

sua ignobil tarefa; por que nessa mesma contradição de principios encontro eu um vasto campo para as minhas reflexões, e digo por fim ás barbatanas do meu colete—Como comprehendem mal os homens a parte mais interessante da sua propria existencia!

Mas eu estou outra vez fóra da ordem ha muito tempo, ou para dizer melhor, desde que principiei esta carta, ou artigo, ou como lhe quizerdes chamar, visto que o meu mestre de primeiras letras (José Lourenço por signal se chamava elle; já morreo!) não me ensinou regras e preceitos para escrever; contentou-se em fazer-me escrever os bons conhecidos *páozinhos*, o feliz *bastardo*, e o antigo *bastardinho* e foi-se, como se iáo n'outro tempo e vão-se no presente, os actuaes *Joses Lourenços* que ensináo primeiras letras a meninas. Vamos á ultima parte deste meu artigo:

Modas.

Estou certa e certissimas que escrevo para o circulo do bom-tom, mas, ainda mesmo que assim não fôra, qual é a Senhora que não sabe hoje o que é a moda? Apresentar uma difinição competente e andar catando na remota antiguidade a sua origem era enfastial-as, com tal explicação, de que ellas me dispensão. De mais, os homens em descrever a moda tem gasto mais tempo que as Senhoras em executal-a, não acho nenhuma rasão para martyrisar o meu sexo com as minhas descripções a tal respeito.

O que é de minha restricta obrigação, desde que me propuz a fallar em modas, é relatar com toda a lealdade o que eu presenciei em Paris e o que me explicarão algumas elegantes com quem lá tive a fortuna de travar relações de amisade.

Em Paris, eis aqui tudo, publicão-se todas as semanas um grande numero de Figurinos, que todos guardão entre si certas dimensões e formalidades, mas pela maior parte elles não são mais que um mero capricho artistico para satisfazer o compromisso de dar Figurinos todas as semanas aos milhares de Parisienses, que aos sabbados esperão por mais uma nova fantasia da moda, por assim estarem acustumados. Entretanto o bom-tom, as elegantes de primeira plana o que fazem? Acceitão em cada mez aquelle Figurino, cuja fantazia e simplicidade é de mais bom gosto, e melhor vae com certa gravidade, digamos assim, e com um certo que encantador, que ellas sabem sustentar em todas as modas, e o resto deixão para ser usado por certa gente (e vestem-se com muito luxo) em que tudo lhe vae as mil maravilhas. Porque com effeito as modas em Paris tem a sua competente distinção segundo as conveniencias de cada um, o seu estado e a sua posição.

Por consequencia só darei explicação d'aquelles Figurinos que em minha alma e consciencia os julgar dignos de serem apresentados as vossas dignas assignantes, pelo *Jornal das Senhoras*, que deve ser, como penso, jornal de muito bom gosto. E que outros apresentem aquelles que bem lhes parecer; para que fica o direito salvo a todas ellas de escolherem o que mais lhes convier e agradar; não vejo que isso seja peccado.

Mas fiquem certas as moças, que d'aqui em diante se vestirem mal, e que neuhuma rasão terão para isso a vista do pouco dinheiro que custa por mez a assignatura do *Jornal das Senhoras*, que pouco me custará dizer-lhes mesmo na bochecha —minha querida, o vosso toilette está de muito máo gosto.

E então! Já não vou perdendo o medo!

E' pelas rasões á cima expostas que vou com muito gosto descrever a estampa junta a este. E' um lindissimo e brilhante toilette de baile, sobre um corpo gentil de uma carinha mimosa com olhos travessos e feições americanas.

O vestido é de nobreza azul-claro tecida em branco uma das mais lindas cores procuradas pelo brilhante effeito que produz nos salões. Tem a saia ornada com tres largos folhos da mesma fazenda, os quaes são guarnecidos de um bordado *guipure* sobre filo branco de beiras recortadas. O corpinho é lizo, elegantemente talhado, cintura mais curta, e com uma Bertha mui pequena e redonda, recortada e bordada no mesmo gosto dos desenhos da guarnição dos folhos. Sobre a Bertha, e no meio do peito, está preso um duplice laço de fita de setim da mesma cor do vestido. As mangas mui curtas, quasi justas, e abertas em meio talho por baixo, deixando aparecer outras brancas tambem em recortado. Luvas curtas de pellica cor de canna com enfeites de fita azul clara franzida em folinhos, e uma só pulseira de ouro no braço esquerdo. O lenço é de finissima cambraia de linho applicada em ponto de Inglaterra! O penteado de bandós em largos crespos torna-se muito gentil pela graça

com que está colocada a grinalda que os acompanha. Esta grinalda é simplesmente de flores azuès, sem folhagem verde, com espigas de ouro nas pontas, posta sobre o meio da cabeça e escapando-se cada uma de suas pontas por junto dos bandós até abaixo delles.

Eis um distincto toilette; não se pode negar que, apar do apurado bom gosto, elle apresenta uma simplicidade elegante em todos os seus ornamentos, que é, o que eu vos disse, que se nota em todos os toilettes do bom-tom parisiense: ha luxo e ha riquissimos enfeites, porem tão habilmente distribuidos, que não se tornão confusão, mas sim encantadores e brilhantes.

Quantas e quantas vezes não se terá visto a intelligente Mme Barat na desagradavel posição de sacrificar as suas mais bellas combinações artisticas, e digamos mesmo, a sua reputação tão bem adquirida, ao gosto estacionario e excepcional de algum espirito de contradicção! Hei de escrever alguma coisa a este respeito.

Por hoje basta, minha amiga, estou muito fatigada. Não vos admireis do medo com que principiei este artigo e da sem cerenonia com que o finalizei: a rasão é filha do antigo rifão — quem tem medo mais corre — tanto corri para me livrar delle o mais depressa possivel, que por fim emmaranhei-me, e só por estas alturas é que pude achar ponto final.

Vou tomar chá, que me estão esperando. Adeos.

Catette, 31 de Dezembro.

A MULHER.

Não é máo principio para uma Jornalista começar por definir aquillo que é indefinivel.

A mulher! O que vem a ser a mulher? Vejamos. Ardua é a questão! E apezar de tudo todo o mundo a define segundo lhe apraz!

Miserias humanas.

Ha sujeito que em fim na sua vida lhe foi possivel fazer uma conquista amorosa, ou porque é feio, ou desageitado, perguntai-lhe, o que é a Mulher? E elle logo vos respondera — a Mulher! é um demonio com saias, uma cobra, um monstro, uma furia, etc., etc.

Outro a quem lhe roubarão o coração da sua bella, esse diz que a Mulher é o symbolo da inconstancia; diz que é traidora, falsa; em fim é tudo quanto lhe antolha o seu amor proprio offendido!

Valha-me Deos! pobre mulher!

Outro que á força de máos tratos consegue que o desame aquella que já o não pode aturar mais, esse, longe de conhecer o seu erro, lhe carrega toda a culpa, e a mulher é perfida porque não teve mais paciencia que Job para o soffrer e tolerar! Seja tudo pelo amor de Deos.

Olhae o reverso da medalha.

Vedes aquelle rapaz de olhos languidos, que vae fazendo declarações amorosas a direita e esquerda? Pois este diz que as mulheres são anjos consoladores, divindades, etc., etc.

Ouvi os poetas. Estes loucos com juizo, que as vezes dizem coisas muito boas, mas que fazem asneiras como outro qualquer homem, nestes encontrareis alguns que comprehendem que a mulher não veio ao mundo só para servir de — *machine à propagation.* Elles a reverencião e fallão no seu porvir e na sua missão, isto, bem entendido, até o dia em que alguma os não quer amar, ou os despreza; então elles gritão com o resto dos homens. — por fim: é mulher!

Lembra-me, minhas queridas leitoras, que em certo hotel onde me achava hospedada, em terra bem afastada desta, fallava-se de litteratura, e sujeitos houveram que trouxerão seus escriptos para serem lidos a sobremeza: entre elles havia um que se compunha de dous capitulos, e ambos se intitulavão — *Definição da Mulher* — Começava elle seu exordio preparatorio dizendo: que tinha feito da mulher um estudo profundo e particular.

Ora que estes meus senhores tolos..... ai que me escapou! mas como não gosto de riscar o que já está escripto, deixemo-lo assim. Pois como ia dizendo, é forte divertimento estarem a estudar na gente á maneira dos medicos nos cadaveres, e á maneira dos naturalistas nos bichos! E elles que tomão muito a peito o tal estudo... ora vejão que amor a sciencia! As vezes paga uma pobre mulher a tal monomania de decifral-a, com uma vida inteira de lagrimas! Seja tudo pelo amor de Deos.

Onde estavamos nós?.. Ah! fallavamos do homem dos dous capitulos que tinha feito um estudo profundo e particular das mulheres. Que maganão! Pois, começou a ler, e o primeiro capitulo era a descompostura mais solemne que jámais foi pregada!

Ah! eu tinha tanta vontade de lhe dar o troco...

. Alguns daquelles senhores acharão que ainda era pouco para o que merecem as mulheres; outros dizião que isso era demais.

O homem passou ao segundo capitulo; neste tirava dos anjos para dar á mulher, e por fim terminava dizendo: «*Mas de que servem minhas fallas, minhas iras, minhas furias? de que servem os elogios e as homenagens, quando tu ó Mulher com uma palavra, com um só olhar dominas o rei da criação que, mao grado seu, se prostra aos teus pes!*

Que graça: por modestia chamava ao homem — *o rei da criação!* Bonito rei; cego e surdo, que anda no mundo as apalpadellas, e nem ao menos sabe o momento que antecede a sua morte!

E assim estamos neste mundo; insultadas por estes, elogiadas por aquelles, e desconhecidas e menoscabadas por todos!

E o peior do negocio é que as mesmas mulheres são muitas vezes contra si mesmas... Por isso torno a perguntar: o que vem a ser a Mulher?

Eu fallando francamente não o sei!

A malicia da mulher é de tão longa data... data do nosso pae Adão... Elle coitadinho era um innocente; foi a mulher quem o perdeo!

Marotinha! fazel-o comer a tal fructa! Ella fez mal, fez muito mal; olhem que senão fosse isso decerto o *Jornal das Senhoras* não vinha ao mundo, porque naturalmente Adão e Eva ficavão eternamente no Paraiso a olhar um para o outro, e a *Stirpe misera d'Adam* não vinha ao mundo para continuar a comer fructa que faz indigestão á gente.

Ora pois; já vemos que foi ella quem perdeo Adão.

Os Frenologistas, que não passão de loucos scientificos, dizem que o instincto sensual sendo mais forte no homem é elle quem procura a Mulher — mas a frenologia não sabe onde tem o nariz — a mulher, a mulher foi a causa de todo o mal, e ainda o é.

Pobre mulher!

Jesus de Nazareth foi o primeiro que te levantou do teu opprobrio! Elle o primeiro que revelou tua missão ao mundo!

E para que? As suas doutrinas subvertidas vos deixarão na vossa antiga condição de escrava, e quando, depois de vinte seculos, começou o christianismo a pairar luminoso e fulgente sobre as sociedades modernas, ainda vos negão os vossos direitos e retardão a realisação do vosso porvir!

Mas esta não é a nossa questão.

A Mulher; o que vem a ser a Mulher?

A Mulher não é o homem?

Que novidade!

Trata-se de definil-a!

Isso não sei.

Posso asseverar-vos que ella tem alma.

Tem intelligencia.

Tem direitos que Deos e a natureza lhe concederão.

E' susceptivel do bom e do máo.

A mulher em fim não é em o nosso entender um ser á parte na criação, e entra na partilha com o homem — do bem e do mal — da intelligencia e da estupidez.

A alma não tem sexo; M^me^. Staël o diz.

Dizer-vos se a Mulher é exclusivamente boa ou exclusivamente má.

Eis o que não posso.

Reformae a sua educação moral; deixem os homens de consideral-a como sua propriedade.

Seja o que Deos a fez: ser que pensa, e não coisa que se muda de logar sem ser consultada; e então quando assim for fallaremos.

Entretanto este Jornal dedicado exclusivamente ás Senhoras tratará desses direitos e dessa educação, cuja principal tendencia é a emancipação moral da Mulher.

(Continúa.)

MISTERIOS DEL PLATA.

ROMANCE HISTORICO CONTEMPORANEO.

> Com o mundo começou uma lucta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A'historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.
>
> MICHELET, Historia de França.

Introducção.

Não foi por servil imitação aos mysterios de Paris, e aos de Londres, que chamei a este romance Mysterios del Plata.

Chamei-o assim, porque considero que as atrocidades de Rosas, e os soffrimentos de suas victimas, serão um mysterio para as gerações vindouras, apezar de tudo quanto contra elle se tem escripto.

Mais poderoso que seus inimigos, seus escriptores assalariados contrabalançou o brado dos contrarios do tirano; e outras vezes esses

mesmos escriptos, comprados pelos seus agentes, são aniquilados.

Este mesmo risco corremos nós; porém que fazer? é necessario resolvermo-nos a tudo, além de que se a nascente litteratura da nossa America for sempre buscar seus typos na velha Europa, nunca teremos litteratura americana, nem litteratura nacional.

Levantar o veo funerario do nosso passado; custa-nos muito; porque, d'entre esse mar escarlate do mais puro sangue argentino, vemos levantar-se pallidos e medonhos os spectros de nossos amigos, de nossos irmãos... Com tudo, como a ultima flor depositada pelo peregrino na porta do lar domestico que vae abandonar, nós escrevemos este romance, nas agonias do amor patrio que se extinguia; e quando á força de soffrer, fomos arrastados ao cosmopolitismo indifferente.

Hoje cuidamos de não bolir na ulcerada chaga que nos deixarão as nossas dissipadas illusões, as nossas derrubadas esperanças; é uma dor que ficou no fundo do coração, derradeira saudade tão duradoura como a existencia.

Neste romance encontrareis talvez o que ainda se chamão ideas «muito livres» porque, apezar de sua civilisação, o seculo 19 conserva preconceitos e horrores, e mesmo frente a frente com a verdade, custa-lhe sahir do gothico edificio, cujos carcomidos alicerces por toda a parte se desmoronão.

Eu, infelizmente talvez, nunca serei ser vil, nem nas minhas opiniões, nem nos meus escriptos; considero que a percepção das verdades eternas, é um tesouro depositado por Deos no espirito humano, não para ser occulto; ou esquecido, mas sim para revela-lo aos homens com voz sonora e parte altivo.

O apostolado da siencia da verdade é digno de todo aquelle que sente força no coração e no espirito para o sustentar.

Não sei quantos defeitos, nas formas, encerrará este romance; nunca cuidei das regras, porque entendo que a regra verdadeira de toda a composição, é a inspiração; nada tão robusto e perfeito como o pensamento, dom de Deos, e que criando, a Elle nos assemelha, porque como Elle, tambem cria.

Depois de tudo, eu escrevo, porque a isso tenho sido arrastada, eu não sei como...

Tenho luctado, e porfim venceo alguma cousa que existia desconhecida no intimo de mim mesma, e a cujo impulso obedeço.

Assim pois, eis o meu romance verdadeiro: suas personagens, algumas ainda existem

A historia d'essa heroica Argentina é mais um facto que prova a necessidade da illustração das mulheres; não só em proveito de si mesmas, quanto em proveito do homem, de que são ellas a companheira e o segundo chefe da familia

(Continúa.)

THEATROS.

Estamos compromettidos a fazer a resenha theatral; porém descançai minhas queridas actoras, não penseis que vou agora passar uma revista minuciosa dos espectaculos lyricos e dramaticos que tiverão logar em todo este anno que passou... não; Deus me defenda de dar-vos semelhante maçada.

Além de que, isto de fazer uma chronica theatral, não é commissão muito agradavel; é uma estrada perigosa, cheia de espinhos: o escriptor que de boa fé se propõe a dizer as verdades, muito particularmente a respeito de theatros, esta perdido!

E' coisa celebre! todos neste mundo querem que se lhes falle a verdade; pois metta-se V. m. n'isso e verá o que lhe resulta.

Chega-se um sujeito ao Jornalista, e lhe diz: — «Homem, escrevi ahi uma peça para o Theatro; pequena, tem cinco actos e um prologo, e desejaria que V. m. dissesse alguma coisa a respeito na sua folha; mas, olhe que não quero elogios, quero a verdade (a verdade é justamente elogios que elle pretende) V. m. a leia, e depois julgue.»

Pois, chega o dia da leitura, o author é o primeiro que vae notando as bellezas do seu drama, e que exclama a cada passo — «Que tal heim?» Isto é divino — Já se sabe que vae cada parvoice que nem de encommenda; e vá V. m. fallar a verdade a um tal homem!

Chega um actor á redacção do Jornal, falla: — A manhã é minha estrea; desejaria que V. m. lá se achasse para poder julgar: eu tenho talento para a arte (n'este seculo todo o mundo tem talento, é coisa facil) porém o que desejo da sua parte é justiça e imparcialidade.

O homem acaba a sua alocução com um bilhete gratis — não se pode resistir. —

Vamos ao Teatro.

O homem entra em scena, falla com os braços e com as pernas, que nem um moinho de

vento — canta em vez de declamar, e por fim é uma pessima mediocridade. —

E que tal?

Caia V. m. na asneira de dizer-lhe que não presta! Jesus! antes emmudecesse o pobre do Jornalista, pois ainda em cima do homem ter a politica de o convidar!

Vem um cantor, estrangeiro, já se sabe, (cá pelas Americas ainda não existe o orgão da voz). Ouça V. m. o que o homem ou a mulher diz.

Elle é um Rubini em prospecto e ella é melhor que Malibran, porém quiz viajar, por isso veio até aqui. Cantão—Falta-lhes o grandioso do estylo, o colorido do canto, a poesia da arte — Ande, vá, falle a verdade Snr. Redactor, diga-lhes isto — A opinião de V. m. não regula, V. m. é um zoilo, um estupido!

Fazer a chronica theatral, e fazer-lhe com a conciencia? Não, não serei eu quem a tanto me arrisque. Hei de ter olhos só para o bom, ouvidos só para o bom, e boca só, para o bom; comtudo o verdadeiro merito ha de ser por mim preconizado, mesmo callando hei de saber fazer justiça.

O theatro lyrico continua a ser frequentado com furor.

O theatro dramatico está quasi deserto.

Um só homem o sustenta. João Caetano. A apparição do grande actor em scena, o povo não resiste, e todos vão ouvir e admirar a aquelle que, com a sua coragem de homem e seu genio de artista, sustenta a arte dramatica, que sem elle cahiria no esquecimento.

No presente anno de 1852 teremos concluido o Theatro Provisorio, nome que lhe cabe muito bem, porque só provisoriamente se pode deixar um objecto no meio da passagem de todo o mundo.

O theatro de S. Pedro de Alcantra caminha a passos agigantados á sua restauração, graças aos esforços do intrepido João Caetano. Para a obra ficar completa devia-se collocar, dominando o edificio, a sua estatua de marmore, de tamanho proporcionado a altura do Theatro.

Essa estatua talhada no Rio de Janeiro devia ser costeada por uma subscripção voluntaria, e haver uma commissão encarregada de levar a effeito este pensamento, que nós desejariamos ver adoptar, porque seria a digna homenagem de um povo culto ao seu primeiro genio dramatico.

...

POESIA.

O PRANTO DA DONZELLA.

Na sombra espessa de frondoso arbusto,
Que das fraldas d'um monte se elevava,
Triste donzella meiga, pensativa,
A saudosos pensamentos s'entregava:
A esses pensamentos, que a magoavão,
Suspiros, terno pranto acompanhavão.

Ella era bella.. na manhã da vida,
Tinha as faces côr de leite e rosa,
Pretos olhos e vivos, seductores,
Boca bem talhada, e mui mimosa,
Era o seu corpo alvo e delicado,
Por suas vestes pretas contrastado.

Cansado o pensamento, já sem forças,
Repouso ao tronco amigo foi buscar,
Na nivea mão a face descançando,
Ao pranto livre curso pode dar;
E da fonte, que junto ia correndo,
As agoas com o pranto ião crescendo.

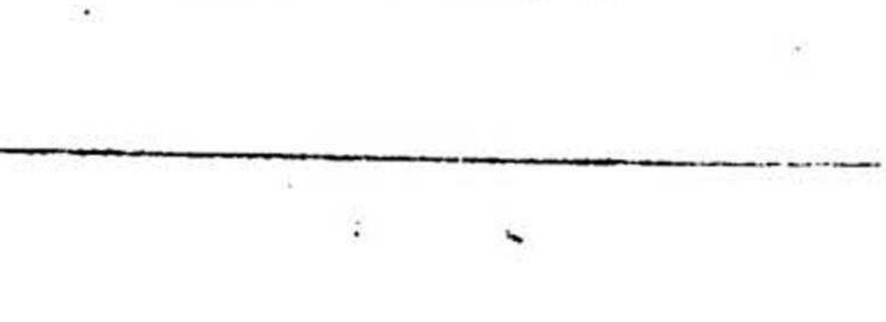
Era tudo silencio, era tristesa,
Nem susurro fazia a brise bella,
Apenas meiga rôla solitaria,
Com seus gemidos augmentava os d'ella;
Ambas soffrião ternas afflicções,
Tinhão ambas magoados corações.

Porque, á duro fado, assim quiseste,
Tão desapiedado golpe desprender!
Cruel! roubando d'ésta o terno esposo,
Fazendo d'aquelle o amante perecer?
Infelises! chorae a triste sorte,
Chorae a dôr, que findará com a morte.

10 de outubro de 1851.

Com este nº vae o Figurino n. 1.

Advertimos as nossas assignantes que para o seguinte numero daremos um padrão de diversos bordados mui lindos, e o molde do—colete de emancipação — que todas as senhoras devem uzar.



JORNAL DAS SENHORAS

Publica-se todos os Domingos; o primeiro numero de cada mez vae accompanhado de um lindo figurino de mais bom tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Snrs. Wallerstein e C. n. 70, A. e F. Desmarais n. 86, Mongie n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia Parisiense, rua Nova do Ouvidor, n. 20.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mensionadas.

Preço da assignatura: Por tres mezes, 3U000 rs. na côrte, 4U000 rs. para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro. — Typographia Parisiense, rua Nova do Ouvidor n. 20.

TOMO I. — DOMINGOS 11 DE JANEIRO DE 1852.

O JORNAL
DAS SENHORAS

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

MODAS.

Prometti dar-vos um molde dos — coletes de emancipação — para offerecerdes as vossas assignantes, e assim os poderem cortar e fazer sem custo e sem grande despendio: ahi o tendes, e acompanhado de diversos riscos de lindos bordados, a ponto inglez, os quaes ao mesmo tempo são de mui facil execução. São dois colarinhos, guarnições de saias e mangas, e uma Modestia.

Antes porém de vos dar a explicação de tudo, sem faltar nem um ponto (bem sabeis como somos minuciosas nas explicações) relevae que eu vos dirija duas palavras em favor desta moda, a qual para o meu gosto, que não é dos espivitados e cegos imitadores de tudo, merece plena approvação, ou *approvado plenamente*, como diz o tal meu primo dos *eclipses invisiveis*. E tanto assim é, que já estou usando os meus coletinhos, não só nos meus passeios de campo, mas nas minhas visitas; e talvez.... talvez ainda me resolva ir a certo baile com um côr de canario, bordado de matiz, que comprei na casa de Mme. Barat, onde os ha mui lindos e de diversos feitios; veremos.

O colete de emancipação é uma destas modas distinctas e especiaes, que de tempos em tempos Paris offerece ás suas elegantes para n'ellas produzir uma revolução e um furor que, como a electricidade, vae tocar todos os pontos da França, todos os circulos da sua sociedade, e por fim percorre victoriosa a Europa toda, e chega á America para ahi fazer outro tanto, sempre bem acolhida em toda a parte.

O colete de emancipação pois é, desde alguns mezes á esta parte, o delirio e o furor das Parisienses, e o será de todo o bemdito sexo feminino, em qualquer parte que a moda se apresentar; porque esta moda, como já disse, foi das que se apresentou com a sua reputação feita pelo cunho da sua novidade e distincção, entre as modas actuaes, que apenas tem feito alguma differença no maior numero de babados ou de folhos, cintura curta e decotada, mudanças estas que mais ou menos já forão vistas e repetidas.

Mas um colete, um colete de homem (ora vejão que differença!) bem talhado, com sua gollinha em pé, ou de rebuço, ou de traspasse, empregado sobre o corpo esbelto e piramidal de uma menina de quinze a vinte annos, ou mesmo de uma senhora até aos seus trinta e cinco, é por certo mui bonito. Não se me dá de apostar, á vista do que em mim se passa, que o colete de emancipação vae ser uma das peças mais queridas, o talisman e o encanto, do guarda-roupa das elegantes. E' moda que faz ficar engraçado até o corpo das moças da roça!*

Certamente eu por mim, que não amo o meu proximo só pela variação de sexo, digo e affirmo, que os coletes de emancipação vão bem em todas; de mais a mais, fazem a gente ficar com um certo mendengue e um que de attractivo e de seductor.... permitti que eu não acabe a phrase.... ou então, redigil-a-hei melhor. As moças ficão uns anginhos de graciosidade, verdadeiras tentações de colete, elegantes e gentis.... adeus! que vou pelo mesmo caminho! mas o que quereis; não posso torcer a verdade. Sim, não vacilem ellas um só instante, em usar esta moda que lhes vae tão bem; eu me apresso pois, em dar-vos já a explicação dos moldes do colete de emancipação.

Estes coletes podem ser feitos de seda, de lã, de fustão ou de metim.

Usão-se com uma saia de vestido e um paletozinho muito curto, arredondado nas abas, de mangas-pagode, guarnecidas de renda ou sem ella, e deixando descuberto o ante-braço. Este paletozinho não deve fechar, para poder deixar apparecer em toda a sua belleza o colete, que será justo e bem liso.

Os coletes devem ser de seda ou de lã, quando a saia e o paletozinho forem dessa mesma fazenda: não será jámais de bom gosto a combinação das sedas com as lãs e vice-versa.

O mesmo não acontece com os de fustão ou metim branco: estes coletes servem expressamente para todas as saias de cassa pintada ou branca, com tanto que ellas sejão sempre da mesma fazenda do paletozinho. Regra geral e invariavel — quer seja o toilette de seda, de lã, ou de cassa pintada, a cor do colete é unicamente a que pode variar. — Cortados os dianteiros, o forro de costas e a golla, pelo presente molde, o modo de os fazer e costurar é o mesmissimo que o de um colete masculino.

Entretanto se alguma senhora encontrar duvida de execução entre o molde e o corpo, por ser mais gordo ou delgado, mais alto ou resumido, não tem mais do que dar largura ao forro das costas, um quasi nada aos dianteiros, e caval-os mais, augmentando tambem o comprimento da gola. Feito isto prova-se o colete para acertal-o.

Uma finissima camisinha de peito de renda, cambraia de linho, ou tiras bordadas, presa a sua abertura por dous pequenos botões, é de grande rigor usar com estes coletes, sempre que elles não forem fechados até a cima. Em todo o caso a gravatinha de fita de veludo em laçada é inseparavel d'este toilette.

Ora aqui tendes a explicação de uma das modas mais elegantes, commoda, util e economica, que ha annos a esta parte tem apparecido. As senhoras em geral podem fazer, mesmo em casa, os seus coletes, bordal-os de marca ou ponto real, e fantasial-os conforme for o seu bom gosto, guardando com toda a cautela a combinação das côres, ponto essencialissimo em que se baseão as modas e o segredo de tornar brilhante e de bom-tom, qualquer toilette, por muito simples que elle seja. Sem isto, o ouro e os diamantes, as preciosidades do mundo inteiro, as mais bellas e finas fazendas, tudo se tornará em um montão de riquezas que escurecerão a vista, e embaciarão o bom gosto.

Paremos aqui por esta vez. Adeus, minha querida Redactora.

Catette, 9 de janeiro.

* Vamos lá corte-se bem sem soi

Ao passado e ao presente.

Eis terminado o anno de 1851! acabou risonho e cheio de encantos como havia principiado; seus bellos dias sempre alegres e bonançosos formarão um verdadeiro contraste com os luctuosos tempos, que os precederão; o anno de 1851, foi para o Rio de Janeiro um continuado folguêdo, que nos deixou saudosos e docemente impressionados pelos seus repetidos e variados divertimentos; foi para o grande livro dos seculos, não uma pagina negra co-

* Por chegar um pouco tarde este artigo não pode ser publicado no primeiro numero.

berta de legendas e epitaphios, mas uma pagina de ouro, onde se reflectem os mais lisongeiros pensamentos: oh! a tua recordação sempre nos será cara, por ti nossos peitos sempre exhalarão suspiros de saudades, por ti sempre conservaremos as mais bellas e agradaveis reminiscencias; acabaste como acabão os Heróes deixando indelevel lembrança de seus feitos!!

Prasa ao Céo, que o teu successor nos seja tambem propicio, e que se volva manso e tranquillo como brando ribeiro, que entre flores suavemente vae correndo; prasa ao Céo, que sejão seos dias outros tantos momentos de regosijo e geral contentamento.

Salve o anno de 1852! bem vindo sejas com as tuas ricas vestes de escolhidas galas! para longe de ti se afaste o sinistro crépe e miseraveis andrajos! bem vindo sejas protegido do Omnipotente, e que nos não tragas dissabores, e agonias.

A.

Quem eu sou
E OS MEUS PROPOSITOS.

Fallar de mim mesma é uma triste tarefa.

Socegai porem minhas pacientes leitoras; não cuideis que eu vou agora fazer a minha biographia, ou contar-vos, (cá em confiança) de modo que todo o mundo possa ouvir, se fiz milagres desde pequenina, se improvisei romances aos oito annos de idade, etc., etc.

Nem julgueis que vou fazer-vos alguma relação romantica e poetica dos meus sentimentos, impressões e sensações... Deos nosso Senhor de tal me defenda.

Confesso-vos entretanto que houve um tempo em que fui romantica da quinta essencia; mas no dia de hoje tudo mudou: é assim que é este mundo! eu á força de chorar acabei rindo-me, e fiz bem.... Ao contacto dos vicios humanos, ao fogo activissimo dos desenganos do mundo, o meu coração encolheo-se e ficou secco, que nem pergaminho.

Mas em fim, quem sou eu?

Uma mulher escriptora; de mais á mais redigindo um Jornal; muita gente perguntará — quem é ella? —

Femme Auteur — Como dizem os Francezes.

Quem é ella?

Será velha ou moça?

Bonita ou feia?

Elegante ou excentrica?

(ENTRE PARENTESIS.)

Sabeis o que estou eu ouvindo minhas queridas leitoras?

Pois ouço uma *Corneta de caça* que um Inglez toca horas inteiras dentro da sua sala; ah! só um Inglez podia ter a lembrança de tocar semelhante instrumento! Se pega a moda estamos bem aviadas.

Onde ficamos?

Ah! sim; dezejaes saber, ou vos perguntaes umas ás outras, se conhecem a Redactora do JORNAL DAS SENHORAS?

Não serei eu quem vos tire da curiosidade. Os poetas e a pintura devem sempre ver-se de longe; porém os poetas principalmente devem olhar-se a travez do prisma caprichoso da illusão. Assim se goza dobradamente, e as vezes estima-se na fantasia um ser imaginario. Lembro-me sempre, que eu era apaixonada até o frenesi, das poesias de um Estevan Echeverria, aquem Alexandre Dumas, chamou — *Lamartine Americano* — esse moço, cujas rimas doces e sonoras penetravão como uma musica melodiosa até o fundo do meu coração, imaginava-o eu, pallido e formoso, meio homem meio arcanjo; e sobre tudo o que eu estava mais certa de encontrar nelle erão olhos grandes azues, de olhar profundo e sereno.

Ai! desgraçada!

Um dia aprezentarão-me Echeverria!

Era moreno, bexigozo, feio, e tinha olhos pequenos e vesgos!

Eu dei um grito involuntario, e esclamei:

Pois este!... é Echeverria!!!

Este! — segundo a entonação da minha voz, era o mesmo que dizer — este monstro! Foi uma dôr mortal a que eu senti vendo o meu *ideal* despedaçado. Em quanto o pobre moço se deteve na minha casa, guardei-me muito bem de olhar segunda vez para elle, e depois, quando se foi embora, que eu evocava na solidade do meu pensamento a imagem do poeta dos meus sonhos, sempre se interpunha o espectro vesgo do tenebroso bexigozo.

Nunca mais li as rimas de Echeverria.

Por isso não vos direi quem eu sou.

Deixo-vos advinhar (não sou vesga nem bexigosa) e vou tratar dos meus propozitos.

Já sabeis que me proponho á escrever.

Fallar em differentes coisas, e sobre tudo, das mulheres, dos seus direitos, sua missão, etc.

Isto é; eu fallarei se Deos não dispuzer outra coisa, e se a este Jornal, lhe não aconte-

cer o que aconteceo la na Espanha a um Tractado de economia politica de Bentham. Pois é o caso; que no anno de Graça de 182... quando El-Rei D. Fernando queria fazer reviver a Inquisição, houve prohibição formal sobre a introducção de livros, e quanto livro ia a Alfandega era levado a uma commissão de Domenicanos; quiz a desgraça que deparassem com o tal Tractado de economia politica, e immediatamente foi elle condemnado a auto de fé, como correligionario de Roussean, Mirabeau e Voltaire!

Quem sabe, se o imocente JORNAL DAS SENHORAS, não vae soffrer algum auto de fé privado.

Fallar nos direitos, na missão da mulher, na sua emancipação moral!

Máo, máo; isto não é leitura que se deva permittir nas casas de familia.

Mas Senhores, esperem um pouco; não lhes aconteça a historia do môno com a noz verde. — Já sabeis o môno trepou a nogueira, colheo uma noz, mordeo-lhe a casca, achou-a amargosa, e soltou a noz. Se elle tivesse tido a paxorra de ir mais adiante, não ficaria sem a comer.

Ora pois, isto que eu digo, é na supposição que haverá quem leia o que eu escrevo a esse respeito, do que eu tenho minhas duvidas, porque as vezes tambem acontece pregar-se o sermão no deserto; e eu, desde que ha dias deparei com uma folha do Judeu Errante — *Embrulhando assucar* — para logo fiz tenção de pedir ás minhas assignantes de fazerem encadernar este Jornal, bem encadernadinho.

Em fim, vamos adiante; sem duvida é assas monstruoso neste seculo das luzes, (em que todo o mundo está às escuras) não prestar ouvidos attentos ao Jornalista que vae tratar sobre assumpto tão interessante, como é o destino da porção a mais bella da humanidade; porém o que seria mais monstruoso e inaudito era que — os outros ouvissem sem ninguem lhes fallar — attendendo pois a esta consideração, que é de grande pezo, irei adiante com a minha tarefa; e em nome de Deus — *en avant!*

—

Emancipaçao moral da Mulher.

Debaixo da mesma epigraphe publicamos outro artigo no n. 5 da IMPRENSA do Rio Grande do Sul.

Emancipação moral da mulher — o que vem a ser isto?

Ai! que temos revolução; dirão por ahi os que pugnando contra Deus e a natureza, que rem conservar o mundo estacionario.

Socegae.

Não se trata de levantar o estandarte da rebelião.

Rebelião inutil; o que nós vamos dizer, não são delirios de utopista, são verdades eternas, e que estão ao alcance de todas as intelligencias, mesmo modiocres.

Verdades que os homens de boa fé, são os primeiros a proclamar, porque, á medida que o progresso melhora a condição moral do homem, elle mesmo sente a necessidade de elevar á sua altura aquella que Deos lhe deo por companheira.

É uma palavra dé despreso com que a *vulgaridade dos homens*, costuma designar o resumo de todas as miserias e deffeitos humanos.

E' mulher.

E com tudo é da mulher que elles recebem a vida!

É uma mulher que lhes perpetua a sua raça!

E a mulher é a sua inseparavel companheira! nas dores e nos prazeres!

Mas deixemos essas digressões; o que vem a ser essa tal emancipação moral da mulher?

Eu vo-lo digo

É o conhecimento verdadeiro da missão da mulher na sociedade; é o justo gozo dos seus direitos, que *o brutal egoismo* do homem lhe rouba, e dos quaes a desherda, porque tem em si a força material, e porque ainda se não convenceo que um anjo lhe será mais util que uma boneca.

E' um perigoso e terrivel inimigo para a realisação do nosso desejo, *o egoismo* do homem!..

De que serve illustrar o espirito da mulher, e desamperal-o sob as bases do progresso!

De que serve dizer isto tudo?

Convencid as estão ellas que têem essa alma que Deos lhes doou, e que o homem lhes nega; convencidas estão que o emprego util de suas faculdades moraes completa a obra do Creador.

Sim, a mulher conhece a injustiça com que é tratada, e reconhece perfeitamente a tirania do homem; não é a ellas a quem temos de convencer da necessidade de sua emancipação moral.

Mas em quanto a educação do homem se não reformar, em quanto elle considerar a mulher como a sua propriedade, nada teremos feito.

Todas as mães devem mui seriamente desarraigar esse preconceito funesto do espirito de seus filhos; essa idéa de uma superioridade injusta deve desapparecer no homem, desde menino, porque é lhe fatal a elle mesmo.

Ora dizei-me, vós que pensaes de boa fé: qual é a unica coisa real e verdadeira entre esse montão de fantasmas que desvairão o espirito e o coroção dos humanos?

Qual é esse sentimento unico, que pairando luminoso, nos offerece a pequena porção de verdadeira ventura, que o mortal pode gozar n'este mundo de lagrimas?

O amor!

Não encolhei os hombros, senhores materialistas: não começeis a dar falsas interpretações a esta angelica palavra.

Não confundaes os instinctos animaes, com a melhor porção de nós mesmos — a alma — sim, a alma que tambem tem as suas necessidades supremas.

Não vos rebaxeis, senhores materialistas, até a classe dos brutos, porque até entre elles mesmos, encontrareis uma affinidade mysteriosa que as vezes os liga.

O amor!

Palavra que todos pronuncião — que poucos comprehendem!

Sentimento *unico* no nosso coração, quasi sempre illudido, poucas vezes desenvolvido a esse grão de perfectibilidade, em que duas creaturas isoladas do resto do mundo, vivem exclusivamente uma para a outra.

O amor.

Chave de todas as virtudes, echo do Céo, repercutido no fundo da alma humana, na qual desperta, todos os sentimentos puros e generosos, todos os instinctos beneficos que Deos derramou no coração do homem.

O amor.

Estrella brilhante do sorrir.

O amor.

Sim, o amor, essa fuzão mysteriosa de duas almas confundidas em uma só.

Essa protecção mutua e constante de dous corações irmãos.

E por ventura essa união inteiramente moral poderá nunca realisar-se entre o senhor e sua escrava?

Não.

Porque ante a superioridade de um dos sexos — o amor — se definha, desapparece, e troca o seu fagueiro riso em lagrima silenciosa.

Se os homens pudessem comprehender, todas as amofinações e profundas magoas que despedação o coração da mulher!...

O unico porvir que lhe deixarão, a unica esperança da sua vida inteira é — o amor!

Por isso o casamento é para ella, o alvo, o fim da sua existencia.

E o que encontra ella quasi sempre? a decepção!

Ou uma tyrannia insupportavel, ou o abandano mais completo!

E porque ella encontra isso?

Porque o casamento para a mór parte dos homens, é o unico meio de satisfazer um desejo, um capricho, ou simplesmente mudar de estado.

Ou assegurar a sua fortuna.

E' porque o homem diz: — *Minha mulher* — com a mesma entonação de voz com que diz — *meu cavallo, minhas botas*, etc., etc., etc.

E já se sabe que o cavallo, a mulher e as botas, sendo trastes de seu uso, ell está dispensado de lhes didicar attenção de especie alguma!

Deixa-se a mulher no ignorantismo mais profundo, e depois, asseverão que ella não tem sufficiente juizo para se conduzir por si mesma!!!

Destinada expressamente a ser victima de todos os preconceitos e vulgaridades da estupidez!!!

Tudo lhe está mal; se olha, se falla, se ri; e porque? perguntamos nós!

Ninguem nos dará a razão deste absurdo?

Sim, é porque a modestia... E que mais? Não poderá uma senhora ser modesta senão olhando sempre para o chão, e respondendo por monosyllabos?

A virtude semelha-se por ventura ao authomatismo?

Nas classes pobres da sociedade é onde mais funesto resultado se colhe do embrutecimento da mulher.

Todas as carreiras industriaes estão-lhe vedadas.

E por isso, só na condição de serva, pode encontrar o pedaço de pão que ha de mitigar-lhe a fome!!

Repare-se que fallo das nossas Americas; na Europa e nos Estados-Unidos, a mulher

exerce quasi todas as profissões que entre nós a preocupação lhe nega.

Quantas vezes este erro funesto leva uma desgraçada até á borda do abysmo, onde cáe e do qual só se levanta no seio de Deos!...

Nós sabemos perfeitamente, que toda a familia necessita de um chefe, e que o chefe natural da familia, é o homem.

Sem duvida, que ha deveres naturaes que prendem a mulher ao lar domestico, porém é precisamente desde o seio de sua familia que ella pode ter uma influencia directa, sôbre essa mesma familia, sobre a nação, e sobre a humanidade inteira.

Perguntar-me-heis:

Como? Pois a mulher pode ter outra influencia que não seja sobre as panellas? outra missão alem das costuras, outro porvir que não seja fazer o rol da roupa suja?

Deveras?!.

Pois, escutae-me. E a educação de seus filhos?

E essas palavras, suaves como o aroma das flores, de tanta immensa consolação, que a mulher pode verter sobre as feridas que o contacto do mundo, que a pratica da vida, abrem no coração do homem?

Ah! que não sabeis o que perdeis, vós que condemnaes a mulher ao materialismo, vós que trocaes a amizade de vossa companheira, pelos gozos brutaes da dissipação...

Vós que não conheceis da *familia*, se não o nome, vós que não daes valor a essas conversas intimas, onde se pensa em voz alta, onde os corações todos reunidos por estreito laço de carinhos se comprehendem por um olhar, se correspondem por um sorriso, e recolhidos em si mesmos, fazem uma felicidade, que a palavra humana nem pallidamente pode reproduzir!!..

Sim! E' dos labios da mãe que o filho ouvirá a voz, sagrada e imperiosa do dever, traçar-lhe a senda que tem de percorrer na vida; é da voz meiga e magestosa da mãe que elle deve aprender as primeiras lições da resignação, da paciencia e da coragem, tão necessarias n'este mundo. E' no silencio da noite, na conversa intima do esposo com a esposa, que elle relatará á aquella, que é metade de si mesmo, suas esperanças, seus projectos, e até as decepções que de dia em dia marcão uma por uma as rugas da sua fronte; e é dos labios da esposa que elle tomará conselho para os projectos, fé para esperanças, e consolação para as decepções, porque o coração da mulher, illustrada sobre sua verdadeira missão, é o receptaculo das dores e dos prazeres da familia: é em torno d'ella que todos se grupão e ella se é joven e graciosa, ali estará meiga e risonha como o anjo da esperança; se é velha, santa e immaculada como a mesma mãi do salvador.

Eis pelo que desejamos a emancipação moral da mulher; porque luctaremos sempre em demonstrar que ella não é inferior ao homem em inteligencia, e porque puguaremos, sempre pelos seus direitos desprezados, e pelas sua missão desconhecida.

MISTERIOS DEL PLATA.

ROMANCE HISTORICO CONTEMPORANEO.

> Com o mundo começou uma lucta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a matéria, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.
>
> MICHELET, Historia de França.

I. — O MENSAGEIRO.

Era uma formosa tarde do outono de 18..... A vegetação principiava a vestir esse veo amarellado, tinta pallida e desbotada, que annuncia a proximidade do inverno.

Os moribundos raios do sol do poente illuminavão com fraca claridade as immensas planicies da provincia de Buenos-Ayres, em quanto que nuvens côr de rosa e doiradas cingião caprichosas o orisonte.

Uma suave brisa fazia ondular apenas os talos das brancas e vermelhas margaridas, que entapizão as campinas da Imperatriz do Prata, beijando a aste da timida violeta que se esconde envergonhada entre sua verde folhagem; em quanto que o gigantesco ombú permanecia em desdenhosa immobilidade, porque só aos tufões furiosos do minuano se agita sua immensa mole.

Ao longe voavão espantadiços os repugnantes chimangos, as brancas gaivotas iáo esconder-se entre os juncos da lagoa, em quanto que la no meio do deserto resoava o gemido do fatidico chaja!

Aos desbotados e incertos resplendores do crepusculo, havia succedido uma d'essas noites sem luar, de Céo transparente e estrellado, noites tristes e serenas, como a derradeira hora do homem que viveo em paz com a sua

conciencia, e encara a eternidade com a fé e a tranquillidade do justo no coração!

A poucas leguas do Paraná, dominando verde e aprasivel outeiro, estava situada a estancia de um dos servos do dictador Rosas.

Sentados os peões em semicirculo em frente dos ranchos, ouvião em silenciosa admiração a aquelle d'entre os companheiros que ao compasso de melodioso violão cantava umas saudosas decimas de amor. Musica e palavras tudo era selvatico, triste e monotono como o deserto que as inspira.

O cantor dera ao vento a ultima estrophe do seu canto; e com a mão segurando o violão, a cabeça encostada no braço do violão mesmo, parecia ainda debaixo da impressão da musica que executara. O resto da gente calada, escutava ainda o écho que se esvaecia, e que a brisa espalhava no deserto; de subito, no meio desse silencio, a voz do gallo soltou aquelle seu canto fatidico, que entre os campeiros do Prata é agouro da chegada dos Indigenas.

— Nove e meia! disse uma mulher, os gallos cantão os Indios não andão longe. No mesmo instante resoava ao longe o galopar veloz de um cavallo.

— Está ouvindo? prgeuntou um rapazola a outro homem já velho, que estava sentado ao seu lado.

Vem da cidade, respondeo o velho ao seu interlocutor, elle já está perto; não o ouvimos antes, porque estavamos embebidos na cantoria de Santiago.

— Pensa V. m. que venha para aqui? tornou de novo a perguntar o rapaz.

— Pouco vivirá quem o não veja; disse o velho em tom sentencioso.

Não tardou o latido dos cães em annunciar que o passageiro, que a aquella hora crusava pelo sertão, dirigia-se a estancia mesmo: e o rinchar contente do ginete advertio que reconhecia a casa, e o rinchar dos outros cavallos da estancia responderão em guisa de saudação; os cães, reconhecendo um amigo, cessarão de latir, e um minuto depois cavalleiro e cavallo pararão na tranqueira.

— Olé! da casa! Ave Maria Purissima! gritou o viajante.

— Sem culpa concebida, (respondeu a voz do moço que tivera interrogado o velho, momentos antes. — O que deseja para o servir?

— Já me não conhece? Sou Miguel.

— Queira perdoar; como a noite está escura, não o tinha conhecido.—Vai de passagem, ou passa a noite por aqui?

— Venho da cidade, e trago papeis lá do velho para o Snr. Juiz de Paz.

Mal acabava de fallar o Viajor a tranqueira abrio-se, e o mensageiro deitou pé em terra; não sem se ver rodeado de todos os trabalhadores da estancia, porque naquelle momento o conductor dos officios do Governador para o patrão e proprietario da estancia, e Juiz de Paz do districto, era uma personagem importante, com a qual todos desejavão manifestar familiaridade e antiga camaradagem.

O Juiz de Paz em pessoa sahio a receber o enviado, e fazendo-o entrar na sala das visitas, feixou a porta e ficou em *tête-à-tête*, como dizia um francez, com o proprio, que se dignava dirigir-lhe S. Exa, Illustre Restaurador das Leis! *(Continua.)*

Ultimo dia do anno.

Como nuvem fugitiva,
Como luz que cruza errante,
Qual a dita de um amante,
Este anno eu vi passar!

Assim rapidos voarão
Os meus annos de ventura,
Dos meus sonhos a doçura
De minha alma a doce paz!

Esta vida, quanto encerra,
Este mundo transitorio,
Tão veloz, tão illusorio
Hei de ver sempr'eclipsar!

As virtudes, a belleza,
A mocidade, os amores,
Tudo são do tempo flores,
Murchando ao dessabrochar!

Flores cheias de perfume,
Cujo aroma assaz fagueiro,
Tambem voa passageiro
Para nunca mais voltar!

Adeos anno! vae perder-te,
Entre o pó do esquecimento,
Como folha que do vento,
Vae-se rapida arrastar.

J. P.

THEATROS.

O anno de 1852 — pintá mal para os Theatros.

No anno bom estreou-se a Opera de Battista — *Anna de Prié*.

Musica menos que mediocre, sem inspiração e sem poesia,

Musica descoroada que nada diz ao coração, e que nada offerece a sciencia para analysar.

Seria muito bom que se não enxertassem composições alheias, quando se annuncia uma Opera debaixo do nome de seu author. Verdade seja que o respeitavel Publico está quasi sempre por tudo que os outros querem. E depois dizem que o Povo é impertinente! qual! a respeito de Theatros ainda se aturão muitas maçadas, e ainda por cima são applaudidas!

Comtudo, seja porque o Povo já começa a desconfiar, das celebridades europeas, que deixão os Theatros de Napoles, Milão, etc., etc., e passão a Equinocial por paixão de viajar, ou seja porque os cantores não... não... (aqui é emvão coçar as orelhas, o consoante não chega) — ao bom entendedor meia palavra basta — O que nós dizemos é que o Snr. Vega podia ter sido melhor aconselhado na sua escolha; particularmente no artigo Barytonos foi infeliz — um porque tem a voz dura e pesada que parece de pedra — o outro porque a não tem, nem pesada nem leve.

Dizem que o Theatro Italiano fecha-se, ou para melhor dizer, a companhia Lyrica suspende seus trabalhos scenicos até a estréa do Theatro Provisorio.

Deos os cria, e elles — ajuntão-se. Eu me entendo, e Deos me entende.

Domingo passado foi o *Desertor francez*. João Caetano e a Snra. Ludovina reprezentarão; isto basta para dizer-se que foi uma noite cheia; porque dois Artistas de primeira ordem sustentão até os Dramas mais mediocres, só com o prestigio do sem talento.

Fayel, annunciado para a quinta feira passada, teve a infelicidade de lhe tocar uma noite tempestuosa..

Breve irá a scena—*Manoel Raymundo*, Drama Vaudevile Original Brasileiro, do Sr. Santos Neves—E' louvavel e muito nobre o empenho com que a mocidade Brasileira trabalha em formar uma litteratura nacional. Deus ajude tão santa empreza, e o Sr. Conservatorio Dramatico não opponha suas sentenças do costume: Isto não é atacar tão altos e insignes litteratos; porém as suas decisões recordão-me uma anecdota, que heide transmitir ás minhas leitoras, porque eu gosto muito de rifões e de historias.

Pois o caso é que um creado de um boticario, cançado de socar drogas e de mexer emplastros, assentou com sigo mesmo que era melhor correr esse mundo em cata de aventuras. Mas ao mesmo tempo queria tambem fazer figura; e o que havia elle de imaginar? sabeis o que foi? Robou as receitas todas que ficavão em deposito na Botica, emfiou uma calça preta, um colete preto, amarrou ao pescoço comprida gravata branca, comprou um par de lunetas, e com seu bahu cheio de receitas velhas começou a viajar.

Ora pois, chegava o nosso Dr. improvisado a uma cidade, e annunciava no Jornal a chegada do estupendo medico, (já se vê, n'este seculo ainda ha muita gente que acredita no charlatanismo,) e lá ião e cahião os pixotes.

O nosso Dr. ouvia em silencio a relação do paciente, e logo, sem dignar-se proferir uma palavra, levantava-se e pedia-lhe que o acompanhasse até a sua casa. Chegava, abria o bahú das receitas, mettia a mão, e tirando uma d'ellas dizia em voz baixa « Deus te ponha a virtude. »

Parece que o Conservatorio Dramatico para poupar-se ao trabalho de lêr os escriptos do proximo, joga a loteria, e que, como fazia o homem das receitas, tem uma porção de *reprovados* e *approvados* em deposito; chega uma peça, mettem a mão no bahú, e mesmo sem dizer um « *Deus te ponha a virtude* » lá vae uma bordoada de cego.

Bravo!

Que Jury Dramatico, tão imparcial e tão illustrado, será aquelle que assim praticar abandonando sua tarefa ás mãos da Providencia!

Até outra occasião, minhas queridas leitoras; por sentença do impressor fecho este artigo hoje sexta feira de manhã — *Dos dois Foscaris* — fallaremos no nosso proximo numero.

Com este numero vae a estampa dos moldes do — COLETE DE EMANCIPAÇAO — e os riscos de bordados a ponto inglez e a ponto real.

Para o numero seguinte daremos uma terna modinha de muito bom gosto.

JORNAL DAS SENHORAS

Publica-se todos os DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae accompanhado de um lindo figurino de mais bom tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Snrs. WALLERSTEIN e C. n. 70, A. E F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor, n. 20.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mensionadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA: Por tres mezes, 3U000 rs. na côrte, 4U000 rs. para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro. — Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor n. 20.

TOMO I. — DOMINGO 18 DE JANEIRO DE 1852.

O JORNAL

DAS SENHORAS

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

As nossas Assignantes.

Faltariamos a um dos nossos mais sagrados deveres se desde já não patenteassemos o nosso profundo reconhecimento a todas aquellas senhoras que se dignarão subscrever para a sustentação deste JORNAL. Devemos-lhes uma attenção que nós já esperavamos, e uma cooperação que é toda filha do coração feminino, brioso e semsivel. Está por tanto esgotada a edicção toda dos nossos Figurinos, cujo numero tinhamos calculado que seria mais que sufficiente, e não chegou! Ainda temos um consideravel numero de Assignantes, que por sua mimia bondade esperão até o trimestre de Abril, que é quando poderemos receber de Paris um dobrado numero de estampas para satisfazer a todos quantos nos quizerem honrar. Entretanto temos lançado mão de todos os recursos, por mais despendiosos que elles sejão, a fim de realisarmos aqui a factura dos Figurinos que nos faltão até esse tempo. Fazemos votos para que os nossos desejos sejão coroados de um exito felis.

Da Redactora em chefe.

MODAS.

Meu dito, meu feito. Dizia eu no meu ultimo artigo de Domingo passado, que a moda do collete de emancipação fazia grande furor em Pariz ha mezes a esta parte, e que necessariamente teria o mesmo successo em todos os logares onde ella aportasse, á vista das suas conveniencias e da sua elegante novidade: está realisado o meu dito. As vossas Assignantes. ainda mesmo tendo já noticia da moda e tambem seu colletinho, é verdade que com receios de o fazer aparecer, receberão com especial agrado o meu artigo e os competentes moldes (que lhes fico vivamente agradecida) e durante a semana tive o gosto de saber que muitos colletes ja se estão fazendo pelas delicadas mãozinhas mesmo das nossas patricias, alem de outros muitos, que o mundo elegante confiou aos cuidados das nossas primeiras modistas, que não teem mãos a medir. Ora isto aconteceo com as vossas Assignantes, que está visto que são do bom-tom, e não levo em conta as centenas de outras senhoras que vos obrigarão a mandar reimprimir os moldes para os

comprarem avulsos, como muito bem fizestes em annunciar, porque eu ca sou de opinião que o que é bom deve tocar a todos.

Já algumas elegantes apresentarão-se com elles no Theatro de S. Januario, e outro tanto fizerão tres lindas meninas, que forão dar vida a um bem agradavel soirée na noite de quinta feira com os seus bem talhados colletes, dos quaes um mereceo geral approvação por sua singularidade. Era todo de filó branco sobre chamalote côr de ouro e bordado de pequenos florões em retrós preto; produzia um magnifico effeito.

Em Botafogo passeavão sexta feira de tarde, pela volta das 6 horas, duas das vossas Assignantes, que bem as conheci, trajando no mesmo gosto; mas que gosto delicado e caprichoso! era um verdadeiro toilette de verão. A primeira, um pouco mais alta que a sua amiga e companheira de passeio, alva como um jasmim e de olhos pretos indagadores, trajava saia e paletot, de finissima cassa pintada, fundo branco, retomado de pequenos raminhos azues, sobre os quaes ainda havião aqui e ali espalhadas algumas estrellas de côr escura, desenho de um bello effeito. A saia era guarnecida de cinco folhos, pouco gommados, mesmo para deixar-se ver a transparencia e a finura da fazenda, e o pequeno paletot era orlado de fofinhos, tendo acima delles uma especie de grega formada de cordão de seda azul entre matames da mesma fazenda; as mangas de talho igual até á baixo com punhos voltados para cima, guarnecidos pelo mesmo gosto. Um collete branco, bordado de um pequeno filete azul, a ponto de marca, gola em pé, e quasi fechado até acima com oito lindissimos botões de pedras azues de cabecinhas de ouro, e uma larga fita de chamalote azul ferrete prendia em laço de pontas fluctuantes o mimoso e pequeno colarinho de uma rendada camisinha, que se deixava perceber apenas pela pequena abertura do collete. O que porém rematava este lindo toiletto de campo com inexplicavel graça era a feliz e bem combinada mistura, expliquemo-nos assim, que a elegante fazia, da sua gentilesa com um boeadinho de garbo masculino: ella passeava com uma das mãos apoiada ao seu collete e com a outra graciosamente brincava com os sinetes do seu relogeo. Era um semihomem cheio de feitiços e de encantos.

A outra, que é mais baxinha, porém viva como um azougue, trajava saia e paletot de cassa com largos desenhos verdes, tão repetidos que ao longe parecia ser toda de uma só côr. Esta saia tinha tres folhos em distancias iguaes, guarnecidos por baixo de um largo recortado avivado por uma bordadura, a ponto de casear, de côr verde escuro, trabalho immenso mas de muito bom gosto. O paletot era liso, apenas guarnecido por cinco vivos de trancelim verde escuro, que parallelamente se acompanhavão guarnecendo todo elle em volta. O collete era todo branco e liso, mas de rebuço, fechado até meio por cinco botões da mesma fazenda; camisinha de filó bordado, e uma fita ao pescoço de chamalote preto com laço e pontas de gravata.

Gostei tanto de todas duas, que se fosse homem teria pedido nessa occasião uma dellas em casamento; ora agora qual seria das duas, isso não sei. Uma é bella, alva e romantica, a outra é morena, viva e ardente, e de todos esses attributos eu sou fanatica e apaixonada. Como me seria difficil a escolha!

A proposito de escolha difficil. Participo-vos que estive na quarta feira no fascinador Armazem de modas do Wallerstein e C., (será bom dizer-vos que fui acompanhada pelo dito meu primo dos *eclipses invesivcis* e que maçou-me a paciencia por todo o caminho com a explicação scientifica de uma nova invenção *de papagaios de papel* que elle agora descobriu) mostrarão-me tantas fazendas de bom gosto, chegadas no ultimo vapor, que n'um instante me vi rodeada de chales, manteletes, visitas, paletots, camisinhas, colarinhos, leques, lenços, e tanta fazenda bonita, que desafio a moça mais decidida, que como eu, se não colocasse na difficil posição da escolha, á vista de centenares de objectos, cada qual o mais tentador!

Como é bello porém e divertido passar nesse Armazem algumas horas analysando o sortimento de suas fazendas, os objectos mais finos e delicados de bom-tom, o luxo e o capricho das artes executando maravilhosos primores! Se eu pudesse lá iria todos os dias dar um balanço nessas preciosidades todas.

Não ha nada que se compare á promptidão com que nesse Armazem se comprehendem as intenções dos visitantes.

Snr. Gama (creio que é esse o nome de um dos intelligentes caixeiros) queira mostrar-me as fazendas mais modernas que lhe chegarão

para bailes e soirées. Ahi vem, n'um abrir e fechar de olhos, ricos vestidos de seda côr de rosa, côr de palha, azul, etc., com dois e tres babados de renda e berthe igual (no gosto do figurino que apresentastes no vosso primeiro numero) os damascos largos lavrados de todas as cores e desenhos, depois as lindas pulseiras, os finissimos leques, e as sabidas de baile.

Deixe-me ver agora o que chegou para passeios e visitas: aqui estão as alegres Grenadines, as Balsorines, córtes de 3 e 4 babados, de todas as cores e de muito bom gosto; os manteletes de touquim bordados, os de verdadeiro retroz em ponto de malha, cuja transparencia é de grande vantagem para o realce do corpo. Em fim, elles apresentão tudo que pode haver neste genero de melhor e mais distincto, e que não me é possivel descrever em um só artigo; o que vos digo é que sahi de lá, como sempre, com vontade de levar armazem e fazendas para minha casa.

Hei de visitar, já agora que principiei, todos os armazens de mais bom-tom da rua do Ouvidsr e vos irei dando noticia — do bom e do melhor — que fôr encontrando, para satisfação das vossas Assignantes.

Adeos; vou visitar a minha querida Viscondessa de... e saber como lhe ficou o seu collete de emancipação.

Catette, 16 de janeiro.

OS REIS.

Vamos a cantar os Reis! vamos! onde? a S. Domingos, a Praia Grande!

Eu, minhas queridas leitoras sempre tive o defeito de fazer-me illusões em todas as coisas; sou poeta, e por isso os Idyllios abundão na minha cabeça. — Ah! na realisação é que eu encontro os meus desenganos...

Em fim na vespora de Reis, lá ia eu no Vapor.

É muito curioso, minhas queridas leitoras, estudar as personagens d'esta comedia chamada Mundo!... as differentes esperanças e pretenções escriptas no rosto de cada um, em signos mysteriosos, que o olho atrevido do observador vae profundar na concieneia alheia.

Cuidado minhas Senhoras! desconfiai sempre dos taes velhacos observadores que se divertem á custa de seu proximo!

E com tudo é tão divertido! Principalmente no artigo namoros... Oh! é um manancial inexgotavel! Um omnibus, uma barca do vapor, um salão de refrescos, são realmente dignos de estudo.

Vamos a vesporá de Reis. Entremos na barca.

Uf! quanto povo!

Não ha mais logares! que desgraça! Por fim, empurrando a este, pisando a aquelle e pedindo humildemente perdão a todos, lá me assentei por onde pude.

Todos vão a festa! Todos estão contentes e satisfeitos! fazem bem — ha tanto que chorar neste Mundo!

Observemos: os velhos sorvem sua pitada e olhão para as moças, por causa de um fluido de attracção que estes demoninhos, quando são bonitos, possuem e que grupa em torno d'ellas porção de satellites — não em figura de globo opaco.

Simplesmente de paletot e calça a *la Robert Macaire*,

Observemos. Os moços que não querem ser menos do que os velhos, namorão as moças.

Assim rapazes, não ha que perder o tempo.

E as meninas? O que fazem ellas?

Já se sabe, divertem-se á custa dos velhos e dos moços. E é o melhor que ellas podem fazer — sempre que se jogar com dinheiro falso, o troco deve andar listo.

Cada uma cuida ser a mais bonita que está no vapor.

Cada um julga que é o mais sympathico galanteador do momento.

Este gordo occupa o logar que serviria para sete: aquelle magro, escondido entre seus dois visinhos, apresenta só duas canellas de defunto.

Lá está um sujeito que não faz se não olhar para a prôa. E' porque traz um taboleiro de doce, e está tomando sentido que um entremettido os não vá annalysar.

Este sorve tabaco, aquelle boceja, outro dorme.

Por fim chegamos! Todos querem saltar primeiro, e lá vão homens, presuntos, moças, perus, e taboleiros em boa união e conformidade.

Vamos aos Reis. — Eu julgava que isto de cantar os reis, era um passeio romantico, em que com passo mesurado se goza-

va do bello luar, da musica, do golpe de vista sem igual da nossa bahia, e do aroma suave e penetrante das flores da mangueira e das mil flores dos jardins de Nictheroy.

Pois sim! estava ou fresca!

Salimos: quiz a desgraça que ficassemos detidos alguns segundos, quando quizemos seguir, a musica tinha desaparecido.

Por onde foi?

Está no Ingá Grande, em casa do Presidente.

Como elles vão a passo redobrado, já devem lá estar; pois corramos.

E lá iamos nós cahindo aqui levantando acolá.

Jesus! ai que calor!... que suor!

Corremos os dois Ingás grande e pequeno! Ninguem!

Oh! maldição! A musica estava embaixo!

Moídos, suados e arfando, vamos lá.

Felizmentc para mim, de tempos a esta parte que faço só papeis mudos nas farças do mundo; por isso sentei-me em um canto e puz-me a observar: é minha mania.

A musica era do maestro Noronha; sobre este senhor é-me vedado fallar, nem bem nem mal, porisso nada digo.

Cantavão, tocavão, e em toda a parte erão recibidos com a mais graciosa hospitalidade.

Veio o dia de Reis, vamos outra vez a — passo de ataque — até a Armação!

Ah! se o Sr. Araujo não possuisse uma casa tão linda, se sua recepção não fosse tão brilhante... ai que ficavamos zangados de correr até lá; porém não foi possivel, e o panorama que se descobre da casa do Sr. Araujo merece todo o sacrificio para gozar d'elle.

Aquelle ar embalsamado, aquella lua eclypsada, aquella cidade que ao longe parecia dormir, aquelle vasto lençol de agua tão limpida e serena, como a lamina de um espelho de aço, e depois aquelles grupos negros, fantasticos e collossaes das montanhas, era um quadro que se não póde descrever, bulía sim com todas as fibras de meu coração e de minha cabeça, e eu aspirava com toda a força dos meus pulmões aquelle ar carregado de tão suaves emanações—me perdia nos espaços imaginarios —

Minha senhora, á ceia! vamos á ceia! — me gritou uma voz. —

Vamos á ceia, respondi eu; e troquei meus delirios de poeta pelas mais ricas iguarias que em verdade se podem apresentar, porém que não compensão essa emoção indefinivel, que se apodera do coração em momentos dados.

Por fim concluirão as festas do dia de Reis. — Salvo o *passo de carga*, a poeira que cegava, e as informações falsas e outros pequenos inconvenientes, que eu cá sei, deve continuar o uso da cantata de Reis. Se para o anno aqui estiver não faltarei á ella.

MISTERIOS DEL PLATA.

ROMANCE HISTORICO CONTEMPORANEO.

Com o mundo começou uma lucta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.

MICHELET, Historia de França.

II.—MIGUEL.

Assim se chamava a personagem que a taes horas chegava á estancia com uma messagem tão importante.

Era Miguel, um d'esses desgraçados que o preconceito arrancou do seio maternal, para sacrifical-o nas aras de um falso ponto de honra: fructo do amor desventurado, ou de uma abominavel seducção, Miguel se encontrava só no mundo, sem mesmo possuir a lembrança de quem tomara o cuidado da sua desvalida infancia.

O deserto e suas despovoadas planicies, erão o seu berço, a sua patria, seu lar domestico: seu cavallo *tordilho* tinha sido até aquella época, a sua familia, o seu amor e o seu amigo: não era elle o companheiro fiel da sua vida errante e aventureira?... Porém Miguel não era um gaucho vulgar; ainda que orfão e sem fortuna, possuia elle uma elegancia innata, por isso nem á sua pessoa nem ao seu cavallo faltavão os arreios necessarios que devidem o gaucho elegante, do peão ordinario; porque, com quanto o filho do sertão não curvasse a cabeça a um trabalho quotidiano e regular, difficilmente se encontraria domador mais agil, *vaqueano* mais seguro, nem portador mais veloz: assim conservava a sua independencia, era exacto em seus compromissos para

* Vêde os numeros 1 e 2.

MODINHA BRAZILEIRA

DO

Jornal das Senhoras

Lith. de Brito e Braga, . A. Pinto. Fez

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

Andante

CANTO

PIANO

Hei de ex_is_tir só por ti Mi_nh'al_ma pren_da que_ri_da

Hei de exis_tir só por ti Mi_nh'al_ma pren_da que_ri_da

1.ª vez.

2ª v

ri_ _ da Não me ne_gues a es_pe_ran_ _ ça Quando

não tira_me a vi_da Quando não ti_ra me a

vi_da Não me ne_gues a es_pe ran_ça Quando

rallen.

não quando não ti_ra_me a vi_da.

rallen

Vê-te. oh Céo! em braços d'outro
De meo amor inquieta...!
Morrerás antes q'eu veja,
Quando não tira me a vida!

com os outros homens, e fallava só aquillo extrictamente necessario aos seus negocios.

Ninguem se lembrará tel-o visto jamais chegar a uma venda, nem entremetter-se em contendas de qualidade alguma; melancolico e indifferente, Miguel passava mezes inteiros vagando sem destino pelos campos; e os mesmos habitadores do campo, vendo crusar as silenciosas planicies. montado em seu cavallo tordilho, o saudavão amigavelmente; a vista do orfão já lhes era familiar.

Miguel era alto, de talhe flexivel, demasiado claro, para um campeiro, seu todo era cheio de distincção que lhe dava certa superioridade sobre o resto dos gauchos, suas feições de uma escrupulosa regularidade, tinhão um caracter varonil assás pronunciado para que às mulheres, que fazem consistir a beleza dos homens nos traços femininos, o chamassem bello. Sua testa alta e bem delineada, revelava a intelligencia e a nobreza dos sentimentos, em seus grandes olhos azues, coroados de largas pestanas, havia um não sei o que de triste e de vago diremos que o seu olhar era pensativo ou parecia sempre que procurava um deserto immenso para perder-se na linha enganosa dos orisontes visiveis. Miguel parecia sempre concentrado em si mesmo, e assim devia de ser aquelle coração solitario que nunca tinha amado; e estava acostumado a fallar só com Deus. Possuia elle o dom penetrante do observador, e custava resistir-se ao seu olhar fixo e penetrante com que procurava lêr o pensamento alheio.

Miguel era um diamante sem pollir, uma intelligencia vasta e um coração de fogo que dormião ignorados na solidade e no total ignorantismo das coisas do mundo.

No meio d'esse frio desamor que parecia a herança da sua vida, um homem havia a quem Miguel respeitava, e de quem talvez era o amigo; esse homem era o general Rosas!

Dos labios d'esse homem partirão as unicas palavras de amisade ou de interesse que chegarão primeiras até o coração do orfão.

Esse homem collocado tão alto na escala social, extendia a sua mão ao aventureiro gaucho, bebia *mate* com elle e dava-lhe o nome de *amigo*.

Rosas era pois o homem que simbolisava a humanidade aos olhos de Miguel, por isso, apezar de sua repugnancia, ia ás vezes até a cidade, e as comissões do governador erão executadas com a mais religiosa pontualidade; obedecia sem annalysar, porque respeitava muito o chefe para procurar esquadrinhar as acções do homem. Com tudo nenhum compromisso official os ligava; Miguel servia sem recompensa porque era uma resolução inalteravel e porque guardava como um thesouro a sua selvatica independencia individual. e por isso mesmo maior era a regularidade com que executava as commissões de que se encarregava. Não devia confiar Rosas em um tal servidor?

III. — O JUIZ DE PAZ DO BARADEIRO.

Assim que o Juiz de Paz fechou a porta, sentou-se ao pé de uma grande mesa, que havia no centro da sala, e convidou ao mensageiro para que fizesse outro tanto,

O Juiz de Paz do Baradeiro, maça de carne sem valor moral algum, seu *Deus* era o dinheiro, seu *dever* a conveniencia propia; ignoramos se sabia traduzir no idioma dos sentimentos moraes a palavra *conciencia!* para elle todos os Governos erão bons se o conservavão na sua dignidade de individuo *empregavel*, e do contrario tambem não dizia nem palavra, porque o augmento de suas vacas e de seu bem-estar material erão para elle, a verdadeira missão de todo homem que tem senso comum; nenhum principio, idea alguma, merecia na sua opinião o sacrificio do dinheiro e das vacas; principios, ideas, leis, não erão outra coisa que *maroteiras* de revoltosos para lograr o povo e roubar-lhes a fortuna.

Havião já alguns minutos que o Juiz de Paz e Miguel olhavão sorrateiramente um para o outro em silencio: o primeiro na sua limitada intelligencia, atormentava-se procurando advinhar porque não principiava a fallar o mensageiro; no entre tanto este, obedecendo ao seu antigo costume, esperava que o interrogassem para fallar, porque parecia-lhe isso mais natural, que uma declaração expontanea da sua commissão.

Em fim o Juiz de Paz, depois de coçar duas ou tres vezes as orelhas, assentou de si para si, que em sua diguidade de Juiz competia-lhe o interrogar o joven, atribuindo o silencio d'este ao natural respeito que devia impor-lhe a sua autoridade.

— V. m. vem da cidade? perguntou o Juiz, com toda a dignidade magistral que soube reunir em torno da sua muito distincta pessoa.

— Assim mesmo é. Respondeo laconicamente o mateiro Miguel lançando um olhar obliquo e prescrutador sobre o seu interloctor.

— Fallou com S. Exa. o Snr. Governador?

— Assim mesmo foi, retornou Miguel.

— Por força fallou-lhe em mim? E pronunciando estas palavras, que deixavão entrever um ponto de contacto entre S. Exa e o Juiz de Paz, o feliz mortal deitou a cabeça para atraz com a maior dignidade possivel.

— Mandou-lhe muitas lembranças e estes papeis, dizendo isto, tirou Miguel da algibeira do seu *tirador* * um despacho fechado com o sello da Republica.

Com todo o acatamento devido, abrio o Juiz de Paz os importantes despachos, e depois de concluida sua leitura ficou abismado de ver que para coisa de tao pouca importancia, S. Exa. mandasse um proprio, cuja adhesão era notoria, e geralmente era escolhido para as missões importantes e de segredo. Com tudo o Juiz de Paz, apezar de sua curta intelligencia, sabia que o Governador não enviava homem da importancia de Miguel para levar, como se diz vulgarmente, *uma sopa fria*.

Em quanto o Juiz fazia estas reflexões, o mensageiro o observava com ar socarrão, e ria-se interiormente da magoa que estava patente no compungido rosto do magistrado; por fim limpando o suor que lhe banhava a testa, procurou o digno funcionario reatar o fio de uma conversa que terminava o primeiro capitulo da sua embaixada, e ver se entre os monosyllabos do selvatico embaixador encontrava luz que lhe indicasse o rumo da derrota que de ia seguir.

— Que novidades corrião pela cidade? disse o Juiz de Paz, tirando a tampa da sua cigarreira e offerecendo um puro correntino ao enviado de S. Exa. o Snr. Governador.

Os dois homens acenderão os charutos, e depois de tomarem algumas fumaças, Miguel respondeo.

— Dizem que em um barco que remonta o Paraná, está um inimigo da Patria.

— Como! exclamou o Juiz tirando o charuto da boca, e encarando o mensageiro.

— Parece, continuou o moço, que vem de passageiro um Unitario. *(Continúa.)*

* Faxa de coiro que uzão os gaudhos do Plata e os do Rio Grande do Sul tambem.

BELLAS-ARTES.

Acha-se de volta á sua patria o Sr. Stokmayer, que fôra mandado por seu pai a Europa para estudar a bella arte da musica. O Sr. Christiano Stokmayer não regressou ao Brasil com vozes esperançosas, nem com attestados de seus mestres, não: trouxe comsigo riquissimas composições suas, e uma valentia de execução, que o eleva ao gráu de um grande pianista. Nas composições musicaes do *maestro* brasileiro, que pertencem á escola allemãa, ressumbrão, a par de uma grande originalidade, vigorosos effeitos, e aquelle encadeamento de idéas, tão peculiar aos tres grandes genios da Allemanha.

Ao mesmo tempo em que temos a gloria de possuir esta illustração artistica no seio da patria, augmenta-se o nosso prazer com a chegada das primeiras composições musicaes do Sr. Amado, discipulo do Conservatorio de Milão, e protegido do nosso consul em Genova, o Sr. Lecomte.

Por muito tempo o representante da arte foi o Sr. F. M. da Silva, cuja musa feneceu no meio de tempos tão criticos para as artes, mas que assim mesmo foi um grande sustentaculo; por muito tempo foi elle o salvador da Arca: o unico herdeiro d'aquella estima e consideração, que tivera seu immortal mestre, o padre José Mauricio; e o que impedio a musica de um completo naufragio nos bancos da demagogia frenetica e estulta que nos dominou nos primeiros dias de Abril de 1831.

A este valente contrapontista, á este musico, se deve o esplendor da Sociedade de Beneficencia Musical, o brilho da Sociedade Philarmonica, e a creação do Conservatorio de Musica, que, apezar dos claros e patentes factos que mostra, e apezar da sua reconhecida utilidade, não tem aquella protecção que merece, e que é reclamada pela época em que vivemos, época de sacrificios e de grandes manifestações pela musica.

Que o Brasileiro é musico, isso é indubitavel; e porque não o aproveitaremos n'este elemento civilisador, como é devido, e como reclama o nosso estado de progresso, mórmente na cidade dos pianos?

Porque se não completão as cadeiras que faltão? Felizmente já temos no paiz artistas capazes de bem ensinar.

R.

POESIA.

A autora dos versos que seguem é uma jovem e bella menina brasileira, que occulta o seu nome, como a violeta se occulta melindrosa entre a sua verde folhagem: é de esperar que mais adiante publiquemos outras poesias da mesma senhora, e que se ella o consentir revelemos seu nome.

E' de lastimar que comecemos reproduzindo o retrato da inconstancia, porém o poeta é um ente duplo e que não deve julgar-se pelo que escreve, porque nem sempre diz aquillo que sente.

MEU RETRATO.

Qual borboleta
Que vai voando,
Por entre as flores
Gentis brincando;

Ama do cravo
Lindo carmim,
Afaga a rosa,
Beija o jasmin;

Do lirio adora
Mimoso alvor,
Mas logo o deixa
Por outra flor;

Eis meu retrato
Em meus amores:
Sou borboleta
Por entre as flores.

Não sofro auzencias
Nem agonias.
Mudão meus gostos
Todos os dias.

Amando a todos
Sem ter paixão
Sempre está livre
Meu coração.

...

THEATROS.

Já vol-o disse minhas queridas leitoras; o anno de 1852 pinta mal para os theatros. Forão *Os dois Foscari*; é dizer, cantarão-se dois actos, salvo alguns pequenos córtes; o resto foi-se.

O nosso tenor, (valha-me Deus) logo escolheu para sua estréa o nosso theatro. a voz é cosi, cosi — sem novidade — *todos hão de ser* — estão no futuro condicional; e nós o que dezejamos é o presente....

Supprimiu-se o terceiro acto dos *dois Foscari* por doença do tenor; mas elle assim mesmo previniu-se, porque desde o primeiro já a aria da Medéa estava na orquestra.. foi uma doença de encommenda, com a qual é necessario que o publico se conforme, do contrario podem adoecer os cantores todos: porque é assim que se deve fazer com o tal Sr. publico. Engaja-se um cantor ruim, não agrada! Pois engaje-se outro peior, para que se reconheça a differença e não hajão impertinencias: acostumem-se e contentem-se com aquillo que lhe derem. Lá em quanto a dizer, que quem paga o seu dinheiro quer ser bem servido, isso tambem é asneira; em alguma coisa ha de se gastar o dinheiro. Adiante.

O Folhetinista do *Jornal do Commercio* tem estado muito severo, e muito scientifico na sua critica; saiba para outra vez que isso de sciencia é tempo perdido, e que ao publico não lhe é *permittido* ter orelhas; dizer que a *Sra. Zechini desafinou!* V. m. não entende d'isso Sr. Ella quiz dar um dó agudo e engasgou-se; quer dizer que não acabou como ella tencionava; porém ahi estão os Srs. Vega e Giannini, que affirmão que não, ora! E já se vê, que quando elles o affirmão deve ser assim; o publico se tal ouviu, enganou-se. — Isto nos traz a lembrança a historia de um sujeito, que quando querião encaixar-lhe alguma pêta, perguntava elle muito serio. —

— V. m. viu?

— Sim senhor vi; respondia-lhe o outro.

— Pois não acredite, retornava o tal maganão.

— O que senhor! pois eu não heide acreditar n'aquillo que vi?

— Não, meu amigo, não acredite.

Assim dizemos nós. V. m. ouviu?

Sim senhor ouvi, e todo o mundo ouviu.

Sim! Pois não acredite n'isso.

Minhas queridas leitoras é quasi meia nohite, tenho muito somno, mas Deus me defenda de deixar de fallar-vos do espectaculo de hoje; bem vêdes que é quinta-feira e eu estou sem-

tenciada a mandar os originaes amanhã bem cedo para a typographia.

Hoje pois foi a — Gargalhada, — SS. MM. II. Dignarão-se honrar-nos com a sua presença: tive n'isso grande prazer, havia perto de dois annos que os não via; e posso asseverar-vos que tinha saudades. Eu, com quanto goze por ahi da fama de republicana, socialista e não sei que mais, fui sempre muito affeiçoada á toda Familia Imperial, as Augustas Irmãs de S. M. e a sua digna excelsa Esposa.

O João Caetano, electrisado com a presença de tão Augustas Personagens, tocou esta noite na — Gargalhada — o apogeo magnetico do genio—oh! que vos direi? opprimiu-se-me o coração e por fim desatei a chorar! que vergonha! chorar como uma criança? Mas que fazer? quando sobre o palco scenico um actor faz vibrar á sua vontade as fibras do sentimento!

Estavão annunciados para esta noite uns cantores francezes de passagem para a California. Ah! e lá forão; e lá se apresentarão!

Elles dizem que vem de Paris, o que importa dizer que este só—*venho de Paris*—é uma recommendação.—Uma pessoa que vem de Paris por força tem algum merecimento; pois d'esta vez Paris fez fiasco. —

Santos Ceos! A republica terá feito uma tal revolução nas artes que devéras esses sujeitos serião por lá cantores, pianistas ou quer quer seja?! Mal vestidos, com cada mão, como de quem se criou a cavar com a enxada; e sobre tudo que execução de pianista, que porte de Barytono em scena!!! que Dama!!!!

Quanto melhor teria sido, que em logar de concerto, tivesse ella dado uma exposição no Muzeu; lá entre os objectos raros da natureza tinha mais logar, que sobre o palco scenico, como artistas.

E houverão palmas!!!

Queremos suppor que forão de caçoada; porque o publico do Rio de Janeiro não pode ter esquecido o que são concertos, e a escolhida polidez dos artistas n'esses soirées do bom-tom, que muito desejariamos não cahissem em desuso em uma Côrte onde já é sensivel a falta de um salão de concertos.

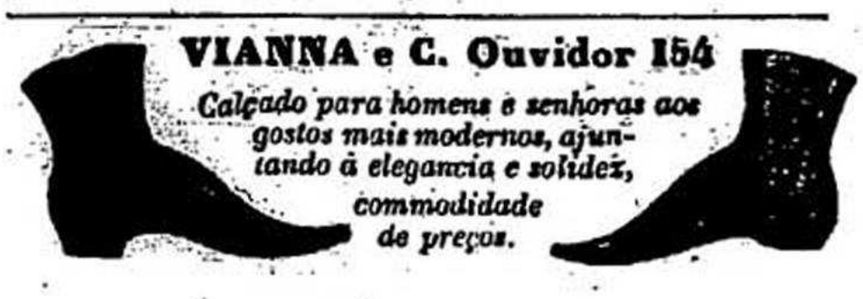
A tal *carcundinha*, que sem duvida não é a do Judeu Errante, não cantou o que tinha promettido—é verdade que o duetto do *Ciri* foi amostra bastante, e guardou o resto de suas habilidades para brilhar com ellas na California; pois olhe, de não se decidir a fazer uma exhibição n'alguma *Ménagerie*, ou então deixem de mão a California, onde já ha muita civilisação, e vão cantar diante da Rainha Pomacé.

Vou dormir — adeus, não digaes que sou severa demais, apenas sou imparcial.

Offerecemos desta vez ás nossas Assignantes a terna e melodiosa Modinha — *Hei de existir só por Ti* — Referir a rasão ou motivo que levou o seu autor a esta composição torna-se desnecessario; o mesmo verso revela esse segredo. Desejamos unicamente que ella vos agrade tanto, quanto agradou ao interessante objecto a quem foi dedicada.

Para o quarto numero daremos um romanse da composição do nosso maestro Noronha.

A correspondencia deste Jornal, em carta fechada, deve ser dirigida á casa da Redactora em chefe, beco do Cotovello n. 18, a qualquer hora.



JORNAL DAS SENHORAS

Publica-se todos os Domingos; o primeiro numero de cada mez vae accompanhado de um lindo figurino de mais bom tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Snrs. Wallerstein e C. n. 70, A. & F. Desmarais n. 86, Mongis n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia Parisiense, rua Nova do Ouvidor, n. 20.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mensionadas.

Preço da assignatura: Por tres mezes, 3$000 rs. na côrte, 4$000 rs. para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro. — Typographia Parisiense, rua Nova do Ouvidor n. 20.

TOMO I. — DOMINGO 25 DE JANEIRO DE 1852.

O JORNAL
DAS SENHORAS

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

MODAS.

ABRO a sessão de hoje com uma indicação importantissima, para aqual peço urgencia, e votação das vossas Assignantes, aquem me dirijo amiga, como sempre, que sou de muitas, e em geral agradecida a todas, não só pela cooperação que briosamente vos teem prestado e hão de prestar; mas ainda pela feliz aceitação que os meus artigos teem alcançado perante o seu bom gosto e o seu juizo descriptivo. Vamos motivar a indicação.

Minhas queridas, quando eu aceitei a tarefa de vos escrever um artigo de modas todas as semanas, pensei no caso; e só depois de convencer-me da necessidade, que se fazia sentir na nossa terra, de uma fiel interprete das modas que bem as descrevesse e julgasse, foi que principiei o meu trabalho. Levei em vista portanto não especular com a vossa boa fé (e quem me obrigaria a isso?) e apresentei-me perante vós, franca e leal, confiando-vos a minha pequena pratica e o meu tirocinio formado entre o bom gosto do verdadeiro mundo elegante de Paris.

Disse-vos em o meu primeiro artigo o que entendia a respeito do primeiro figurino que o JORNAL DAS SENHORAS vos offereceu e disse-vos a verdade. Mas não vos disse tudo.

Devo dizer-vos ainda mais alguma coisa de que hoje estou ao facto, e muito autorisada a declarar-vos por ordem da minha amiga Redactora em chefe.

Um jornal d'esta ordem, minhas queridas, com o timbre honroso de — JORNAL DAS SENHORAS — escripto por ellas mesmas com o duplo fim de defender os direitos do seu sexo, e centralisar as modas e a sua direcção, jámais seria publicado, sem ter estabelecido todas as precisas circunstancias para bem desempenhar a missão de que se encarregou para com vosco.

A Redacção cuidou antecipadamente de relacionar-se com as primeiras casas francezas do Rio de Janeiro, encommendou os seus fi-

gurinos, com as mais restrictas condições em favor da moda, á primeira e mais importante das nossas casas de modas, estabeleceu uma correspondencia especial com os agentes e socios d'essa casa em Paris, pessoas aqui já muito notaveis pelo seu apurado gosto e completo conhecimento do nosso mundo elegante brasileiro, habilitou-se em tudo e por tudo, e com passo seguro encetou sua obra, conscia do que ia fazer e certa do que devia dizer.

Das precauções assim tomadas resulta poderem apparecer os artigos de modas do JORNAL DAS SENHORAS acompanhados sempre da verdade e da exactidão.

Nossos figurinos não vos serão apresentados por mero capricho de fantesia, *ou o que que for*, que não seja o ardente desejo que ha muito alimentava a Redacção de instituir um jornal d'este porte, a cujas enormes despezas não recuou, nem recuará, em quantó vós o sustentardes.

Nossos figurinos são expressamente feitos em Paris para o nosso jornal; cada um d'elles ha de apresentar-vos um dos toilettes de melhor tom, isto é, um toilette que o bom-tom de Paris escolheu com preferencia entre outros muitos, e mais ainda: elles terão de apresentar-vos muitas vezes modas, enfeites e fazendas, que Paris ainda as tem de usar na primavera d'este anno (*aos 20 de Março as 10 horas e 51 minutos da manhã*) e no estio ou verão (*aos 21 de Junho as 7 horas e 31 minutos da manhã*) e as fazendas, modas e enfeites vos serão apresentados ao mesmo tempo com elles. Admiraes-vos d'esta declaração? Pois bem, eu vou explicar-vos a razão.

Era de costume velho no Rio de Janeiro apresentarem as fasendas e as modas de Paris muitos mezes depois de lá serem vistas e usadas; isto acontecia em primeiro logar por serem as estações do anno differentes e oppostas; e em segundo logar porque não havia o decidido bom gosto, que hoje predomina o nosso mundo elegante, para o consumo das fazendas modernas, e mesmo não havião negociantes que, por melhores desejos que tivessem, se arrojassem a fazer grandes despezas sem nenhuma probabilidade de encontrarem depois os necessarios consumidores. Uma casa porém, de tempos a esta párte, a casa dos Snrs. Wallerstein e C. se deliberou a mudar de uma vez o estado contorpecido das modas parisienses no Rio de Janeiro, e, á custa de grandes sacrificios, cuidados e uma constante attenção, alcançou destruir o sediço jugo que nos sujeitava a servir-nos dos restos e apáras. Fizerão-nos pois um grande serviço.

Elles teem hoje em sua casa, remarcae bem, fasendas leves e delicadissimas que, como já vos disse, ainda hão de servir na primavera em Paris, e das quaes nós já carecemos para o nosso verão; estabelecerão que de mez em mez lhes venhão chegando novas fasendas de gosto, que de ante mão as fabricas vão preparando para as differentes estações do seu paiz, de sorte que appareção no Rio de Janeiro apropriadas tambem á nossa estação e á moda. Mas, direis vós, como usaremos d'essas fazendas tão modernas, se unicamente temos figurinos antigos do verão passado? Hoje em Paris todos tremem de frio, e não ha figurinos de toilettes leves e transparentes; ha os de bailes e soirés, e os encapotados em pesadas lãs contra o rigor de inverno.

Assim é; mas tudo isto está privinido: e para provar ao mundo elegante quanto o JORNAL DAS SENHORAS ambiciona merecer o conceito de todas e collocar-se na posição que lhe compete, reparae nas fazendas de seda linho ou algodão, nos enfeites, quaesquer que elles forem, que vos apresentar mensalmente os nossos Figurinos, ide depois procural-os á casa de Mme Barat, ide á dos Snrs. Wallerstein e C., e lá encontrareis tudo que procurardes, tal qual vos indicar o Figurino.

Isto, por certo, é uma das grandes vantagens do JORNAL DAS SENHORAS; a moda que elle annuncia está escrita, pintada, executada, e já nas parteleiras da casa dos Snrs. Wallerstein e C. postas á vista do apurado gosto do nosso mundo elegante. Desta harmonia e desta intelligencia entre a moda e os que a tem de executar provém a certeza e a regularidade da mesma moda.

Ella chegará ao alcance de todos, todos conhecerão a sua direcção, e della lançarão mão conforme forem suas circunstancias, e como bem lhes parecer; mas não deixarão por isso de dizer — *a moda eu sei que é assim, porém modifiq ei-a aqui e ali segundo as minhas posses* E' isto o que o JORNAL DAS SENHORAS deseja realisar.

Porque, minhas queridas, Leitoras não es

ta só em dizer-se: — a moda é assim; em Paris usa-se assado; as côres são estas; as fazendas são aquellas; não, taes artigos de modas só servem para trazer ás senhoras em continua confuzão, e acabão por ninguem os acreditar como tal, mas sim como artigos espirituosos e bem feitos unicamente. E' necessario indicar a moda, inculcar as fazendas, designar a modista, e em fim preparar o *prato* para ser trinchado ao gosto de cada um. Dest'arte persuado-me poder alcançar-se, ao menos, que andemos a par das modas, e não aconteça usarmos dois e tres annos depois aquillo que em Paris já enjoa de tão usado.

Haja vista aos paletots dos senhores homens: ha cinco annos os primeiros que aqui apparecerão forão até redicularisadas as pessoas que os trajavão, e hoje!... não ha velho por mais hypocrita, mais honrado, honesto, serio, ou o inverso de tudo isto, que não tenha e use diariamente seu paletot de alpaca; do que resulta parecer-me que todos elles andão *desengonsados* e com roupa emprestada, por favor e graça de quanto bicho careta ha por ahi arvorado em fabricantes de paletots. Mas isto não é da minha conta.

Finaliso aqui o motivo da minha indicação; que com todo o acatamento apresento a todas as senhoras, que entendem por modas tudo aquillo que lhes vae bem com o seu rosto, côr, cabellos, corpo, idade, estado e posição.

ARTIGO UNICO.

O JORNAL DAS SENHORAS fica desde já o interprete fiel das modas que devem determinar o bom gosto de todas as suas Assignantes.—Salva a redacção.

Salla da frente, em minha casa do Catette, aos 25 de Janeiro de 1852. — Peço votos.

DECLARACÃO

SOBRE AS MINHAS IDEIAS DA EMANCIPAÇÃO MORAL DA MULHER.

Meu dito, meu feito, caras leitoras! os artigos sobre a emancipação moral da mulher teem sido acolhidos com inquieta curiosidade e condemnados antes até de serem lidos! — Ha muita gente assim n'este mundo — á apparição de toda doctrina nova elles se revoltão contra ella só por instincto; não a conhecem, não aprofundão, e sem mais ceremonia elles a fulminão!

Assevero-vos que tenho *medo* já de fallar; é por isso vereis que declaração formal, e estrondosa vou fazer dos meus principios, do contrario são capazes de suppor que eu quero o fim do mundo, a realisação do *mundo as avessas;* e quem sabe o que mais... Nada, urge desenganar o mundo que eu não quero de modo algum contrariar a naturêza; tenho-me esforçado toda a minha vida em adevinhar o pensamento do Creador e cumprir o que elle me ensina.

Não entendo por emancipação moral da mulher subtrahil-a á protecção do homem. — Sempre que essa protecção tenha por base a amizade, será justa.

Não entendo porém por protecção, um dominio brutal.

Não entendo por emancipação moral da mulher, a suspenção da obra das gerações; querer isto seria querer entronizar os vicios mais degradantes da humanidade.

Não entendo por emancipação moral da mulher subtrahil-a á sua missão marcada pelo Creador — a mãe e a esposa.

Nem quero tão pouco que a mulher seja soldado.

— Nem empregado publico.
— Nem official de marinha.
— Nem Ministro de Estado.
— Nem Doctor graduado em leis.

Com quanto deva ella conhecer as do seu proprio pariz, porque tem de educar seus filhos no espirito da lei.

Nem quero que se gradue em Medicina; com quanto deva ella conhecer a medicina domestica, porque a mãe de familia faz a irmã de caridade junto de seu esposo, de seus filhos, de seus domesticos, quando estão doentes.

Ninguem, melhor que uma mãe, deve conhecer o temperamento e propenções de seus filhos. Ella de quem elles nascem, ella que os cria ao seu seio, que os ameiga desde pequeninos e que lhes adevinha até o pensamento.

Não entendo por emancipação moral da mulher, que ella abandone o lar domestico e marche á campanha em quanto o marido em casa trata da cozinha.

Não quero na mulher o espirito forte e heroico das Espartanas.

Emancipação moral da mulher no meu limitado entender é:

— Sua illustração.

Não entendo por illustração habilidades futeis:

A illustração na mulher deve entender-se em primeiro logar:

— Uma religião.

Entendemos que a religião é o verdadeiro conhecimento dos nossos devéres para com Deus, baseados no amor e na caridade para com os nossos irmãos.

— O verdadeiro conhecimento dos deveres que cada creatura tem para com sigo mesmo, e as subdivisões desses deveres da mulher.

— Como filha.

— Como esposa.

— Como mãe.

— Como ser, formado para a obra immensa do progresso social.

Uma vez isto feito, deve estudar o organismo do Universo — não scientificamente — mas sim poetica e religiosamente; ensinar-se-lhe a Geographia não de cór, practicamente, um pouco mathematicamente; conhecer a historia, não como os papagaios dizem «papagaio real.» Ligeiras noções de Litteratura, quanto baste a tiral-a do systema automatico. E em fim applicar no ensino dos collegios methodos encyclopedicos que, sem profundar as materias, ornão com tudo o espirito e dão um toque especial de illustração.

Quero que a mulher saiba, que ser esposa, não quer dizer simplesmente — casar-se. —

Quero que ella estude acuradamente toda a sublime abnegação que encerrão estes nomes.

— Filha, Esposa, e Mãe.

Quero, que uma vez persuadida de sua missão, de seus deveres e de seus direitos, sinta nascer no seu coração essa bella dignidade, esse santo e nobre orgulho do ser que no fundo de si mesma encontra o Eu impenetravel, onde nunca chegão outros olhos que os de Deus; e ás vezes os de uma mãe!

O livre-alvedrio é um facto metaphysico que, com quanto assim o seja, existe, logico e irrecusavel, como uma cifra arithmetica.

Como existe a consciencia, como existe o Eu porque pensamos e existimos — a Emancipação moral da mulher é pois — deixar de ser:

— Coisa para ser:

— Mulher tal como o Creador a formou.

Com uma organisação sensivel, nervosa e delicada, que a educação pode fortificar com uma intelligencia clara e perfeita, a qual contendo em seu todo, todas as molas mysteriosas da organisação d'alma, é susceptivel do estudo de si mesma e do estudo em geral das maravilhas da creação, ou das que o homem inventou, ou revelou a humanidade inspirada por Deus.

Mulher tal como o Creador a formou.

Fraca e fragil como a humanidade inteira; porque a humanidade não é o homem só — nem a mulher só; mulher cultivando sua intelligencia; porque é esse o destino de toda a potencia intellectual.

Mulher que possa, no conhecimento exacto dos seus deveres, encontrar a força moral que a preserve na occasião de subscrever a infames humilhações.

Mulher que possa encontrar na sua educação recurso honesto contra a oppressão, contra a crapula, e contra a miseria.

ESTUDO SOBRE A EDUCAÇÃO.

A epigraphe d'este artigo parece-nos assás importante para as familias, e nos poupamos ao trabalho de demonstrar a necessidade absoluta de bazes certas e judiciosas em que fundar o ensino moral da mocidade; assim como a falta total de methodos faceis para o ensino dos meninos de ambos os sexos.

Com tudo advertimos desde já que, com quanto as nossas ideias vão de encontro com o practicado até hoje, assim como com os preconceitos que vicião a educação da mocidade, nem por isso deixaremos de as expor com toda a franqueza que devem ter opiniões de tal importancia. Difficil é a tarefa porém, ajudados da nossa boa vontade, dos conselhos da experiencia, e do fructo de algumas leituras, possuimos a doce esperança de dizer alguma coisa que mereça a pena de ouvir-se, e talvez de tirar algum pensamento vantajoso ao bem geral.

E' innegavel que a America do Sul, é um dos lugares do globo terraqueo mais atrazado a respeito do methodos de ensino.

O ensino primario entre nós, merece o nome de allopathia moral; é o flagello das creanças que, uma vez entre as mãos do mestre, já não são mais consideradas se não como entes racionaes, quando todos sabemos que até a idade de 8 a 10 annos, não temos outra coisa que o instincto da intelligencia; que os nossos orgãos, fracos e incompletos, aprendem por imitação e sem discernimento, e por con-

JORNAL DAS SENHORAS

Romance composto por

F. S. Noronha.

BIBL. DA CORTE

Canto

Piano

Tu_ di_zes que eu te a_mo Mas que não sou cons_ tan_ te Pois que meu peito a_mante Va_ ria assás no a_mor Tam_ bem a mari_po_ za De chama em chamaade_ _ _ _ ja Po_ rem por fim cha_me_ _ _ já Da cha_ ma no que

All.º

Envi a bella Lilia,
Envi en'um momento
Breslilhe o juramento
De consagrar-lhe amor;
Assim o Colibrio
Da prima flor nascente
Que encontra, complacente
Se torna o amador.

Depois vi o Carlina.
E de Lilia olvidado.
A nova bem presado
Voltou-se o meu amor;
Fiz qual a borboleta
Do prado florescente
Que vária e inocente
Baja uma e outra flor.

Porem; hoje eu te amo.
E juro ser constante,
Bem que o meu peito amante
Varie assás no amor;
Assim a mariposa
De chamma em chamma adeja
Porem por fim chammeja
Da chamma no queimar.

Lith. de Pinto e Braga. A Porto, F.

seguinte, seria mais conveniente adoptar aquelle plano de ensino que melhor conviesse ás necessidades dos padecentes meninos, e não imbuir-lhes esses methodos rançosos e defeituosos que tanto os mortifica.

Os mestres nunca devem esquecer que as creanças não tem reflexão — são como os papagaios — apremdem de cór, e sem comprehender o sentido d'isso mesmo que lhes ensinão, facil e distinctamente e repetem. Vamos pois esboçar um plano de educação, cuja applicação já ensaiamos, havendo seus resultados excedido as nossas esperanças. No proximo numero continuarémos.

(Transcrevi da *Imprensa do Rio Grande do Sul* este meu artigo, com o qual continuarei — os Estudos sobre a educação.)

POESIA.

A nossa incognita collaboradora, remetteu-nos estes versinhos, tocantes pela sua simplicidade.

LAGRIMAS DE AMOR.

Uns olhos negros formosos,
Um sorriso encantador,
Atearão em meu peito
Ardente chama de amor.

Eu amava.... quando, oh! Ceos!
A mais negra ingratidão,
Meu amor ingenuo e puro,
Matou-me no coração....

Mil prazeres innocentes,
Vinhão minh'alma embalar;
Era feliz em meus sonhos,
Foi cruel meu despertar!

Quando sonhava venturas,
Tive magoas e tormento,
Onde esperava constancia,
Só encontrei fingimento!...

Só teve minha esperança
A duração de um momento!
Fugitiva qual a nuvem,
Veloz como o pensamento!...

Assim devia extinguir-se
O mais terno dos amores....
Todo o encanto quebrou-se,
O prisma perdeu as côres.

Que resta de tanto extremo?
Que resta de prazer tanto?
A mais profunda tristeza....
A companheira do pranto!

E se não fossem as lagrimas
De dôr havia estalar;
Bemdito sejaes meu Deus!
Que nos destes o chorar....

MISTERIOS DEL PLATA.

ROMANCE HISTORICO CONTEMPORANEO.

Com o mundo começou uma lucta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.

MICHELET, Historia de França.

— Um selvagem unitario, diz V. m?... tornou o Juiz com o rosto todo demudado e parando as orelhas, assim como o Tigre quando se aproxima da presa que conta devorar.

— Como está ouvindo; disse tranquillamente Miguel: diante de mim mesmo, teve aviso o Governador, que lá da banda Oriental se desprendeu um Unitario com tenção de vir sublevar a Provincia

— Um infame e selvagem Unitario! repetia o Juiz todo embatucado sem poder comprehender que um Unitario se atrevesse a ir ter ao Paraná, do qual julga-se dono e Snr. absoluto, o Dictador dos povos do Plata, que concidera como seu patrimonio, homens e logares d'aquellas regiões.

O momento critico tinha chegado para o magistrado; estava no cheio da difficuldade. Se acertara? O Juiz levantou-se todo agitado, fumando seu charuto e sem poder coordenar as suas idéas; tal choque soffria seu systema nervoso, não só com a presença de um pestifento Unitario no Paraná, como tambem com a solução do enigma que S. Exa. lhe mandava.

Miguel entretanto com um pé crusado sobre o joelho, fumava com prazer o seu puro correntino, aspirando seu aroma, sem amofinar-se de modo algum com as tribulações do Juiz de Paz, que tão perto estava de trocar a balança da Justiça, pelo machado ensanguentado do carrasco.

A' força de tanto coçar as orelhas, de passear e de suar, principiava o Juiz a ter lá com seus botões o soliloquio seguinte.

« Eu digo muito bem quando affirmo, que « estes despachos não são outra coisa que « desculpa para commissão mais importante, « e este maganão do gaucho só a gancho se « lhe arrancão as palavras; mas eu sou finorio em negocios de politica! oh! assás o « conhecê o Governador!

Neste ponto do seu intimo discurso, o Juiz botou fora a metade do charuto que fumava e acendeu outro inteiro; como se os homens da sua importancia social se desgradassem fumando um charuto até o fim.

— Já se ve, disse o Juiz no tom de quem sabe que não pode ser de outra maneira aquillo de que vae fallar, já se vé que S. Exa. terá tomado as medidas conducentes á captura d'esse selvagem Unitario? Sabe V. m. o nome d'esse infame demagogo?

Miguel encolheu os hombros.— Não sei o seu nome; respondeo depois de lançar fora o cabo do seu charuto, e pondo-se em pé continuou: No que diz respeito ao Unitario, que vem pelo

Vêde os numeros 1, 2 e 3.

Paraná, ninguem como V. m. mesmo pode fazer esse serviço á Patria.

O Juiz deu um passo atraz e abriu os olhos tão desmesuradamente, como aquelle que está perto de perder o juizo. Semethante revelação era superior ás suas forças.

Pelo que Miguel dizia, claro estava que era elle, Juiz de Paz do Baradeiro, quem devia prestar este eminente serviço á causa da Federação.

Este era o fim porém, e os meios?

Quais erão elles?

Serião da approbação do Illustre? Seria necessario armar lanchões, atropellar alheia bandeira, ou esperar que a traição operasse o milagre?

Eis o busilis.

Tornando a si da sua turbação, levantou o Juiz sua cabeça com orgulho, e em attitude declamatoria principiou.

— Como! Será possivel? Serei eu tão feliz que possa prestar tão eminente serviço á santa causa da Federação e da America em geral?

— O que eu sei, respondeu Miguel, é que se V. m. *quer*, *pode prender* esse homem e...

Não obstante o interessante do negocio, o digno Juiz achou indecoroso deixar chamar homens — aos Unitarios, na sua presença, e interrompendo o joven.

— Os selvagens Unitarios não são homens, nem mulheres, é dizer, em seus respectivos sexos, deixando pelos seus crimes de serem considerados seres humanos, são unicamente selvagens Unitarios; não esqueça isto Miguel; agora vamos a outra coisa, V. m. dizia que?...

— O que eu disse é que se V. m. *quer*, *pode* deitar-lhe a mão em cima.

— Elle desembarca?

— Basta que o Mestre do barco atraque á margem do rio.

Já se vé que isso basta, retorquiu o Juiz; vou agora mesmo mandar um officio ao comandante militar...

— Quanta gente tem V. m. na estancia? interrompeu Miguel.

— Vinte homens por tudo, porém armados.

— O córte da madeira já se pode principiar, continuou o moço fallando com sigo mesmo; ha já quantidade de arvores sem folhas... o barco chegará dentro de dois ou tres dias...tenho tempo, partindo na madrugada de amanhã.

O Juiz ouvia de boca aberta!...

— E V. m. virá comnosco Miguel? perguntou affectuosamente o Juiz.

— Assim o espero, disse o moço, e se dispoz a sahir.

— Onde vae V. m! vou mandar prepararlhe uma cama....

— Nao, eu durmo melhor lá fora sobre o aparelho do meu cavallo: boa noite até amanhã.

— Se Deus quizer — respondeu *o religioso* Juiz de Paz, e fechando cuidadosamente as portas e as janellas, dirigiu-se á sua alcova para entregar-se ao somno.

E' provavel que suas esperanças de futura elevação e o importante papel que a sorte lhe destinara, não o deixassem descançar.

Em quanto a Miguel, esse, nada esperando nem dezejando, dormiu tranquillo, debaixo de um Ombú com seu cavallo ao pé de si.

IV. — OS PASSAGEIROS DA SUMACA LA FRANCESCA DI RIMINI.

Era este o nono dia, depois que la *Francesca di Rimini* deixara após de si a risonha quanto *coquette* povoação de Montevideo, com seus brancos cazebres, seus lindos miradouros e suas elevadas torres, tendo em frente o seu verde morro chamado *El Cerro*, onde á noite brilha o pharol que indica o porto ao intrepido marinheiro, que desde apartados climas vem saudar o Gran Plata; com sua formosa campina que forma o fundo do seu seguro fundeadouro, n'aquelle tempo semeada de alegres e viçosas chaçaras; hoje coberta das ruinas que, como monumento de opprobrio, marcão o sulco ensanguentado da guerra fratricida.

Ha nove dias que as ribanceiras de S. Gregorio e a ilha de Martim Garcia, a qual mais tarde foi theatro de um dos episodios mais heroicos de nossa horrivel revolução, ficavão pela popa da sumaca *Francesca di Rimini* que navegava o Paranà, com destino á confluencia d'esse rio, e o que banha o fertil e rico Paraguay, com este nome, os quaes unidos formao o volumoso e altivo Plata que, mao grado o renome seu, não é outra coisa que a balisa da boca d'esse gigante rio Paraguay, cujas fauces ninguem as explorou desde o descobrimento do Novo Mundo até agora, e que Marre suppõe nascer aos 5.º g. de latitude sul, correndo na extenção de 750 leguas castelhanas.

Ali, na confluencia d'esses grandes rios, existe a infeliz provincia Correntin, eden florido e delicioso onde o Creador derramou com profuzão thezouros de fertilidade, que debaixo do seu Céo sereno, e no meio dos seus generosos filhos, algum dia será a terra de promissão para onde dirigirão seus passos os homens famintos da decrepita e corrompida Europa.

A um dos portos correntinos sobre o Paraná se dirigia a sumaca, *Francesca di Rimini*.

Os passageiros que levava a seu bordo erão, a familia do Dr. Avelhaneda, cujo todo compunha-se de:

O Dr. Valentim Alsina, homem de seus trinta e tantos annos.

Sua mulher D. Antonia Maza de Alsina.

O menino Adolfo, filho de ambos.

Era um formoso dia do mez de maio; tempo havia que o sol dourava o cimo do arvoredo que limpida corrente reflectia no seu fundo.

A brisa, que rumorejando entre a folhagem das selvas, vinha carregada do aroma das moribundas flores do Outono, e passava leve e timida por entre as brancas velas da sumaca, era tão fraca que mal quebrava

o brilhante cristal do rio. A sumaca adiantava lentamente, evitando aqui ou acolà os ilhotes, que como esmeraldas fluctuantes levantão curiosas vistas do s io do largo Paraná.

As verdes folhas do Ceibo, já seccas e amarellas, rolavão uma a uma, assim como uma a uma perdem-se na eternidade as fugitivas azas da nossa vida!

A surda correnteza do rio arrastava com rapidez as desprendidas folhas e as virgens flores da margem, assim como irremediavelmente o tempo rapido e silencioso arrasta no seu curso os dias bons ou màos que passamos sobre a terra.

A Calandria occulta no bosque, modulava as suas maviosas cadencias, e Martim pescador, ou Anhinga, lançando seu lugubre assobio, mergulhava seu bico côr de rosa, e colhendo sua presa fugia contente e veloz a devoral-a em seu ninho.

Algumas vezes scintillantes vião-se os olhos do Jaguareté; ou sobre o Tayà de flores grandes ostentava sua brilhante plumagem o Guaià; e là ao longe, semelhante a um lamento de dôr, resoava o gemido fatidico do passaro agoureiro dos Guaranis, o melancolico Curucú sempre escondido no fundo das selvas mais impenetraveis.

Os derradeiros adeuses da vegetação, debaixo d'aquelle Céo puro e sereno, no meio da silenciosa magestade do deserto, despertavão no fundo do coração, uma melancolia suave e profunda.

O convés da sumaca apresentava o quadro seguinte.

O Dr. Alsina estava sentado em um dos angulos da pôpa; apoiando um cotovello sobre o joelho, sustinha com a mão a sua cabeça e com a outra mão segurava a borda do barco.

Seu olhar vago e meditabundo revelava uma dôr profunda, e os symptomas de um desalento que era repellido com a vehemencia de sua alma briosa e sua nobre coragem de homem e de patriota.

Brilhava na capella de seus olhos uma lagrima de proscripto, que seu orgulho de homem a cristalisava, quando se queria desprender pelas suas faces pallidas e descarnadas.

Não era o Dr. Alcina, um d'esses homens de coração raquitico que, fóra da sua provincia, baptisão com o nome de estrangeiro o vasto paiz onde assentão as provincias unidas do Plata; mais illustrado e mais nobre sabia que todos são povos irmãos, homens de uma mesma familia, que juntos offerecerão seu sangue com heroismo, para sellar o foro augusto da sua sacrosanta Independencia.

Affastadas, porém doces lembranças da infancia, gravarão no seu peito o nome de Buenos-Ayres, onde elle nascera; ali serenos e inexpertos decorrerão os dias da sua primeira mocidade; ali seus primeiros amores que o hymeneu consagrara, sanctificando, com o precioso nome de esposa a mulher da sua escolha: ali nascera seu filho, o seu querido Adolfo!... nessa terra de Buenos-Ayres dormião os restos de uma digna idolatrada mãe!

Quanta saudade não devia despertar-lhe Buenos-Ayres! *(Continúa.)*

SOLILOQUIO

A' SOMBRA DE UMA JABOTICABEIRA.

Quem mais do que uma mulher será capaz de comprehender o sentido occulto desta palavra de mysterio? Amor! Oh! quanto és doce e deleitoso para um coração puro que ama com idolatria! que sentimentos ternos e maviosos não despertas tu em nossa alma! Quantas vezes procuro eu as horas silenciosas da noite para entregar-me ao doce enlévo do meu ardente amor! deste amor que tem feito toda a poesia de minha vida, deste amor que dá luz a meus olhos, que para mim encanta a natureza, porque nella toda eu vejo retratado o objecto de minha extrema paixão!!...

Se minhas vistas pairão por sobre a superficie da terra, eu contemplo esse ente querido no verdor e no viçio de suas plantas, no marchetado de suas flôres e nos canticos melodiosos de suas aves.

Se ergo meus olhos para o Céo, com elles deparo no raiar de uma manhãa risonha e bella, esclarecida pelo cirio aurifulgente do Creador no grande templo do mundo; ou no descambar de uma tarde serena, refrigerante por uma suave brisa; ou no correr de uma noite sem nuvens, empallidecida pela melancolica alampada da Virgem Santa, e que desperta sentimentos ternos e amorosos.

No scintillar das estrellas eu vejo seus olhos que me incendeião o coração; no pollido disco da lua eu o diviso sensivel e melancolico, quando se entrega à meditação de algum pensamento por sem duvida terno e bello, como elle mesmo!...

E tudo isto é bello, tudo tem poesia para mim, tudo me falla ao coração e concorre para adoçar minha amargurada existencia!...

O que seria do meu viver se não fôra este amor santo e puro? Oh! como tudo isto é encantador!

Amor! consoladora esperança da minha vida, doce enlevo dos meus sentidos, só tu tens tido poder de minorar as dôres do meu afflicto coração! Só tu semêas as flôres no escabroso caminho de minha amargurada existencia!

C.

THEATROS.

Domingo passado foi por fim á scena *Manoel Raymundo*, producção original do Snr. Santos Neves.

Não podemos emittir a nossa opinião a este respeito, porque é necessario encorajar os operarios que se empenhão em levantar os primeiros alicerces, de um Theatro Nacional Brasileiro. — A originalidade dos nossos costumes já é um vasto campo de exploração, e se a elle ajuntarmos uma rigida observancia das leis *do bom senso*, *uma moral pura* e a possivel clareza na exposição do argumento, sem duvida attingiremos o nosso objecto.

Os inconvenientes que se apresentão não são pequenos; o nosso curto passado, é tão pouco tradicional, tão nú de acontecimentos cavalheirescos, que a não ser o presente nada mais podemos explorar; por isso o drama de costumes, merece ser estudado com aquella attenção de uma obra destinada a traçar o caminho que outros hão de percorrer. A naturalidade dos acontecimentos, a pintura fiel dos costumes, o pensamento moral e a elegancia das formas, no drama, não se devem desprezar de modo algum, nem preferir-se aos momentaneos applausos que com mais facilidade se obtem, ou por ditos obscenos, ou por golpes magicos da scena, as vezes fóra de toda probabilidade.

O autor e o emprezario João Caetano forão chamados á scena, e victoriados pelo publico; depois a Companhia tambem foi, e finalmente o maestro Noronha, tambem recebeu as ovações populares.

Eu já preveni ás minhas leitoras que d'este senhor não posso dizer nem bem nem mal, com tudo por esta vez infrinjo o regulamento, e digo-vos em confiança, que a musica do *Manoel Raymundo* é viva e original como todas as composições do Snr. Noronha o são: hontem surprehendeu-nos agradavelmente com um terceto concertante entre os Snrs. Florentino, a Snra. D. Rozina e a rebeca do insigne maestro — devéras esteve muito feliz n'este pensamento; mas em fim acabemos com isto porque eu sou *alguma coisa* apaixonada d'esse senhor e estou muito em risco de dizer alguma grandississima asneira que revele a amante em vez da escritora.

Como a peça não continha difficuldades dramaticas, não vos fallarei do seu desempenho.

A Snra. D. Rozina apresentou-se no segundo acto; de saia branca de mole mole, collete de Emancipação, de chamalote azul, e paletot branco da mesma fazenda — estava na realidade muito linda, e este trajar foi-lhe propicio, porque cantou muito bem e o publico deu-lhe repetidos aplausos.— Esta bella e intelligente menina, só com tres mezes de scena tem feito admiraveis progressos, e pode vir a ser o ornato da scena brasileira. Intelligencia e virtude são dotes raros, que quando se encontrão reunidos merecem particular menção.

O joven Florentino dá cada dias mais provas de habilidade; e desde já podemos contar nelle um actor distincto, ou quem sabe? talvez mais. Elle é muito joven, e muito devemos esperar para o futuro, se o julgarmos pelo presente.

A semana foi esteril respeito aos theatros. Como supponho que tereis visto o folhetim do *Jornal do Commercio*, escusado é fallar-vos da Companhia Lyrica; eu lembrarei unicamente que não ha peior systema para marchar ao progresso das artes que o systema de exageração: é inutil querer vender n'esta épocha ao publico — gato por lebre. — Quem não sabe que as grandes cantoras só por avultados ordenados deixarião a Europa? e por ventura estará o nosso theatro em estado de offerecer a uma prima-dona de segunda ordem trinta contos de réis por anno?

JORNAL DAS SENHORAS

Publica-se todos os Domingos; o primeiro numero de cada mez vae accompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Snrs. Wallerstein e C. n. 70, A. e F. Desmarais n. 86, Mongie n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia Parisiense, rua Nova do Ouvidor, n. 20.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mensionadas.

Preço da assignatura: Por tres mezes, 3U000 rs. na côrte, 4U000 rs. para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro. — Typographia Parisiense, rua Nova do Ouvidor n. 20.

TOMO 1. — DOMINGO 1 DE FEVEREIRO DE 1852.

O JORNAL DAS DAMAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

BIBLIOTECA NACIONAL PUBLICA DA CORTE

O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

MODAS.

Emfim somos chegados ao mez de Fevereiro, esse fanfarrão de 29 dias que só nos visita de quatro em quatro annos, para dar-nos novas de mais um dia inteiro e lembrar aos *bem aventurados*, que nascerão no seu — 29 — que lhes está chegada a hora emfim que lhes vae marcar, quer queirão, quer não queirão, mais quatro annos de vida já passada! Os velhos, nascidos em tal dia, não hão de gostar nada d'este bissexto Fevereiro; tenhão paciencia meus amiguinhos, consolem-se com aquelles que todos os annos contão, e o que mais dóe!... *festejão* mais um.

Outro tanto não acontece aos amigos de bons presentes (se houver quem lh'os mande) esses cançados de esperar, respirão largo á vista dos papudos perús, dos enfeitados presuntos, dos gordanchudos leitões, do bem conhecido pão-de-ló de letreiro — VIVA QUEM FAZ ANNOS HOJE — e o que está muito em voga de certas doceiras antigas — as *tigelinhas* de doce de côco com seus *beijos-de-frade* e suas *cravinas escarlates* por cima: querem ellas que estas *tigelinhas* passem por um dos melhores doces, e ninguem lhes diga o contrario...: Adeus, que descahi do rumo que levava! Sou muito estouvada e bem curta de idéas: ora, queria fallar em modas, e fuj fallar em doces!... então?!

O que me vale é que muitos sabichões andão por ahi ás cabeçadas em procura do *fio da historia*, pois aqui está esta criada de Deus, que em letras gordas pode lhes fazer uma segunda, e sem ensaios, porque andão agora muito caros.

Mas, vamos lá. Esta é a quinta vez que tenho o gosto de vos apresentar um artigo de — Modas — e hoje então que me cabe a occasião de fallar no vosso segundo figurino, visto ser principio de mez, que é quando tendes promettido dal-os ás vossas Assiguantes, muito maior é o meu gosto, porque, como lá dizem, cahiu-me a sopa no mel; é um figurino que vem muito a proposito para eu expli-

car ás vossas Assignantes as razões que motivei no meu ultimo artigo do mez de Janeiro.

Dizia eu n'esse artigo: Paris tem suas estações e nós cá temos as nossas em diverso tempo; os nossos figurinos são feitos para o nosso jornal; e algumas vezes teremos de apresentar-vos modas e indicarmos fazendas, as quaes ainda teem de apparecer na primavera em Paris. E logo depois offereço-vos um figurino de verão, chegado de lá, onde todos tremem o queixo com frio. Poderá isto ser?

— Será um figurino velho, ou pelo menos do verão passado?

— Será elle feito no Rio de Janeiro?

Eis as perguntas que já tenho oúvido fazer em diversas casas onde tenho estado, e que ainda me farão todas ás senhoras que não quizerem tomar o trabalho de continuar a lêr este artigo, para o qual reservei a resposta, afim de não atraiçoar o meu incognito, que tanta gente trabalha por descobrir.

Queri las leitoras, não é um figurino antigo; porque esse jôgo não se pode ligar ao caracter do JORNAL DAS SENHORAS, que facilmente seria apanhado em abuso de fé, desde que vós, folheando qualquer dos jornaes antigos de modas de Paris, encontrasseis o original, cuja copia vos apresento.

Não é figurino das modas que lá se usão hoj', porque, como já vos disse, a moda ainda por estes dois mezes é de inverno.

Não é feito aqui no Rio de Janeiro, porque Deus não nos deu o *dom* especial de idear, combinar, e executar modas com essa graça, originalidade e gosto delicado, que para ellas tem os Parisienses, e ninguem mais. Temos sim actualmente quem os possa copiar com perfeição (ja não é tão pouco) mas a invenção é, e será sempre dos Francezes.

Ora, não sendo elle feito aqui, não sendo cópia de figurinos antigos, e não sendo dos que se usão actualmente em Paris, segue-se que é feito, ou para representar a moda que ainda lá se ha de usar na primavera (e é uma verdade) ou para expressamente representar a moda de verão no Rio de Janeiro. Porque com este figurino e com todos os mais que, com o favor de Deus, vierem, tambem chegarão as fazendas e os enfeites que elles indicarem com as suas competentes variações para todos os gostos, estados, e posições.

De qualquer das formas entendo, que as elegantes estão commigo: ufano-me de vêr Paris condescendendo commosco na partilha das modas.

Se o figurino ainda é dos que hão de apparecer, tenho n'isso um gostinho particular; e se é feito só para nós, pulo de contente, porque só assim teremos modas adaptadas ao nosso clima, uma vez que nos mandem as fazendas e os mais necessarios precisos.

Creio, senhoras Assignantes, que vos tenho bem esclarecido sobre as boas intenções do JORNAL DAS SENHORAS e a lealdade com que pretendo continuar a ser a vossa interprete das modas. Sacrificios e despezas e talvez prejuizos, asseguro-vos que não farão recuar da carreira que encetou este jornal, e..... pontinhos.... muito menos recuará esta vossa criada que reconhece a — força de vontade — como a primeira alavanca da realisação dos desejos humanos.

Eu vos apresento o figurino, tende a bondade de vêl-o, examinai-o bem, e reconhecereis depois a exactidão das minhas palavras.

ESPLICAÇAÕ DA ESTAMPA.

O figurino offerece-vos um trajar accommodado á nossa estação, gracioso e leve e de pequena despeza: é um vestuario de estar em casa, ou de familiar passeio no campo, mui notavel pela sua naturalidade e o nenhum espalhafato dos caprichos fantasticos.

O vestido é de cambrainha, chamada — *Rosa d'i China*. — Esta fasenda pela novidade da sua côr viva e brilhante, e ao mesmo tempo grave e de bom gosto, deve fazer effeito entre as elegantes de Paris na sua proxima primavera, a avaliarmos pela rapida extracção que tiverão algumas peças que chegarão á casa Wallerstein e C., que se não fosse esperarem elles um outro sortimento pelo Paquete d'este mez, nem todas as nos as elegantes poderião obter um córte da cambrainha, *Rosa da China*.

A saia tem cinco folhos simples, corpo liso de bico redondo, cujos moldes vos darei em breve para poderdes cortal-o, mesmo em vossa casa. E' meio alogado, aberto adiante e enfeitado com uma tira da mesma fazenda encrespada, que vae orlando todo o corpo até abaixo do bico.

As mangas são mui largas em baixo, abertas em ovado, que vae findar, pela costura de fóra, quasi ao cotovello, e guarnecidas do

mesmo encrespado com sub mangas de tiras de bordado inglez.

A camisinha, de estreito colarinho voltado, é de cambraia com tiras do mesmo bordado inglez.

A pequena touca é feita de renda, enfeitada com fita de setim côr de canna, de pontas fluctuantes, e escarlate encrespada.

Dir-se-ha que o penteado é á Maria Stuard *e que torna a apparecer*, mas ninguem de bom gosto o acreditará, porque é sabido que n'este vestuario, de estar em casa ou de passeio familiar, usa-se o cabello de qualquer fórma que nos vá bem, com tanto que seja o menos encommodo e o mais apropriado á estação; e para o nosso verão nenhum mais commodo que este, ou á chineza, se o não acompanhar a touca. Não obstante, a moda não impõe execução forçada; e muitas senhoras haverão em quem nem um, nem outro penteado, lhes diga bem.

O presente figurino representa uma senhora casada; tirae-lhe a touca, e tereis para uma joven solteira um traje lindissimo.

Minha querida Redactora em chefe, creio que finalisei aqui o meu artigo de modas; não lhe accrescento mais nem uma virgula. *Bon soir*.

Ia-me esquecendo de dar uma explicação *importantissima!*

O primeiro figurino não mostra a pontinha do pé *ao menos*, porque represnta a figura em pé e parada; e este mostra a pontinha do pé, porque reprsenta *estar andando*,

Isto vae a quem toca. Adeus.

Catette, 30 de janeiro.

Hum episodio em Abril de 1850
NO RIO DE JANEIRO.

Não posso offerecer-vos mais que cento e cincoenta mil réis na actualidade, posto valha muito mais; não pago senão os tres quilates de brilhantes, mais ou menos, que tem este anel, e pago bem — Isto me dice o ourives a quem mandastes, Senhora, o vosso velho e fiel servo: venho dar-vos contas.

Oh! Gaspar, meu velho amigo, vae... vae depressa, em segredo que ninguem o saiba, vende, vende esse anel, elle é um presente de minha madrinha, custou-lhe quatrocentos mil réis outróra, mas não importa, eu delle não preciso hoje; e em quanto souber que elle póde trazer a vida á pobre Joanna e a seus filhinhos, eu o traria no dedo constrangida e sempre incommodada.

Dahi a duas horas o velho servo contava cento e cincoenta mil réis, e os entregava á sua joven ama, promettendo-lhe nada dizer a seus velhos Paes: no entanto que estes nada disso ignoravão porque, de accordo com o fiel servo, querião sondar o coração e bondade de sua joven filha: o ourives improvisado, era o proprio Pae da joven Adelaide.

Em cinco de Abril de 1850, a pobre familia de Joanna e seus nove filhos, erão victimas da terrivel febre amarella, e quasi expiravão em complecto abandono, em umas casas quasi subterraneas, dessas que nos mangues da Cidade nova abrigão tantas outras familias pobres; porque a pobre Joanna nem tinha quem por ella recorresse aos soccorros officiaes. Joanna, não obstante esse misero estado em que jazia, viu entrar o Medico, viu uma emfermeira, viu sua casa e as camas limpas, com novas roupas em substituição dos tres unicos lençoes rotos que possuia, viu em fim todos os soccorros que mão beneficente lhe prodigalisava.

Salva do flagello, dando graças a Deos por tantos soccorros inesperados e ministrados por mão incognita que os enviava, e sem os quaes teria morrido com seus filhos, nunca soube do anjo aquem tanto devia depois de Deus!

A formosa Adelaide tendo de ir em 1851 a um dos bailes da Sociedade Campestre, recorreu por a caso suas gavetas, e viu n'um canto o anel que outróra lhe tinha dado sua boa madrinha, e que ella mandára vender para soccorrer á pobre Joanna e seus filhos; sorprehendida desembrulhou a tira de papel que o enrolava, e leu as seguintes palavras:

Eu te abençôo minha filha, tenho orgulho em te haver *dado tal educação*, es *uma verdadeira Brasileira, continua que Deus te protegerá.*

A letra era de seu Pae!

E' escusado dizer que a bella Adelaide correu a abraçar o seu *fingido ourives comprador de joias*, e a reprehender com ternura, entre enfadada e rizonha, ao velho Gaspar por atraicoal-a nas suas *loucas generozidades*, como ella as chamava.

Emilia.

POESIA.

—

A MINHA FLOR.

(*Poesia de Eliza.*)

Linda flôr, ó meiga rosa,
Melindrosa,
Vem pousar sobre meu seio,
Vem ser minha companheira,
Qu'em ti leio
Minha imagem toda inteira.

Como eu ámo a luz d'aurora
Encantadora,
Tal c'o róscio da manhã
Tu te ostentas, linda flôr,
Mui louçã,
Toda encantos e primor.

Para as pétalas roubar-te,
Derribar-te,
Basta da brisa um bafejo?
P'ra roubar-nos o primor
Basta um beijo,
Um mais livre olhar d'amor!..

Onde tens tua defeza
Da pureza?
Nesse duro e agudo espinho?
Pois a minha é a virtude,
Seu carinho
Uma triste nunca illude,

Ah! tu tens tão linda côr?
Tanto odor?
E's das flôres a rainha?
Tambem sou bella chamada,
Pela minha
Face de pejo adornada,

Tu t'expandes amorosa,
Perfumosa,
Tão somente ao beija-flôr?
Pois eu sou do meu amado;
Nosso amor
E' no Céo abençoado.

Tal qual ama o beija-flôr
O teu odor,
E fartar-se nelle vem;
Tal me ama o meu amado,
E seu bem
Me chama com doce agrado.

Qual pendes enmurchecida,
Resequida
Com um sol abrasadôr;
Tal eu languida esmoreço
Sob a dôr,
E no pranto me feneço.

Tu desejas venha a brisa,
Que suavisa
O calor do sol ardente?
Pois eu choro de saudade
Pelo ausente,
Que levou-me a felicidade.

Qual do calice corado,
Perfumado,
Ao Céo mandas mil odores;
Tal á Deos minha oração,
Com fervores,
Elevo no coração.

Ao chegar da noite triste
Te sorriste,
Por gozar della a frescura?
Ah! podesse eu ter nest'hora,
A ventura
De ir lá onde elle mora!

Linda flôr, ó meiga rosa,
Melindrosa,
Vem pousar sobre meo seio,
Vem ser minha companheira,
Qu'em ti leio
Minha imagem toda inteira.

MISTERIOS DEL PLATA.

ROMANCE HISTORICO CONTEMPORANEO.

> Com o mundo começou uma lucta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.
>
> MICHELET, Historia de França.

No meio d'essa grande nação Argentina, que desde Mendonça até a fronteira do Brasil, encerra tantos povos, provincias, rios e cordilheiras, surgia, como a estrella do seu pensamento, a cidade de Buenos-Ayres, na qual passarão-se as mais bellas épocas da sua vida.

Não, o mesquinho provincialismo, não predominava a alma nobre de Alsina; comtudo em opposição com as crenças do philosopho, do homem illustrado levantava-se, como barreiras insupportaveis, a ignorancia da população, com seus preconceitos caducos, pretendendo fazer de cada provincia uma nação, e reconhecendo por patria só os estreitos limites do districto onde elle nasceu.

Que importávão pois as convicções do individuo ante a cega estupidez, que classificava de estrangeiro o proscripto de Buenos-Ayres, que ia habitar as margens do Uruguay, ou antes, as ricas campinas de Corrientes?

Esta convicção opprimia o coração de Alsina! esta convicção mil vezes curvou sua intelligente cabeça; porque nada é mais amargo de provar que essa distancia de seculos, que separão um individuo dos mais homens da sua época!

Vêde os numeros 1, 2, 3 e 4.

Nenhum mais cruel tormento que conhecer a verdade, e não poder insinual-a no coração dos seus contemporaneos!

Saber que a tendencia e a necessidade do *bem-estar*, que impelle a humanidade ao progresso social, a levará tambem depois d'esse dia a tingir o chão de sanguinolentas hecatombas!

Conhecer o abysmo, que separa os homens que luctão por um *principio*, por uma *idéa*, dos que querem antepor a paixão com toda a sua atroz individualidade!

E' um martyrio para um coração generoso!

Talvez estes pensamentos imprimissem seu melancolico sello na testa pallida do misero exilado.

Este era o individuo moral.

O pessoal do Doutor era de uma belleza varonil, severa e distincta, isto junto ás suas maneiras suaves e dignas, o tornavão tão respeitavel quanto sympatico.

Sua mulher, alguns annos mais moça do que elle, estava de pé ao lado seu, com os bracos crusados sobre o peito, e indifferente ao magnifico panorama que se desenrolvia ante seus olhos; estudava com inquietação as emoções que agitavão com dolorosa pressão os musculos do rosto de seu marido; outras vezes com profunda ternura, fitava a cabeça infantil de seu filho, que encostado na borda do bârco, divertia-se em atirar pedaços de pão duro aos Jacarés que vinhão em roda da sumaca: ao vêr a tranquilla alegria do menino uma lembrança terrivel perturbava seu coração de mãe.

« Algum dia essa cabeça, cujos annelados
« cabellos tanto me apraz beijar, curvar-se-ha
« encanecida ao peso dos soffrimentos e das
« magoas do proscripto. — Ou talvez rodará
« massacrada, presa da horrivel revolução
« que sacode frenetica estes paizes! »

Os olhos da pobre mãi ficavão rasos d'agua.

Subito, o lugubre queixume do Curucú ouvia-se ao longe, como presagio funesto, e D. Antonia lançava um olhar de desconfiança sobre o mestre da sumàca, que em pé sobre o tombadilho da diminuta camara, fumava em socego seu charuto.

D. Antonia não era uma linda mulher, era uma d'essas Portenhas graciosas, com grande intelligencia na mente e coração de fogo no peito; vergontea de uma familia distincta, a sua educação tinha sido livre dos erros e preconceitos que desfigurão e vicião a natureza da mor parte das mulheres, por isso uma vez esposa e mãe preenchia estas duas missões sublimes com a intelligente adhesão de quem governa suas acções pela força do dever e não pelo instincto, que as vezes tanto nos illude confundin lo as attribuições de deveres, cujo verdadeiro conhecimento julga-se pernicioso á mulher.

Dois ou tres marinheiros sentados á pròa e um papigaio, que blasfemava em todos os idiomas conhecidos, completavão a prespectiva do quadro que apresentava o convés da sumaca *Francesca di Rimini* aos nove dias de sua partida do alegre e desinquieto Montevideo.

V. — EXPLICAÇÕES NECESSARIAS.

Em quanto a sumaca se adianta pelo meio do Paraná ao logar do seu destino, conduzindo o Dr. Alsina, não para onde elle pensa, mas para onde o arrasta a fatalidade, condescenda o leitor em voltar comnosco a alguns dias antecedentes e penetrar os segredos que presidirão a enlutar o futuro do passageiro, que sulcava o caudoloso Paraná.

Já sabemos que o Dr. Alsina, proscripto pelo general Rosas da cidade e territorio de Buenos-Ayres, era um d'esses homens que o vulgo classificava com os epithetos de *infame, de selvagem e de Unitario!*

Por ventura dos homens que, em um periodo de 20 annos, acabrunhavão com estas denominações, todos os insultos votados á denominação de *Unitario*; são outras tantas contradicções monstruosas da significação da mesma palavra.

Este adjectivo, derivado da *União*, *Unidade*, indica um partidario das ideias de *União*; social, universal, nacional ou familiar, é a *união* a base *unica* da fraternidade da paz entre as nações, entre os povos, e entre as familias.

De maneira que *Unitario*, quer dizer, amigo da ordem, da paz, da fraternidade entre os homens; em quanto que em Buenos-Ayres, por um fatal contra senso e violentando o verdadeiro sentido da palavra, fizerão do nome *Unitario* o synonymo de tudo quanto existe de mais abjecto e repugnante na raça humana!

Estes são os delirios das paixões desencadeadas nas maças incultas de um povo levado com violencia pela hydra revolucionaria e a guerra civil.

No anno de 1829, primeira época, primeiro degráu do engrandecimento do General Rosas,

Alsina, bem que compromettido nos negocios da fatal revolução militar do 1.º de Dezembro de 1828, fosse por soberana prudencia, fosse pela feliz posição do seu sogro, como amigo particular de Rosas, ficou tranquillo em Buenos-Ayres. E' de suppor, que ainda mesmo que suas amizades e sympathias individuaes o arrastassem como homem em favor dos individuos do partido não vencido, é sim atraiçoado pela *Convenção de Outubro do anno de* 1829 entre Rosas e Lavalhe, o Dr. Alsina com tudo nunca teria sido capaz de atear a discordia, esperando talvez ver surgir para a sua Patria uma nova era de paz e de progresso.

Os primeiros passos de Rosas na sua carreira politica demonstravão já a vontade de ferro, contra a qual mais tarde quebrar-se-hião as leis e as convenções sociaes todas, que se oppuzessem aos seus designios governativos.

As vinganças pessoaes que executou, e essa doutrina inflexivel que prègava o rancor e atea a ó odio nos corações, desagradou a muitos homens, que forão seus mais fieis proselytos, no momento que derrotado o governo de Dorrego, o *estancieiro*, Rosas á sombra de seu nome e de seu immenso prestigio no campo escudava o fugitivo Presidente, que um ponta-pé do astuto Lavalhe, fazia-o rolar da cadeira presidencial, que tão pouco hourava na verdade!

Em torno do digno General, João Ramon Balcarce, reunirão-se pois os descontentes do systema de Rosas

Os altivos Portenhos dezafiarão o *Tigre do Deserto*; a liberdade da imprensa tornou-se, com algumas excepções, espantosamente desenfreada; e a lucta instantanea que se seguio collocou debaixo dos pés de Rosas, não só a Provincia de Buenos-Ayres, como a Nação Argentina em peso.

Assim o temos comprehendido mais tarde.

Sentado, talvez por toda a vida, na cadeira dictatorial, deu então franca expanção os suas vinganças; e entre os proscriptos ou condemnados á morte, em o anno de 1833, achava-se tambem o Doctor Alsina.

Refugiado em Montevidéo, exercitava a sua profissão de advogado com tanto talento como probidade.

A *epidemia politica* que contagiava a sociedade de Buenos-Ayres, arrojou seus miasmas pestilentos aos povos da banda Oriental do Prata.

O Provincialismo e a personalidade são os erros funestos que hão retardado, talvez por alguns seculos, o passo de gigante com que as formosas regiões do Plata, marchavão firmes e rapidas apos do brilhante porvir a que as destina, sua riqueza, sua fertilidade e a heroicidade de seus filhos.

Um homem agitando o estandarte da rebeldia apresentou-se na arena da lucta sanguinolenta, para derrotar o governo legal que a Constituição garantiu com a sua egide sacrosanta.

— O rebelde era o general Rivera!

A crescida emigração de Buenos-Ayres achava-se acaso compromettida no culpavel procedimento do agitador?

Ignoramo-lo!

O general Oribe, presidente da republica Oriental, e contra quem se rebelava o general Rivera, principiou a encarcerar e a deportar os emigrados argentinos que, estabelecidos como residentes, se havião espalhado em todo o territorio que banha o Uraguay.

Se esta medida foi originada pela conducta subversiva dos mesmos emigrados, ou se foi uma exigencia de Rosas no momento de effeituar uma alliança offensiva e defensiva com o presidente Oribe: nós o ignoramos.

Arrancado do seio de sua familia, e deportado para a Ilha de S. Catherina, Alsina pela primeira vez provou o pão amargo do exilio!

Depois de uma curta residencia n'essa Ilha, Alsina volton a Montevideo, não para continuar estabelecido ali, senão para passar o Corrientes, n'aquelle tempo tranquilla e virgem da lucta que ensanguentava as outras provincias argentinas; um parente de Alsina, Dom Pedro Ferrez, era n'aquella época governador de Corrientes.

Que vasto campo apresentava um paiz tão novo aos esforços do pensador que comprehende a verdadeira missão da intelligencia!

— Illustrar os seus irmãos! Negocios interessantes, que estavão depositados em mãos de Alsina, requerião a sua presença em Montevideo para o arranjo definitivo dos meus e dos seus proprios interesses.

O general Oribe outorgou-lhe uma licença temporaria. Activo e laborioso na sua vida publica, Alsina em breves dias achou-se desembaraçado para emprehender a sua viagem, levando d'esta vez os caros objectos entre quem se dividia o seu coração.

Sua mulher, e seu filho. Uma cruel experiencia fazia ver, ao Dr., os perigos porque tinha de passar se não tomasse medidas energicas, para assegurar a sua viagem ao Paraná na passagem das margens que com toda a cautela ó poder de Rosas fazia vigiar.

A mais reflectida prudencia o dirigiu na escolha do barco, e se confiou na probidade de um moço Italiano de nome Lostardo, a quem, na sua profissão de advogado, Alsina tinha servido com todo o desenteresse e nobreza, que lhe erão caracteristicos.

Lostardo pela sua parte teria dado a sua vida por seu bemfeitor; e aceitando a responsábilidade da segurança do Doctor, e da familia, jurou a si mèsmo, ou os pôr livres em Corrientes, ou verter se necessario fosse até a ultima gota do seu sangue.

Na vespora da partida uma ordem do Presidente Oribé obrigou a Alsina a embarcar-se com sua familia á bordo da sumaca *Francesca di Rimini*, unico barco que então devia sahir, e cujo mestre era o mesmo Lostardo.

VI. — O CAES DE LAFFON.

Dez horas marcava com vagarosas badaladas, o sino da igreja Matriz, e a voz dos serenos repelia por todos os angulos da cidade, — *dez horas derão e o tempo está sereno*, — brancas nuvens impellidas pela brisa do mar, embaciavão por instantes o disco argentino da melancolica lua, que sulcando o ether transparente segue eternamente a terra, espalhando sua luz, pallida e serena, como suave consolação do Altissimo aos que soffrem

N'aquelle momento tres vultos appareceram no alto da escadaria que conduz ás sallas da Assembléa Nacional e tambem ás prisões, lubrego receptaculo de vicios e de dores.

Tres homens descerão a larga escada e com passo rapido principiarão a atravessar a grande Praça.

Um d'elles, o mais alto, ia adiante, em quanto que seus dois acompanhantes o seguião em respeitosa distancia.

Embuçados em suas largas capas até os olhos, evitavão o olhar indiscreto que tivesse querido surprehender o seu incognito.

Quasi nenhum era o povo que ainda circulava pelas ruas, e as lojas de fazendas com as officinas fechavão-se uma por uma.

Assim que os tres individuos, atravessarão a Praça, começarão a andar pela rua de S. João: hoje de Rivadavia.

No fim da primeira quadra a obscuridade tornou-se completa; só a lua illuminava por espaços a frente dos silenciosos edificios.

Quasi ao descer as *Bovedas* (vastos depositos assim denominados) uma luz escapada por entre os vidros da porta de uma casinhola projectava seus raios amarellados até o meio da rua.

Essa casinhola era o *Cafesito de San Juan.*

O *Cafesito de San Juan*, não era outra coisa, que um antigo botequim, que em tempos mais felizes, foi *rendez-vous* dos honrados e pacificos visinhos de Montevideo, quando esta cidade cercada de muralhas feixava-se á noite com grossos portões de ferro.

Annos mais tarde, Montevideo, derrubou os muros com que julgou opprimil-a para sempre o poder colonial; derribou seus muros, e assim como o prisioneiro que longos annos passou no duro carcere, e um dia solto, gozando vida e liberdade, alegre corre pelos campos, assim Montevideo espalhou pela verde e larga *cuchilla*, que tão longe se prolonga na bella Peninsula, suas largas e bem alinhadas ruas, suas brancas e faustosas casas.... e o *Cafesito de San Juan*, seguindo o curso ordinario das coisas d'este mundo, foi substituido por verdadeiros e elegantes Cafés, conservando só da sua primitiva origem, o uso de ordem e decencia nos freguezes, a quem por nada d'este mundo teria admittido o honrado proprietario do estabelacimento, sem estarem munidos de sufficiente dose de acatamento.

(Continua.)

THEATROS.

Domingo passado forão os — *Dois Renegados*, — este drama do Snr. Mendes Leal, que tantas vezes foi á scena n'esta Côrte, obteve ainda numerosa concurrencia esta ultima vez.

Os papeis não estavão tão bem sabidos, quanto se devia esperar; o ponto cantou na sua gaiola, suou, e levou toda a peça — *a duo* — com alguns dos actores, assás incertos dos seus papeis.

Na verdade, desejariamos sempre, que se consultasse o genio dos actores, para o bom desempenho dos seus papeis: o Snr. Costa é um bom artista, tem suas peças favoritas em que se torna inimitavel; elle será sempre um

excellente comico, jámais poderá ser um actor tragico, e menos ainda na parte de D. Lopo.

A Sra. D. Ludovina estève irresistivel como sempre. No segundo acto, a sua bella e esbelta figura podia bem servir de typo ao mais elegante figurino de noiva.

Na terça feira tivemos um drama do Snr. Bourgeois e a repetição de *Manoel Raymundo*.

Floresca — ou o *Heroismo Filial* — é um lindo e bem calculado drama, cheio de interesse, de golpes scenicos, e de effeitos maravilhosos. Floresca é ainda filha da primeira escola romantica, encetada por Ducange, e que de progresso em progresso, da acção tem passado ao sentimento e ás paixões, que caracterisa a escola de Dumas.

No desempenho do drama, em quanto aos detalhes scenicos, não foi com a precisão que deveria esperar-se do maquinista, particularmente, no momento em que o assassino, que persegue a menina Floresca, perece pelo furor do raio: esse raio, além de chegar muito tarde, foi um foguete tão foguete, que mais foguete não poderia ser!

Os actores tiverão seus momentos felizes — O Snr. J. Augusto, com quanto *representasse* um caracter odioso, tinha comprehendido perfeitamente o seu papel.

Da Sura. D. Ludovina, nada pode dizer-se mais, porque é uma grande actriz, e os mestres nunca errão.

A Sura. D. Rosina esteve mais sympatica que nunca no seu bello papel de filha, do qual teria ella tirado mais proveito, se houvesse alguem que a encaminhasse n'uma carreira, onde é necessaria a experiencia material, para comprehender certas coisas que a intelligencia não nos pode revelar; a Sura. D. Rozina deve esforçar mais um pouco a sua voz, e neste conselho que lhe damos, deve só ver o immenso dezejo que nutrimos de vel-a progredir na sua carreira artistica.

Julgamos que a distribuição de papeis não foi bastante acertada; *O Snr. Florentino*, amante da Sura. Ludovina quasi que nos lembra uma caricatura franceza intitulada *les époux désassortis*. O Joven Florentino, com quanto tenha habilidade, não possue uma figura que seja apropriada á classe de papeis como a de « *Ernesto de Fridebery*. »

E' uma infelicidade este nosso publico!

Somos os primeiros a confessar o merito do Snr. Florentino; porém se começaes a fazer-lhe ovações, em ponto grande, quando a sua extrema mocidade não lhe permitte que esteja ainda desenvolvido, o que guardaes para o rei da scena Brasileira, para o João Caetano?

Esses triunfos fóra de proposito a um joven que enceta agóra sua carreira, fazem-lhe um duplo mal.

Dar ao principiante uma idéa exagerada de si mesmo.

E fazem esmorecer a coragem d'aquelles que por longos estudos, e aturados trabalhos, merecem tanto como o neophito da arte!

O *Manuel Reymundo*, foi executado d'esta vez pelos actores *todos* em completo estado de sonambulismo. Verdade seja, que muita gente que morass na cidade nova, ainda chegava em casa á horas de almoço.

A concurrencia foi escassa, talvez devido mesmo a monstruosidade do espectaculo.

Para 5ª feira esta annunciada — *Floresca*. Merece apenas ver-se; pelo menos, agradou-nos muito, e momentos houverão em que a nosso pezar, aceleradas forão as pulsações do coração.

Temos a satisfação de annunciar ás nossas Assignantes que os nossos esforços forão coroados de um feliz resultado: já temos figurinos para offerecer a todas as Senhoras que nos quizerem honrar com a sua assignatura, e não nos é preciso esperar mais pelo mez de Abril para que elles nos cheguem de Paris. No Rio de Janeiro mesmo forão copiados com toda a exactidão daquelles que hoje vos apresento, e o seu trabalho apenas levou quatorze dias. Demos pois um passo, com o qual entrámos na estrada até hoje coberta de espinhos e tropeços para nós, e chegámos onde pudemos alcançar o que tinhamos vos promettido.

Acompanha este numero o figurino n. 2.

JORNAL DAS SENHORAS

Publica-se todos os Domingos; o primeiro numero de cada mez vae accompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, modas e riscos de bordados.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Snrs. Wallerstein e C. n. 70, A. e F. Desmarais n. 86, Mongie n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia Parisiense, rua Nova do Ouvidor, n. 20.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mensionadas.

Preço da assignatura: Por tres mezes, 3$000 rs. na côrte, 4$000 rs. para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro.—Typographia Parisiense, rua Nova do Ouvidor n. 20.

TOMO I. — DOMINGO 8 DE FEVEREIRO DE 1852.

O JORNAL
DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

BIBL. NAC. E PUBL. DA

O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

REPOSTA

da Redactora em Chefe do JORNAL DAS SENHORAS á carta publicada em o primeiro domingo de Fevereiro assignada — O HOMEM.

Antes da publicação do 2º numero do JORNAL DAS SENHORAS recebi com effeito uma carta assignada —O homem.—

Atacavão-se nessa carta ideias que ainda não tinhão sido expostas por mim, chamavão-se subversivas as doutrinas, que ainda não tinhão visto a luz publica.

Dava-se-me a descripção organica e material da mulher, e promettia-se-me para mais adiante descrever-se-me a mulher intellectual, uma vez que eu acolhesse com agrado as reflexões que se me fazião.

Como essa carta me fosse dirigida privativamente, julguei-me exonerada de responder; em primeiro logar porque não costumo conceder satisfações a pessoas que não conheço; em segundo logar porque, sendo as doutrinas do *homem* muito repulsivas para mim, não sei porque motivo havia de procurar uma contenda, que tem todos os visos de uma tentativa de conversão.—A lucta que intentaes travar comigo é a mesma que principiou com o mundo: eis as palavras de Michelet:

« Com o mundo começou uma lucta que só
« com o mundo mesmo acabará; não antes:
« a dos homens contra a natureza; a do espi-
« rito contra a materia; a da liberdade contra
« a fatalidade. »

Nada de novo tinheis a dizer-me, nada de novo tinha eu a responder-vos.

Vos pertenceis a escola materialista, absolutista e inimiga do progresso do genero humano.

Eu pertenço, desde minha mais tenra mocidade, á propaganda humanitaria e progressista.

Somos pois dois antipodas que, combateriamos até ao rancor, sem chegar a entender-nos porque nenhum de nos pode deixar de *ser* o que é.

Eis pelo que respeita a vossa primeira epistola.

Vamos á segunda:

Sois modesto por demais senhor, em suppordes que a minha declaração, sobre a emancipação da mulher, me fosse arrancada pela vossa carta; embora algum periodo dessa mesma declaração assim vol-o fizesse suppor; vossa carta em comparação á obra collossal a que me tenho proposto, é apenas mais um espinho na carreira perigosa que emprehendi, ha dez annos!

Dizeis que *devereis ficar satisfeito de terdes feito recuar as minhas ideias e contradizer o que eu já tinha avançado n'outros ns. do meu Jornal, firmando o principio de sujeição physica e moral da mulher para o homem.*

As leis da urbanidade não consentem que eu responda a esse periodo da vossa carta como elle merece ser contestado; pois que me calumniaes, senhor, sem conhecer-me; comparastes-me a esses entes sem consciencia que especulão com a sua intelligencia, ou pensaste que por ser mulher recuaria espantada e não teria ideias *min as*!

Sois vós por ventura o unico materialista que pugna contra a natureza, contra a vontade do Creador, e que suppõe parar a roda incessante do progresso humano?

De certo que não!

Por ventura *noventa* annos de guerras religiosas puderão afogar no seu mar de sangue as LIBERDADES DA CONSCIENCIA?

Cada uma liberdade conquistada pelo povo quantos rios de sangue lhe não custou!!

Pensaes que estou muito assustada?

Eu esperava encontrar um oppositor ás minha doutrinas, e como isso me dá pouco abalo, eu irei avante, segura de preencher uma santa missão, e com toda coragem do verdadeiro apostolo da *verdade*. Tereis a boudade, senhor, de conceder que a definição grammatical de uma phrase, nunca pode ser aplica la em uma discussão philosophica; nem podem ser aplicaveis a este caso as definições *de Consta .cio* e de *Fonseca*.

Ambos fallão do filho.

Ora sabido está que ha uma epocha marcada pela sociedade e pela natureza, em que o filho se emancipa, moral e fisicamente; porque vae viver dos seus proprios recursos.

Vós traiçoeiramente aplicastes essa definição dizendo: *acto pelo qual a mulher deixa de reconhecer o poder marital*.

Achaes horrivel essa proposição! sediciosa, e aniquiladora!

Confessae que se tivesseis á vossa disposição as torturas e as fogueiras da inquisição já eu tinha provado: o fogo,—a agua,—a cadeira, o potro, os anneis, e por fim estava a esta hora carbonizada.

E porque?

Porque considerando o matrimonio, não como uma venda infamante do corpo e da alma da mulher, dessa a quem Deus tanto destinguiu fazendo della *a Mãi*, porque considerando o matrimonio simplesmente como um contracto social, quiz que a mulher entrasse no gozo de seus direitos, que a bondade de Deus lhe doou, e que o estupido egoismo do homem lhe nega!

Vós fallaes, senhor, da China e da Turquia mas esquecestes que é o Brasil o *unico* logar da America e da Europa, onde a maior parte das mulheres são domesticamente tyrannisadas! onde vegetão como a planta, onde forão despojadas até dos mais remotos direitos, onde a sua intelligencia é quasi sempre considerada como um crime, e donde, se levantassemos o véo mysterioso que encobre a sociedade, recuariamos espantados!

E de que valem, senhor, essas prendas feminis com que adornaes a mulher para condemnal-a mais tarde *ao mutismo*?

Sabeis que a *mulher não pode passar* alem *daquillo que a sociedade civilisada lhe tem reservado*.

E que dirieis vós Sr. se visseis nos Estados-Unidos a mulher ter uma vida tão laboriosa, tão activa, e mais intelligente que a do homem!

Pensaes que além da costura, do engommado e outros pequenos trabalhos não existem outras profissões para as mulheres?

Quanto mais civilisada estiver a sociedade, mais largo será o circulo das profissões que pode exercer a mulher; porque menôres e mais raros serão os preconceitos que lhe tolhem os caminhos da industria e da intelligencia, e os recursos que a subtraem á miseria, ás privações e as mais das vezes á perdição.

Quando escrevieis a vossa carta, por certo não vos lembrastes de que era a *uma mãe* de familia, aquem vos dirigieis; é porque conheço os meus deveres, é porque escrupulosamente, sei preenchel-os, que posso dizer á mulher — *sois livre*, e o conhecimento da vossa dignidade, longe de oppor-se ao cumprimento dos vossos *deveres*, vos ajudar a desempenhal-os com mais intelligencia e devoção.

Invertestes, senhor, as minhas palavras e ousastes prevalecer-vos da vossa mascara, para levar o sarcasmo e o rediculo, onde nunca encontrarão os espiritos rectos outra coisa; que a moral mais pura e os concelhos mais prudentes.

Não vos concedo, senhor, que saibaes o que seja AMOR; vosso amor devo parecer-se com a definição de Voltaire no seu Diccionario Phylosophico. Para vos a mulher é uma—maquina de propagação.—Não é esposa,— não é mãe; porque lhe negaes o que Deus lhe concedeu.

—Sentimentos e intelligencia —

Dizeis até que injurio a sociedade, porque o *christianismo reabilitou a mulher*.

E de que serve que Jesus de Nazareth escrevesse na sua bandeira:

Liberdade — Fraternidade — Humanidade?

Como forão recebidas as doutrinas do Joven Mestre de Nazareth?

Suas proposições forão tidas como *horriveis, perniciosas, subversivas, etc., etc.* E por fim o arrastarão á cruz do martyrio!

Fallaes do christianismo, esquecendo-vos que sobre o corpo do sabio, do apostolo, do sancto se formou um pacto odioso, de especulação, abominavel e sanguinolento! Esquecestes que o catholicismo nada tem de commum com o christianismo, que as fogueiras da inquisição não podião ser os interpretes das tres bases da doutrina de Christo —Liberdade—Fraternidade—Humanidade?

A mulher pois, rehabilitada pelo christianismo, foi como a humanidade inteira encarcerada nas trevas do ignorantismo, d'onde a arrancarão as continuas revoluções da sociedade Europea, e onde nunca permittiu que ella cahisse a sabedoria dos legisladores da America do Norte.

Estamos no fim da nossa peleja senhor.

Acabaes como principiastes.

Fulminaes o meu JORNAL, e o exilaes do seio das familias porque na vossa cegueira não comprehendeis que se—

« O livre alvedrio é um facto metaphysi-
« co, que com quanto assim o seja, existe,
« logico e irrecussavel, como uma cifra ari-
« thmetica. »

A mulher conhece quando é tyranisada, tem a conciencia do que sente, não se revolta, porque vive como o cativo carregado dos ferros da oppressão.

Revoltae-vos contra Deus, senhor, e perguntae-lhe porque deu alma á mulher, porque lhe deu pensamento, porque a fez igual ao homem, porque a fez sua companheira, se os instinctos ferinos do homem bruto querem apenas a realisação de seus desejos!

Accuzae a Deos, não a mim!

Acreditae só no que vos digo — quanto mais illustrada for a mulher — melhor comprehenderá os seus deveres, mais amplamente preencherá, essa missão sagrada de esposa e de mãe; missão cujas bases principaes são uma terna adhesão, uma abnegação profunda, prudencia, doçura e paciencia.

Agora que assás vos tenho demonstrado que não sei recuar nas minhas ideias, que não tenho medo, e que sei argumentar; previno-vos que não responderei nem directa, nem indirectamente, ás vossas cartas debaixo da assignatura do anonymo.

Eu combato com o meu nome á frente da redacção do JORNAL, e estou no meu direito exigindo que assim pratiqueis; porque a vossa publica assignatura me servirá de garantia, de que a mais estricta urbanidade será observada nas nossas polemicas, e que eu não terei por tanto de arrepender-me de haver encetado a lucta desigual d'aquelle que peleja a rosto e peito descobertos, contra um inimigo armado e defendido pela mascara do incognito.

Se assim o quizerdes, até outra vez.

Joanna Paula M. de Noronha.

MODAS.

E' costume antigo de civilidade cederem as primeiras visitas o logar de distincção ás outras que vem chegando depois: eu estou hoje neste caso.

A' vista da vossa participação, minha querida Redactora, devo ceder o meu logar ás novas e dignas collaboradoras que nos querem acompanhar na ardua tarefa; isto é, quizestes dizer-me que devia ser resumido desta vez o meu artigo de modas, para que tão nobres companheiras tivessem espaço no Jornal; pois assim seja, tenho nisso muito prazer. Attendei porém, que para o numero seguinte peço desde já a palavra, que tenho muito que dizer: não sou de meias razões, e agora, que já vou tendo fumaças de escriptora, (e que tal!) parece-me que todo Jornal é pouco para mim só!

Apresento-vos então unicamente a estampa dos moldes do corpinho do lindo vestido côr de *rosa da China* que trouxe o ultimo figurino, e mais os riscos de differentes bordados, simples e apropriados ao gosto de algumas das vossas Assignantes, que se derem ao passatempo d'esse trabalho nas horas magras.

O corpinho está dividido em dois moldes: um representa a metade do dianteiro e o outro a metade das costas. A tira da mesma fazenda encrespada, que deve guarnecer toda a abertura do corpinho, é da largura de duas polegadas, e prega-se quasi sobre a orla da abertura.

Tendes depois uma guarnição de saia, bordado inglez e de mui bonito effeito. Os *Labyrintos* e os *Puçás*, que as nossas patricias sempre usarão nas barras de saia, não deixão por isso de ser um trabalho primoroso e bem aplicado; desejára que não cahissem em desuso, porque nesse genero não ha moda, ha simplesmente o capricho e o bom gosto da elegante.

Tendes mais uma guarnição para calcinhas de criança, esse caro penhor, que por essa mesma razão deve andar sempre mui bem trajadinho.

Um fundo de touca, tres cantos para lenços e tres coroas, de conde, marquez, e duque, para serem bordadas nos mesmos lenços, eis tudo o que contém a gravura que vos offereço.

Adeus, até a semana que vem.

Catette. 6 de Fevereiro.

A linguagem das Flores.

Ha um folheto intitulado:—*Vade mecum dos namorados*,—este folheto contem nomes de flores, fructas e outros objectos, como agulhas, alfinetes, linhas, retroz, etc., e em seguimento d'elles, outros nomes a que chamão significação, e os namorados com similhante *livrinho* julgão que sabem fallar, e entender a subilme e empyrica linguagem das flores. Estão completamente em erro. O autor d'esse escripto foi um especulador, que sonhou em alguma parte, que havião flores emblematicas, e que ellas tinhão uma significação: e eil-o que improvisou o tal *Vade mecum*, e disse-: *ai tendes a linguagem das flores dai-me a vossa meia pataca.*

Vamos corrigir esse erro, em que vive muita gente, publicando nós a verdadeira e unica linguagem das flores; linguagem tão universal como a musica e a mathematica; linguagem consagrada pelos seculos e que não esta sujeita ao capricho nem ao alvedrio de qualquer *vade mecum*.

Seguimos para esse fim as inspirações de Mme. Leneveux, Mme. Charlote de la Tour, e Mr. Aimé Martin e outros.

Não vamos publicar um livro; e por isso as nossas leitoras nos dispensarão de um prologo em que se descreva a historia da linguagem das flores; contentando-se que lhes digamos que teve origem na Asia, e que principiou por uma tulipa, que uma amante, reclusa no serralho, lançou pelas grades sobre o namorado, que de baixo das altas janellas carpia a perda do querido bem.

Tambem não procuraremos systhema na publicação dos nossos artigos. Serve-lhe de introducção *os attributos de cada hora do dia entre os antigos*, e depois principiaremos pela rainha das flores—A ROZA Em seguimento a cada flor daremos em maiusculo a significação, e depois em grifo a maxima que ella encerra, ou phrase com que pode ser empregada.

(Continúa.)

CORRESPONDENCIAS.

SENHORA REDACTORA,

A vossa nobre coragem, senhora, tem-me de tal modo impressionado, que não posso deixar de felicitar-vos pela alta consideração que mereceis. Não é porque fosseis a primeira senhara que emprehendeu a difficil tarefa do jornalismo, nem pelo util intretenimento que dais ás do nosso sexo sobre modas: não; é pelos sublimes e tocantes pensamentos com que desenvolveis as nossas intelligencias nó perfeito conhecimento do que nos cumpre saber para desempenho de nossa missão como filhas, esposas e mães.

Se eu fosse illustrada como vós o sois, apresentar-me-hia para coadjuvar a vossa empreza, não por que disso carecesseis, mas para mostrar-me grata a quem tão dignamente pugna pelos direitos da emancipação da mulher. Posto não tenha o prazer de conhecer-vos, senhora, desejo obsequiar-vos de algum modo, e se o permittirdes, enviar-vos-hei alguns artigos traduzidos ou extrahidos de varios autores, a cuja leitura me tenho dado.

Incluso vereis alguns pensamentos sobre a —Amizade,— que se os achardes dignos das paginas do JORNAL DAS SENHORAS, o mandareis inserir, com a condição porém de me conservar incoguita mesmo com vosco, de quem sou

Uma assignante.

Pensamentos

SOBRE A VERDADEIRA AMIZADE.

A verdadeira amizade é o idolo das almas elevadas, o thesouro dos corações puros e a paixão do sabio.

As naturezas nobres são as unicas que sabem comprehendel-a; porque só ellas são capases de sentir a impressão viva e profunda dos movimentos que caracterisão este sentimento divino, unico em que o excesso pode ser permittido. Virtude consoladora que Deus concedeu á creatura, como para indemnisal-a dos males que lhe forão transmittidos por nossos primeiros pais.

Sentimento generoso e bemfazejo, dictado pela intelligencia que nos faz sentir, como por um instincto magnetico, o contacto do amigo que nosso coração escolheu, mesmo estando elle de nós bem distante, e que nos faz achar n'alma desse amigo, para quem vivemos, um refugio intimo a nossa razão vacillante.

Sonho celeste, que nos faz ver com os olhos d'alma, e achar o pensamento correspondente ao que dirigi-nos ao amigo ausente, parecendo-nos mesmo o som de sua voz.

Felicidade do mundo! tu és o sustentaculo dos corações puros e sensiveis, que sabem o segredo sublime de ser.

Verdadeira amizade! porque tão poucos mortaes te sentem no coração, quando todos te conservão nos labios?

Porque tuas chammas puras não abrasão todas os almas? e porque teu nome que virtude só devia pronunciar, tem servido tantas aezes para disfarçar traições?!

(Extrahido.)

Senhora redactora,

Em dias deste mez estava eu passando pelos olhos o *Jornal do Commercio*, sem deparar nelle coisa que me interessasse mais intimamente, quando vi de repente um annuncio —O JORNAL DAS SENHORAS.—Corri á sala de meu pai e pedi-lhe que o mandasse buscar.

Apenas chegou, fui devorando-o, e logo no principio acho um convite para todas as que quizerem concorrer com o seu cabedal, e occupar um logarzinho nas paginas do—JORNAL.—Foi o mesmo que se estivesse com muita sede e calor, e a senhora me offerecesse um sorvete.

Nem eu sei como agradecer-lhe este beneficio que nos faz á todas, pois que estou certa que todas como eu são unanimes em tributar-lhe votos de gratidão pela empreza que tomou á hombros.

Somos quasi passivas na sociedade, antes quasi que só vegetamos. Bem como a mangueira, crescemos carregamo-nos de folhas, que dão sombra agradavel, enchemo-nos de flores odoriferas, que são o encanto dos viventes, produzimos nossos fructos, que o homem colhe sofrego, e depois? ahi ficamos abandonadas, com a folhagem secca, porque já não damos fructos.

A senhora veio-nos abrir um campo de actividade, em que podemos exercitar as nossas forças, e sahir do nosso estado de vegetação. Como lhe agradeceremos?

Demais, que prazer o de escrever alguma coisa em letra redonda; saber que outras léem nossos pensamentos. Tanto que eu desejava isto, agora a senhora me offerece uma opportunidade,

Aceito pois o seu convite, e me animo á remetter-lhe por principio duas pequenas poe-

sias. Se pois forem achadadas dignas de se publicar estas primeiras, continuaremos a remetter alguns versinhos e alguns artiguinhos, para a senhora ter a bondade de inserir nas paginas do — JORNAL DAS SENHORAS. —

Espero me releve o assignar o meu nome de baptismo somente, não pondo senão as iniciaes do sobrenome, por onde facilmente se me reconheceria.

Sou da Snra. redactora, etc. *(Lina.)*

ENTÃO ME QUER?

Arre lá, senhor Juquinha,
Que máo modo de brinquedos!
Já vai passando á excesso,
Não me aperte assim os dedos!

Quem quer bem precisa geito,
Que o amor é mui mansinho,
E' preciso ter cuidado,
Tratar bem do seu benzinho,

E tambem que mau costume!
Veja, podem reparar...
E uma moça é como a flôr
Qualquer coisa a faz murchar,

E depois, ainda em cima,
Fica todo enfarruscado?!
Vai pegando no chapéo,
Quer-se ir todo zangado?!

Ora pois, me valha Deus,
Que por fim de toda a conta,
Pago as favas sem remedio,
Sem ficar uma só ponta.

Se consinto, eis as mas linguas
Que m'esfolão inda em vida!
E se não, fico com elle,
Sem querer, compromettida.

Venha cá, não va-s'embora,
Não-se zangue sem razão,
Vai-se assim sem mais nem menos....
E depois o que dirão?

Não me chama — sua amada,
Sua bella, sua flôr? —
Ah! me attenda um bocadinho,
Em nome do nosso amor.

Aqui stá a minha mão,
Eu lh'a dou, póde aperta-la,
E até mesmo, com cautéla,
Consinto, póde beija-la.

Mas agora venha cá,
E me diga com franqueza,
Me responda sem rebuços,
Com toda a sua lhaneza:

Se me adora de verdade,
Se por mim vive somente,
Se por mim a sua vida
Déra prompto e mui contente;

Se sou pois sua alegria,
Sua gloria, e sua flôr,
Seus quindins e seus feitiços,
Sua vida e seo amor,

Se um sorriso de meos labios
Lhe derrete o coraçao,
Como a cera se derrete
Ao sol quente do verão.

Se abraçar-me é sua gloria
Seu mais ardente desejo,
Se de gosto até morrera
Com roubar-me só um beijo.

Como então, ah! não procura
O caminho, que conduz
A' esse castello encantado,
Onde a sua gloria luz?

Pela porta da Igreja,
Joelhando ao pé do altar,
E' tão facil ser feliz,
E ao seu castello chegar..:

(Lina.)

Snra. Redactora. — Todas nos devemos contribuir com o nosso cabedal para a prosperidade do JORNAL DAS SENHORAS, unico que tem dito a verdade em nosso favor, sem adulal-a com a lisonja, que detesto; por isso tratei de fazer alguma coisa, filha da minha curta intelligencia, mas amamentada com a minha boa vontade, para lhe offerecer. Se cabimento tiverem estas toscas linhas, ellas ahi vão entregues á vossa censura: procurei o seguinte assumpto para não me encontrar com outras intelligencias mais illustradas, que me farião correr de vergonha. E porque entendo que o nosso Jornal deve de tudo dizer um bocadinho.

. . . . . .

Sua, etc *Francina.*

AS SEMANAS.

Quem dicer que as semanas são tristes e mancambusias aqui na corte é um senhor herege que nunca commungou uma só vez em todos os dias da sua vida: é um insaciavel de festins; mas que festins? Aquelles, que elle lá entende que fazem a semana alegre, debaixo do ponto de vista em que a sua sorte o collocou. Muitos ha que entendem, ou achão alegre, a semana que foi abarrotada de publicos divertimentos desde a segunda feira *das almas*, como lhe chamão os *irmãos da opa e bacia*, até *ao sabbado de Nossa Senhora*, como dizem os bons christãos; porque são esses os divertimentos a que estão affeitos em falta de relações de sociedade; no seio das quaes passarião os instantes, as horas, os dias e até annos inteiros, no delicioso extasis da sincera amizade, ao lado de moças galantes e feias (pobre de mim!) velhos e velhas prasenteiros, risonhos (so assim podem agradar) e condescendentes, que fazem a gente esquecer-se até do mundo velho esburacado, que vae correndo seu caminho como Deos é servido.

Não acho razão nos que assim dizem ou pensão: porque, por patrocinio de Santa-Thereza S. Francisco, e S. Januario, temos tres theatros em serviço activo todas as semanas, onde ha muito que ver, ouvir, e contar: temos na rua do Lavradio um circo olympico onde trabalhão

tambem todas as semanas tres companhias, uma em cima da corda, outra por baixo, e a terceira ás cabeçadas; na primeira destas companhias dansa uma Franceza, Mme. Jenny, que vale a pena de ser admirada: temos bailes repetidos de fantasia (ou sem ella) na rua de Catumbi, e no largo do Paço onde pode ir muita gente de *graça*; temos aos domingos de manhão Museu, que nos mostra coisas verdadeiras e outras tão similhantes..... temos depois a barca de banhos para purificar o corpo, e por fim o Passeio publico para arejar os pulmões. Além disto temos as sociedades de musica, as de baile, e as dramaticas, as quaes todos os mezes tem a sua noite de funcção. E sobre tudo, temos as festas de Igreja, onde os festeiros teem bancos para estarem bem assentados, lages frias ou tapetes no chão para nós, e logar de sobra para quem quizer estar em pé confundindo a reverencia com o desrespeito ao logar sagrado.

Ora parece-me que isto não é pouca coisa para quem só nos divertimentos publicos acha alegria! E se achão que é pouco, ainda temos mais um divertimento: vão de tarde ao campo de Santa-Anna para observarem o namoro do *Provisorio* com a casa do museu; é uma graça vel-os; elle quer entrar, ella fecha-lhe a porta, e n'esta contenda fica elle de esgueiha arrufado — dia e noite.... !

Deos o fade bem.

(Continúa.)

POST-ESCRIPTUM.

Transcrevemos o Prospecto do — JARDIM DAS DAMAS — que foi publicado em Pernambuco a 4 de Janeiro deste anno. E' com extraordinario jubilo que damos este extracto ás nossas Assignantes. Assim pois Snr. *Homem*, vós que tivestes o arrojo de levantar o estandarte do idiotismo da mulher, vede que já não é uma Senhora quem se apresenta na arena do Jornalismo a pugnar pelos direitos e pela illustração da mulher, são os homens, os mesmos homens que comprehendem a necessidade de bases mais solidas para a educação da mulher, os mesmos homens que comprehendem, que Deus não quiz, na sua OBRA GRANDIOSA, estreitar o circulo da vida d'aquella que foi destinada para ser esposa e mãe.

O Prospecto do JARDIM DAS DAMAS é um tiro de metralha, que varre até aos seus alicerces os castellos de papelão dos materialistas, que intendem com os seus impotentes gritos imprimir na humanidade um movimento retrogrado, quando os dois elementos da existencia universal são—AMOR E PROGRESSO.—

EXTRACTO DO PROPECTO.

Desgraçadamente o homem não tem sempre mantido a mulher na posição que Deos lhe assignou; abusando de sua força, elle a tem tratado muitas vezes antes como escrava que como companheira, mas em castigo de seu delicto, aquelles que assim obram, possuem sómente um corpo sem alma: pensamento, amor, dedicação, nada é para elles. Os Orientaes réos destes crime, conhecendo bem que não possuem os corações de suas mulheres, não lhes permittem sahir em publico, elles temem expor á vistas de estranhos esse sorriso de graça que Deos collocou nos labios destas creaturas abençoadas, como seu mais puro raio; por isso conservão-nas em seus harens debaixo de chaves e ferrolhos sob a guarda de de eunucos. (*) A Grecia e Roma forão mais cortezes para com o bello sexo, todavia no primeiro destes paizes cria-se que a alma da mulher não era da mesma ordem que a do homem; toda a especie de instrucção lhe era recusada, sendo assim condemnada perpetuamente á ignorancia; no segundo, ella estava sujeita a uma tutella que nunca se acabava. A roca era aos olhos do romano, a suprema virtude de sua companheira; quando a matrona romana tinha fiado todo o dia, elle achava que tinha dado uma prova maravilhosa de sua intelligencia. Finalmente em Roma o marido podia repudiar a mulher á vontade, tornar a toma-la, empresta-la ao amigo, julga-la em familia e até mata-la. Elle não usava sempre desta permissão, mas algumas vezes mandava açouta-la tão rudemente por seus libertos que a desgraçada morria disso. Mr. Eugnio Pelletan, de quem extrahimos parte do que neste artigo expendemos, refere que Rhegilla morrera assim por ordem de Herodes Attico.

O Evangelho, diz o mesmo escriptor, veio tirar a mulher deste interminavel anathema, elle restituio-lhe a alma impondo-lhe a obrigação de trabalhar para sua salvação, derramou-lhe sobre a cabeça a mesma agoa de regeneração que sobre a cabeça de seu marido, applicou-lhe o beneficio do sangue derramado no Calvario, abriu-lhe a porta da igreja, associou-a ao martyrio e decretou-lhe a apotheose da escravidão. Ella era excluida do banquete, elle a chamou á mesa de sua communhão; estava decahida de toda especie de direito á gloria, elle a coroou com a aureola.

Presentemente a mulher tem recobrado na sociedade o logar que a Bibia lhe assigna, ella é a companheira do homem, ella participa

(*) Os Egypcios chegaram ao mesmo fim sem se servirem das grades de ferro dos harens; elles decretaram que nenhuma mulher poderia sahir á rua sem ter os pés calçados e prohibiram sob pena de prisão, aos sapateiros de fazerem calçados para ellas, fosse de que qualidade fosse.

Os Chins procederam ainda de melhor modo para conseguirem o metmo fim; elles persuadiram ás suas mulheres que a pequenhez do pé he um dos elementos principaes da belleza; por isso estas pobres creaturas entregam contentes suas filhinhas ainda tenras para que lhes sejam quebrados os pés em um torninho afim de não crescerem. Desta maneira ellas mesmas preparam seu captiveiro, porquanto, não podendo ter-se em pé por muito tempo, tambem não podem sahir á rua.

de sua vida, de seus trabalhos, de seus pensamentos; sua intelligencia desenvolve-se no meio das mesmas condições moraes que a de seu companheiro, por conseguinte tem direito a uma educação tão desenvolvida quanto a deste.

Mr. Pascal Ramé tratando da necessidade da educação das mulheres exprime-se da maneira seguinte:

« Hoje não é mais permettido encerrar a mulher nos cuidados materiaes do lar domestico e crer que a castidade e a virtude em nossa época consistem, como no tempo de Lucrecia, em fiar lan e não sahir de casa.

« Se os deveres moraes que a natureza e a consciencia impõe á mãe o á esposa são tão severos quanto erão outr'ora, cumpre reconhecer que o progresso dos tempos tem exercido bastante influencia sobre as qualidades de seu espirito, sobre essa intelligencia tão delicada e tão sensivel, que é um dos attributos mais notaveis de sua organisação.

« A mulher tem-se tornado a alma das reuniões escolhidas, seu predominio tem-se muitas vezes exercido nellas em largas proporções; por ventura no meio de um circulo de homens distinctos, de espiritos graves e profundos, póde ella ignorar as coisas que todo o mundo sabe, e ser constrangida a guardar um silencio ridiculo quando se falla em sua presença de litteratura, de arte, de sciencia? Porventura póde ella ignorar a historia de seu paiz, e os elementos principaes dos conhecimentos humanos?

« E na familia não é ella quem imprime na intelligencia de seus filhos a primeira impulsão? E para dirigi-los nos annos da infancia, não convém que seja instruida, que sua intelligencia tenha sido formada por uma educação extensa, e que sua moralidade tenha sido fortallecida pelas luzes da razão e da fé, não dessa fé supersticiosa e ignorante, mas dessa piedade esclarecida e sincera, que nasce de uma instrucção solida e que fortifica a virtude?

« Tão aborrecivel é a mulher pedante, quanto é estimavel a mulher instruida sem affectação; ella é um thesouro para aquelles que a communicão, uma felicidade para as sociedades que frequenta. »

Mas, dizem muitos, a mulher é physica e moralmente predestinada para exercer na familia uma ordem de funcções, outra que o homem. O homem, activo, robusto, obra no exterior, trabalha ao sol; a mulher, delicada, amorosa, cria o filho e administra a casa.

Concordamos com isso, mas pedimos que nos seja permittido perguntar com o escriptor que deixamos citado em primeiro lugar: Porventura para criar seu filho, para formar-lhe a alma dia por dia, para derramar-lhe não o leite do corpo, pois esse é nada, mas o leite do espirito, será preciso á mulher menos intelligencia do que ao marido, fabricante ou mercador, para vigiar sua machina, para fazer suas compras e vendas, para regular suas contas? Cremos que ninguem se attreverá a dizer que sim.

Entretanto qual é a educação que entre nós se dá as raparigas? Em vez de se lhes ensinar o que é necessario para a vocação severa da maternidade, ensina-se-lhes, quando muito, a tocar, a cantar, a dansar, a desenhar, finalmente ensina-se-lhes somente o que pode se duzir, encantar e conseguintemente abreviar a distancia que as separa do matrimonio. Parece que só isso se tem em vista, como que se, concluido este acto, seu destino ficasse esgotado, sua vida acabada!

Um tal erro não deve continuar; em vez de receber uma educação, por assim dizer, de passagem, que só corresponde na vida a um minuto, a mulher deve receber uma instrucção que radie igualmente sobre todas as horas de seu destino; ella deve fortificar sua alma pelo estudo, não só para saber livrar-se de laços que lhe armão os máus, senão tambem para poder convenientemente educar seus filhos, aconselhar seu marido nos casos difficeis, consola-lo nos adversos, e preparar de antemão para si propria uma dignidade para a velhice.

Convencidos pois de que concorrendo para a educação de nossas bellas e amaveis patricias, fariamos um não pequeno serviço á sociedade brasileira, propozemo-nos publicar um periodico neste sentido, o qual, para conformar-nos com o preceito de Horacio de ajuntar ao util o agradavel, resolvemos dividir em duas partes, parte instructiva e parte recreativa. Na primeira iremos dando em forma de dialogo e em artigos separados os conhecimentos que uma senhora deve ter para poder dizer-se instruida e bem-educada; isto é, iremos apresentando de modo proporcionado á comprehenção de nossas leitoras, desenvolvimentos mais ou menos extensos sobre a historia sagrada e profana, sobre as sciencias naturaes e positivas, sobre os direitos e deveres proprios da mulher, sobre litteratura, etc., etc. A segunda conterá poesias, romanses, dramas, contos para os meninos, (*) anedoctas, jogos de prendas e receitas uteis e curiosas.

Este periodico sahe duas vezes por mez, etc.

MISTERIOS DEL PLATA.

ROMANCE HISTORICO CONTEMPORANEO.

> Com o mundo começou uma lucta que só com o mundo mesmo acabará; não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.
>
> MICHELET, Historia de França.

Chegados em frente ao café, os tres embuçados pararão, e o mais alto, que ia adiante, afastando um bocado a capa, lançou prescrutador olhar para o interior da saleta do balcão.

Dois marujos sentados ao pé de uma meza

(*) A infancia he avida de contos, por isso querendo habilitar as mães para satisfazer esta, por assim dizer, necessidade de seus filhos, resolvemos dar em nosso periodico contos moraes e instructivos appropriados a estas idade, afim de que ellas não se vejam obrigadas a contar-lhes historias de cabra cabriola, de Maria borralheira e outras, das quaes nenhum proveito tiram estas tenras e amaveis creaturas.

finalisavão tranquillamente sua ceia: ambos erão rapazes e da rude vida do mar, e ambos possuião o distinctivo sello.

Máu grado a igualdade do trajar, um daquelles homens era o superior do outro; não só em posição social, como na intelligencia e bizarria que revelava sua larga testa e seu olhar sereno e brilhante.

Homens do póvo, tinha o ar de distincção que é fructo particuliar da educação e da intelligencia.

Era o typo dos homens de uma época, da qual talvez nos separarão ainda alguns seculos.

Os marujos beberão apressados os ultimos goles de vinho que ainda restavão nos copos, e levantando-se da meza ajustarão a sua conta com o dono da casa, depois acenderão seus cachimbos e se dirigirão á porta da rua.

— Adeus Sr. Lostardo, até a volta, Deus seja na sua guarda! disse o dono da casa, dirigindo-se ao mais notavel dos dois moços.

— Deus ouça seus votos: respondeu o marujo, com um muito pronunciado accento Genovez.

E sem mais ceremonia abrirão a porta e começarão a descer a rua em direcção ao *Caes de Laffon*; resoando apenas na rua silenciosa os tacões dos seus sapatos ferrados, nas lizas e grandes lages da calçada.

Os tres embuçados seguião os marujos a certa distancia, e com tal receio e discripção, que parecia que andavão nos bicos dos pés.

Pouco antes de descerem ao cáes, o mais alto fez aceno imperioso a seus dois mudos companheiros que ficarão de vigia, e elle só continuou seguindo os dois marujos.

Cáes de Laffon! quantas vezes sentada nos degraus das tuas escadas, não fiquei horas inteiras com a mente submersa em mil illusões, que a rude mão do tempo ha desfolhado sem piedade!

Quantas vezes, acompanha la de um caro amigo, que já descança no seio de Deus, ali fui gozar das tardes serenas do Plata, e misturar-me com a vaga tumultuosa que te percorre durante o dia!

Aprazia-me o vigor do movimento mercantil, divertia-me a multidão de homens de todas as nações, esse *brulaha* em todas as linguas!

Era ali o receptáculo do cosmopolitismo, e aquelle que crusando seus largos passeios, quizesse definir a nacionalidade do paiz, onde se achava, fortemente embaraçado havia de encontrar-se!

Tal era o cáes de Laffon durante o dia, e tal se conservou até 1842.

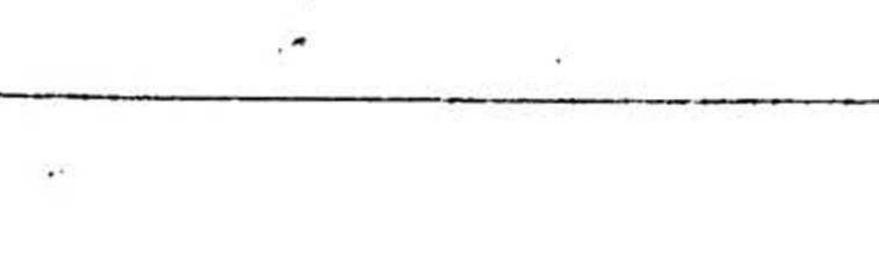
Nos momentos em que o leitor nos acompanha á aquelles logares, o movimento mercantil cessára, o cáes está deserto e silencioso.

As rajadas da brisa do mar trazem o écho da rustica cantiga do pescador, que canta ao longe; bramão as ondas que arrebentão de encontro á muralha, e as vezes o rumor monotono da voga dos remos de algum bote vem misturar-se a estes outros ruidos da solidade.

A vóz do *Sereno* que repete as horas, e o *alerta* das sentinellas que guardão a costa, interrompem tambem por intervallos o silencio da noite n'aquelles sitios.

(Continua.)

Acompanha a este numero a estampa com os moldes do corpinho do ultimo figurino que apresentamos, e mais alguns riscos de differentes bordados, a ponto inglez.



JORNAL DAS SENHORAS

Publica-se todos os Domingos; o primeiro numero de cada mez vae accompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Snrs. Wallerstein e C. n. 70, A. e F. Desmarais n. 86, Moncir n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia Parisiense, rua Nova do Ouvidor, n. 20.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mensionadas.

Preço da assignatura: Por tres mezes, 3$000 rs. na côrte, 4$000 rs. para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro.—Typographia Parisiense, rua Nova do Ouvidor n°. 20.

TOMO I. — DOMINGO 15 DE FEVEREIRO DE 1852.

O JORNAL

DAS SANTAS

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

MODAS.

É uma verdade incontestavel — o barato sáe caro. —Este axioma é rasteiro, mas não admitte questão, porque os factos fallão bem claro.

Compramos uma fazenda, muitas vezes bem bonitinha, que nos custou pouco dinheiro; e porque não queremos que o feitio importe em mais do que ella, ahi vamos entregal-a com 14 ou 20 covados ás mãos de uma *desconhecida* com arrufos de modista, a qual por *muito baratinho* nos prepara um vestido, e, por *muito baratinho*, nos deixa ficar mettidas em um montão de pregas e pápos e deffeitos, que Deus não nos deu, mas emprestou-nos a nossa mal entendida economia.

Daqui resulta ir de novo o vestido a concertar, fazer e refazer-se, e por fim nunca mais toma geito, e perdemos a fazenda, o importe, o feitio e a paciencia, tudo isto porque não quizemos que o *feitio sahisse mais caro que a fazenda!* Deixamos por tanto de possuir de uma fazenda bonita e de pouco dinheiro, um vestido bem acabado que representaria pela elegancia do seu talho muito mais do que elle vale, para passarmos pelo dissabor de não irmos ao baile, ou a outra qualquer reunião interessante, porque o vestido sahira mal feito das mãos da costureira, que *leva pouco dinheiro de feitio*. Faz morrer de raiva!

Quantas bellezas gentis e fascinadoras confundem a sua natural elegancia por entre os vestidos mal talhados e contrafeitos!

Quereis vel-as em toda a sua completa gentileza? ide á sua casa; o seu vestuario caseiro assenta-lhe perfeitamente bem; ella está livre, o seu corpo não se volta arrochado e com dificuldade entre os apertos de um mão espartilho; e quereis saber? O vestido é feito mesmo em casa. E não é melhor assim?

Não é bem entendida aquella economia, porque paganos com o corpo o pouco que a algibeira suppõe economisar; e o que é ainda peior, é passarmos por mal-vestidas, ou por mal feitas.

As nossas criadas, que em geral são pretas, tambem cooperão em grande parte para isso: sem nenhuma experiencia e sempre materiaes, ellas não sabem distinguir com olhar caprichoso o vestido bem feito do mal feito, e quando são consultadas ao toucador, onde muitas vezes sua senhora não se pode ver por detráz, respondem com todo o seu materialismo — *está bem bom sim senhora* — e a moça sáe d'ali convencida de que está bem vestida, porque só se preparou por diante, e o resto confiou aos cuidados da mucamba.

A elegancia de um vestido está em o bem talhado do seu corpinho e na sua cintura bem calculada; um maior ou menor numero de pregas tomadas na roda da sáia que não guardem proporção com o corpo e a largura dos hombros, isso só será bastante para que a moça não fique bem vestida.

Se ella for gorda por certo que os seus vestidos e os seus enfeites devem soffrer uma modificação em todas as suas dimensões e caprichos, os quaes se alterão pelo contrario em *nós magrinhas*, guardando sempre, como levo dito, as competentes proporçoes.

No tempo em que foi moda em Paris a cintura despropositadamente comprida para *certas moçoilas*, o mundo elegante já mais lançou mão de semelhante desproposito, porque, perspicaz e atilado, para logo anteviu as suas grandes inconveniencias; e o que fez? conservou a moda, mas conservou-a na altura que lhe foi mais commodo. No Rio de Janeiro porém outro tanto não aconteceu; todos usarão cintura comprida, quer pudessem, quer não pudessem, e por tanto tempo predominou esta moda, que hoje, usando-se a cintura um pouco mais curta, ainda ha entre as nossas elegantes algumas que preferem *a moda velha*, allegando para isso o custume em que já estão. Tal é a fôrça do uso que nos faz habituar, até aos soffrimentos!

Soffrimentos, digo eu, porque não entendo que a cintura da maior parte das moças possa descer do seu natural tres ou quatro dedos, sem que ellas soffrão, e soffrão muito, o arrocho do seu espartilho, o qual, se não for ajustado ao corpo guardando-lhes as fórmas naturaes, certo que as deixará ficar comprimidas em todos os seus movimentos. Um mal feito espartilho tambem contribuirá muito para esse estado mortal.

Eu nunca segui o extremo da moda por essa razão; acompanho nesse ponto as elegantes parisienses, que talhão-na segundo as melhores conveniencias: se a cintura é curta de mais e encommoda-me, colloco-a mais abaixo; se é comprida e tira-me o talhe do corpo, vae mais para cima, e sempre ando á moda sem molestar-me e sem dar-me ao trabalho de a copiar polegada por polegada.

Ha muito tempo que os manteletes estão em moda sempre com proveito e bons resultados; não se pode duvidar que é moda bonita e elegante; mas nesse intervallo os manteletes têem feito diversas mudanças, e eu ainda vejo alguns, novinhos do trinque, pelo molde dos primeiros que se usarão! De que provem esta confusão? Não será pelas razoes que acabei de expor?

Vos direi que os manteletes da moda são os de ponta de chale, atraz, costura nos hombros, e de pontas adiante. Estes manteletes fazem-se pequenos e são acrescentados por uma ou duas ordens de renda de lã, larga, ou de *guipure* de seda, preta, ou da mesma côr da seda do mantelete. O molde porém mais moderno é o do — mantelete manta — sem costura nos hombros, redondo atraz, e de pontas adiante, guarnecido de renda larga de seda bordada de —, *jaspo*. Este feitio não sómente é o mais moderno, como tambem é o mais apropriado para a estação em que nos achamos, pela razão de fazer o effeito de uma manta e deixar os hombros inteiramente descobertos. Os de seda furta-cores sempre são os mais preferidos.

Acima porém de todos estes, estão com toda a preferencia os manteletes de renda preta, que são sem duvida alguma os de mais bom gosto e os mais ricos.

Adeus por esta vez.

Catette, 13 de Fevereiro.

Estudos sobre a Educação.

(Continuação.)

Antes de desenvolvermos as nossas idéias sobre a educação, queremos fixar e estabelecer clara e precisamente o sentido da palavra — Educação. Pouco extenso é o numero d'aquelles que se dão ao trabalho de analyzar e comprehender sua importancia, e que, dos preceitos são de uma moral bem estabelecida e solidamente baseada, pretendão differençar-lhe os erros. A educação soffre o destino de todas as doutrinas que tendem á realisação do porvir

da humanidade: está reduzida a uma palavra que se pronuncia sem comprehender-se primeiramente o que ella quer dizer.

O que deveremos pois entender por educação?

Quaes as bases sobre que deve versar esta doutrina?

Entenderemos por educação essas habilidades agradaveis ou frivolas, que ornão de leve o espirito sem illustral-o?

Entederemós por educação esse verniz polido e brilhante, de maneiras calculadas, que fazem o distinctivo do homem de sociedade?

Entenderemos por educação o trajar mais ou menos elegante dos individuos?

Entenderemos por educação os proprios conhecimentos artisticos ou scientificos que adornão um individuo, e que as vezes o denotão como um homem de talento?

Não, mil vezes não.

A educução não é uma palavra.

É um principio que não entende só com o espirito. O seu pedestal é o coração: a educação é o aperfeiçoamento moral e intellectual do individuo; a educação é a nossa segunda natureza e a pêa das más paixões.

A educação é a rectidão, a honra, a justiça, a probidade, é o verdadeiro conhecimento dos nossos deveres para com os nossos semelhantes e para com nosco.

A educação são as nossas acções, é o nosso procedimento.

Vesti um homem de ouro, collocai-o em um palacio, se o seu proceder for máu, jamais será um homem de educação.

Entendemos por base unica de toda a educação—A RELIGIAÕ, O AMOR A DEUS— symbolisado na humanidade.

Toda a formula religiosa nos é necessaria, porque não ha natureza humana, por destituida de intelligencia que ella seja, que não sinta a necessidade da poesia e do maravilhoso, que não procure a realisação destas duas bellas instituições divinas, já nas tradicções populares, já no formulario religioso; porque a religião é outra necessidade inherente ao coração ou ao espirito, onde quer que colloqueis os sentimentos, as paixões e os instinctos. D'aqui porém não deve concluir-se que o ensino religioso se encerra no habito de suas formulas.

A educação, entendemos nós, deve despertar e desenvolver no coração o imperio da consciencia, para que ella dirija as nossas acções reprovando os más, e auxiliando-nos com a força moral no difficil desempenho das virtudes e d'aquelles deveres, que as vezes vão de encontro ou ás nossas paixões ou aos nossos interesses.

Emprehenda-se a educação da mocidade ensinando-se-lhe, por meio de uma linguagem pura, a fallar com a alma e com as acções ao Supremo Creador do Universo. Ensinae-lhe a doutrina da verdade, ensinae-lhe a respeitar a virtude e a intelligencia, porque são atributos divinos; dizei á mocidade — não ha se não uma maneira de amar a Deus: praticando a *caridade*; realisando em todas as fazes de nossa vida as divinas palavras do Mestre dos Apostolos.

Não fazer aos outros aquillo que não dezejamos para nós.

A indulgencia com os deffeitos alheios; a prudencia e a paciencia com os máus, deve ensinar-se praticamente, desde os mais tenros annos da mocidade.

Uma falta sensivel nos estabelecimentos de educação é sem duvida a de um livro que esteja ao alcance da intelligencia das crianças, e que contenha os principios de que fallamos; livro não escripto para ser lido, mas sim para ser praticado; livro em fim que incluisse as bases sobre as quaes deve fundar-se a educação, que servisse de estudo aos mesmos professores.

Trememos apesar nosso quando vemos a indifferença com que é olhada a educação!

Trememos quando nos lembramos que os exames dos professores são apenas a analyze de certos conhecimentos vulgares, e que nunca se indaga uma palavra, nem sobre os sentimentos, nem sobre o comportamento d'aquelles individuos encarregados de tão ardua e difficil tarefa!

Trememos quando vemos chegar um estrangeiro, que ninguem conhece as vezes, e abrir um colegio com a mesma facilidade com que abrira um botequim!

E ninguem lhe pergunta nada! ninguem indaga se essa creatura tem comprehendido as necessidades da sociedade, nem as maneiras porque elle interpreta — a educação!

Um collegio é uma especulação como outra qualquer — nada mais!

Fallem os meninos inglez, ou francez, chegue um dia em que nem o filho entenda o pae, nem o pae entenda o filho, e (oh! ventura!) a educação será completa! *(Continua.)*

ESTUDOS.

Primeira lição.

Se o permitirdes, minhas queridas leitoras, vamos começar uma serie de lições bem explicitas, e que com toda a possivel clareza hão de conduzir-nos ao fim a que eu me tenho proposto.

Na verdade aquillo que eu vos dicer é mais fructo da inspiração e de minhas proprias reflexões, do que obra de aturado calculo sobre os livros.

Já fui muito affeiçoada á leitura; depois que aprendi a horrivel sciencia de ler no coração humano, prefiro-a á dos livros.

Este mundo é um livro aberto para quem nelle quizer estudar os homens, os acontecimentos e a verdade.

Por isso francamente vol-o digo, não possuo profunda erudição, mas para attingir os meus propositos, que são a vossa *verdadeira* illustração, podem servir muito bem os meus pequenos conhecimentos.

Ora vamos nós tratar de assumpto muito sério.

Vamos tratar, nada menos, que da definição de uma palavra.

A Philosophia! Deus nos acuda! que proferi! o dragão das sete cabeças é menos assustador, que a idéia, de que as mulheres possão comprehender o sentido desta palavra, que não haverá quem chame o — *Coco dos meninos!* —

Quantas applicações tão diversas não soffre esta infeliz palavra!

Ve-se um sujeito, deleixado, ás vezes *pôrco*; está dito, aquelle é um Philosopho!

Ve-se outro, maniaco, amigo de andar sentando-se nos cantos, amigo de passear sozinho e de vagar: está Philosophando!

De maneira que, para o vulgo, a Philosophia não tem a sua verdadeira definição.

Vamos nós então saber o que vem a ser a Philosophia.

A Philosophia é a coisa mais simples do mundo.

E' uma sciencia dividida em tres partes.

A 1ª. trata do conhecimento de nós mesmos — O estudo da nossa alma; a analyse das nossas faculdades moraes, dos nossos sentimentos, paixões, sensações e impressões.

Já vedes que esta primeira parte nada tem de *medonho* e de impossivel, que não possamos comprehender, porque não ha nada mais simples.

Possuimos *uma alma* emanação do Creador. — Esta alma, cujo organismo invisivel pode comparar-se ás molas e rodas de um relogio, é o principio de todo o conhecimento; por isso o estudo de *nós mesmos*, será sempre a base de qualquer outro estudo que emprehendermos. —

Uma vez separados do mundo exterior e recolhidos em nós mesmos, o primeiro facto que comprovamos é o da nossa existencia pelo-Eu.

Depois sentimos a consciencia que nos adverte de todos esses phenomenos, ou sensações singulares, que sentimos sem poder explicar.

O testemunho da consciencia é irrecusavel; nos juisos do espirito pode admittir-se o erro; mas n'aquillo que a nossa consciencia nos demonstra pela dôr, pela alegria, pelo remorso, ou por outra qualquer das emoções moraes, não ha engano — porque todos nós, *sentimos — como sentimos*.

A consciencia é applicavel á intelligencia tambem; e ella da-nos a tacita convicção da nossa liberdade *moral e intellectual*.

Esta liberdade vem a ser.

O livre alvedrio — ou livre arbitrio.

Já vedes que, se Deus nos quiz dar estas faculdades todas, a culpa não é nossa; porque elle não nos fez como o Polypo?

O livre — alvedrio — Não é o desenfreio das paixões como não faltará quem assim o interprete. Não é praticarmos as nossas vontades, contra a razão e contra a justiça; nem em opposição aos nossos deveres, nem de encontro ás convenções da sociedade.

O livre alvedrio, ou para melhor dizer, a liberdade d'alma humana, é um prezente da inefavel bondade do Creador, pelo qual nos deixa a escolha dos nossos pensamentos, das nossas affeições, que só recebem a lei da sympathia ou attracção; liberdade que uma vez verificada pelo facto intimo da consciencia, nos inspira a dignidade de toda a creatura que comprehende, que existe, pensa, e sente de per si.

Quatro horas e meia da madrugada — é tempo de dormir — Na proxima lição continuaremos a nossa tarefa — Lede, reflecti, e comprehendereis esta lição. *(Continuar.)*

A SEMANA.

(Continuação.)

A semana por tanto é tristonha e amornada para os taes sujeitos. Vispora, não prestou para nada.

JORNAL DAS SENHORAS

BIBL. NAC.E PUBL. DA CORTE

SOUVENIR

por

F. J. Noronha

1a 2a

est pa ssé sans re tour Oh! Sou ve-- tour si ji poa-

--vais la --- voir en --co..re Comme autre fo --re du prin-

..temps Je le ver rai Ah! je t'a do..re je Sui le

ma..lheur des a..ments

Sa bouche Si rose et belle
Me repetait qu'elle m'emait
Que sa flamme et ait eternelle
Que notre amour etait parfait.

BIBL. PUBL. DA CORTE-REAL

JORNAL DAS SENHORAS

Dez.ª de Ernesto Pinto

Canto para Lenço

Bordado Inglez p.ª calças de cores

Costas

Coroas para bordar nos lenços

Conde

Duque

Marquez

Lado dianteiro

Touca

Bordado Inglez para saia

Fundo de touca

Canto para Lenço

Canto para Lenço

GR 15x

Pois eu não penso assim; conheço que sou exquesita nesse particular, mas é meu gôsto. Penso por outra forma mui differente, segundo o meu genio e o *lamiré* que me dá a orchestra deste mundo. Vejamos. A semana para mim é alegre:

Se durante os seus séis dias houve bom tempo, claro e fresco, que é para não se alterar o meu *rheumatismo*, de cuja enfermidade estou soffrendo agora, graças *a gota* do meu santo esposo, que em moço, dizem, que foi um *santo rapaz*:

Se todas as familias com quem me vesito passão bem de saude, que é para lhes comer os bolinhos e tomar-lhes o chá, dansando cantando e conversando:

Se os maridos não brigão com as mulheres á minha vista, que é para não me ver eu tonta depois entre elles, que me chamão ao mesmo tempo para lhes eu dizer qual dos dois teve mais razão: naturalmente todos dois, porque *em briga de marido com mul er ninguem se deve metter*;

Se á luz veio algum *ne-ne*, cujo baptizado se ha de fazer com função historiada e convites á côrte, que é para eu mandar fazer mais um vestido bonito: gosto muito do passeio que faço no dia que vou provar um vestido.

Além disto tambem gosto da semana cheia de bailes, partidas, theatros, cavalinhos, touros, carneiros, galinhas e perús.

Gosto da — *Regata* — a qual vem a ser uma apposta entre muitos, em que ganhão muito poucos, em botes a remar, até ver qual chega primeiro ao ponto marcado, cubertos de gloria os que ganharão e lavados de suor e raiva os que perderão.

Gosto das *corridas* dos *malacaras*, *malacarinhas*, *piparotes*, *andorinhas*, e outros nomes inglezes, francezes, turcos e alemães dos cavallões, cavallicoques e cavalinhos, que teem dado á perna muito bonito no Prado fluminense, logar onde não posso estar séria por mais que queira; muito me rio e me divirto á custa dos Snrs. homens e seus bucefalos; mas é só d'aquelles que querem e não podem, isto é, que querem ser cavalleiros e não sabem andar a cavallo. Ora a graça de apresentarem ali um cavallo penteado á Stuart, não é de tanto espirito? Não vos parece que em tal caso seu dono por um triz que não nasceu da mesma especie? Eu penso que sim.

(Continua.)

Linguagem das Flores.

(Continuação.)

ATTRIBUTOS DE CADA HORA DO DIA ENTRE OS ANTIGOS.

UMA HORA. — Um ramilhete de rosas abertas.
DUAS » — Um ramilhete de héliotropo.
TRES » — Um ramilhete de rosas brancas.
QUATRO » — Um ramo de hyacinthos.
CINCO » — Alguns limões.
SÉIS » — Um ramilhete de lothus (lodão).
SETE » — Um ramilhete de lupinos.
OITO » — Laranjas.
NOVE » — Folhas de oliveira.
DEZ » — Folhas de álamo,
ONZE » — Um ramilhete de malmequeres.
DOZE » — Um ramilhete de amores perfeitos e violetas.

Observações.

Para substituir os hyacinthos, que são raros no Rio de Janeiro, indicamos as Grillinias; e para designar *dia ou nôite* enlearemos cada emblema com um ramo de Ipomea para indicar as horas do dia, ou lhe ajuntaremos um ramo de maravilha para as da noite.

Achão-se no estabelecimento de horticultura de J. Rufino R. V. em S. Christovão, todas as plantas ou flores emblematicas descriptas nos nossos artigos.

DAS ROSAS.

ROSEIRA. *Lin.* (*F. rosaceas*).

ROSA-BELLEZA.— Não ha flor que tenha sido mais procurada e exercitado geral admiração, como seja a ROSA! Citada em muitas passagens da biblia como typo da graça, da belleza, glorificada por todos os authores gregos e latinos, celebrada por todos os poetas que com justiça lhe chamão — filha do Céo, ornamento da terra e gloria da primavera, tem sido em todos os seculos, em todos os tempos objecto de attenção e de cuidados entre os povos civilisados.

E porque tem a rosa obtido e conservado, até o presente, o bello titulo de rainha das flores? E' porque reune todas as perfeições, que se podem desejar em uma flor. A seductora

tafularia do seus botões, a elegante disposição de suas petalas entre-abertas; o contorno gracioso de suas flores abertas lhe dão a maior belleza. Não ha perfume mais suave e mais doce, que se lhe possa comparar; a rubra cor imita o rosto animado das bachantes, ora sua alvura virginal torna-se o emblema da innocencia e da candura.

Cultiva-se a roseira desde a mais remota antiguidade. A rosa cem folhas, a mais perfeita das rosas, cuja origem se perde na noite dos tempos, é devida evidentemente á cultura. A maior parte das especies selvagens, successivamente amelhoradas, produzirão pouco a pouco grande numero de variedades, que, sem offerecerem a regularidade e a perfeição symetrica da cem folhas, são sem duvida alguma de effeito mais artistico, por sua disposição mais comprimida e elegante.

A amadora que quizer possuir uma rica e escolhida collecção de roseiras deve procurar os melhores typos em cada raça.

A rosa é o emblema de todas as idades; a interpetre de nossos sentimentos, é se entremette nas nossas festas, nas nossas alegrias, e nas nossas dores. O Jubilo coroa-se de rosas, o casto pudor serve-se de seu delicado nacar, e a comparão á belleza; da-se por preço a virtude; é a imagem da innocencia, do prazer e da juventude, dedica-se a Venus e é rival da propria belleza; como ella, possue *a graça mais bella ainda, do que a belleza.*

(Continua.)

Um jantar em dia de annos.

Achava-me no anno de 1845 em certa cidade que agora não é preciso nomear. Tinha levado muitas cartas de recommendação, e entres ellas uma para um sujeito d'aquelles que pertencem n'este mundo ao numero dos entes felizes; era rico e gozava da reputação de engraçado, de traquino. Fallando-se delle dizião: « Fulano? Jesus, que judeu; onde elle está ninguem fica serio. » Com effeito, o tal homem fazia esforços sobre humanos para conservar sua reputação de homem de espirito; se entrava n'uma sala, fazia muitos rapa-pés, muitas mesuras, muitas caretas; se pilhava uma cadeira meia descollada, esfrangalhava-a; outras vezes, acabando de tomar chá, atirava com a chicara para o tecto, dizia elle para ver o que faria a chicara ven lo-se em taes alturas; vezes havião em que dava-lhe para apagar as velas, etc. De conseguinte onde elle estava, não se esperasse conversação seria, nem aquelles gozos da boa educação, em que uma alegria tranquilla e bem feitora, differe tanto dessas rizadas, desses gritos, dessa alegria frenetica e tumultuosa, tão semelhante a embriaguez. Pois este santo homem lembrou-se de dar um jantar no dia de seus annos, e fez-me a honra de convidar. Não foi sem susto que aceitei; porque, fallando a verdade, sempre gostei pouco de gente que se empenha em ser engraçada, e que suppõe que todos estão de humor para aturar gracejos, que nunca podem passar de tolices. Aceitei pois, com a mesma resignada submissão com que aceitaria uma penitencia. Chegou o dia fatal, e fui a casa de um amigo do tal homem, o qual me devia acompanhar; lembro-me que trajava como deve trajar um individuo que se apresenta n'uma casa pela primeira vez. Assim pois, logo que o tal amigo me divisou, poz-se a gritar:

— Homem, que é isso para que veio você de casaca?

— Pois então, como havia de vir?

— Como? de jaqueta, homem de Deus!

— Porém, redargui ainda, isso não seria bem feito; é a primeira vez que lá me apresento, e.....

— Jesus! que asneira! que etiqueta! Qual! é melhor que você vá de jaqueta, porque o jantar é de confiança.

— Mas, Sr. F... veja vm. que não são as abas de minha casaca que hão de impedir a confiança.

O patusco que era da laia do que dava o jantar, não me respondeu; enfiou-me o braço, e lá subimos a um 3° andar! Ah! desestrado de mim! antes fosse em mangas de camisa! Assim que me avistarão, começou um barulho, uma gritaria.... e, sem ouvir-me sem attender aos meus rogos, metterão-me n'um quarto, tirarão-me a casaca e introduzirão-me por força n'uma jaqueta do dono da casa, que bem podia servir de dominó n'um dia de carnaval. Em fim escapei das mãos d'aquella boa gente, que entende que só se pode divertir quem está de jaqueta; assim mesmo dirigi-me á sala para fazer os meus comprimentos a dona da casa; aqual não estando ali, logo suppuz que estaria na cosinha; porque, se as pretas estavão em signo de leão, que outro remedio que

ir a cosinha e fazel-as andar á força de palmatoria ou de vergalho? Com tudo, por esta vez até esse calculo foi errado; a pobre senhora estava lá dentro tendo um menino, e suffocando seus gemidos para não perturbar a festa. Estavamos no rigor do verão, e a nove gráus do equinocial; quero dizer, o calor era quasi insupportavel: pois nem por isso estavão socegados um momento. Danse-se a polka, era e brado geral, brado impio e nefando, obrigar um cristão a pular e mexer-se, quando por sua vontade ficaria quieto e socegado! Por fim chega a hora de jantar: já se sabe que havia quarenta convidados em mesa de vinte talheres! Que algazarra! que gritos! que barulho! Lá vem um que quer trinchar, e borrifa os visinhos com o molho da galinha; outro que dá com o cotovello n'um copo e envia seu conteudo ao vestido de uma senhora, que em vão procura disfarçar sua sensibilidade; seus olhos buscão o irritado esposo, que ao mesmo tempo que ri e folga com os outros, atira um beliscão ao braço da desditosa metade. Ah! o que a aguardará de noite lá em casa?, infeliz! Ai! que é isto? É uma criança que vem por debaixo da meza pedir doce e com a sua innocencia vai agarrando todas as pernas sem perguntar de quem são. E este outro sujeito que logo que engole un bocado toma uma gigante pitada, e que no meio de uma risada lhe principia a pingar do nariz certo liquido desagradavel?... Por fim acabou-se de jantar, e fomos para a sala. Polka, a polka, gritarão todos. Ah! tregua, piedade! Nada, nada, polka para digerir o jantar! Em fim, pude escapar-me e correr para o meu hotel, onde jurei não aceitar convite algum para jantar, com medo das jaquetas e das polkas.

POESIA.

UMA MANHÃ NO COSME VELHO.

SONETO.

Como surge tão meiga a bella Aurora
Em carro de saphiras reclinada!
Como a vasta campina matisada
Ostenta capricliosa os dons de Flora!

A celeste Diana já descora
No horisonte, fugindo envergonhada,
Em quanto ao lindo albôr da madrugada,
Da noite o negro manto se evapora.

Ali, trina o canario docemente,
Terna fonte saudosa, aqui murmura,
E o rio se esperguiça mansamente.

Quanto é bello o sorriso da Natura!
Que enlêvo de prazer meu peito sente
Contemplando do prado a formosura!

Analia.

PARODIA.

Si eu fôra dos bosques o écho saudoso,
Teu nome adorado faria soar;
Si eu fôra da briza seu leve bafêjo,
Teu meigo semblante iria beijar.

Si eu fôra dos campos o lirio innocente,
Quizera em teu peito meu brilho ostentar;
Si eu fôra dos céos um astro brilhante,
Em teus lindos olhos me havia mirar.

Si eu fôra rainha do orbe terrestre,
Humilde a teus pés me havia curvar;
Si eu fôra do Olympo a deosa formosa,
Comtigo na terra quizera habitar.

Si eu fôra das musas a filha querida
Si a lyra de Sapho podesse pulsar,
Teu raro talento, teu estro sublime,
Nas cordas de ouro, me viras cantar.

Porém não sou écho, nem briza suave,
Nem filha das musas, nem astro a brilhar;
Sou novel trovista, que, longe do Pindo,
Teus versos eximios não pode imitar.

Analia.

O. D. C.

a minha querida amiguinha Eulalia Theodora de Noronha.

Aceita cara amiguinha
Estes versos mal formados,
Que por meiga sympathia.
Forão elles inspirados.

. . . . . .

Desabrochando no prado
Vermelho botão de rosa,
E' menos bello que o rosto
De minha Eulalia mimosa.

Se ao romper douradas nuvens
A fresca aurora é formoza
E' mais linda em seus sorrisos
Amiuha Eulalia mimoza.

D'alva a estrella, scintillante
De todas mais preciosa,
Brilha menos do que os olhos
De minha Eulalia mimosa.

Mesmo quebrando o silencio
Som da frauta maviosa,
E' menos doce que a voz
De minha Eulalia mimosa.

Ave de Venus querida,
Meiga rolinha amorosa,
E' menos candida e bella
Que minha Eulalia mimosa

Innocente como os anjos
Como elles graciosa,
Exmalte da natureza,
E' minha Eulalia mimosa.

MISTERIOS DEL PLATA.

ROMANCE HISTORICO CONTEMPORANEO.

Com o mundo começou uma lucta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.

MICHELET, Historia de França.

(Continuação.)

Chegados ao Cáes os marujos dirigirão-se ao logar onde seu bote ficara amarrado.

Depois de alguns momentos de investigação o inferior de Lostardo dice em genovez.

— Não o encontro! Por Deus que o roubarão!

Lostardo, aquem estas palavras erão dirigidas, ia sem duvida responder, quando se ouviu um agudo assobio, que foi immediatamente correspondido por outro igual, e quasi ao mesmo tempo uma pedra, lançada por acostumada mão, veio dar em cheio na testa do joven mestre da sumaca, *Francesca di Rimini*, o qual cahiu para logo sem sentidos e banhado no seu proprio sangue! O outro marujo, que o acompanhava, proferindo horriveis blasfemias, tratou de soccorrer o seu companheiro, porém reconhecendo que sosinho nada poderia fazer em seu favor, deitou a correr para a Capitania do Porto pedindo soccorro.

N'aquelle momento um vulto, que mais parecia arrastar-se pelo chão como um cachorro, chegou-se ao ferido e revistando-lhe as algibeiras, tirou d'ellas uma carteira com papeis, que ocultou deligente entre os seus proprios vestidos, e isto feito, foi de novo gatinhando occultar-se entre as pedras.

Outro vulto, alto embaçado e mudo, tinha sido testemunha silenciosa de todo o occorrido.

Era o sujeito alto que nós seguimos, desde a praça maior.

Poucos segundos tinhão decorrido, e já se ouvia o barulho da gente que corria em direcção ao logar onde se achava o ferido, e o tinir dos sabres dos assalariados da policia.

O companheiro de Lostardo chegou acompanhado de outros marujos, de pedestres e de mais gente.

Supponho inutil repetir aqui os dialogos que então houverão, as reflexões que se fizerão, e as desconfianças de cadaum a este respeito.

Os pedestres derão por ali uma volta, e uma busca de olhos fechados, como acontece sempre que o ferido é um pobre, e passados alguns minutos n'estas formalidades deitarão Lostardo em uma rede, e alguem pondo-se a testa da comitiva começarão a andar dizendo; — ao hospital o ferido!

A gente seguiu no meio das maldições do companheiro de Lostardo, dos comentarios de uns e das conversas indifferentes de outros: e pouco depois, quando o écho das vozes se foi sumindo e o calcar das pizadas perdeu-se na distancia, o cáes de Laffon tornou a ficar deserto e silencioso.

A primeira scena de um drama horrivel concluia n'aquelle momento, deixando apenas para recordação, o vestigio de ligeiras gotas de sangue, sobre as largas lages do cáes.

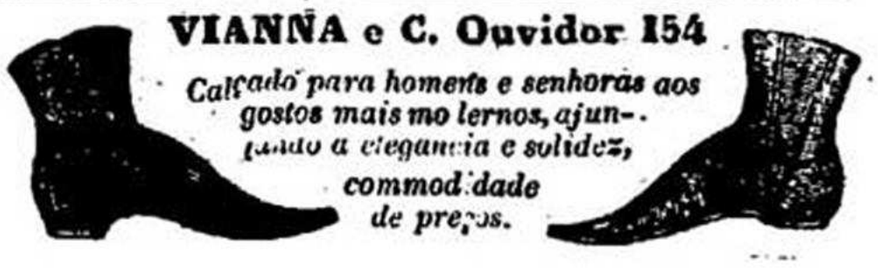
Os *serenos* repetião pela cidade *onze horas derão e o tempo vae sereno.*

« *Sentinella! alerta!* ouvia-se ao longe» *A lerta estou!* respondia o soldado, e depois tudo ficava silencioso!

(Continua.)

Com este n. offerecemos ás nossas Assignantes um pequeno romance francez, cuja musica é de muito gosto: é composição do maestro Francisco de Sá Noronha.

Vêde os numeros 1, 2, 3, 4, 5 e 6.



JORNAL DAS SENHORAS

Publica-se todos os DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae accompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado landú ou torna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Snrs. WALLERSTEIN e C. n. 70, A. E F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor, n. 20.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mensionadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA: Por tres mezes, 3$000 rs. na côrte, 4$000 rs. para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro.—Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor n. 20.

TOMO I. — DOMINGO 23 DE FEVEREIRO DE 1852.

O JORNAL

DO SEMANA

BIBL. E PUBL. DA CORTE

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

MODAS.

Um artigo de modas em Domingo de Entrudo! isso deve ser tão alegre e esturdio, tão leviano e indiscreto como o proprio dia. Que dizeis, minha querida Redactora?

De mais a mais eu não concedo que o titulo — ARTIGOS DE MODAS — absolutamente me feche em um circulo unico e me obrigue a fallar somente das sedas, das cassas, dos vestidos, dos chapeos, dos penteados e dos tentadores colletes de emancipação, que por ahi fazem do nome um *Tú-tú para metter medo as crianças*, quando a moda é tão linda e arrebatadora que em muito pouco tempo havemos de ver colletes por todas as ruas, cantos, becos, travessas, largos e praças; na forma do antigo costume, já se sabe.

Não, minha querida, a nata da moda saborearemos em dias mais tranquillos. A moda do Domingo gordo é outra rapariga, parente muito afastada d'aquella: esta cá é trêfega, desinquieta, pirracenta, experta, nada lhe está bem, cousa alguma a agrada por muito tempo; quebra! corta! pula! ri-se! molha e corre! *E de cabo,*

Os moços ficão perdidos
E os velhos todos zangados.

E' a moda em fim do Carnaval, e como tal merece os meus cortejos por muitos motivos; estou disposta, já agora, a fallar de todas as modas, até mesmo a dos *namorados modernos*; essa hade ser dividida em 3 capitulos e 4 quadros representando o estio, a primavera, o outono e o inverno da vida, assim Deus me dê tempo e paciencia... tenho pano para mangas!!

Desnecessario é dizer-vos que gosto muito do entrudo; com a vossa penetração já deveis ter acertado com este meu fraco; pois acertastes devéras. Sou uma douda pelo brinquedo dos limões de cheiro *bem cheirosos*; ora quando eu jogo um limão sobre as costas de algum sujeito conhecido que vae passando pela rua, desconfiado e a olhar para traz, e o limão faz — *póque* — bem em cheio!... dou gargalhadas a não poder mais. E se lhe acerta no chapéo e o sujeito trata logo de tiral-o da cabeça para ver onde acertou, e nesse intervallo posso jogar-lhe outro, mesmo na calva!... Jesus, quasi

morro de riso. São tres dias para mim de um prazer que eu não posso explicar! só visto.

Eu só, divirto-me com todos, nem vós mesmo me haveis de escapar. Quereis saber? são os dias em que eu saldo as minhas contas, e pagão-me á vista. Todos, sem excepção de amizade, soffrem um logro, ou são molhados cá pelas minhas mãozinhas. Sou uma louca cobrando dividas de entrudo.

Embora digão cá na nossa terra (os homens dizem — que nos viu nascer, mas eu digo — que nos viu taes e quaes) que o jogo de entrudo é barbaro, barbaros são elles. No Brasil é onde menos barbaros são esses tres dias impagaveis.

Querem a Europa para exemplo! Pois não; vão ver o que por lá se passa nos dias do Carnaval. Andem, vão Sñrs bigodes e barbas, observem; o que virão? façamos de conta que já voltarão, e sem bazofia. Virão punhados de confeitos, e entre elles alguns degraúdo calibre, atirados de cima para baixo e de baixo para cima das janellas (e isto é o mais delicado) se algum vem direitinho aos olhos, adeus meninas de meus olhos! Procissões profanas de um acompanhamento numeroso de homens e mulheres de todos os tamanhos, grossuras e marcas, festejando a Bacho depois de jantar, tendo por andor uma pipa, que os maganões já esvasiarão, onde vae escarranchado o tumante em carne e osso, imagem viva do tal deus escorrupichador. Grandes comezainas, jantares sobre jantares, e depois, grandes indigestões, atrevidos estupores, fulminantes apoplexias; e os mais felizes ainda tem, passados os tres dias, o gosto de ferros velhos na boca e uma seccura... capazes de beber toneis d'agua *doce!*

Isto é o que toca ao melhor, vamos agora á segunda parte — Jogo de laranjas verdes ou outra qualquer fruta pesada, que não seja algum coco da Bahia de que elles gostão muito por lá, atiradas por mãos robustas de uns sobre os outros homens, e muitas vezes sobre mulheres, que ficão pedindo á Deus misericordia; laranjas machuchas de cera, cheias de farinha de trigo, vermelhão ou pós de sapatos, que uma só é capaz de acabar um pobre vivente, se o apanhar em cheio e descuidado! Sôcos, de arrancar olho pello e cabello, e mais outras coisas leves, assim como facadas, bofetadas, cabeças quebradas, olhos esburrachados, etc., etc.

Mas deixemos cada um com o que é seu, minha querida Redactora; brinquemos segundo a róca e o fuso do nosso paiz; não nos tragão a Europa, por ser velha, para servir-nos de exemplo, porque ella nestes dias brinca e delira mais que o Brasil sendo criança. Vão, vejão com os seus proprios olhos, e voltem *fallando a verdade.*

Está claro, que estou fallando da gente de *meia tigella*, como diz o meu primo dos eclipses, da gente baixa do povo que forma taes custumes. E o que faz aqui essa gente? comparemol-a; antigamente ainda fazião alguma coisa, hoje passão insipidamente, apenas um barril d'agua entornado da cabeça de algum preto, ou um pouco de polvilhos com que lhe besuntão os focinhos, causa muitas risadas na rua, e está acabado o entrudo para elles. Pó! coisa ruim.

Fallando então da gente fina e d'aquella que pode despender de dois mil réis para cima, é outra coisa, essa gente tem á noite os bailes mascarados, os quaes este anno devem ser mui frequentados pela novidade de serem dados provisoriamente no campo de Santa Anna, em quanto que o Theatro de S. Pedro ergue-se das cinzas, sacudindo-se ainda das faiscas que ha pouco o abrasarão, para offerecer pressuroso em 1852 a repetição das bellas e encantadoras noites do Carnaval que se passarão no seu vasto e brilhante salão em 1851!

E' mui curioso visitar os theatros nessas noites de prazer e de galhofa, e este anno sobre tudo que é bissexto; eu por mim não perco a visita, na forma do custume; sou fanatica por um baile mascarado em que ha muita gente, muito barulho, e muitas cousas exquesitas; quanto mais esturdio é o mascara, mais me faz rir. E' pena que a maior parte dos mascaras que eu tenho visto no Rio de Janeiro não cuidem de representar bem o seu papel; em geral tomão vestuarios, somente porque são bonitos, sem consultarem o seu caracter, e por isso muitas vezes o sacrificão debaixo de uma mascara que lhe é impropria. Eu sempre tomei um *dominó* e uma pequena meia mascara de seda preta, não só por ser o mais adoptado, como porque debaixo destas vestes qualquer genio ou caracter vae sempre bem.

Heide contar-vos tudo quanto por lá vi de melhor, e as lograções que fiz e desfiz.

A proposito de lograções, vou contar-vos, aqui muito em segredo, as peças que estou

preparando para Domingo pregal-as mesmo na bochecha de certas e determinadas pessoas da nossa amizade.

A primeira pessoa que hade pagar-me (olá se hade) a conta que deve das massantes explicações que me tem dado, a respeito *dos papagaios de papel, em ponta grande*, é o meu primo *dos eclipses*; esse tem a primazia por ser o primeiro — Deus te salve — com quem me heide encontrar de manhã cedo. Não vos declaro o que tenho preparado para esse fim, para que elle não venha a saber: mas tarde sabereis.

O segundo é o meu medico de partido; receitou em todo o anno de 1851 sangrias e mistura salina somente, para toda a minha familia, e em paga de tão prudente receituario vou presenteal-o com uma bem cheirosa empada ouca, recheiada de aranhas vivas e suas competentes têias, os moquitos e as mosquinhas que ficarão presos tambem hão de ir — além do ordenado, que já lhe foi pago. O terceiro é um velho de velha amizade nossa, amigo de bons bocados e de jantar fóra de casa, porque diz, que a sua sala de jantar (ha salas assim) o afronta e tira-lhe o appetite. Faz muito bem em arejar. Como já lhe mandei o anno passado uns pastelinhos cheios de sal moido, elle ha de estar ressabiado, vou agora mandar-lhe fios de linha passados em gemma d'ovos, e já picados, para não dar com o logro; heide logral-o, porque não ha coisa que mais perfeitamente imite um prato de fios de ovos delicados e appetitosos.

Tenho para o meu cunhado camarista uma peça... ora é pena que não a possa revelar; mas pena maior seria se elle não fosse logrado e eu perdesse o meu tempo; tende paciencia, que eu vos contarei depois

Ora, alèm destas peças, preparo outras, que mudão todos os annos, e que desta vez hão de ser as seguintes, as quaes vos revelo para, se vos der a tentação, tambem lançardes mão de alguma: são todas ellas muito faceis de preparar e bem engraçadas; se o marmanjo é tolo, ainda melhor.

— Biscoutos *purgativos*; são tão bem feitos que ninguem pensará encontrar nelles um *destempero*. Vendem-se na rua do Hospicio.

— Pão-de-lo de caixinha contra vérmes: é até uma obra de caridade offerecel os aquem mostrar pelos olhos que tem esse mal. Vendem-se na rua de S. Joaquim.

— Balas peitoraes feitas com pedaçinhos de breo ou resina, pulverisados com canella e bem embrulhadinhos. Que logro!

— Algumas pimentas postas sobre um brazeiro e cubertas por cima com cinza, a um canto da sala, tendo o cuidado de conservar as janellas fechadas... isto só experimentado; é uma graça de fazer rir ás gargalhadas!...

— Huma frigideira de rolha queimada partida em rodellas; quem dirá de acreditar que são linguiças picadas!

— Esta é uma das mais divertidas ao jantar: pega-se um frango e embebeda-se com duas colheres de sumo de aipo, depois depenna-se, e com um pouco de assafrão da-se-lhe a cor de frango assado, deita-se um pouco de gordura queimada por cima, e vae para a meza o petisco, logo que a occasião for apropriada, chega-se-lhe ao bico um pouco de vinagre forte, e ahi vereis o frango, com ares de noivo da roça, a saltar por cima da mesa, pulando copos e pratos até escapar-se ao espanto e risadas geraes dos circunstantes.

— Doce d'ovos em calda de pimentas; palitos embebidos na agua das ditas; sal refinado por assucar; tudo isto vou pôr em pratica nestes tres dias; não me ha de escapar camarão pela malha e heide brincar, como sempre, douda pelo jôgo de entrudo. O que lhe havemos fazer!

— Neste momento estou ouvindo o meu primo dos eclipses dizer na sala, que foi visitar a caza da Sra Luigia Balestra, costureira veneziana na rua da Carioca n. 118; e que ali encontrára lindos dominós e custumes de qualquer epocha, alugados ou vendidos por preços rasoaveis; está tão influido, que me faz rir ás gargalhadas.... ora vou fazel-o ficar ainda mais tonto do que elle é. Fechemos aqui este *senhor* artigo, e vamos á sala.

Catette, 20 de Fevereiro.

Linguagem das Flores.

(*Continuação.*)

ROSA BRANCA.

SILENCIO.

O mysterio é o maior encanto do amor.

Os Gregos fizerão da rosa o emblema da juventude; e debaixo deste ponto de vista a consagrárão á *Dea-rosea, deusa com dedos de rosa*, como dizião os antigos poetas — á Aurora. —

Como emblema da belleza era consagrada a Venus, e a dedicavão a Cupido, quando era o emblema do amor: depois ás Graças quando estas acompanhavão o filho de Venus.

E' bem natural que a flor da juventude, da belleza e do amor tenha alguma relação com o mysterio. Frequentemente vemos HARPOCRATE, *Deus do Silencio*, representado com uma rosa na mão; eis a razão. Um dia surprendeu elle o Amor, que se esquecia da sua divindade nos braços de uma jóven e bella Nympha. O Deus da Voluptuosidade para o obrigar ao silencio o presenteou com uma *rosa branca*.

Rosemberg julgou que a tradição d'esta antiga fabula dera origem entre os povos do Norte da Europa a certo costume mui singular.

« Quando querião conservar no mais pro-
« fundo segredo o que se passava entre elles
« durante a alegria dos festins, penduravão
« no tecto, por cima da cabeceira da mesa,
« uma rosa colhida de fresco. Era não só des-
« honra, mas até crime sem exemplo, revelar
« o que se dicesse ou tivesse passado em pre-
« sença da rosa. »

ROSA AMARELLA.

INFIDELIDADE.

O HOMEM PERSUADE-SE *que pode ser infiel e constante ao mesmo tempo.*

Fez-se da rosa amarella o emblema da infidilidade, por causa da côr que é, como se sabe, a dos amantes trahidos. Este genero de perfidia, tão mortificante para um coração sensivel e cheio de amor, inspira pouca piedade para com aquelles, que são victimas d'ella, e ainda por uma leviana injustiça os cobrem de ridiculo. Por uma outra injustiça igualmente singular os homens mais amantes, os mais delicados, aquelles mesmos, que rigorosamente exigem, que uma mulher evite as mais pequenas apparencias de leviandade, esses mesmos digo, persuadem-se que a infidelidade lhes deve ser perdoada em compensação de sua constancia.

(Continua.)

CHRONICA DOS SALÕES.

Na semana passada tivemos os primeiros movimentos da nossa proxima epocha dos bailes; os primeiros batedores apparecerão annunciando-nos essa bella estação cheia de prazeres e encantos, e já nos offerecerão as deliciosas provas d'esse phantastico Eden da côrte.

A Sociedade RECREAÇÃO CAMPESTRE deu o seu primeiro baile em a noite de 27 do corrente, como sempre, alegre, animado, e bem dirigido. Se me fosse permittido ser mais extensa, eu descrevera a graça de uns lindos olhos que vi, e o bom-tom de um diaphano vestido azul, aberto no peito, ao molde do ultimo figurino que apresentastes. E' uma das interessantes bellezas do baile campestre.

A PHILEUTERPE deu a sua reunião concertante em 28; esteve completa e brilhante. As vozes d'aquelles anginhos de candura cada vez me agradão mais, e não sei... está me parecendo que em breve será a Phileuterpe a primeira das nossas reuniões, no seu genero.

A Sociedade de BENEFICENCIA PORTUGUEZA, offereceu-nos um baile abundante e bem servido na noite de 14, ao qual assistirão 2,955 pessoas. Este baile, todo consagrado em favor do louvavel titulo que a sociedade tomou, deu vantajoso resultado á sua espectativa, pois tendo ella despendido grandes sommas para em tudo se tornar brilhante e pomposa a sua reunião, ainda lhe ficou em caixa consideravel colheita, com a qual muito desejamos que a Sociedade prospere, assim como todas as outras deste genero, que levão pressurosas o alivio ao enfermo e a consolação ao desvalido.

Consta-me que o Snr. Her Alexander pretende dar a sua ultima representação em favor da Sociedade BENEFICENTE ALEMA. Fazemos votos para que se realise mais esse acto de beneficencia popular; e desde já dirijo os meus cumprimentos ao Snr. Her Alexander.

Estrella.

POESIA.

Meu vegetar — quem me dará?
Quem me dera meu — ser planta!
Vivera, morrera um dia,
Não sentira, não — dôr tanta!!

GLOZA

Emblema da perfeição!
Typo do bello ideal!
Tu és meu bem, és meu mal,
Minha vida e perdição!!
Possuia um coração.
Que já coração não era;
Tua belleza o fizera
Arpejar canções de amor!
Hoje que todo elle é dor.....
Meu vejetar — quem me dera?

JORNAL DAS SENHORAS.

LUNDU.

Lith. de F. J. Lopes, rua d'Ajuda N.º 113.
A. P. S. FEIZ.

All.º

Piano

Ya ya sinha venha cá, meu bem. Venha matar seu ba-

bô-zo Mas não mate elle to-do meu bem. Com

seu men-dengue mi-mozo. Mendengues fé-ta-dos E minha si-

nhá Pimentas de cheiro. Bô-los de fu-bá. Tudo isto me-

xi_do Por mão de si_nhá Qual será o de_monio Que não come_

rá? Tu_do isto mechido Por mão de si_

nhá Qual será o de_monio Que não co_me_rá.

D.C.

Môa toda a sua raiva_men bem,
Eu sou seu almofariz.
Machuque bem machucado
Me quebra bem o nariz.
Eu já escamei o peixe.
Os tempêros já bolei.
Tudo fica bem lavado
Os alhinhos já esfreguei.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

Não sofirera, nem sentira,
Nem amor, nem seus tormentos!
Era planta exposta aos ventos;
A chuva, o sol me nutrira,
Uma planta não suspira!
Não sente effluvio que encanta;
Não vê belleza que espanta!
Como é bello! Nasce exerce,
Vejeta, murcha e perece!!
Quem me dera, meu — ser planta!

Mas não, ser planta não quero!
Quero sentir, ter ardor
Viver de ti.... teu amor....
Seres minha.... ainda espero!
Helena, o destino fero
P'ra mim só tem tyrannia!
Uma feita eu revolvia
Meu passado e, por mais lida
Achei que uma vez na vida
Vivera, morrera um dia;

Mas vida e destino assim,
Céos, eu não heide ter mais!
Lembranças crueis — punhais
São que traspassão-me a mim!
És um anjo, és cherubim!
Pertences á tribú santa!
Mortal que teus mimos canta
Arde em fogo abrasador!
Se eu não tivera-te amor.
Não sentira, não — dór tanta!!

S....

CANÇÃO DE AMOR.

Naquella espessa serra alcantilada,
Voa, Armia gentil, só habitar;
Sem ver teu riso, sem ouvir-te a vós,
Quero acerbas saudades soportar:
Porque receio, ingrata, que te ver-lo,
Va meu terno amor sempre crescendo.

Bem distante de ti n'esse retiro
Vou ver si alivio encontro á minha dór,
A essa dór tão forte, ó bella ingrata;
Nascida d'um sincero e puro amor.
Talves que lá na triste solidão,
Socego possa ter meu coração.

D'aquella, que idolatro, e por quem morro,
Quanto me custa, ingrata, separar-me!
Mas quiz a desventura, quiz a sorte,
A' sua dura lei eu vou curvar-me:
Quanto soffre, ó Armia, um coração,
Que só encontra féra ingratidão.

O' Armia gentil, porque despresas,
Aquelle, que por ti morre, e suspira?
A quem um riso teu mata de go to,
Aquelle, que por ti terno delira?
Abranda, barbara impia, esse rigor,
Não recuses, cruel, o meu amor,

Vou nas matas viver, e lá morrer,
Ao suave prazer da natureza;
Vou no deserto procurar seccego,
Que jamais encontrei junto á bulleza;
Feliz, se m'esquecer d'essa tyranna,
Que sempre foi comigo deshumanna.

A.

Rio, 2 de Fevreiro de 1852.

MISTERIOS DEL PLATA.

ROMANCE HISTORICO CONTEMPORANEO.

Com o mundo começou uma lucta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.

MICHELET, Historia de França.

DOIS MALVADOS.

A lua serena e luzente, mostrava-se n'aquelle momento, limpida e pura, despida das nuvens que ha pouco a embaciavão por instantes; seu clarão argentava as movediças vagas, e parecia luzirem mil brilhantes por entre a nitida espuma das que vinhão quebrar-se com estrondo de encontro ás pedras do Cáes.

Dois homens com passo vagaroso, chegavão de pontos oppostos, ao espaçoso passeio do Cáes: o alto embuçado, que seguimos desde a PraçaMaior, deitou o embuço da capa para traz, tirou o chapéo, passou a mão gelada pelo humido cabello, e, suffocando um suspiro, murmurou levemente estas palavras.

— Já está feito!

Depois tornou a pôr o chapéo na cabeça, e sentando-se nos degráus da escadaria, encostou o rosto na mão e ficou abstracto por alguns segundos.

Era este individuo um homem de seus 40 annos de idade, moreno bronzeado, com grandes bigodes pretos, grandes olhos de côr incerta, e rosto enxuto; sem ser bonito, não podia em justiça chamar-se-lhe feio; com tudo, sua testa estreita e deprimida tinha o cunho da audacia, da crueldade e da estupidez: a parte do cerebelo saliente em extremo apresentava as boças da persistencia e o desenvolvimento de todos os instinctos da destruição e do desenfreio mais completo,

Eis o retrato do General Oribe, tal como elle era ha 14 annos: quando era Presidente da Republica Oriental do Uraguay.

O outro individuo, que ali se achava tambem, ficou em distancia do Presidente: e tirando da sua algibeira um phosphoro acendeu um charuto, e poz-se a fumar, tão fresco e descançado, como se não tivesse tomado parte al-

Vêde os numeros 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7.

guma no sanguinolento *brinquedo*, que acabava de enviar um homem ao hospital.

Esta personagem era um desses homens que não faltão no mundo; ninguem conhecia-lhe sua origem ou patria; fallava todos os idiomas, é por isso mesmo não fallava nenhum b m.

Tinha estado em toda a parte, tudo tinha visto e conhecia todo o mundo; prompto a ganhar dinheiro, era espia, assassino ou ladrão, sempre que fosse para os outros; elle de per si, ou para si mesmo, nunca teria tido tanta coragem. Em fim era uma creatura inclassificavel, porque não existe uma palavra de despreso para designal-o na lingua dos homens.

Tinha este sujeito uma cara beata, ou jesuitica, como vulgarmente se diz, e o unico sinal que o differençava entre a turba, era uma indelevel nodoa vermelha que tinha no meio da testa,

Aquella nodoa estava ali, como um sello da predestinação d'aquelle, que só tinha para os outros homens a adaga de Caim nas mãos e um odio acerbo no coração.

Passados alguns minutos o Presidente rompeu o silencio em que estavão.

Chega para aqui mestre; estou contente comtigo; apossaste-te já dos seus papeis, e agora já não tens mais de ir para bordo içar velas.

O homem da nodoa vermelha olhou para a lua, lançou algumas fumaças para o ar, cuspiu, tussiu, e por fim tirando seu boné de pelle de mono, começou a viral-o entre as mãos, sem dizer palavra.

— O bote está prompto? perguntou o Presidente,

— Sim senhor, respondeu o outro.

— E porque não partes? o tempo urge, o vento é bom, aproveita-o fazendo-te de vela.

E pondo-se em pé, Oribe se dispoz a partir.

O homem da nodoa vermelha não se mexia continuando a fazer girar o seu boné entre as mãos: emfim deu um passo para aproximar-se do seu interlocutor e estendendo a mão dice-lhe.

— Cumpri o meu contracto para com V. E. porém antes de partir quero receber as cem onças, que foi o preço que estipulamos.

Os scintillantes olhos do Presidente despedirão raios, e com voz mal segura de colera; respondeu-lhe;

— Vae; seras pago em Buenos-Ayres; esse preso, a quem interessa, não é a mim, é ao Restaurador Rosas.

— Nada, não sei disso, nem quero saber. Eu tenho contas com V. E. Cumpri a minha promessa que era inutilizar o Patrão da Sumaca, apoderar-me dos seus papeis, já o fiz, agora toca-lhe a V. E. Eu sem receber o comquibus não....

— Não te mexas d'aqui! interrompeu Oribe.

O homem da nodoa vermelha fez um aceno de affirmativa.

— Muito bem, continuou o Presidente, aqui tens cincoenta onças; o resto recebel-o-has por meio d'esta letra á vista; e immediatamente entregou-lhe um rolo de dinheiro e um papel,

O outro recebeu, e sentando-se por sua vez, principiou a contar as onças,

Um tremor convulsivo percorreu o corpo todo do Genaral Oribe.

— Estás satisfeito? perguntou com voz rouca onde sua mal comprimida colera se revelava!

O bandido poz-se de pé, e entregando-lhe o papel dice:

— Não quero papel, quero *ouro!*

— Já te dice que é uma ordem que tem a minha assignatura; repetia Oribe tremendo de furor.

O homem da nodoa vermelha permanecia na mesma posição, com a mão esquerda apresentava a Oribe a sua *letra á vista* em quanto que a mão direita perdia-se na algibeira da sua larga japona.

— Não vou para bordo sem o dinheiro; suppondes que sou algum doudo para confiar-me de V. E. nem do outro general!..

Veloz como o raio, Oribe levantou o braço armado de um luzente punhal sobre o peito do assalariado assassino, mas o seu braço cahiu desmaiado sem tocal-o... O cano de uma pistola descançava mortifera boca sobre o coração do Presidente!

Occultando de novo o punhal, Oribe mastigou a letra que lhe era recusada, e tirando outro cartucho de onças o entregou ao assassino, sem lhe dizer palavra.

O tratante o guardou accrecentando depois: — Estou prompto; de-me V. Ex. as suas ultimas ordens.

— Parte sem mais demora; vae-te!

— Sem enfado Sr., até mais ver.

O homem da nodoa vermelha afastou-se; e Oribe ficou só, em pé na borda do cáes.

Os remos de um bote baterão n'agua, e uma voz robusta, porém aspera, cantava firme a barcarola veneziana;

« Um pescator sull'onde, etc., etc. »

Ao longe baterão onze horas.

Os *Serenos* repetirão a hora com vozes já tristes, já roucas, já sonoras: e um — Sentinella! alerta! veio com moribundo écho até os ouvidos do General Oribe!

Escarneo!

Vigilante, com a espingarda ao hombro, velava o soldado pela segurança e a ordem publica! já que infelizmente a lei é symbolisada pela baioneta nos nossos paizes!

Escarneo!

O chefe da nação, aquelle que devia ser o primeiro a respeitar e cumprir as leis, acabava de as violar atroz e escandalosamente!!!

Uma hora decorreu!

Oribe, com os braços cruzados sobre o peito, olhava diante de si sem ver...! a lua illuminando em cheio o seu rosto fazia-o ainda mais pallido.

Meia noite!

O sino marcava lentamente uma por uma suas badaladas no silencio da noite; os *serenos* repetião a hora ao longe; ouvia-se «alerta estou!»

Barulho de correntes que suspendião o ferro, e aquelle canto monotono e triste, que ecoa o marujo, quando sahe do porto, chegou aos ouvidos do Presidente.

O silencio tornou de novo com seus confusos ruidos da solidade: á claridade da lua desvanecem-se as brancas velas de um barcozinho que, impellido pela briza terral, cortava com rapidez a superficie movidiça e prateada do mar.

Um longo foguete, lançado de bordo do barco, espalhou no ar suas instantaneas centelhas inflamadas, e depois apagou-se nas ondas.

— Já está feito! murmurou o Presidente — e tornando-se a enbuçar na sua capa, começou a afastar-se rapidamente, bem como aquelle que quizesse fugir de si mesmo.

Pela parte opposta a aquella pela qual caminhava Oribe, chegavão ao cáes dois homens; um d'elles trazia a testa amarrada e apoiava-se com força no braço do seu companheiro; seu andar era vacillante, e tudo nelle revelava que só era sustentado pelo esforço supremo da soberana vontade do homem!

Chegados ao cáes lançarão seus olhares ao fundeadouro, e virão perfeitamente o barcozinho que parecia voar sobre o mar, como a branca gaivota por entre os juncos da lagôa.

— *La Francesa!!!* exclamarão ao mesmo tempo os dois homens.

— Traição! traição! gritou Lostardo, que o leitor terá facilmente adivinhado ser o homem da testa vendada; e extendendo os braços em direcção ao barco, parecia querer precipitar-se no mar e alcançal-o nadando; porém a expressão mais alta do esforço sobrehumano da nossa vontade, tem seus limites, que não é possivel ultrapassar. Lostardo tocava esse limite mysterioso, onde a força phisica e moral do homem é aniquilada pela sua propria natureza finita; exhausta a coragem e abandonado o espirito, o marujo cahiu de novo sem sentidos, nos braços do seu fiel camarada.

Os Rachadores do Parana.

No meio de uma espaçosa praça, formada por um claro do bosque, achava-se postado, com a sua gente e o gaucho Miguel, o nosso Illustre Juiz de paz do partido do Baradeiro, que por esta vez havia suspendido as balanças de Minerva n'algum canto da sua *estancia*; e empunhando o cutelo do carrasco representava o papel de *alguazil*, não do Santo Officio, mas sim da *Santa Causa da Federação*.

Como uma blasfemia ao Santo dos Santos, como uma horrenda parodia d'aquelle que selou os dogmas santos do christianismo com seu sangue e seus martyrios, aquelles que mais sangue de seus semelhantes derramarão, sempre escudarão suas maldades com o nome dos Santos!

Como foco eterno de escandalo, de usurpação e discordia, um *Santo Padre* verteu torrentes de sangue humano, a Cruzada Albigense e essas longas e atrozes guerras de religião, onde o delirio dos frades pretendia, á força de hecatombas sanguinolentas, apagar a tocha divina da intelligencia humana! desmanchar a obra de Deus! dizer ao homem « não penses escravo da igreja », reduzir a zero a suprema verdade do *livre alvedrio*, presente da bondade do creador; e por fim sustentar de seculo a seculo essa interminavel lucta, na qual a ambição de um punhado de homens pertendeu arrancar á humanidade inteira seus direitos, suas tendencias e seu FUTURO!

A Santa Inquisição que, no meio das mais

barbaras torturas, sem respeitar idade nem sexo, tantas vezes arrancou blasfemias e tremendas maldições dos corações convulsos dos martyres! maldições impotentes contra o Deus que impassivel deixava perpetrar, em seu nome e para a sua gloria, os crimes mais nefandos; os attentados mais espantosos, sem que um raio vingador reduzisse a cinzas os monstros que assim escarnecião da divina bondade do Eterno, invertendo sua incansavel misericordia em perpetua sede de carneficina e sangue!

A Santa-Alliança! monstro de mil cabeças que engolia povos inteiros em um dia, e cujos barbaros soldados não respeitavão, nem o *cadaver* das virgens que immolavão!

A Santa-Alliança! em cujo seio formigavão os mais *nefandos homens*, os frades mais hypocritas, e cujo negro estandarte deixava apoz de si larga estrada de caveiras e fumegantes ruinas!

E porfim! depois de todas estas *santas coisas* que alagarão de sangue a Europa, veio a *Santa Caisa da Federação* dizimar as jovens sociedades das verdes margens do Plata!

Dividida em grupos, a gente do Juiz de Paz, alguns jogavão as cartas sentados sobre a relva, com as pernas cruzadas ao modo Oriental; outros ao redor das fogueiras assavão gordas costellas e grandes pedaços de carne com *couro*; outros de vigia na margem do rio fingião rachar algumas arvores, cujos troncos verdes repellião o machado, pouco amolado que procurava derribalos.

Miguel, com os braços cruzados sobre o peito, via correr a rapida e silenciosa corrente, e a seguia com o pensamento até onde ella forma o grande Rio da Plata, cuja vista tanto admirára em Buenos-Ayres, e que ali parecera ao aventureiro joven, semelhante a um vasto oceano.

O Juiz de Paz, com as mãos nas algibeiras da japona, fumava, um sobre outro, seus puros correntinos e passeava em silencio; porque os homens investidos do emprego de *Juizes*, imaginava elle, que não devião *confundir-se* com os outros homens.

(Continua.)

Sentimos vivo prazer em annunciar ás nossas Assignantes a chegada da Sra D. Nizia Augusta Floresta, brazileira, tão conhecida entre nós pela sua intelligencia e illustração; tão respeitada pelo seu longo magisterio, ha 16 annos, empregado com desvelos na educação de suas patricias; e tão louvavel e digna de nossa admiração por sua dedicada constancia ao amor da sabedoria e ao engrandecimento de sua patria. A Sra. D. Nizia estava ausente de nós ha dois annos e meio, viajando neste intervallo a França e a Inglaterra, onde visitou os melhores collegios de instrucção, os mais abalisados litteratos, e senhoras illustradas; e ultimamente esteve em Portugal, donde voltou a nossos braços, admirando os Herculanos, Garrets, Castilhos e outros varões respeitaveis na siencia.

Está pois entre nós a Sra D. Nizia, demos-lhe um abraço de viva amizade e gratidão, em nome do nosso sexo.

Por imperdoavel descuido do nosso litographo vierão alguns erros no romance francez que publicamos com o ultimo n. deste jornal, por isso apressamo-nos em rectifical-os publicando seus versos todos.

Oh souvenir rempli de charmes
Souvenir du premier amour!
Tu m'as bien fait verser de larmes;
Mais il est passé sans retour.

Si je pouvais la voir encore
Comme une rose du printems,
Je lui dirais: — Ah! je t'adore;
Je suis le meilleur des amants.

Sa bouche si rose, et si belle
Me répétait qu'elle m'aimait,
Que sa flamme était éternelle
Que notre amour était parfait.

Os dignos Redactores do Jornal — BEIJA FLOR — queirão aceitar as nossas sympathias e a nossa consideração,

JORNAL DAS SENHORAS

Publica-se todos os Domingos; o primeiro numero de cada mez vae accompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado landú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Snrs. Wallerstein e C. n. 70, A. e F. Desmarais n. 86, Mongie n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia Parisiense, rua Nova do Ouvidor, n. 20.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mensionadas.

Preço da assignatura: Por tres mezes, 3U000 rs. na côrte, 4U000 rs. para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro.—Typographia Parisiense, rua Nova do Ouvidor n. 20.

TOMO I. — DOMINGO 29 DE FEVEREIRO DE 1852.

O JORNAL

DO SEXO

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

ESTUDOS

SOBRE A EDUCAÇAO DAS MENINAS.

Pobres criancinhas, a quem desde o começo da vida, já se lhes apresenta o caminho da virtude como uma estrada difficil e cheia de espinhos.

Pobres criancinhas, que ignorão que o bom comportamento obtem sua recompensa tambem; só se lhes apresenta a ideia do castigo!

E não comprehendirião ellas melhor, o bem e o mal, o justo e o injusto, por meio de uma escala de recompensas em parallelo a outra de castigos *unicamente* moraes em proporção ás suas forças e intelligencia? Não era este meio o mesmo que repetir-lhes a todos os instantes: Se forem bons serão felizes, se forem máos soffrerão?

Porque não se emprega um bem calculado e apropriado estimulo para despertar a vontade de aprender? essa vontade que acompanha a ambição do saber, ou para explicarmos melhor, essa satisfação que sentimos com merecer a estima e consideração dos outros?

Em vez dessas rotinas rançosas, porque se não trata de empregar e applicar os methodos modernos?

O ensino mutuo que tão depressa desenvolve o espirito dos alumnos, que serve de repouso ao mestre, e que ensina a fallar sem pedantismo, e que acostuma até a pensar de per si?

Existe já por ventura uma base certa, fixa, declarada unica, para servir de alicerce aos estabelecimentos de educação?

E' uma liberdade muito mal comprehendida aquella que deixa aos collegios particulares a escolha dos regulamentos e dos meios de ensino.

Os estabelecimentos modelos devem ser os mesmos collegios da nação, e todos os outros que houverem no paiz devem conformar-se exactamente com elles, porque em geral a educação do paiz deve ser homogenea, igual para todos; menos porém as materias que formão o luxo de educação, pois que á filha do pobre isso lhe é vedado por—falta de meios!

Nós não somos utopistas: sabemos que o nivelamento social é impossivel, porque, quando não seja mais que a intelligencia e es-

sa outra estupi la potencia de todas as epochas — O Dinheiro — sempre dividirá os homens em classes; por consequência, a filha do pobre, destinada a ser a mulher do pobre tambem, não pode perder um tempo destinado ao trabalho, herança e porvir da sua vida, em aprender a bordar, cantar ou tocar piano. Comtudo, essa mesma pobre, poderá assim mesmo, fruir os beneficios de uma educação mais ampla e melhor adaptada ás necessidades da nossa épocha, para, em falta dessas prendas, ser boa filha, boa esposa e boa mãe. A applicação do methodo Polytecnographico, ou melhor dito, um systema Encyclopedico, proporcionado ás intelligencias das meninas, deveria adoptar-se tanto nos estabelecimentos de educação nacionaes, como nos particulares.

Nada mais simples que o methodo de que fallamos: a escrita serve de poderoso auxiliar, porque todas as lições são escriptas pela propria mão das meninas, e dictadas pela preceptora.

O uso d :s *cartas de leitura* é já tão gasto, tão pouco favoravel ao desenvolvimento das crianças, como tudo aquillo que tem certo caracter de gravidade e que por força hade espantar e d sgostar o seu espirito irreflectido e brincalhão. Uma verdade de que todos os mestres devião compenetrar-se é, que deve ensinar-se as crianças *brincando*. Por isso as taboas de leitura de grande padrão com seus grandes ponteiros, as pequenas em cimicirculo com a monitora, pouco maior do que ellas, á testa do pequeno batalhão, os logares de distincção desse mesmo cimicirculo; tudo isto são novidades em ar de brincadeira que as leva longe e que dá optimos resultados.

O uso dos pauzinhos para o começo do ensino de escrever é tambem coisa que já era tempo de acabar. As mesas de areia branca para as principiantes do, a.b c, é muito facil e mais commodo, mais economico e ajuda a decorar os nomes das letras e suas differentes fórmas mais depressa.

E' uma burla esses *riscos* em que as crianças perdem o tempo e levão annos para aprencer a escrever; quando, começando pelas letras, e uma vez sabidas estas, passando as palavras dictadas por syllabas, em breve espaço de tempo ficarião as meninas aptas a passar á pedra e desta então ao papel.

As horas de classes, estão no mesmo atraso que os methodos ainda em uso.

E' necessario um criado dedicado exclusivamente a viajar ao collegio quando a menina não é pensionista. Não seria mais commodo para as familias, para os professores e para as mesmas meninas irem só uma vez, e sabirem á hora de jantar que é geral nas casas de familia?

Por exemplo, as classes deverião abrir-se neste paiz tão calmoso, ás 7 horas da manhã. A's dez conceder-se uma meia hora de recreio, meia hora de toucador, e ás onze começ r de novo as classes até uma hora da tarde em que definitivamente ellas se fecharião até o outro dia, ficando tempo á mestre para estudar, porque aquelle que ensina a isso é obrigado, e as meninas tambem terião tempo de estudar — sem apanhar sol e atravessar as ruas quatro vezes no dia—o que não achamos muito aproposito na verdade.

Felizmente a maior parte das meninas hoje são pensionistas, porque seus paes podem despender para isso; mas as meninas pobres, essas que não téem collegios gratuitos? tem as aulas publicas das Freguezias para onde vão de manhã e de tarde, ou pequenas escolas onde ainda se ensina pelo *ramerrão* do Padre Ignacio; tudo isto devia reformar-se, tudo isto, dizemos, deve praticar um só e unico methodo de educação. Desta fórma o paiz colherá para o futuro os bons resultados de uma medida tão urgente. A educação das crianças deve ser inteiramente pratica; a theoria só pode ser desenvolvida pelos espiritos já formados, que com o auxilio da razão sabem pensar; mas ás crianças é inutil dizer-lhes — isto é bom, aquillo é máo.

O amor á virtude e ao trabalho deve ser inspirado pelo engodo dos brinquedos, do doce, de tudo aquillo que lisongeia o espirito de uma criança. Embora se desperte o interesse com isso; ha meios de contrabalançar este inconveniente; depois de que, exigir que os homens em geral partão de outro calculo que não seja o seu proprio bem estar, é uma asneira: a humanidade é egoista, e as excepções que se podem citar, só ser em melhor para comprovar a existencia da regra.

Ao mesmo tempo o estimulo, contra a preguiça e os máos costumes das crianças, pode ser inspirado pelo castigo moral. E assim insensivelmente, pouco a pouco, chega um dia em que ellas são laboriosas e boas, pelo hábito de o serem.

A primeira coisa que uma boa mestra deve tratar de fazer, é ser muito querida das suas alumnas; porque uma vez essa amizade estabelecida, ella pode dirigir e formar á seu geito esses coraçõezinhos sinceros, innocentes, que amão com toda a vehemente ternura de quem ainda não aprendeu a mentir a si mesmo e ao mundo.

E' necessario magnetisar pela força de amizade essas caprichosas borboletas que de tudo se esquecem; mas que, quando sentem verdadeira affeição, são como a cera que recebe todas as impressões.

Esse amor respeitoso que o mestre inspira ao discipulo, é o mais bello attributo da nobre carreira de professor de educação.

A Piedade.

Encontrão-se homens que não amão nem temem a Deus: fugi delles, pois de si elles exhalão um vapor de maldição.

Fugi do impio, pois seu halito mata; porém não o odieis, porque, quem sabe se Deus tem já mudado seu coração?

O homem que, mesmo em boa fé, diz: eu não creio, engana-se muitas vezes. Ha bem no fundo d'alma um principio de fé, que jamais se consome.

A palavra que nega a Deus, queima os labios por onde passa, e a boca que se abre para blasfemar é um respiradouro do inferno.

O impio está só no universo.

Todas as creaturas louvão a Deus; todo aquelle que sente, O bem-diz, todo aquelle que pensa, O adora, o astro do dia e os da noite, O cantão em sua linguagem mysteriosa.

Elle escreveu no firmamento seu nome tres vezes santo.

Gloria á Deus nas alturas do Céo.

Elle escreveu tambem no coração do homem, e o homem bom ali o conserva com amor, porem outros procurão apagal-o.

Paz sobre a terra para os homens cuja vontade é boa!

Seu somno é doce, e sua morte é ainda mais doce, pois elles sabem que voltão para seu Pae.

Assim como o pobre lavrador, ao declinar do dia, deixa os campos, retira-se para sua cabana, e assentado á porta, esquece suas fadigas olhando o Céo, assim tambem, quando vem a noite, o homem que tem esperança revê com alegria a casa paterna, e assentado sobre o lumiar, esquece os trabalhos do exilio nas vizões da eternidade.

Traduzido por E...

A digna traductora deste artigo muito nos obsequiará sempre que nos quizer ajudar nesta honrosa tarefa; receba ella um abraço de cordial sympathia.

POESIA.

ESPERANÇA.

Singrando vai por mares não sulcados
Aventureiro nauta que demanda
Ignotas regiões soubados mundos;
Eil-o que audaz se entranha
Na solidão dos mares — a esperança
Em sonhos já lhe pinta
Rica e formosa a terra suspirada,
E corre, corre o nauta
Avante pelo paramo das ondas.
Alem um ponto surde no horisonte
Confuso — é terra — e o coração lhe pula
De insolito prazer.
Terra — terra — brandou — e era uma nuvem
E corre, corre o nauta
Avante pelo paramo das ondas
Nos longes do horisonte
Estende os olhos — oh! que só divisa
Erino, Céos, ermas ondas...
O desalento já lhe côa n'alma
Oh! não; eis nos confins lá do oceano
Um monte se desenha
Não é mais illusão — já mais distincto
Surge acima das ondas — oh! é — terra!
Era um rochedo arido e tristonho
Onde as ondas batendo eternamente
Rugindo se espedação.
Eis do nosso passar por sobre a terra
Um quadro bem fiel:
É a vida oceano de dezejos
Interminо, sem praias
Onde a esmo e sem bussola boiamos
Sempre, sempre em escolhos embebidos
Atravez do futuro,
Onde com doce luz perenne brilha
O fanal da esperança.

E corre, e corre a existencia
E cada dia que cabe
Nos abysmos do passado,
É um sonho que se esvae,

Um almejo de noss'alma
Anhelo de f'licidade
Qu'em suas mãos espedaça
A cruel realidade.

Mais um riso que nos labios
Se vae para sempre murchar,
Mais uma lagrima ardente
Que as faces nos vem sulcar.

Um reflexo de esperança
No seio d'alma apagado,
Uma fibra que se rompe
No coração ulcerado.

Pouco e pouco as illusões
Do seio nos vão fugindo,
Como folhas ressequidas
Que vão d'arvore cahindo.

E nua fica nossa alma
Onde a esp'rança se extinguiu
Como tronco sem folhagem
Que o frio inverno despiu...

Mas como o tronco remoça
E torna ao que d'antes era
Vestindo folhagem nova
C'o volver da primavera.

Assim na mente nos pousa
Novo enxame de illusões,
De novo porvir se arreia
De mil douradas visões.

A scismar com o futuro
A alma em sonhar não cança,
E de sonhos se alimenta
Bafejada da esperança.

Esperança que és tu? Ah! que minha harpa
Já não tem para ti sons lisongeiros;
Sim—nestas cordas já por ti malditas
Não ouves que sussurrão
As abafadas queixas
E em voz funerea soluçando vibrão
Um cantico de anathema!
Chamem-te embora balsamo do afflicto,
Anjo do Céo que nos alenta os passos
Desta existencia na afanosa lida;
Nunca mais poderás, fada enganosa
Com teu canto embalar-me, eu já não creio
Nas tuas vãas promessas,
Não creio mais nessas visões donosas
Fantasticos paineis, com que sorrindo
Matizas o futuro!
Estereis flores, que um momento brilhão
E cahem murchas sem deixarem fructo
No tronco desornado.
Vem apoz mim—tu dizes ao infeliz—
Não esmoreças, vem—é vasto e bello
O campo do futuro—lá florecem
As mil delicias que sonhou tua alma,
Lá te reserva o Céo o doce asilo
A cuja sombra obrigarás teus dias.
Porêm—é cedo—espera—
E eil-o que vae com os olhos enlevados
Nas cores tão formosas
Com que bordas ao longe os horisontes...
Ai! misero, e não sente
Que mais e mais se embrenha
Pela sombria noite do infortunio.
E se dos labios seus queixas exhala
Se o fel do coração em fim transborda
Em maldições, em gritos de agonia;
Em teu regaço perfida sereia
Co'a voz fascinadora, inda o acalentas;
—Não esmoreças, não—é cedo; espera;—
Lhe dizes tu sorrindo.
E quando em fim no coração quebrado
De tanta decepção, soffrer tão longo
Nos vem roçar do desalento o sopro,
Quando em fim no horisonte tenebroso
Se extingue o ultimo astro de consolo:
O' esperança, teu ultimo lampejo,
Qual relampago em noite tormentosa
Abre clarão sinistro e mostra a campa
Nas trevas alvejando.

S. Guimarães.

Bailes do carnaval.

Folia! ó Folia da minha alma!... Pulos!... Risadas!... Gritaria!... Praseres todos do Carnaval!... Delirantes, embriagantes, fermegantes dias de entrudo, onde estão vocês todos tres!... Ingratos que são! voarão rapidos como o pensamento; e eu fiquei....

Entregue todo a dor de te deixar!...

Forão estas sentidas exclamações que me vierão despertar ás 10 horas da manhã de quarta feira de cinza, esse dia venerando e respeitavel, que a Igreja nos manda pensar no que somos e no que havemos de ser; e não obstante ainda o meu primo dos eclypses não se dava por citado para entrar no julgamento destas cousas sérias. Era elle quem assim se lastimava. E junto de quem? de minha mãe e de meu consorte, ambos perdidos pelo jogo de entrudo!—

Está visto que eu tive a quem sahir, e o rapaz não menos.

Mas minha mãe e o meu consorte... permitti que eu vos occupe a attenção por um instante com estes dois entes que me são tão caros, pertencem ao grande numero de excepções deste genero; não são dos taes que brincarão muito, e sabe Deus as artes que mais fizerão na sua mocidade, para depois de velhos reprimirem e vexarem os moços, obrigando-os a representar na vida um papel, que lhes não pertence, e que os contrafaz no ardor da juventude. Meus pais o que fizerão, e que muito lhes agradeço foi dar-me, não direi especialissima, mas uma acurada educação, que me serve hoje de guia vigilante em toda a parte, em todos os meus actos, até mesmo escrevendo-vos este artigo: é a minha primeira amiga a quem d vo milhares de favores. E o meu esposo, que teve a mesma fortuna e já nos conhecemos ha bem bons annos, reconhece em mim a companheira de sua vida, e... mais alguma cousa fóra do commum — reconhece tambem a sua principal e verdadeira amiga.

Estes dois entes por tanto são como, já disse, perdidos pelo jôgo de entrudo, mas não o exercitao, nem pulão, nem gritão; riem-se como espectadores, gostão de ver brincar como discretas e ajuizadas creaturas, e quando a occasião lhes è favoravel lá deixão cahir um limãozinho descuidado. Quantas vezes minha mãe a rir-se diz-me com toda a sua ternura — no meu tempo tambem brincavamos assim minha filha! Este — *assim* — é onde está a delicadeza do poeta... este — *assim* — quer dizer o fructo da sua desvelada educação... este — *assim* — revela a delicadeza, a habilidade com que se brinca, sem nunca offender nem ser offendida!

Sim, minha amiga, tudo isto é muito bom, mas hade enfastiar, vamos ao artigo: o que fazia o Snr. meu Primo dos eclipses?

Pois ahi vamos. Estava elle nas lamentações de um requintado jogador de entrudo e fanatico amador dos bailes de mascaras; mas esta não era a paixão que o dominava somente, havia tambem um outro sentimento que o mortificava, era não ter estreado com proveito as suas novas roupas que mandou fazer.

As chuvas tinhão n'o contrariado em os seus projectos e estava então muito encanzinado porque não se havião transferir os dias de entrudo, quando chovesse, para dias puros e serenos, assim como se transferem as festas de Igreja, as noites de Theatro, o fogo de artificio, e muitas outras coisas de que não me lembro já. Achei-lhe *pela primeira vez* espirito na observação; quasi que lhe dei razão.

A muita gente devia ter contrariado o máo tempo dos dois ultimos dias de entrudo; e para no irmos mais longe, aqui está esta serva de Deus que cavaqueou seu bocado. Tanto que plauejei e tão pouco que executei; a chuva, a chuva desta vez logrou-nos; eu não contava com este logro, que é um dos peiores neste e n'outros casos — e de grande importancia!

No sabbado, esteve a noite boa, pouca foi a gente que se dispoz aos bailes; guardando a a sua visita aos dois theatros para o 2.º 3.º dias, no Domingo ainda tiverão preguiça, e depois quando quizerão, não puderão, porque chuvia a potes. Mesmo assim os theatros nunca estiverão desertos, e a ultima noite alcançarão elles uma boa enchente.

O theatro de S. Pedro, ninguem diria ao vel-o depois de decorado com tao bom gosto, e tão bem illuminado, que era o mesmo esqueleto de 15 dias antes sem tecto sem tablado e sem camarotes! Eile tinha tecto e lindissimo; o tablado estava firme no seu logar, e os camarotes estiverão guarnecidos de bellezas palpitantes e mascaras bem caracterisados! La a respeito de espirito, intriga bem jogada, e agudeza de respostas, como Deus não dá a todos, posso dizer que havia escacez e era mui procurado. Muitos mascaras ainda têem receio de fallar e irem aos camarotes, porque desconfião ser reconhecidos immediatamente, ou talvez não saibão ainda até onde chegão as ráias de sua liberdade. Se elles comprehendessem que um mascara (bem educado, está visto) em um salão de baile goza de todas as condescendencias e é acolhido com graciosidade em todos os logares a onde vae, é de suppor que mais animados fossem os nossos saloes do Carnaval, além dos descompassados gritos e figuras hediondas que mais causão nojo do que alegria.

O theatro provisorio, em fim pela novidade e como acontence em todos os paises, foi mais frequentado e ganhou a aposta da preferencia. Seu salão todo branquinho, como era de esperar, estava bem decorado e mesmo elegante; porem menos illuminado que o seu rival. Os seus camarotes na ultima noite, resplandecião ao brilho de centenas de bellezas alegres e seductoras, que formavão o seu estado maior na segunda ordem, onde, seja dito de passagem, apresentarão-se tres homens tão desconfiados, que me fizerão crer que vierão do certão em direitura aos camarotes que alugarão: fecharão-se por dentro toda a noite e ninguem lhes viu se não a ponta do nariz! Gostei muito da lembrança de um espirituoso mascara nessa occasião. « Sabeis quem está ali? disse-me elle apontando para o tal camarote dos invisiveis. « Não: respondi-lhe eu, que estava então em outro camarote quasi defronte. « Pois é Rosas, Mancilla e seu Ajudante d'ordens, que vierão incognitos ver o Carnaval no provisorio. E safou-se o mascara pedindo-me segredo. D'ahi a meia hora todos estavão senhores do mesmo segredo, e os invisiveis servindo de curiosidade geral. Houve a final quem os podesse ver ás 3 horas da madrugada quando sahirão: *não erão os tres miliantes.*

O mundo elegante ali se demorou por mais tempo, radiante e espirituoso, condescendente e jovial; a reunião era immensa e ás vezes insuportavel no salão da frente; entretanto podia-se gosar muito, e eu não gosei pouco, envolvida em o meu dominó.... aposto que quereis saber de que cor? por certo que vos não direi em letra redonda; ia compromettel-o quando ainda tenho compromissos a desempenhar — para o anno que vem.

Entre os mascaras alguns havião dignos de attenção pelo seu tato fino e graça picante que os caracterisava, outros pela facilidade com que se persuadirão escapar-me debaixo do segredo de dois dominós — verde e encarnado — duas pessoas... sim! pois não me escaparão; e podem dar graças a Deus; se o dominó verde não mudasse tão a proposito as vestimentas, um terceiro os teria tambem reconhecido... ora não fallemos em coisas tristes.

O que é certissimo, é que muita gente vi eu de mascaras novas: pouca differença fazião é verdade.

Uma particularidade, digna de notar-se, descubri eu na maior parte dos mascaras da ultima noite: as mascaras bonitas cobrião carões horrendos e os homens, que nunca tiverão suissas, usavão grandes barbas, ainda que fossem pintadas! Em fim, uma vez por anno ao menos têem elles esse gostinho: outro tanto não dizem e fazemos carécas. Nem eu, que sou obrigada a fechar aqui o artigo, sem vos ter contado tudo.

Catette, 27 de Fevereiro.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

Se alguma vez vos der a fantasia de visitar a celebre ilha de Cuba, conhecer a Havana, cujos charutos são o distinctivo do *leonismo*, cujo assucar não tem rival no mundo; visitai tambem todos os seus povos, Matanças, Cardenas, Cienfuegos, Trinidade, Santiago de Cuba, etc. Sobre tudo não vos esqueçais de Nuevitas; fallando mais propriamente, de Puerto-Principe. Em 1847, por uma bella manhã do mez de abril, subiamos a bordo da galeota *Antilha*. Era este um elegante navio, construido em Cadiz, fazendo tantas milhas por cada hora como um vapor, e que parecia ter toda a graciosa COQUETERIE de suas patricias as Gaditanas.

O enjôo é um mal que se apodera do nosso ser physico e moral, mas no qual tem muita parte a apprehensão: comtudo, ás vezes nem essa vale. Apezar do medo e da quasi certeza

que tinha de enjoar, não pude conseguil-o. O barco era tão bonito, tão limpo, tinha o seu todo uma physionomia tão alegre, balouçava-se tão graciosamente, que em lugar de ir cambaleando deitar-me no meu beliche, conservei-me de pé sobre o convés, olhando alternativamente, já para a cidade da Havana que ainda dormia, já para a risonha povoação de Regla ou o pitoresco Guanabacoa, e as separadas habitações de Casa Branca; depois nada a multidão de mastros que se grupavão ali com suas diversas bandeiras, e logo ao longe, na boca da barra como duas zelosas sentinellas do poder colonial, o castello do morro e o da cabana, sobre cujas ameias reflectião-se os raios do sol nascente.

E' uma estranha sensação a do viajante, quando se despede ou chega a uma terra onde ninguem o espera, onde não deixa saudades, d'onde se ausenta sem pezar.

Uma vez os passageiros todos a bordo, suspendeu-se o ferro e aproveitando a brisa terral, a nossa graciosa seréa, com todas as velas ao vento, sahiu do porto, não sem deixar atráz de si multidão de outros navios que, como nós partião da Havana; mas a « Antilha » semelhante a um joven passaro cheio de brio e de contento, voava rapida sobre a azulada e movediça superficie do oceano.

Da Havana até Nuevitas por mar, ha 450 milhas, e como n'essa estação os ventos não erão favoraveis, estavamos sentenciados a quinze ou vinte dias de viagem. Todos os calculos humanos são falliveis; ao anoitecer do dia de nossa partida (foi um domingo) estavamos á entrada do canal que circunda a ilha, entre a costa e largos recifes de pedra. O capitão fugiu do canal por prudencia e ficamos toda a noite de volta e volta. Ao amanhecer da segunda feira, o vento era o melhor possivel, entrámos no canal, e na terça feira á tardinha fundeavamos no porto del Cuincho; estavamos em Nuevitas.

Na quarta feira tomamos o caminho de ferro até o paradeiro de O'Donell, e d'ali ao Principe, em omnibus.

Todas as cidades da ilha, são tristes, ali as casas tem grandes portões na salla, e grandes janellas de grossas grades de madeira pintadas de preto, ou de vermelho; as ruas são mal calçadas; no Principe não ha illuminação; cada visinho, nas noites escuras, põe um lampeãozinho na porta da rua, onde se reune a sociedade, e se conversa até as nove ou dez horas da noite. A essa hora os lampeões descem do arco onde se balançarão á guisa do vento, as portas fechão-se e apparecem os *serenos* com sua capa de oleado preto, lança em uma mão, uma lanterna na outra, e um par de pistolas ao cinto.

Tinhamos levado umas trinta cartas de recommendação; sem isso a chegada de um artista é sempre notavel; e logo conheciamos meio povo.

A ilha de Cuba sujeita ao dominio hespanhol, governada pelo mais absoluto despotismo militar, abriga comtudo germens generosos no seio de sua sociedade, e ha theorias de civilisação que ali são verdades recebidas e praticadas. Com taes antecedentes, os nossos leitores não devem admirar-se, que pessoas de posição, senhoras da aristocracia d'aquelles logares, sejão as primeiras a cooperar, a ajudar um artista com seus talentos, a prestarem-se a cantar para esse mesmo artista no theatro publico. E esta protecção é dispensada com tanta amabilidade e graça, que não é possivel esquecer o obsequio.

A physionomia do Principe é monotona; de manhã as senhoras escondem-se, de tarde correm nos seus quitrines (especie de sege de duas rodas) a cidade inteira, de noite visitão as lojas de fazendas, e vão ouvir tocar a retreta na praça d'Armas. Ha sempre um baile mensal na casa chamada da Philarmonica; essas sociedades tão communs na ilha, constão de um concerto todos os mezes, uma representação dramatica, uma partida familiar e um baile.

Não ha nada no mundo que se assemelhe á dança cubana. A maneira porque se executão aquellas contradanças, não está escripta; não ha termos na musica com que repetil-as, nem palavras que possão explical-as.

E' uma musica, já arrebatadora e festiva, já voluptuosa e ardente, já triste como um primeiro amor malogrado, já cheia das lagrimas da paixão, já risonha como a esperança que nos alaga o coração na idade juvenil. E a par d'essa musica que tão habilmente pulsa todas as fibras d'alma, vêem-se ondular pelo salão leves e graciosas formas, brancas e velozes como as borboletas da primavera; são as moças cubanas, entre os braços de seu par, ambos dançando ao compasso d'aquella musica arrebatadora.

Ha uma época no anno em que Puerto-Principe troca o socego de sua existencia por uma especie de frenesi, o mais original possivel.

Se desde os primeiros dias do mez de junho, vires dançar em todas as casas, e ranchos de moças grupadas em carros descobertos correr a cidade cantando em altos gritos, saudando todo o mundo com champagne ou cerveja, não vos admireis — isso tudo chama-se correr São João.

Entapetão-se as ruas de folhas, despojão-se os bosques de coqueiros e palmeiras, LA CALLE DE LA CARRERA é transformada em comprido caramanchão, onde collocão-se mesas no meio da rua, e ha essas refeições patriarchaes da idade chamada de ouro.

Durante a São João ninguem pensa em dormir; de dia e de noite, passeia-se, dança-se, ha mascaras, bailes, serenatas, cassoadas, tudo é permittido — esta-se no São João!

Em quanto dura o São João, não ha noite nem dia, as portas das casas não se fechão, as mesas estão sempre postas.

Durante a manhãa brinca-se e dança-se; ás quatro horas da tarde principia o passeio. Pelos dois lados da rua vão senhoras e homens vestidos de branco, pelo meio da rua vem a

musica tocando as inimitaveis contradanças; seguem immediatamente carros triumphaes descobertos, carregados de lindas moças e de rapazes vestidos estes de gregos, aquelles de mouros, outros de phantasia; as moças envoltas na tunica talar das nymphas, ou disfarçadas em pastoras. A's vezes levam suas cantarolas estudadas. Após todos os carros dos mascaras, vem a longa fileira dos quitrines, cheios de encantadoras principenbas, continuando a rodar pela rua da Carrera, e tornando a girar pela praça d'Armas. Os passeantes a pé recolhem-se, e ficão sendo espectadores ás portas das casas. A musica estaciona na praça d'Armas, e os carros e os quitrines continuão a correr em turbilhão até as Ave-Marias que se acendem as velas, e começa a dança cubana e suas phantasticas e voluptuosas ondulações.

Entre os passeantes e os espectadores ha um tiroteio continuado de ditos picantes, ás vezes de injurias que por serem lançadas no São João, passão sem outro resultado que azedissimas respostas, ou silencio e prudencia da parte dos injuriados.

São João dura quasi todo o mez, por que as vesperas começão logo que chega junho, e além da festa do santo dia em que o regosijo publico não tem limites, continúa ás vezes até São Pedro.

Quando partimos do Principe, confesso que foi com certo pezar; deixamos amigos, que estamos certos conservão a nossa lembrança, como nós conservamos a sua.

A cidade é antiga e feia, os arredores são bonitos, e o campo é lindissimo; suas frutas são as mais deliciosas da zona torrida, o tabaco de Java e os doces de Puerto-Principe gozão de justa e merecida fama.

As mulheres são as mais bonitas da ilha; mas os rapazes são de typo acanhado, afeminado, e despojados d'essa belleza caracteristica dos homens da zona temperada, que se revela pelo brio e as proporções superiores, signo de força e verdadeira belleza no homem.

Puerto-Principe está situado na costa septentrional da ilha, a 110 leguas S. E. da Havana, e a 21 gráos e 28 minutos de latitude N.

Na ilha de São Domingos ha um porto de igual nome, e uma pequena villa na colombia sobre o isthmo de Panamá na embocadura do rio Caiman.

MISTERIOS DEL PLATA.

ROMANCE HISTORICO CONTEMPORANEO.

> Com o mundo começou uma lucta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.
>
> MICHELET, Historia de França.

(Continuação.)

Um Juiz não era para elle, o interprete da *lei*, o encarregado de intervir nos conflictos e cumprir sem transigir a mesma *lei*; o Juiz, era *um rei pequeno* que, de chicote na mão, tinha o

Vede os numeros 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8.

previlegio de gritar e insultar os outros, que não erão Juizes como elle, e que por consequencia não podião corrigir os defeitos da má educação que nelle abundavão.

Os homens que estavão na margem do rio, conversavão entre si; e nós levaremos até lá os nossos leitores por um momento para estudar nesses dialogos o espirito das convicções dos campeiros d'aquella parte da America Meridional. — Omittimos a rude e pouco polida linguagem dos gauchos, porque suas fallas, ás vezes ridiculas, poderião fazel-as menos interessantes: supponha o leitor que ha nelles leve tintura de civilisação.

— Poderá explicar-me, Sr. Julião, que diabo de mania lhe deu agora ao nosso patrão juiz, que nos trouxe aqui a rachar lenha, quando as arvores nem estão seccas, nem pelo menos despojadas da folhagem? arre! não posso mais. E ao acabar de dizer estas palavras, largou o machado e enxugou o suor da testa.

Quem assim tinha fallado, era um rapazote de seus vinte annos de idade; e dirigindo-se a outro moço, com o qual mais adiante faremos conhecimento, o interrogado respondeu:

— Para que havemos nós de apoquentarmo-nos em adevinhar o que será! vamos obedecendo ao chefe — pouco hade viver quem não ver! quero dizer, quem não souber a causa.

— A causa de que? redarguin o rapazote.

— A causa que aqui nos prende; disse o tal, aquem chamaremos Julião, em ar de quem sabe mais d'aquillo que diz.

— Quem quer apostar commigo que temos negocio de unitarios entre mãos? eh! e então que diz V. m. Sr. Simão? accrescentou o rapazote dirigindo-se por esta vez a um velho, que em pé, encostado a uma arvore, fumava seu cigarro em silencio.

O velho mexeu a cabeça com desdem, e continuou a fumar.

— E o que temos de novo com isso? perguntou Julião. Não são os unitarios os inimigos do Plata?

— Orá! isso são elles, quem põe duvida?

— Eu, respondeu laconicamente o velho, aquem chamavão Simão.

Os gauchos olharão para elle espantados. Julião tomou a palavra.

— Então V. m. duvida que os selvagens unitarios sejão inimigos da Patria!

— Os unitarios inimigos, que eu tenho conhecido, forão os Inglezes e os Espanhoes; os primeiros quando quizerão pagar-se pelas suas mãos do que lhes devia a Espanha escravisando o nosso paiz; os segundos quando se oppuzerão á nossa justa independencia, opposição tanto mais injusta, quanto que a Hespanha foi sempre zeloza da sua independencia e dos seus foros.... é differente, accrescentou o velho atirando fora a ponta do cigarro.

— Então o Sr. Simão é pasteleiro; joga com páu de dois bicos, exclamou Julião com uma certa ironia colerica.

— Nunca fiz outros pasteis que oppor o peito ás ballas!.... nunca fiz outro jogo que defen-

der, com a lança ou com o sabre, os direitos da liberdade de minha patria!

— Agora sim, que eu vejo que V. m. tem sentimentos lá da gente da cidade! retornou Julião com amargura

— Ora todos nós somos Argentinos. — O homem da cidade como o campeiro, todos são irmãos!

— Menos essa Sr. Simão, interrompeu o rapazote que dera principio á conversa. *O velho* já fallou na sua gazeta e diz que os unitarios não são Argentinos,

— Ah! (fez o velho Simão, sorrindo com ironia) Lavalhe, Balcarce, Soares, Villela, Dias, Olavarria e tantos outros que, por premio de quebrarem os ossos na cordilheira, hoje andão por ahi, sabe Deus como, proscriptos da sua patria, amaldiçoados por vocês, chamando-lhes selvagens unitarios, o que serão elles; inglezes ou francezes?

Os gauchos calarão-se um instante e parecião confudidos.

Julião, como um dos mais fanaticos, não quiz ceder o campo ao inimigo, e contra a sua propria convicção continuou; porque nelle a paixão desenfreada era mais forte que a razão.

— Deixemos o passado, e pensemos no presente só — e d'ahi não me comparem a ninguem ca com o nosso *Velho*: mais patriota do que elle — ninguem!

— Até ahi vamos todos! quem, melhor do que elle, tem trabalhado para nós? accrescentou o tal rapazote. E veja que até elle não quer, que la pela cidade andem de casaca. dizem que agora todo o mundo ha de andar de jaqueta.

— Isso mesmo é prova do seu amor pelo paiz; pois não derão elles na gracinha, de vestir-se como os gringos? chupem! e que não lhe fação muito não, porque elle não se sabe fazer de rogar para corta-lhes o pescoço. Quem fallou foi o Julião, e acabando sua eloquente oração, desembainhou sua larga faca e começou a cortar varinhas de ceibo, a espera de que pelo seu turno lhe chega-se o dia de cortar cabeças de unitarios.

— Sera verdade o que dizem, que o Papa excommungou os unitarios? perguntou o rapazote a Julião.

— Não, respondeu Julião, o que é muito certo é que o *Velho* lhes prohibiu que fossem ás igrejas ouvir missa, e tambem deu ordem aos padres para antes de dizer missa darem um «*morra*» aos unitarios e um «*viva*» a Federação e *viva* o Restaurador.

— Pois olhe que muito de certo me contarão isso de estarem excummungados.

— Ora isso tudo não passa de pantomima; nem o Papa se lembra d'esses que chamaes unitarios para nada, nem...

— D'esses que chamaes unitarios... interrompeu Julião repetindo lentamente as palavras do agreste velho Simão.... Por fim das contas, Sr. Simão, havemos de vir a vias de facto eu e V. m. um d'estes dias!

— Não Julião, enganas-te; eu não brigo com ninguem. Pelegei pela liberdade de minha patria: o tempo das batalhas acabou, agora o velho Simão não derrama mais sangue de irmãos.

— Então os gringos contra quem diz que pelejou n'outro tempo, considera-os hoje seus irmãos?

— Hade ser assim accrecentou Julião todo irritado; agora até os considera seus patricios.

— Não são meus patricios, não, mas ficae sabendo que os homens, seja sua nacionalidade qual for, pertencem á grande familia da humanidade, cujo pae é Deus; ora se é elle o pae commum, nós os homens todos somos irmãos.

— Ora essa não é mal apainhada!

— Calae-vos rapazes, sem miolo, replicou o velho; deixai ao tempo e á experiencia o cuidado de mudar muitas das vossas opiniões de hoje.

— Eu ca por mim não mudarei jamais; exclamou Julião; sou federal, neto legitimo, e odeio os unitarios e os estrangueiros com todos os meus cinco sentidos.

O velho virou-lhe as costas e foi-se chegando mais para a beira do rio.

N'aquelle momento um homem, que estava postado de vigia sobre uma arvore, gritou descendo a toda pressa, ali vem o barco!

Como a cem varas de distancia apparecia a proa da sumaca *Francesca di Rimini*, sahindo de traz de uma ilha que os contornos do rio tinha impedido até esse momento ver-se.

Julião foi o primeiro que correu a dar aviso ao juiz de paz; quando voltou da sua commissão, seus olhos encontrarão-se com os olhos de Simão.

O odio como o amor tem seus instantes unicos na vida.

Instantes em que tudo fica dito — palavra muda, trocada por dois corações que, ou se enlação para sempre, confundindo-se em um só ser, ou para sempre apartão-se, abrindo-se entre elles o abysmo sem fundo do odio, com seus paroxismos e suas luctas, como a paixão.

Julião e Simão odiarão-se desde aquelle momento.

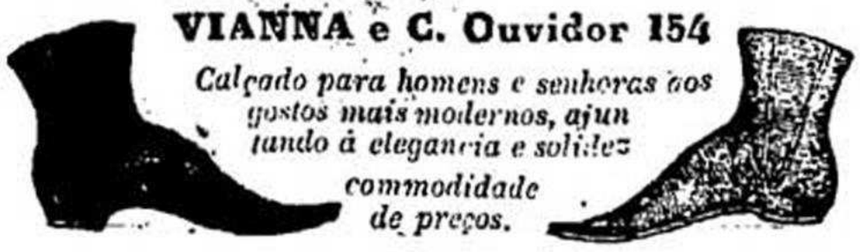
Porque?

Porque o prudente velho havia lido facilmente um mysterio nas desconcertadas feições do inexperto moço, e este pela sua vez teve consciencia, que o olhar severo, e perscrutador do velho penetrava o segredo, que elle Julião guardava no seu coração.

Ah! nunca impunemente pode o homem descer ao seu proprio coração; nunca impunemente pode elle investigar o coração dos outros homens!..

Escrito foi que quaesquer que fossem os seus descobrimentos, elles serião a origem da sua perpetua desgraça.

(Continua.)



Rio de Janeiro.—Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor n. 20.

TOMO I. — DOMINGO, 7 DE MARÇO DE 1852.

O JORNAL

DO SANTO

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

O programa e condicções deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

MODAS

Eis hoje o primeiro domingo do mez, minhas queridas leitoras, o domingo de todos os mezes deste anno, do outro que hade vir, e de muitos outros ainda, se a DIVINA PROVIDENCIA não determinar o contrario e vós tiverdes a bondade de continuar a ajudar-nos, em que eu tenho e terei o gosto de vos apresentar um figurino, segundo manda o programma da nossa Redactora em chefe, que a respeito de pontualidade ninguem lhe põe o pé adiante.

Desta vez portanto offereço-vos um figurino, que mais a proposito não podia vir para o nosso mez e meio da quaresma; elle vos dá perfeitamente o lindissimo e muito elegante — traje de respeito — usado entre nós nestes dias de religiosa concentração. Este uso ou moda de longa data, que veio desde Hespanha até á nossa terra, e que com mui a razão aqui se naturalisou, faz hoje o typo, dizemos assim, da brazileira que se encaminha a visitar o TEMPLO DO SENHOR; a sua elegancia e gravidade, o seu bello effeito sobre qualquer côr ou idade, até mesmo nem ao estrangeiro póde escapar, elle o admira e aprecia. E tanto assim é, que S. A. a Senhora Princeza de Joinville, consentiu que lhe tirassem o seu retrato em Paris — de véo e vestido preto — *por pedido do seu esposo*.

É por sem duvida um muito elegante *toilette*.

De mais, permittão as minhas queridas leitoras este pedacinho: o TEMPLO DO SENHOR, nos seus dias solemnes, com toda a preferencia deve ter as nossas attenções de *toilette*, que nós com tanta prodigalidade as distribuimos nas festas e cortejos ao mundo, não é assim?

Paris não segue esta moda, porque as suas instituições religiosas são outras, porque emfim não ha a solemnidade da SEMANA SANTA com as mesmas formalidades que entre nós se observa; daqui vemos, que as francezas nestes dias usão, como em outro qualquer, de seus chapeos, e nenhuma etiqueta

guardão no seu trajar, por isso que em o seu paiz não ha tal custume; ora nós, que estamos em nossa terra, e que a formalidade é outra, devemos continuar com a nossa moda. E se por acaso quizermos imital-as, imitemol-as antes na perseverança de seus cu tumes.

Sim, minhas queridas leitoras, ao menos esse trajar, esse véo, tão elegante, tão adaptado á veneração desses dias em que a igreja rememora os martyrios do REDEMPTOR, fique, conserve-se inalteravel e seja — nossa moda.

Em vista do que fica dito, passo a dar-vos a explicação da estampa.

O vestido é decotado, de brilhante seda preta lisa, com a saia guarnecida de duas ordens de folhos de larga renda *guipure*.

Sobre o corpinho a Luiz XV, passando em volta dos hombros a simular o primeiro folho das mangas, desce de cada lado uma estreita renda igual a dos folhos, e vem fechar quasi morrendo no bico, deixando apparecer um peitilho de quatro ordens da mesma renda atravessadas.

As mangas são mui curtas e compostas de dois folhos da mesma renda.

Penteado simples, acompanhado de véo de renda preta, que se dobra por sobre a trança até chegar ao começo do primeiro folho da saia. Este véo para nada perder de sua graciosidade, deve ser preso todo em pregas no semi-circulo superior da trança, deixando-o cahir para traz de maneira que cubra metade da cabeça.

Os enfeites para os vestidos podem variar, segundo o bom gosto das elegantes, á vista do que de mais moderno neste genero tem chegado á casa das nossas primeiras modistas.

Eu citarei aqui, para os vestidos de grande luxo, as verdadeiras rendas de seda de Chantilly em duas, tres, quatro e cinco ordens de folhos; as rendas *guipure* bordadas de vidrilhos, que são de grande novidade e de mui lindo effeito; as rendas de lã de um admiravel trabalho, e as chamadas—rendas de imitação, — muito recommendaveis pela facilidade com que se prestão a qualquer enfeite.

Para os vestidos mais simples ha os enfeites de veludo, aliás de muito bom-tom, muito bonitos, cujo trabalho é da maior perfeição. As grades de veludo como são lindas! as fitas de encrespar, as adamascadas de todas as larguras e feitios; os enfeites de veludo estampado, dispostos já em avental e berthe, produzem um effeito mui gracioso sobre o vestido de seda preta.

O vidrilho retomou o seu antigo dominio nos delicados enfeites modernos: elle sobre ae magnificamente bem entre as rendas e uns botões de grande novidade que nos trouxe o ultimo paquete.

Emfim, visitem as nossas As ignantes os primeiros armazens de modas, conversem e familiarisem-se com as nossas modistas de primeira ordem, que ellas por certo terão nisso muito prazer. Não mandem, vão mesmo em pessoa, que assim melhor comprarão e alcançarão com mais facilidade as explicações de que carecerem.

Para sempre acabe o sediço costume de encarregarem ao pae, ao marido, aos irmãos e aos primos, essas encommendas que elles chamão de—senhoras—e que levão a *resmungar* horas inteiras primeiro que as vão comprar, e por fim! fazem compras que poucas vezes sahem ao nosso gosto.

Quereis saber? é um grande favor que lhes faremos descartando-os dessas commissões, que devem ser feitas só por nós.

Os mascates italianos.... é boa gente; mas devem tambem ser demittidos do serviço das commissões: basta que lhes compremos suas fazendas, que já não é tão pouco.

Homens, comprem calças, casacas, rapé e charutos, que nós compraremos os nossos enfeites e as nossas fazendas. Salva as honrosas excepções desses homens *mulherengos* que sabem mais de agulhas e alfinetes, do que da ponta do seu nariz dois dedos para diante.

Senhora Redactora em chefe, hoje transgredi o meu dever; dirigi-me directamente á vossas assignantes, a quem muito devo por lerem esta familia de phrases mal alinhavadas, com a sua costumada bondade; não interpreteis que estou mal comvosco por isso, ou porque não nos déstes musica domingo passado. Bem sei que foi uma pequena colisação que fizestes entre as vossas assignantes para lhes offerecer cousa melhor e mui louvavel domingo que vem.

Bonsoi Mme. Noronha.

Catete, 5 de março.

Estudos.

LIÇÃO II.

A par da liberdade deu-nos Deus a razão.

O emprego da razão é vencer as más paixões e conduzir-nos pela senda do dever.

O estudo da philosophia, minhas queridas leitoras, longe de nos ser pernicioso ou inutil, é pelo contrario tão util como importante.

Conhecendo nós a nossa capacidade intellectual é que poderemos tambem saber o que valemos.

Conhecendo nós as faculdades todas da nossa alma, é que poderemos distinguir o verdadeiro emprego dessas mesmas faculdades e o limite natural da liberdade.

O erro e o vicio só nascem da ignorancia da creatura; porque ignorando-se a si mesma, umas vezes passa além, outras vezes fica aquem da sua missão. Emprende impossiveis, ou recúa sem saber porque. — O instincto nos guia — a intelligencia murcha como uma planta sem cultivo, e os sentimentos embotão-se faltos daquelle desenvolvimento necessario ao gráu de perfectibilidade de que é susceptivel a alma, e assim lavramos a nossa desgraça, porque um *preconceito fatal* se interpõe entre nós e a verdade.

O organismo d'alma, as molas ou pessas de que a alma se compõe, é o mesmo no homem que na mulher.

A unica differença que existe, é que sentimos com mais vehemencia e somos mais impressionaveis.

O corpo humano não póde ser *alma* porque esta é considerada como substancia immaterial, por consequencia o terrestre involucro d'alma não póde, nem deve, prejudicar seu destino, que é o desenvolvimento das faculdades que a compõe.

O que vem a ser a alma? A philosophia o diz:

« *A alma é uma força que se desenvolve pela sensibilidade, intelligencia e liberdade: é uma substancia identica e unica, que se manifesta por seus sentimentos, suas ideias e por suas vontades.* »

A alma, é pois uma substancia—sensivel—intelligente e livre.

Eis, queridas leiteras, o que vós perscrutando o vosso incognito—eu—achareis, tão palpavel e exacto, como uma cifra arithmetica.

Sois sensiveis porque sentis; sois intelligentes porque pensais; sois livres porque amaes ou aborreceis e —sentis como sentis —sem que as vontades tyrannicas, que as mais das vezes vos fazem vergar aos alheios interesses, possão reagir sobre vosso espirito ou sobre vosso coração, que a despeito dos vossos verdugos, *é livre*, e por isso ama ou desama segundo a livre faculdade que lhe outorgou o Creador!

Eu não quero dictar-vos um curso de philosophia, intento apenas fazer-vos comprehender o verdadeiro sentido da palavra e a verdadeira missão da sciencia.

Quero, por meio desta breve resenha, demostrar-vos sómente que não sois entes excepcionaes com uma unica missão no mundo.

A philosophia pois, já sabeis pela minha primeira lição, que é uma sciencia que se divide em tres partes.

A primeira é o conhecimento de nós mesmos; é a observação da alma a si mesma.

A segunda parte, que a sciencia chama logica, é simplesmente a arte de raciocinar, ou o conhecimento das regras debaixo das quaes devemos fazer os nossos raciocinios: o conhecimento da marcha que devem seguir as nossas faculdades no seu desenvolvimento.

A terceira parte trata dos deveres do homem para com Deus, para com a humanidade e para comsigo mesmo.

Eis pois o *dragão das sete cabeças, o coco dos meninos, o phantasma do outro mundo*, com que se assustão os espiritos pequenos.

A falta de raciocinio, o nenhum costume de reflectir, é funesto á mulher, minhas queridas leitoras. Ninguem como nós necessita aprender a pensar debaixo das regras mais estrictas da prudencia, para não desesperar, e já não peiorar a nossa causa. A absoluta ignorancia em que se deixa a mulher é o motivo primeiro de sua desgraça.

Quando se não dá um emprego util ás faculdades d'alma, ellas degenerão em vicios atrozes.

A sensibilidade converte-se em sede ardente de emoções para satisfazer a actividade—a intelligencia ociosa procura saciar sua celeridade por meio de uma curiosidade sem fim de averiguações, que quasi sempre se referem á vida alheia—e a liberdade, agrilhoada e suffocada, torna-se em maldade insupportavel para com os outros.

Assim é, como tudo, quanto de mais nobre empregou a bondade Divina no intimo ser de sua creatura, que o preconceito funesto inverte, transtorna e desfigura.

Agora portanto que já sabemos o que vem a ser a philosophia—na proxima lição tratarei de dar-vos uma explicação bem suscinta da primeira parte desta sciencia que é necessario vos acostumeis a chamar-lhe—psicologia.—

Minhas lições serão breves, porque temos muitos outros objectos de que tratar, e por minha vontade ensinar-vos-hia em um só dia tudo aquillo que julgo ser-vos util.

Quizera possuir esse dom extraordinario que presta a cada palavra o colorido da convicção profunda, e que vibra poderoso em todos os corações. Contentar-me-hei porém com a minha pouca capacidade.

Oração da tarde

A' BORDO DE UM NAVIO.

O globo do sol, cujo brilho nossos olhos podião então supportar, quasi a se mergulhar nas ondas resplandecentes, apparecia entre os cordames do navio, e espalhava ainda o dia nos espaços sem limites. Dir-se-ia, pelo balançar da popa, que o astro radioso mudava a cada instante de horisonte. Os mastros, os ovéus, as vergas do navio estavão cobertos de uma côr rosea. Algumas nuveus erravão sem ordem no oriente, donde a lua subia com lentidão.

O resto do céu estava puro; e o horisonte do norte formando um glorioso triangulo com o astro do dia e aquelle da noite, uma tromba carregada das côres do prisma se elevava do mar, como uma columna de cristal sustendo a arcada celeste.

Seria bem para lamentar, aquelle que, neste bello espetaculo, não reconhecesse a belleza de Deus!

Contra minha vontade correrão lagrimas de minhas palpebras, quando todos os meus companheiros, tirando seus chapéos alcatroados, vierão para entoar, com uma voz rouca, seu simples cantico a Nossa Senhora do Bom soccorro, padroeira dos marinheiros.

Quanto era tocante a oração destes homens que, sobre um fragilzinho, no meio do oceano, contemplavão o pôr do sol, sobre as ondas!

Como penetrava na alma, esta invocação do pobre marujo, á Mãe da dôr! Esta humilhação diante Aquelle, que ordena as tempestades e a calma; esta consciencia da nossa pequenhez á vista do infinito; estes cantos se estendendo ao longe sobre as vagas; os monstros marinhos admirados destes accentos desconhecidos, se precipitando no fundo de seus pegos; a noite se aproximando com seus embustes; a maravilha de nosso navio entre tantas maravilhas; uma equipagem religiosa, penetrada de admiração e temor; Deus pendende sobre o abismo, com uma mão retendo o sol ás portas do occidente, com a outra erguendo a lua no horisonte opposto, e prestando, a traves da immensidade, attenção á fraca voz da creatura: eis aqui o que não se saberia pintar, e o que todo o coração bem formado basta apenas para sentir.

Traduzido por E.....

POESIA

A' mulher.

Dedicada a mlle. Emilia Eulalia Nervi.

Tudo deves, mulher, á lei de Christo:
Essa lei sacrosanta,
Que o jugo vil da escravidão quebrando
Teus direitos outorga.
Quando do paganismo as átras nuvens
Nosso globo enlutavão,
Tu não eras do homem companheira
E sim a sua escrava.
Nessa Grecia, quiçá civilisada,
Na bellicosa Roma,
Que o mundo de barbaro tratavão,
Do homem ao capricho
Tua sorte somente dependia
Tua vida sagrada.
Se não vires da cruz tanal brilhante,
Foge, foge tremendo;
Esse sitio para ti é tormentoso
O despota ali reina
O prazer sensual so escutando.
Ah! vê d'Aurora o berço
Onde a lei de Mafoma crua impera,
E onde em um serralho
Para o gozo d'um homem mil mulheres
Vegetão desgraçadas!...
Tambem vê no Indostão sobre a fogueira
A esposa subindo,
Porque o homem cioso não consente,
Que além do seu tumulo
Dos prazeres da vida a mulher goze
A seu carro jungida.
Nova lei no Calvario promulgada
A mulher ennobrece,
D'uma Virgem no Ventre Immaculado
O Verbo s'incarnando
O amor conjugal é consagrado
Pela voz do SENHOR
Canta, canta, mulher, hosana, gloria,
Ao filho de David:
Que os fóros teus, sublimes privilegios
Liberal te concede.

Pelo Padre J. C. Fernaddes Pinheiro.

BIBL. NAC. PUBL. COR. TH.

Um dialogo domestico

EM 11 DE NOVEMBRO DE 1851.

— —

Já te disse uma, duas, tres vezes, muitas vezes e sempre, que não de'o, não quero e não quéro franchinotes ca em casa para ensinarem-'e aquillo que eu nunca aprendi. Geographia e Francez! ora e esta!... Vira de lingua e não lhe entenderei palavra!

— Mas meu pai, eu lhe prometto não fallar francez á sua vista, prometto não lhe pedir mais nada, nada mais, se me conceder a permissão de aprender francez e geographia, já que nada mais ensinárão-me para distrahir-me da monotonia desta vida em que definho, sem nada saber de interessante, para ser util a mim e aos outros.

— Ora essa é boa! bem boa! E não aprendeste a coser, a fazer crivos, rendas e pegamentos? Tua tia não te ensinou as primeiras letras, o que mais queres, heim? já não sabes a cartilha toda? Ah! pensas que has de saracutear a tal lingoa franceza, para fazeres andar em carambola a minha e a cabeça de tua mae? estás enganadissima. Olha, chega para aqui: quando me casei, ella e as reparigas todas desse tempo não sabião estas artes de beliques e beliquiteles, que hoje dizem por ahi que se usão, nem essas modas de gatimonhas e rapapeis desses endemoninhados estrangeiros, que tudo trazem para a terra estranha sem mais licença nem re erencia. Entrementes ali está tua mãe, gorda e nedia, n'aquella marqueza de sola, descançando das fadigas do dia: criou-te e educou-te sem ser preciso nenhuma dessas bujigangas; ora vês ahi?

— Sim, meu pai, minha mãe com effeito é uma santa senhora, criou-me e á ella devo o que sou, mas isso não é bastante para me fazer feliz. Se ella quando casou não sabia francez, nem geographia, foi por que meu avô pensava como Vm. Por isso muitas senhoras d'aquelle tempo, depois de chingarem os escravos todo o santo dia, resavão o Terço, e o resto do tempo á noite levavão a murmurar da vida alheia e.... coitadas já a culpa vinha dos paes desse tempo!...

— Cala-te, lambisgoia, que não sabes o que dizes; ainda estás fedendo a cueros e já arribitas-me as ventas! Pois estás enganada. As senhoras de dantes erão trabalhadeiras e muito trabalhadeiras, Olá se erão! Não vivião como pensas; tua tia era muito boa doceira e es ava todos os dias sobre o tacho a fazer as bellas trouxas d'ovos e mil outras coisas saborosas que fazem lamber os beiços: tua prima, ninguem fazia empadas melhores que ella; dia e noite trabalhando, le a a — quare mas inteiras a ender taboleiros e taboleiros de empada, de que tinha bem bons lucros; comprou dois escra os por vinte e quatro dobras! D. Felicia, que ainda tu conheceste a sobrinha fazendo ceuvas e pasteis folhados, tambem era uma insigne doceira, e outras muitas de que não me lembro agora os nomes, mas que erão muitas, mesmo muitas. E hoje o que se ve?... ve-se a senhora querendo aprender linguas para ser linguaruda, e ainda não sabe *pôr um remendo, tomar pontos de meias, sergir uma camiza*! E o arranjo da casa? ora adeus minha vida, hade ir pelos ares como vão as cabeças de Vms. todas, quando se mettem a querer saber aquillo que não devem. Está dito; ha de ser o que sua mãe foi, e temos conversado. Ora eis ahi.

E a bella menina com tão bellas e louvaveis intenções teve de retirar-se de junto de seu pai, triste e com os olhos arrazados de lagrimas, vendo frustrados todos os seus desejos e louvaveis intenções....

O que iria ella pensando nesse momento?

Ah.... se esse velho materialão advinhasse em que podem desandar os bem entendidos dezejos de uma senhora quando são bruscamente contrariados, (assim como acontece com elle tambem) mais que depressa satisfaria as justas pretenções de sua filha. Mas, louvado Deus, como estes ha muitos ainda, que entendem que a mulher quanto menos educada mais se amolda aos seus estupidos caprichos, sem se lembrarem que a madeira (permitta-me a comparação) quanto menos aplainada mais aspera e mais farpas tem!...

Educação! *solida e verdadeira* educação ás nossas filhas, para um dia bem dizermos a sua felicidade.

Sua, &c.

Christina.

— —

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

NÉMESIS.

O barco que acabavão de divisar era a Francisca de Rimini.

Os passageiros que vinhão a seu bordo conservavão-se ainda na posição que já fizemos conhecer ao leitor, porque, entre o momento presente e aquelle do nosso esboço, só tem decorrido um limitado espaço de minutos.

Ao sahir detraz da ilha, a gente da sumaca pôde tambem avistar os homens que estavão sobre as ribanceiras do rio: nesse momento o homem da nodoa vermelha se poz ao leme, aproou em direitura á terra e ordenou aos marujos que ferrassem as vélas.

Alcina, em um lance de olhos, comprehendeu as tenções do fingido patrão do barco.

Leve pallidez se derramou por um instante nas suas feições, e levantando seus olhos ao céu parecia repetir mentalmente as seguintes palavras:

« *Cumpra-se meu Deus a vossa vontade, seja no céu, seja na terra!*

D. Antonia olhou espantada em roda de si; fatal presentimento veio pousar como uma lousa sobre seu coração, e apertando entre as suas a mão de seu marido, duas lagrimas silenciosas correrão-lhe pelas suas faces.

Findou a nossa viagem, murmurou o doutor.

Ha momentos na vida humana, nos quaes, em frente á desgraça que nos fere em cheio o coração, aniquila-se completamente o grau de soffrimento e de resignação que póde conter a alma de cada creatura.

Desgraças para as quaes não ha gemidos nem lagrimas; em que a propria sensibilidade fica paralisada e muda!

Tão intenso se torna o soffrer, que curva nosso ser physico e moral, que nos leva até ao momento do tresvario; e nossa cabeça horripilando-se, o cerebro altera-se nervoso, e nós sentimos os primeiros symptomas da loucura desenvolverem-se ali.

Tal foi a impressão que as breves palavras de Alcina deixarão em sua mulher.

Ellas encerravão a convicção de uma desgraça irremediavel, profunda e veloz!

Tocava o limite de uma espantosa realidade que em breve ia feri-la com todo o rigor!

Pobre mulher!

Creatura fraca e pequena ante os olhos do materialismo, o que viria a ser de ti, se nesse corpo fragil e delicado não tivesse collocado o CREADOR uma alma, tão amante e tão energica! alma de esposa e de mãi, que no momento do perigo e para defesa dos caros objectos do seu amor, toma as proporções gigantescas da heroicidade, cumprindo assim a missão mais sublime do seu destino.

A mulher de Alcina suffocou seu pranto, devorou sua afflicção, e se preparou com supremo esforço a tragar junto com seu bem amado esposo, o calice amargoso do infortunio.

O menino Adolfo, nascido entre o estrondo da revolução, embalado no berço pelas descargas do canhão e do fuzil, já encontrava diante de si o cadafalso e o exilio! Não obstante a sua tenra idade, tambem observou o que se passava a bordo; deixou seu interlenimento infantil, e com essa vaga inquietação, presagio infallivel da fatalidade, correu para o pé de seu pae, patenteando no perturbado olhar, que elle não estava alheio ao drama que ia começar.

O homem da nodoa vermelha lançou um olhar sobre os passageiros, e dice lá com os seus botões:

— Já sabem o que lhes aguarda.

Emquanto ao Dr. Alsina, desde que comprehendeu qual ia ser a sua sorte, como todo homem de coragem e de espirito, aceitou a sua nova posição.

Chamou para junto de si os seus dois queridos objectos, e com a dignidade tranquilla e augusta do homem de honra que tem a consciencia pura, esperou com firmeza que rebentasse o raio, cuja nuvem estava formada sobre a sua cabeça.

A sumaca atracou á terra.

Naquelle momento, em ordem de destacamento com o juiz de paz á frente, descia pela ribanceira a gente da Estancia.

O interprete da lei transformado em homem de guerra (em favor do rei) trazia um ar tão marcial, tão guerreiro, e tão furibundo, como se elle sozinho fosse combater um exercito inteiro de selvagens unitarios.

Bom será previnir o leitor, de que o insigne juiz de paz era um homem baixinho, gordo e barrigudo, com olhos desmesuradamente grandes e espantados; seu pescoço curto e gordo desapparecia inteiramente entre dois hombros carnudos; o resto da sua pessoa podia servir de typo á vulgaridade, não dos homens, mas sim da intelligencia na sua expressão mais mesquinha.

Ia pois marchando á frente dos seus peões, e, com o custume de todos os homens pequenos, esticava as pernas para andar com certa magestade comica, que não deixava que dar-lhe seus ares com Sancho-Pança emquanto foi governador da Insula Bavataria, carecendo comtudo o nosso heroe do gordo bom senso da personagem de Cervantes.

A' sua chegada á bordo, o juiz de paz lançou em torno de si um olhar de furor, e com o tom mais decidido e imperioso chamou o patrão da sumaca. O homem da nodoa vermelha adiantou-se, com o seu boné de pelle de mono entre as mãos e com a cara de hypocrita toda compungida: o velhaco começou fallando com pronunciado accento estrangeiro:

— Servitore da V. Ex.

— Não tenho excellencia (retornou o juiz, não sem secreto pezar). Sou o juiz de paz do partido do Baradeiro, cuja costa é esta, e como encarregado de velar pela seguridade do paiz, venho saber para onde vae Vm. e que passageiros traz a seu bordo.

— Lo barco não mai pertende, le vais patrona, restó ferito á Montevidéo, a xumaca va caricata da casa di Antonini com mercancie e fa-

(*) Vide o n. 9.

zende, vous sapete—Ponche, colette, chaquita, pantaloni.... alfine tutto lo carimento que va poua lo porto di Goia, nella costa correntina. Apreset, lo passagiero, and the somand lhe ton soue co oro que V. A. ten na vista.

O juiz de paz teria preferido que o mestre fallasse um idioma mais intelligivel, porque na longa relação que acabava de fazer-lhe, havia passagens muito escuras para a sua percepção, e palavras que não podia traduzir: felizmente para elle, lembrou se a tempo que as vezes é melhor calar do que fallar, e fazer como que se sabe perfeitamente aquillo que nem sequer nos passa pela mente.

— E' necessario que eu examine todos os papeis que Vm. traz a bordo, replicou o juiz, depois de uma pausa.

— Avec tropo plaisir, apressou-se a dizer o homem da nodoa vermelha. Giovani! acrescentou chamando pelo moço que na pequena equipagem da sumaca servia o duplo emprego de criado da camara e cosinheiro Giovani apparecen com as suas calças cheias de breu e seu boné de lã vermelha na cabeça.

— Sono qui, capitano, respondeu cortezmente o criado e cosinheiro.

— Una vedlia per il signor Juidice e alcune botiglie di cerbeja: andiamo!

Giovani, acostumado a servir as carreiras, desceu a camara e subiu pouco depois carregado com uma cadeira de thesoura e uma porção de garrafas.

No espaço de tempo que decorreu, um silencio absoluto se observava a bordo: os gauchos, com a espingarda ao hombro, tinhão a curiosidade retratada no rosto.

Alsina sentado a ré com sua senhora e seu filho ao pé de si, mediante esse tacto fino e desembaraçado do homem de alta sociedade, mostrava a mais completa indifferença, nenhuma attenção dando aos ares furibundos do juiz, nem aos seus preparativos inquisitoriaes que tivera annunciado. Conversava com sua senhora reservadamente, e parecia explicar-lhe os differentes objectos que guarnecião a opposta margem do rio.

O juiz de paz, homem vulgar e estupido, não podia comprehender a dignidade da conducta do exilado, e sentia augmentar-se a sua colera, que tão pouco respeito impunha ao selvagem unitario.

O velho Simão mal disfarçava seu desgosto, porque já via de antemão o fim daquella farça.

O fanatico Julião se conservava ao pé do juiz, e Miguel encarava com atonita surpresa o homem que por ordem do general Rosas elle havia entregado ás autoridades.

Longe de indignar-se á vista do proscripto, Miguel sentia uma emoção desconhecida que agitava-lhe seu coração pela vez primeira; aquelle grupo de tres creaturas ligadas por laços tão estreitos, cujas phisionomias erão tão cheias de distincção e tão amaveis, o interessava na sua sorte, a seu pezar.

Essa lei mysteriosa da sympathia que sentimos sem poder analysar, attrahiu o coração de Miguel para a familia de Alsina; havia elle entregado o proscripto ás mãos de seus carrascos, e naquelle momento, só a vista do homem a quém votára á fatalidade, sem o conhecer, causava nelle uma resolução tanto mais terrivel, quanto que o coração do joven estava virgem do impeto violento das paixões; e que pela vez primeira encontrava um ser nobre e grande, em favor de cujo immenso infortunio, sentia elle nascer terna piedade, e profundo respeito.

Pouca aceitação merecen a cerveja com que o mestre quiz obsequiar o Sr. juiz de paz e sua gente: por isso teve breve despacho, ficando o refresco quasi intacto.

O magistrado sentou-se e começou a revista dos papeis do capitão, sobre seus joelhos: como elles não continhão outra cousa que a factura de carregamento e o despacho d'alfandega; o juiz os entregou de novo ao fugido mestre e pedin o passaporte do passageiro.

O homem da nodoa vermelha tirou seu boné e começou a rolal-o entre as mãos, tossiu, cossou a cabeça, e ficou calado.

O momento da explicação era chegado.

O juiz de paz reassumindo toda a insolencia e descortezia de que era capaz, fez um—siu—imperativo ao Dr. Alsina e gritou-lhe:

— Paizano! já pedi o seu passaporte: cá o mestre fica á maneira de embaraçado sem responder: — Ordeno a você, que me entregue seu passaporte; si é que você viaja com elle; accrescentou ironicamente.

O proscripto apertou a mão de sua mulher, e levantando-se, adiantou-se para onde estava o juiz, tirou uma carteira da algibeira do seu palletot, e abrindo-a escolheu um papel, que apresentou ao *inquisidor federal* com estas palavras:

— Eis a ordem de minha deportação; estou persuadido que Vm. não ignora quem eu sou.

A frase surda: « E' um selvagem unitario! » passou com leve murmurio de boca em boca.

O juiz abriu o papel e depois de ler para si, ficou em silencio, como quem medita a resolução que vae tomar, considerando-a como acto da mais alta responsabilidade. A final com um tom o mais magestoso possivel perguntou á misera victima da traição:

— Que ia Vm. fazer a Corrientes?

— Póde o senhor fazer ideia, vendo na minha companhia minha mulher e meu filho: ia estabelecer-me em Corrientes, e procurar o sustento de minha familia no exercicio de minha profissão.

— Ora, porque não confessa de uma vez suas tenções e vistas revolucionarias? Pensa que eu posso cá commungar com rodas de carreta?

— Tome sentido com quem falla (replicou friamente Alsina). Eu sou um cavalheiro que Vm. deve respeitar e tratar como eu mereço; se vem aprisionar-me, porque fui vilmente atraiçoado, cumpra a sua missão e deixe-se de rodeios inuteis: eu não quero que ninguem commungue com rodas de carreta; eu não occulto as minhas opiniões politicas, porque não as considero um crime, e quando a prudencia me aconselhasse de assim praticar nunca seria n'um

caso como este, em que de ante-mão já estou condemnado.

— Isso é o mesmo que confessar que você é um selvagem unitario! Exclamou o juiz satisfeito do seu tato e sagacidade.

— Serei tudo quanto Vm. quizer, replicou o proscripto, ou serei tudo quanto lhe aprouver ao general Rosas, contra os homens que querem constituir o seu paiz e viver sujeitos á lei e não ao capricho de um *mandão!*

— Silencio! cale-se!... você é um nojento selvagem unitario! gritou o juiz, quasi que afogado de colera, que?! pretende você criticar a conducta do governo?!..

D. Antonia, interpoz a sua mediação para findar a questão, supplicando ao mesmo tempo ao juiz para que os deixasse continuar a sua viagem tranquillos, empregando nesta supplica as maneiras mais amaveis com que a infeliz senhora procurava domar a sanha do tigre.

— Não póde ser, senhora!... foi a resposta do juiz; é necessario que eu sirva á causa americana e a santa causa da federação e a da Confederação Argentina, é debaixo deste dever de patriota que ordeno ao selvagem unitario Valentim Alsina, inimigo acerrimo da patria e do illustre restaurador das leis, que se entregue prisioneiro. E concluindo este rasgo de eloquencia, o magistrado se poz em pé, lançando em roda de si olhares de triumpho, e dirigindo-se aos seus peões, no mais alto gráu de enthusiasmo, exclamou:

Paizanos! Viva o illustre restaurador das leis!

Viva! responderão em coro os gauchos.

Viva a federação!

Viva!

Morrão os selvagens unitarios...

Morrão... morrão... Morrão mil vezes... gritou Julião.

Morrão! morrão! repetião com encarniçamento e frenesi os illudidos campeiros.

— Vamos para a terra, disse o juiz. E' necessario fazer o processo-verbal ao preso; depois será conduzido a Buenos-Ayres e posto á disposição de S. Ex.

Alcina ouviu sua sentença, sem a mais pequena apparencia de desgosto; não assim sua mulher e seu-filho, que apertando-o em seus braços, romperão em pranto.

Dois homens não puderão ficar indifferentes a esta scena de profundo e mudo pezar.

O velho Simão e o aventureiro Miguel; elles enxugarão uma lagrima involuntaria, que lhes passou desapercebida no meio do furor e da algazarra dos outros.

(Continua.)

O Catette.

Ha muito que o bairro do catette e os seus amadores ja devião ter cuidado de instituir um ponto geral de reunião, para certo e determinado numero de socios com suas familias ahi passarem algumas noites do mez, entre os prazeres de uma partida familiar, tão reclamada nos diversos pontos desta corte.

Consta-nos que essa ideia está encetada, e que algumas pessoas de toda a consideração tratão de instalar no catette uma destas reuniões pelo mesmo systema da sociedade Philceterpe, composta de cantoria e dansa, cujas partidas serão semanaes e debaixo de um rigoroso *toilette* simples. A agencia da parte musical está confiada aos Srs. Guilmet e Amat.

Fazemos votos para que essa sociedade se realize e prospere a par dos bons dezejos de ses Srs. influentes.

Estrella.

Acompanha a este numero o figurino do ultimo mez do 1.º trimestre. Para o numero que vem mimosearemos as nossas Assignantes com uma interessante musica.

JORNAL DAS SENHORAS.

Publica-se todos os Domingos; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este jornal nas casas dos Srs. Wallerstein e Comp. n. 70, A. e P. Desmarais n. 86, Mongie n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de Santos e Silva Junior, rua da Carioca n. 32.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

Preço da Assignatura: Por tres mezes 3$000 rs. na Côrte, 4$000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se de Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro.— Typographia de Santos e Silva ~~Junior,~~ Rua da Carioca n.º 32.

TOMO I. — DOMINGO, 14 DE MARÇO DE 1852.

O JORNAL
DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

DEDICATORIA
A S. M. A IMPERATRIZ.

SENHORA!

As redactoras do JORNAL DAS SENHORAS têem a honra de dedicar a V. M. I. este hymno, testemunho fiel, mas incompleto da gratidão e amor, que por V. M. I. seus coraçõcs resentem.

Não são, Senhora, os sentimentos dellas sós, que exprime o canto das redactoras; todas as brasileiras vos amão com igual ternura; e por isso, Vós, Senhora, Reinaes soberanamente sobre os coraçõcs de todas ellas.

Assegurão, varios authores, Senhora, ter a Providencia divina accumulado em nosso sexo seus mais preciosos donativos, qualidades inestimaveis, que ella com mão menos prodiga havia diversamente repartido entre suas criaturas mais queridas: dizem elles, que quando criou a Mulher, teve Deus por fim dar á terra uma imagem do Paraiso esboçando nella a formusura de suas maravilhas.

Asseverão ainda, que entre esses attrativos, e muito acima dos encantos de graça, e belleza, que adornão o sexo, de que V. M. I. Faz a Gloria, brilhão a heroica dedicação da Mãe, e da Espoza, a bondade consoladora, com que anjos na Terra enxugamos as lagrimas do infortunio, eesse attributo divino, que sempre nos inclina para o perdão, embora raras vezes seja bem sincero o arrependimento da culpa.

Em V. M. Imperial, Senhora, vemos nós com ufania o conjuncto encantador de todos esses dótes, a que a Terra tributa adoraçõcs, e os Céos prodigalisão sympathias: os authores, que citámos, não são portanto lisongeiros; V. M. I. os Justifica; pois que sendo o Ideal de tantas perfeiçõcs, É V. M. I. o Typo-Adoravel do nosso sexo.

Digne-se V. M. I. de Aceitar Benigna, com a sincera expressão de nosso amor dévotado, e profundissimo respeito os fervorosos votos, que pela perenne felicidade de V. M. I. e de Sua Augusta Familia dirigem ao Céo.

Suas subditas dedicadas,

As Redactoras do Jornal das Senhoras.

AO FAUSTOSO DIA 14 DE MARÇO DE 1852

ANNIVERSARIO NATALICIO

DE

S. M. A IMPERATRIZ DO BRAZIL,

Dedicado pelo Jornal das Senhoras.

HYMNO.

Gloria ao nosso Imperador,
Qu' em Parthenope a formosa,
Foi colher vivente Rosa,
Alto premio de alto amor.

Salve de Pedro a Escolhida,
Mãe terna, esposa querida,
Salve a nossa Imperatriz!...
Salve a Flor, qu um terno enleio
Trouce do Brasil ao seio,
Onde resplende feliz.

Gloria, &c.

Tu és nossa! — a natureza
O Brasil a ti, Princeza,
Propicia ligado tem,
Prendem-te laços de flores,
Pois do Brasil os amores
São teus amores tambem.

Gloria, &c.

Nesse Esposo, que amas tanto,
Que é da tua vida encanto,
Tua mais doce affeição,
Tem a patria o filho amado
Têm um Monarcha adorado,
De sua gloria condão.

Gloria, &c.

As tenras filhas que adoras,
Anginhos, em quem namoras
Celeste graça infantil,
São as Princezas formosas,
E tambem filhas mimosas
Do dedicado Brasil.

Gloria, &c.

Salve os laços, oh Princeza.
Que ao Brasil a natureza
Tu'alma ligado tem;
São laços; mas são de flores,
Pois do Brasil os amores
São teus amores tambem.

AO FELIZ ANNIVERSARIO

DE

S. M. A IMPERATRIZ.

ODE

Solitario em Seu Throno excelso e firme
Com saber e amor, Ditoso em tudo,
Imperava o Monarcha Brasileiro,
Sem ser Feliz ainda.

Embora Venturoso em Seu reinado,
Da paz serenos dias Desfructando,
De males, de desditas não Cuidoso
Feliz inda não Era.

Seu fausto Throno, Seu brilhante Nome
Seu aureo deadema, o amor d'um povo,
Nada, nada lhe basta, é pouco ainda;
Persiste na tristesa.

Então Deus, cujas vistas protectoras,
De seu solio jamais hão-se apartado,
Conhece a causa, e O consolar procura
Um mimo Lhe Offertando.

D'entre a Celestial Côrte dos Anjos,
Que como astros no Céo brilhão risonhos,
C'o a dextra paternal escolhe O Eterno.
De todos o mais bello.

Pressuroso com elle á terra Desce;
Por Companheira á Pedro esse Anjo offrece
No Throno Brasileiro esse Astro Crava,
E a poz assim Lhe Falla:

Eia! áqui habitar deves agora!
Vás com Pedro imperar sobre o seu povo,
Dou-te pór c'roa as flores da virtude,
Por Sceptro tens teu Nome!...

Tudo então se mudou: já prasenteira
Vê Pedro se escoar Sua existencia;
E o povo amante faz soar em Côro
Um hymno de alegria!

Esse Mimo celeste e tão Sublime,
Esse Astro, e esse Anjo virtuoso,
Com que dotára Deus Pedro, e Seu povo
Sois Vós, Sois Vós Senhora!

Consenti pois, que um tão faustoso Dia
Vosso Natal com todos bem dizendo
Por todo o Orbe faça ouvir contente
O Nome de Theresa.

Antonia.

SONETO.

THÈREZA EXCELSA da brasilia gente,
IMPERATRIZ, e MÃI tão carinhosa,
Que ao pobre soccorrendo caridosa,
Faz contra a sorte, feliz o indigente!

MISSÃO CELESTE d'um DEOS Omnipotente,
Qual a DELLE, és p'ra nós Mãi extremosa,
Sempre a mesma, com mão tão dadivosá
O Brasil tens tornado florescente!

SENHORA! No Brasil Tuas acções
Escravizado tem os Brasileiros,
Teu THRONO está firmado em corações.

Meus filhos, desde os dias seus primeiros
Balbuciante, repetem orações,
Nellas pedem p'ra Ti—dias fagueiros.

Emilia C. F. L.

AO DIA 14 DE MARÇO DE 1852.

Por uma joven Fluminense.

Salve IMPERATRIZ EXCELSA,
A quem gosto de adorar,
Por ser MÃE tão extremosa,
A quem me ensinão amar.

Dai-lhe oh meu Deus
Longividade,
Goze ELLA sempre
Felicidade.

Recebe EXCELSA, SENHORA,
De um pequeno coração
Os votos mais respeitosos
De leal adoração.

Dá-lhe, &c.

Do Brazil Ès a TERCEIRA,
Ès tambem mui piedoza,
Tão santa como a PRIMEIRA
Como a SEGUNDA—mimosa.

Dá-lhe oh meu Deus
Longividade
Goze ELLA sempre
Felicidade.

Amelia F. C. T.

AO

FAUSTOSO NATALICIO

DE

SUA MAGESTADE

A IMPERATRIZ.

Aos braços do hymineo
THEREZA ao Brazil chegou,
E com ELLA a f licidade
Ao nosso solo aportou.

Brasil exulta!
Qu'em tua historia,
THEREZA é excelso
Padrão de gloria.

Que importa o velho mundo
N'altos thronos refulgentes
Tenha tido soberanas
Virtuosas, florescentes?

Brazil exulta!
Qu'em tua historia
THEREZA é excelso
Padrão de gloria.

Que importa esse poder
Lá d'Europa magestozo,
Se THEREZA em nossos peitos
Tem throno mais primorozo.

Brasil exulta!
Qu'em tua historia
Thereza é excelso
Padrão de gloria.

Vasto imperio, sempre unido,
Tem em si a realeza
É d'America alto brazão
PEDRO SEGUNDO E THEREZA.

Brasil exulta!
Qu'em tua historia
THEREZA é excelso
Padrão de gloria.

Analia C. T. C.

HYMNO

DEDICADO A S. M.

BIBL. E PUBL. DA CORTE IMP.

A IMPERATRIZ

DO BRASIL

NO SEU FELIZ NATALICIO DE 14 DE MARÇO DE 1852

((FELIX.))

MUSICA DE

NORONHA

JORNAL DAS SENHORAS

Voz.

Coro.

Marcial.

Piano.

8va

Sal ve de Pe dro nes co lhi da

Sal _ ve a nossa Impe _ ra_triz.

Sal_ve a_flor q. em terno en_lei _ _ _ o. Ó Bra_

zil o Brazil tornou fe_liz. liz Gloria ao

nos_ so Im_pe_ra_dor q. em Par_

nos_ so Im_pe_ra_dor q. em Par_

the no_pe __ a for_ mo __ __ za Foi co_

the no_pe __ a for_ mo __ __ za Foi co_

Iher vi __ ren_te Ro __ __ za Al _ to

Iher vi __ ren_te Ro __ __ za Al _ to

8ª

pre_ mio de al _ to a _ mor Foi co_

pre_ mio de al _ to a _ mor Foi co_

Iher vi __ ren_te Ro __ __ za Al _ to

Iher vi __ ren_te Ro __ __ za Al _ To

premio de al to a - mor di

premio de al to a - mor di

Al - - - - - to a - - - mor di

Al - - - - - to a - - - mor di

al - - - - to a - - - mor.

al - - - - to a - - - mor.

Nossos peitos com teu preito
Os mais doces laços tem:
Pois do Brasil os amores
São teus amores tambem.

Coro.

Gloria ao nosso Imperador
Que em Parthenope a formosa
Foi colher um'alta Rosa
Alto premio de amor.

3.

Nesse Esposo que amas tanto
Da vida doce affago
Tens um Monarcha adorado
Da Patria alegria, e thesão

4.

As novas filhas que adoras
Chuva de graça infundi
São tambem filhas mimosas
Do dedicado Brasil

LINGUAGEM DAS FLORES.

(*Continuação.*)

ROSA MOSQUETA.

BELLEZA CAPRICHOSA.

O capricho indica volubilidade do espirito.

De mistura com as colheitas, de que os europeus se alimentão, a vista fica agradavelmente surpreza, e o homem se deleita maravilhado contemplando a variedade das côres, que matizão as cearas desde a cerullea corolla da *sultana* até a da brilhante *papoula*. Ao lado do milho plantado pelo negro africano, as adoriferas *amarillis*, ou os soberbos *crinos*, os *gladiolus* delicados desabrochão corollas ataviadas das côres as mais vivas e variadas. A *rosa do brejo*, o *golfão* dourado, e o *nelumbio* orgulhoso elevão a fronte altiva á superficie das aguas, que inundão as margens do *Indo* e do *Egypto*. Os epidendros grimpantes, e a baunilha aromatica ornão com suas corollas singulares as moitas aonde naturalmente cresce a mandioca e o aipim: emfim a benefica natureza dispõe sempra o agradavel ao lado do util.

Mas a rosa parece ter sido constantemeute o objecto de sua particular predilecção, porque o homem a encontra por toda a parte e por todas ellas se tem apoderado d'ella para gozar sua belleza, seu perfume e prodigalisar-lhe seus cuidados.

A *rosa mosqueta* produz grandes paniculos de numerosas flores brancas semi-dobradas ou dobradas, que exhalão mui agradavel cheiro, e tem uma ligeira analogia com a musgo. Faz-se d'esta rosa o emblema do capricho, porque no mesmo terreno ás mesmas exposições, em circumstancias absolutamente similhantes, tanto vegeta com vigor, como definha ou morre, sem que se possão advinhar as causas; o que faz com que sua cultura seja mais incerta do que difficil.

ROSA POMPOM.

GENTILEZA.

A gentileza é a alma da infancia.

A *rosa pompom* é a mais pequena das *cem-folhas:* tão bonita como graciosa póde ser comparada com a *gentileza*, com que a natureza atavia a infancia. Ah! essa amavel gentileza passa frequentemente com a primeira idade, como a belleza passa com a juventude.

De uma menina, que a morte acabava de roubar á ternura de seus pais, disse Malherbe. —

Elle était de ce monde où les plus belles roses
Ont le pire destin;
Et rose elle a vecu ce que vivent les roses,
L'espace d'un matin.

A' rosa pompom se dá a preferencia, todas as vezes que em uma festa hajão corôas de flores.

ROSA DAS QUATRO ESTAÇÕES.

BELLEZA CONSTANTE.

A meus olhos serás sempre bella.

Diz Mme. *Lenevena* e *de la Tour*, que esta é a *rosa Damascena* ou *Belga*—e que sendo mui cultivada nos arredores de Paris é geralmente conhecida com o nome de—*Puteaux*—segundo a melhor monographia das rosas, e classificação dos authores mais conceituados a rosa *Damascena* ou *Damasco* é a 14.ª tribu; e posto que esteja sempre florida não deve ser confundida com a 13.ª que são as *Portlandicas* ou propriamente —*perpetuas* ou *das quatro estações*. Divide-se esta tribu em duas secções:

Rosas de Portland chamadas *Perpetuas ou das quatro estações* e *Hylsidas ascendentes* — Entre as primeiras figura a graciosa Bernarda tanto pela forma como pela côr e aroma.

Nã 2.ª Secção encontrão-se — *Baronesa de Prevort:* — o tamanho, a côr e a forma grangearão-lhe a estima dos amadores, logo que appareceu no Rio de Janeiro. A *Jaques Laffite*, que não lhe é inferior, a *principe Alberto*, a *Rosa da Rainha* e a mui rara e estimada—*Sol de Austerlitz*.

Todas estas rosas florescem regularmente quatro vezes no anno, e d'ahi lhe provem o nome de — rosa das *quatro estações* —

Um dia em que o Amor dançava na presença dos Deuses deixou-se cahir, e na queda derribou uma taça de nectar: o liquido espalhou-se sobre o terreno e produzio um tufo d'estas rosas.

(Continua.)

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

> Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.
>
> MICHELET, Historia de França.

LAGRIMAS.

A quatro milhas do Paraná, levantavão-se no meio da floresta as torres da Igreja de um convento abandonado, que sem duvida foi azilo dos Missionarios, que pouco depois da conquista se espalharão pelas Americas, para prégar a dou-

(*) Vide o n. 10.

trina que chamavão de Christo, porem escravisando ao mesmo tempo os tristes indigenas, a quem em logar de civilisar com a palavra Evangelica, impunhão o jugo vergonhoso da escravidão em nome da CRUZ !

Que impiedade.!

Havião ja decorridos alguns annos, que a deserta Igreja conventual, era só habitada pelas fatidicas corujas, e que os seus largos aposentos estavão solitarios e pavorosos, como as sepulturas dos mortos enterrados debaixo das brancas e frias lages do seu pavimento.

Ao tempo sereno succedera um ar humido e tempestuoso ; á atmosphera pura e perfumada sobreveio um cheiro de terra barrufada pelas primeiras gotas da chuva. Nos ambitos do espaço rolavao, negros e ameaçantes grossos grupos de nuvens, que embaciavão o claro azul dos orbes que eternamente marchão no ether transparente, que os homens chamão firmamento.

A noite era escura ; um vento quente do norte soprava com violencia, agitando a robusta ramágem dos colossaes Ombús, vergando os altos choupos e zunindo como um echo lugubre e longiquo, por entre os ramos verde-negros dos augurantes ciprestes.

As nuvens impellidas com violencia, carregadas de electricidade chocavão-se umas de encontro ás outrs na sua rapida carreira, largas fitas de fogo illuminavão as agrestes matas e a terra, e logo depois a voz cavernosa e ameaçante dos trovões roncava e se reproduzia no silencio da noite e da soledade.

Os cães uivavão tristemente, bramava o *Yaguareté* espantado, os timidos cordeiros balião amedrontados, e todos os reptis e féras do deserto união seus echos selvaticos com a voz profunda e magestosa da tempestade, que se aproximava rapida e tremenda como a maldição de um Deus vingador !

Sob o abandonado tecto do convento estranha bulha ouvia-se tambem. A vida, esse negro drama, cujo desfecho é sempre a morte, jogava as scenas suas tão interminaveis — Prantos ou risos — prazer ou dôr — riqueza ou miseria — eis a humana existencia até o dia que se resolve o problema da Eternidade ! até o dia em que, separada a alma do corpo, este fica gelido e insensivel, alimento dos vermes da terra ! e a alma.. Ah ! meu Deus, eu curvo a frente ante Tua immensa magestade ; Seja feita a Tua vontade assim na terra como no Céo !

O principio e o fim da existencia são o limite mysterioso onde esbarra o orgulho do mortal !

No meio do templo do abandonado convento, levantado outr'ora como homenagem á Divindade ou como alicerce, a cuja sombra se abrigarão impias ambições, ardia uma grande fogueira, cuja chamma amarellada espalhava avermelhados clarões em derredor ; as naves lateraes não obstante conservavão-se em profunda obscuridade ; postados, juntos de cada columna, vigiavão silenciosos sentinellas com a espingarda ao hombro, tão immoveis e calados como as decripitas estatuas dos despojados santos que ainda permanecião esquecidos e desbotados nos nichos dos seus depidos altares.

A mão severa e gelada do tempo pousava sobre os muros do antigo convento ; os dormitorios cahião em ruinas, crescião ervas parasitas por toda a parte, e no grandioso e outr'ora decorado altar da grande nave, apenas existia em pé a cruz colossal de Christo, em quanto que o resto do altar, partido pelo raio em mil fragmentos, jazia em um montão informe ; parecendo symbolisar esse raio partido do seio da indignação dos povos que escapados ao Potro do tormento, onde os frades os acoitavão, aniquilou o Catholicismo até aos seus alicerces e presto não deixára delle mais do que as ruinas do seu gigante edificio, o qual como lapida terrivel servirá de epitaphio a era ignominiosa que subverteu as puras e santas doutrinas do Deus Homem.

Defronte mesmo da Cruz, symbolo eterno de martyrio de fé e da redempção, sobre um punhado de palha estava deitado um homem carregado de ferros ; seu rosto pallido, porem sereno, revelava essa coragem moral, que arrosta o perigo sem tremer ; seus olhos volvião-se com um sentimento de fé e de piedade cheia de resignação, e se fitavão na negra e tosca cruz ; orava em silencio, elevando seu coração a Deus, resignado a soffrer sem queixumes, e confiando sempre na misericordia do Senhor.

Um menino e uma mulher, tão chorosa e magoada como a propria mãe do Salvador, gravão ajoelhados a poucos passos do preso.

Dois sentinellas um de cada lado do altar guardavão o prisioneiro,

Um dos sentinellas, era um velho, cujos cabellos brancos como a neve, revelavão uma vida cheia de trabalhos, e os ameudados desgostos que a acrisolarão ... esse velho era Simão : soldado da revolução de Maio, ferido mortalmente em *Cancha rajada* e vencedor em *Ajacucho*.

O outro sentinella era Miguel, de quem o olhar pensativo e enternecido não se apartava do grupo que tinha em frente de si.

O silencio que reinava na velha igreja conventual, era profundo, e apenas interrompido tão somente pelo roncar dos trovões, o rumor do vento lá fóra, os suffocados suspiros da mulher e do menino que rezavão chorando, e pelo estalar das achas de lenha que ardião na fogueira.

O Dr. Alsina e sua familia são as pessoas de quem fallamos ; para ali julgou mais prudente o *sabio* Juiz de paz conduzir o Unitario, de quem a presença na villa do Baradeiro, ou de São Nicoláo, poderia ser nociva e excitar as vivas sympathias dos outros *Selvagens Unitarios* que abundavão no norte da Provincia de Buenos Ayres.

Convidados e reunidos ali os Federaes, mais notaveis do districto, nessa noite formarião o processo verbal do preso que com as suas doutrinas revolucionarias vinha comprometter a tranquilidade do despotismo do tyranno.

Ignorando a sorte que lhe estava reservada, Alsina e sua familia esperavão ja um desfecho sanguento ; por isso interrompendo o silencio, Dom Valentin chamou por sua senhora e seu filho.

— Antonia, disse o proscripto, serena o teu

coração, e ouve-me; talvez seja esta a ultima noite que passemos juntos..... talvez eu va morrer.

— Morrer!! exclamou a joven senhora, estes barbaros levarão sua ferocidade e seu fanatismo até esse ponto! oh! não, isso é impossivel.

— Quem sabe, replicou Alsina, onde não ha lei que proteja a sociedade e que proteja os homens de bem dos attentados dos loucos e dos malvados; tudo deve esperar-se. Entre o punhal desta gente e o meu coração não ha outro obstaculo que o acaso ou a bondade de Deus..... porém deixemos isto, tratemos do nosso filho... chega-te para aqui meu filho.

O menino Adolfo levantou-se de onde estava ajoelhado e foi para junto de seu Pae: queria em vão comprimir os suspiros, e só pode lançar-se nos braços de seu pae lavado em lagrimas.

Por espaço de alguns minutos aquelles tres desventurados, enlaçados em estreito abraço permanecerão calados,

Fria lagrima sulcava a enrugada face do velho Simão.

Desconhecida magoa feria o coração de Miguel: e uma voz arcana parecia murmurar-lhe no ouvido.

— *Foste mensageiro da morte!*

— *Entregaste o innocente aos seus carrascos!*

Alsina, dominando sua emoção, continuou a fallar com a sua voz sempre pausada e affectuosa.

— Adolfo, disse elle, meu filho, não chores mais: por amor de mim, por amor de tua mãe... socega; meu filho.... O melhor, o unico meio de amar, seja aos nossos paes, seja aos nossos amigos, é poupar-lhes tudo aquillo que os possa mortificar ou causar-lhes pezar.... não chores Adolfo!

O menino enxugou suas lagrimas, passou a mãozinha pelo humido cabello, sacudiu a cabeça com um movimento cheio de intelligencia, que parecia dizer.

— Está feito meu pae, saberei calar minha dor, ocultar minhas penas: serei homem!

Tinha apenas dez annos!

— Estás contente de mim, papai? perguntou o menino sorrindo meigamente, com a voz convulsa do choro ainda.

— Sim, meu filho, respondeu o presioneiro, com voz repassada de amargura, e que revelava toda a terna compaixão que lhe inspirava, seu filho votado á desgraça desde a mais terna mocidade: elle continuou. Adolfo: os homens é necessario que saibão vencer, domar as suas paixões, como os seus pezares; luctar contra a dor e conter seus sentimentos todos, na orbita indeclinavel do dever, que nos ensina a sacrificar as nossas affeições, quando o exige a dignidade e o respeito que devemos ter de nós mesmos, e que deve presidir todas as acções publicas e privadas do homem de bem.

És ainda muito menino para comprehender-me..... vaes ficar na orfandade... Ah! eu não sinto morrer.... mas não poder completar a tua educação.... illustrar o teu espirito e formar o teu coração.... Antonia, disse Alsina depois de uma pausa dirigindo-se á sua mulher, tu supprirás a minha falta, não é assim? os conselhos que deres ao nosso filho conformar-se-hão com os meus desejos?

— Sim, eu farei o possivel para esse fim: responden D. Antonia com voz tão sumida, que apenas se percibia: a pobre senhora temia que a inflexão da sua voz atraiçoasse a dor que lhe rasgava o coração.

— Estou nas mãos do General Rosas, accrescentou o preso; e seja aqui seja em Buenos Ayres, não devo esperar por um desfecho feliz... por isso é necessario aproveitarmos os momentos que ainda nos restão.

— Mas papai, interrompeu o menino Adolfo, porque estes homens querem assassinar-te? tu és innocente!

— Porque meu filho? Não m'o perguntes! disse tristemente Alsina; quando fores homem as chronicas sanguinolentas do teu paiz te dirão porque tantas cabeças nobres cahirão decimadas debaixo do machado assassino da populaça. Pobre Adolfo que não poderás evocar os risonhos quadros da tua infancia sem ver antes passar diante dos teus olhos o cadaver de teu pai assassinado!... Ah! pelo menos não serei eu que rasgarei o véo mysterioso que ainda te encobre as miserias e os crimes dos homens! Meu filho, grava no fundo do teu coração estas derradeiras palavras de teu pai, e a lembrança desta noite não se risque mais da tua memoria.

Adolfo e D. Antonia, aproximarão-se mais do proscripto; e Miguel, descançando a caronha da espingarda sobre as pedras do pavimento, cruzou os braços sobre a boca da espingarda, com os olhos fitos no nobre prisioneiro.

— Tu vas ouvir-me sem comprehender as minhas palavras: disse Alsina fallando com seu filho, porém lembra te dellas quando fores homem, e sirvão ellas de norte e de rumo á tua vida.

— Meu filho: a ideia unica e absoluta das acções do homem honesto, é o dever.

Trata de conhecer as obrigações que te impõe o dever e preenchel-as religiosamente, sem transigires jamais com ellas; porque aquelle homem que transige com seus deveres, falta a sua propria honra. Vida e fortuna devem sacrificar-se ao dever, quando este assim o exigir.

Os preceitos que o dever encerra em si são simples como a verdade, e não custão a comprir-se, pensando que elles téem por fim a felicidade do homem. — Esta felicidade não é o mesquinho regozijo dos prazeres e das riquezas do mundo: a felicidade de que te fallo é essa doce tranquilidade do justo, do homem que sempre vive em paz com Deus, com seus semelhantes e comsigo mesmo.

A missão do homem sobre a terra é trabalhar para o bem-estar geral, da humanidade; depois da humanidade a patria, depois da patria a familia: o — *Eu* — é o ultimo nessa tarefa: comtudo, tu verás mais adiante que os homens pela maior parte invertendo a moral social, tratão primeiro de si, depois da familia; a patria a identifica com o proprio interesse, e a humanidade é apenas uma entidade contra

quem se luta despiedadamente ; porque os meios de fazer fortuna todos são bons, e olhando para os fins, a perversidade dos auxiliares não é reparada :

Apezar de assim veres os outros praticar, ama tu em cada homem um irmão e nunca dezejes nem faças aos outros aquillo que não dezejas nem queres para ti, as opiniões politicas ou religiosas dos outros homens, por serem differentes da nossa, nunca devem de servir-nos de subterfugio para fazermos mal.

Sê humano, meu filho, sê generoso, e marcha sempre de frente e em linha recta.

Consola tua mãi quando eu ja não existir.... Se algum dia te casares, ama tua mulher, e lembra-te que és responsavel não só da sua subsistencia como da sua tranquillidade ; desde que ella a ti se confiou é cobardia sem nome, opprimir e atormentar aquella que nos deu mais que a sua vida, porque com o seu sangue alimenta os nossos filhos ; não consideres na tua mulher uma escrava, olha nella a tua companheira, a mãi dos teus filhos e sempre a tua melhor amiga.... Ves como tua mãi e eu nos amamos?

Alsina calou-se.

Sua mulher e seu filho estreitamente o abraçavão ; e todos tres choravão em silencio.

O velho Simão mexia devagar sua cal eça e parecia dizer « Eis os crimes deste homem... uma virtude sem igual » !

Em quanto a Miguel, á medida que a linguagem civilizadora e philosophica de Alsina, desdobrava ante seus olhos o espesso véo da ignorancia que lhe roubava a luz do mundo e da intelligencia ; operava-se no intimo do seu ser uma dessas revoluções que deslocão o homem e o põe no verdadeiro caminho do seu destino.

A cabeça do agreste moço era um cahos ! e no meio da febre que o agitava, as palavras de Alsina se gravavão na sua lembrança em caracteres de fogo !

Depois de uma pausa, Alsina proseguiu ainda:

— Antonia, não deixes arraigar o odio de partidos politicos no coração do nosso filho Adolfo, se algum dia o general Rosas mudar de systema, se sua marcha variar em proveito do paiz perdoa-lhe o mal, que hoje nos faz, em favor do bem e da prosperidade da patria... on-ves Adolfo ?

— Oh ! meu pae, responden o menino com a firmeza de um homem, se Rosas te fusilar, Adolfo Alsina jámais perdoará o assassino de seu pai !

Alsina commovida extremosamente não respondeu.

O silencio tornou de novo entre elles, apenas interrompido pelo zunido da tempestade !

Continua.

PENSAMENTOS.

O amor introduz-se insidiosamente nas mais bellas almas, como um verme se mette ao botão da mais bella rosa. Mas não procureis a eternidade em coisa alguma deste mundo. Não ha amante que no ardor da sua paixão não reputе o seu amor eterno, e elle muitas vezes, quanto mais extremoso e firme se ostenta, mais veloz desapparece.

A mulher deve ser a sentinella vigilante de si mesma, estando como quasi sempre está, cercada de inimigos ; tendo-os em sua cabeça, em seu coração, em toda a sua pessoa, e em grande parte das outras pessoas que a communicão.

Acompanha a este numero a musica do Hymno composto pelo maestro Noronha, e dedicado á S. M. a Imperatriz no seu feliz Natalicio aos 14 de Março de 1852, pelo *Jornal das Senhoras*.

Para o numero seguinte daremos ás nossas assignantes os modelos de cabetes e paletots chegados pelo vapor — Tay.

JORNAL DAS SENHORAS.

Publica-se todos os Domingos : o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundu ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este jornal nas casas dos Srs. Wallerstein e Comp. n. 70. A. e r. Desmarais n. 86, Mongie n. 87, rua do Ouvidor ; e na Typographia de Santos e Silva Junior, rua da Carioca n. 32.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

Preço da Assignatura : Por tres mezes 3$000 rs. na Côrte, 4$000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se de Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro.— Typographia de Santos e Silva Junior, Rua da Carioca n.º 32.

TOMO I. — DOMINGO, 21 DE MARÇO DE 1852.

O JORNAL
DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

BIBLIA. C. E PUBL. DA CORTE

O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

VISITA

Da redactora em chefe do Jornal das Senhoras, á Imperial Quinta da Boa Vista.

Domingo passado, minhas queridas leitoras, foi para mim um dia feliz, d'aquelles que fazem epoca na vida do artista : tive a honra de depositar nas augustas mãos de SS. MM. II. o nosso Jornal dedicado ao feliz anniversario natalicio de S. M. a Imperatriz. Era a primeira vez que tinha a honra de ver tão de perto a Augusta Soberana ; dizem que a etiqueta prohibe olhar face a face com a Magestade, porém essa etiqueta não se entende commigo, que sou excessivamente nervosa, uma certa agitação febril invade a minha cabeça e o meu coração combustiveis : por isso encarei o nobre rosto da Imperatriz, tão alvo, tão bello, e onde achei impresso essa candura ineffavel, essa expressão celestial dos anjos. Dirigiu-me poucas palavras, que eu recolhi com avidez e guardei no fundo do meu coração, porque forão ditas com aquella benevolencia que encadeia os corações, acompanhadas d'aquelle meigo sorriso, que faz por um instante esquecer as distancias sociaes, e que parece dizer — no mundo invisivel da intelligencia e dos sentimentos todas as almas nobres fallão a mesma linguagem e podem comprehender-se um momento. —

Eu fiquei penhorada da immensa benevolencia da Excelsa Senhora, e assevero-vos que nos meus dias tormentosos, quando vejo todos os objectos d'este mundo atravéz de um véo funerario, para dessipar meu soffrimento evocare sempre do fundo de minha memoria a visão adorada, do Anjo Bemfazejo do Brazil.

Elle me apparecerá com o seu simples vestido branco *come la creature bella bianco vestita* com seu sorriso ineffavel, seu olhar tão cheio de suprema indulgencia, e aquelle seu todo que a faz Rainha duas vezes.

« Pela vontade de Deus e pelas altas virtudes » que lhe conquistão os corações. »

A redacção do *Jornal das Senhoras* acaba de dirigir ao Dr. Dom Valentin Alsina, Ministro do Interior em Buenos Ayres, a carta seguinte, acompanhada de uma colecção do *Jornal das Senhoras*.

Sr. Dr. Dom Valentin Alsina.

Tenho a honra de depositar nas suas mãos o *Jornal das Senhoras* redigido por mim, e no qual encontrará Vm. a publicação do romance *Mysterios del Plata*, que não é outra coisa que o principio das chronicas dramaticas que encerrou a dictadura de Rosas.

O drama, de que Vm. sua senhora e a familia do finado Dr. Maza forão actores, foi sempre tão interessante para mim, que quiz começar por elle com preferencia a outros muitos episodios d'essa época de horror, que felizmente terminou com a batalha dos Santos Lugares.

Não quiz reservar o seu nome, nem o das pessoas da sua familia, porque elles pertencem á historia do meu paiz; e porque julgo que, no romance historico, é indispensavel pelo menos a identidade das personagens: os homens publicos já não pertencem mais a si mesmos. O buril do excultor, o pincel do pintor, a penna do poeta, tem direitos á sua imagem e á sua historia.

Pelas lembranças que conservo do seu genio, parece-me que fui feliz no esbôço do seu caracter, crenças e modo de pensar. Mui satisfeita ficaria eu se a sua approvação coroasse os meus esforços; e, se Vm. o permitte, continuarei enviando-lhe pelo paquete o seguimento do romance, o qual muito prazer teria que se publicasse em hespanhol, para cujo fim já escrevi ao meu primo Reissig, para abrir assignaturas em Montevideo e Buenos Ayres.

Se Vm. se digna acusar o recibimento desta e dos Folhetins, que a acompanhão, eu terei muito gosto de dar publicidade nas columnas do *Jornal das Senhoras* ás letras que me dirigir; e acredite que serão lidas com interesse porque o circulo das nossas assignantes é o mais escolhido desta côrte, e a sua pessoa collocada hoje em uma das posições mais eminentes d'esse paiz dá forçosamente uma alta idéia, que é de certo bem exacta.

Tenha a boudade de offerecer os meus cumprimentos á sua senhora dispondo do inutil préstimo de quem se assigna com a mais alta estimação e respeito sua compatriota e attenciosa V.

Joanna Paula Manso de Noronha.

NECESSIDADE DA ORAÇÃO.

Quando acabaes de orar, não sentis vosso coração mais leve e vossa alma mais satisfeita?

A oração torna a afflicção menos dolorosa, e a alegria mais pura: ella mistura n'uma, um não sei que se fortificante e doce, e n'outra um perfume celeste.

Que fazeis sobre a terra, e não tendes nada a rogar á aquelle que ahi vos collocou?

Sois um viajante que procura a patria. Não andeis de cabeça baixa, é preciso levantar os olhos para reconhecer seu caminho.

Vossa patria é o Céo, e quando olhaes para o Céo não sentis nenhuma agitação? nenhum desejo vos atormenta, ou esse desejo é mudo?

Ha quem diga: *para que orar? Deus está muito acima de nós, para ouvir tão mesquinhas creaturas.*

E quem tem formado estas creaturas mesquinhas, quem lhes deu o sentimento, o peusamento, e a falla, senão Deus?

E Elle tendo sido tão bom para ellas, era para as desamparar depois e para as repellir para longe de Si?

Na verdade, eu vo-lo digo, aquelle que diz em seu coração, que Deus despreza suas obras, blasphema Deus.

Outros ha que dizem: *para que orar: Deus não sabe melhor que nós o que precisamos?* Deus sabe o que prècisaes, e é por isso que Elle quer que vós lhe rogueis, Deus é por Si mesmo vossa primeira necessidade, e orar á Deos, é principiar á possuil-O.

O pai conhêce as necessidades do filho; segue-se d'ahi que o filho não tenha mais uma palavra de supplica e de agradecimento para seu pai?

Quando os animaes soffrem, quando elles têem medo ou quando têem fome, dão gritos queixosos. Estes gritos são a oração que elles dirigem a Deus, e Deus os escuta.

Seria pois o homem o unico ser na criação, cuja voz não devesse nunca chegar aos ouvidos do Creador?

Passa ás vezes sobre os campos um vento que seeca as plantas, e então se vê suas hastes murchas penderem para a terra; porêm humedecidas pelo orvalho ellas recobrão sua frescura, e erguem seus grelos languidos.

Ha sempre sopros abrasadores que passão sobre a alma do homem, e a murchão. A oração é o orvalho que a refresca.

Por E. . .

A MALEDICENCIA.

A maledicencia é um fogo devorador que cresta tudo em que toca ; que exerce sua furia tanto sobre o bom grão, como sobre a palha, sobre o profano, assim como sobre o sagrado ; que por onde passa só deixa ruina e desolação ; que penetra até ás entranhas da terra e vai unir-se ás cousas mais occultas ; que muda em cinzas despresiveis o que ha um momento nos parecia precioso e brilhante ; que parece aberto e quasi extincto no momento mesmo em que, mais que nunca, opéra com mais violencia e perigo ; que ennegrece o que não póde consumir, e que sabe agradar e brilhar algumas vezes antes de prejudicar.

E' um orgulho secreto que nos descobre o argueiro no olho do nosso semelhante e nos esconde a trave que está em o nosso ; uma inveja baixa, que, ferida pelo talento ou pela prosperidade de outro, disto faz objecto de sua censura e estuda para obscurecer tudo o que a excede ; um odio disfarçado que derrama sobre suas palavras a amargura encoberta em seu coração ; um fingimento indigno que louva á vista e calumnia em particular ; uma leviandade vergonhosa, que não sabe se vencer e conter-se por uma só palavra, e que sacrifica muitas vezes sua fortuna e seu repouso á imprudencia de uma critica que sabe agradar ; uma barbaridade que a sangue frio vai ferir nosso semelhante ausente.

A maledicencia é um mal inquieto que perturba a sociedade, que lança a discordia nas cidades, que desune as amizades mais estreitas, que é a fonte dos odios e das vinganças, que enche todos os logares onde entra, de desordem e confusão ; por toda á parte inimiga da paz, da doçura e da placidez. Em fim é uma fonte cheia de um veneno mortal : tudo o que della parte está infectado, e infecta tudo o que a cerca ; seus louvores mesmos são envenenados, seus applausos malignos, seu silencio criminoso ; seus gestos, seus movimentos, seus olhares, tu lo tem sua peçonha, e a derrama á sua maneira.

Traduzido por E.....

LINGUAGEM DAS FLORES.

(*Continuação.*)

ROSA MUSGO.

AMOR VOLUPTUOSO.

Não se desperte mais o amor platonico.

Esta encantadora variedade das cem folhas é assás conhecida na Europa, e ha cerca de um seculo, que ella se cultiva nos seus jardins : e fez-se d'ella o symbolo da voluptúosidade por não ter espinhos e cobrir-se de certo musgo, quer no tronco, quer nas bracteolas, ou folhas floraes, calice e sepulos que lhe dá extrema belleza. Mme. Genlis foi quem levou de Inglaterra para Paris a primeira rosa musgo. Como ella ja tinha reputação litteraria, com o pretexto de ver a rosa, ia uma multidão de pessoas a sua casa movidas só pelo desejo de apreciar a conversação d'essa mulher, celebre e singular.

ROSA MATIZADA.

FOGO DO CORAÇAO.

Meu coração está devorado pelo amor e pela inquietação.

O poeta Bonnefous enviou duas rosas á sua amada : uma branca, e outra escarlate ; juntando-lhes a seguinte quadra.

Pour toi Daphene, ces fleurs viennent d'eclore;
Vois, l'une est blanche, et l'autre se colore
D'un vif eclat ; l'une peint ma pâleur,
L'autre mes feux; toutes deux mon malheur.

Mme. De la Tour, em consideração a estes versos, indicou como symbolo dos ardores do coração, não a rosa matizada, mas um ramalhete composto de uma rosa branca e outra escarlate. *vid. Rosa branca e eucarnada.*

ROSA CAPUCINA.

BRILHO.

Nem tudo o que brilha é ouro.

Esta roseira offerece frequentemente sobre o mesmo pé flores inteiramente diversas : umas de um bello vermelho côr de chaga (cochearia), outras matizadas de escarlate e amarello, e outras finalmente de um amarello uniforme e vivo, o que dá ao arbusto um verdadeiro brilho.

Tambem se poderia fazer d'ella o emblema da fatuidade, porque suas flores tão variadas exhalão desagradavel cheiro de porsovejo, quando se approximão ao olfato.

De todas as roseiras esta he a que menos tempo conserva suas flores : muitas vezes não durão mais do que algumas horas ; e a manhã em que ellas desabrochão as vê desfolhar.

ROSA SIMPLES.

SIMPLICIDADE.

Não confundas a simplicidade do coração e das maneiras, com a do espirito.

A Simplicidade nas maneiras he um encant$_o$

tão insinuante, que até faz esquecer a feialdade, rasão porque Clemencia Izaura quando fundou os jogos floraes, destinou uma rosa simples por premio da eloquencia.

No seculo 12.º os Papas consagravão uma rosa simp ês de ouro em Sexta Feira Maior que reservavão para o presente mais honroso que tivessem de fazer: era em ultimo caso, que a enviavão ao Rei de quem querião captar a benevolencia e procurar a alta protecção. Entre outros exemplos faremos menção da que Guilherme, rei da Escocia, recebeu do Papa Alexandre III, e da que o mesmo Papa enviou a Louis, o joven, rei de França, pelas honras que recebeu na sua viagem á aquelle paiz.

Os papas fizerão da rosa simples e ephemera o emblema da simplicidade de costumes, da fragilidade do corpo e da pouca duração da vida: o metal precioso e inalteravel, com o qual a modelavão, era alusivo á immortalidade da alma.

Continua.

POESIA.

A flor do cemiterio.

Meiga bonina do prado.
Quem teu viço emmurchecco?
E n'um triste mausoleo
Quem cruel te desfolhou?
Hontem eras tu formosa,
Tinhas graças, tinhas vida,
Hoje triste emmurchecida
Tudo a morte te roubou!...

O teu balsamo suave
Tens perdido, ó flor mimosa,
Tens a forma duvidosa,
Já não és a mesma flor!
Foi bem curta a tua vida,
Mal apenas despontada,
Foste logo decepada,
E morreste sem amor!...

Sobre o seio d'uma virgem
Nem se quer foi teu fadario,
E dos mortos no sudario
Cruel sorte t'arrastou.
Sobre a ped a d'um sepulchro
O teu b ilho feneceo,
E n'um triste mausoleo
Cruel mão te desfolhou!...

Salomon.

MOTE.

Tudo em ti é sympathia.

GLOZA DEDICADA A' MINHA AMIGA

A Illma. Snra. D. M. da G. B. de F.

Tens d'acucena a candura,
Da rosa o bello composto,
Desenhou Deus no teu rosto,
A placidez d'alma pura,
Ao ver tua formosura,
Venus cede a primazia,
E por isso, bella Armia,
Eu quero amor consagrar te,
Por que tudo induz á amarte,
« Tudo em ti é sympathia. »

Amelia.

ANEDOCTA.

VERDADEIRO USO DOS OLHOS.

Um bispo italiano, lidando sempre com grandes difficuldades sem murmurar, e achando grande opposição emquanto preenchia sua missão, jamais chegou ao ponto mostrar-se encolerisado ou impacientar-se. Um seu amigo intimo, admirador de taes virtudes, as quaes elle achava impossivel poder imitar, perguntou um dia ao digno prelado se podia communicar-lhe o segredo de tanta indulgencia para com os seus inimigos.

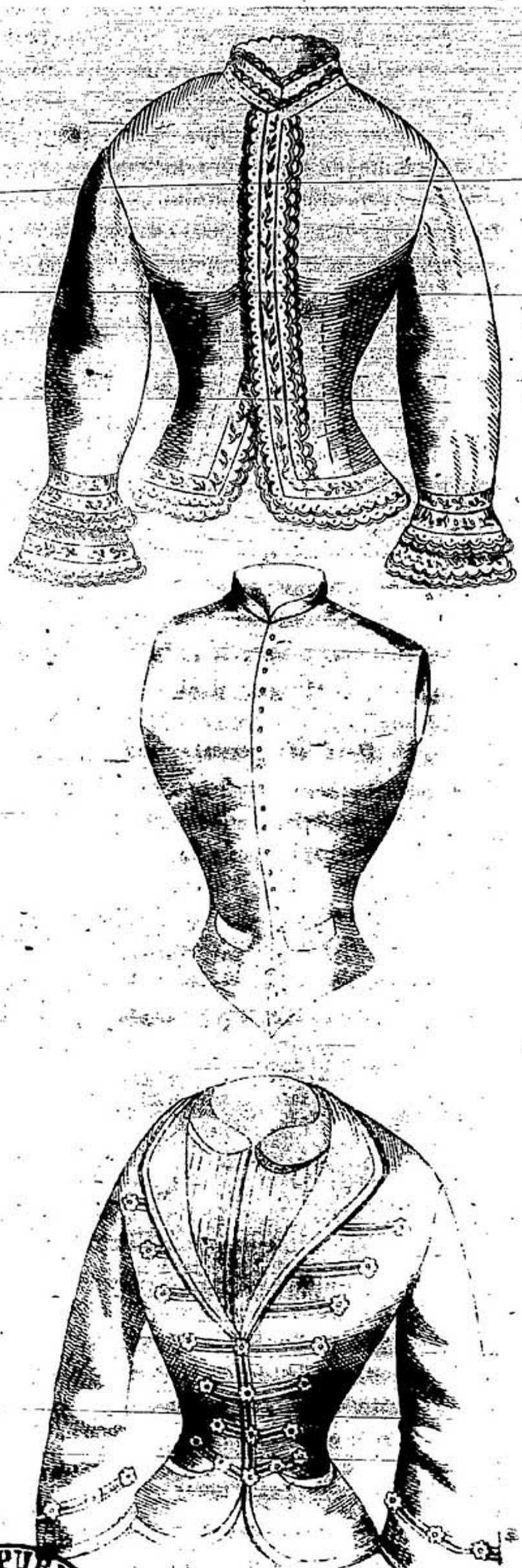
O ancião respondeu-lhe.

— Sim; posso communicar-vos o meu segredo: é elle muito facil, consiste tão-somente, em fazer verdadeiro uso dos meus olhos.

Seu amigo instou-lhe que se explicasse melhor.

De boamente replicou o bispo.

— Em toda e qualquer situação que eu me encontro nesta vida, levanto em primeiro logar os meus olhos ao céo, e lembro-me que o negocio o mais importante para mim é trabalha para a minha jornada até lá; depois abaixo o meu olhar para a terra e contemplo quanto é pequeno o espaço que hade occupar a minha sepultura; finalmente lanço um derradeiro olhar para esse largo e espaçoso mundo, e observo que multidão de infelizes não gira por toda a parte, mais desgraçados do que eu!



BIBL. NAC.E PUBL. DA CORTE

Assim é que aprendo onde está collocada a nossa verdadeira felicidade, para onde é que todos os nossos trabalhos devem encaminhar-se, e quanto seria pequena a razão de compaixão que tivesse de mim mesmo, ou de rebeldia á vontade do Creador.

PENSAMENTOS.

Encontrão-se a cada passo homens, sem talento, sem estudos e sem principios, proferindo em tom decretorio os maiores absurdos sobre as questões sociaes.

Que penetração, ou sciencia physionomica, póde igualar o engenhoso instincto de uma esposa estremosa, quando ella interroga o coração do seu amado, com a linguagem dos seus olhos?

A felicidade assemelha-se á rosa do pudor que murcha apenas se toca.

A religião é a cadeia de ouro que liga os homens e a terra ao throno do Eterno.

Os maiores serviços que se fazem á religião, são tambem os maiores que se fazem á humanidade.

A curiosidade é o defeito dos meninos que não sabem nada, e dos loucos que se occupão das loucuras alheias.

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

> Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.
>
> MICHELET, Historia de França.

PROCESSO DE UM SELVAGEM UNITARIO.

Bulha de passos, que á igreja se dirigião, annunciou que a hóra do juizo soava, e que o illustre juiz de paz chegava acompanhado das out as machinas judiciarias.

S. S. tinha permanecido, até esse momento, em uma das salas do convento; achando conveniente não ter contacto algum com o nojento e selvagem unitario, senão aquelle as-ás necessario para a melhor custodia do preso.

Deve parecer extraordinario, que se intentasse fazer o processo de um homem, que não obstante o anathema de expatriação que pesava sobre elle, não tinha contra si dado algum positivo nem indirecto, que o accusasse perante as leis; comtudo naquelle tempo Rosas não se atrevia á tirar a mascara da hypocrisia, e valia-se do nome da justiça e das suas formulas, para melhor encobrir suas vinganças pessoaes.

Antes que os assassinatos de abril de 1840 designassem esses mezes com o nome de—mez de Rosas—e escrevessem com sangue uma lembrança innapagavel nas eternas laudas da historia do Rio da Prata, o governador (ab eternum) de Buenos-Ayres assassinava as suas victimas com a cooperação dos gangrenados tribunaes, que não protestavão de tão horrenda violação dos seus deveres.

O juiz de paz e os seus satelites tomárão lugar nos degráos do altar-mor, e o réo de pé, ficou diante dos seus juizes.

Naquelle momento a tempestade, chegando ao seu maior auge de violencia, bramia em redor do arruinado edificio; rugia o vento, zunindo tristemente entre os claustros, cahia a chuva com estrepito, e o trovão resoando estremecia até os alicerces daquellas ruinas.

Quantos daquelles bisonhos campeiros, não acreditarião que era o inimigo do genero humano que armava todo aquelle barulho desde os infernos, em despique do selvagem unitario, que os bons federaes tinhão pilhado em flagrante dilicto.... tudo podia acontecer.

O illustre juiz de paz levantou-se dirigindo as seguintes palavras a guisa de um proclama, e não sem tirar primeiro respeitosamente seu grande chapéo de abas largas, companheiro do inseparavel farrapo vermelho, devisa da Federação, ou para melhor dizer, libré degradante de um governo todo pessoal e anti-nacional.

Viva a Federação! começou dizendo o juiz.

Viva! responderão em coro os manequins, que fazião o papel de jurados.

Morrão os selvagens unitarios!

Morrão!

Um espantoso trovão, acompanhado de um raio, misturou sua pavorosa explosão á sacrilega maldição que lançavão os homens illudidos sobre seus infelizes irmãos.

Viva o illustre restaurador das Leis! exclamou o juiz com maior fogo, como embriagado e aguilhoado pela bulha sempre em augmento da tempestade.

(*) Vide o n. 11.

Viva! Viva! Viva! Responderão os campeiros.

O juiz proseguio.

Amigos e paizanos! Encarregado por S. Ex. o illustre restaurador das leis, de velar pela tranquillidade deste districto e fazer respeitar e obedecer ás ordens do nosso illustre restaurador (Q. D. G.) tive aviso da proximidade de um selvagem unitario no Paraná: conjecturando que talvez intentasse introduzir-se no territorio, apoderei-me da sua nojenta pessoa, possuido do excessivo zelo pela santa causa da Federação e da causa de toda a america, juntamente responsabilisando-me eu só neste negocio, porque que o para mim só a gloria de entregar ao nosso illustre restaurador este teimoso unitario, amarrado como um christo.

Procedamos ao interrogatorio, disse.

Viva o nosso juiz de paz! gritou Julião adiantando-se d'entre o grupo dos outros gauchos.

Viva! respondêrão todos.

O juiz de paz com ares de modestia tornou a sentar-se, não sem deixar lá com os seus botões de da -se os parabens de um acto, que ia servir de primeiro degráo á sua celebridade, presente e futura.

O interrogatorio deu principio.

Juiz — O seu nome?

Réo — Valentin Alsina.

Juiz — Idade?

Réo — Trinta e seis annos.

Juiz — Patria.

Réo — A Republica Argentina.

Juiz — Como é isso? pois ignora que os selvagens unitarios não são Argentinos?

Réo — Respondi á sua pergunta; não tenho a culpa que seja estupido; porém é necessario que fique sabendo que não é o capricho de um tyranno, nem os delirios de um punhado de loucos, os que desherdão um paiz dos filhos seus, que só procurão ser dignos de pertencer á patria que Deus lhe dôou.

Juiz — Silencio! selvagem unitario! do contrario não respondo por mim!

Uma das machinas judiciarias procurou socegar o juiz e pediu que continuasse o interrogatorio.

Surda agitação se notava entre os fanaticos campeiros. Alsina, elle só, mostrava tranquillidade, volvendo seu olhar senero como a magestade do genio.

O juiz suava, gesticulava, e um borbulhão confuso de palavras e epithetos exprimia a sua colera.... por fim esse furor, como todo out o sentimento, teve o seu limite; e o juiz, como quem faz um grande esforço sobre si mesmo, continuou o interrogatorio, não sem augmentar a ousadia e atrevimento do seu tom, que ia quebrar-se ante fria e augusta altivez do proscripto.

Juiz — Que vinha você fazer á esta Republica?

Réo — O Sr. sabe perfeitamente que eũ não me dirigia para aqui, e sim a Corrientes.

Juiz — A Corrientes? um! e que ia você fazer por lá?...

Réo — Trabalhar, viver com minha familia.

Juiz — Ah! selvagem unitario; impavido dezembrista (1), você ia revolucionar e machinar em companhia da boa joia do tal seu primo Ferré, o actual governador de Corrientes.... você é inimigo do restaurador! Oução amigos e paizanos o que este nojento selvagem diz em um dos muitos papeis do mesmo theor, que lhe achamos na sua bagagem.

O enthusiasta magistrado tirou um papel da algibeira, e á luz de tosco archote leu o que se segue:

Notas.

« Rosas é o genio do mal feito homem, é um « tyranno execravel, um açoite da minha desven- « turada patria!

« Para morigerar um povo, para illustrar a sua « sociedade, não é necessario assassinar a metade « da população, alagar de sangue a terra e exilar « velhos, crianças e mulheres. Para os povos des- « locados pelas revoluções pode ser saudavel o « rigor das leis rigorosas, cujo effeito immediato « seja o restabelecimento da ordem.

« Porém o rigor de Rosas é a sede inesgotavel « de sangue, da féra carnivora; a sua obra é toda « de destruição, não de restauração....

Surdo rumor, semelhante ao trovão que bramava longiquo, interrompeu a leitura do juiz; os gauchos estavão n'um estado de fermentação indesivel, e todos á uma voz clamárão:

A' morte o selvagem unitario!

Os punhaes brilharão no ar ameaçantes.

D. Antonia e o menino Adolfo abraçárão o preso.

Miguel ajustou a espingarda e ficou em attitude de fazer fogo sobre os raivosos amotinados.

Ordem! (gritou o juiz) soceguem, amigos e paizanos, o melhor serviço que podemos prestar ao illustre restaurador e á santa causa da federação, é entregar nas suas mãos o selvagem unitario, aqui presente; e isso vivo. Assim pois

(1) Nome com o qual se classificavão os homens da revolução do dia 1º de Dezembro de 1828.

guardemo-lo com toda a vigilancia, como se fosse um pedaço de carne com couro que a gente quer conservar fresquinho.

Esta alocução tão eloquente, acalmou os animos.

Derão os vivas e moras do costume; o juiz e os comparsas da justiça de Rosas, retirárão-se, o preso tornou-se a deitar sobre a palha, mudárão-se as sentinelas, e o silencio, interrompido pelo est epito da grossa chuva sobre os tectos, e depois sobre as lages do pateo do mosteiro, tornou a reinar no interior da abandonada igreja.

(Continua.)

MODAS

Quando no meu artigo de modas de domingo passado eu vos descrevi o *toilette* preto, esse trajar elegante e apropriado para as solemnidades da Quaresma, parece que vos advinhava o pensamento.

Ahi estão hoje as primeiras modistas empenhadas exclusivamente na promptificação delles: todas querem primar no melhor e mais bem acertado talho, fantasiando os melhores e mais especiaes enfeites; não têem mãos a medir.

O bom-tom na sua escolha tem preferido vestidos de damasco preto com quatro ordens de folhos da primorosa renda de chantilly e a mesma renda estreita guarnecendo o corpinho, ao gosto exactamente do nosso figurino deste mez; outras senhoras quizerão as grades e os aventaes de flores de veludo estampado, outras escolhêrão as largas rendas de *guipure* bordadas com vidrilhos, e o que mais é, todas por fim têem tido muito bom gosto, porque não ha duvida que estes novos enfeites são lindissimos e de um effeito maravilhoso sobre o vestido preto.

Vi no magico toucador de Mme Barat um destes *toilettes*, cujo valor e bom gosto, explico-me soffrivelmente dizendo que, es á a par da delicada e seductora elegante que o mandou preparar. Entre todos os vaporosos enfeites deste *toilette* o que mais distincto se torna é sem seguramente o véo, pela especialidade com que foi imaginado. Eu descreverei aqui o bom-tom da elegante por que vale apena leval-o ao conhecimento das minhas queridas leitoras.

O vestido é do mais brilhante damasco preto, com cinco guarnições de renda *guipure* bordada com vidrilhos, corpo a Luiz XV recoberto da mesma renda estreita formando um berthe inteiramente decotado; mangas curtas com tres ordens de outras mangas tambem de renda, as quaes vem alargando gradualmente até um pouco abaixo do cotovello, para formarem ahi em fofinhos. E o véo, esse véo tão distincto, imaginae, de que seria? A elegante o mandou fazer da mesma renda larga cosida uma á outra e guarnecida de uma estreita grade de veludo nas pontas. Vêde pois que especialidade e distinção não revela esse ornamento composto de uma renda bordada com vidrilhos, cujo effeito é por certo fascinador! A elegante remata perfeitamente bem o seu lindo *toilette*.

Agora passemos á segunda parte deste artigo, a qual diz respeito aos nossos colletes, cuja moda ainda faz em Paris tanto furor.

Depois de vos haver offerecido os moldes destes colletes necessario se tornava dar-vos uma estampa por onde melhor avaliasseis a moda, o talho e graça, dos pequenos paletots, que com elles seu são, e quando eu esperava que viessem de Paris os figurinos para esse fim, os parisienses, mestres experimentados na arte de ensinuar e bem explicar as modas, entendêrão que devião fazer o contrario, remettendo em preferencia aos figurinos, esta presente estampa com seis differentes modelos de colletes e paletots.

Com effeito elles tiverão razão; o figurino em vúlto inteiro mostra a elegancia do corpo todo e o completo *toilette* desta moda; mas estes modelos explicão melhor os objectos principaes que a caracterisão, e guião com mais certeza as senhoras que os quizerem cortar e preparar mesmo em casa.

Nesta estampa vereis pois os differentes feitios dos paletots de melhor tom e os mais procurados em Paris. Se ella vos agradar terei mais um motivo de me alegrar vendo os meus esforços coroados pela vossa approvação, beneplacito, queridas leitoras, que sempre anhelo em favor deste Jornal, que é vosso, e que só vós lhe dareis a vida de que carece, para poder tornar-se, não mui tarde, reconhecido á vossa protecção.

Catette, 20 de Março.

CHRONICA THEATRAL.

SS. MM. Imperiaes dignárão-se honrar o theatro de S. Januario domingo passado, dia dos annos de S. M. a Imperatriz, para ahi receberem as saudacões e os festejos dessa noite entre os repetidos vivas do povo, que anhelante esperava tão Augustas Personagens.

Os camarotes, guarnecidos da primeira nobreza da côrte, a par do corpo diplomatico, que ali tambem se achava, estavão brilhantes. As senhoras, em grande gala, ostentando o luxo de seus valiosos diamantes e dos seus ricos vestidos de seda branca, o clarão da bem disposta illuminação do salão, e sobretudo a satisfação que se reconhecia no semblante de SS. MM., formavão um complexo de prazer e magestade que fascinava a todos.

Reappareceu nesta noite a companhia lyrica para nos dar a—*Maria de Rubens*—de Donizetti; a gorducha companhia de baile mimoseou-nos com *a festa de Terpsichore*.

Reservamo-nos de emittir a nossa opinião a tal respeito.

Sexta feira repetiu-se a *Sommambula* e o baile —*Paquita*—.... *Récipe — Mais convalescença á companhia lyrica, e muito saude á Sra. Baderna e ao Devechi para poderem* sustentar o corpo de baile a que pertencem.

Em compensação porêm teremos em breve de ouvir a voz da Sra. Stoltz, que, segundo dizem os que a ouvirão ultimamente, é magnifica. Que chegue ao porto e a salvamento quanto antes.

Mas a *Paquita* não chegou a ir á scena porque adoeceu a Sra. Baderna!

Estrella.

Baile dos empregados publicos.

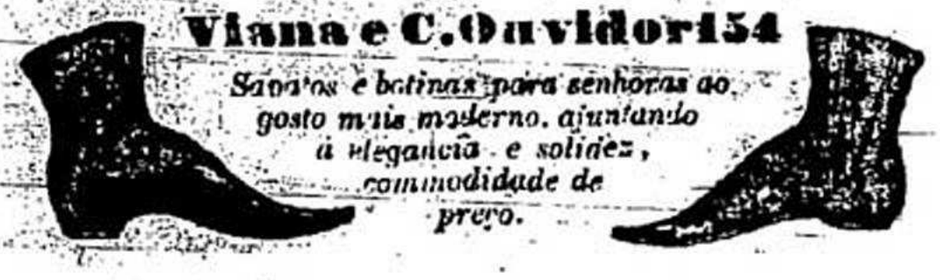
Temos de noticiar ás nossas queridas assignantes mais uma sociedade de baile, que vai apparecer brevemente, sob os auspicios da corporação dos Empregados Publicos.

Reunirão-se na sexta feira os socios para formarem á sua directoria e os seus regulamentos, e instalarem quanto antes a sociedade, que deverá provisoriamente servir-se do Pavilhão do Paraiso. Fazemos votos para que ella prospere e se torne digna de tão illustre corporação.

UM BAILE DE CONTRIBUIÇÃO se prepara para com o seu producto soccorrer as primeiras necessidades dos invalidos e das veuvas dos nossos valentes da batalha de *Moron*; louvamos a ideia, mas desejavamos que esse producto reverte-se antes em favor de alguma pia instituição a que se desse começo desde logo, e que puzesse ao cuberto das necessidades, não só á esses, como a todos os outros valentes defensores da Patria.

O futuro seria bem agradecido á esta lembrança.

Acompanha a este numero a estampa dos diversos modelos de paletots e cólletes mais distinctos em Paris.



JORNAL DAS SENHORAS.

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

SUBSCREVE-SE para este jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN E COMP. n. 70, A. E F. DESMARAIS n. 36, MONGIE n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS E SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

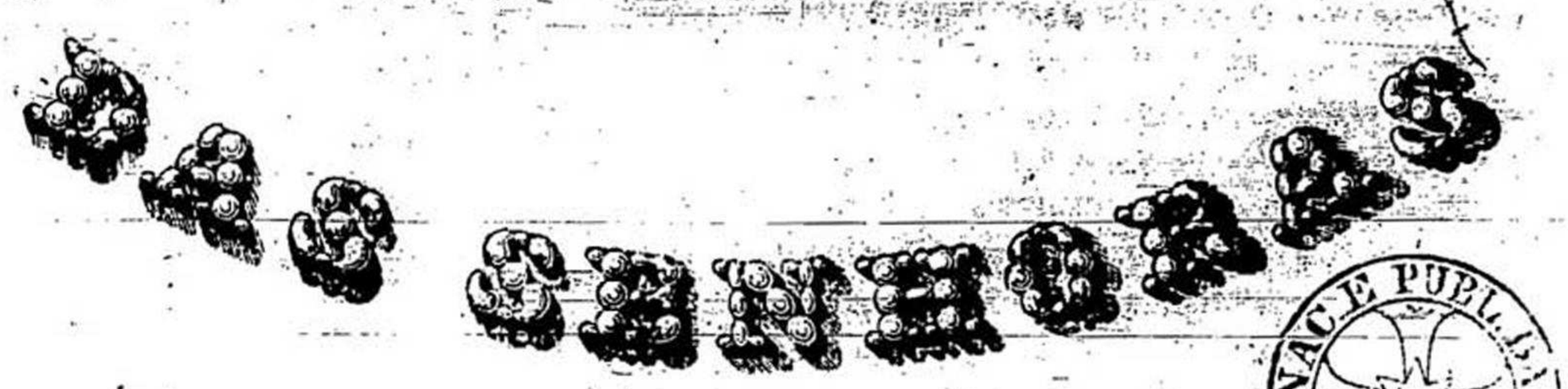
PREÇO DA ASSIGNATURA: Por tres mezes 3$000 rs. na Côrte, 4$000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se de Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro,—Typographia de Santos e Silva Junior, Rua da Carioca n.º 32.

TOMO I. — DOMINGO, 27 DE MARÇO DE 1852.

O JORNAL



BIBL. NACL PUBLICA

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condicções deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

MODAS

Estou rodeada de todos os jornaes francezes de modas de Paris, quem tal diria! não são menos de vinte cinco os que tenho á vista, e não lhes encontro novidade alguma, á excepção das fantasias do carnaval.... Ah! ca está um figurino, cujo desenho não é de pouco mais ou menos; que difficil não será sua execução levada sobre as fazendas que elle determina! Ora imaginae uma saia de vestido de molemole, gaze, ou tarlatana finissima, toda encrespada, formando fôfos em carreirinhas proporcionadas desde a cintura até abaixo; ou um saiote do mesmo gosto por baixo do qual se deixa ver uma outra saia de seda cor de rosa. Este vestido deve ser de muito trabalho e valor, mas não lhe asseguro o bom gosto: é mais uma lembrança moderna, que em uma ou outra elegante apenas poderá sortir effeito.

Tudo mais que vejo são *toilettes* de paletot e cellete, cuja moda ferve em Paris no requinte do seu furor, e por em quanto é o mais notavel no mundo elegante. Ha tambem uma mudança nos penteados, que para o mez que vem, melhor a indicará o lindissimo figurino que nos chegou, o qual vos apresentarei com muito gosto, logo no primeiro domingo do mez.

Não acontece outro tanto ás fazendas modernas. A casa de Wallerstein a Masset recebeu pelo *Tay* uma caixa de verdadeiras preciosidades! são as vaporosas cassas chinezas. Estas cassas, além da sua finissima manufactura, são de um desenho tão caprichoso, tão fixo, tão bem imitado, que bem se lhes póde chamar verdadeira preciosidade. Ellas trazem todas as condições do bom gosto, da execução e da symetria para effectivamente servirem segundo a ideia da invenção: os folhos, para serem pregados symetricamente e sem o grande trabalho de acertar o córte, já vem preparados e promptos, e um expressivo figurino os acompanha, que perfeitamente indica o emprego da fazenda e apresenta o seu completo effeito. Estou que em tecidos de algodão, ainda não chegárão ao Rio de Janeiro fazendas mais delicadas e de mais bom gosto. Recebêrão tambem sedas e mais enfeites, que eu não tive tempo de apreciál-os, por ter ainda de fazer outras visitas.

Muito lindo e variado é o sortimento de cha-

peos que recebeu a casa de Mme. Hortense Lacarriere, cujo conceito está tão justamente estabelecido : vi entre elles alguns chapeos precisamente distinctos para visitas e passeio, que nos arrebatárão pelo bom gosto dos seus enfeites.

A casa de Alexandre Castell tambem recebeu bellos e brilhantes damascos pretos, o que ha de mais distincto e moderno neste genero. O trabalho destes damascos é tão perfeito que não invejão as melhores sarjas de Hespanha e os setins de Macau. Em obra tornão-se ainda mais elegantes, e nem por isso custão caros em relação ao effeito que produzem. E se caro vos custar, minhas queridas leitoras, não vos queixeis senão de vós mesmas, que ainda vos não deliberastes a fazer as vossas compras pela vossa propria mão, confiando-vos antes á especulação de um *commissario*, que só Deus sabe o que elle faz!...

Bonsoir.

Catette, 27 de Março.

AS MODINHAS BRASILEIRAS.

É este um dos artigos, cujos argumentos devião basear-se em principios profissionaes, que eu não os tenho, e que, no desenvolvimento do qual, me não deveria metter para livrar-me de levar algum quináo magistral; mas.... ja agora o que lhe havemos fazer? Este amor afferrado ás cousas cá do paiz não definha por mais feitiços e mandingas que lhe queirão misturar, e pois vou escrever o que eu sinto e penso a respeito de Modinhas Brasileiras, tal qual como se conversando estivesse em o meu gabinete com alguma das minhas intimas amigas.

Ha muita gente, e isso é velho, que não gosta de Modinhas, assim como muita gente ha que não gosta de musica : a um *Sr. masculino* ja lhe ouvi dizer uma vez—que de musica só podia tolerar a dos batalhões por ter *zabumba e pratos* (está visto que nasceu em tarde de trovoada) que lhe faça bom proveito.

Em muitas casas, que eu conheço, fazem-se todas as sortes de pedidos, empenhos, excarcéos, a fim de ir uma menina tocar e cantar, e logo que a pilhão sentada ao piano, ahi principia ou continua, uma conversa, muito baixinho, que vae tomando folego e crescendo á medida que a menina (e se é homem ainda é peior) emprega mais força na execução, e no fim vem o—bravo! bravo! D. Chequinha, cantou muito bem! A dona da casa lhe dá um beijo e diz que apreciou muito (qual! nem ella sabe o que cantarão) e la vae pedir a outra e mais outra, até encontrar quem lhe continue a servir de adubo á sua conversinha.... não lhe posso chamar outra cousa.

Assim canta-se e toca-se em algumas casas deste mundo do Rio de Janeiro, até que por fim (para acabar a noite alegre) vem uma contradansazinha, pela qual já ha muito suspiravão os taes amantes de amor galvanisado contra a ferragem (dizem elles) das puras e verdadeiras enclinações das inexpertas meninas, que nos collegios só lhes ensinárão duas flores de lãa, ponto e meio de piano, duas polegadas de leitura, e cinco varas e terça *de principios principiados e variações variadas*. E digão que a maior parte dos collegios não são uteis á mocidade!

Está claro que para taes amadores, tanto lhes servem as Modinhas, como as arias, duettos e romanses : uns querem conversar e outros querem dançar. Esta é a excepção da regra.

Geralmente aprecião-se muito as arias e duettos italianos, outros são fanaticos pelos romanses francezes, e a moda prevalece sempre na cantoria, ao ponto de serem despresadas musicas de alto merecimento—por serem antigas.....(!)

Eu porêm (e commigo muita gente) sou o resumo de todas essas inclinações ou gostos, por que gosto de tudo que é bem cantado, segundo é a hora a occasião e o logar. Ora está claro que nos theatros quero ouvir os coros, as arias, os duettos italianos, mas nas salas de intimidade, prefiro as nossas Modinhas, entoadas por uma voz angelica, expressiva no verso, e engraçada ou sentimental na execução.

E se ella canta depois um lundu! meu bom Jesus, que fio electrico! Que movimento risonho vae na sála! Os meninos chegão-se para o piano, os velhos babão-se de gosto, os moços ficão perdidos, e como que enfeitiçada fica toda a reunião!

Nenhum heresiarca musical poderá contestar os effeitos diversos, mas agradaveis, que produzem as nossas Modinhas e Lundus. Mas o artigo vae já extenso, querida leitora até outra vez.

Christina.

CHRONICA DOS SALÕES.

A sociedade Philenterpe deu na noite do dia 20 a sua reunião mensal, cada vez mais augmentada e aperfeiçoada na musica vocal e instrumental e no escolhido numero de seus socios.

Não ajuizamos mal quando dissémos, que esta sociedade tomaria não muito tarde o justo logar que lhe compete: ella que se aproxima.

A 1.ª parte consistiu na ouvertura de Nabucodonozor, de Verdi, para piano, mui bem executada; depois o coro religioso—La Fede—de Rosini, contralto e coro. O contralto angelico que executou esta parte é tão sympathico que comoveu todos os corações.

Mme. K... perfeito soprano, cuja voz bellissima, de grande e igual circumferencia, junta a uma perfeita execução, nada deixa a desejar ás maiores exigencias, executou o Rondó final, de Saúl.

La Caritá — coro religioso com solo de soprano, foi mui bem desempenhado pela voz suave e meiga de uma fluminense d'alta transcendencia musical.

Não sabemos se fizerão bem de dividir o bellissimo coro religioso — La Fede, la Speranza, la Caritá — intercalando-lhe outras musicas; achamos que, assim dividido, destruirão o bello effeito das tres partes, que não puderão ser apreciadas no seu justo valor. Entretanto foi mui bem executado, e deve ter deixado uma profunda impressão sobre cada sentimento musical.

A 2.ª parte constou da fantasia, introducção, cavatina, terzettino, sextetto e final de Nabucodonozor, de Verdi. A Sra. G... cantou com muita arte e gosto consumado, nesta 2.ª parte: a falta porêm de um baixo completo fez-se sentir nessa occasião.

A' hora designada, vierão as contradanças, e os devotos tiverão espaço para se empertigarem, porque desta vez a concurrencia foi limitada: não obstante, a reunião esteve muito animada. Vimos então voltear no salão duas moças, que se me não engano, são parentes; a simplicidade do seu toilette e a sua encantadora elegancia, ainda uma vez nos fizerão crer, que a belleza não se deve sobrecarregar de muitos enfeites, para sempre dominar a attenção e as sympathias. Assim tambem admirámos muitas outras senhoras, cujo trajar estava a par do bom gosto.

Desejamos á sociedade Phileuterpe toda a prosperidade de que ella se torna merecedora.

Estrella.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

O GENERAL THOMAS POLEGADA E BITINHA A CUBANA.

Uma das personagens celebres do seculo é sem duvida o general Thomas Polegada (Thom Pouce) como lhe chamão os Inglezes; o illustre liliputiense que tem, (ou tinha, pois ignoramos se morreu, ou se ainda desfructa do seu palacio á chineza no estado de Tenessee, donde era natural) 22 polegadas de altura, o peso de 15 libras, o que é a dóse mais infinitissimal da especie masculina.

Imaginai, queridas leitoras, que uma noite do inverno de 1846, tive o prazer de ter esta celebre personagem quasi na palma da mão, que é a sua posse habitual quando se mostra ao publico.

Nós os habitantes deste venturoso hemispherio do sul, digão os enthusiastas o que lhes aprouver, estamos ainda um tanto á retaguarda do movimento de civilisação do seculo; por isso o artigo—Exposição Publica—é planta exotica e desconhecida.

O general Polegada dava tres audiencias publicas todos os dias, e as salas do *Chinesee Museum* enchião-se de povo todas as tres vezes.

S. Ex. sahia em pé sobre a palma da mão do agente especulador, era depositado sobre um estrado construido sobre outro que já havia no salão, e ali cantava e tocava no seu diminuto piano—presente que lhe fez a rainha Victoria — depois dansava, representava mimica, e por fim descia até os espectadores, para vender-lhes o seu retrato, sua biographia, e dar boquinhas ás moças; que maganão!

Tinha eu ouvido contar as façanhas do *general*, sem acreditar que fosse possivel; comtudo uma vez encontrei-o na sociedade Philarmonica onde tocava essa noite Leopoldo de Meyer, o celebre pianista.

Ouvi dizer por todos os lados—Ahi está! é elle! o *general Thom Pouce*.

Lanço os olhos por toda a parte, procuro, qual! não via nada; por fim pareceu-me divisar uma microscopica figura, que corria á maneira de uma bola que rola em differentes sentidos, corro eu tambem, um homem abaixa-se, põe a mão no chão, ao modo de quem diz—dá cá o pé periquito—convida o *general* a subir, e em breve o boneco parlante domina a sociedade e dirige cumprimentos á direita e esquerda.

Segui o *general*, e tive o prazer de conversar com elle alguns momentos.

Fallava bem o francez e conversava com facilidade; mostrou-me algumas pedras de valor que trazia sobre si, presentes das rainhas de França e Inglaterra.

Agradava-lhe muito a França, e chamava Paris, a capital do mundo.

Despedi-me delle, apertou-me a mão e disse-me :

Au plaisir de vous revoir.

Um anno depois o *general* aporton a Havana, onde tambem havião algumas semanas que nós nos achavamos.

Foi em uma viagem a Cardenas, que a visita do liliputiense desencantou outra criaturinha homœopatica como elle.

Ritinha, era uma menina de 17 annos de idade, a qual vivia desconhecida, porque as Americas, hespanhola e portugueza, são irmãas gemeas; por isso Ritinha conservava-se fechada em casa de seus pais, porque a existencia da misera criatura, que tinha de altura 23 polegadas e 16 libras de pezo, era uma nodoa de oprobrio para a familia.

Mas chega Thom Pouce a Cardenas, e a preoccupada familia sabe com assombro que o *general* tem uma fortuna de um milhão de dollars (corresponde a dois mil contos) adquiridos só com o mostrar ao publico a sua diminutissima pessoa; então ha uma entrevista entre os dois predestinados do Senhor. Elles apaixonão-se um pelo outro, e o agente americano trata de fazer celebrar um casamento.

Pobre Thom Pouce, pobre Ritinha!

Separados do resto da humanidade pela propria mão do Eterno, entregão-se ao prazer de remir suas microcopicas existencias!

Tudo estava prompto, e grandes projectos de especulação se ajuntavão ao consorcio: o *general* voltaria á Europa para apresentar sua esposa ao publico, mediante os conquibus, já se sabe; mas, oh ideia mingoada! de repente occorre ao pai da menina pensar—de que tamanho virião a ser os filhos de um semelhante casal! A sua *cara metade* participa dos mesmos sustos, temem ver transformados em formigas os seus descendentes e um — não paternal — terrivel como o raio, agudo como a ponta de um punhal, vem quebrar os sonhos de amor e de felicidade dos noivos, e as esperanças ambiciosas do especulador.

Que crueldade!

Ritinha arrastada pelos seus parentes ao interior da ilha, foi esquecer as saudades do seu perdido amor, ao compasso das castanholas e do voluptuoso fandango hespanhol; ella aprendia a cantar e a dançar para ganhar depois o pão e uma fortuna para sua familia, emquanto que o general desesperado e despeitoso embarcava a bordo de um vapor que o conduzia de retorno a New York.

Eisahi o desfecho dos amores do *general* Thomas Polegada e Ritinha a Cuhana.

LINGUAGEM DAS FLORES.

(Continuação.)

OUTROS ATTRIBUTOS DA ROSA.

UMA FOLHA DE ROSA.

Nunca serei importuno.

Havia em Amadan uma academia, cujos Estatutos erão concebidos nos seguintes termos.—

« Os Academicos pensarão muito, escreverão « pouco e fallarão o menos possivel. »

O Doutor Zeb, famoso e celebre em todo o Oriente, soube, que vagava um logar na Academia : por mais esforços que empregou para chegar a tempo de obter, ficárão elles malogrados porque a vaga estava preenchida, quando elle se apresentou ; e a Academia ficou desolada, por que acabava ella de conceder ao poder, o que pertencia ao merito.

O presidente não sabendo como houvesse de exprimir uma recusa, que envergonharia toda a Assembléa, mandou pôr sobre a mesa um Cyatho, e o encheu de agua tão exactamente, que uma gota de mais o teria feito extravasar.

O sabio solicitador, comprehendeu, que não havia mais lugar para elle, e se retirava tristemente ; mas deparando com uma folha de rosa a seus pés recobrou animo, apanhou-a e a pôz tão delicadamente sobre a agua, que uma só gota não escapou do Cyatho, que estava cheio.

Lembrança tão engenhosa produziu a maior hilariedade, e o doutor Zeb foi recebido por acclamação no numero dos silenciosos Academicos.

UMA COROA DE ROSAS.

RECOMPENSA DA VIRTUDE.

A sabedoria tambem é digna de uma coroa de rosas.

A mais bella homenagem, que se podia fazer á rosa, era escolhel-a entre todas as flores para coroar a virtude.

JORNAL DAS SENHORAS

ROMANCE

BIBL. PUBL. DA CORTE

Andante *de Noronha*

VOZ

PIANO

Andante

Es-ta minha jo- ven Ly- - - ra a-

cei-ta co-mo penhor da cons-tan-cia que te

ju- ra o meu puro e fi-do a-mor Es-ta mor

1ª 2ª

a- - - ma sempre aquem te a- - - - - - ma

com fir_meza com ar_dor

que te_rás e_ter_na_men te o meu

1ª 2ª

pu_ro e fir_me a_mor mor o meu

pu_ro e fir_me a_mor e fir_me a_

mor e fir_ _ _ _me a mor.

Praza dos Ceos que desta muza
O meu estro abrazador

Te revelle e te assequre
O meu puro e firme amor.

Pelo começo do Seculo 6.º S. Medard, Bispo de Noyon, instituia em Salency, logar de seu nascimento, um premio para offerecer á virtude e á innocencia. Este premio consistia simplesmente em uma coroa de rosas; que valor não adquire porêm semelhante premio, sabendo-se, que para o obter era preciso que todas as donzelas da aldea proclamassem de entre si mesmas a mais submissa, modesta, e sabia!

Seculos se tem succedido, imperios se tem destruido, muitos sceptros se tem despedaçado nas mãos de outros tantos reis de França e a modesta corôa de Sálency, respeitada pelo tempo, pelas revoluções, atravessa regularmente de geração em geração sobre a fronte da timida innocencia.

UM RAMILHETE DE ROSAS ABERTAS.

Estas bellas flores parecem convidar os poderosos a fazer bem: o reconhecimento é mais suave, do que seu perfume; e a quadra do poder é frequentemente mais curta do que a de sua belleza.

UMA ROSA BRANCA E UMA ENCARNADA.

O poeta Bonnefons enviou ao objecto de seus amores duas rosas; uma branca e outra do mais vivo escarlate; a branca para imitar a palidez de sua tez, e a encarnada para exprimir os ardores de seu coração.

(Vid. Rosa matizada.)

UMA ROSEIRA NO MEIO DE UM TUFO DE RELVA.

TUDO SE ALCANÇA EM BOA COMPANHIA.

Um dia, diz o poeta Sady, vi uma roseira cercada de um tufo de relva. Pois que! exclamei eu, esta planta vil foi creada para estar na companhia das rosas? No mesmo instante ia arrancal-a, quando mui humildemente ella me supplicou.

Respeitai-me, eu não sou rosa é verdade; mas no meu perfume se conhecerá ao menos que eu vivo com ellas.

(Continua.)

POESIA.

HYMNO

A' SANTA VIRGEM

OFFERECIDO A' ILLM.ª SRA.

D. Maria Adelaide Jardim.

Ha uma virgem no mundo
D'um culto santo o objecto;
Sempre um terno e grato affecto,
Um voto ao altar lhe appende:
Esta Virgem é Maria,
Que tão meiga nos attende.

O nauta que na borrasca
Perde a força e a esperança,
P'ra ver tornar a bonança
Invoca a estrella do mar:
É Maria a clara estrella,
Só ella o faz esperar.

A donzella que chorosa
Vê p'rigar o fido amante,
Ergue ao Céo a voz tremante
E só por Maria chama:
Ella tambem foi esposa,
Não abandona a quem ama.

Até a primeira prece
Que ao Deos homem dirigiu,
Foi quando ella lhe pediu
De dois noivos em favor:
Talvez por isso quem ama
A invoca com tanto ardor.

Quem no prurito do crime
Em vão luta em vão porfia;
Si alfim invoca Maria
Vê cessar o arduo afan:
Cede a indomita natura;
Recúa o mesmo Satan.

A mãi que o tenro filhinho
Vê em viva febre arder,
Temendo vel-o morrer
Invoca a Mãi de Jesus,
Que todo o preço de um filho
Conheceu ao pé da Cruz.

A alheios males sensivel
Foi sempre o seu coração;
Mas foi sobre tudo então,
Que das Mãis se condoeu;
Soffrendo inda mais que mãl
No filho que ali perdeu.

Amiga de quem padece
Terna, meiga e desvellada...
E do pobre a voz cançada
Cedo chega ao peito della!...
Um peito compadecido,
Que fazer bem só anhela.

Este nome é tão benigno
Como o sol da primavera,
Que aquece, que regenera
A natureza em torpor:
E na gala que a alinda
Mais proclama o Creador.

Por Cleomenenes Messeide.

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

> Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.
>
> MICHELET, Historia de França.

A tempestade continuava em toda a magnitude de seu furor; torrentes de chuva batião os quasi-derrubados tectos do velho mosteiro, que as quebradas telhas revertião sobre o pavimento com dobrado e desigual estrondo.

As feras do sertão bramavão mais enfurecidas.

Bocejavão as cansadas sentinellas que fazião guarda ao prisioneiro, e o resto da gente, que se abrigava nos abandonados claustros, entregava-se ao somno.

Quantos phantasmas, quantas visões passavão pela mente de cada um!

Tantas oppostas esperanças agitavão os corações!

O juiz de paz, bem agasalhado e melhor deitado sobre os arreios do seu cavallo, batalhava lá nos seus sonhos, em amontoar honras e recompensas.... talvez já se julgasse passeando triumphante as ruas e praças de Buenos-Ayres, cortejado pela mashorca, e apregoado segundo D. Quixote da santa causa da Federação.

No apogeo da sua dita, esquecia elle qual o logar que o buril severo da historia marcou sempre aquelles, que comprão passageiras honras da comedia do mundo, com o sangue dos seus semelhantes.... Mas, esqueçamo-nos do juiz de paz, e com elle de todos aquelles seres mesquinhos que só excitão riso, compaixão ou menospreso n'alma do justo: outros objectos mais interessantes chamão a nossa attenção. Vamos pois descer ao fundo de outros corações nobres; antes chorar com os bons, do que parar as nossas vistas estudando os reconditos arcanos do egoismo, do vicio e do revoltante cinismo.

Na igreja tudo permanecia no mesmo estado, só as sentinellas erão differentes.

O proscripto vencido pela fadiga e pelas suas emoções, dormia sobre a palha, apesar de suas magoas e de seus grilhões.

Acabeça do menino Adolfo repousava ao pé delle; aquella cabeça infantil descorada pela dôr, sobre cuja lisa fronte se devisava leve sombra do negro sello do infortunio.... seu somno era inquieto, e ás vezes, do seu peito opprimido, escapava, tremulo e convulso, um longo suspiro, uma lagrima se deslisava pela sua face infantil, e entrecortadas palavras revelavão, que até dormindo velava no intimo do seu magoado coração a lembrança do pai agrilhoado, que estava ali ao pé delle, fraco menino que nada podia fazer senão chorar!

Ajoelhada ao pé da tosca cruz, resava a esposa do prisioneiro, velava a mãe de Adolfo!

Para ella não existia nem se quer o lenitivo momentaneo do somno, que se não paralisa inteiramente, pelo menos mitiga os paroxismos da dôr.

A mais pungente afflicção, o mais acerbo soffrimento, se patenteavão nas silenciosas lagrimas que corrião pelas suas lividas faces....

Os longos e soltos cabellos, pretos como o azeviche, cahião em desordem pelos hombros, as mãos cruzadas sobre o peito comprimião o tremulo coração, e ella ali estava, a dois passos do marido e do filho idolatrados, de joelhos entre o claro escuro da moribunda fogueira, rodeada de homens armados, sózinha orando, não com palavras, sim com o seu pranto.... e esse chorar eloquente era a mais ardente oração, que podia elevar á Aquelle que tem debaixo do seu dominio os destinos humanos.

De repente seu pranto estancou: fitou seu olhar nos dois queridos objectos do seu amor, leve convulsão pareceu agital-a: depois apertou a testa com ambas as mãos, como se essa pressão pudéra conter o seu pensamento e encerral-o n'uma orbita luminosa, que lhe fizesse encontrar um meio de salvar o seu esposo.

Por um esforço sobre-humano, acabava de enxugar as suas lagrimas de mulher, acabava de suffocar suas magoas de esposa e de mãi; por uma subita mudança, por uma dessas resoluções das almas energicas, ella comprehendeu, que todas as suas lagrimas e todo o sangue das suas veias, derramado gôta a gota, não poderião poupar a Alsina da cruz de martyrio que lhe preparava Rosas: por isso ella dissera comsigo mesmo « Chorar não é amar; amar é salval-o do horrendo cadafalso que lhe levanta o tyranno, ou morrer com elle, porque sem elle eu não posso viver. »

(*) Vide o n. 12.

Sim, D. Antonia Maza de Alsina, acabava de dizer no fundo do seu coração:

« O salvarei, ou morrerei com elle.»

Ella poz-se em pé, e cruzou os braços.

O rosto illuminado pela inspiração de quanto o amor tem de mais sublime, o olhar sereno e reflectido, só considerava os trabalhos do momento como passageiros, trabalhos da jornada, e atravéz os aluidos muros que a encerravão ali, seu pensamento voava evocando o futuro, como se a voz prophetica de algum anjo do Senhor lhe tocasse a testa com o talisman precioso da esperança.

Nada a arredava; a sua coragem lutava contra a terrivel realidade que a cercava; via em torno de si fanaticos ou malvados, e com tudo, não esmorecia, porque era uma necessidade, uma condição precisa de sua vida, a esperança de salvar seu adorado marido.

Ah! se ella tivesse podido adivinhar que, a dois passos della, dois homens votavão sua vida em troca da liberdade do innocente....

E era assim: o velho lanceiro tinha os olhos fechados, porém o seu pensamento velava— Amanhã eu prepararei tudo— dissera elle a Miguel, e durante a noite fugiremos...: E promettia elle o que não sabia se seria realisavel se quer! Obedecia mais ao impulso do seu coração generoso; que a convicção de realisar o seu projecto.

Libertar um homem guardado a vista com dobradas sentinellas, vigiado pelo odio, a ambição e o mais cego fanatismo.

Toda a esperança de Simão baseava-se em que o temporal da noite se prolongasse até o dia seguinte, e obrigasse o juiz a permanecer ali; o importante era ganhar tempo, um dia se quer; o resto Simão o esperava do acaso, da confiança que inspirava Miguel, como enviado do governador, e na ignorancia absoluta da disciplina militar que tinhão os improvisados soldados do juiz de paz. Seria necessario em todo caso apartar as sentinellas do preso. Isso só Miguel poderia fazel-o, e em qualquer outra circunstancia seria impossivel se as sentinellas não fossem uns pobres trabalhadores transformados em soldados do despotismo.

Miguel pela sua parte, tambem velava; ignorava os meios com os quaes contava o velho lanceiro; com a mão sobre o punho do punhal estava prompto a morrer matando em todo caso.

Era um estudo curioso aquelle coração virgem, que as paixões sacudião pela primeira vez.

Acostumado ao tom grosseiro dos campeiros, entre os homens que conhecera, Alsina lhe apresentava um typo inteiramente novo, que era para elle a revelação de um mundo desconhecido, ao qual o arrastarão suas sympathias, com força irresistivel.

A senhora de Alsina, com a sua ternura, tão delicada para com seu marido, havia despertado naquella alma de fogo, que se ignorava a si mesma, uma inquietação vaga, inexplicavel.

Uma imagem indecisa apparecia mysteriosa ante os olhos do joven.... uma fórma de anjo, de contornos incertos e vaporosos, acenava a Miguel um recinto encantador, onde a luz semelhante ao crepusculo não feria os olhos, onde a atmosphera estava carregada de aromas embriagadores, onde o contacto de uma mão alvissima, que apertava a rude mão do orphão, causava-lhe uma sensação inexprimivel.

Pobre Miguel! em vão procurava elle o repouso sobre o duro leito que lhe offerecião os arreios do seu cavallo.... seu coração de poeta acordára do lethargo, e aspirava alguma cousa que elle mesmo não podia adivinhar o que seria.

Outro homem, outro moço, velava tambem.

Estão lembrados os nossos leitores de um Julião, com quem já encontramos de passagem n'outros capitulos do nosso romance?

Julião Fabre tambem velava.

Tambem naquella cabeça estupida e perversa se cruzavão mil projectos, todos de sangue e de exterminio, e o seu coração palpitava de odio, de ambição e de furor insolito, contra homens que nada lhe fizerão, a quem não conhecia, mas que aborrecia porque seu instincto de ambição dizia-lhe, que na perseguição contra esses homens encontraria o primeiro degráo aos seus desejos.

Julião não dorme; elle de ninguem confia; embrulhado no seu ponche, lá está elle, no mais escuro canto da igreja, espreitando sem pestanejar, sem perder de vista o movimento das victimas do dictador.

A febre da inveja o agitava, e no mesmo odio envolvia elle o velho lanceiro Simão e Miguel, que tinha a dita de possuir a confiança do general Rosas, a quem só conhecia de nome, e pelo qual sentia a mais viva attracção.

Semelhante a um espirito infernal vigiava sobre Alsina, estudando com avido e feroz olhar

quanto se passava em redor delle; e ao mesmo tempo com a sua ignorancia servil corria as contas de um rosario suspenso ao seu pescoço, resando á nossa senhora, que o protegesse nos seus impios e nefandos desejos!

Que aberração!

(Continúa.)

INTERESSANTE COMMUNICADO.

Sra. Redactora em chefe. — Sendo este periodico dedicado ás senhoras, parece-me ser proprio para dar noticia, de uma joven pernambuca, surda e muda de nascimento, que toca piano forte, executando com perfeição e compasso mais de oitenta pessas de musica dos melhores autores: esta interessante joven tem dezoito annos de idade, e é filha do Snr. José Pires de Moraes, negociante da praça da Cidade do Recife. Principiou a aprender musica ha dois annos com o bem conhecido professor italiano, o Sr. Joseph Fachinetti, autor de diversas producções artisticas de merecimento dedicadas ás senhoras fluminenses, o qual, dizem, que pretende no fim do presente anno dar prompta a sua discipula em musica, para ensinar-lhe a ler, escrever, contar, e a grammatica portugueza.

Sei que em varias nações da Europa, e nos Estados-Unidos, existem aulas para o ensino dos surdos, mudos, e dos cegos, e que alguns d'elles têem feito admiraveis progressos, mas não tenho noticia de que, no Brasil, antes do Sr. Fachinetti, alguem se dedicasse a este genero de ensino.

Uma assignante.

THEATRO PROVISORIO.

O anniversario do Juramento da Constituição do Imperio foi festejado á noite no theatro Provisorio com as honras e formalidadas devidas a um dia tão respeitavel, estando presentes Suas Magestades Imperiaes.

A directoria, conscia da melindrosa missão de que está encarregada, não se poupou; apresentou nessa noite uma brilhante e pomposa opera, cuja musica e sua instrumentação é toda cheia de novidades de subido gosto artistico, e de arrebatadores pensamentos: as arias, os duettos, os coros, tudo é bonito e original. O bailado do terceiro acto produziu um magnifico effeito, e a musica, oh! é lindissima. O vestuario, todo feito a caracter e ricamente preparado, dava á scena o verdadeiro brilho que recommenda uma opera de tal magnitude.

Fallamos do-Macbeth — opera de Verdi, de grande apparato, e que tem obtido os applausos geraes em toda a Europa, por sua bella e completa execução.

O theatro Provisorio esteve um templo de encantos em presença do bello e ostentoso circulo de elegantes que lhe guarnecião as suas quatro ordens de camarotes, com o explendor de suas galas. Que elle se torne merecedor da repetição d'essa visita, sempre honrosa e agradavel, é o que nós lhe appetecemos.

Estrella.

Tendo nós dado noticia do brilhante espectaculo do dia 25. justo é que recommendemos ás nossas queridas leitoras as duas arias cantadas pela signora Zecchini, do 1.º e 2.º acto da opera de Verdi — Macbeth. Estas duas lindas arias achão-se perfeitamente arranjadas, e nitidamente impressas na nova imprensa de musica dos Srs. Mercês e C.ª, praça da Consiituição n. 19, onde existe tambem uma quadrilha do Sr. Ribas, o insigne regente da orchestra do theatro lyrico, sobre os motivos mais lindos da mesma opera. Pedimos a protecção das nossas patricias para a imprensa dos Srs. Mercês e C.ª

Offerecemos ás nossas assignantes uma das pequenas composições do maestro Noronha; é uma Lyra, cuja expressão e pensamento recommendamos ao seu bom gosto.

Para o n.º seguinte daremos um brilhante figurino de baile que nos chegou de Paris expressamente para o baile do Cassino.

Com este numero temos fechado o primeiro trimestre do *Jornal das Senhoras;* rogamos ás nossas assignantes que se dignem mandar renovar as suas assignaturas ás casas dos Srs. Mongie n. 87 e Wallerstein n. 70, rua do Ouvidor.

JORNAL DAS SENHORAS.

Publica-se todos os Domingos; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este jornal nas casas dos Srs. Wallerstein e Comp. n. 70, A. e F. Desmarais n. 86, Mongie n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de Santos e Silva Junior, rua da Carioca n. 32.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

Preço da Assignatura: Por tres mezes 3U000 rs. na Côrte, 4U000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se de Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro.—Typographia de Santos e Silva Junior, Rua da Carioca n.º 32.

TOMO I. — DOMINGO, 4 DE ABRIL DE 1852.

O JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

BIBL. NAC. E. PUBL. DA CORTE

O programa e condicções deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

A'S NOSSAS ASSIGNANTES.

É este o primeiro domingo do segundo trimestre da existencia do *Jornal das Senhoras*. Estamos pois no quarto mez dos nossos trabalhos, conscias de havermos invidado todas as nossas forças e todos os nossos cuidados, para desempenharmos com toda a pontualidade possivel o que vos haviamos promettido; graças a Deus, não faltámos, nem faltaremos. As difficuldades, que encontrámos no desempenho dos nossos deveres para comvosco, e com as quaes ainda lutamos, forão muitas; não nos consentirão marchar segundo a nossa vontade e as nossas intenções, mas a todo o custo porêm hemos superado pouco a pouco essas difficuldades, e agora contamos proseguir mais tranquillas, podendo satisfazer a vossa expectativa e realisar os nossos projectos.

Não afrouxaremos na carreira encetada em quanto o *Jornal das Senhoras* estiver á sombra da vossa cooperação, em quanto os amigos da litteratura continuarem a sustental-o com o brio e generosidade, que lhes é proprio, e que tão vantajosas mostras nos derão de sua protecção, para o começo desta empresa.

Permitti que vos revele uma verdade, queridas senhoras, que em tempo vos provaremos; nós não trabalhamos nesta empresa á mira do lucro e no ensejo da especulação; seria ludibriar o sexo feminino.

Mulher, como somos, não nos podemos curvar á ideia de vender as nossas opiniões *e a dos outros* pelo interesse do ouro: não fazemos mais do que imitar o nosso sexo, e á elle pois recorremos.

A' proporção que for augmentando o numero das nossas assignantes, continuadas melhoras iremos dando ao nosso jornal, mesmo neste trimestre, ate o levarmos á perfeição que lhe desejamos. Para o mez de Julho principiaremos a dar tres figurinos por mez, uma pessa de musica, e moldes e riscos de bordados; é de esperar tambem que para esse tempo elle passe de oito paginas a ter doze cada numero; trabalharemos emfim com todos os nossos esforços, para que em breve o *Jornal das Senhoras* attinja o gráo de perfeição que lhe compete junto das suas assignantes que o sustentão.

É este o nosso voto firme e verdadeiro.

Joanna Paulo Manso de Noronha,

Redactora em chefe.

MODAS.

Ora estamos no mez de Abril finalmente, e escapos do seu dia 1.º, esse dia proverbial de tantas lograções, tristes e alegres, que a uns devem ter causado mortificantes raivas; a outros, prazeres e rizos; e a muitos — amargores lagrimas e desgostos.... assim vae o mundo! chorando e cantando, correndo que é um regalo em favor dos venturosos, e emperrado e ferrenho para os desafortunados; dando vida e morte ao mesmo tempo ao vicio e á virtude, exaltando aquelle, rebaixando esta, os moços tornando-se velhos, e os velhos namorados.... emfim é o mundo, minhas queridas leitoras, é mesmo assim que elle está organisado, e é mesmo assim que elle ha de ser toda a sua vida. Não seja eu, estouvada e leviana, quem me lembre agora de moralisar o mundo e de metter-me em escaninhos onde posso apertar nelles os meus ricos dedos, que tanto cuidado tenho de os não molestar nesta quadra, em que (está me parecendo) rasgo o capote de certo charlatanismo, que vos está logrando com a maior frescura, mesmo de quem nenhum caso faz, ou encara, o sexo feminino, como dizia a respeito da mulher certo poeta, que pelo nome não perca, e que foi sempre repellido pelas moças que lhe conhecião as suas baixas inclinações.

« *Inferno necessario, um mal preciso!* »

Vá de passagem o dito; mas o que é verdade, é que se puxarem muito pela a afinação, arrebentão-se as cordas *da harmonia*, e executarei umas variações desafinadas que afinarão os ouvidos dos bons entendedores, para quem poucas palavras basta.

Mas sim, queridas leitoras, estamos no mez de Abril, essa estação em que o bom-tom acorda para reapparecer risonho e brilhante como sempre; o mez da estreia dos bailes de primeira ordem, dos soirées e das partidas, que tão vivazes, sumptuosas e fulgurantes forão, o anno passado. O primeiro que se nos apresenta é por certo o aristocratico e ostentoso Cassino; quantos olhares já não se terão voltado cheios de saudades, pa a esse recinto inebriante, do luxo, da elegancia e da belleza.... quantos palpitantes corações não terão a esta hora já promettido uma ou duas contradanças — para o baile do Cassino... Ora confessem, sim? nem uma de vós está engajada para a primeira contradança, a segunda valsa, a primeira schotisch? Pois em todo o caso se me não quizerem dizer, confesso-lhes eu que hontem despedi-me da viscondessa de... pelas seguintes palavras: *Então como vae para fóra, adeus até o baile do Cassino? È assim; se antes eu não voltar, então até lá impreterivelmente; respondeu-me ella já na porta da rua, e foi-se.*

É pois para este baile tentador que eu vos offereço o presente figurino, que nos chegou de Paris expressamente para este fim. Elle foi copiado com todo o esmero do proprio original que mais distincto se tornou nos salões parisienses; e assim como este, outros vos irei apresentando dignos de toda a vossa attenção, e que effectivamente auxiliarão o vosso bom gosto na preferencia e escolha dos *toilettes*.

É por certo uma vantagem, minhas queridas leitoras, poder apresentar-vos verdadeiros *e modernos* figurinos, que só pertencem á classe d'aquelles, que forão escolhidos e são preferidos pelo mundo elegante de Paris. Custa caro este capricho, é bem verdade, pois que com as mesmas despezas que se empregão para obter um destes figurinos, poderia eu offerecer-vos quatro ou seis todos os mezes, dos que já se encontrão até grudados ás caixas de rendas ou de chapeos nas lojas de modas da rua do Ouvidor, e a final tambem são figurinos; mas a redactora em chefe não está pelos autos; quer antes dar-vos pouco, e bem servir-vos.

Ora, notai bem, a fazenda especial e a côr desse vestido que representa a estampa, não o achais tão lindo? É a finissima e transparente *Balsorine*. Reparai nos enfeites; que distincção! Esses cinco folhos, alargando progressivamente de cima para baixo, que circundão a saia com uma guarnição bordada de rosas escarlates, cuja viva côr acompanha as da mesma guarnição da berthe e das mangas, que brilhante effeito que produz sobre o fundo verde-claro. Aquella delicada camisinha, que guarda a abertura da berthe na elegante fórma que descreve, como está bem empregada. Reparai nas mangas curtas; ellas são totalmente largas, e depois um pouco fechadas por pregas soltas formadas em cima, na cava; as submangas são justas, deixando apenas apparecer duas ordens de estreitos folinhos, que dão ao braço uma graça toda faceira e caprichosa.

O penteado é aquelle que entre todos mais primou nos salões parisienses neste ultimo inverno; peço-vos, queridas leitoras, que noteis a simplicidade deste penteado a par da sua elegancia. Por certo elle sobresahirá perfeitamente bem no gentil semblante das nossas assignantes e lhes dará alguma novidade sobre este ponto de modas, que ha tanto tempo se tem conservado com tão pequenas mudanças.

Os bandós encrespados e presos pela trança que os circula, sem mais outro enfeite que o mesmo cabello, penteado em caracol, é fora de duvida de muito gosto, sem comtudo darmos baixa no penteado de flores e folhagem, que sempre ha de ser elegante, todas as vezes que a elle presidir a arte e a delicadeza.

Catete, 3 de abril.

AMOR E A ORTOGRAPHIA.

EPISODIO DOMESTICO, REFERIDO POR UMA JOVEN ITAGUAHIENSE.

1827.

Sensivel ao convite que nos foi feito pela redacção do *Jornal das Senhoras*, pertencendo a

sexo de que elle é orgão, concorrerei com o meu contingente para provar o quanto a educação da mulher é util nos mais pequenos discursos da vida. Sei que os nossos escriptos não merecerão das minhas patricias as mesmas attenções, que os publiçados neste interessante Jornal, porêm como tenho a certeza de que nos mais lindos quadros, onde fulgurão as mais radiantes côres, a escura é preciso, será este meu artigo a sombra, para fazer realçar tantas outras producções das minhas bellas patricias. Espero ao menos que meu laconismo me alliciará alguma complacencia.

Não longe da villa de Itaguahy, em 1827, vivia uma familia abastada, entre a qual, Rosinha unica filha, fazia as delicias de seus pais e irmãos, sem nenhuma educação litteraria, sem mesmo ter os conhecimentos elementares que lhe fossem sufficientes; Rosinha no mais, alêm de formosa, docil, e boa filha, era o que no paiz se podia chamar *um bom partido.*

Seu tio, que tinha sido outr'ora vigario encommendado em Guaratinguetá, julgou dever aperfieiçoar sua sobrinha, e pois lhe ensinou com algum trabalho a ler soletrado e escrever ainda que mal; isto é, deu á sua sobrinha as noções de escripta que elle mesmo possuia; e quanto á leitura, o bom homem não era sublime, a não ser no seu latim, o que dizia elle não convinha ser aprendido pelo nosso sexo.

Aconteceu que um joven de excellente familia fosse passar alguns momentos junto á familia de Rosinha, a cujo pai tinha sido recommendado o moço da cidade; repetir as visitas, ser assiduo, e até ser començal da casa e nella recebido como filho, foi obra de poucos dias; e nem é meu proposito narrar essas circumstancias; o caso é que Julio, moço bem educado, joven e livre, viu em Rosinha aquella a quem seu pai bem podia designar-lhe para esposa.

Não posso referir bem as suas primeiras confissões, nem relatar minuciosamente todas as phases deste amor casto e noviço; sei sómente que Rosinha confessou a Julio que lhe seria agradavel dar-lhe seu coração e sua mão, uma vez que obtivesse o consentimento de seus pais, o que com effeito foi obtido.

Tratado o casamento entre as familias, Julio e Rosinha erão por todos considerados já como desposados, e só se esperava que Julio fizesse seu ultimo exame para celebrar-se o consorcio.

Assim se deslisava a existencia de tão feliz par; Julio teve de voltar para a cidade, acabada estavão as ferias, e nas mais ternas despedidas Rosinha lhe disse:

Julio eu te amo muito; não prefiras na ausencia outra mulher.

Julio jurou que sim, protestou ser fiel, e saudoso se separou.

Chegado á cidade, Julio julgou dever escrever o que tinha jurado, e como todos os que amão, em linda e perfumada carta, tarjada dos mais fantasticos arabescos, com toda a nitidez escreveu á sua bella deidade.

Partiu a carta, e o pagem confidente a entregou á propria Rosinha, que palpitante de prazer e orgulho até se escondeu para ir ler o papelucho.

Oh! dôr! oh! decepção! quanto soffreu aquelle terno e innocente coração ao repetir, ainda que soletrado, as crueis expressões nessa carta contidas!!! *Preferir na tua ausencia outra mulher, nunca ser teu fiel esposo, é e será sempre o meu mais querido desejo.* —Julio.

Rosinha não pôde resistir a tão cruel tormento; a ferocidade com que aquelle que ella amava lhe cravava a sangue frio o punhal da perfidia em seu coração, lhe tirou toda a razão, correu á sua mãi e mostrou-lhe a carta; a boa Sra. Eufrasia não sabia ler, seus irmãos cuidavão mais na lavoura do que em instruir-se, e sabião tanto como sua boa mãi; seu velho pai, antigo Açoriano, sempre pensou que para ajuntar dinheiro não se precisava recorrer á escola; restava o bom tio, que por infelicidade tinha ido á Lorena!

A Sra. Eufrasia pois fez sua propria filha ler o terrivel papel — *Preferir na tua ausencia outra mulher, nunca ser teu fiel esposo, é e será sempre o meu mais querido desejo — Julio....* Tres vezes se benzeu a boa Eufrasia e mal disse o libertino que, mesmo antes de casar, fazia semelhante programma.

Escusado é contar que d'ahi a oito dias Rosinha por timbre de seus pais estava casada com um rustico seu vizinho, e todas as relações de familia cortadas com as de Julio.

O pai deste vendo tão intenpestivo rompimento, e vendo que seu filho muito soffria com isto, desejou saber a fundo o motivo de tal proceder. Foi a Itaguahy, e ali então lhe foi mostrada a carta fatal que justificava o rompimento das promessas do casamento e de toda a amizade.

Essa carta fatal, na qual Julio só tinha escripto o que repetimos, tinha a final a seguinte orthographia: *Preferir na tua ausencia outra mulher? Nunca. Ser teu fiel esposo, é e será sempre o meu mais querido desejo.*

Julio isto escrevendo quiz socegar o espirito da sua noiva, que parecia abalado pela recommendação que lhe fizera na despedida, e por julgar que ella sabia orthographia concorreu com tal carta para casal-a com um rustico pobretão da visinhança, que foi o unico que ganhou com a ignorancia da infeliz Rosinha, da qual nunca pôde fazer a felicidade, desde que ella reconheceu-se a propria culpada, e que em toda a familia cessou o despeito á vista da explicação que fez da carta o bom e honrado tio padre Antonio.

Tal é leitoras, um dos inconvenientes da ignorancia no nosso sexo!

Adelaide.

ASYLO DE SANTA THEREZA.

A augusta bondade de SS. MM. II. acaba de patentear-se ainda por mais um acto de bonda-

de dos seus corações: é debaixo do patrocinio da Santa do nome de S. M. a Imperatriz que a orphandade desvalida, encontrará mais um tecto onde agasalhar-se da miseria e do vicio.

Nada podemos dizer que seja sufficiente a exprimir os pensamentos que faz nascer este acto, tão philantropico, como espontaneo.

Fazemos votos para que os regulamentos do Asylo de Santa Thereza, em harmonia com as necessidades da época, torne esta instituição tão vantajosa nos seus resultados, como o desejão os amigos da humanidade; e como merece que o seja para honra eterna dos seus Augustos Fundadores.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

CASA DE REFUGIO PARA OS MENINOS E MENINAS POBRES NO ESTADO DA PENSILVANIA.

Hontem á tarde visitei a casa de Refugio dos Orphãos.

Depois de verificarem o nosso bilhete de introducção, fomos introduzidos em um vasto pateo quadrado; no fundo estavão as officinas da casa, de um lado as habitações do administrador, cozinha, salas de refeitorio, e o resto erão os dormitorios.

Em frente ás officinas havia um logar destinado a exercicios gymnasticos: o pateo todo plantado de flores odoriferas, tinha no centro multidão de brancas *colmenas;* o todo da casa respirava aceio, alegria e a actividade do trabalho.

Principiamos visitando os dormitorios; o systema cellular é adoptado neste estabelecimento, como em todos os outros que tem por objecto subordinar o espirito rebelado, educar o coração, ou morigerar pela penitencia os vicios que a má educação, o habito ou a miseria, fizerão nascer.

Cada quartinho tem uma cama, uma mesazinha, nada mais; pequena janella em altura elevada e cruzada de barrotes de ferro, dá-lhe luz ou ar conforme a estação; uma porta maciça fecha o recluso. Quanto ao systema de aquecer as cellulas é por tubos de chumbo onde circula agua fervendo, os quaes dão o sufficiente gráo de calor na estação das neves.

O mais rigoroso aceio reina em toda a casa, os quartinhos bem caiados são pequeninos, mas não são tristes; comtudo, a solidade destas pobres crianças, uma vez ali fechados, privados dos afagos de uma mãi, habituando-se desde tão tenra idade á concentrar-se em si mesmos, fez-me mal!

Passamos ás cozinhas — ellas são largas, espaçosas, summamente limpas como é o costume deste paiz. Cozinhas a vapor.... tudo tende a economia dos braços e do tempo!

Multidão de meninas, precedidas de uma das directoras, preparavão as eternas *papas de milho,* outras enchião de leite ou de melado grandes cangirões, que collocavão sobre as mesas do refeitorio. Depois de servida a ceia, ellas se retirão ao seu departamento, e mais tarde voltão, para lavar e deixar tudo limpo e arrumado.

Nas officinas tudo trabalhava ainda, na escola estudava-se, e na gymnastica exercitavão-se alguns meninos.

Nós visitamos a typographia, a officina de encadernação, a marcineria, a ferraria, e outras muitas industrias que a casa encerra—cada officina tem seu director ou mestre, com seus ajudantes, que geralmente são logares preenchidos pelos rapazes mais velhos, e o producto daquelle tarbalho, feito todo por crianças, é applicado ao sustento da casa; e desse mesmo trabalho vai acumulando-se um fundo, que um dia serve de capital, quando as portas do asylo se abrem para o recluso. Para os rapazes aos 21 annos, para as meninas aos 18. Esse dia em que elle vai pela primeira vez sentir o contacto do mundo, leva tambem ao seio dessa sociedade que ignora, dinheiro com que satisfazer as primeiras necessidades do momento e um officio lucrativo com que ganhar seu pão.

A's 5 horas da tarde o sino chamou os trabalhadores fóra das officinas; mas ninguem sai, sem arrumar, sem varrer, sem deixar cada objecto no logar marcado; uma vez isto feito, principia a lavagem do rosto e das mãos; o vestir-se, pentear-se e preparar-se para a ceia.

Na America do Norte nunca vimos trabalhador algum, por muito ordinario que fosse, que se sentasse á mesa, sujo ou mal arranjado. Os Americanos são limpos por costume, e nesse ponto todos possuem a mesma educação.

Depois dos preparativos de aceio, formarão-se em columna, e ao tinir da campainha do director, desfilárão, e sempre debaixo de ordem militar entrárão no refeitorio.

Ali depois de curta oração, os mestres derão parte do trabalho de seus aprendizes. Os que tinhão cumprido com as suas obrigações, além de receberem do director algumas palavras de encorajamento, recebião tambem dobrada ração. Os mal comportados erão, pelo contrario, reprehendidos e privados da ceia, com obrigação de servir em pé aos seus companheiros: assim vai, á par da recompensa, o castigo, marcando distinctamente aos meninos as duas sendas da vida — a senda do bem e a senda do mal.— Observamos com satisfação que em uma reunião de seiscentos rapazes talvez, era muito pequeno o numero dos que incorrêrão no desagrado dos mestres: havião diversos visitantes nessa tarde e os pobres penitenciados estavão envergonhados e confusos.

Depois de assistirmos á ceia dos rapazes, visitamos o departamento das orphãas; era o mesmo systema, porêm assim mesmo, a presença da mulher revelava-se ali.

Sabeis no que? Na caminha mais aceiadinha; na mesa vestida de uma fazenda branca, com as suas teteias, um vaso de flores, e emfim mil pequenos objectos sem valor, mas que revelão a

BIBL. CORTE-REAL

JORNAL DAS SENHORAS

innocente *coqueterie* da menina, que tem como uma necessidade, ou do luxo, ou pelo menos é um sentimento do bello, que se manifesta até nesses objectos minimos; e mesmo ali na orphandade, na reclusão!

Concluimos a visita na sala do director onde assignamos os nossos nomes para recordação. As meninas, além do ensino primario, aprendem musica e desenho, e depois cada uma, assim como os rapazes, se dedica a alguma arte manufactureira.

Ellas tambem tem suas officinas de trabalho, mas quasi nunca ha exemplos de desobediencia.

Geralmente desenvolvem-se laboriosas, e, quando pela sua vez voltão ao seio da sociedade, o seu primeiro passo é estabelecer-se e procurar arrumação nas grandes fabricas e officinas.

Depois que retirei-me, fui pensando nas vantagens daquelle util estabelecimento, o qual presta alguns annos de agasalho á desvalida infancia, mas emprega utilmente esse tempo ensinando-lhe a ganhar o pão; e concluida que seja essa missão envia á sociedade seres uteis e laboriosos, sem sobrecarregal-a de uma multidão de creaturas inexpertas e inhabilitadas, as quaes mais tarde se tornão o peso da mesma sociedade; entretanto que aquelles não se tornão pesados a ninguem, porque o estabelecimento vive dos seus recursos, e não de pensões do Estado, que tantos outros destinos podem preencher, sabiamente dirigidos.

Por muito tempo não sahirá da minha lembrança o Asylo dos orphãos da Pensilvania.

Amanhã devo visitar Penitentiary House (entre nós o Presidio). Veremos que impressão me deixa; já me asseverárão que vai causar-me surpreza. Veremos.

(Copia do meu diario particular.)

POESIA.

A UMA JOVEN PAULISTANA.

Alvo cysne de candidas penas
Do seu meigo Tiété senhoril,
Vem pairado nas azas serenas
Ergue o collo de neve gentil.

Deixa os lagos da patria tão cara,
Deixa as ribas do sul do Brazil;
E nas plagas do grão Guanabara
Vem mostrar-se fagueiro gentil.

Doce, meiga, gentil açucena
Transportada do sul do Brazil;
Embalata na haste serena
Tão saudosa da patria gentil.

Meiga perla de fogo engastada
N'um céo puro de limpido anil;
Branca rosa d'amor orvalhada
Pelos prantos d'aurora gentil.

Meigo lyrio gentil bafejado
Pelas auras do sul do Brazil,
Das campinas da patria exilado,
Exilado da patria gentil.

És a nota d'uma harpa tangida
Pelos ventos do sul do Brazil,
És qual nuvem que vê-se exculpida
Sobre a face d'um lago gentil.

És qual meiga visão vaporosa
Das que morão no sul do Brazil,
Que em remanso de noite saudosa
Se nos mostra n'um sonho gentil.

És a flor que abriu soberana
Despontada no sul do Brazil,
Casta, meiga, gentil paulistana,
Flor singela, mimosa gentil.

Salomon.

PENSAMENTOS.

O orgulho é um veneno subtil, que se introduz mesmo nas almas caritativas; que rouba todo o valor ás suas obras, todo o merito aos seus sacrificios. Quem desejar que estes sacrificios sejão agradaveis ao SENHOR examine-se escrupulosamente; e se achar que em si existe, por pequena que seja, alguma porção daquelle vicio, não descance sem o expellir. Se assim o não praticar, em vão tentará fazer subir ao Céo o perfume de algumas flores que colher nos jardins da caridade. Passando pelas suas mãos, ellas cahirão desfolhadas e perderão todo o perfume.

Ha no mundo dois infernos, dois infernos horrives. Um é o de — amar sem ser amado, outro — o de ser amado sem poder amar!

A mais efficaz das consolações é uma completa resignação.

A caridade é sempre uma virtude, porém a caridade regulada pela prudencia vem a ser — duas virtudes.

O egoista não sente senão os seus males; os corações caritativos sentem mais os males alheios, que os proprios.

Quando a humanidade soffre, o soccorrel-a é uma obrigação, assim como a indifferença é um crime.

DESTES HA MUITOS!

« Eu viajava ao sul da França em 1813, escreveu Mr. Descloreaux, veio-me á idéa visitar uma prisão, que não só encerrava prisioneiros ordinarios, como tambem alguns alienados.

« Um delles, como a loucura era fraca, gozava no interior da prisão de uma tal ou qual liberdade, tendo-se acostumado a semelhante existencia de maneira tal, que não se lembrava mesmo que fosse possivel poder-se viver de outra sorte. Logo que me avistou, cumprimentou-me polidamente: « Bons dias, senhor, me disse elle, como tem passado? — Muito bem, e vós? — Bem tambem, porêm assim não posso viver.... — Porque então? — Reparai bem para minha cabeça.... — E para que? — Ah! é porque ignoraes a minha historia, disse o louco. « Cortarão-me a cabeça, assim como a muitos outros, logo que terminárão a execução, vierão advertir ao carrasco que eu tinha sido guilhotinado por engano; immediatamente o carrasco tirou de um grande cesto uma cabeça, á qual infelizmente não era a minha, e a grudou no meu pescoço; ella está bem segura como vedes.... E o desgraçado sacudia fortemente com a cabeça para me convencer que ella estava bem soldada.... Está na realidade segura, vedes senhor, comtudo parece que ha algum desarranjo.... Isto assim não vai bem!... Fatal desgraça é um engano de cabeça! »

E foi-se chorando, contar sua aventura ao primeiro visitante que encontrasse.

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

> Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade coutra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.
>
> MICHELET, Historia de França.

SIMÃO E MIGUEL.

Apenas livre da espingarda, Miguel atravessou com passo rapido, patios e claustros do velho Mosteiro; faltava-lhe o ar aos seus pulmões; sua cabeça ardia, seu sangue já circulava com violencia, já parando a sua circulação normal, occasionava-lhe espasmos e dores desconhecidas, commoções do seu ser physico e do seu ser moral que elle pela vez primeira sentia, vendo ante seus olhos duas carreiras que a voz de Alsina lhe revelara.

Crime e Virtude,

Pela primeira vez, de sua vida innocente e selvatica, comprehendia elle que havia praticado uma acção infame! Que cahos de ideias novas, de reflexões, de sensações? Só elle que as experimentára poderia definir.

A pallida imagem de Alsina, as lagrimas de sua mulher, os gemidos de seu filho, perseguião a Miguel!

O vento que soprava com violencia, a chuva que cahia em torrentes, nada sentia o triste mancebo; apos sua carreira atravéz da tempestade, chegara a uma especie de jardim ou cemiterió dependente do convento. Mato de ortigas e de duros e picantes cardos cobria com espesso véo os vestigios das derrubadas cruzes, e fazia tempo que ellas afogavão as raizes das flores, se ali as houverão algum dia.

Frias e amargas lagrimas rebentárão dos olhos de Miguel, que cahiu exhausto de fadiga ao pé de um velho hospitaleiro chorão, cuja verde cabelleira se debruçava, mais desmaiada que nunca, açoutada pela tempestade, envolvendo, como um tumulo, ao desditoso que se abrigava debaixo da sua melancolica ramagem.

Um homem tinha seguido a Miguel, sem perdel-o de vista, e encontrava-se n'aquelle instante a seu lado: em pé, com os braços cruzados sobre o peito, longas melenas lizas e brancas, escapadas por baixo do seu barrete de lãa vermelha, fluctuavão á mercê do vento; seu rosto, denegrido pelos raios ardentees do sol do Equador e en ugado pelas neves eternas dos Andes, expressava n'aquelle momento uma compaixão grave e profunda.

Aquelle homem era Simão o velho lanceiro.

Simão adivinhava quanto se passava no coração de Miguel: esse *não sei o que* mysterioso, que attrae ou repelle um do outro, os mortaes entre si, impellia o coração do velho soldado para o selvatico mancebo.

Mensageiro do crime, tinha Miguel lançado os ferros ao nobre proscripto; porêm, momentos depois illustrado por um sentimento de justiça, que dormira ignorado no fundo do seu peito, acabava de acordar á voz eloquente e magestosa do virtuoso Alsina, que só recommendára a seu filho indulgencia e perdão, mesmo ante o braço armado dos seus carrascos: mil cordas desconhecidas, que de um golpe vibravão no seu coração, virgem e tranquillo até esse dia, occasionavão-lhe a mágoa que tanto o pungia.

Isto tudo comprehendia o velho lanceiro: Simão não era um soldado vulgar, falto d'essa educação primaria, que prepara as nossas faculdades moraes e intellectuaes a receber mais tarde a semente da illustração; o contacto dos grandes homens da revolução de Maio tinha-o limado: ouvinte curioso dos enthusiastas oradores d'aquelles dias immortaes, havia aprendido sem estudar: reflectido por caracter, nas suas longas e solitarias horas de vigia, Simão penetrou mil segredos que se revelão á mente do homem pensador, no

(*) Vide o n. 13.

meio das desertas e silenciosas planicies d'America: no cume dos despovoados e collossaes Andes; percorrendo de noite o largo campo juncado de cadaveres, que ainda nessa manhã erão seres cheios de vida, ardendo na febre do combate.... ali, entre os charcos ainda quentes do sangue humano, entre os destroçados membros palpitantes, Simão desenterrou uma sciencia infallivel e profunda ; o nada da vaidade humana.... leitor attencioso do livro eterno da criação, o olhar que devizava o altivo condor no mais elevado cimo do Chimboraso, que encontrava o rumo no deserto pelo curso dos astros que elle nunca estudára, esse olhar profundo e prescrutador tambem sabia decifrar o mais intimo arcano do coração de outro homem.

Vencido ou vencedor, Simão foi sempre o soldado bravo e disciplinado, o ideial do pensamento do nosso grande *San Martin*.

Até o momento em que rebentou a guerra civil, Simão enristou sempre sua velha lança.

Orgulhoso em demasia para fazer valer seus serviços bastava-lhe a secreta gloria de ter cooperado para collocar-se a primeira pedra do edificio gigante, onde algum dia repousará o futuro das provincias unidas. A Independencia, primeiro degrau da liberdade.

Para não escurecer a sua aureola de guerreiro da patria, retirou-se em silencio, sem que a sua espada se tingisse no sangue dos seus irmãos,

Tinha consagrado a sua mocidade á causa da Independencia Americana.

Seu nobre orgulho impunha silencio á dôr das feridas do velho soldado.... e trabalhava para ganhar o pedaço de pão da sua velhice !

Era em fim um d'esses homens de bem que trabalhão em silencio pela humanidade, e que nada pedem, que nada esperão ; homens com os quaes ninguem se importa, que cruzão o caminho da vida desapercebidos, e que descem á sepultura sem outra recompensa, que a consciencia de terem preenchido seu dever.

De pé, junto a Miguel, o velho soldado, estendeu os braços para o moço, levantou-o do chão, e o apertou de encontro ao seu coração dizendo-lhe só estas palavras.

Meu filho !

E suas lagrimas de guerreiro se confundirão com as do orphão !

Achav[illegible] em um d'esses momentos em q[illegible] le consolação, amor, afagos, em q[illegible] brir o coração a outrem, ou morrer esmagado de dôr e de dessolação ; por isso a sua resposta foi cingir seus braços ao pescoço de Simão e ficarem abraçados.... não acabára elle de o chamar—seu filho ? E não era essa a vez primeira que tão doce nome vinha ferir os ouvidos do pobre orphão ?

Estranhos um para o outro, aquelles dois homens acabavão de confundir as suas lagrimas, os seus pezares e os seus sentimentos, como se longos annos de amizade houvessem precedido aquelle momento !

Ah ! é porque a sympathia verdadeira não carece de palavras para ser comprehendida, é porque dois corações irmãos não carecem de annos para se reunirem em um momento supremo de adivinhação mutua : a envenenada seta da desconfiança não ulcerava aquelles corações agrestes, e os dois filhos do deserto obedecião á voz da Providencia, que os lançava nos braços um do outro, como se fossem um pai e um filho que se tornão a ver depois de prolongada ausencia.

Simão foi o primeiro que apartou o moço de si, e tomando-o pela mão o conduziu a um largo portico que dividia o primeiro do segundo claustro.

— Ha quanto tempo que serves ao general Rosas meu filho ? perguntou o velho a Miguel.

— Nunca estive ao seu serviço, respondeu o moço, tenho desempenhado differentes commissões, por fazer-lhe obsequio.... é porque... eu o estimava !

— Deu-te elle dinheiro alguma vez ? tornou o velho.

— Deus me defenda ! dinheiro d'elle ! não, jamais..., eu o servia, e pensava assim servir tambem á Patria.

— E acreditas ainda que fizeste algum serviço á tua patria entregando esta familia á desgraça ?

— Ah ! exclamou Miguel, sentindo sangrarem as suas feridas ; é infame ! Se eu tivesse podido adivinhar.... mas elle lá, o Governador fez-me uma pintura tão negra d'este homem, do preso... e agora....

Miguel encostou a cabeça em ambas as mãos e ficou em silencio.

— E agora conheces que te illudirão, que abuzarão da tua boa fé, não é assim ?

— Ah ! eu nem sei o que sinto, nem o que digo, nem onde estou.... esse preso tem um porte tão nobre.... e aquelle olhar tão sereno.... e ao mesmo tempo sem colera.... e sua senhora... e aquelle menino..., ah ! as lagrimas d'elles dois me queimárão o coração.... as vezes tenho tido impetos de matar aquelle burro do juiz de paz e

mar quantos se me pozesem adiante.... Comtudo eu nunca matei ninguem...!

E depois tudo aquillo que o preso dizia a seu filho... tudo em fim tem-me causado uma tal revolução... O general Rosas é um tyranno!.... elle é um malvado.... e era o homem a quem eu servi... aquelle a quem mais amei e respeitei até agora...! Quanto é amargo o primeiro desengano! acaso já sabe o que isto é...? chorou já o desengano de algum dos chefes a quem serviu?

Desdenhoso sorrir vagou pelos labios de Simão.

— Amei a Balcarce, porque era generoso e humano e amava seus soldados, como pai carinhoso aos proprios filhos.... muitas lagrimas derramei na sepultura do magnanimo Belgrano.... e adorei como o deus das batalhas, o severo, o bravo, o intrepido, *San Martin*..., mas, meu filho, nos meus tempos, não se servião aos homens, pelejava-se por uma causa, a Independencia da America... e o velho enxugou uma lagrima que rolára pela descorada face.

— E o general Rosas? nunca Vmc. serviu debaixo das suas ordens?

— O general Rosas!... repetiu Simão com desdem: esse nunca derramou uma só gota de sangue proprio em bem da Patria.... falla-me, de Olazabal, de Rojas de Dias, de Bessares, esses são dos meus, dos que trepamos os Andes, quasi nús, dos que carregamos em Chacabuco, á baioneta sobre os soldados da Hespanha, dando vivas á Patria. Rosas.... Rosas é um degollador, nada mais.

— Então elle não tem o direito de fuzilar os Unitarios?

— Meu filho; direito sobre a vida dos seus semelhantes ninguem tem... a justiça tem o direito da lei para castigar os criminosos, mas degollar a este ou aquelle, ninguem tem o direito de o fazer.... acreditas que o Dr. Alsina mereça ser fuzilado?

— Não, oh! não... mas os outros que o general Rosas chama Unitarios que são inimigos da Patria?

— Sabes o que quer dizer Unitario?

— Eu?! replicou Miguel com singela admiração; nem sei o que é ser Unitario, nem menos o que seja ser federal.

— Como tu, ha muitos desgraçados que commettem crimes sem noção alguma do bem ou do mal, e sem saber o que fazem.... porêm o tempo vôa; vamos ao que serve; estás tu arrependido do que fizeste contra o Dr. Alsina?

— Daria minha vida em troca da sua liberdade.

— Bravo, meu filho. O mal praticado deve ser reparado; só o arrependimento lava a culpa. E' necessario libertar esse infeliz; porêm para tal empreza é preciso expor a vida e renunciar a Patria.

— Não cuido da vida; respondeu o joven com voz melancolica, em quanto á Patria.... não tenho, nunca tive domicilio!

Simão apertou a mão d'aquelle desgraçado, cuja orfandade se traduzia n'aquelle momento em toda sua agreste desolação.

— Se perdermos uma tentativa continuaremos até morrer: ou obteremos o nosso intento.

— A tudo estou prompto.

— O general Rosas será nosso inimigo mortal.

— Não me importa; estou revolvido: ou libertar o Dr. Alsina ou morrer com elle.

— Mas não arriscaremos a vida sem absoluta necessidade; para servil-o melhor obedecer-me-has sempre que eu te dicer—ainda não é tempo—

— Podeis dispor de mim; já me chamastes vosso filho, agora obedecer-vos é minha obrigação.

— Bem Miguel: és um nobre coração... hoje já nada poderemos fazer... amanhã eu prepararei tudo.... e á noite effeituaremos a fuga.... chegaremos ao rio, tomaremos a sumaca, por bem ou por mal, o mestre guiará, e quando derem pela nossa falta iremos longe.

Os novos amigos, Miguel e Simão, separarão-se, e por oppostos caminhos tornarão a entrar nos arruinados dormitarios, onde em redor das quasi extinctas fogueiras dormião, ou ainda bocejavão jogando as cartas, os peões do juiz de paz.

Continua.

Acompanha a este numcro um lindo figurino de baile: para o numero seguinte daremos um romance original, só para piano, de magnifico e melodioso effeito.

JORNAL DAS SENHORAS.

Publica-se todos os Domingos; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este jornal nas casas dos Srs. Wallerstein e Comp. n. 70, A. e F. Desmarais n. 86, Mongie n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de Santos e Silva Junior, rua da Carioca n. 32.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

Preço da Assignatura: Por tres mezes 3U000 rs. na Côrte, 4U000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro.—Typographia de Santos e Silva Junior, Rua da Carioca n.° 32.

TOMO I — DOMINGO, 11 DE ABRIL DE 1852.

O JORNAL

DOS SANTOS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

O programa e condicções deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

PALAVRAS DE UM PAROCHO A UMA NOIVA.

Muito breve, minha filha, ides deixar o véo de virgem, o tecto paterno e as descuidosas occupações da vossa mocidade, pelas occupações muito mais sérias e muito mais importantes de esposa e de mãi de familia. O casamento!... A philosophia e a religião concebem este acto da vida social de uma maneira bem differente. O philosopho, querendo apresentar-vos o lado mais brilhante desta união, vos dirá: o casamento é o complemento e a realidade das affeições de dois corações que se dedicão um para o outro, para se fazerem mutuamente felizes nesta vida.

O christianismo vos dirá alguma cousa mais do que isto; elle vos ensinará que ides celebrar na terra um contracto que se sancciona no céo; que este acto eleva os dois esposos até Deus; que uma effusão de graças sahirá do altar, a cujos pés se vão prostar para contrahir a sua alliança indissoluvel; elle vos dirá que este acto é santo, é sublime, é celeste; que a religião o sanctifica, o espiritualisa e purifica de tudo que nelle ha de carnal e puramente humano; elle vos dirá que quem faz tudo isto é o valor do sangue de Jesus Christo, a cujo preço foi instituido este Sacramento.

Acreditai-me, minha filha, se Deus não intervier neste negocio, se o amor conjugal só fôr philosophico e não christão, se nelle não houver mais nada que o coração humano, então a base desta união é bem fraca, bem movidiça, e bem precaria!... O que é, minha filha, o amor humano quando não se basêa sobre o alicerce immutavel e firme do amor de Deus, do temor da Divindade, e dos deveres sagrados e responsaveis perante o Céo? Se o amor conjugal não tem outra segurança que a que lhe dá o coração humano; dizei-me? o que ha no mundo menos seguro do que esse humano? Esse pequeno golfo, de sangue tempestuoso, onde as effeições violentas, como as vagas do mar, engolem-se umas ás outras, e succedem-se umas apoz as outras! Esse despota caprichoso que quando é movido só pelas suas sympathias, pelos seus palpites e suas inspirações, aborrece hoje o objecto que a um mez já lhe era indifferente, e que a dois mezes amava ardentemente!... Eis o que é o amor

Philosophico!... Ao mesmo tempo que uma idéa eterna, um sentimento sobre-natural da religião, uma cousa que está acima da natureza é o que géra, é o que nutre, é o que fructifica o amor conjugal christão.

Lembrai-vos, minha filha, que a benção de Deus vai pairar sobre a vossa cabeça; que ella dará os seus fructos se comprehenderdes christãmente este acto, a qual o christianismo vai presidir para sanctificar e aperfeiçoar o vosso amor; lembrai-vos que Deus vos creou um para o outro e ambos para si.... Conservai essa benção Sacramental. para que ella chegue e passe a vossos filhos.

Nunca esqueçaes que é diante de Deus, em face do Céo e junto do altar santo, nas mãos do ministro da religião, que ides pronunciar um juramento que vos liga na vida até á morte aos deveres do vosso estado; e esses deveres são os deveres para com vosso marido, os deveres para com vossos filhos, e os deveres para com vossos escravos: estes tres objectos vão fazer a materia da instrucção que vou dar-vos.

(Continua.)

A TARDE.

DIVAGAÇÕES.

Eis a hora da meditação e melancolia! hora em que o sol transpondo o cimo das serras declina sua carreira para as regiões das sombras! Hora de poesia e encanto, em que a flor suave e melancolicamente embalando-se no estremecer da brisa abre seu seio, e recolhe em seu calix o orvalho da noite! hora emfim em que a alma cheia de inspirações começa a exalar-se suavemente em canticos de amor!

Sim, é nesta hora que eu, a sós com o meu vago e duvidoso imaginár, procuro minorar a saudade que sente meu coração! Oh! quem poderá comprehender toda a força deste sentimento suave e melancolico? Só aquelle que uma vez tiver amado, não com esse amor banal da louca mocidade, porêm sim com esse amor puro, santo e idolatra, com que se adora a Deus! Só essé poderá bem avaliar toda a intensidade desse sentimento terno e suave!...

Saudade! dolorosa companheira da sensibilidade penalisada! companheira inseparavel de minha vida, que affectos melancolicos e suaves esparges em minha alma transportada! que imagens deliciosas espraias por diante de meus olhos! que vagas. que puras, que aéreas, que indifiniveis harmonias as que derramas em meu coração! Oh! vem ó terna saudade, vem despertar em minh'alma esse passado tão cheio de delicias e encantos.

Deixa-me gozar, ainda que só por pensamentos, essa ventura tão agradavel que me anima, me consola e exalta, approximando-me até de Deus!

Sim, faze que eu goze muitas vezes essas delicias indesiveis, que são para o meu coração tão mellifluas, como o amoroso suspirar da enamorada brisa docemente gemendo entre o mimoso regaço das flores; tão necessarias ao meu viver, como é para as mesmas flores o derradeiro orvalho de uma macia noite da primavera; tão agradavel á minha alma como a branda aragem de uma linda madrugada.... Oh! nestes momentos, por maior que seja meu infortunio, eu não me considero desgraçada porque, no meio do meu triste padecer, parece-me ver lá de cima do céo a Virgem Santa abençoar o infeliz'

Candilia.

POESIA.

AOS MEUS ANNOS.

I.

Nos ephemeros gozos da ventura.
Engolfada nos prazeres sumptuosos,
A que ha sido feliz, que venturosa
Decante o seu natal. .. Emquanto eu, triste
Blasphemando maldigo essa hora horrivel,
Em que vim me assentar á fatal mesa
Do banquete da vida, onde hei sorvido
Em taças transbordando d'infortunios
O viperio amargor desta existencia....

Oh! quatorze infeliz de fevereiro,
Anniversario do natal saudoso
Daquella que se enluta p'ra saudar-te!
Tu excitas nest'alma reminiscencias
D'um preterito cheio de venturas
Que contrasta com o meu fatal presente!
Saudosa e triste soffrendo
Meu presente angustiado,
Eu daria o meu futuro
Por um'hora do passado!

Dos gratos prazeres passando-se os tempos,
Quaes breves se escoão sorrisos de amores,
Chegou-se o presente, que eu soffro e renego,
Que lento caminha cercado de horrores!...

Nessa época feliz que anniquilou-se
D'improviso p'ra sempre, eu orgulhosa
Disputava da vida a felicidade
A's mais felizes, que se orgulhão hoje
Em contemplar-me, disputando horrores
A's mais tocantes presas do infortunio!...
Nessa época feliz e venturosa
Alegres trages me adornavão sempre,
Sorrisos de prazer, expressão maga
Da felicidade que embalava est'alma,

Vagueavão constantes por meus labios!
Mas hoje a mais cruel methamorphose
Revella o meu semblante e os meus vestidos!
Doridos ais no desespero sólto,
Ardente pranto me incendia as faces,
Feb icitante ardor me escalda a mente,
Lutuosas vestes meu corpo envolvem!...
Já de gallas meu corpo adornei,
Já vibrei venturosa esta lyra,
Hoje qual negro espectro da morte
Na tortura o meu canto s'inspira!...

A aurora eu s udava, outr'ora sorrindo,
Que o meu natalicio marcava brilhante;
Mas hoje a maldigo, porque me enlutando,
A vejo cobrir-se d'um véo negrejante!...

II.

Habitantes dos tumulos, sobre os campos
Juncados d'esqu eletos e cyprestes,
Uni vossas mortalhas carcomidas
Pelos vermes immundos ... d stendei-as;
E a um banquete execravel preparai-vos.
E depois embo ado d'improviso
De Josaphat a trombeta aterradora,
Convocai, a coalvos d'uma orgia
De sangue e de carnagem, essas ossadas,
Confundidas no pó dos cemiterios....
E quando os vossos echos o meu nome
Mandar da terra aos antros cavernosos,
Ronque o forte aquillão, e de tal sorte,
Que arranque os argilosos monumentos,
Ao rigor insensiveis das tormentas,
Da solidez da terra que os basêa....
E seja esse o festim com que os espectros
O meu triste natal commemorando,
Faça o mundo saber o quanto soffro
Aos martyrios entregue da orphandade!...

A. J. P. C.

Ilha das Cobras, 12 de Fevereiro de 1852.

Muito nos honra a nossa nova e digna collaboradora com a continuação das suas interessantes poesias. Não vai o seu nome por extenso por precisarmos ainda de autorisação.

CHRONICA DA SEMANA.

Era costume antigo, e ainda-hoje, os cavalleiros ao chegarem á praça cortejarem o publico á direita e á esquerda, para depois enristarem a lança e entrarem nos *sempre admiraveis exercicios* dos moringues quebrados com pombinhos voando, cabeças de papelão disputadas á ponta de espada entre mouros e christãos, e outras muitissimas cousas que não vale a pena referir, e por fim a enfiagem das *encanotilhadas* argolinhas, com o que acaba a festa, e passe por lá muito bem.

Assim tambem, é costume cada escriptor dirigir tabelioas reverencias aos seus pios leitores, contar-lhes mundos e fundos, dizer perolas em letra redonda, e por fim entrar em materia, conforme Deus é servido, e o Espirito Santo o insufla com o fogo do Seu Divino Amor, para o que muito ajuda ouvir devotamente a missa chamada—do Divino.

Tambem está em moda qualquer chronista querer passar por velho, ainda mesmo que seja um guapo rapagão, ainda mesmo resumbrando seus escriptos todo o fogo e verdor da mocidade. O que elles procurão com isso, não sei.

E vejão agora; eu não sou cavalleiro que enriste lanças, cortejando á direita e esquerda, porque, naturalmente vexada, receio enganar-me nos cortejos, mais para um do que para outro lado, e passar por injusta ou parcial, do que tenho muito medo; nem sou escriptor que diga perolas, porque nenhuma instrucção, louvado Deus, tenho para isso; nem chronista que queira passar por velho, porque entendo que não nos devemos apadrinhar com o credito alheio para dizermos o que sentimos, uma vez que somos responsaveis pelos nossos pensamentos palavras e obras perante Deus e a sociedade.

Sabei portanto que sou mulher, bem moça; tenho sómente 22 annos; não sou casada, nem solteira, nem aggregada; não tenho pretenções de litterata, nem me acompanha a mais pequena idéa de que os meus escriptos agradem.... Quereis vós que vos confesse o meu fraco? Pois elle ahi vae. Tenho ardente desejo de ver como sahem as minhas *garatujas* em letra redonda, e se ficão parecidas com muitas outras que eu leio, e acho-as tão bonitas.... Se assim não acontecer, e ellas não me agradarem, tambem não vos encommodarei mais.

Escolhi para a minha estreia, fazer a chronica da semana e offerece-la ao *Jornal das Senhoras*, submettendo-a antes ao juizo da sua redactora em chefe; se virdes porem que não tem cabimento, rasgai-a, ou ponde-lhe uma pedra em cima, para ter a honraria de papel archivado.

Ella ahi:

A semana, contra a vontade de muita gente fina e grossa, principiou tormentosa com chuva a cantaros, muitas constipações e febres catarraes, segundo informa o medico cá da casa, ancião prudentissimo, que cura.... não digo bem, que receita por todos os systemas conhecidos, com tanto que lhe surtão bom effeito; e não fica mal com ninguem, porque sempre caminha ao gosto do doente, dos parentes, dos amigos da casa, e até dos famulos, que é para lhe não acontecer o que ha dias teve logar entre um medico e um caixeiro. Indo este encommendar cartas,

de convite para o enterro de sua ama, perguntou-lhe alguem—Qué! pois morreu D. Fulana! —Qual morreu, senhor, respondeu o caixeiro, foi o medico quem a matou.—E livrem-se lá destes linguarudos ignoratões. Bem faz o meu velho doutor.

Com effeito indo eu á igreja do Carmo confessar-me quarta-feira de trevas (santo e proveitoso costume que devo aos meus queridos pais) lá presenciei o que se me havia dito: tossião e fungavão sem cessar moços, velhos e crianças, tormentosamente! Ainda mais uma vez tive de lastimar a falta de policia e a pouca reverencia que ha na maior parte das nossas igrejas! Digo-vos, queridas leitoras, que em breve me apresentarei chefe de um—nós abaixo assignadas—que pretendo dirigir em nome do nosso sexo ao Exm. e Revm. Sr. Bispo pedindo-lhe que, em attenção á nossa santa religião e ao respeito que lhe devemos consagrar, S. Ex. se digne influir com a sua alta preponderancia e bons conselhos, para que as irmandades, ordens terceiras e conventos, de uma vez para sempre extinguão em suas igrejas o inconsequente e improprio costume de nos obrigar a estar horas inteiras de joelhos ou assentadas, em chão raso, e muitas vezes sobre um ladrilho frio e pernicioso á mais robusta saude, mudando os seus tapetes em ordens de bancos fixos para homens e senhoras separadamente, onde cada um christão possa orar no Templo de Deus sem testemunhar as *distincções* tão prejudiciaes aos dogmas da igreja. Para o depois eu vos provarei a grande conveniencia moral da extincção deste velho costume.

Desta vez todas as igrejas da nossa capital commemorárão a Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo com toda a religiosa formalidade da Santa Semana. Não preciso referir-vos o luxo e o explendor da Capella Imperial e das ordens terceiras da Penitencia, Carmo e S. Francisco de Paula, porque vós já o sabeis: as duas solemnes e magestosas procissões do Senhor morto attestão o ardor e zelo catholico destas ordens. Já vistes no Carmo o riquissimo lençol do Esquife? Oh! vêde que vale a pena; todo elle é uma só renda de quatro palmos de largura, delicado e precioso trabalho das mãos de uma fluminense, representando com a maior perfeição todos os martyrios da sagrada Paixão e no meio o emblema da ordem guarnecido de outros accessorios artisticos de summo gosto.

Não posso deixar de observar aqui a completa indiscripção das senhoras *em situação interessante*, que se deixão arrastar pela curiosidade para se irem expôr a consequencias fataes entre o tumulto e os apertões das igrejas e das procissões! Ora, o que vão fazer ahi meninos de tres annos e crianças de peito a chorar desesperadamente!... Serão verdadeiras mãis as que praticão tal imprudencia? Verdade é que, nós mulheres quando embirramos, tambem somos bem boaszinhas.... *E ninguem nos diga nada.*

As confeitarias da rua do Ouvidor, na fórma do especulativo costume, enfeitárão-se com as suas sedas e galas de assucar em ponto, e estão bonitas. Em algumas o sortimento de cartuxos, caixas e caixinhas é exquisito e cubiçoso; vale a pena trocar meia duzia de mil réis por uma destas *tetéias* que sem duvida podem ter ingresso no perfumado toucador da mais caprichosa elegante. Algumas lojas de modas entendêrão tambem assim: mudárão as suas vidraças de rendas e sedas para mostrador de caixinhas de amendoas.

Os sorvetes subirão de preço; já não custão mais 200 rs. Para acompanhar os absurdos da terra, elles vão encarecendo á proporção que o tempo refresca.

O beneficio de Mme. Barbieri que nos ia dar uma noite de bellas recordações, suaves e melodiosas, entre as vozes harmoniosas da Sra. Candiani, Deperini, Amat e outros professores, para depois nos pòr em cuidados ao choque de dous floretes atirados por ella e o Sr. Gama, e mais tarde offerecer-nos os prazeres de um baile no salão da antiga Philarmonica, que Deus haja, não teve por ora lugar. Esperamos impacientes por essa noite de delicias.

Chovêrão annuncios de livros sagrados á venda, e pouca gente se confessou esta quaresma; donde virá o mal, do remedio ou da molestia? Ha boticarios sem consciencia que podem preparar mal suas drogas, e tornarem-se prejudiciaes ao corpo e á alma; isso assim é. Regulamento de salubridade espiritual com elles.

Pelo paquete inglez *Severn* e os que chegárão de Montevidéo durante a semana, alêm das noticias politicas em que não nos devemos entrometter, ha de mui saliente o magnifico baile dado em Montevidéo pelo Sr. conselheiro Honorio Hermeto Carneiro Leão na noite de 14 de março, annos de S. M. a Imperatriz, ao qual concorrêrão todas as pessoas gradas do paiz, os nossos primeiros officiaes do exercito, da armada, os representantes do povo e os ministros estran-

JORNAL DAS SENHORAS

ROMANCE

Sem palavras

BIBL. MUS. E PUBL. DA CORTE

Noronha

ANDANTE

p

f

b

f

f

p

f

p

f

tr

p

geiros. Sinto, por falta de espaço, não poder descrever essa explendida funcção, em que o Sr. conselheiro desenvolveu um luxo não commum e uma magnificencia igual ao bom gosto de que era acompanhada. Devia ter sido um baile brilhante e completo. Desejára ver-me em um destes interessantes bailes, entre as bellas e gentis montevideanas.

Já está morando no Catette, na casa do Sr. Ratton, Mme. Rosina Stoltz, passageira do *Severn*, que nos vem curar os nossos ouvidos e os nossos olhos, graças a Deus, com sua meliflua voz e o seu porte comico. Se sua voz não tem desmerecido, eu a ouvi o anno passado em Lisboa; arrebatava os corações e prendia a attenção até do mais emperrado dorminhoco, cousa bem difficil de alcançar.

Tambem chegou o baixo profundo Bianchi de Mazzoleti, e estão contractados, o tenor Basadona e o baritono Eduardo Ribas. Desta maneira não teremos razão de queixa: o theatro provisorio em breve nos dará excellentes espectaculos e os amadores serão satisfeitos. Estou anciosa para ver e ouvir tudo isto em scena.

Vou dar-vos, queridas leitoras, uma noticia de Constantinopla: não penseis que é a chegada do turco Rennani com nova carregação de pastilhas do Serralho e vidrinhos de excencias, é a mui seria noticia de haver a Turquia decidido a questão do Santo Sepulchro concedendo-se iguaes direitos em tal assumpto a todas as religiões christãs. Preparae as vossas esmolas.

E preparae os vossos ouvidos e os vossos *toilettes* para o theatro e os bailes que vão reapparecer daqui em diante com toda a magia do seu explendor.

Até outra vez.

Querida Redactora, o dito dito: pedra em cima se não achardes em termos estas garatujas, ou então deixae ir com a seguinte assignatura.

9 de Abril 1842.

Bellona.

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

> Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.
>
> MICHELET, Historia de França.

TENTATIVA.

O dia, que succedeu a noite que deixamos transcripta, amanheceu triste e nebuloso; fortes chuviscos, acomponhados de violentos tufões de vento, vinhão de quarto em quarto de hora, promettendo que pela volta da tardinha, chegaria o minuano para dissipar as ultimas nuvens da tempestade.

A distancia que separava o mosteiro do Paraná, era assás curta, porêm as estradas, convertidas em lagoas, apenas começarião a esgotar-se durante a noite, e o juiz de paz com a sua gente tinhão que esperar ainda um dia para porem-se a caminho.

Passou o dia inteiro sem accidente: o preso com sentinellas á vista, sua mulher e seu filho a seu lado. O juiz de paz e o *Juri improvisado*, de posse do melhor quarto do convento, jogavão, conversavão em politica, e bebião *mate*; o resto da gente cuidava dos cavallos, assavão grandes pedaços de carne, aprompiando o jantar da comitiva toda.

Simão, concentrando todas as suas faculdades, meditava o grande projecto, e Miguel, já mais tranquillo, simulava zelosa vigilancia sobre Alsina.

Chegou a noite, fria, porêm serena e estrellada; o minuano soprava brando, as nuvens em grosso tropel corrião impellidas do vento, deixando grandes espaços do céo azul, onde brilhavão fulgurantes estrellas; os insectos chiavão entre as humidas ervas, e na alta solitaria torre pousava fatidica coruja, que lançava ao ar seu gemido de morte.

Pela terceira vez resoa no silencio da soledade o triste e mysterioso canto dos gallos.

Os moradores do campo sabem que é meia noite.

As sentinellas do preso mudão-se; essa guarda deve permanecer até ás quatro horas da madrugada —Simão e Miguel pegão na espingarda e vão collocar-se ao pé do derrubado altar.

A Sra. de Alsina olha para os dois homens, que acabão de por-se defronte do preso; seus olhos encontrão os do velho lanceiro; um relampago de esperança cruza as trevas da desesperação; D. Antonia estremece e seus olhos procurão a outra sentinella:

Os grandes expressivos olhos de Miguel lhe dizem tantas cousas!... Consolações, promessas, a necessidade de ser perdoado, tudo explica o ardente moço com um só olhar! D. Antonia dobra os joelhos novamente, e a sua alma inteira vôa nas azas do amor e da gratidão até ao seio de Deus, que nunca os desgraçados invocárão em vão.

(*) Vide o n. 14.

O silencio profundo do deserto, o pouco costume de velar, o frio da noite, tudo contribue e predispõe os gauchos ao somno com frequentes bocejos estrepitosos; apoiados nas espingardas, fechão os olhos, mau grado seu; outros espreguição-se e encostão a cabeça ás columnas.

Quanto maiores esforços fazem os preguiçosos sentinellas, mais parace redobrar o somno.

Miguel vae a um por um dos seus camaradas, convida-os a irem descançar—elle e seu companheiro são sufficientes para guardar o preso, que de mais a mais está carregado de ferros.

Quem poderia desconfiar do mensageiro do governador?!

Os gauchos largárão as armas e apressárão-se em reunir-se aos seus outros companheiros que Já resonavão esteriçados.

Tudo dormia debaixo do tecto do abandonado mosteiro! O mesmo Julião, o espião mysterioso, cede ao torpor irresistivel do somno.... espesso véo o separa das suas criminosas ambições e sua cabeça, encostada em uma das mãos, lucta em vão, ficando em breve immovel e entorpecida debaixo do narcotico poderoso com que a natureza paraliza por momentos as magoas dos infelizes, os delirios dos criminosos.

A Sra. de Alsina, murmura algumas palavras no ouvido do intelligente menino; Adolfo está em pé, e sua mãozinha, que aperta o coração, parece querer comprimir-lhe as aceleradas pulsações.... O proscripto tambem abre os olhos parecendo mais admirado que satisfeito.

Simão e Miguel entregão as espingardas á corajosa Senhora, e elles dois carregão o peso com a possivel precaução; Adolfo ajudava a levantar os ferros de seu pae, e todos se põe a caminho, com passo leve e receioso olhar.

Uma pequena porta existe por detraz do altar-mór, a qual abre communicação a um vasto salão, que sem duvida devia ter sido em outro tempo a sacristia, outra porta leteral d'este salão abre sobre um corredor, no fim deste, outra vasta sala, e ahi um grande portão em ruinas que dá sobre o campo.

Esse caminho seguirão os fugitivos. Ali cahirão os grilhões de Alsina, e ali esperavão aparelhados a curta distancia tres fogosos cavallos corredores.

Em um instante, o Dr. Alsina monta a cavallo; Simão toma o menino nos braços, o colloca diante de si, e prepara as esporas; Miguel pula sobre o terceiro cavallo, e D. Antonia, sentando-se na garupa, deixa o seu joven companheiro segural-a a si, com uma volta do ponche.

Isto tudo foi tão instantaneo, tão rapido, que não trocárão palavra alguma; e Alsina começa a marchar, sem perguntar para onde Simão os guiará.

Affastão-se á passo e com precaução, que os intelligentes cavallos parecem comprehender, pela ligeireza com que caminhão sobre as humidas ervas.

A esperança, essa fada mysteriosa e consoladora dos que soffrem, tambem os afaga com seu mentiroso sorriso....

Mas, lá vão, elles seguindo o velho soldado, semelhantes ao perdido viajante, que ávido encaminha os errantes passos ao tremulo reflexo da fugitiva estrella, que unica brilha na noite procellosa da tempestade....

Um homem porêm os viu partir.... ! qual espirito infernal, lá reluz nas trevas seu olhar de fera !

Esse homem era Julião !

A OCCASIÃO DO AMBICIOSO.

Adormecido por breves instantes, leve bulha fez tremer o ambiciaso espião; abre seus olhos, olha em roda de si e encontra a Igreja deserta ! O avermelhado e moribundo clarão da quasi extincta fogueira, revelava-lhe a verdade.

Nada mais facil que com um grito de alarma, despertar a gente, porêm Julião não quer isso; todo tremulo, vae pé ante pé, revista a Igreja, tudo está deserto.... de improviso a pequena porta, que está por detraz do altar-mór, se offerece aos seus olhos, entra, transpõe o primeiro salão, depois o corredor, e chega ao grande portão meio derrubado.... chega mesmo no momento em que os fugitivos montão a cavallo.

Com toda a dedicação do odio, Julião comprehende que ao menor indicio seu n'aquelle momento, está perdido; elle pensa comsigo mesmo —as estradas estão alagadas elles serão forçados a irem de vagar; por isso continua em silencio, e depois quando principião a affastar-se, elle, amparando-se com as matas selvagens, os segue em certa distancia, quanto é sufficiente para ver a direcção que tomão.... Olha, observa.... vão para o rio, diz elle. E então veloz como o raio volta ao mosteiro, acorda o mais escolhido da gente; a actividade silenciosa do moço põe em movimenio a todos, debaixo das ordens dadas a meia voz com esse tom pronunciado do commando, que não dá logar á replica. Em dez minutos os cavallos e tão promptos e os homens lestos a marchar; então, satisfeito de sí mesmo, Julião dirige-se ao apo-

zento onde o juiz de paz se entrega aos seus extravagantes sonhos; acordado de subito, persuade-se o bravo magistrado que um exercito de Unitarios invade o mosteiro e já procura um cantinho onde occultar-se; pergunta se são muitos, e é tal a sua pertubação, que enfia as mangas da jaqueta nas pernas, e as pernas das calças pelos braços á guisa de jaqueta.

Não é sem trabalho, que Julião chega a fazer-lhe comprehender que Simão e Miguel, são unicamente os complices, os autores da fuga dos presos; exorta o digno juiz a vestir-se e partir com o resto da gente, emquanto que elle Julião á frente de homens escolhidos marcha sobre os traidores e sobre o selvagem Unitario.

Julião, parte, voa, salta sobre seu cavallo de carreira, e com a sua gente vae seguindo as pisadas dos fugitivos com meia ho a escassa de differença.

Deitado sobre o pescoço do cavallo, Julião procura destinguir as pegadas dos outros cavallos na estrada; durante vinte minutos segue ao trote largo, sem que o detenhão, charcos nem arroyos, e só chega a sof ear a marcha, quando em uma pequena parada ouve ao longe o chafurdar dos cavallos no lamaçal; então, arranja sua gente melhor, marca um rumo através da obscuridade da noite, ce to de ir no alcance dos traidores, como elle os chama, seu olhar de trigue profunda as trevas, e até chega a entrever os vultos dos perseguidos.

Um brio desconhecido o anima, a sua intelligencia parece redobrar, e respira já com todo o prazer do homem que attingiu seus fins....

Chegou a occasião que esperava! Já acredita ter a dois passos do seu sabre o odiado proscripto; e o seu sangue reflue todo ao coração pensando nesse momento de triumpho em que ha de ver derribado pela força do seu punhal o velho lanceiro, seu antigo adversario, e o odiado Miguel!

PERIGO.

O primeiro crepusculo da alvorada, raiava ainda incerto no Oriente, e já se desenhavão a breve espaço as verdosas ribanceiras do rio.

Alsina pouco conhecedor dos caminhos, só á vista do Paraná comprehendeu o pensamento dos seus libertadores; seu coração batia de gratidão, e certa tranquillidade inefavel vinha, envolta na suave odorifera brisa da madrugada, refrescar as resequidas entranhas.... mas, o proscripto vira a albeça para medir com os olhos a percorrida distancia, e um gemido involuntario de profunda magoa lhe escapa dos seus labios!

N'aquelle momento Julião solta as redeas ao seu cavallo e a voz de —Carga! Morrão os selvagens Unitarios— avança com a sua gente a toda brida!

Gritos freneticos de exterminio, resoão no deserto espantando os timidos passarinhos, que com seus go geios innocentes cantão todos os dias a volta do sol e a bondade augusta do Creador.

— Estamos perdidos! exclamou com indesivel amargura o velho lanceiro.

— Fugi! lhes gritou Alsina.

— Companheiro, disse Miguel, morrer ou salva-lo!

— Fugi! exclamou D. Antonia, e, atirando-se do cavallo abaixo, arrebatou com braço vigoroso seu filho dos braços de Simão.

— Senhora, disse o velho: mais tarde nos tornaremos a ver. E, dando de esporas ao seu cavallo e uma chicotada no cavallo de Miguel, affastárão-se em rapida carreira dos seus perseguidores.

Uma nuvem de balas foi disparada sobre elles.

O primeiro impulso da Sra. de Alsina foi ajoelhar-se com seu filho e dizer ao seu marido —foge! — mas o proscripto sem responder, deitou pé em te ra e esperou os seus carrascos.

Julião, livido de fu:or e de vingança não satisfeita, lançou-se sobre Alsina de sabre na mão; com tudo a Julião acontecia-lhe o que acontece a esses cães valentes, os quaes se, ao lançarem-se contra alguem, são recibidos com o olhar fero e seguro que lhes desafia a sua raiva e arrosta a sua arrogancía, elles metem o rabo entre as pernas, e com olhos ainda scintillantes de furor vão andando e ladrando, porêm affastando-se sempre; eis exactamente o que aconteceu a Julião, ficou com o sabre no ar, e encontrando seu olhar os intrepidos e arrogantes olhos de Alsina que máu grado seu o magnetizavão, desarmou-lhe o braço e contentou-se em dar uma gargalhada.... murmurando.

Selvagem! Unitario perverso.... agora estás nas minhas mãos e juro que havemos de chegar a Buenos-Ayres.

Alsina nada respondeu! Adolfo tremia.... D. Antonia não chorava, mas.... a desesperação devorara as suas lagrimas!

Erão perto das seis horas, quando o digno juiz de paz chegou com o resto da sua gente; por fim acertára com o verdadeiro local da sua roupa, vinha convenientemente vestido, e trazia uma pre-

sença tal, que elle procurava faze-la magestosa e terrivel.

Chegando ao grupo, que rodeava a familia de Alsina, apeou-se, e lançando-se nos braços de Julião, que se adiantára para o receber, tratou de fazer duas ou tres caretas, como de quem procura moderar o enternecimento, depois tomando a mão de Julião exclamou—Valente entre os valentes! vossos feitos immortaes serão relatados a S. Ex. o illustre restaurador das leis; esse pai da patria não duvido que saberá premiar os teus serviços como elles merecem. Emquanto chega esse mómento, faço-te o meu segundo, na direcção e commando desta empreza; e no aziago acaso que o traiçoeiro punhal de algum selvagem Unitario, prive o paiz dos meus inuteis esforços, Paizanos! eis aqui o meu successor!

A farsa sacrilega dos—vivas e dos morras—seguiu-se como de costume.

O momento da partida chegou.

A metade da gente voltou para a estancia com os cavallos, o preso, Julião, o juiz e dez homens escolhidos, entrárão no bote da sumaca, que estava fundeada no meio do rio.

A Sra. de Alsina e seu filho forão condemnados a ficar abandonados no bosque á mercê das feras.... era o castigo que o digno juiz de paz impoz ao proscripto por haver tentado quebrar os ferros com que o agrilhoava a tyramnia.

Alsina pallido e tremulo, não achava palavra alguma que dirigir aos seus carrascos.... sua constancia quebrava-se em presença de tão dura prova!.... por isso depois de dar alguns passos cahiu teso e frio, como um cadaver.

Supplicas, pranto, esforços desesperados, tudo foi inutilmente posto em pratica pela esposa do presionetro.... suas afflicções só servião de divertimento e de origem a grosseiros insultos!

Mas ella, a corajosa mulher, á vista do corpo innanimado que os carrascos levão com sigo, aperta o filho entre os braços e se interna no rio dizendo:

— Meu Deus, eu me confio em ti!

Pobre mulher!.....seus olhos fitos no bote que conduz Alsina, apertando seu filho adorado contra o peito maternal, segue intrepidamente o bote, só a algumas braças de distancia....

O bote atraca á sumaca.... a gente prepara-se a subir á bordo.

A agua chega a cintura de D. Antonia.... Meu Deus, disse ella, não me dessampareis!....

Mais um passo, a agua chega-lhe ao pescoço; ella arreda... Piedade para meu filho! grita com voz rouca.

Morrão os selvagens Unitarios! lhe respondem de bordo.

— Alsina! grita com delirio a pobre mãe.... Alsina! Ah! elle não me ouve?.... se estiver morto? Alsina!... e a esta terceira invocação, mais pungente que as outras, dá ella mais alguns passos.... sustenta-se apenas nas pontas dos pés; o menino, desmaiado de terror, afrouxa o braço com que se segurava ao pescoço de sua mãi.... A pobre mulher vacila... um véo lhe turva o olhar, um zunido funebre lhe vibra aos ouvidos.... a esperança a abandona... quer fallar, a voz está presa na garganta, e só pode soltar um gemido inarticulado e confuso.... mais um esforço para segurar-se, e está perdida mais depressa!

Ambos rolão debaixo da agua. O menino ao contacto do humido elemento torna a si, e sahindo á flor d'agua grita com toda a força do instincto da vida.

—Socorro! socorro! Papai!

—Socorro! piedade para meu filho!... Alina!.. Socorre teu filho!

Estas vozes rompem o frio torpor que immobilisava o proscripto, essas vozes echoão no intimo de seu coração, abre os olhos.... mas o espectaculo que tem diante de si o fere de novo profundamente, e elle torna a cahir mais frio e inerte, que da vez primeira! E ao mesmo tempo que elle cáe sobre o convéz da sumaca, como um cadaver, os labios tremulos e arroxados, de uma mulher e de um menino, articulavão com voz sumida e moribunda:

Socorro! Socorro!

Dois marinheiros Italianos lançárão-se ao rio pela proa da sumaca.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

(Continua.)

Offerecemos com este numero ás nossas Assignantes a musica especial de um —romanse sem palavras— composição mui galante e de novidade, do maestro Noronha.

JORNAL DAS SENHORAS.

Publica-se todos os Domingos; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este jornal nas casas dos Srs. Wallerstein e Comp. n. 70, A. e f. Desmarais n. 86, Mongie n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de Santos e Silva Junior, rua da Carioca n. 32.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

Preço da Assignatura: Por tres mezes 3U000 rs. na Côrte, 4U000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro.— Typographia de Santos e Silva Junior, Rua da Carioca n.° 32.

TOMO I. — DOMINGO, 18 DE ABRIL DE 1852.

O JORNAL

DO

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

O programa e condicções deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

UMA LAGRIMA

E

Um tributo de amizade.

Ha quasi um mez que a redacção do nosso *Jornal*, perdeu uma das suas mais assiduas e mais intelligentes collaboradoras!

A sociedade perdeu um dos seus mais bellos ornamentos, a familia uma mãi, uma esposa, uma filha, idolo querido de quantos a cercavão, e podião apreciar suas virtudes, sua instrucção e as raras qualidades que a ornavão!

E esta a vez primeira, que temos coragem de abafar o nosso pranto para preenchermos a triste tarefa de consagrar-lhe algumas linhas... morreu tão cedo! Só vinte dois annos de idade!... E' necessario resignarmos. Os anjos predilectos do SENHOR, descem á terra, só para revelar-nos, que a virtude não é uma palavra, que é uma qualidade divina, e que ella póde encontrar-se neste mundo, ainda que por um momento.... e de passagem para a sua verdadeira morada.

Comtudo, o nosso egoismo revolta-se com essa separação forçada, com esse *adeus*, cujo termo é um arcano, tão lugubre e tão mudo, como o proprio tumulo!

Sim, é dolororissimo, ver gelido e inanimado o ser adorado no qual cifravão-se todas as nossas affeições, todas as esperanças de felicidade e de futuro.... ver paralizados aquelles olhos onde o pensamento tão bem se lia... emmudecer para sempre a meiga voz quo nos afagou com palavras de ternura, com o canto sonoro dos Cherubins.... e isso tudo vamos ver cravar em uma caixa estreita e solitaria, para descer a uma cova horrivel e medonha, onde tudo vae converter-se em vermes e depois em ossos seccos, e informes....

Sim, é horrivel isto tudo.... mas é a religião quem deve sarar as nossas feridas, é o pensamento de outro mundo melhor, onde forçosamente havemos de encontrar aquelles que amámos na nossa passagem terrestre...

Morrer! por ventura morrem em nossa lembrança aquelles, cujas virtudes deixão apoz de si uma memoria viva e indelevel? Não, no arcano do pensamento revive a imagem adorada; ali, nas horas em que evocamos os amores do passado, a fantasia nos recompõe essa imagem que a morte nos robou; no silencio da noite, podemos fallar á celeste visão que evocou a saudade, e podemos contar-lhe as penas nossas, e pedir-lhe consolações que nos minorem a amargura.... Tudo é mysterio em redor do homem!

Essas visões dos mortos, acaso serão ellas só um sonho da nossa fantasia?... talvez!

Folheando as paginas do *Jornal das Senhoras* do passado trimestre, os nossos olhos encontrarão — pensamentos suaves e religiosos, onde uma alma pura e angelica se revela sem querer...

Sempre uma lagrima saudosa gotejará sobre a pagina onde os artigos assignados por—E... ve-

nhão lembrar-nos que D. Emilia Dulce Moncorvo de Figueredo; deixou de existir!...

. . . . . .

. . . . . .

Publicamos aqui as suas ultimas producções, ainda preparadas tres dias antes do dia fatal dos seus primeiros encommodos.

PENSAMENTOS (*)

DA ILLM.ª SRA. D. EMILIA DULCE MONCORVO DE FIGUEREDO.

O mundo é um vasto mercado em que os erros se vendem por verdades, os vicios por virtudes.

A verdadeira amizade encontra-se na estrada da vida, como a palmeira no deserto.

O justo morrendo vae pedir a Deus a recompensa do seu amor. E' um filho saudozo, que tem viajado e volta para seu Pae.

A humildade sendo uma virtude; é a pedra de toque, é a verdadeira prova das outras virtudes. Em quanto não fordes humildes, não vos reputeis virtuosos.

Aos olhos de uma sociedade illustrada brilha menos uma soberana quando, rodeada dos grandes da sua côrte, está assentada em um throno de ouro e diamantes, que quando, generosa e compassiva, desce á morada da dôr e dos gemidos para ouvir as vozes do infortunio, observar de perto as miserias humanas, e concorrer para minoral-as.

Aquillo que nós despendemos em superfluidades vem a fazer-nos falta: o que despendemos em esmolas, não. As esmolas são letras saccadas sobre a eternidade. A' nossa chegada cada um as achará pagaveis á vista.

O estado natural do homem é o da sociedade; mas ha situações excepcionaes da vida, em que a solidão lhe é preferivel.

A Pobre moça.

Não ha nada tão silencioso e tão modesto no mundo como a virtude!

Santa virtude! todos escarnecem de ti! a cada passo o vicio hyprocrita quer ostentar as tuas candidas vestes.

Seres sem consciencia! corações malvados, que, não contentes com abrigar os sentimentos mais abjectos, querem cingir na manchada fronte a corôa de rosas, emblema da virtude!

Ah! é fatigante o estudo do coração humano! Ler nos quasi invisiveis traços musculosos, no volver de olhos mais insignificante, o pensamento, as sensações dos outros!... é uma triste sciencia que só serve para desencantar o coração e enlutar a alma com o desalento mais completo!

Ah! se no meio d'esse mundo falaz e mentiroso não encontrassemos, esquecido e silencioso, o perfil suave e consolador da verdadeira virtude, comprenderiamos ás vezes o attractivo até do suicidio, porque ha momentos de indizivel fastio da vida para quem recebeu a triste pedestinação de ler no coração dos outros!....

Sim, deixae esboçar-vos o quadro da vida da —Pobre moça — escutai.

Eu a conheci desde os mais ternos annos da infancia, foi muitas vezes camarada minha naquelles alegres brinquedos, naquelles dias que não voltão jamais!

Era tão boa! Sempre fazia as vontades aos outros: se erão impertinentes com ella, soffria-os em silencio; nunca se queixava, nunca accuzava!.....

E ninguem tinha a coragem de maltratal-a, porque para as perversidades dos outros ella só oppunha sua doce resignação!

E ás vezes um triste sorriso temperado por uma lagrima!

Orfã de pae muito cedo, desde a idade de sete annos ella cozia para ajudar a sua mãi a ganhar o pão.

Todos os dias, a um grande armazem de tapeceiro, ellas ião cozer até ás seis horas da tarde. Com sol, com frio, com chuva, as duas pobres criaturas lá ião a pé, desde não pequena distancia.

A mãi era tão boa tambem! Coitada, dos quatro filhos que tivera, tres erão homens e em nada a ajudavão, só Joaninha, era a unica que era boa para com ella!

Joaninha, desde pequena era magrinha, pallida, as bexigas tinhão-lhe marcado o rosto para sempre. Seus cabellos louros, mas de uma tinta suave, erão sedosos e abundantes; seus olhos azues tinhão uma expressão angelica,

Depois, alguns annos mais tarde, ja era uma moça, mas seu rosto não mudara.

Era sempre aquelle rosto sereno, pallido e cheio de bondade, onde a resignação do soffrimento lhe estava impresso.

Quantas miserias, quantos trabalhos para a triste criatura!

Era sua herança neste mundo! para ella não devião haver amores, enfeites, prazeres!

Levantar-se com o dia, trabalhar sempre sem repouzo, e nada mais para o futuro.... que essa vida arida, despida de esperanças e de gozos!...

Um dia porém esses tormentos devião augmentar!

Um dia a mãi de Joaninha não viu mais!

A desgraçada pelo excesso do trabalho, ficara cega!

Desde esse dia, necessario foi, despedirem-se do armazem onde trabalhavão; a pobre cega já não podia mais ganhar o pão!

E sós na terra! só a Deus por amigo!

A pobre moça sahia muito cedinho, fazia as pequenas compras para ella e a mãi, depois tra-

(*) Todos os outros que teêm sido publicados pertencem á penna da mesma presadissima autora.

balhava todo o dia e fazia o comer, cuidava da triste cega, e ás vezes levantando a cabeça do trabalho, ao encarar o rosto de sua mãi, onde a mais pia resignação se observava, ao ver aquelles olhos que o trabalho e as lagrimas seccárão para sempre, Joaninha cruzava os braços, levantava os olhos ao céo, e duas lagrimas lhe rolavão pelas encovadas e desbotadas faces!

Agora, ja é necessasio tomar algumas horas de seu somno e coser tambem á noite!

Sim, olhai, dentro do seu pobre despido quarto tudo está limpo e arrumadinho.

Duas camas, uma em frente da outra, no meio uma mesa de trabalho.

Dão onze horas ao longe, é noite fria, como as ha no Prata, chuviscos fortes batem os vidros da janella por intervallos.

A céga dorme; sua cabeça toda branca, não pela idade mas sim pelos desgostos, repousa assim mesmo com essa paz do justo que não altera as magoas da existencia!

A pobre moça, vela, cose ao pé da mesa, á luz acanhada da vela de sebo.

Se deixa um instante o trabalho, é só para fitar seus olhos n'aquella cabeça veneravel que repousa a dois passos d'ella, cujo sustento depende do seu trabalho, da sua constancia; e da sua saude que ella já sente vacillar!..

E nunca se queixou! nunca contou a ninguem tanta abnegação! nunca murmurou da sua sorte!

Não é formosa, por isso homem nenhum lhe offereceu seu amor.... Ninguem sabe que ella é um anjo, porque ella é silenciosa e modesta e vive ignorada.

Pobre moça! e essa orfandade tão completa acompanhal-a-ha sempre... e um dia morrerá como viveu—só e ignorada!

A's vezes nos nossos momentos de extremos soffrimentos temos perguntado a Deus.

Senhor de que servem neste mundo a virtude e a intelligencia?

MEU PRIMO EM APUROS.

Eu não sei se minhas queridas leitoras, sabem que eu tenho um primo: não ha cousa mais natural que ter um primo, nem ha neste mundo quem não tenha primos.

Na opinião de alguem de nossa amizade, não ha nada peior do que os taes primos, porque a titulo de parentes, gozão de certa franqueza.... em fim este nosso amigo jurava sempre que se chegasse a casar daria um bill matrimonial prohibindo o ingresso dos primos na sua casa.

Eu não duvido que elle tenha razão; eu cá por mim o que sei é, que este tal meu primo é a mais exelente creatura do mundo; é um rapaz que tomou ao serio a vida, que não gosta de brinquedos, ora vejão, nem mesmo com as primas!

É a excepção dos primos.

Pois o caso é que o tal meu parente chegou outro dia á minha casa desesperado porque tinha mandado em bora o seu criado.

— Mas creatura, porque o despediste, se tanta falta te faz?

— Porque? respondeu-me elle furioso, porque é um estupido quadrado.

— Pois então meu caro o que é? o que aconteceu?

— Voce não sabe?.... Pois eu lhe vou contar. Hontem, jantárão commigo alguns amigos; ja estavamos á mesa, quando vejo que o meu Thomaz, (assim chama-se o tal criado de meu primo) esquecera-se de comprar rabanetes como eu lhe ordenara antes, chamo-o de parte, dou-lhe cinco mil reis que não tinha mais troco, e digo-lhe, vae, corre, troca este bilhete e compra meia pataca de rabanetes. Isto feito sentamo-nos á mesa, comemos a sopa, e eu a entreter os rapazes e a olhar para a porta da escada.... mas qual! nada de Thomaz! Em fim principiamos a jantar, os meus amigos queixão-se da falta de rabanetes; e eu a dizer-lhes, elles já chegão, não tardão por ahi... mas qual, nem Thomaz, nem rabanetes! Por fim, fomos esquecendo os rabanetes, e principiou a conversa, e &c.

— Ja se sabe (interrompi eu) cortaste na pelle das pobres mulheres, que foi um gosto?

— Não senhora, meus amigos fallárão, mas eu não sou capaz.

— Ah! voce não? e então porque sinhôzinho?

— Porque tenho tanto medo d'ellas, que não quero dizer nem bem nem mal!

— Ora vejão só.... pois faze-lhes uma cruz quando passares perto dellas! Mas, anda, continúa a tua historia.

Meu primo tomou um ar mais serio que do costume e continuou:

— Estava-mos nós já no fim do jantar, quando entra o meu Thomaz com um preto de ganho atraz, e todo suffocado e suado. Eu olhei para elle todo espantado, e pergunto-lhe o que é isso rapaz?

— Meu amo, cá estão, eu não pude achar á meia pataca, mas achei por quatorze vintens.

— Por quatorze vintens? o que é que tu achaste por quatorze vintens?

— Os barretes que meu amo mandou buscar. E isto dizendo apresentou-me *cinco mil reis de barretes!...*

O diabo te carregue ati e aos teus barretes, axclamei! E os meus amigos a rirem-se, Thomaz a olhar para mim todo embatucado.... oh! Senhor que besta!

Eu desde a noticia dos barretes em troca de rabanetes, estava em uma convulsão de riso... porêm, mal viu meu primo que eu me ria a chorar, augmentando-se seu desespero, sahiu a correr e amaldiçoando o seu criado que lhe trouxe para casa um carregamento de barretes!

POESIA.

Uma joven mãi.

« Salve oh! virgem graciosa,
« Mãi de Deus Omnipotente,
« Eu vos louvo, eu vos adoro
« Junto com este innocente

Assim orava
Mãi extremosa,
Tendo nos brrços,
Filha mimosa:

Com um sorrir d'innocente,
Brando, meigo, lhe pagou
Cara filhinha, os afagos
Que lhe fez, quando a beijou:
Mãos delicadas,
Então alçando
Da mãi o collo
Foi abraçando:

« E eu mamãi! Não te abraço?
— Diz o travesso irmãozinho —
« Já me não amas mais, não?
« Por não ser pequenozinho?
Eternos beijos
A' mãi roubando,
Fugiu contente
Foi-se brincando:

Saltitava a irmãzinha,
Que o travesso irmão seguia
Co' avista, pois não andava,
E a boa mãi se sorria
Entre contente
E assustada,
Ora tranquila,
Ora enfadada.

Brincava alegre o infante,
A irmãzinha se ria;
E a boa mãi contemplava
Este quadro de aleg ia.
Frondoso arbusto,
Bella mangueira,
Sombra espargia
Fresca e fagueira.

Olha mamã! vou subir,
Buscar-te manga gostosa
Bem bonita, para ti
Que és p'ra mim tão extremosa.
Dice e subiu
Vivo ligeiro,
Colhêu a fructa
Bem prazenteiro.

Do tronco sêcco escabroso
Sáe jararáca ferina
Que assusta a mãe que mal póde
Soccorrer sua menina!
O pobrezinho,
Que a avistou,
Largou a manga,
E..... desmaiou.

Despenhado da mangueira
N'um galho preso ficou,
Pelas roupas pendurado,
Que por forte não quebrou
Nesta afflicção
Como accudir?
Largar a filha
Para subir?

Já oreptil venenoso
Salto tentava fazer....
Oh! pobre mãe que afflicção!
A quem ha de soccorrer!
Como era mãe
Tudo arrostou;
A propria vida
Ella arriscou.

Prende n'um chale a filhinha,
N'um galho de pitangueira;
Com uma vara que encontrou
Voa ao combate ligeira.
A jararaca
Nella saltou
Mas de um só golpe
Morta ficou!

Sobe ao tronco, arranha as faces,
Fere seu collo mimoso,
Solta o filhinho assustado
Salvo de lance assombroso:
Busca a filhinha
Que está chorando,
Ambos no collo
Os vae beijando

Mas!... coitada! está exausta
De soffrer tal commoção!
Mal chega á casa desmaia,
Logo que tem protecção.
Qual avezinha
Sem protecção,
Salva o filhinho
Do gavião

Tal póde o amor maternal!
Tanto heroismo elle tem!
Que no auge do perigo
Elle não teme a ninguem!
Ternos carinhos
Afago, amor,
Doces meiguices,
Até valor!

P. de L.

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.

MICHELET, Historia de França.

PARTE II.

SCENA DE INTERIOR.

As tres horas da madrugada batem ao longe na Cathedral: é uma fria madrugada de outono. A cidade dorme ainda.

Vagão silenciosos os vigilantes serenos que repetem as horas, e as luzes amarellas dos seus pequenos lampeões são as unicas que brilhão em meio da profunda obscuridade das ruas e das praças.

Na rua do Restaurador, porêm, no alto mirante de uma espaçosa casa, brilha tambem através

(*) Vide o n. 15.

JORNAL DAS SENHORAS

SCHOTTISCHE

BIBL. MUS. DA CORTE

Noronha

MODERATO

FIN

D.C.

das vidraças das janellas uma luz solitaria; esse mirante é uma grande sala, decorada com luxo elegante, ricos sofás estufados, poltronas a Luiz XV dispostas com symetria, grandes consolos, e todas as louçanias da moda se ostentão ali; no meio da sala ha uma magnifica secretária, carregada de montes de papeis differentes; cartas, jornaes, documentos de toda especie.

Ao pé da secretária, em uma rica poltrona de veludo escarlate, está assentado um homem, envolvido em largo chambre de veludo preto; alvo collarinho de finissima camisa deixa ver entreaberto um pescoço bem formado e branco. Naquelle momento, com os braços cruzados sobre o peito, a cabeça encostada para traz e os olhos meio fechados, parece ceder a um passageiro cançaço physico, a uma prostração de espirito invencivel.

A luz do lampeão solar, que está sobre a secretária, é amortecida por um grande resguardo de seda verda, que projecta uma sombra suave sobre o rosto do nocturno trabalhador.

Encostado na larga poltrona, pôde-se assim mesmo conhecer que é um homem alto e cheio de corpo; seu rosto alvo e ligeiramente colorido parece agora mais pallido. As linhas da cabeça e da região frontal são fortes e pronunciadas, revelando uma intelligencia superior: o cabello, louro apagado, principia a alvejar nas fontes; o nariz fino e prolongado tem alguma coisa de Fernando VII, e os contornos da boca são severos, e de tal sorte indicão a crueldade, que sem querer revivem na mente o sinistro perfil de Tiberio e de Luiz XI.

Seus olhos, que o cançaço os fechou momentaneamente, são azues claros e tem a attracção mortifera da serpente.

Eis o general Rosas!

Distantes alguns passos do dictador, acocorados como dois cachorros, cuxilão os seus dois loucos favoritos.

Rignão e o padre leigo.

Não é só desde a sua ascenção ao poder supremo, que data a mania de Rosas pelos doudos, e seu gosto pelas travessuras mais infernaes.

A imitação dos reis da idade media, Rosas tem seus bufões; porém não os bufões espirituosos cujas respostas passárão á posteridade com os nomes de Francisco I ou de Luiz XI.

Os doudos de Rosas são estupidos e estão excencialmente destinados a servir de martyres, e os seus tormentos, as suas angustias, a divertir o seu senhor, o qual com uma mão lhes prodigalisa immensos beneficios, e com a outra açouta-os ou o sopra até fazel-os rebentar.

Quando Rosas não era mais que um simples cidadão, a noticia dos seus brinquedos brutaes e perigosos, já corria de boca em boca; sempre os incitativos da sua hilaridade crão os soffrimentos alheios.

Desde que subiu ao poder, esse gosto parecia redobrar, e sua casa era o receptaculo desses doudos inoffensivos que por toda a parte se encontrão, dos idiotas e de todos os desgraçados, os quaes, conservando a fórma de homens, degenerão em brutos.

Dois sujos, inbecis, e grosseiros homens escuros, erão os seus bufões naquella época, os quaes já designamos ao leitor com os nomes de Rignão e o padre leigo.

Rosas abre os olhos, espreguiça-se; depois passando um olhar em torno da sala depara com os dois bufões. Então um appetite infernal se lhe excita, e elle se prepara a gozar do prazer em expectativa, com a mesma embriaguez que o amante que, perto do seu bem querido, estende os braços para apertal-a de encontro ao inflammado coração.

Bate com o punho fechado sobre o escriptorio, e os dois doudos espantados se põe em pé, lançando em redor olhares vagos, e que revelão o medo, apezar do somno que paralisa e envidrece os olhos, como os olhos dos mesmos defuntos.

Rosas considera-os um instante, e pela sua vez se põe em pé.

— São horas de dormir estas, canalha! grita Rosas com tom irritado.

— Eu não dormia, responde Rignão, estava a pensar como farei para livrar-te dos teus inimigos, os sélvagens unitarios.

— É verdade isso que estaes a dizer ahi Rignão?

— Ora, se é verdade! é tão verdade como tu és o restaurador, que eu sou Rignão, Corvalan é Corvalan, e cada qual é quem é.

— Amen! disse o padre leigo. Eu tambem não dormia; divertia-me pensando quando mandará o padre prior a este seu humilde servo a algum jantar, para fazer as suas vezes.... bem sabe que hoje foi dia de jejum, e que as minhas tripas cantão que se desunhão.

— Vocês são uns patifes! uns tratantes! o que querem é comer e viver á larga! desavergonhados! E acompanhava estas palavras torcendo as orelhas dos doudos, que fazião as mais estravagantes caretas.

— Ai! dizia Rignão, ai, que me arrancas as orelhas! não seja V. Ex. tão burro, repare que não sou nenhum selvagem unitario, para me esquartejar assim.

— Largue a minha orelha, padre prior! exclamava o outro doudo, que em troca prometto empenhar-me com o bispo para que te faça cardeal para o anno.

Rosas deu uma longa risada.

— Vamos, disse elle, soltando as orelhas dos bufões, façamos as pazes.... são perto de quatro horas, a alvorada não tarda, e eu quero descançar.... vamos, soldados á frente! marchem! armas ao hombro, carregar! preparar!... fogo!!!

Os doudos tinhão obedecido ás vozes de mando, isto tudo fazendo caretas e dando pulos ridiculos.

Á voz de fogo, começárão a fazer esforços e contorções, os mais extravagantes, e quanto mais se esforçavão elles, mais ria-se Rosas.... por fim com fingida surpresa exclamou:

— Como é isto? mando a ambos fazer fogo, e só a espingarda do leigo disparou!

— Não, não, commandante, respondeu Rignão vermelho como um camarão, deixa-me preparar a escorva, que a outra molhou-se....

— Bravo! exclamou Rosas applaudindo a resposta do doudo, ao passo que Rignão desespera-

do por não poder fazer fogo desatou a chorar cahindo de socco velho sobre o padre leigo.

Rosas ria-se como um perdido. Quando pôde moderar a sua hilaridade, disse:

— Cala-te Rignão, não chores, ficas perdoado, com uma condição porêm:....

— Qual é ella?

— Principia a descompor, em regra, cá ao nosso padre cego, emquanto que sua reverencia por acto de humildade resa a ladainha que eu lhe tenho ensinado; vamos, principiem lá que eu vou ver se durmo um bocadinho.

Rosas deitou-se em um sofá, e fechou os olhos; ao mesmo tempo os doudos derão execução ás suas ordens: Rignão proferindo as mais horriveis blasphemias, emquanto que o padre leigo, imitando o tom nasal dos frades, recitava a modo de oração uma longa série de palavras obscenas e disparatadas.

Durante alguns minutos os doudos continuárão a sua tarefa, não sem espreitarem todos os movimentos do seu senhor. Comtudo em breve todos os indicios erão de que o seu atormentador dormia profundamente: então elles, fazendo-se acenos de intelligencia, calárão-se, e retirando-se cada um para o seu canto, ficárão adormecidos na realidade.

Pela sua vez Rosas os espreitava: teve a pachorra de os deixar adormecer, e, quando julgou que era tempo, levantou-se com cautela, e tomando um grande folles chegou-se a Rignão. O primeiro impulso do doudo foi gritar, mas um gesto terrivel do seu carrasco o deteve em seus gemidos, e Rosas começou a sopral-o pela boca, afogado em riso, das coretas tragico-bufas do desgraçado!....

Quando o doudo chegou a exaltação do frenesi e do soffrimento Rosas retirou o folles, e tomando um grosso ve galho foi ao pello do padre leigo.

O infeliz bufão, tão desabridamente acordado, desatou a chorar, que é o refugio dos que padecem; porêm Rosas ordenou-lhe que ri-se ás gargalhadas, e o pobre coitado ria-se e chorava ao mesmo tempo, ao compasso da terrivel sova que lhe macerava cruelmente o corpo; e esta festa toda era coroada pelos exercicios de Rignão que em pinotes gemendo e suando arrotava horrivelmente, expellindo o ar que acabara de receber no estomago.... E Rosas a rir que ja não podia mais, e a continuar a farça, até que Rignão não teve mais ar que despedir, e até que o padre leigo cahiu no chão torcendo-se nas convulsões da desesperação e da dôr!

Era um momento de festa para o tyranno!... era aquella a occasião de divertir-se no interior da sua casa!

Os doudos macerados, e moidos, meios chorosos ainda, olhavão para elle desconfiados, desde o canto onde se tinhão refugiado.... seus gestos seus trejeitos, as entrecortadas palavras que entre si trocavão, erão todavia um incitativo á hilaridade do carrasco. Passados alguns minutos Rosas quebrou o silencio:

—Padre leigo?.....

—Senhor!

— Venha sua Reverencia para aqui.

— Não quero Padre Prior.... estou muito zangado, e amanhã vou dizer ao Bispo que não te faça mais cardeal para o anno.

— Vamos! insistia Rosas em tom conpungido, perdoe-me vossa Reverencia... para outra vez tocar-lhe-ha o folle á sua Reverencia e o vergalho á Rignão....

— Niclis!... nada de folle, nem de vergalhos... o Padre Prior não tem indulgencia senão levantando-me amanhã a abstinencia de comida em que estou.

— Concedido padre cego! prometto-lhe amanhã que o farei comer até sua Reverencia tocar com o dedo o comer nas guelas....

— Antes isso, que jejuar e ser surrado e não dormir, mormurou o doudo.

— O Padre leigo, pode recolher-se a descançar, mas primeiro deite-me suas bençôes!

O doudo fez umas gatimonhas grotescas e sahiu a correr.

Rosas chamou.

— Rignão?

— Não sei de nada! não quero ouvir respondeu o doudo com ar zangado.

— Estás mal commigo governador?

— Olé! o que!... governador?

— Vamos, vem cá a fazer as pazes com teu velho João Manoel, e te prometto que na primeira função que houver agora, vas no meu logar na sege, de chapeo armado e espada.

— Bravo! Muito bem; mas pehotreguas ao folle!

— Concedido governador, para outra vez, será o padre cego e toucar-te-ha a sova.... heim? que tal?

—*Ne quaqão*... o que? nada! não estou por isso!

— Bom, eu não te farei nada, mando-te recommendado a Coitinho, gostas.

— Safa! não quero.....

Então não ha pazes e eu me passo aos Unitarios!

— Não digas tal Rignão; anda, vae, deita-te e amanhã, sáe pelas ruas e dá beijos e abraços em todas as moças bonitas que encontrares.

— Viva o Restaurador! gritou o doudo, dando um pulo: adeus collega! boas noites!

— A's ordens do Sr. Governador, respondeu Rosas pondo-se em pé e retribuindo com outras tantas as mesuras ridiculas do bufão.

O dia raiava já no orisonte; Rosas tocou uma campainha e pediu mate.

(Continua.)

CHRONICA DA SEMANA.

Confesso-vos minha estimavel D. Joanna que ainda ouso escrever desta vez, porque muito me tem animado o velho Santos, aquelle antigo guarda portão da nossa casa: vós o conhecestes antes de fazerdes a vossa viagem aos Estados-Unidos. Pois ainda é o mesmo. Songamonga vivorio, conhecendo a meio mundo, não conhece a ninguem, ouvindo ás mil maravilhas, é surdo rematado, muitas vezes quasi que diz que é cego, quando elle é capaz de ver um mosquito no corcovado.

Em fim o Santos é aquelle mesmo Santos que cá deixastes ficar, e que ainda não se despediu

do nosso serviço, porque diz, que nos ama muito e que me viu pequenina.

Esta ultima parte é recommendavel.

Com effeito parece que assim é: depois que vos levou os meus primeiros originaes e o recado que vos mandei, dizendo-vos que não podia continuar a escrever a semana por não ter quem para esse fim me fornecesse certos dados, que nós mulheres não podemos estar com essas cousas; voltou no dia seguinte pela manhã á minha sala, e com a cabeça baixa, mastigando muito as palavras disse-me o seguinte:

— Minha ama saberá que toda a santa noite não pude pregar olho! tenho levado a maluear até agora n'aquelle recado que mandou á Sra. Noronha.... acolá ha dente de coelho...

— E que te importas tu, Santos, que os meus recados não fiquem ao alcance da tua intelligencia! desde que os entregas fielmente, nada mais tens que fazer, e eu estou satisfeita.

— Ah senhora.... mas não é por ahi que vae o gato aos filhozes... o que me fez martelar a cabeça toda a noite, foi a Sra... com licença da Sra., foi a Sra. mandar dizer no fim—nós mulheres não podemos estar com estas cousas. Eis ahi está.

— Mas o que tem isso para te causar essa atrapalhação toda?

— O que tem? tem cá para o vosso velho criado, que vos viu pequenina e que vos estima até o gasganete, uns riscos de afronta, assim como quem diz: tenho um criado que me podia servir, mas não me serve porque não presta, é estupido!

Perdi-me de riso a ouvir estas observações do Santos. Não pude entretanto deixar de lhe reconhecer mais uma prova de dedicação, ou de refinada curiosidade de querer descubrir em que consiste a nossa correspondencia; e para ensaial-o sem entrar em declarações, respondi-lhe apenas.

— Está bem, Santos, não te afflijas por isso; eu vou dar-te provas do contrario. De hoje em diante deves passear por essas ruas da cidade quando e como quizeres; pára, conversa, escuta, dá fé de tudo, mas, que ninguem te suspeite, sentido Santos! depois volta quando entenderes que assim o deves fazer, e dá-me conta do que viste e ouviste durante o dia. Ora ahi tens tu um meio com que podes provar que não és estupido e que prestas ainda para um bom serviço.

— Ah... isso agora já me agrada. V. Ex. precisa deste seu velho criado para lhe andar por ahi biscoitando as novidades desse mundo de Christo, com tanto que ninguem mè bispe no atalho. E', ou não, isto que minha ama determina?

— Comprehendeste, é isso mesmo o que eu quero; mas deves dar hoje principio aos teus trabalhos, que não ha tempo a perder.

— Estou sempre prompto ao serviço de V. Ex. Porêm... esta nova incumbencia não me tira o meu emprego? isto é só perguntar; perdoe minha ama o atrevimento.

— Por certo que não; tu serás sempre o nosso guarda portão. Considera-te, Santos, em commissão, e seguro no teu emprego.

— Isto é que é fallar claro com a gente. Então eu vou ver se tenho geito para a encommendinha, e depois veremos que tal é o sobrescripto. A's ordens de V. Ex.

— Vae Santos; cuidado que ninguem te pilhe.

Sempre entendi que o Santos era capaz de muito, conheço-lhe as predisposições e o geito que tem para ageitar-se e entremetter-se em tudo, mas não lhe dava tanta habilidade! tanta finura! Hoje o tenho em grande conta: é um destes homens perigosos e convenientes, que vivem desconhecidos, girando na mesma classe toda a sua vida.

Tem desencovado mortos, e enterrado vivos; de mil cousas está ao facto; até já me falla em negocios politicos, em subida e descida de cambios, compra de apolices, &c. &c.

Deixemos porêm o velho Santos instalado em o seu novo emprego, e vamos conversar com as condescendentes leitoras, que já devem estar impacientes.

E então, não gozastes de uma semana tão fresca, de manhãas tão bellas, de noites tão temperadas? Que Paschoa! que dias tão tentadores! Que me dizeis da alegre madrugada de Domingo passsado? oh! eu não preguei olho.

Os sinos todos a repicarem, o povo apinhado nas ruas, a cruzar os largos, a lua clara e argentina, como é a lua da nossa terra, um instante mais, os batalhões que se aproximão para acompanharem as Procissões com sua musica alegre e influente, d'ahi a pouço foguetes do ar, canticos solemnes.... La vem sahindo um immenso grupo de luzes da porta principal da Igreja do Bom Jesus! E' a Procissão da Ressurreição, acompanhada com toda a pompa, que vae percorrer algumas ruas da cidade. E aquelle grande clarão que se divisa la d'aquelle outro lado? E' uma igual Procissão que sahiu da Ordem Terceira da Penitencia: que musica brilhante que ella traz! como vem bem disposta!

Todas as Freguezias tambem praticárão a mesma solemnidade; apenas S. Francisco de Paula reservou-se para as dez horas da manhã. Mas tudo isto, benevolas leitoras, em uma madrugada clara fresca e serena, é lindissimo para quem está de saude, livre de desgostos e compromettimentos amatorios. Debaixo dos finissimos lençoes por certo não se goza de uma destas encantadoras madrugadas: como é bello! o coração pulsa alegremente, a alma espande-se, o corpo retoma o seu antigo vigor, e trasbordalhes o bom humor e um indisivel prazer, que o não póde explicar quem o sente, mas o frue com delicias.

Quereis saber de uma coisa? Pois o Santos não encontrou a essa hora (4 horas da madrugada!) crianças de peito e meninos ao collo a berrar, a chorar nos apertões das Igrejas e nos encontrões das Procissões!!! Ora é muita crueldade! Não basta obrigar as innocentes criaturinhas a acordar a taes horas, ainda em cima as sacrificão a ficar entaladas em alguma esquina: ou esmagadas pelos pés do povo em confuzão!

Forte gente desmiolada: convencerão-se que o verdadeiro amor de mãe consiste em andar com os filhos ao pescoço, e ninguem as ar.eda d'ali!

—Uma das mais interessantes noticias que vos posso dar, é sem duvida a de duas senhoras francezas que ultimamente se formárão em medicina pela Universidade de Monpellier. Evito commentar este facto, para não entrar em desagradaveis comparações. Nem quero que algum praguento diga por ahi, que a *chronica da semana* só louva as mulheres, por ser do mesmo sexo, Deus me defenda de tal tenção, por isso vou declarando desde já que louvo tambem os francezes que—dão o seu a seu dono.

—Eu que sou tão sensivel ás despedidas... ora não pude deixar de ter saudades dos muitos passageiros do *Severn* que se despedirão tão attenciosamente pelo *Jornal* de 14 do corrente; ao mesmo tempo invejei-lhes a viagem em companhia de tão excellente capitão, que me dizem ser homem muito amavel. Boa viagem tenhão elles.

— A emigração para Petropolis, esse jardim encantador do Rio de Janeiro, foi immensa durante as festas da Paschoa; a contarmos com a gente que antes lá se refugiara da febre, a qual desta vez, graças ao altissimo, não chegou a amarellecer devéras, temos oitocentas e tantas pessoas da cidade em Petropolis. Calculo feito pelo Santos e o mestre da barca.

Entre muitas noticias que me trouxe o Santos, das quaes algumas irei publicando, outras ficão esperadas, e outras archivadas, ha a seguinte que vale apena referir-vos já. E' um testamento feito a 11 de Abril de 1852 por uma alma bem-fazeja que se retirou para Europa. Esse testamento estabelece por sua *herdeira universal* a uma criatura, que lhe servia de enfermeira por espaço de anno e meio na molestia das mais freneticas do corpo humano—com a clausula porêm d'ella receber por mão do seu testamenteiro a quantia somente de 800$ rs. annuaes em quanto viva for, nunca podendo exigir toda a fortuna, de que ficará sendo herdeira, se Deus chamar o testador a contas finaes, senão *no caso de professar no convento de Santa Thercsa!*

É muito de suppor que ella não tenha vocação alguma para a vida de freira, e que para isso muito influirá o afortunado testamenteiro.

Os theatros, depois do feriado da quaresma, estão todos em serviço.

O provisorio ensaia a *Favorita*, para a estréia de Mme. Rosina Stoltz, ópera de sua paixão, em que faz brilhaturas; o de S. Januario ensaia tres arias de grande novidade para o jocoso Martinho desempenhal-as; o de S. Francisco um drama novo, o de S. Pedro aceita o madeiramento interior e prepara as tintas para começar sua pintura.

Quizera dar-vos conta das fazendas e modas de Paris chegadas no *Severn*, mas até o fazer desta ainda não tinhão sahido d'Alfandega; ficará para o numero que vem.

A estréia do baile do Cassino este anno deve ser elegantissima á vista dos lindos vestidos que já se prepárão nas casas das nossas primeiras modistas do bom-tom. Creio ser o dia 26 do corrente o que nos trará essa desejada noite de enlevos e feitiços. Esperemos pois mais uns dias.

Neste momento chega-me a noticia do *Grande banquete brazileiro em Paris* dado pelo Ministro Plenipotenciario do Brazil, o cavalheiro Lisboa, em a grande e magestosa sala *des freres provençaux*, no Palais-Royal, sala reservada aos banquetes do Corpo Diplomatico. Foi um sumptuoso banquete em tudo digno da representação do nosso ministro. O cavalheiro Lisboa reuniu a flor dos residentes brazileiros em Paris e mais algumas outras notabilidades, estrangeiras ao todo quarenta pessoas, na tarde de 25 de Fevereiro, e lhes offereceu um dos mais esplendidos festins que o celebre estabelecimento culinario tem preparado. Honra ao cavalheiro Lisboa. Sinto tão acanhadamente apresentar-vos estas e outras noticias, em que o coração brasileiro, quer de homem quer de mulher, pulsa com tanta alegria. Desejava contar-vos tudo tin tim por tin tim.

Os negociantes brasileiros em Montevideo não deixárão passar desapercebido o nosso dia 25 de Março; tambem n'essa noite derão um magnifico e brilhante baile recamado de todos os enlevos que requer uma função de primeira ordem.

Fecho esta dando-vos parte que em breve teremos por ca o celebre e insigne artista *Talberg*, e talvez, talvez o *Bosco* esse endemoninhado prestidigitador, que tem feito furor em Paris.

— Santos!

— Minha ama!

— Vae levar esta papelada toda á mui digna Redactora em chefe do *Jornal das Senhoras*, e dize-lhe que o dito, dito: pedra em cima, se lhe não agradar.

16 de Abril.

Bellona.

JORNAL DAS SENHORAS.

Publica-se todos os Domingos; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este jornal nas casas dos Srs. Wallerstein e Comp. n. 70, A. e F. Desmarais n. 86, Moncie n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de Santos e Silva Junior, rua da Carioca n. 32.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

Preço da Assignatura: Por tres mezes 3$000 rs. na Côrte, 4$000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro.— Typographia de Santos e Silva Junior, Rua da Carioca n.° 32.

TOMO I. — DOMINGO, 25 DE ABRIL DE 1852.

O JORNAL

DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

BIBL. I. H. E. PUBL. DA CORTE

O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

MODAS

Offerecemos hoje ás nossas assignantes uma estampa composta de differentes modelos de roupa branca, que os francezes chamão *modeles de lingeries*. Nesta estampa encontrará a Sra. casada, solteira, ou viuva, um ou outro modelo que lhes possa convir, servindo-lhes de guia a acanhada explicação que vai dar esta serva humilissima, cujo nome encontrarão em letras muito pequeninas no fim deste artigo.

A substituição dos riscos de bordados pela presente estampa mereceu a minha approvação. Era já tempo de fallar-vos na roupa de andar em casa e das suas grandes conveniencias.

Antigamente ia fazer-se uma visita a esta ou aquella senhora, e era de necessidade esperar uma boa hora pelo menos, que a dona da casa se fosse vestir e preparar, porque ella se achava em um completo desalinho, o que antigamente tambem se chamava *estar a gosto*. Resultava d'aqui a visita mortificar-se na sala e a dona da casa no quarto, ainda mesmo tendo empregado a competente somma de beliscões nas afadigadas mucambas, apparecendo depois muito vermelha e quasi sempre mal vestida e vexada. No dia seguinte repetia a mesma cousa.

Hoje porèm já não acontece outro tanto; todas as senhoras de educação sabem perfeitamente vestir-se, todas ellas distinguem a sua roupa de andar em casa, espartilhão-se e preparão-se á *hora destinada* de receber visitas. Porque hoje tambem já nos vamos acostumando ao uso christão de fazermos visitas a horas certas e determinadas pela prudencia e pelo estado da nossa civilisação. Era uma grande medida reclamada ha muito.....

Está sabido por tanto, no circulo da gente de boa sociedade, quaes são essas horas dedicadas ás visitas; e o profano que ignorar essa mui conveniente etiqueta, que aprenda á sua custa e ouça o recado que lhe dá a criada lá de cima da escada — *Minha ama por agora não póde fallar a ninguem, volte o Senhor ás cinco horas da tarde*. Este já ficou sabendo para outra vez.

Por esta fórma goza cada uma de nós de um tempo dado em que livremente nos applicamos aos nossos deveres, e podemos então *estar ao nosso gosto*, como dizião os antigos e ainda muita gente o diz. Mas nós não iremos com elles que, para estarem a seu gosto tirão a casaca os homens, e desacolxetão os vestidos as senhoras. Nós temos as roupas largas para esse fim; e o modelo da presente estampa vos mortrará uma das mais distinctas e commodas.

Irei seguindo a numeração da estampa.

N. 1.—É um modelo de collete fechado com uma pequena e engraçada gola voltada. Estes colletes usão-se de fustão, ou fino metin branco, para os vestidos de chita em casa; de seda ou chamalote, lisos e bordados, enfeitados de lindissimas aboloaduras, para os vestidos de seda ou de lã. A casa de Mme. Barat recebeu pelo ultimo paquete alguns de renda, applicação de Inglaterra, sobre forro de nobreza de côr, para os vestidos de maior *toilette* de visitas de ceremonia e grandes jantares. Oh! é tudo que ha de mais delicado e perfeito neste genero.

N. 2. Representa um pequeno camisote de cambrainha enfeitado de tiras, bordado inglez, entremeios e finissimas preguinhas no peito e em circumferencia das mangas. A saia, que é separada do camisote, está guarnecida com duas ordens das mesmas tiras, entremeios e preguinhas. Trage de estar em casa de manhã.

N. 3.—Uma camisinha afogada, de cambraia de linho ou cambrainha, enfeitada de preguinhas ao comprido, com estreitas tiras encrespadas guarnecendo a abertura e o collarinho.

N. 4. É uma touca suissa, de muito capricho, para o inverno. A parte superior, que deve cubrir a superficie da cabeça, é de veludo preto cingida por duas ordens de fita de setim da mesma côr encrespada, por baixo da qúal nasce a primeira ordem de renda preta, depois a segunda e a terceira, enfeitadas aos lados de fita azul estreitinha ou côr de rosa. Esta touca é toda forrada de seda, e as duas grandes pontas são tambem de fita azul clara com uma tira cosida de veludo preto.

N. 5. Touca que completa o traje de estar em casa de manhã: é de um delicado trabalho de entremeios e tiras encrespadas, de um gosto todo distincto. Encontrareis tambem em casa de Mme. Barat todos estes objectos do primor da arte.

Sinto não poder vos dar neste artigo noticia das distinctas e valiosas fazendas que a casa Wallerstein e C.ª recebeu por este ultimo paquete. Para o numero seguinte me occuparei disso, bem entendido, se as elegantes me derem licença e não comprarem antes o que ha de mais *distingué*, como aconteceu com os vestidos de barege branco de barras escocezas, que voárão! Oh! como são lindos estes vestidos! Vierão promptinhos, cada um com o seu mantelete; de sorte que mais meia duzia de pontos completa-os para servirem dahi á pouco!

Infante, 23 de abril.

Christina.

ESTUDOS.

LIÇÃO III.

Vai já tempos que suspendi as nossas lições, sempre pelas razões alheias á minha vontade.

Percorrei alguns dos numeros do passado trimestre, e encontrareis a promessa que vos fiz de repartir comvosco os poucos conhecimentos que possuo — por outra, e mais propriamente fallando — revelar-vos o que penso, que é mais do que aprendi.

Eis-nos pois, tratando de esboçar em poucas linhas, o que é necessario volumes para explicar.... é um grande atrevimento sem duvida, porêm eu tratarei que essa explicação não seja complicada, e observando a ordem encyclopedica á que de ante-mão me propuz, vos darei uma idéa a mais suscinta possivel da primeira parte da sciencia que trata do conhecimento de nós mesmos.

Ha um erro, vulgarmente admittido, que dá o nome de cinco sentidos aos apparentes apparelhos organicos, que servem de conductores ás percepções e sensações d'alma. Como este erro onde primeiro se aprende é na doutrina christã, não vos fallarei delle senão ligeiramente, destruindo porêm o preconceito que elle encerra.

Não ha cinco sentidos corporaes; ha percepção exterior d'alma, por meio de orgãos corporaes que a põe em contacto visivel e invisivel com os objectos materiaes.—Orgãos, que são os conductores das emoções differentes que podemos sentir.

Os sentidos são a mesma alma — porêm a alma não é o olho, não é o ouvido, não é a mão, não é o paladar.

O sentido que chamamos — tacto — tem por orgão a superficie do corpo todo. É por meio do tacto que recebemos as sensações de prazer ou

de dôr, de calor ou de frio, e é por meio do tacto que recebemos a prova material da alheia individualidade, e que se fortifica a consciencia da propria existencia, ou do—Eu—.

O sentido que chamamos—vista, cujo orgão são os olhos, é o que mais directamente se corresponde com a força intelligente da alma, e mesmo com a força sensivel, porque é por meio delle que percebemos os objectos, e que o juizo estabelece as gradações da côr, da luz, das distancias e da profundidade. Comtudo, o juizo que parte da simples vista, é quasi sempre enganoso; e para prova ahi está o que vulgarmente se chama orizonte, que já sabeis é essa linha curva que em uma grande extensão plana, seja de terra, seja d'agua, parece unir a superficie com o que commumente se chama Céo: isso que não é outra cousa que o espaço.... O espaço, a immensidade, aquillo que a mente humana não póde medir nem comprehender, porque é o infinito; e a mente humana é limitada. A vista, que desperta as nossas paixões por meio de impressões que excitão a sensibilldade e provocão o sentimento chamado—amor, sympathia ou quer que seja—é sempre por meio dos olhos, que sentimos as primeiras predisposições da attracção ou de repulsão, predisposição que póde existir no sangue, nos humores, na compleição de dois individuos. São daquelles arcanos que Deus reserva para si.

A orelha é o orgão do sentido; o som que ella nos transmitte, produz tambem, como é natural, sensações gratas ou desagradareis; no mais que se refere ao mesmo tempo, chega a ser um tanto metaphysico, e eu temo entrar em explicações que me não permitte o espaço desta folha.

O nariz, orgão do olfato, pelo qual percebemos o cheiro, ajuda o gosto nas suas funcções, e ambos em relação produzem sensações analogas.

Cada um sentido d'alma, servido pelo seu competente orgão, vem a justificar a existencia do—Eu—e do—não Eu— o que quer dizer—a propria e a alheia individualidade.

Da percepção nasce—a sensação, desta—a emoção, e da emoção—o juizo ou idéa.

(Continua.)

PENSAMENTOS.

O espirito de sociedade e do agrado é communmente a partilha das mulheres; parece, geralmente fallando, que ellas são feitas para suavisar os costumes dos homens. *Voltaire.*

A sociedade depende das mulheres; todos os povos que tem a desgraça de as encerrar são insaciaveis. *Idem*

Que supplicio ter-se de agradar a um homem, que não é amavel! morre-se de aborrecimento?! *Mme. de Mentenon.*

Os Esposos se devem mutuamente fidelidade e auxilio; o marido deve protecção a sua mulher, a mulher obediencia a seu marido. *Portalis.*

O dote das mulheres tem uma hypoteca privilegiada sobre os bens dos maridos; porém a honra destes não tem outra senão a sua propria confiança, e a discripção de suas mulheres. *Paris, l'Amour et les Femmes.*

O espirito das mulheres é como o jardim do Eden, que produzia bellos fructos sem ter necessidade de cultura. *Sanial Dubay*

POESIA.

DEDICADO

AO

Sr. I. P. C. F.

Matisada borboleta,
De flor em flor adejando,
Ia com graça e destreza,
Uma por uma beijando.

A' essa linda voluvel,
Nenhuma flor agradava,
Só as vezes esquecida,
Para a mesma flor voltava.

Cançada de tanta lida,
De tão continuo voar,
N'uma rosa delicada,
Foi brandamente pousar

Breves momentos gosou,
Doce perfume da flor,
Sorvendo nectar divino,
No meio da fina côr.

E já de novo tentando
Sua inconstancia ensaiar,
A misera sentiu-se presa,
Sem forças p'ra se ausentar.

Aquella, que então vivera,
Sempre, sempre a variar,
A' bella, magica flor,
Não podia abandonar.

Esforços mil empregados,
Todos forão sem proveito,
Da rosa aguçado espinho,
Lhe havia ferido o peito.

Desgraçada! tantas flores,
Innocentes despresaste,
A' uma, tão malfaseja,
Sem receios te entregaste!!!

Jonio, tu que és tão voluvel,
E não guardas affeição,
Foge d'alguma flor,
Que te fira o coração.

A. . . .

Á Exma. Sra. D. A. M. S. B.

Tu és linda como um lyrio
Que abriu na solidão,
Como a virgem de Murillo,
Como a rosa ainda em botão.

Tu és linda como a lua
Nas aguas a dardejar,
Como a nuvem vaporosa,
Como a perola do mar.

Tu és linda qual estrella
Que produz a madrugada,
Como o murmurio da fonte,
Como a brisa perfumada.

Tu és linda como a hora
Em que finalisa o dia,
Como a harmonia da vaga,
Qual o anjo da poesia.

És da terra a maravilha,
És um anjo do senhor;
Tu serás a minha musa
Eu serei o teu cantor!

Salomon.

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

> Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.
> MICHELET, Historia de França.

CHEGADA AO PORTO.

Quinze dias são decorridos, desde aquelle em que deixamos a sumaca *Francesca di Rimini* no Paraná, o Dr. Alsina prostrado a uma dôr superior ás forças humanas, e sua corajosa mulher lutando com seu filho entre as rapidas correntes do rio.

Dois bravos marinheiros italianos, atirando-se ao rio, salvárão as innocentes victimas de uma devoção heroica e de um barbarismo atroz.

Recolhidos a bordo a mãi e o filho, a tripulação os tomou debaixo da sua protecção; Giovani, á testa do resto dos seus companheiros, manifestou solemnemente que estavão dispostos a morrer antes que se tocasse em um só cabello dos seus protegidos. A luta podia ser travada, porém se os marinheiros succumbissem quem governaria o barco? quem faria as manobras? Forçoso foi ceder.

Estamos pois no decimo quinto dia depois de ses acontecimentos, e no seguinte da madrugada que acabamos de passar entre o general Rosas e seus dois loucos.

O juiz de paz e a sua gente passárão muito mal de saude durante a viagem, e estendidos sobre o convés da sumaca, pallidos e abatidos, desejão ardentemente o momento de saltar em terra.

São pouco mais de oito horas da manhã, quando a sumaca deu fundo no logar que ali se chama *balizas interiores*.

O juiz de paz, que máo grado á sua autoridade e ás suas bellas esperanças de maiores dignidades, foi presa do incommodo geral, procura vencer o mal—mofina con tante que o preoccupa e envenena os seus brilhantes sonhos, para dar principio ao seu *toilette* de desembarque.

O Dr. Alsina e sua familia, reunidos em estreito grupo, estão em um canto do convés, entregues á silenciosa dôr que opprime seus corações.

A cidade de Buenos-Ayres que avistão desde bordo, causa-lhes um triste prazer; elles no meio do horrivel infortunio que os acabrunha, encontrão ainda um melancolico sorriso de saudação, que dirigem á idolatrada patria!

Signaes convencionados de ante-mão annuncião ao capitão do porto que é aquelle o barco esperado ha tantos dias, e portanto elle se dirige a bordo.

Conhecemos, desde a nossa infancia, o homem que ha tantos annos occupa o importante emprego de capitão do porto em Buenos-Ayres. (1)

Não revelaremos as particularidades da sua vida privada, nem quaes forão os primeiros degráos que o produzirão na sociedade.... a decencia nos prohibe de o fazer.... D. Pedro Jimeno é uma criatura que só lembramos pela necessidade do seguimento do nosso romance, mas o seu melhor elogio é saber que Rosas o conserva no seu emprego ha 15 ou 16 annos! O que significa que D. Pedro Jimeno é um homem completamente insignificante, que se presta com facilidade a tudo quanto póde existir no mundo de criminoso, baixo, e malvado.

O juiz termina o seu *toilette*—larga calça de panno azul, fardeta meia abotoada, e largas fitas vermelhas no peito e no chapéo.

(1) Nossos leitores não devem esquecer que este romance foi escripto durante a tyrannia de Rosas.

(*) Vide o n. 16.

A balieira do capitão do porto atraca ao costado da sumaca.

O juiz de paz, que já tem preparado seus discursos oratorios, toma os seus ares mais magestosos, e se adianta a receber seu illustre collega. Mal comprimentão-se, e o juiz falla nestes termos:

— Sr. capitão do porto, o zelo que sempre me animou pela santa causa da federação de toda a America em geral, e pela prosperidade do illustre restaurador das leis, levou-me a abandonar os meus deveres lá da campanha, e dirigir-me aqui á capital, escoltando o selvagem unitario Valentim Alsina, capturado por mim no momento que talvez viesse perturbar o socego da republica. Traidores e selvagens unitarios, tão revoltosos como o proprio Alsina, intentárão subtrahil-o ao justo rigor das leis; porêm o denodo e o zelo infatigavel do benemérito joven, o federal D. Julião Fabre, soube obstar a tão criminoso attentado. Eu deposito meu prisioneiro nas mãos do Sr. capitão do porto, que sem duvida já terá recebido as competentes ordens de S. Ex.ª o illustre restaurador.

— O Jimeno respondeu:

— Felicito a V. S. pelo importante serviço que seu patriotismo acaba de prestar á causa da ordem e da America em geral; S. Ex. o Sr. governador de tudo está instruido, e tenho ordens sobre o preso, sobre V. S. mesmo e sobre o heroico federal, D. Julião Fabre. Vamos conduzi-pa a o Ponton o selvagem unitario, e se o Sr. juiz e o Sr. Fabre querem aceitar a minha balieira iremos depois para terra, onde espera o Sr. coronel Corbalan, que é quem deve apresental-os a S. Ex. o illustre restaurador.

O juiz de paz não acha expressões com que patentear o seu goso; nada póde expressar seu contentamento, por isso conforma-se com esfregar as mãos e redobra os ares de importancia.

O fanatico Julião pronuncia em agradecimento alguns monosylabos, e o capitão do porto dá as ordens da partida.

O momento supremo chegou para a familia do proscripto!

Adeos!

Oh! quem póde traduzir na linguagem dos homens a dôr intensa de dois corações irmãos, que se arrancão um do outro á força!

Esse ultimo e supremo beijo do — adeos.... quem poderá definil-o ?... quem explica o immenso martyrio desse pranto?

A balieira se afasta, e D. Antonia apertando seu filho entre seus braços, ambos confundem-se em pranto doloroso....

Os marinheiros os rodeão em silencio tambem; grossas lágrimas gotejão por aquelles rostos queimados do sol, e cahem sobre seus nobres peitos.

O homem da nodoa vermelha aproveita a distracção geral, e pelo lado opposto desce e embarca-se no bote que mandára previnir de antemão....

Sua missão infernal está concluida, e elle vae perder-se na multidão diurna que percorre afanosa em todas as cidades do mundo.... ignorado e tranquillo vae fruir o fructo do seu crime.... mas, seu triumpho será passageiro, que a justiça de Deos o alcançará algum dia!

O CORONEL CORBALAN.

Desde as seis horas da manhã a casa de Rosas principia seu movimento diurno; pessoas da alta sociedade, assim como da ultima cla se do povo, todos dependem de Rosas, todos frequentão a sua casa, todos se curvão a elle.... e elle pelo seu turno, sabe modelar a sua linguagem á altura de cada um.

Estrangeiros, nacionaes, homens brancos, de côr, senhoras, mulheres do povo, tudo alí vae ter!

Rosas já sabe que Alsina chegou, está do melhor humor possivel; despacha todos os requerimentos que lhe apresentão, e açoita e *sopra* os doudos para festejar a entrada do seu ajudante de ordens favorito — o coronel Corbalan.

Corbalan não era só seu ajudante de ordens, era seu creado, seu bobo, e o cego instrumento de todas as suas venalidades, caprichos e determinações.

Como individuo moral, Corbalan é insignificante, estupido e redondo como um — O.

Por ventura sua, tem bom ouvido, lingua quieta e intelligencia de pedra.

O individuo physico, não diremos que é magro, porque essa denominação cabe a pessoas que tem pouca carne, mas Corbalan não tem carne alguma; sobre seus ossos e seus nervos enxutos. está pegada a pelle amarellada e secca, como o pergaminho.

É um vivente dissecado! O Sr. ajudante de ordens, é alto, e a trinta passos de distancia contão-se-lhe as costellas que se desenhão indiscretamente sobre a farda.

Sua espinha dorsal fórma uma curva tão perfeita que, em pé, Corbalan é um F perfeito, e sentado um algarismo — 5.

A sua cabeça, pellada e redonda, tem a figura de um queijo de Hollanda, e está coberta de uma cabelleira avermelhada, que não se ajustando

bem ao molde, ha adquirido um movimento constante de rotação sobre si mesma.

Quando as commissões do chefe põe o ajudante em marchas forçadas, a gaiata cabelleira manga ás direitas com seu dono, o qual por distracção esquece sempre a origem dos acasos singulares e extraordinarios que o perseguem.

O PONTON E OS SEUS DOIS COMMANDANTES.

A prisão denominada com o nome de Ponton, era um barco velho e podre, fundeiado no que se chama em Buenos-Ayres *balizas exteriores*, e que não sabemos porque magico segredo resistia elle ás violentas tempestades do Rio da Prata.

Depois de tudo quanto se tem escripto sobre os Pontões da Inglaterra, e sobre as prisões maritimas de Toulon, nada temos a accrescentar sobre o nosso velho Ponton, para onde Rosas enviara o Dr. Alsina.

A reforma das prisões não devia esperar-se que principiasse debaixo da dictadura assassina de Rosas, nem disto o culpamos, porque paizes vizinhos, trilhando a senda da civilisação, ainda se não lembrarão de pôr mãos a obra tão necessaria e tão analoga ás necessidades de uma sociedade morigerada e christã!

Differentes presos politicos existem no Ponton, guardados por dois commandantes e uma força de infanteria negra de vinte e cinco praças. que fazem a guarda semanal.

O primeiro commandante do Ponton, é um Americano do Estado de *Massachuts*, que é o mesmo que dizer um *Jankee* perfeito. Quem sabe, se não descendia da raça dos *Hurones!*

Seu nome é John Anderson. Alto, secco, teso, e serio, a cara perfeitamente rapada, sempre limpo e diligente, John Anderson póde ter seus trinta e seis annos de idade.

Falla pouco, lê constantemente a Biblia, e mastiga sem cessar grandes pedaços de fumo.

Já foi catholico, presbyteriano, methodista ou episcopal, segundo convinha aos seus interesses; serve ao general Rosas no intuito de fazer *plenty money*, e assim que as algibeiras estiverem cheias, fará caretas aos tolos que nelle acreditárão, e sem duvida voltará ao seu paiz a *especular!*

Anderson permanece a bordo, só nos dias de serviço, o resto do tempo reside em uma casinhola, bem limpa, caiada e pintada com as suas competentes persianas, situada na Alameda, é ali que os seus compatriotas se reunem com elle, (menos ao domingo) para mastigar fumo, cantar o *Jankee Doudle* e beber agua de salsa-parrilha; porque Anderson e os seus amigos são carolas da *Temperence Society* ou sociedade dos ex-beberricadores.

O segundo commandante do Ponton é um Inglez chamado Dick, typo perfeito de John Bull-popular.

Gordo, barrigudo e baixinho, Dick é jovial, e bebe por dia uma duzia de garrafas de cerveja, duas ou tres de cognac, e canta a todo o instante *God save the Queen.*

Dizer que estes dois antipodas não se podem aturar reciprocamente é inutil, basta conhecer as suas nacionalidades para o suppor.

Comtudo Dick, obedecendo ao seu caracter mais communicativo, chega ás vezes ao pé de Anderson e procura conversar com elle.

A amabilidade de Dick é inutil, que ella não póde dobrar a arida altaneria de Anderson, e tudo quanto obtem em resposta é — *um....*

— Um! um! americano e mais nada.

O pobre do velho inglez mexe a cabeça, e afasta-se sempre dizendo de maneira que seja percebido.

— *Verg bad Jankee indeed!*

Erão dez horas da manhã, quando a balieira atracou a bordo, e o capitão do porto, o juiz de paz, Julião e o preso pisarão o convés do Ponton! Jimeno transmitiu aos dois commandantes as ordens respectivas ao prisioneiro, fazendo-os responsaveis com suas vidas pela pontual execução dessas ordens que dizião respeito ao selvagem unitario, tão importante para S. Ex. o illustre restaurador.

O preso seria carregado de ferros, incommunicavel, e só lhe serião transmittidos os objectos que viessem por via directa do governo ou da policia.

Alsina ouviu tudo sem nada objectar, ou reclamar; tinha-se promettido a si mesmo — soffrer em silencio, e mostrar sempre rosto sereno e coragem augusta em tudo o que individualmente lhe dicesse respeito.

O capitão do porto e os demais acompanhantes afastarão-se em direcção a terra, e o preso carregado de ferros desceu a um dos camarotes situados no fundo do barco.

Coutinua.

CHRONICA DA SEMANA.

Principio participando-vos, benevolas leito-

ras, que fui á Petropolis, pela primeira vez, e fiquei encantada! Nunca vi lugar do Rio de Janeiro que mais me agradasse, mais lindo, mais cheio de novidades tão encantadoras! Estive apenas 48 horas, fui no sabbado e voltei na segunda-feira passada. Mas, oh meu Deus, como passei eu essas 48 horas! Não sei! Pernoitei entre as familias hospedadas no *hotel Suisso*, uma noite fria e agradavel, amanheci sob um clima europeo embalsamado pelos odores de uma vegetação frondosa e bella, rodeada de verdes montanhas guarnecidas de centenas de casinhas alvas como um jasmin, aspirei os alentos de uma vida toda nova, gradualmente me senti alegre e robusta, e a minha primeira idéa foi escrever estas linhas antes do almoço, depois que voltei de um delicioso passeio pelo *Palatinato*.

Voavão as horas. Acabado o almoço, fiz novo *toilette* e fui á solemne festa de S. Pedro de Alcantara, á qual assistirão SS. MM. II. e immensa gente do logar, depois ver desfilar todo aquelle povo — côrte, roceiros e colonos — os cumprimentos de uns, as mesuras de outros, as perguntas, as respostas; dahi a pouco o abundante e appetitoso jantar do *hotel Suisso*, as saudes, os brindes, a conversação espirituosa, os ditos agudos á sobremesa; a alegre e festiva tarde passada entre mil distracções; á noite um explendido baile onde afluiu tudo o que de melhor havia em Petropolis, e acabou ás 3 horas; no dia seguinte a viagem de caleça pela magnifica estrada da Serra (ai! segredo.... que o não saibão as estradas do Engenho Velho, Larangeiras, Cajú e mais familia.) E a parada que se faz na casa do Sr. coronel Albino! oh, que chiste que ella tem tão particular! Emfim, tudo isto, benevolas leitoras, succedendo-se sempre com novidade até pôr o pé na barca que nos devia conduzir para a côrte faz a gente perguntar a si mesmo — Como passei eu 48 horas em Petropolis!

Na viagem da barca soube eu de uma descoberta, que o velho Santos ainda não deu com ella; ri-me a não poder mais da lembrança e da graça com que o sujeito a referia:

Era um grupo de cinco rapazes. Tratavão elles das *maçadas* que certos sujeitos, que sáem de suas casas somente para conversar pelas ruas, dão a torto e direito em todos os amigos e conhecidos que vão encontrando, em prejuizo dos que tem trabalho e horas contadas. Dice o tal mais espirituoso:

— É porque vocês ainda não derão em usar da minha receita; por ora não tem falhado em nenhum caso, por mais rebelde que seja.

— Oh! homem! por espirito de humanidade, disserão todos á uma, revela-nos essa receita.... Eu, que sou empregado publico, se me posso livrar das taes maçadas!...

— E eu! que sou corretor.... dice outro.

— E eu! que sou guarda livros por partidas dobradas.... exclamou o terceiro.

— Pois, meus senhores, eu faço versos, proseguiu o primeiro, e ás vezes ando cá com os meus botões e as minhas unhas em contenda renhida á espreita de certo pensamento ou consoante que se me faz preciso, ao mesmo tempo que tenho de sahir diariamente para ir jantar com um amigo, que ás tres horas está á mesa e ás tres e meia já está de palito a janella. Bem podem ver que não ha tempo a perder; um qualquer infernal *maçante*, 10 minutos que me roube na rua, vai ferir gravemente os sagrados deveres do meu estomago, que a essa hora é um leão devorador! O amigo levanta-se da mesa, vem os caixeiros, estomago de caixeiro é o mesmo que o de poeta, e quando eu lá chego por descuido mais tarde tenho de fazer uma [illegible] á ossada, ou uma estrophe ás migalhas de pão. Portanto saio de casa, ninguem me chame que eu não ouço; não vou pela rua do Ouvidor que estou perdido, é a rua dos macistas-móres, tomo a rua do Rosario, os caixeiros pelo faro já sabem que não compro nada; chego a baixo, rua Direita não me pilha a essa hora que ha muita gente sequiosa por dois dedos de conversa, becco das Cancellas e rua da Candelaria é o meu caminho até chegar á rua das Violas, ali faço prôa á rua Direita, e lá me encaixoto na casa do amigo. Récipe — Se nesta digressão esbarro-me com *algum dos taes*, como me apanha voltado para S. Bento, digo-lhe que vou com pressa ao arsenal ver um amigo que embarca naquelle momento, e se é na volta — adeus, adeus que vou pilhar o omnibus, ou a barca — conforme a altura em que me apanhão.

— Bravo! bravissimo! repetirão os outros em côro.

— Qual! Vocês não calculão estas cousas, por isso achão novidade na receita. Não ha aqui cousa que admire, respondeu o gaiato. Querem vocês saber de outra ainda melhor? Toda moça que vai á igreja para conversar ou namorar procura sempre assentar-se nos estrados por baixo dos altares; e a razão é porque dahi a pouco chegão outras que taes com as mesmas inten-

ções, benzem-se com um mal feito *pelo signal*, assentão-se logo depois, olhão-se, dão uma risadinha, e ahi pega a conversa fazendo *páo de cabelleira* umas ás outras. Isto sim, isto é que é mais fino; ora observem vocês, e verão o que eu lh es digo.

Não vê que o meio da igreja não lhes faz conta, porque ficão de costas para os *pintalegretes*, ou os obrigão a ir para as portas da capella-mór, onde não é conveniente estar para se não esbarrarem com o carão do pae, que lhes fica então de fronte.... Observou o corretor.

E como a conversa estendeu-se até ao caes dos Mineiros, acho prudente, benevolas leitoras, parar aqui. O que é verdade, é que o gaiato tem razão; pareceu-me filho do Santos pela sagacidade.

Quizera fallar-vos do brigue novo de nome *Maranhão*, que foi ao mar sabbado passado, mas ao mesmo tempo vejo que essa noticia não vos póde agradar; viremos folha.

O campestre esteve mui brilhante desta vez. Reappareceu do seu retiro saudoso, umas das vaporosas bellezas dos nossos salões e continua a fulminar tyrannamente os embatucados *leões* acurvados pela força de suas seducções. Assim, minha rica senhora, não os deixe pôr o pé em ramo verde; são uns gulotões sem estomago!

A Rainha de Chypre! Ora qual de vós deixou de ir sabbado ao Provisorio ouvir a Rainha de Chypre, essa bella inspiração de Paccini! A Senhora Zecchini foi victoriada, e com razão, pelas provas que nos deu de seu adiantamento; o Sr. Labocceta tambem o foi. Havia um terceiro que, pela sem ceremonia com que appareceu entre os bastidores, fez-me crer que tambem esperava a sua vez. Mas era um soldado da Rainha. Ninguem o chamou.

Não me dirão o que vai fazer ao theatro, em noite de cantoria, uma estimavel senhora com suas quatro mucambas, duas crianças de peito, tres escravos, um moringue de dois bicos, um copo e salva, e um banquinho? !.... Sabeis o que aconteceu? Ficou por cima de meu camarote, berrárão as crianças toda a noite, e por serem muito estimadinhas (ai Jesus!) suffocavão-lhes o chôro por momentos á força de maminha, para tomarem folego e berrarem mais. Uma trovoada composta de arrastões de cadeiras e de pés descalços e calçados parecia desfazer-me o camarote em quatro pedaços! E para não ser trovoada secca quebrou-se o moringue com grande estrondo e o meu camarote ficou alagado!.... Ora ainda ha muita gente *do tempo de dantes!*.....

— Santos! oh Santos!

— Aqui estou, minha ama.

— Vae saber, assim como quem não quer a cousa, que tal é essa preparação medicinal alcunhada — *Tricopherous*, que faz os cabellos pretos, luzidios e flexiveis. Quero inculcal-a a algumas pessoas de minha amizade, para livral-as de uma outra composição infernal que lhes põe o cabello em miseravel estado.....

Olha; e pergunta aos Srs. Mercês e C.ª, na praça da Constituição n. 19, se aquelles lindos versos do Sr. Joanicó, feitos em Montevidéo e postos em musica pelo Sr. Ribas, já estão a venda, que me mande um exemplar; desejo appreciar as melodias deste artista, e o pensamento do poeta. Dizem-me que vale a pena comprar; vejamos.

— Fique minha ama descançada que estou de volta em meia hora. Vou ver então o *Tico feio e as Mercês da companhia do largo da praça*....

— Sim, sim, é isso mesmo: anda e vai; não te faças de palerma, que não é preciso agora.

E foi-se o Santos com o seu passo vagaroso e espreitador.

Boas noites; o dito, dito!

24 de Abril.

Bellona.

JORNAL DAS SENHORAS.

Publica-se todos os Domingos; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica. moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este jornal nas casas dos Srs. Wallerstein e Comp. n. 70, A. e F. Desmarais n. 86, Moncis n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de Santos e Silva Junior, rua da Carioca n. 32.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

Preço da Assignatura: Por tres mezes 3$000 rs. na Côrte, 4$000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro.—Typographia de Santos e Silva Junior, Rua da Carioca n.° 32.

TOMO I. — DOMINGO, 2 DE MAIO DE 1852.

O JORNAL

DO CAMPO

Modas. Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

O programa e condicções deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

MODAS

Fóra de toda a duvida, queridas leitoras, que estamos na estação dos bailes. O embriagante prazer dos salões reapareceu; e aos suaves enlevos do campo, ao fulgente clarão de uma manhã serena e pura, ahi tendes agora mil velas ardentes espalhando a luz feiticeira e cambiante de uma noite perfumada no brilhante salão do Cassino.

Oh! como eras tu tão desejedo....

A magestade angelica da verdadeira rainha do baile, e a flor das nossas elegantes, trajando no mais apurado capricho da moda, ahi se reunirão segunda-feira á noite, entre os encantos de sua propria belleza e elegancia, e as harmonias de uma musica sempre alegre e arrebatadora.

Que concurso deslumbrante!

Cada um desses semblantes, meigo e prasenteiro, era a expressão não equivoca dessa fusão embriagadora e deliciosa.

Notavão-se lindos *toilettes*. Os vestidos, entre os quaes brilhavão dois iguaes aos do nosso ultimo figurino, (vierão tão poucos!) em geral erão de largos folhos ou guarnições de rendas pretas sobre côr de rosa, azul claro e côr de canario; alguns outros havião, e não menos ricos, brancos e de desenhos chinezes, sobresahindo-lhes a graciosidade de algumas elegantes e a belleza de outras, para tudo compensar.

E com effeito, não ha quem menos precise de atavios, que a belleza e a graça natural: um qualquer *toilette* acompanhado deste condão maravilhoso é sempre tão interessante.... não é assim?

Entretanto eu vos offereço hoje um dos mais distinctos toilettes que vos tenho apresentado. Elle se amolda gracioso a qualquer idade e posição, e não duvida entrar nos grandes bailes com as prerogativas de um dos mais—especiaes e fantasticos *toilettes*.

Eu vos explico a estampa.

Vestido de finissima escomilha branca com uma tunica curta, recortada e orlada com transelim de palha de trigo. Segunda saia de larga bordadura a capricho tambem de palha, por ci-

ma de um forro de setim branco, cuja barra desce mais abaixo, na largura de uma polegada.

Corpinho—a virgem—isto é, franzido de bico redondo e talho no mesmo sentido; gola-de grande decote enfeitada com um largo berthe igualmente bordado, da mesma fazenda, e guarnecida de um crespo de fita de setim rosa. Mangas justas e occultas pelo berthe, que cahe até meio do ante-braço. Cinto de fita de setim rosa, laço duplo collocado á direita, desprendendo duas pontas fluctuantes de vinte e cinco polegadas de compridó e tres de largura.

O penteado de bandós ondeados é sempre mui gracioso, e o do presente figurino tem para remate dessa graciosidade uma galante grinalda composta de flores de trepadeira côr de rosa enleiadas em folhagem de palha.

As luvas sem enfeite, o leque de madreperola aberta, as pulseiras, o alfinete de peito e os brincos de diamantes ou de fantasia, por certo não são nenhuma novidade, mas tornão-se indispensaveis neste *toilette* de rigor, assim como os sapatos de setim branco.

O armazem de Wallerstein e Masset recebeu pelo ultimo paquete estes fascinadores vestidos de escomilha bordados de palha, tambem os de *acrophone*, gase, e os de cassa de seda, que effectivamente são de uma grande novidade. È preciso vel-os, assim como toda a variedade de primorosas fazendas que lhes chegarão, para admirar a perfeição do trabalho e o apurado capricho desses artefactos francezes.

Os córtes de seda—Medicis, Dubarry, Albanie, Pomone, Esmeralda, Bosphore, Perolas do Brasil, Montpensier, Val d'or, são inemitaveis e lindissimos.

As guarnições que receberão de joias de esmalte, trabalhado sobre aço, são o primor da arte: as pulseiras, os alfinetes, e as correntes de relogio encerrão uma galanteria e delicadeza de trabalho a toda a prova!

Por hoje não vos fatigarei mais. Adeos.

Infante, 30 de abril.

Christina.

A PENITENCIARIA.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

É muito linda esta cidade da Philadelphia! Como são largas, espaçosas e limpas as suas ruas! Agora que estamos no rigor do estio, as arvores das ruas prestão a sombra benefica da sua verde folhagem.... tudo aqui respira alegria, bem estar e trabalho! Percorremos hoje todo o *Nolhers* *Libertys*, *Spring-Garden*, *Girard College*, e por fim ás 5 horas e meia da tarde parou a nossa sege defronte da porta da *Casa de Penitencia*.

Apresentou-se-nos um vasto quadrado, cercado de espessa muralha, e com todas as seguranças possiveis, e no meio de outro vasto quadrado de verdura, elevando-se silencioso e severo, o edificio octangular chamado *Penitenciaria*: em vão procurei a sentinella dessa prisão, o official de guarda, as bayonetas e espingardas, que em a nossa America do Sul são os interpretes e ficis representantes das leis.... Aqui a força moral da lei só me apresenta um caracter solemne e grandioso!... Atravessamos o espaço que faz frente ao edificio; quadrados de suave relva e sempre as brancas colmenas, porque neste paiz usa-se muito do mel de abelhas; a minha admiração cresce a cada passo que dou; esta casa tem só quatro empregados!... O edificio tem uma galeria terrea e um sobrado; em baixo é destinado aos homens, em cima está o departamento das mulheres. Ha um quarto octogono collocado no centro do edificio, cujos corredores estabelecidos em raios podem ser vigiados por uma só pessoa postada no centro desse quarto.

Um carril de ferro passa pelo centro de cada corredor para facilitar a rodagem do carro que conduz as rações, ao qual basta um pequeno impulso dado para se mover. Já se sabe, a cozinha é de vapor, o pão é cortado por uma machina, que dá, não me lembra que numero extraordinario de rações, com um só golpe. Os alimentos são de primeira qualidade e preparados com o maior asseio.

Não ha o mais pequeno máo cheiro; toda casa está tão limpa, que parece concluida de hontem.

— Eis a cellula de penitencia, nos diz o guarda abrindo uma dellas, todas são exactamente iguaes a esta.

Entramos.

A cellula teria tres varas de comprido sobre duas de largura; uma fenda lá perto do tecto dava-lhe luz bastante. Uma boa marqueza, muito limpa, com seus lençóes, cobertor, colxa e excellente travesseiro, era a cama do preso. Havia uma pequena mesa de trabalho, uma prateleira contendo objectos de uso e tres livros—a Biblia, um tratado de Algebra e um livro de Artes Manufactureiras.

Duas torneiras d'agua, uma quente, outra fria, duas tinas pequenas, e o bahu do dono do quarto. Por um tubo de chambo era communicado o callorico no tempo do inverno.

Com effeito, um homem fechado só, durante quatro, seis, oito ou doze annos, sem luz á noite, e rodeado de silencio, já tem espaço para pensar no passado, no presente e no futuro.... quantas reflexões, quantas lembranças e quantas lagrimas de saudade ou de arrependimento, não terão corrido aqui!

Uma consequencia natural é que neste paiz a justiça não castiga, aterrorisando os réos; a missão da justiça é corrigir, morigerar os homens.... Não duvidamos que ha entes tão malvados que não mudão mais, nem se convertem; porêm o numero desses monstros é pequeno. Não são homens.

O resultado geral é optimo. Os presos estão bem vestidos, são obrigados a tomar banho um dia na semana, para o que a casa possue uma sala de banhos.

Ha uma pequena bibliotheca, composta só de livros scientificos, religiosos, etc., etc.

O armazem da roupa, de igual maneira que o resto da casa, está limpo e arranjado com todo o esmero.

O preso trabalha desde seis horas da manhã até seis da tarde—está constantemente occupado, a excepção do domingo que é consagrado á leitura religiosa.

A cellula que visitamos era habitada por um sujeito, que depois de oito annos de penitencia, voltou ao seio da sociedade, sua familia já não existia. As relações de amizade, tão pouco duraveis neste paiz onde a actividade é tão grande, tinhão-se tambem perdido; elle via-se só, e pois tornou á Penitenciaria, pedindo que ali o deixassem acabar o resto dos seus dias; trabalhava para a casa e ajudava tudo aquillo que lhe ordenavão.

O trabalho dos presos é applicado ao seu sustento por uma quantia semanal, e o restante vai ficando em deposito, para formar-lhe um pequeno peculio no dia que as portas da Penitenciaria se abrão para elle, e que volte ao seio da sociedade.

Como estes paizes, que ainda não contão um seculo de existencia politica, puderão morigerar-se, instruir-se, e adiantar-se a este ponto, eu não sei!... acostumada á luta immoral e sanguinolenta, á luta fratricida do meu paiz, admiro-me de quanto vejo! Pasmo de um sentimento de emulação que faz crescer-me o desejo de ter um poder omnipotente, para transportar estes melhoramentos todos para lá.... onde empenhados em lutas mesquinhas, esperdição o tempo e se afastão cada vez mais da civilisação!

(Extrahido do meu diario de viagem.)

AS IRMÃS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA.

« A voragem da revolução que assolou a Europa em 1848 lançou sobre nossas praias hospitaleiras 22 irmãs do Sagrado Coração de Maria, expellidas de seu convento na Allemanha; estas virtuosas senhoras tem-se dedicado á instrucção de nossa mocidade, e sua philantropia as levou a receber um numero de meninas pobres muito superior ás suas forças, o que desequilibrou suas finanças, e fez com que se achassem oneradas de uma divida de tres contos de réis e ameaçadas de uma execução; grande e tormentosa foi a afflicção que pungio as irmãs do Sagrado Coração de Maria; mas ellas já sabião que a Divina Providencia creou no Brasil um asylo em S. Christovão, onde centenares de desgraçados recebem mensalmente o pão que lhes mata a fome; onde a viuva e o orphão achão amparo á sua desgraça; onde dous anjos bemfazejos enxugão diariamente as lagrimas dos afflictos: para ahi recorrêrão as irmãs do Sagrado Coração de Maria, e como outros tantos achárão remedio á seus males; suas dividas forão pagas, e ellas repousão tranquillas. Quantos destes factos poderiamos nós citar se não fosse o temor de offender a modestia dos que beneficião com a mão direita sem que a esquerda o saiba, como determinou o Divino Mestre! »

Lemos este artigo no *Correio Mercantil*, e para logo tencionamos transcrevel-o em as columnas do nosso Jornal, onde sempre estamos promptas a transcrever qualquer outro artigo de iguaes merecimentos.

Redacção.

LINGUAGEM DAS FLORES.

(Continuado.)

DA PHILOSOPHIA DAS ROSAS.

Para ornar as lições da sabedoria, emprestão as musas uma rosa aos amores.

Estas bellas flores emblemas do prazer marcão tambem sua curta duração.

O celebre romance *da rosa* que fez as delicias da côrte de Philippe o Bello, parece que foi escripto para nos ensinar comò é perigoso ouvir um seductor.

« Um amante apaixonado, que se inquieta e agita para se apossar de uma rosa, eis o objecto do livro. Mas este amante tão terno, que nada acha igual á rosa, que elle adora, tão depressa goza seu perfume suave, como tão depressa a abandona e despreza,

A esperança do prazer é para o prazer, o que o botão é para a rosa.

O pudor deve defender a belleza, assim como o espinho defende a rosa.

O velho que falla de amor a uma joven, é como o vento do Outono, que queima a rosa sem a abrir.

Uma filha longe de sua mãi está no meio do mundo, como uma rosa que perdeu o viço.

Smindride, da cidade de Sybaris, se queixou um dia que a ruga de uma folha de rosa a tinha impedido de dormir. Eis-ahi porque o philosopho Aristippo, respirando um dia o perfume de uma rosa exclamou :

« Malditos sejão os effeminados, que fizerão descrever tão doces sensações. »

Objecto de amor e de philosophia, diz Bernardin de Saint-Pierre, vède como a rosa que immediatamente sáe das fundas de um rochedo brilha com sua propria verdura, como o zefirò a balança sobre sua haste erriçada de espinhos, como a aurora a cobre de orvalho, e como ella por seu brilho e perfume clama pela mão dos amantes?!

Algumas vezes uma cantharida, occulta na sua corolla, lhe arrebata o carmin em troco de seu verde esmeralda: então esta flor parece dizer-nos : « symbolo do prazer por meus encan-
« tos, levo em meu seio, bem como elle, o peri-
« go e o arrependimento. »

BOTÃO DE ROSA

MOÇA DONZELLA.

O botão da manhã é desbotado pela tarde.

Em todos os tempos uma donzella sempre foi comparada a um botão de rosa.

BOTÃO DE ROSA BRANCA.

Coração que ignora amor.

Antes que o sopro do amor tivesse animado o mundo, todas as rosas erão brancas e todas as moças insensiveis.

Entre muitas poesias que ha sobre a rosa citaremos a seguinte do nosso distincto litterato Joaquim Gonçalves Ledo.

Botão de rosa,
Mimosa flor,
És o retrato
Do meu amor.

Se tu tens nas breves folhas
Suave purpurea côr,
Nas pulchras faces de Lilia
Arde em chammas o rubor.

Botão de rosa, &.

Se o ar visinho perfumas
Com o teu suave odor,
De Lilia o virgineo bafo
Inspira e convida amor.

Botão de rosa, &.

Tu abres o rubro seio
Ao mimoso beija-flor,
Nos botões do seio della
Hauve vida o casto amor.

Botão de rosa, &.

(Continua.)

Inconvenientes dos omnibus.

Nada tão commodo, nem tão barato como os omnibus; é uma das invenções mais uteis de nossa época, somos os primeiros a confessal-o.... Comtudo, tem seus inconvenientes.... Aquella reunião democratica sim, porêm em extremo heterogenea, não é muito de meu gosto a dizer a verdade.... e para isso tenho cá as minhas razões particulares.

Em primeiro logar, a pouca limpeza dos taes vehiculos, que a tudo cheirão menos a *patchouly;* o segundo são os balanços e pulos que dão, capazes de esquartejar uma criatura.... e a altura dos assentos, e o pessimo calçamento das ruas, e tudo emfim, que se não fosse a necessidade de estudar um pouco este mundo, com seus interes-

Imp Jacomme & C^ie rue de Lancry, 12, Paris

COLLECTION BIBLIOTHÈQUE NATIONALE

ses tão diversos, seus dramas em acção á todas as horas, e dos quaes ás vezes conseguimos roubar alguns esboços, que logo passamos ao nosso livro de lembranças, de certo que nunca entrariamos nos taes omnibus, nem nas taes gondolas!

Aqui ha tempos deu-nos a fantasia de ir passear a S. Christovão uma tarde, e fomos ter ao largo do Rocio para aproveitar o omnibus.

Compramos os nossos bilhetes e fomos tomar posse dos logares a que elles nos davão direito.

Lá estavão quatro sujeitos. O primei o era um homem, muito aceiado, bexigoso, vivo e observador, que tomava suas pitadas e cantarolava o final da *Lucia*; ao pé delle, pallido e abstracto, estava sentado um mancebo de seus vinte e tantos annos, os traços de sua physionomia crão suaves e bellos, suspirava com frequencia e passava a mão pela testa, como para desterrar d'ali uma lembrança atormentadora....

Defronte do moço pallido havia um velho de oculos verdes, que olhava a gente por sobre os vidros dos oculos, tomava de vagar sua pitada e tossia, e com certa tosse catarral pouco agradavel.

Ao pé do velho dos oculos estava uma mulher, feia e no declive da mocidade: ella olhava frequentemente para fóra do omnibus, affectava ares de grande modestia, e olhava com certa p.evenção seus companheiros de viagem.

Meu companheiro e eu completamos seis pessoas. Logo depois, nos vierão mais dois, e quando já julgavamos partir, chega todo esbaforido um sujeito, destes infelizes privilegiados pela natu.eza com a qualidade de *balões*.

O espanto dos passageiros foi extremo quando o virão dirigir-se positivamente para o omnibus!

— Com licença, senhores! disse o homem gordo.

— Como! exclamou o homem bexigoso; pois o senhor quer entrar aqui?!

— E para prova, veja.... redarguiu o gordo.

E se poz em pé na porta, não de frente, mas sim de lado, de maneira que eu, que por minha infelicidade estava junto da porta, me senti abafar pelo peso do *balão* que queria entrar!

— O Sr. não cabe aqui! disse o velho dos oculos.

O gordo deu mais um passo, e como era alto, teve de ficar meio curvado, posição que lhe augmentava a fadiga. O suor pingava-lhe do rosto e não podia tomar folego! E eu, triste de mim, quasi eclipsada, que a parte posterior do sujeito ameaçava exprimer-me contra a caixa do vehiculo!

— Senhores! disse o gordo arquejando—um logar!

— Senhor! disse-lhe meu companheiro, repare em que posição está esta senhora, a quem parece que o Sr. jurou de asphixiar!

— Oh! perdão! respondeu o pobre homem; e querendo virar-se com aquella agilidade que os gordos ostentão, foi cahir em cima da mulher feia, que tinha mudado de lugar e que ficava defronte de mim!

— Ai! gritou ella, tirem-me esta torre de banhas.... Ui! eu morro!!...

O conductor acudiu.

— Senhores! que barulho é este?!

Ninguem se entendia já dentro do omnibus! O gordo tinha cahido ali, e cada um teve seu quinhão; por consequencia todos se queixavão, cada qual procurava safar-se do enorme peso, entretanto, que o homem bola, perdendo o equilibrio, a gravata desamarrada, o chapéo no chão, o collete e suspensorio, arrebentados, bufava como um boi, suava e não podia nem fallar!...

Desaforo! gritou o bexigoso, vir cá este sujeito que só para elle é preciso um omnibus inteiro; vir aqui para pôr entalado o pobre povo.... Sr. conductor, este homem não é admissivel com um só bilhete....

Não lhe foi possivel continuar, porque com um esforço supremo dos quatro passageiros que estavão debaixo do gordo, puderão safar-se da terrivel pressão e repellir o desventurado sobre os outros quatro passageiros de diante, e o bexigoso foi o primeiro que recebeu o choque!

A luta travou-se terrivel, e os quatro homens tambem repellirão pela sua vez, o gordo que cahiu como um porquinho, porque os outros corrião para fóra e o pisavão, não sem se machucarem a si mesmos, e sem que o velho dos oculos não rolasse do omnibus abaixo, tomado de um ataque de tosse que o fez perder até os oculos!

Eu, não querendo passar por algum outro inconveniente, fui a primeira que retirei-me, rindo até mais não poder....

Quem dirá que desta passagem já decorrêrão dez annos!

ANECDOTA.

A ronda de noite avistou uma vez um individuo que á ella se dirigia, cambaleando, ou como dizem os francezes, descrevendo *zig-zags*.

O cabo da ronda deu o — quem vive? — e o

homem dos balanços respondeu — é um sobrinho do SANTISSIMO. —

Admirados da resposta, mandárão-no avançar, e o cabo fez repetir a resposta, ao que o individuo retornou:

— Sim, senhor.... e então?... Sou sobrinho do SANTISSIMO.

— Mas então como póde ser isso?!

— Como póde ser?... Muito facilmente—Meu pai é irmão do SANTISSIMO.... logo por natural raciocinio eu devo ser sobrinho!

Muito rio-se a ronda; porêm reconhecendo que o Sr. sobrinho do SANTISSIMO sahira de alguma taverna, levarão-no a passar a noite na cadeia!

UMA PASSAGEM

DO MAGICO — BOSCO.

Da *Illustration* de 17 de janeiro tiramos este pequeno artigo a respeito do celebre prestidigitador *Bosco* de quem a nossa chronica semanal deu noticia.

— Outra vez chega *Bosco* á Palermo; era tarde; a cidade estava cheia de estrangeiros, as hospedarias todas occupadas. Na hospedaria principal disserão-lhe que um capucho occupava um quarto com duas camas; mas que, assim mesmo, o reverendo o queria pagar. *Bosco* não desanima, manda dizer ao reverendo padre que, se tiver a bondade de lhe ceder uma cama, pagará toda a despeza. O capucho aceita, parte por economia, e parte talvez pelos remorsos de deixar sem abrigo uma creatura á imagem de Deus. *Bosco*, que gosta de passar bem, manda vir um frango, ceia com muita vontade, bebe uma garrafa do Borgonha, depois outra do Champagne, de que offerece ao padre; este recusa com enfado, parece soffrer com muita impaciencia a presença do intruso.

Da cama em que estava, o capucho observava com grande attenção quanto *Bosco* fazia; este fazia que o não via e como se estivesse só. Eis que de repente, depois de muitos trejeitos e contorsões que excitárão a attenção e até visivelmente a inquietação do bom do padre, pega na faca da mesa, e corta a cabeça com a maior frescura do mundo. A cabeça cahe para um lado, a faca para outro; *Bosco* abaixa-se, pega da cabeça, e entra, como S. Dionizio, a passear com ella na mão. Como se lhe disparassem uma descarga de cem pilhas electricas, o capucho salta da cama, lança-se á porta, abre-a, entra no corredor, e desce os degráus das escadas quatro a quatro gritando como um trovão: « Acudão! acudão! um furioso que cortou a cabeça. » Correm ao quarto fatal, e achão *Bosco* muito frescamente sentado, com a cabeça nos hombros, e bebendo o ultimo copo de Champagne. Perguntão-lhe que historia era aquella; responde que provavelmente o frade tivera algum accesso de febre; que estava muito bom, e que nunca passára melhor.

Não importa, diz o capucho, não quero dormir ao pé deste diabo, irei para a cocheira; foi, e *Bosco* ficou com todo o quarto.

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

> Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.
>
> MICHELET, Historia de França.

AS PRIMEIRAS GLORIAS DO JUIZ DE PAZ.

Meio dia batião os differentes relogios da cidade, quando o juiz de paz e Julião Fabre forão introduzidos pelo coronel Corvalan á presença de S. Ex. o Sr. governador.

Máo grado ás suas ambições, o juiz e Julião sentião-se tremer diante de Rosas, não por temor que delle tivessem, nem por comprehenderem o que elle *podia e valia;* mas sim porque o vião collocado tão alto, que era para elles quasi um semi-deos!

Rosas com o seu olhar penetrante, peculiar aos homens de alta intelligencia, comprehende em um lançar de olhos os dois individuos que tinha diante de si, e no instante mesmo toma a sua resolução.

— Para Julião, a adaga dos mazorqueiros.... para o juiz de paz o barrete de *bobo*.... porque elle sabe aproveital-os onde se apresentão.

O accolhimento que faz a seus dois partidarios não póde ser mais gracioso, mais afavel, mais seductor!

Faz-se repetir os pormenores da tentativa de evasão do selvagem unitario; prodigalisa mil elogios ao juiz, a Julião, e a todos aquelles bons patriotas que ajudão a defender a causa da America!

Pobre povo, a quem uma simples noção de geographia teria ensinado o que é America, e o que valião as imposturas do seu atroz tyranno!

A deserção de Miguel, é a gota de fel que amargura o prazer do dictador, mas elle sabe disfarçar suas penas de homem publico e qualquer sentimento em que fica vencido.

N'um momento aquelles dois homens, acanhados e receiosos no principio, achão-se de novo no seu elemento, e a conversação torna-se geral.

Rosas previne a Corvalan que não ha mais despachos por todo esse dia. Corvalan inclina-se profundamente diante do tyranno, em signal de submissão, e quando torna a levantar a cabeça, acha-se ás escuras!... era a traiçoeira cabelleira, que semelhante á faixa de cupido, vendava naquelle instante os olhos do Coronel!

Aqui, grandes risadas de Rosas que se apraz em tudo quanto mortifica aos outros!

Corvalan que já está acostumado ao humor do seu chefe, não se dá por achado; colloca a cabel

(*) Vide o n. 17.

leira no seu lugar, não sem ter passado seu susto suppondo ter cegado de subito, e sáe a executar as differentes ordens que ha recebido.

Rosas envia Julião com um joven official, encarregado de ensinar-lhe a cidade e divertil-o até a noite ; e convida a jantar o juiz de paz, que fóra de si, sente-se arrebatado ao decimo quinto Céo, e na sua alegria não sabe o que diz, nem o que os outros lhe dizem tambem!

Os *buffões*, máo grado ás promessas da noite antecedente, receberão ordem de não sahir de casa, e Rosas apresenta o juiz de paz á sua familia.

As senhoras, que já estão previnidas a respeito do digno magistrado, o recebem da maneira mais amavel possivel, e immediatamente offerecem-lhe o chá dos Americanos do Rio da Prata— o mate.

Uma riquissima combuca de ouro com salva e bomba do mesmo metal é apresentada ao juiz de paz; por mais que insta, ninguem ha querido derogar as honras do hospede, e o Sr. juiz não tem outro remedio que deixar-se servir e festejar. Ao primeiro gole que sorve, uma careta horrivel contrae o rosto do juiz, um agudo gemido acompanhado de grossas lagrimas escapão ao desventurado !

Na rica bomba de ouro, está pegada a carne dos beiços, a lingua e garganta tem uma chaga que brota sangue !...

O mate feito com agua a ferver, temperado com pimenta e cantharidas, produz o seu effeito, e por um requinte de maldade a bomba tinha sido aquecida ao fogo tambem ! !

Interesse simulado rodeia a victima, e debaixo da apparencia estudada com que se lhe prodigalisão soccorros, cohonesta-se o riso que lhes provoca as contorções do desventurado.

Dadas treguas ao soffrimento do magistrado, Rosas procura fazer-lhe esquecer o infortunio do mate, ensina-lhe as habitações todas da casa, as numerosas curiosidades que reune ali.... á força de affabilidade, de cuidados e de franqueza, começa o juiz a esquecer a impressão desagradavel que deixou no seu espirito, o primeiro mate que ia beber em casa de S. Ex. o illustre restaurador das leis !

Passaros raros, armas de custo, flores de estimação e curiosidades de todo o genero captivão a attenção do juiz.

Os magnificos cavallos do general, não ficão no esquecimento; por fim antes de passar á sala de jantar já servida, Rosas o conduz á porta fechada de uma camara onde existe a ultima curiosidade que lhe fica por most ar ; ali o desgraçado juiz, empurrado com violencia, vai cahir entre as patas de um enorme tigre, que dá um rugido e abre as guelas por instincto.

O espanto do juiz chega ao seu requinte ! gritos confusos sahem dos seus labios, e por fim desmaia ! Quando a hilaridade de Rosas e seu sequito socega, retirão a victima das patas do tigre, assás inoffensivo, pois que criado pelo Rosas, ainda pequeno, não tem unhas nem dentes com que possa offender, e já está habituado a estas brincadeiras. Mas o mal aventurado juiz no seu panico terror não foi senhor de si.... e apresenta-se á sociedade.... em triste estado ! Tinha-lhe acontecido um descuido cruel !...

Rosas torna aos perdões, e o juiz vai mudar de roupa, que já lhe tinha sido preparada uma tão burlesca, que ainda mais augmentava o ridiculo da sua comica pessoa.

Depois de um longo jantar, em que não lhe tem sido possivel saciar o appetite excitado pelo enjôo, porque mal provava de um manjar, era logo substituido por outro, e que quando ia gostar deste, o prato era-lhe arrebatado pelo Rignão, que o devorava ; em que, sem saber como, todos os molhos o barrufavão, e uma compoteira de doce lhe foi entornada mesmo sobre a cabeça ; após esta longa serie de amofinações, chega o café e os licores, e o juiz remata a funcção bebendo uma chicara de café, composto de uma mistura purgativa adoçada pelas frequentes libações de *marrasquino e de anisset*c....

Era quasi noite quando se levantárão da mesa e passárão ao salão onde innumeras visitas esperavão ; ali o juiz é de novo apresentado e preconisado como insigne campeão.... entretanto o infeliz sente um mal estar constante acompanhado de fortes vertigens, de dores estranhas no estomago e intensas na barriga ; a sua angustia torna-se cada vez mais insupportavel, vê tudo preto em roda de si, e rola os olhos nas orbitas desmesuradamente ; por fim a purga quer fazer o seu effeito, e o juiz senta-se para melhor dissimular sem poder saffar-se do seu carrasco, que o não deixa nem um segundo. A forçada detenção aos effeitos do medicamento produzem no juiz vertigens de morte ! treme todo, e um suor frio e abundante gotéja-lhe da testa, por fim, o limite do soffrimento, pela força da tenção, quebra-se e o juiz prorompe em gemidos acompanhados de toda a qualidade de ruidos internos e externos e de outras demonstrações que o leitor comprehenderá, e sahe da sala e da casa em completa fuga, sem saber para onde vai, nem o que faz, e apupado e ludibriado por todos aquelles que notão o seu estado de perturbação.

PREPARATIVOS PARA UMA SOLEMNIDADE.

Logo que Corvalan se afastou da presença de S. Ex. despediu os amanuenses e annunciou ao publico, que esperava nos pateos e salões, que o illustre não despachava mais por todo aquelle dia ; depois montou a cavallo, e aparentando preencher uma officiosidade toda sua, espalhou a fausta nova da captura do selvagem unitario, tão importante ; porque as virtudes do Dr. Alsina, a sua alta e reconhecida intelligencia e suas nobres e raras qualidades, cercárão sua bella cabeça d'aureola resplandescente do prestigio, desde sua mais tenra mocidade.

Era um grande triumpho para Rosas anniquilar no fundo de uma prisão a influencia de um homem como o Dr. Alsina, designado pela propria natureza como um dos chefes do partido opposicionista, chefe tanto mais perigoso quanto que uma reputação sem nodoa, um caracter grave, reflectido, uma exactitude de juizo pouco commum e sua reconhecida prudencia, o recommen-

davão ao conselho dos que farião a guerra ao systema assassino do usurpador Rosas.

Corvalan percorrendo ao galope as ruas da cidade de um extremo ao outro, com a sua figura de D. Quichote, sua cabelleira giratoria e sua influencia como famulo de Rosas, desperta a curiosidade geral e assusta os pacificos cidadãos.

Como acontece geralmente, o facto primitivo e desfigurado; e assim como o sujeito da fabula que para experimentar a discripção da sua mulher, confiou-lhe — que uma noite puzera um ôvo — e ouvir no dia seguinte correr o boato pela cidade que elle tinha posto em uma noite —Cem ovos; assim a captura do Dr. Alsina, era acompanhada das mais extravagantes noticias, e corria como indubitavel que, semelhante á *Pesca Miraculosa*, o restaurador colhera de uma vez todos os traidores Unitarios, refugiados no Estado Oriental,

O primeiro passo de Corvalan é pôr em movimento a sociedade popular Restauradora (alias Mashorca) e em menos de uma hora a cidade cambiou de fisionomia.

Todo o mundo corria a fechar-se na sua casa; os criados deixão seus amos e seus proprios senhores servirem-se pelas suas mãos, e corrião pelas ruas a gritar e a gozar da — *Liberdade!*

A Mashorca percorria a cidade, acompanhada de uma banda de musica militar, seguida da populaça, suja, rôta e esfarrapada, a qual respondia os vivas e os morras, e apedrejava as janellas e os lampeões da illuminação por—passatempo.

Os pretos reunião os quarenta *candonbes*, e os batalhões da cidade erão chamados aos seus quarteis; para cumulo de confusão, salvava o forte (1) disparavão-se foguetes e repicavão todos os sinos das Igrejas.

Foi sempre o calculo de Rosas, e a necessidade vital de sua existencia politica.—Guerra e festejos populares!

Muitas recriminações pesarão sempre sobre o povo portenho; sem se lembrarem, que as maçãs que sacudirão a resolução de 1810 não tiverão o tempo de morigerar-se, e que devoradas por uma febre insacravel de revolução, de movimento, de animação, de delirios, encontravão no systema de Rosas, os elementos unicos que podião sacial-as; culpão o povo portenho sem se lembrarem dessa briosa, e valente juventude que correu aos campos de batalha, e que marchou ao patibulo com igual denodo, sellando com o seu sangue o protesto mais eloquente contra o tyranno argentino.

Por isso Rosas, que era o primeiro representante da reacção colonial, teve sempre o cuidado de trazer esse povo baixo em continuada agitação, para que a sede ardente que o devorava não se tornasse um dia contra elle e o massacrasse. Por isso ás eternaes expiações funerarias do ex-presidente da republica, Dorrego, que durarão um anno, seguio-se a grande expedição ao deserto e a lucta com o probo e virtuoso Balcarce; seguio-se a celebração do triumpho do partido vermelho, cujo chefe era Rosas.

Morre assassinado pela propria ordem de Rosas, o general Quiroga; e as homenagens funerarias seguem até que o processo dos Reinafés absorve a attenção publica.

Fuzilados os Reinafés, encarcera Rosas o francez Bach, assassina-o e então surgindo as reclamações do governo francez, inventa o tyranno o famoso desatino do Americanismo puro, e colloca-se a si mesmo como o campeão da America e dos direitos sagrados da Independencia! como se a França podesse neste seculo, nem nação Europea alguma, aspirar de novo a conquista do vasto continente de Coloso!

Foi d'essa epocha que datão as felicitações, as procissões e as assignaturas *espontaneas* dos martyres, rogando ao seu carrasco que continuasse a atormental-os.

Rosas pois, não perdia occasião de alimentar a embriaguez delirante da populaça e a preparava aos excessos de 1839 e de 1840.

Continua.

(1) Casa do Governo.

Daremos para o numero seguinte a linda modinha composta pelo Sr. José Rufino R. de Vasconcellos sobre o assumpto das quadrinhas. Intitula-se mesmo — O BOTÃO DE ROSA.

Acompanha este numero um figurino de rigoroso *toilette* para grande baile.

JORNAL DAS SENHORAS.

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS: o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

SUBSCREVE-SE para este jornal nas casas dos SRS. WALLERSTEIN E COMP. R. 70, A. E F. DESMARAIS R. 86, MONGIE R. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS E SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PREÇO DA Assignatura: Por tres mezes 3U000 rs. na Côrte, 4U000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro. — Typographia de Santos e Silva Junior, Rua da Carioca n.° 32.

TOMO I. — DOMINGO, 9 DE MAIO DE 1852.

O JORNAL

DO

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

O programa e condicções deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

LIÇÃO

IV.

SENSAÇÕES, EMOÇÕES, IDEIAS.

Demonstrado que os apparelhos organicos, são os conductores, ou intermediarios, que põem a *alma* em contacto com o mundo exterior ou material, como quizerdes; devo ainda dizer-vos que a alma não depende absolutamente d'elles; que a fantasia e a memoria crião ou reproduzem em o nosso ser interno—e a prova é que dormindo, por meio do fenomeno do sonho, nós ouvimos, vemos, gozamos e soffremos; fóra do sonho, temos a abstracção mental, em que fechados os olhos, ou as vezes abertos e fitos em um só logar, vemos passar visões de toda a qualidade: eis a prova mais conduscente, de que é a nossa alma quem possue as propriedades, que se attribuem aos orgãos, e que sendo a alma uma substancia immaterial, uma parcella divina, ella não depende absolutamente dos orgãos. E para prova ultima, dir-vos-hei, que na falta dos orgãos, a intelligencia redobra, e a actividade d'alma duplicada, por assim dizer, suppre o defeito da natureza—pelo augmento de percepção.—Eis os cegos, que perderão este orgão depois de alguma idade, chegarem a differençar as côres pelo tacto! e cujo ouvido e os mais orgãos que lhes restão, ficão como que em uma excitação constante, cheia de subtileza e de actividade.

A impressão que os orgãos communicão aos sentidos, ou a impressão que os sentidos recebem pelo contacto physico ou moral do não—Eu—é o que chamaremos sensação.

O desenvolvimento da sensação na nossa alma produz a emoção, e é origem do sentimento, quero dizer, da affecção boa ou má que sentimos, e da idéa.

O sentimento corresponde sempre, ao que os philosofos chamão paixões, e que os frenologistas chamão fossas da sensibilidade, affecções moraes, &c. &c.

A idéa, corresponde inteiramente ás faculdades intellectuaes; o desenvolvimento da idéa é o que chamamos juizo, e a faculdade, que desenvolve e aperfeiçoa a idéa, é o que chamamos razão!

Vede queridas senhoras, que obra tão maravilhosa é este nosso organismo, e como depois de estudal-o póde haver quem duvide da existencia de DEUS!

Comprehendemos todas as mytologias que com o nome de *cultos* existirão na sociedade em todos os seculos e em todas as épochas, ó que nunca podemos encarar sem horror foi o Ateismo... miseraveis! cegos! que negão aquillo mesmo que sentem! que não reconhecem a mão criadora nessa maravilha de mysterios tão delicada, ingenhosa e sublime—a alma...!

Inutil é dizer-vos que assim como são differentes as impressões que recebemos, assim tambem se distinguem as emoções—aquellas que nos dão prazer espalhão um bem-estar ineffavel em o nosso ser physico e moral, e nasce então esse vão desejo de prolongar e aperfeiçoar esse estado até tocar o limite supremo a que chamamos—dita, ventura, felicidade!

As emoções de dôr, pelo contrario, prostão o corpo e o espirito, queremos fugir de nós mesmos, e afastar-nos da causa do nosso martyrio.

E' neste caso que a consciencia exerce uma terrivel influencia... é inutil querer-lhe fugir; Deus gravou no coração de cada homem a lei do usto e do injusto, assim como lhe deu a percepção do bello e do feio, assim como lhe doou o instincto do bem e do mal. Por isso quando transgredimos as leis naturaes, tão augustas, tão eternas, quanto simples, a nossa consciencia se opõe, e quando não a escutamos, satisfeita uma vez a paixão ou o desejo, que não sabemos dominar, sentimos o remorso, o remorso que só o arrependimento apaga, porque satisfeita a lei natural,—a lei de Deus—ficamos em paz com nosco mesmo.

Se nos convencessemos destas pequenas verdades que acabo de demonstrar-vos, se nós tomassemos o trabalho de estudarmo-nos com vagar, a quantos desgostos nos pouparíamos!... Em si mesma encerra cada criatura todos os elementos de ventura e de desgraça; Deus lh'os deu, e lh'os deu pela intelligencia, pela razão e pela vontade — os meios de luctar, de dominar-se a si mesma e de triumphar... querer e poder!

Mas tudo vai vivendo como póde, e poucos são aquelles que perscrutão a obra divina e procurão preencher a sua missão na terra!

(Continua.)

PHYSIONOMIAS.

Foi uma manomania que me assaltou desde minha mais tenra mocidade, a de estudar as physionomias; ora naquelle tempo nem eu suspeitava que existisse Lavater, e já por uma curiosidade indesivel eu procurava comparar a physionomia dos homens e *das mulheres* (já se entende) com a physionomia dos animaes. Nada é tão certo como essa analogia mysteriosa, essa semelhança do rosto humano com os brutos... estudae linha por linha, segui-as, prolongai-as, e depois procurai entre os animaes, e ficareis admirado do resultado.... e não procureis só entre os mamiferos, que são os que mais se aproximão ao homem, estudae a physionomia dos passaros, a dos peixes, a dos insectos, e convencer-vos-heis.... E se tiverdes occasião de estudar os sentimentos, de conhecer os instinctos do individuo, mais confundidos ficareis comprovando que os seus instinctos são os do animal, ou animaes que se lhe parecem, porque as vezes o rosto á primeira vista apresenta uma semelhança enganosa. E' necessario um estudo muito vagaroso das differentes linhas da physionomia para fixar o primeiro esboço de semelhança comparativa.

Eu não duvido que este estudo seja uma manomania, que a semelhança seja só uma exaltação da bossa do miraculoso, porêm ainda que assim seja, a phrenologia e a physionomia sempre serão dois estudos curiosos que nos levarão apos immensos descobrimentos.

Eu tenho contrahido tal habito de estudo, que as vezes acontece-me deixar de prestar attenção ás palavras e procurar o fundo do pensamento do meu interlocutor... e podereis acreditar que tenho revelações importante, e que das mais da vezes essas tristes revelações me demonstrão o contrario daquillo que os outros me querem persuadir!....

Através do vidro da mystoriosa e magica luneta deste estudo, quantos desenganos tenho eu tido?... E que immenso vacuo deixa no coração essa perda das illusões!...

Outras vezes um riso convulsivo e sardonico acolhe essa certeza de que somos a victima da falsidade.... é curioso!... Observai aquelle sugeito, cujo rosto pronuncia a taciturnidade do moxo, a vaidade do pavão, a dissimulação do gato, a estupidez inuata do asno—uma educação

esmerada corrigiu esses defeitos todos, e deu-lhe a instrucção e a polidez social.... com tudo os instinctos naturaes ainda se deixão perceber a quem se toma o trabalho de perscrutar no individuo physico, o vago esboço do individuo moral. Estudai esse homem; elle vos falla sempre em funções, é brincalhão, quer parecer alegre, para disfarçar sua taciturnidade natural.... por que todos procuramos parecer aquillo que não somos.... estudai sua linguagem, estudai seu vestido e vereis que tudo nella respira vaidade como elogia os mais para que lhe retribuão seus elogios.... ouvi-o raciocinar, máo grado seu habito do mundo, no fundo achareis nelle a tenacidade e a triste avidez do estupido animal a quem se assemelha!

Olhai para o rosto daquella mulher.... o que A os diz elle?

Nessa mansidão apparente, nessa humildade de encommenda, achareis a *zorra*. O todo dessas feições toscas nada prometem de distincto nem poetico.... nessa testa mal delineada vereis a falsidade; nesses olhos, de olhar apagado e que fogem sempre, receai a traição; esse nariz prolongado e curvo como o bico do papagaio, denota indiscripção, essa boca avultada e grande, dizem que é falladora e sensual.... Pois ouvi as confidencias dessa mulher.... ella dir-vos-ha que é—sincera, discreta e espiritualista.... Tudo vae assim.... e teremos de obstar entre a injustiça que condemna, acreditando penetrar o a cano do *Eu* de outrem, ou a boa fé, que é sempre victima da falsidade dos malvados!

ANECDOTA.

UMA POR OUTRA

Em certa reunião onde todos brincavão, comia-se e conversava-se á grande entre os ditos agudos, e as resposta de fazer estalar de riso a mais não poder, sahiu-se um moço muito sério com a seguinte passagem.—Quando eu estudava philosophia em 1831, o nosso padre mestre, que era de poucos amigo e usava d'oculos fixos, apenas as entou-se para antrarmos em licão, principiou a sacudir dos olhos uma mosca que importuna e tenáz não lhe sahia de cima de um dos vidros dos oculos; depois de muitas sacudidelas, e de já ter chegado o altivo padre mestre ao estado de frenesi fradesco, tirou os oculos e poz-se a miral-os, suppondo que estivessem besuntados de melado.... ora o que havia de ser a tal mosca, e como poderia d'ali sahir, se era um ponto de tinta com quatro rabiscas e meia, que os estudantes lhe havião pintado nos oculos muito de proposito para fazel-o dar aquelle espectaculo!!!

Ah! ah! ah! ah! Foi uma risada geral, e todos applaudirão o historiador.

Sáe-se porem d'ali um gaiato doutor e diz por sua vez—Ora esta é como outra que aconteceu á minha vista estando eu em Coimbra.

— Vamos á ella! Vamos á ella! repetirão em coro os amaveis.

—Eu lhes conto. Fui a uma festa de igreja em domingo, dia de S. Matheos, que ali se festejava com grande pompa, e antes principiarao a repicar os sinos e a dobrar por tal fórma, que não sei como despega-se lá da torre o sino grande e vem abaixo.... zupte! e abafa tres sugeitos que estavão em pé a conversar! com tão grande felicidade que não machucarão nem um dedo se quer!

—Ora viva! e o badalo não offendeu a ninguem? perguntou o sugeito da historia dos ocuos, com áres de muita agudeza.

—O badalo, respondeu-lhe o doutor a rir-se como um perdido, o badalo cahiu por entre os tres homens, com tanta subtileza como a que os estudantes tiverão para pintar uma mosca nos oculos *fixos* do padre mestre!

Oh! minhas senhoras, que gargalhada geral! Como ficou enfiado o moço da historia!..

POESIA.

Queixumes do Nauta.

Era ella meu sonho doirado;
Era ella meu puro viver;
Era ella o prazer desejado,
Abraçal-a, depois — só morrer.

Era ella que eu tinha na mente
Que inda jovem, amor exaltou;
Sua imagem foi lava que ardente
O meu peito de amor suffocou.

Foi por ella, que era minha alma,
Que corri, que vuei á batalha ;
Por trazer-lhe da gloria uma palma
Ou nas vagas ganhar a mortalha.

Foi por ella que os rijos tufões
Sobr'as vagas do mar affrontei ;
E os roncos dos ferreos canhões
Com semblante de ferro encarei.

Em meio d'acceza voragem
Dos canhões ao confuso vapor,
Eu a vi com alva roupagem
A enfundir-me, a legar-me o valor.

Quando as ballas cruzavão aos pares,
E granadas por sobre o convés,
Eu a via a voar pelos ares
A animar-me de novo outra vez.

Foi por ella que o gladio impunhei
E ouzado feri na abordagem,
Foi por ella que inigos prostrei,
Como o raio na curta passagem.

Foi por ella que em luta renhida
Forte alento no peito eu senti ;
Tendo a vida nas armas perdido
Braço a braço lutei e venci.

Foi por ella que ouzado atrevido,
Pela patria esta vida arrisquei ;
E por ella tambem fui trahido,
Boa paga da patria encontrei !

Meu viver foi apenas um sonho,
Que a verdade cruel dessipou ;
Foi da tarde o crepusculo rizonho
Que o manto da noite embrulhou.

Solomon.

Meus queixumes.

Prefiro a vida acabar,
Do que viver sempre assim ;
Ter um tormento sem fim,
A gemer, sempre a chorar !
O que mais póde esperar
Quem a um homem adora ?!
Quem debalde aos céus implora
Termine o seu padecer ?!
Para quem sempre a soffrer
Passa a noite vem a aurora ?!

Infeliz logo ao nascer
Que eu fosse o Fado assentou ;
D'esse instante começou
De meus males o correr !
Mas tão continuo soffrer
Não abranda o meu destino...
Paciencia, eu me resigno.
Quanto deve inda durar
Tal martyrio, tal penar,
Só sabe o PODER DIVINO ?

C.

CHRONICA DOS SALÕES.

Já sei, já sei que estaes muito arrufada commigo.... Assim mesmo hade ser. Não vos appareci domingo passado, não vos dei as novidadezinhas da semana, por consequencia, pobre de quem escrevinha ! não cumpri com os meus deveres, nem satisfiz o vosso desejo ! Pois façamos as pazes agora, querida leitora, neste momento mesmo, sim ? E mostremos aos praguentos que nós não sabemos guardar offensas, quanto mais —arrufos !

Ora venha, venha lá esse abracinho.... Bravo !

Agora, muito bem ; vou dizer-vos a razão que tive para vos faltar domingo, e vede em vossa alma e consciencia se não vos mereço desculpa.

Uma das minhas especiaes amigas, a Sra. D. Maria Luiza de Azevedo, essa mãi carinhosa e desvelada, acaba de perder seu filho mais velho, joven digno de todas as attenções por suas bellas qualidades e de mui grandes esperanças na carreira das letras que tão intelligentemente as havia encetado ! Senti vivamente essa perda fatal ; e a dôr e o pranto da amiga tornárão-me incapaz de tudo que não fosse sentir com ella a morte do seu querido filho !

Nessa mesma occasião perdia tambem o seu unico filho a Exm.ª viscondessa de Olinda. Que desolação !

Transcreverei aqui os ultimos versos feitos pelo joven talentoso, o Sr. Manoel Antonio Alvares de Azevedo, antes de adoecer « como antevendo a sua morte : é o canto do cysne moribundo : »

SE EU MORRESSE AMANHÃ !

Se eu morresse amanhã viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã ;
Minha mãi de saudades morreria
Se eu morresse amanhã !

JORNAL DAS SENHORAS

IL SOSPIRO

CANZONETTA

POESIA DE SILVIO PILLICO

MUSICA DE LACOURT

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

Roll:

a tempo

sen_te, Che brama pie_tà : De_lor é sos_...pi_....ro

col canto ff l' a tempo.

D'un cor'seurá_ i_....ta, Per cui piú la vi_....ta In_canto non

f. p.

ha, Per cui piu la vi_..ta In_..can_to non ha.

f p p f.

Speranza é sospiro
D'un core, se agogna
Se mira se sogna
Ridente balen:
Timore é sospiro
D'um core abbatuto
Uhe forse ha perduto
Cu'ombra di ben

Timore speranza,
Dolore ed amore
Del leve uman core
Son vario sospiro
Sospiro son breve
La gioia, il martiro
Son breve sospir
La vita, il morrir.

R. BIBLIOTECA E MUSEO DA CORTE

E pure in si breve
Sospiro, o mio Dio,
M'hai dato il desio
D'accoiglierti in me!
M'hai dato una luce
Che diva si sente
Me hai dato una mente
Ch'elévasi a te.

Quanta gloria presinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdera chorando essas corôas
Se eu morresse amanhã!

Que sol! que Céo azul! que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batêra tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dôr da vida que devora,
A ancia de gloria, o dolorido afã,
A dôr no peito emmudecêra ao menos
Se eu morresse amanhã!

E após este bello genio, resta o pranto e a saudade!...

— Como está applicada!... Jornaes por aqui, livros por ali.... Bravissimo! Dir-se-hia á vista de tanta applicação e de todo este apparato que, a senhora escrevia neste momento um artigo para o *Jornal das Senhoras*....

Era, sem tirar nem pôr, o meu velho medico de partido, que veio surprender-me mesmo com *a boca na botija*, como se costuma a dizer! A posição destes senhores, quando chegão á velhos, é de importante autorisação!

— Pelo que vejo, proseguiu elle, já está restabelecida, e apenas mandou-me chamar para ser consultado em litteratura; vejamos então o artigo....

— Ora, doutor, deixe-se disso, respondi-lhe rindo-me da sua veterana curiosidade — a este papel não se toma o pulso; veja antes se tenho febre.

— Oh! Então o papelinho sempre tem o que se lhe diga.... Vejamos porêm o pulso. Está frequente!... uma, duas, tres, quarenta! cincoenta!! oitênta e tres!!! Não tem duvida. De que mais se queixa então?

— Doutor, ha dias não passo bem: frequentes dôres de cabeça encommodão-me continuamente; dôres vagas pelo estomago, corpo languido, arripios de frio algumas vezes, e falta total de appetite....

— Bem, bem, isso nada é. O que entende que lhe deve ser util? Vamos á prescripção.

— Doutor, eu entendo dever tomar um suadouro; no dia seguinte um laxante....

— Vai muito bem.

— Depois convalecença em Petropolis.

— Perfeitamente! Prescreveu em regra e na moda. *Récipe*—suadouro, laxante e convalecença á moderna. Dieta, aquella que quizer—coma quando tiver fome.

É este o systema do antigo doutor ha muitos annos; o enfermo, e quando o não póde fazer, o enfermeiro ou parentes indicão os remedios, e elle os approva. É um medico condescendente.

— Agora, doutor, que está acabado por hoje o seu magisterio nesta nossa casa, conte-me como amigo o que vae de bom por esse mundo: tenho estado tão retirada da sociedade, que de nada sei.

— Duvido muito; disse-me elle sorvendo uma extensa pitada. Aposto desde já que hade saber—que a Zecchine nas repetições da *Rainha de Chypre*, *Lucia*, e *Maria de Rubenz* tem cantado satisfatoriamente, e vae fazendo progressos e brilhanturas? — que deu aos seus amigos e aos paparrotões um explendido jantar, onde se fizerão saudes do trinque ao som do tinir de copos enrubecidos pelos vinhos mais especiaes e macios, que puzerão em *papos de aranha* a mais de quatro? — que a Stoltz já voltou de Petropolis arejada e restabelecida, e vae dar uma lição de mestra a muita gente, que ainda entende que o *necessario* está a par do *impossivel*? — que a interessante Baderna tem sido vitima da mais baixa e vil intriga, desgostando-se assim por todos os meios e fó mas reprehensivas uma das melhores dançarinas que tem tido os nossos theatros, até fazel-a soffrer o mesmo destino a que outras artistas de igual merecimento tem sido impellidas, e sempre couspurcadas pela mesma nefanda mão, que fermentará todos os theatros do Brasil onde lhe derem entrada infelizmente.

— Bravo, Sr. doutor! gostei de ouvil-o. Este um amador ás direitas das nossas scenas theatraes! ora queira Deos que não deixe ir-se o coração no bico do sapatinho de alguma pirueta... ou ao som de algum *lá maior*...

— E diga-me já sabia destas novidades? interrompeu o doutor como quem não me ouvia.

— Pouco mais ou menos; os jornaes teem dito alguma cousa a este respeito, e pelo jogo das correspondencias successivas já descubri um dos dedos da *tal munheca* de que me falla. Mas não são novidades doutor!

— Pois espere um pouco mais D. Bellona, disse-me elle em tom de profecia, e verá se, são ou não, novidades as que lhe conto com a precedencia a qualquer jornal, de 20 a 30 dias. E declarou-me baixinho certas intrigas e certos planos.

— Assim será... respondi um pouco triste. Pois doutor eu confio muito na justiça do povo

sensato e na assidua vigilancia das autoridades. Porque não axtirpão o mal!!..

— Qual povo e qual justiça (poz-se o velho em pé) ha cousas que ella não póde deliberar, e elle como um patinho deixa-se ir pela agua abaixo.... Com esta vou-me embora D. Bellona—*suadouro, laxante, convalecença á moderna.* Até amanhã.

— Minha ama dá licença!

— Entra Santos; o que temos de novo?

— Estas duas cartas e este bilhete: os portadores ficão esperando.

— Sim, eu já os despacho.

Vejamos a correspondencia... oh! uma carta da Redactora em chefe!..

« A respeito do meu drama vaudeville, intitulado a *Saloia*, que tem de ser representado no theatro de S. Januario quinta feira proxima, basta um simples annuncio vosso; será melhor que fazer uma especie de resenha, porque póde alguem, por caridade christã, suppor que têço elogios á mim mesmo, e é cousa que nada me agrada. » Resposta: — querida Redactora não estaes com o seculo! obdeço ás vossas determinações, mas não apoio a vossa modestia neste caso.

O que se conclue desta modestia é que os jornaes já declarárão, que forão offerecidas ao J. Caetano dos Santos tres peças—O velho bailarino, o Roceiro na côrte, a Perola do Brasil—e a vossa *Saloia* ficou no tinteiro, assim como as outras composições que já lhe tendes offerecido. Isto bem traduzido, quer dizer—que vós não vos déstes ao trabalho de vos entender com os *factos diversos*. Bem sabeis que quem advinha vae para a casinha.

Vamos á segunda carta. « Minha feiticeira (muito obrigada) voce que está na côrte, e com todas as proporções, veja se póde copiar esta, addicionar-lhe algumas palavras bonitas, com que voce tanto me embelleza, e remettel-a á casa do Mongie, rua do Ouvidor n. 87, indo de cima para baixo, ao lado direito, com o sobrescripto á Redactora em Chefe do *Jornal das Senhoras*, para que ella tenha a bondade de publicar estas toscas linhas em favor do baile novo, Nitherohiense, instalado na antiga e elegante casa do baile Praiagrandense, e dirigido pelo seu digno presidente o Sr. José Maria Rabelo.

Estou tão influida com este novo baile, que pareço mesmo uma menina de 16 annos! Quando entrei naquelle vasto salão, illuminado com os seus dessete lustres, guarnecido de bellas e interessantes meninas, trajadas com gosto e simplicidade, dei um profundo snspiro, e com bem saudades muito me lembrei do meu tempo do baile da Praia Grande.... desse baile que me deu tantas noites divertidas! Sempre foi o primeiro que se instalou no Rio de Janeiro, e o primeiro que fez casa e casa como não temos por ora outra tão boa e apropriada. Mas já nesse tempo reinava a praga das *agulhas ferrugentas;* alguns mezes depois de concluido o salão a sociedade foi a baixo, e morreu! Imaginai, pois, o prazer que tive quando de novo entrei nesse salão, depois de 16 annos, e quando já nenhumas esperanças me restavão de vêl-o passar de casa da camara á casa de baile outra vez! Estou douda de amores pela Sociedade Nitherohyense! Sou socia, e faço votos para que ella prospere e continue a brilhar como brilhou na primeira noite da sua estreia.

Resposta.— É recebida com especial agrado a sua carta, minha amiga; mande-me convidar para outra vez, e continue a escrever.

O que será este bilhete? Leiamos— « Bellona, estou ul imando um episodio intitulado—os meus amores—para te mandar no Domingo. Aquella carta que recebeste pela casa Mongie, por quem és, não lhe dés publicidade por ora: ha seus *ff e rr* em que havemós conversar. »

Fica esperada até conhecermos os *ff* e *rr*. Venha o episodio quanto antes.

— Santos!

— Aqui estou minha ama.

— Vae dizer aos portadores, que estão esperando, que se podem retirar; depois volta cá.

— Ja estou a caminho, e estarei de volta.

Reservei este espaço para registar aqui mais um acto de bondade e filanthropia Imperial. « Consta-nos que S. M. o Imperador, sabendo que o pastor protestante da colonia de Petropolis estava gravemente doente, e por falta de meios não se retirava para esta corte como lhe fôra aconselhado a fim de fazer-se-lhe a operação de que carecia, enviára ao dito pastor, que é tambem seu mestre de lingua alemã, um bilhete feito de seu proprio punho, o qual continha dentro a quantia de cinco contos de reis para occorrer ás despezas do seu curativo. »

Adeus minha estimavel Redactora. Vou ver hoje os retalhos das peças — Anna la Prie, Macbeth, e Maria de Rudez que nos offerece o theatro Provisorio em companhia da deliciosa caxuxa

executada pela Baderna, e não sei quantos pedaços de bailados do côrpo de baile.

Talvez por atacado fosse muito melhor a venda. Veremos e ouviremos.

— Promptissimo!

— Bem, Santos, agora leva estes papeis á Sra. D, Joanna, e dize-lhe da minha parte que o dito, dito.

6 de Maio

Bellona.

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel lucta.

MICHELET, Historia de França.

O Dr. Manoel Maza, sogro do proscripto Alsina, foi o protector da mocidade de Rosas, o amigo indulgente, que encobria as extravagancias do moço e que mediava sempre entre este e seu pai.

Amigo dedicado e conselheiro prudente, relevantes provas de dedicação, dera o Doctor á Rosas, e o dia que este subiu ao poder supremo acumulou empregos e honras sobre o seu velho amigo.

O processo dos Reinafés. foi o abismo que separou para sempre os destinos de Rosas e seu conselheiro...

O abi mo sem fundo onde rolarão extinctas as lembranças da sua longa e constante amizade!

O D.·. Maza collocou a sua assignatura debaixo da sentença que condemna a á morte os Reinafés... e desde esse dia tremendo, em que a lei serviu de mascara á mais atróz e nefanda vingança, o remorso principiou a sua obra de purificação sobre a alma do ex-conselheiro de Rosas!

Quaes os erros, quaes as culpas do Dr. Maza!.. não as aprofundaremos nós.... Diante do seu cadaver sanguinolento e insepulto, ó fuzil do instoriador quebra-se, e uma lagrima de piedade cáe sobre esses ossos alvejantes no meio do campo. Porque o infortunio do homem assáz resgatou a culpa do juiz!

Retirado á sua quinta do bairro de Monserrat, nada suspeita o Dr. sobre a captura do seu genro, que o suppõe ainda no Brasil.

E' a tarde do dia em que Alsina chegou a Buenos-Ayres... o Dr. Maza está com a sua familia reunidos em uma vasta sala, cujas janellas deitão para o jardim.

O ruido que atordoa a cidade chega já enfraquecido até á morada da familia Maza, e como estão acostumados a esse furacão constante de —vivas, de morras, de foguetes, de repiques e a toda essa algazarra mashorqueira emfim, não se desperta a sua curiosidade por isso.

Uma tintura melancolica está espargida sobre a physionomia d'aquella familia, indicando alguma coisa de mysterioso e deploravel n'aquella casa, cujos moradores só se fallão em voz baixa, onde em longas horas, curvado cada um á um a fazer qualqner não se pronuncia uma só palavra, não se liga conversa de qualidade alguma.

O Dr. Maza é homem de fisionomia varonil e intelligente, robnsto e de natureza vigorosa, porêm desde o dia da execução dos Reinafés, seus cabellos tornarão-se brancos, seu corpo curvou-se, suas mãos principiarão a tremer, e uma vellhice prematura o aproximou vinte annos da sepultura!

Assentado ao pé de uma janella, em uma grande poltrona, seu olhar triste e contemplativo, se perde no espaço, como se elle ora-se mentalmente.

Sua mulher, D. Mercedes, e a sua outra filha a Sra. de Guerrino, assentadas a poucos passos d'elle, escolhem em um cesto de mimosas e fragantes flores as melhores que devem ornar o oratorio do qual ellas tão religiosamente cuidão!

N'outro extremo da sala um joven militar, typo de belleza e de elegancia, está em pé, deixando girar pelas flores do jardim, seus negros e brilhantes olhos.

Aquelle moço era filho natural do Dr.; tinha o seu nome de familia, e ignorava que D. Mercedes não fosse sua mãe porque, aquella santa senhora só tivera indulgencia para a falta de seu marido, e coração de mãe para o innocente fructo d'essa mesma culpa....

Este rasgo do caracter de D. Mercedes revela quem era a mãe da esposa de Alsina e de Guerrico.

Profundo silencio reina no salão, onde as emanações suaves das flores lhe dão uma atmosphera particular.... esta quietação é interrompida pela chegada de Corvalan.

A incorrigivel cabelleira deixa em descuberto a nuca do coronel, e cobre a sua testa exacta

(*) Vide o n. 17.

mente como se fosse um barrete de dormir. A' sua entrada na sala, Corvalan recúa a cabelleira, porêm infelizmente falto de calculo volta de traz para diante, e os raros negalhos dos seus ruços cabellos ficão espalhados pela descoberta careca.

O coronel comprimenta as senhoras, aperta a mão aos cavalheiros, e assenta-se.

—Temos alguma boa nova pela cidade? pergunta o Dr. Maza com visivel exforço.

—Sim, temos uma importante noticia sem duvida; responde Corvalan, mas eu suppunha encontrar já aqui a D. Antonia. Acrescentou lançando em roda de si olhar prescruptador.

— Minha filha em Buenos-Ayres! exclamou sobresaltada a pobre mãe.

E o espanto e a curiosidade se debuxou em todos os rostos—querião e temião a revelação que era evidente, pela visita de Corvalan.

O joven Maza tomou a palavra.

—E que motivos tem o Sr. coronel, para suppor que minha irmãa devia achar-se aqui?

— Nada mais natural, capitão Maza; seu cunhado, o selvagem unitario Alsina; foi capturado, e a estas horas já está elle bem aferrolhado no Ponton.

Não ha palavra que possa exprimir os sentimentos, temores e augustias, que manifestava o semblante dos individuos da familia Maza.

A indignação, a dor, a execração do tyranno, querem fazer explosão, e só com grande exforço consegue a prudencia socegar aquelles animos.

—Nada sabiamos, absolutamente, nada! balbuciou o Dr. Maza.

— Muito sinto ter sido eu a primeira pessoa que viesse affligil-os, ainda que a noticia seja tão favoravel á nossa causa; porque esse selvagem unitario de Alsina é inimigo pessoal de S. Ex. o illustre restaurador, e por conseguinte os seus amigos devem estimar a sua prisão.

Corvalan trazia bem estudada a lição, com que devia abrir a primeira brecha na reputação, como amigo de Rosas, e do Dr. Maza.

— Mas em fim, onde estão minha filha e meu neto? Perguntou D. Mercedes enxugando o pranto

— Julgão que estrarão ainda á bordo: disse Corvalan.

—Ramon, acrescentou o Dr. dirigindo-se a seu filho, vae bu car a tua irmã.

— Só esperava as ordens de meu pae, responde o joven capitão. E tomando seu bonét de quartel, sahiu a correr, em testemunho da sua fraternal solicitude.

Depois da partida de Ramon, o coronel Corvalan não julgou decente permanecer na sociedade de pessoas, que se preparão a receber uma selvagem unitaria, mulher de um selvagem unitario.

O coronel, toma um ar solemne, levanta-se, comprimenta secamente ao ex-conselheiro e sua familia, e não passa o lumiar da porta sem dizer de maneira que possa ser ouvido.

Selvagens! Unitarios infames! todos são uns!!

Continua.

Por mui desculpavel inconveniente não damos hoje como haviamos promettido a linda modinha—O BOTÃO DE ROSA.— Em substituição offerecemos porêm uma terna cansoneta italiana—IL SUSPIRO, musica que nos foi offerecida por um amador, e composta pelo Sr. Delcourt.

Redacção.

JORNAL DAS SENHORAS.

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

SUBSCREVE-SE para este jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN E COMP. n. 70, A. E F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS E SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PREÇO DA Assignatura: Por tres mezes 3U000 rs. na Côrte. 4U000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro.—Typographia de Santos e Silva Junior, Rua da Carioca n. 32.

TOMO I. — DOMINGO, 23 DE MAIO DE 1852.

O JORNAL

DOS SANTOS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

O programa e condicções deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

MODAS

Prometido é devido, e por isso vamos ao caso. Por ora não conheço melhor panacea para todas as especies de molestias do que a distracção; e como o preparar um artigo de modas para vos offerecer é sempre para mim uma grande distracção, estou quasi crendo que se hão de ir embora de todo umas desengraçadas dôres de cabeça que martyrisão-me, desde que o meu visinho, que é do batalhão dos estropeados, comprou um preto barbeiro com seus principios de rabequista, para alegral-o nas horas de descanço e atormental-a visinhança que não partilha do *seu bom gosto*. Já me lembrei de fazer a minha criada aprender a tocar zabumba ás mesmas horas, a ver que tal vai o *concerto a duo* aos ouvidos musicaes do bom do homem. Se achar uma zabumba em segunda mão é muito possivel que ponha em pratica o meu plano.

Principiarei por dizer-vos que a estação não está ainda difinitivamente estabelecida; se no Brasil houvesse outono desde já eu fallaria nos vestidos de lã e nos mais accessorios que nos resguardão das constipações e dos defluxos, mas como isto por aqui não ha, e o inverno ainda não appareceu, estamos na chamada *transição*, e a moda em nada differe por agora. Tambem ella tem-nos sido tão apropriada estes ultimos mezes, temos tantos moldes de vestidos bonitos e elegantes, tão felizes modificações e alterações em todas as fazendas e enfeites, que não se me dá de dizer que por algum tempo ainda as mudanças e variações da moda consistirão unicamente na caprichosa perfeição dos enfeites, e no gosto requintado da fantasia e delicadeza dos estofos.

É para admirar a variavel e exquisita guarnição desses enfeites que a casa de Mme. Barat recebeu ultimamente de Paris: a arte presidida pelo trabalho do mais apurado bom gosto parece nada mais ter a fazer depois da criação de taes enfeites! Elles só por si fazem uma moda distincta.

Ao mesmo passo ao armazem Wallerstein vão

chegando as mais delicadas e valiosas fazendas, pela maior parte das vezes ainda não estreadas em Paris, graças á solicitude e antecedencia com que elle previne as suas remessas mensaes; a transparente casa Paquet com o seu sortimento de blondes; a de Mme. Hortense Lacarrière com a sua longa fila de lindos e bem ornados chapéos; a de Mme. Josefine, a do Castel, etc., cada uma em seu genero, attestão bem seguramente o desenvolvimento necessario do luxo e do bom-tom do Rio de Janeiro.

Por certo o mundo elegante de Paris não traja hoje melhores e mais distinctas fazendas, de que nós usamos por cá. E' decisão que já passou por julgado, e que a minha mui distincta antecessora perfeita e minuciosamente vos explicou.

E' por estas alturas, e de passagem, que eu devo estranhar o modo acerbo e intoleravel com que se offende, sem respeito ás leis, sem nenhuma razão, mais que talvez *conveniencias pessoaes*, a negociantes, passivos e honestos, cujo unico *defeito* é negociarem em fazendas e objectos de luxo. Que vos importa o consumo das modas da rua do Ouvidor, se antes ainda não déstes um só passo para a civilisação do nosso paiz, se ainda não principiastes a ensinar ao povo quaes os seus primeiros deveres? Tirai-vos dessa preguiça, trabalhae, armae fabricas, fazei tecidos, vesti os nossos patricios, e então gritae contra o estrangeiro que vier depois usurpar os vossos direitos. Antes, não; porque é indecoroso insultarmos em nossa casa o hospede honrado e civil, que não nos tira, mas offerece-nos os commodos e regalos da vida á par da delicadeza e perfeição de suas obras.

Se algum d'entre elles vos chamar a um Tribunal, cuidado...! não sei como podereis provar o que avançastes....

Desculpae, querida leitora, que eu vos tenha por um instante deixado só. Fui enxotar com a sola do meu sapato a um *gôzo rafeiro* que nos incommodava; mas já aqui estou para continuar o nosso artigo.

E' indubitavel que as fazendas francezas tem alcançado entre nós aquelle gráo de conceito ao qual necessariamente havião de chegar, desde que tiverão de concorrer com outras que degenerando de sua antiga perfeição e tornando-se o seu tecido apenas apparente e de pouca duração, devião ceder o mercado á aquelles que melhores manufacturas apresentassem. O pano, as casemiras, os morins de todas as larguras, os brins, as porcelanas, as bijouterias, as sedas, as lãas e as cambraias de luxo, quem póde duvidar que as francezas são decididamente preferiveis?

Quaes são as fazendas que se apresentão em o nosso mercado revalisando com ellas, e que nos offereção um melhor attestado de sua perfeição, delicadeza, ou durabilidade? Quem não reconhece que o pano francez é hoje o mais bonito e o de mais dura? Os homens já não procurão outro pano para as suas casacas, sob ecasacas e paletots. Quem deixará os fortes e bem tecidos morins largos e as fazendas de linho, propriamente chamadas *lençarias* que nos importa a França, para irmos comprar, por menos, outras que fazem a mesma vista, mas que sómente nos durão a terça parte do tempo que aquell'outras?

Nas fazendas de luxo e de capricho não ha quem por certo as imite; seus desenhos delicadissimos, sua tintas fixas, seus diversos tecidos finissimos e uma fantasia sempre variada e presidida pelas felizes combinações do genio e do gosto, sempre elegante e artistico dos francezes, dão ás suas fazendas uma belleza e novidade a que se não póde resistir, e d'ahi provêm essa preferencia absoluta que a moda lhes dá com toda a razão.

Como são lindos os diafanos chapéos que ultimamente chegárão! As toucas suissas, e as touquinhas de detenção dos cabellos, no vestuario de andar em casa, são objectos mui bonitos, e accessorios de grande e reconhecida necessidade.

As touquinhas apenas cobrem parte da cabeça e prendem por baixo do queixo com duas pontas de tiras bordadas. São feitas das mesmas tiras bordadas, franzidas ou em pregas largas.

Vem a proposito apresentar-vos nesta occasião o nosso padrão de riscos de diversos bordados a ponto inglez, para delles fazerdes o uso que melhor entenderdes. Alguem dirá que nós de taes padrões não carecemos, hoje que temos os bordados de todos os valores e especies importado pelo estrangeiro por um custo favoravel e ao alcance de todos: assim é. Mas, um proveito ainda assim eu vejo que se póde tirar destes padrões. Tenho observado que a maior parte dos collegios não cuidão dessa secção de um trabalho tão importante como é o bordado a ponto inglez, e sómente applicão as meninas ao bordado de lãa ou seda, que tambem é mui bonito, mas não tem o destino immediato d'aquelle. Pois bem, em casa, junto de sua terna e boa mãe aprendão ellas a fazer tambem os bordados da nossa estampa.

porque lá virá uma occasião em que desejarão bordar, por suas proprias mãos, um lenço para uma de suas melhores amigas, uns delicados paninhos de barba para o seu querido esposo, um collarinho ou uma polka para o extremoso filhinho, e contentes irão executar o seu intento.

Para isto ao menos servirá o nosso padrão de bordados, e me darei por feliz. Tenho tambem uma filhinha, que a tirei do collegio, por ver que se lhe não ensinavão as cousas mais uteis que eu desejo que ella aprenda para um dia ser boa mãe. A religião é ali de todo esquecida, assim como outras circumstancias de grande influencia ao futuro, para serem substituidas por frivolidades que só chegão a illudir os paes incautos; minha filhinha está pois aprendendo com sua mãe aquillo que ella lhe póde ensinar, e mais tarde, quando lhe eu tenha já firmado a consciencia e o raciocinio, virão os mestres aperfeiçoar a minha obra.

Não approvaes, querida leitora, o meu proposito? Oh! por certo o haveis de approvar se tambem sois mãe.

Infante, 21 de Maio.

AS PAIXÕES.

(EXTRACTO DO DIARIO DE UM ANCIÃO)

Como és curiosa, criança!... para que te queres emmaranhar no hediondo labyrintho do mundo! com que fito desejas levantar o véu aos mysterios de que se acha rodeado o que se chama vida?—

Queres ver, e gozar? queres amar e aborrecer?.. Oh! não!.. concentra-te antes no teu existir de anjo; guarda, occulta aos olhos de todos a tua innocencia; concilia-te com o teu pensamento de virgem; e quando a seducção, a ignominia e a infamia se te apresentarem, foge-lhes e não lhes dês ouvidos; não creias nas suas palavras lisongeiras, no seu trajar de gala, na sua felicidade apparente: tudo é ficticio, minha Julia, tudo astucia, e ardil que o inferno gerou nas suas horas de repouso!...

Escuta: a vida é uma peregrinação limitada pela mão do Criador; o que ella em si encerra de mais bello, e de mais offuscador, é sem duvida o que se deve evitar com affinco, e de todos os precipicios o que á cada momento se abre ante os passos da virtude; é o amor, minha filha, e sa paixão por excellencia que *alenta*, e *vivifica*, ao mesmo tempo *suffoca*, e *mata*.

« Na tua idade, desenvolve-se elle com a rapidez da seta tocada por mão vigorosa, e percorrendo uma atmosphera limpida e pura; sobre os teus quinze annos, bellos, tão bellos como o teu rosto sereno: risonhos, tão risonhos como os teus labios côr de rosa; meigos, tão meigos como o teu coração de pomba, lança a paixão devastadora os seus primeiros alicerces; mas, antes que uma só pedra seja collocada, antes que se erga a barreira que turva o olhar e que prohibe o ouvir, a tua physionomia perderá esses traços originaes que Deus tem reservado unicamente para *as suas eleitas*; a tua voz percorrerá toda a escala do sublime para acabar rouca e enfraquecida; o teu mesmo pensamento, depois de divagar por entre as mil criações do idealismo, terá horror da realidade!... sim; porque a paixão que ora trato de descrever-te não busca a solidão!... Lá mesmo onde faz-se sentir o silencio dos tumulos.... ali onde reina a paz do sepulchro... n'aquelles centenares de disticos que significão — *passamento*, — não distingues bulicio, desordem? não lês em caracteres negros que o amor se tem disfarçado com a marcara da amizade, e da saudade?...

— « Aqui descança em *paz* os restos de uma mãe, ali os ultimos despojos de um pae, acolá estão de mistura uns e outros, e mais ainda os de um filho!...—E quem lhes tributa estes momentos!... quem revolve de sob a terra esse montão de pó, esses comoros de ruinas que caracterisão a importancia do homem?...—Lê Julia... é ainda o *amor*.

A mulher que ama tem perdido a paz e a serenidade da alma: entregue de continuo aos sobre-saltos que lhe causão bem ou mal fundado ciume, inquieta pelo receio de ser uma victima da inconstancia, assombrada pela linguagem que lhe dirigem, linguagem que ella não comprehende, mas que desperta sua curiosidade, atira-se ao *pensamentear*, forja mil planos de tranquillidade, procura refrear esse desespero que a tortura, anniquilando sua felicidade, e por fim prostra-se ante os caprichos da paixão que muitas vezes a tornão presa de loucuras que o mundo reprova e estigmatisa com suas viperinas expressões, mas que não soube apontal-as antes de serem postas em pratica.

« O homem, semelhante a um animal bravio, e feroz, não reconhece dique que se opponha á sua vontade, quando sente-se contaminado. So-

berbo e avaro, inclemente e enraivecido corre á medida que se atêa a chamma interna, atira-se a todos os perigos, sacrifica posição, dignidade e honra, e mais de uma vez esbarra-se com o crime para sem demora ver-se á braços com elle...

« Este quadro que ahi vês debuxado, minha Julia, nada têm de inverosimil: o amor, bem cômo todas as paixões que têem sua séde no coração, ou antes que abrangem o physico e o moral do ser a quem dominão, apresenta-se sempre debaixo de uma fórma enriquecida pelos mais bellos attractivos; porêm, apenas consegue apossar-se do espirito do individuo que fraco, prestou-se ás suas exigencias, torna-se arrogante e audaz, e não cede senão depois de acabrunhado por uma serie de desgostos que embotão a razão e a fazem irreconciliavel com as proprias leis da natureza.

« Attende-me; a experiencia permitte-me que te illumine com as leis da verdade, e as minhas cans o attestão. Si algum dia te fôr dado a escolha entre o *amor* e *amizade*, não desdenhes o sentimento pela paixão: a amizade garante um futuro esperançoso; o amor contenta-se em t'o apontar, sem que nunca o possas attingir.

Quando te fallarem uma linguagem impura e dirigida pelo cynismo do homem profuso na *arte de conquistar*, despresa-a; porque a amizade detesta a lisonja, e ama o verdadeiro.... »

Q. E. O.

POESIA.

DESCRENÇA.

Por que não creste em meu amor tão grande?
Por que do peito meu, virgem, fanaste
O affecto, que abrolhava entre suspiros!
Puro como o que a Deus consagra o justo,
Immenso.... oh! na minha alma não cabia.....
——— Lembrança negra,
De tanto amor, de tanto amargo pranto
Turva-me a fronte, o coração flagella....
Tudo te dei, mulher! nada mais resta-me;
Sonhos, vigilias, morte e vida e crença,
Que mais podéra eu dar-te
Olha: a esperança,
Viçosa, como a flôr que desabrocha
Pendurada no pétalo,
Desses formosos labios teus pendia-me?
Que te custava um riso, ó minha estrella,
De loucura e de amor? desses teus labios
Pestilento bulcão cahiu crestando
A flôr, que á pouco tu a beijavas....
Por que não creste em meu amor tão grande?
Vem agora sorrir aos restos delle,
Calcal-o aos pés no terreal sepulchro,
Mulher que tanto amei!
Da noite a aragem sussurrando triste
Nos ramos da palmeira, os ais carpidos
Do môchô que povôa o cemiterio
—De pavorosas sombras,
Não mais, não mais acorde o somno della!
Por que não creste em meu amor tão grande?
Por que dos olhos teus não corre o pranto
Que a mão da dôr espreme em face humana?
Por que do peito meu, virgem, fanaste
O affecto que abrolhava entre suspiros?
Fica-te em paz vagando em mar de risos
Libando a taça do festim da vida
Rodeada de amantes....
Eu não vejo essas faces maceradas
Pela mão do desgosto;
Em cans trocadas a c'rôa de açucenas
Pelos vapores do prazer murchada!
Talvez que um dia embriagada tombes
Na borda de um sepulchro....
E em frios ossos repousando a face,
Prasa a Deus, não murmure a teus ouvidos
Uma voz do sepulchro estas palavras;
Sonhos, vigilias, morte, e vida, e crença
Dei-te tudo, mulher, nada mais resta-me.
Por que não creste em meu amor tão grande?
Mulher que tanto amei?

A. Augusto de Oliveira.

———

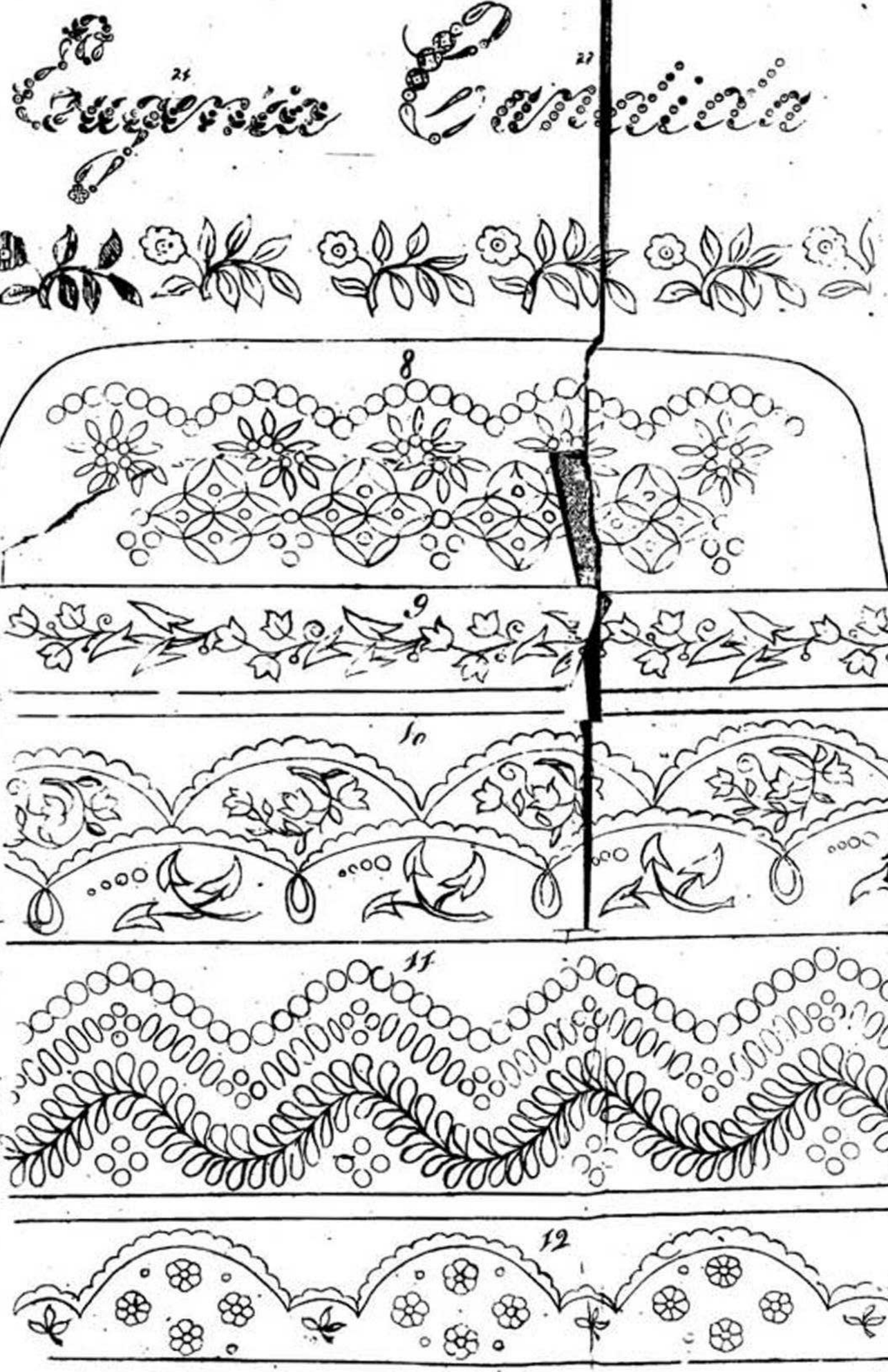
Recebemos de uma das nossas assignantes os seguintes pensamentos para serem estampados nas columnas do nosso *Jornal;* nós lhes damos a prompta publicidade de que se tornão merecedores pelo espirito e illustração que nelles revela a sua digna autora.

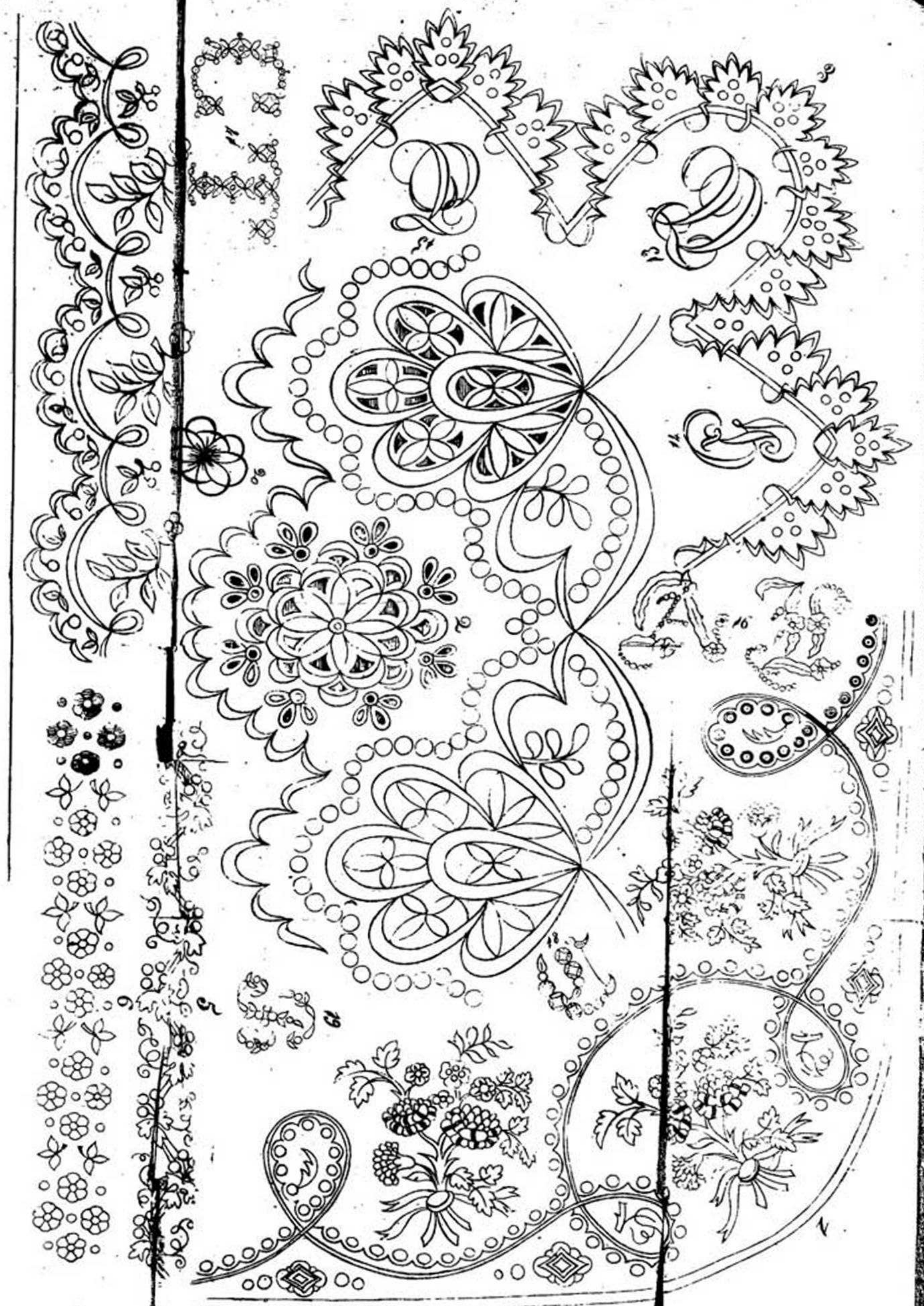
PENSAMENTOS.

Poder viver comsigo mesmo e saber viver com os outros, são duas sciencias da vida humana.

JORNAL DAS SENHORAS

Dez.e Lith.a de Ernesto Pinto Rua de S.ta Anna n.o 114





A experiencia não serve para as pessoas naturalmente estupidas, porque apenas avistão os factos atravez do véu lançado sobre sua intelligencia balda de conhecimentos.

A face humana é um quadro vivo onde as paixões se revelão com mais ou menos energia, conforme as circumstancias que influe a nossa imaginação.

Quando o espirito está de acordo com os movimentos da alma, a physionomia torna-se uma linguagem, cuja impressão violenta sobrepuja a vontade e nos trái; um só traço muitas vezes basta para revelar o segredo mais occulto.

E' no mouento de nos separarmos daquelles que amamos, que sentimos todo o valor dos instantes que nos restão a passar juntos delles, e que nos exprobramos amargamente da nossa indifferença, durante as horas em que nos privamos de sua vista.

São as lagrimas um verdadeiro allivio da dôr; ha occasiões entretanto em que os olhos se conservão seccos como fontes extinctas, mesmo nos maiores soffrimentos; porèm, se a dôr fôr causada pela perda de um amigo cessará essa aridez dos olhos, se uma lembrança desse amigo se apresentar á nosso espirito, se um objecto de seu uso apparecer á nossa vista, se um som semelhante ao accento de sua voz murmurar á nossos ouvidos!

Não é aos désaseis annos que a dôr resiste á influencia das distracções; o privilegio exclusivo do desespero e de sua fatal idéa fixa, não é reservado senão á idade madura.

A.....

(Continua.)

Uma louvavel reconciliação.

Um hespanhol atravessava de noite uma rua de Madrid. Engolfado em cogitações importantes andava com passo vagaroso, e que poderia parecer incerto a quem o observasse.

Uma senhora chegou perto delle, e lhe perguntou se era estrangeiro; respondeu que não: pois se sois hespanhol, replicou a dama, vinde valer a uma desgraçada, que fugiu a seus pais, porque a querião casar contra sua vontade.

—Mas que quereis que eu vos faça, senhora?

—Que me acompanheis, se não tendes receio.

O hespanhol surriu-se, como surri um hespanhol quando lhe perguntão se tem medo, e dispoz-se a seguil-a sem ter podido ainda ver-lhe a cara: atravessárão algumas ruas até que chegárão a uma casa, a cuja porta estava um menino; aproxima-se, e este novo reparador de aggravos reconheceu n'aquella criança um seu filho, e na dama, que implorava o seu auxilio, a propria esposa que elle havia pouco abandonara!

A ternura de uma esposa afflicta e desventurada, suggerira esta idéa, que foi seguida de uma reconciliação formal entre os dois conjuges.

Não obrigamos os nossos assignantes, nem mesmo os que o não são, a acreditar este caso, basta que não duvidem que foi extrahido dos jornaes hespanhoes pela

C. Lit.

Feliz pretenção.

Um homem de espirito, e simultaneamente muito instruido, e bastante desgraçado, cuidou que preencheria um pequeno logar, um tanto lucrativo, tão bem como qualquer turba de parvos convenientemente pagos, e que só curão de sua felicidade. Requereu um emprego; porêm não tinha patrono, e é corrente que o merito só não póde proteger; gastou em balde tres ou quatro requerimentos que, segundo a velha usança, não forão presentes ao monarcha.

Cançado, impaciente, e cada vez mais pobre, lembrou-se de um estratagema, que não seria indigno de um cortezão. A necessidade ás vezes

é mãi de idéas felizes, e elle escreveu com todo o cuidado um pequeno bilhete, que dirigiu a S. M. o rei de Roma. Pedia um emprego de seis mil francos, o que era muito modesto.

Com o coração pálpitando de esperanças, foi em busca de um official general, familiar á pessoa do imperador; confessou-lhe o apuro em que se achavá e mostrou-lhe o bilhete, e disse-lhe « Senhor, farieis ainda uma acção generosa, e grangearieis direito á minha eterna gratidão, se me facilitasseis o meio de entregar este papel ao imperador. » O general que era tão tratavel como valente, levou o peticionario á presença de Napoleão.

O imperador tomou o bilhete, e reparou no endereço e ficou agradavelmente surpreso.— Senhor, disserão-lhe, é uma petição a S. M. o rei de Roma.—Muito bem! respondeu o imperador; levem a petição a seu destino.... O rei de Roma tinha então seis mezes. Quatro camaristas tiverão ordem de conduzir o requerente á presença da pequena magestade. O solicitador não se acanhou; via sorrir-lhe a fortuna. Chegando-se ao berço do principe, desenrolou o papel, e deu delle leitura em alto e bom som, depois dos mais respeitosos cumprimentos. O menino-rei balbuciou alguns sons durante a leitura, e não respondeu á supplica. O cortejo saudou o pequeno monarcha, e o imperador perguntou que resposta tinha havido.

« Senhor, S. M. nada respondeu. »

« Quem cala consente, respondeu Napoleão; está despachado como requer. »

A. P.

Modo de governar os homens.

A arte de pôr em acção a maquina de cada individuo, consiste em pesquizar qual é a sua paixão mais dominante e forte. Achada ella, póde-se dizer que está descuberto o segredo e a mola real do seu movimento. Aquelle que tiver a vista aguda e penetrante, e um tacto fino e delicado para distinguir as paixões dos homens, os poderá conduzir, sem duvida, por cima das maiores difficuldades. O homem, e ainda o bruto, levado por força, está sempre em continua luta e resistencia; levado porêm pelo caminho da sua paixão, elle segue voluntariamente, e muitas vezes corre adiante daquelle que o conduz, sem jámais temer, nem ainda os horrores da morte.

Ensaio economico.

Epigramma a um homem disforme.

Se amas a ti mesmo, caro Aronte,
Foge, amigo, do espelho, foge á fonte,
Que assim como Narciso
Já succumbiu de amor,
Tu de te ver tão feio
Pódes morrer de horror!

Epitafio.

Aqui jaz a famosa---Branca flor,
Que na lingua possuia tal vigor,
Que delle usava sempre a toda hora;
Tanto, que o fallatorio era maior
Que o silencio em que está a triste agora.

Madrigal.

Quando me déste uma flor,
Eu te dei meu coração;
Para o jogo ser mais vario
Façamos hoje o contrario.

Epitafio.

Eu sei que sobre a terra nú nasci,
E nesta tumba, nú, estou no fundo!
Assim fui na viagem pelo mundo.
Nem ganhei nem perdi!

Traduzido do italiano.

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra cousa que a relação desta interminavel lucta.

MICHELET, Historia de França.

A MASHORCA.

Foi este o primeiro nome debaixo do qual se fórmou esta sociedade, que mais tarde, se outorgou a si mesma, em fórma de condecoração, o pomposo titulo de *Sociedade Popular Restauradora*.

Receptaculo, no principio, de todos os vagabundos, jogadores e revoltosos, foi mais tarde, nos dias de terror, o refugio de uma porção de homens laboriosos e honestos, que para escapar dos proprios furores da Mashorca nelle se refugiárão.

Pela época em que narramos estes acontecimentos, a Mashorca não tinha ainda a importan-

(*) **Vide o n. 20.**

cia aterradora, que consignou a historia dos seus attentados em paginas infernaes.

N'aquelle tempo a missão da Mashorca estava circumscripta a dar gritos de—morras e vivas, apedrejar as casas dos que erão classificados de Unitarios, e a fazer assuada pela cidade acompanhada de musica e de foguetes.

Vamos pois descrever uma das suas assembléas, na noite do dia em que o Dr. Alsina desceu agrilhoado á una das mais profundas prisoes do Ponton.

Conduziremos os nossos leitores á uma grande casa terrea, como o são vulgarmente na America Meridional; esta já era muito antiga, estava suja e ameaçando ruina: era situada em uma rua afastada dos bairros de primeira ordem a que chamavão ainda n'aquelle tempo « *La calle del juëgo de Pelota.* »

A Mashorca que durante o dia percorreu as praças e as ruas, gritando—morras e vivas, apedrejando e dando á triste povoação o espectaculo degradante da desordem e do escandalo; a Mashorca, estafada, famina e rouca, mas sempre gritando e apedrejando, toma o caminho do club central da sociedade situado na casa de que acima fallámos.

Grandes assados de carne com *cuero*, immensos espetos carregados de chouriços, garrafoes de vinho catalão e outros de aguardente de canna, e innumeros cestos de pão, reduzido ao seu mais pequeno tamanho pelo resultado da prohibição da importação das farinhas, era tudo o que fazia o banquete da Mashorca.

A musica e a populaça, ficárão na rua ou se espalhárão nos patios; e os socios penetrarão nas salas immundas, toscamente mobiladas e mal illuminadas com ignobeis velas de sebo, onde já estavão promptas as mesas.

O triumvirato que fomentava e presidia a Mashorca n'aquella epocha, era composto de tres homens, cujos feitos deixárão após si rastos sanguinosos e inapagaveis na recapitulação das ephemerides de Rosas.

Os nomes d'esses sujeitos erão.
Salomon, Parras e Coitinho,
Vamos descrevel-os.

Salomon, presidente da Mashorca, antes de immortalisar-se nos annaes da época do terror, já era celebre nos fastos matrimoniaes, e fruia a bella reputação de *enterrador de mulheres*, tinha-se casado quatro vezes.

Na escala social Salomon pertencia á honrada corporação dos taverneiros; em quanto a sua origem, fluctuava indecisa entre diversas castas, pela qual razão Salomon não era nem branco, nem preto, nem mestiço, nem indigena, sendo isto tudo de uma vez, porque tinha em si immensas ramificações.

O seu rosto, a sua figura, e o seu vestuario, harmonisárão-se com as duas faces do seu ser.

Como individuo — escoria; como espirito — ninguem.

Corpo de patife, cabeça de idiota e alma de demonio, se houvesse de individualisar-se o peccado, Salomon seria um excellente modelo.

Parras, era um pardo collossal, que de seu immundo serviço, tinha sido transportado aos salões do club mashorqueiro; e de criado de açougue, transformado em coronel da federação de Rosas.

Na brusca metamorphose que se opéra no seu destino, Parras conserva parte dos seus habitos antigos e adopta outros ainda mais analogos á sua posição actual.

Na época de Rosas, essas transformações tem abundado!

Um ente tão estupido e vulgar como Parras, nada de curioso offerece a estudar na sua physionomia brutal e feroz, mas o seu trage é tão extraordinario que não podemos resistir á tentação de descrevel-o.

Como já o dissemos, Parras, é um homem collossal, mas não tanto pela altura, como pela força das fórmas herculeas.

Não obstante o desejo immenso de usar botas e calças; o seu pé chato e sem feitio permanece descalço: as calças lhe são insuportaveis, e força tem sido conservar a larga siroula e o *chiripá* que desde a sua elevação ao posto de coronel, elle usa de rico chales de cachemira vermelho: uma jaqueta militar, com as competentes dragonas de coronel, abotoa um só botão no meio, deixando assim perceber o peito do hercules mashorqueiro mal coberto pela sua engordurada e immunda camisa, que por antigo costume Parras muda de mez em mez; os collarinhos cáem sobre a gola bordada da fardeta, porque seu dono nunca soube que cousa fosse uma gravata.

Larga faxa de seda carmezim cinge sua corpolenta cintura e sustenta atravessado um largo e cortante punhal.

Na sua cabeça, que nunca conheceu o pente e o asseio, sustenta-se pelo adjutorio de uma fita, que lhe passa por baixo do queixo, um rico chapéo armado, ornado de lindo pennacho vermelho.

Sujo, grotesco e feroz, o coronel Parras era um dos heróes da Mashorca.

Coitinho, campeão mashorqueiro e coronel de Rosas, tambem reunia a estes empregos o de juiz de paz; era tambem uma criatura popular, que achava mais commodo viver gritando, açoutando e apedrejando, que viver amarrado á tripeça de sapateiro, seu antigo officio.

A casa de Coitinho foi na época do terror o matadouro horrivel, onde conta a tradição que degollavão-se os homen, serrando-se-lhes o pescoço.

Mais instruido, que os seus outros dois collegas de quem já fallámos, Coitinho sabe soletrar o alfabeto sofrivelmente, conta pelos dedos até cem: e classifica os estrangeiros, *ou gringós* como ali os chamão em—*carcamanos, godemis e futres:* o que faz dizer aos mashorqueiros que Coitinho fa la *Gringó* perfeitamente. Pelo de mais é tão estupido e grotesco como os outros dois membros do triumvirato, e o mais feroz de todos.

Coitinho era um homem baixinho, magro, pallido, de frente deprimida, de nariz quebrado, olhos pequenos de porco e beiços finos: o cabello chegava-lhe quasi até ás sobrancelhas que erão mal formadas e escassas: seus olhos conser-

vavão um circulo vermelho em roda ; e á luz da noite como do dia, Coitinho tem uma cabeça e uma cara de morto ou de vampiro, que faz estremecer qualquer que o estude com vagar.

No momento em que vão assentar-se á mesa, o ajudante Corvalan atravessa os salões trazendo pela mão um moço, que apresenta á sociedade como um novo neophito, de ordem de S. Ex. o Sr. governador.

E' Julião Fabre o apresentado; e Corvalan orgulhoso de sua missão, esquece que n'aquelle momento a traiçoeira cabelleira lhe cáe sobre o olho e o ouvido direitos, que desapparecêrão completamente debaixo da desinquieta traidora !

Não obstante o seu estado de pertubação, Corvalan acompanha as primeiras saudes.

A' saude de S. Ex. o illustre restaurador !

Ao triumpho da santa causa da Federação, e ao exterminio dos Selvagens Unitarios !

A ultima saude é dirigida ao joven protegido de S. Ex. e com esta saude conclue Corvalan a sua missão, retirando-se em extrema preoccupação, decidido a consultar os melhores medicos, a respeito da falta toial do olho e do ouvido que lhe faltão.

A ceia principia, a musica toca *á meia canha* (1) e a populaça brama e apedreja á direita e esquerda.

Quando as frequentes libações acabão de atordoar aquellas cabeças excitadas já de antemão por um dia inteiro de passeio frenetico e sem objecto, Coitinho, que toda a noite parece meditar um grande designio, trepa sobre a mesa, da qual occupa a cabeceira de honra, e de copo na mão annuncia a seguinte alocução.

« Amigos e senhores! Viva o illustre restaurador das leis !

—Viva ! ! responde a Mashorca.

« Viva a federação ! !

— Viva ! ! respondeu a Mashorca.

« Morrão os Selvagens Unitarios !

— Morrão ! ! ! ! responde a Mashorca, com accrescimo de furor !

« Amigos e senhores ! justiça ! justiça tremenda ! vingança sem treguas nem piedade ! somos o brinquedo dos Selvagens Unitarios, sabeis onde trazem a devisa infame do seu partido? no rosto mesmo ! a suissa fechada no queixo forma um —V— natural, e quer dizer Unitario !

— Abaixo as suissas serradas ! clamou a Mashorca !

Quando acalmou a furia das feras, Coitinho proseguiu.

« Sim senhores, esses immundos e Selvagens « Unitarios, escarnecem de nós e ostentão sua « devisa na mesma infame cara ! ! ! ! E consentire- « mos nós tal ultrage á santa causa que defendemos ?

« Não ! mil vezes não ; a causa da ordem, das « leis e da independencia d'America, não ha de « ver-se assim ameaçada e escarnecida pelas horrendas barbas dos Selvagens Unitarios. Senhores « desde este momento solemne juremos odio e « guerra, sem treguas, ás barbas dos Unitarios !

— Abaixo as barbas ! Morte a quem resistir ! !

Este juramento infernal, formulado por Coitinho, foi repetido em coro pela Mashorca.

O orador proseguiu.

« As Unitarias, essas atrevidas revoltosas, tam- « bem escarnecem de nós, como não tem barbas, « tirão a carreira do cabello formando bico ; di- « zem ellas—*qual bico nem historia.*—é o —V— « que ellas querem, as parrecidas ! Nas pernas com « as fitas dos sapatos, tambem ha arte de cruzar « e fazer—U para cima e V para abaixo—além « disso prohibiu-se a côr azul, não fazem caso ; « mandou-se-lhes usar laço vermelho na cabeça, « não querem ! ! Pois amigos, se isto é assim, « para os homens punhal ! para as mulheres ver- « galho ! e laço pregado com breu !

Gritos de furor e de morte respondem ao orador, e todos querem precipitar-se fóra da casa, para dar principio á grande obra, cujos instrumentos são o punhal e o vergalho ! ! ! !. Mas a ceia tem-se prolongado até mais de meia noite ; a esta hora, não ha cabeças a cortar nem frageis mulheres a castigar, por consequencia pela cidade deserta, torna a Mashorca a passear com a musica, e a populaça gritando, apedrejando, e quasi todos ebrios de furor e de vinho ! !..

(Continua.)

(1) Ar popular da era de Rosas.

Acompanha este numero um Padrão de differentes bordados, a ponto inglez e a ponto de marca.

JORNAL DAS SENHORAS.

Publica-se todos os Domingos ; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom, em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna, modinha brasileira, romances francezes em musica moldes e padrões de bordados.

Subscreve-se para este jornal nas casas dos Srs. Wallerstein e Comp. n. 70, A. e F. Desmarais n. 86, Mongie n. 87 rua do Ouvidor ; e na Typographia de Santos e Silva Junior, rua da Carioca n. 32.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe à qualquer das casas mencionadas.

Preço da Assignatura : Por tres mezes 3U000 rs. na Côrte, 4U000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro—Typographia de Santos & Silva Junior, Rua da Carioca n. 32.

TOMO I. --DOMINGO, 30 DE MAIO DE 1852.

O JORNAL

DO SABBADO

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

O programa e condicções deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

UM NOIVO

achado dentro de uma cabelleira.

Facto veridico em 1786.

Quando o nosso bello Rio de Janeiro, ainda sob o dominio dos vice-reis, mal conhecia as modas e seus infinitos accessorios, que alindão hoje quasi todas as boas lojas da côrte com tanta profusão, fazendo as delicias das moças e moços e velhos tambem; quando *sómente* na botica do *Fanha* se encontrava a pomada cheirosa, tão procurada então pelas nossas boas avós, cujas cabeças se perfumavão e preparavão com tanta ou mais vaidade, que actualmente suas modernas netinhas; quando o queijo e a pimenta se denominavão *do Reino* porque só do reino (está entendido que era o de Portugal, porque d'outro se não fallava) nos vinhão taes artigos; quando, só em rarissimas casas, havia o modesto *Cravo* e a enfeitada *Cithara*, em que era difficil ouvir melodias; quando as nossas bellas patricias de então não desdenhavão, em qualquer reunião, depois do methodico *Minuete* tocar por chibança o popular *Picapáu*, dando com ambas as mimosas mãos movimentos rapidos nos lindos queixinhos para produzirem esses estalidos, cujo *trique-troque*, imitando o trabalho do passaro assim denominado, deu o nome a esse *farrundim*, pelo qual muitos de nossos avós ficárão pelo queixo captivos e presos; quando finalmente no nosso Rio de Janeiro as infernaes *rotulas* e *cadeirinhas* fizerão desesperar a mais de um moço daquelle tempo, como ainda hoje confessão alguns veteranos que por cá nos restão; morava na rua dos Ourives, perto da do Alecrim, um mancebo estudioso, sobrinho de um veneravel sacerdote habitante de uma das melhores casas da *Ilha secca*, e cuja irmã mais velha, senhora que era viuva, morava na rua do Sucú-sarará, nome por que era então conhecida a parte da rua da Quitanda entre a de S. José e a do Cano.

O joven Paulo, este era o seu nome, sabia que um intimo amigo de seu pai, o licenciado B.... tinha duas lindissimas filhas que nunca puzerão pé na rua senão para irem á missa de madrugada em Santa Rita, e acompanhadas de toda a familia.

Uma destas jovens porêm tinha visto o bello Paulo, e apezar das empoeiradas rotulas de suas janellas, mais de uma vez o vira passar para casa do seu reverendissimo tio.

Naquelle tempo, como agora, cupido não se descuidava de fazer travessuras; Ritinha teve seus sonhos, pensou em Paulo, nos seus lindos cabellos, no seu olhar vivo, no seu buço aveludado, e reparou no garbo de seu *fraque* azul, com botões de aço facejados, na sua bem talhada

calça de ganga, e nos dias duplices no seu *robissão* côr de canella, em uma palavra amou-o, e teve a indiscripção de o dizer á sua maninha, que o contou á tia de Paulo, quando uma vez esta senhora, que era da amizade da casa, lhes foi fazer uma visita em sua magestosa cadeirinha, circundada de uma escolta de mucambas, em quem os cordões de ouro, os *relicarios* não augmentavão tanto o luzimento, como a grande quantidade de pomada de que tão untadas, escorrendo-lhes pela testa e pescoço

Esta senhora, casualmente um dia em familia, notou a conveniencia de um casamento entre Paulo e a filha do licenciado B.....; e isto foi bastante para incendiar no joven pensamentos que não tinha ainda a esse respeito.

Como em todos os tempos, os estudantes sempre forão da pelle do demo, e Paulo que não rejeitava talo de alface, ficou logo em bicos de canivetes assim que ouviu sua tia descrever a belleza encantadora de Ritinha.

Paulo, bem longe estava de cuidar em casar-se por procuração, e muito mais de encontrar em sua tia, senhora toda sisuda, protecção para uma declaração amorosa. E naquelle tempo!

Ritinha não tinha pois meio algum de saber se Paulo desejava amal-a, e Paulo mal pensava que era elle o objecto dos cuidados da bella Ritinha.

Tudo estava nestes termos quando Paulo tomou a resolução de se fazer entendido.

Procurou os escravos do licenciado, e foi repellido com o terror que elles lhe mostrárão — só com o pensamento de entregarem um bilhete á senhora moça.

Esmoreceu.

Soffrendo tal contrariedade, Paulo assim passou algum tempo bem triste, até que concluiu os seus estudos e applicou-se ao commercio, tendo de seguir essa vida por morte de seu pai, cuja fortuna teve de administrar.

Estas sympathias são os nossos peccados.

Sempre com a idéa fixa, Paulo resolveu-se por fim a escrever á bella Ritinha, e procurou por todos os meios entregar-lhe um bilhete.

Téntando em vão mil meios todos frustrados ocorreu-lhe uma idea diabolica.

O licenciado B...., tendo ido ver o reverendissimo tio do nosso Paulo, lá em certo dia, ahi o encontrou tambem, e nessa occasião, attendendo Paulo sómente á sua paixão, e vendo que o licenciado trazia ampla cabelleira de caixos (daquelle tempo!) e que era curto da vista, sabendo mais que o seu primeiro cuidado ao chegar á casa era tiral-a e cobrir sua enciclopedica cabeça com barrete de seda, e que de sua respeitavel cabelleira só cuidavão suas filhas; com coragem pois diabolica introduziu o bilhetinho nos riçados da cabelleira, e entregou ao acaso o bom resultado do seu astucioso atrevimento.

Neste bilhete confessava Paulo á Ritinha o seu amor, sua paixão, o desejo que tinha de vel-a e de pedil-a para esposa, e rogava-lhe que no caso affirmativo dois golpes dados nas pontas da fita do rabicho da cabelleira protectora seria o signal venturoso ratificado pela sua delicada mãozinha, que devia estar de fóra da janella ás 5 horas da tarde desse dia em que elle visse golpeada as fitas, a qual ficava sendo suas unicas esperanças....

Em consequencia da *gota* do reverendissimo, as visitas do esculapio erão diarias e matutinas, e o nosso Paulo se tornou assiduo enfermeiro.

No outro dia entrou o respeitavel licenciado e foi recebido com muita sollicitude pelo nosso Paulo, que, offerecendo-lhe assento, pediu-lhe ao mesmo tempo venia para endireitar-lhe o pescocinho que se tinha desmandado.

O licenciado consentiu, e o nosso feliz Paulo viu as pontas da fita do rabicho golpeadas!...

Nessa tarde uma mãozinha se agitava por fóra da rotula de um sobrado no largo de Santa Rita, e dahi a um mez essa mesma mãozinha na igreja de Santa Rita descançava sobre a de Paulo, ambas unidas e cobertas pela sagrada Estola do vigario, em presença do tio padre e de ambas as familias.

Ritinha achara noivo dentro da cabelleira de seu pai!

As cabelleiras do meu tempo, minha neta, me disse minha avó que isto me contou, trazião noivos; hoje os noivos trazem cabelleiras, e bem feliz é a noiva que passada a lua de mel, e quando o noivo já não usa da sua formosa cabelleira de pretendente, vai tomar outra em alguma reunião de amigos *do tempo de solteiro* e volta para casa dando o terrivel desengano de que, se as cabelleiras são feias em noivos que só dellas usão — no acto do casamento para commetterem um verdadeiro estellionato, com maior razão é feia a *cabelleira alcoolica* no marido.

Como minha avó principiasse com suas dissertações philosophicas, que nada vem ao caso presente, só escrevi este conto e o transmitti ao *Jornal das Senhoras*, para ter o gostinho de dizer, ainda que o não veja impresso — Já escrevi tambem para o *Jornal das Senhoras*.

Escolastica P. de L.

O DUELLO DAS DAMAS.

I.

O valle de Carriedo é dos sitios mais romanticos da vertente septentrional das Austrias: parece que n'elle se reunirão todas as naturaes bellezas para simultaneamente realisarem o ideal do poeta e do pintor. Vegetação vigorosa e aromatica, florestas virgens, ordenadas sobre amphitheatro de rochas variegadas; espumosas torrentes, que desde o cimo das montanhas se precipitão como artificiaes cascatas; jardins que a natureza creou espontaneos, pensis e fóra do alcance da mão dos homens; caminhos de phantasiosas fórmas, que remedão escadas assestadas para as nuvens, frequentadas só pela corça selvatica, ou pelo contrabandista que conseguiu ser o seu intrepido companheiro: nada falta áquella paizagem, verdadeiramente meridional, para fazer um dos quadros mais grandiosos que podem imagi-

nar-se.—No centro d'este espectaculo admiravel dão os olhos com a villa da Vega, graciosamente collocada no meio do painel que a circunda, ostentando ainda hoje sob aquelle ameno clima as ameias do castello, ennobrecido pelos que em o seculo XVI o habitárão.

N'uma serena tarde do mez de fevereiro de 1562, divisava-se um cavalleiro que a passo miudo subia pela escarpada ladeira, que findava no relvoso rocio, sobre a qual o campanario de uma ermida campeava: era esta consagrada a Nossa Senhora de la Vega, padroeira de muita veneração; e a sua festividade annual tinha nesse dia concluido, como annunciavão os repiques dos sinos, e os magotes de gente rustica, que se recolhião ás pousadas, cantando seguidilhas ao divino. O homem que subia o sêrro era D. Felix de Vega, senhor e donatario do solar e casaes d'essa villa, que com seu appellido era honrado: morador n'aquelle torrão desde que nascêra, no sitio que para assim dizermos seu pae fundára. tinha crescido, e prosperado, e vivido, sem conhecer um instante de desgraça ou melancolia; e a donzella asturiana, que puzera remate á ventura d'elle, por ventura que não teria na Hespanhas rival na belleza, como na graça, e ternura d'esposa. Havia porêm quinze dias que pela vez primeira, depois de cinco annos de matrimonio, a formosa Francisca Fernandez se achava ausente de seu nobre espozo.

No momento em que D. Felix chegava á corôa do cabeço attrahirão-lhe a attenção os clamores que sahião da ermida, e viu um troço de camponios encolerisados, e no meio d'elles agitada e livrando-se uma mulher bastante moça com uma creança nos braços.

« Fóra, fóra a feiticeira.... não está aberta a igreja para taes excommungados»—bradava a chusma empurrando a misera para fóra da capella.

« Não sou feiticeira nem excommungada, meus irmãos.... »—contestava a rapariga com ademanes de supplicante.—« Se o é meu marido, nem por isso deixo de ser hespanhola e catholica. como vós sois; e não podeis empecer-me que venha requerer para meu filho o baptismo, que merece tanto como vós merecestes...»

« Não ha baptismo para os malditos...»—Replicavão sem caridade os fanaticos. « Vai para a cova dos feiticeiros; Satanaz que te benza o filho. »

A desventurada mãe tinha de ceder á força. e retrocedia banhando em lagrimas a creança, que via reproba; n'este passo, um sacerdote ancião. como pelos muitas cãs demonstrava, apparece revestido de sobrepelliz no batente da porta. chamado alli pelo alarido dos rusticos: a mãe exhibisa correu a elle animada d'esperança. D. Felix sustido por este incidente que complicava a scena. reprimiu o seu primeiro impulso, que o levava a aquietar o tumulto; e chegou-se ao logar da algazarra para melhor indagar a causa e presenciar o desenlace. Um minuto de attenção pôz o ecclesiastico pastor ao corrente do que se passava, e conhecendo sua obrigação melhor que o tropel de amotinados, reprehendeu-os de sua dureza para com a infeliz mulher. Restabelecido o silencio, pôde interrogar a mãe, que para seu filho requeria baptismo.

« Quem és?... E d'onde vens, minha filha!..» —lhe perguntou com voz meiga.

« Sou Joanna Valdés, mulher d'um judeo, que vaguea n'esta comarca: meu marido não é catholico; mas eu não deixei de sêl-o, e venho offerecer a Deus este fructo que dei á luz quinze dias ha. »

« Ainda que christã não fosses, teu filho, tinha jus a sel-o, já que assim o pedes; porque as fontes sacrosantas do baptismo estão patentes a todas as humanas creaturas. »

Em seguida, tendo ademoestado de novo os camponezes, expôz-lhes que o meio de expiarem seu erro e cegueira era abençoarem elles proprios o menino, que acabavão de amaldiçoar,

« Escolhei do meio de vós (proseguiu) padrinho e madrinha.... »

Apenas o ministro do Evangelho pronunciára estas palavras, teve de interromper com dôr o seu discurso conciliador, vendo que os aldeãos, recobrando deshumanos sentimentos, lhe davão as costas, todos a um tempo, ao retirarem-se murmurando, outras pragas contra a presuposta feiticeira.

« Que é isto? (bradou indignado o sacerdote) todos abálão?... Nem um ficará para envergonhar os mais?!.... Não haverá uma mulher. uma mãe, que se apiade de sua irmã em Jesus-Christo?

E no instante em que este caritativo chamamento era pronunciado, sem produzir o effeito de que uma só cabeça para aquella banda se voltasse, chegava uma senhora pela parte opposta a essa por onde viera D. Felix: presto desavalgou ante o pastor, dizendo:—Serei eu a madrinha d'esse menino.

— « E eu o padrinho. »—acudiu D. Felix imitando a desconhecida.

Fóra de duvida que teve muita parte a humanidade no rapido impulso da vontade do Sr. de la Vega. que apenas por minutos foi prevenido pela proposição de sua futura comadre: porêm outro sentimento mui humano tambem o fizera approximar á formosa dama, pois que vira entre as pregas da mantilha elegante, brilharem dois pretos olhos, como estrellas veladas por nuvem rara.

Entrárão logo na capella; soárão os sinos, e o menino Feliz Paulo Valdés foi devida e solemnemente baptisado, escripto seu nome no registo parochial de Nossa Senhora de la Vega, a par dos do nobre fidalgo D. Felix, e da Sra. Paula de los Montes. Nada mais pôde alcançar o nosso cavalheiro n'aquella occasião a respeito de sua linda e quasi mysteriosa comadre, e se quiz obter permissão de visital-a teve de usar do seguinte estratagema. — Ao descer pressurosamente da eminencia. acompanhando a senhora e a feiticeira. encontrou os magotes do povo que se recolhia, e lembrando-se de pôr á prova o regorismo d'elles, convidou-os para no dia seguinte assistirem ao banquete pelo baptismo do novo afilhado: tão golotões como fanaticos, sem reparo de se contradizerem, acceitárão promptos o grato offerecimento; e depois de por entre dentes soltar um epitheto que caracterisava a turba. D. Felix pa-

sou a convidar a jovenil madrinha, que não pôde recusar-se a uma festa, dada em obsequio d'ella.

Separárão-se, notificando-se á reunião para o dia immediato no castello de la Vega, e D. Felix veio á sua pousada.—Vinte e quatro horas depois teve lugar o banquete; a linda madrinha fôra obsequiada com honras quasi reaes no castello de la Vega, e D. Felix fizera dois descobrimentos que consignaremos n'este logar: — o primeiro, concernente á marqueza de la Puebla de los Montes, da qual soubera quanto cobiçara saber: era uma senhora da principal nobreza de Madrid, e viuva: o segundo descobrimento dizia immediatamente respeito ao proprio D. Felix; advertira que se achava perdido de amores por D. Paula.

Continua.

POESIA.

MORENA E LINDA.

Morena e linda és um anjo,
E's qual um celeste archanjo,
E's uma ethérea visão;
E's qual um ente celeste
Que em mil luzeiros se veste
Percorrendo a vastidão.

E's morena e feiticeira
Dessa planicie fagueira
De teu belo Andarahy;
E's pura qual uma estrella,
Que no Céo, argentea e bella,
A brilhar bem se surri.

Tua falla é tão fagueira
Como o fallar da palmeira
Em lindo alvor da manhã;
Nessa trança tão lustrosa
Folga a brisa, e pressurosa
Beija-te a face louçã.

E's meiga qual uma fada
Que em serena madrugada
Vem em sonhos se mostrar,
E do sonho acalentado,
Um sentir tão magoado,
Só nos resta ao despertar.

Poetica és como o sol
Quando em fulgente arrebol
Rompe á força um Céo d'anil;
E's divina e és fagueira,
Qual uma virgem guerreira
Das silvas do meu Brasil.

E's morena a flor garrida
Desabrochada, pendida
Sobre as aguas do Soarão;
Tua boca é graciosa,
Como o botão d' uma rosa
Transportada do Japão.

E's a virgem da floresta,
Que indolente dorme a sésta
Junto á sombra d'um bambú;
Tu não tens da terra origem,
E' do sol candida virgem,
Das do imperio do Perú.

Podia Urbino sonhar-te.
Caravagio imaginar-te,
Sonhar-te Rubens tambem;
Qual uma urí do propheta
O musulmano poeta
Sonhar-te junta do harém.

E póde o sultão irado
Julgar-te unida á seu lado
Em doce sonho d'amor;
E póde o louco pirata
Julgar-te em sua fragata,
Em sonhos ser teu senhor.

O mundo póde avistar-te
E acordado adorar-te,
Cantar-te vates tambem;
Póde sim, anjo do Céo;
Porêm amar-te só eu,
Eu sozinho mais ninguem.

Salomon.

Ditos espirituosos de Fontenelle.

Perguntando-lhe um dia a duqueza *du Maine:* « Que paridade havia entre um relogio e uma mulher? » Respondeu: « O relogio marca as horas, e a mulher faz esquecel-as. »

A mesma duqueza lhe perguntou outra vez! « Como é que tinha podido grangear tantos amigos, e não ter nem um só inimigo. « Porque sou sectario dos dois axiomas seguintes, respondeu elle—de que tudo é possivel, e que todo o mundo tem razão.

Outra senhora lhe pediu que désse a razão porque gostava de trabalhar ás escuras. « Gosto muito, é verdade, respondeu elle, da escuridão, mas é quando vos não vejo.

Um de seus amigos lhe fallou um dia ácerca de um negocio de que o tinha incumbido. «Peço-vos perdão, lhe disse elle, por não ter feito o que

JORNAL DAS SENHORAS

AS LAGRIMAS DA AMIZADE

Composta pela Exm.a Snr.a D. Emilia Dulce Moncorvo de Figueiredo

BIBLIOTECA NAC.L E PUBLICA DA CORTE

Moderato

VALSA.

pp f

f p p

f p f p

p

D.C.

ff

FIM

ves prometti. « Conseguistes até, replicou o amigo, o que eu desejava. « Ah! sim, respondeu Fontenelle, não me esqueci de fazer o que me ordenastes.... mas esqueci-me de que o tinha feito. »

Compilados por

L. de B.

CHRONICA DA SEMANA.

Apre com o tal meu *fidus Achates!* Ainda o dia está em casa de Nosso Senhor Jesus-Christo, e já me bate á porta o meu velho *Santos*, que me vem lembrar a tarefa de chronista. E valha-me Deus com a prebenda que desta feita é de duas semanas, que, segundo reza um livrinho com que muito lidamos na mocidade, e que passada a idade das primicias, deixamos no canto, fugindo-o como o demo da cruz, o qual intitula-se *Thesouro de Meninos*, e é tão velho como o diluvio, tem 14 dias, porque, como elle lá diz—uma semana tem sete dias! Se pois noticiar-vos quanto se passa nesta vasta cidade durante sete longos dias é tarefa por demais ardua, que não será a de particularisar quanto occorreu durante quatorze dias, isto depois de haver aturado as rabugices do velho *Santos* que me pregou tantos sermões, que me atirou tantos remoques por me ter feito moita no domingo passado, chegando a dizer que o desgosto era geral entre as assignantes e classificando a minha falta de—quebrantamento de fé—palavras que por sem duvida elle ouviu a alguem. E tão arrenegada fiquei que pela primeira vez parti com elle, e por isso me deixou sem noticias a communicar-vos, tendo eu de recorrer ás dos periodicos, e ao que por mim mesma presenciei para relatar-vos o mais essencial.

De feito o *Santos* teve razão de se queixar de mim pela falta que commetti; mas não lhe quiz eu dar o meu braço a torcer então, o que faço positivamente a vós todas, pedindo-vos que me perdoeis esse crime, que creio não vem classificado no nosso codigo penal, criminal ou do processo—e o peior é que quiz dizer amor, e a lingua me não ajudou, porque a respeito da tal senhora justiça venero-a muito, com quanto ella seja cá do nosso sexo; mas como é cega, não lhe quero graças—porque bordoada de cego quando não mata aleija... mas deixemos o *Santos* em santa paz e a tal *mulherzinha-homem*, e *entremos em materia* como costumão dizer os nossos representantes da nação que supponho estão com paralisia na lingua, visto que tão poucas vezes se têem reunido.... Rompamos a marcha ao que vos importa, e lá vou eu....

— Nesta quadra de defluxos e de constipações foi S. M. o Imperador accommettido de uma forte defluxão, que o privou de vir á côrte a semana passada. Ao espalhar-se a noticia do seu encommodo, o coração dos seus fieis subditos se consternou; felizmente porêm o nosso adorado monarcha está de todo restabelecido, pelo que vos dou os mais cordiaes parabens, tomando eu grande quinhão no vosso jubilo por esta noticia.

— Segundo resão as *Folhinhas* do corrente anno, é hoje o 30º dia do mez de maio, e tambem o domingo da Pascoa do Espirito Santo. Que o é não padece duvida, tanto que lá vejo levantadas no Campo de Sant'Anna, da Honra, da Acclamação, das Immundicia, ou como melhor nome tenha, *algumas barracas*, das quaes umas de gosto, mas outras.... tão mal ataviadas, que se por dentro não estiverem melhor, não lhes passarei os umbraes.... mas quem vê cara não vê coração, e talvez que estas levem as lampas a aquellas. Até ver não é tarde, e pouco terá que viver quem por si mesmo não fôr decidir esta *importante* questão.

Nas freguezias do Campo Grande e de S. Gonçalo hão de haver tambem nestes dias de festa moscas por cordas e mosquitos por arames; mas eu como sou da seita de S. Thomé—quero ver para crer.

Eis o programma dos divertimentos conhecidos da festa do Espirito Santo; e ora passemos a tratar dos que já houverão.

— Comecemos pois pela sociedade Phil Euterpe.

Esta sociedade, onde tanto se dá de guela como de pés, no seu ultimo baile não me encheu as medidas, mas *nec semper Lilia floret* (até já sei latim..., vejão lá como é bom ser procurada por um doutor que não é dos das duzias); todavia devo dizer-vos que se cantou soffrivelmente, e que os devotos de Therpsicore não perderão vasa.

— No sabbado (22) a Sylphide abriu tambem suas portas aos seus muitos frequentadores, que descontentes se retirárão lá pela madrugada, maldizendo a velocidade do tempo, no que lhes achei razão, porque a reunião foi brilhante e assás concorrida.

— O Recreio Campestre deu tambem o seu baile.... E que baile encantador! quantos feitiços! que magia! que jardim delicioso! que multidão encantadora! ali foi tudo contentamento, tudo prazer....

> E a donzella passeava
> Ao lado do amante seu,
> Do baile pelo jardim,
> Qual formoso cherubim,
> Pelas campinas do Céu. (1)

— No dia 28 o aristocratico Cassino, rival de gloria do Campestre, se apresentou tambem nedio e fulgurante. Descrever sua grandeza e profusão, a magia das bellezas que o adornárão, e os lindos e vaporosos *toilettes* que la eu vi, seria um nunca acabar; o espaço que me é concedido nesta folha é pouco para tanto. Este baile foi muito concorrido, porque é usança dos *amadores* serem mais assiduos do segundo baile em diante.

— O nosso theatro lyrico deixou campo aberto ás sociedades cantantes e bailantes, até que sabbado nos deu o—Macbeth—que repetiu na quarta-feira desta semana. A *signora* Zecchini, digão embora o que quizerem os seus desaffeiçoados,

(1) Gomes de Souza.

cantou bem, e cada vez vai a melhor, Mas! que véo negro me encobre o coração ao traçar estas linhas!... Lá pagou o tributo da Natureza o scenographo que de ha pouco abordou ás nossas hospitaleiras praias.... E como não, se....

Em vão quereréis que ao dia
Jamais a noite succeda,
Que ao braço da morte impia
Tudo que vive não ceda. (1)

O Sr. Labocetta tambem soffreu um forte ataque de asthma, segundo me affirmou o meu esculapio, que com as febres da quadra, vive n'uma dubadoura; e só me apparece por milagre. Deus o ponha de todo bom; e se amercie da alma do finado.

— Mais feliz, porêm, que quantos cantores scenographos e cantoras tem vindo ao Rio de Janeiro, o decantado nigromante Kerr Alexander, que tambem esteve entre a cruz e a caldeirinha, continúa nas suas feitiçarias. Lá fez elle ultimamente bichas na garbosa Petropolis, em presença de SS. MM. II. e na de um luzido concurso de pessoas, a quem os mesmos Augustos Senhores se dignárão de convidar para assistirem ás proezas do egregio nigromante, depois das quaes houve um esplendido baile. Bem me diz o velho *Santos* que o feiticeiro falla com o diabo á meia noite.

— No hotel de França, lá na mesma Petropolis, outro baile derão tambem tres pessoas respeitaveis, o qual foi muito bem servido e reunio muita gente....

— E não me ia esquecendo do melhor?... forte cabeça é a minha! — No domingo 23, assisti no acanhado theatro de S. Januario á representação do drama do insigne Sr. Mendes Leal—Os Dous Renegados,—em que fez o papel de Samuel o nosso João Caetano. O drama foi em geral muito bem desempenhado, e convidamo-vos a todas para assistirdes á sua nova representação, logo que ella tenha lugar.

E que mais me resta a dizer-vos?... Por mais tratos que dê á imaginação nada encontro de notavel a mencionar-vos, a não ser que a reconstrucção do theat o de S. Pedro progride rapidamente, e que esta obra que, a meu ver, é sob e-maneira magestosa, é mais um padrão de gloria para aquelle que a dirige.

Deus o guarde, e permitta que em breve vejamos abertas ao publico as portas d'esse templo da arte.

E basta... que a não querer impingir-vos alguma noticia *da meia noite*, o que não é proprio do meu sexo, nada encontro nos meus apontamentos digno de ser mencionado...

Antes porêm de dizer-vos o adeus do costume, vou offerecer-vos um presente que ainda vos não fez este jornal. e que eu o guardei para o fim por ficar aqui melhor collocado.

E' uma charada, um vaticinio realisado!,..

E não continuo a escrever mais para me não perder na explicação: em o outro numero serei mais prolixa.

(1) Gomes de Souza.

CHARADA.

Das cinco sou-a segunda
E a terceira sou do—ser } 1

E das sete irmãas que tenho
Não sou menos procurada } 1

Assim fazia o estudante
Quando alguma conclusão
De algum livro elle queria
Para sua illustração } 2

Despe essas vestes mundanas,
Ah! sóbe ao lugar que é teu.
Não deve existir na terra
Quem para um anjo nasceu.

Bellona.

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra cousa que a relação desta interminavel lucta.

MICHELET, Historia de França.

NOVAS PERSONAGENS.

Não longe da quinta de Maza, em uma pequena casa, cercada de lindos jardins, morava o coronel Rojas com a sua filha Emirena: era o coronel, um antigo veterano da guerra da independencia, cujos serviços estavão sepultados no mais profundo esquecimento.

São onze horas da noite, do dia assás fecundo em acontecimentos que já narrámos.

O coronel e sua filha, porêm, ignorão as cousas que nós temos referido ao leitor; fechados sempre em casa, longe de toda relação, servidos apenas por uma velha indigena da costa da Patagonia, a visita do joven Maza é a unica que interrompe o silencio daquella casa.

Ferido por um desses pezares incuraveis, ante os quaes até o decorrer do tempo é inutil, o coronel Rojas falla pouco; e essa negra desolação que o consome, imprime em torno delle uma atmosphera glacial, que faz expirar nos labios da joven Emirena o innocente sorriso dos seus désesete annos.

São pois nove horas da noite, no momento em que acabamos de introduzir o leitor ao conhecimento destas novas personagens.

(*) Vide o n. 21.

O coronel e sua filha estão reunidos na sala de visitas; é esta uma habitação regular, cujos moveis já usados, porêm cuidadosamente limpos, revelão o asseio da dona da casa; o melhor adorno que ali ha, é um rico piano de Erard e um magnifico vaso de porcelana, imitação de *Sevres*, carregado de mil flores, viçosas, odoriferas e raras.

Ao pé de uma mesa de costura, borda Emirena em silencio, e o seu perfil suave e encantador está assombrado por uma ligeira côr de melancolia, que a faz mais interessante ainda. Com quanto a estação esteja adiantada para o inverno, ella traja um vestido branco, de uma fazenda flexivel e vaporosa, estreitamente sujeito na breve e elegante cintura, com uma larga fita preta de setim.

Magnificos e luzentes, seus cabellos pretos ostentão suas sedosas tranças acima da alta e bem delineada testa: Emirena não é alva, sem ser morena a sua pelle tem essa côr sem nome, que não é o branco alabastrino das mulheres do norte da Europa, nem o trigueiro das Andaluzas—essa côr de rosa desmaiada e suavemente dourada pelas brisas da nossa inculta Pampa, é a côr exclusiva das Portenhas; reuni a isso, seus grandes olhos pardos coroados de largas pestanas, suas feições regulares e nobres, sua voz de timbre braudo e harmonioso, um abandono irresistivel nas maneiras que revelão toda a sua sensibilidade e candura, e eis-ahi o typo das mulheres da banda occidental do Plata.

Ha uma certa impaciencia nos movimentos da menina, ao mais ligeiro ruido levanta inquieta a cabeça, olha para a porta, mas enganada a sua esperança, torna a prestar toda attenção ao seu trabalho.... Quem não adevinha já um segredo de amor?

O coronel, com as mãos nos bolsos do seu paletot, passeia em silencio tambem, ás vezes levanta a cabeça e seus olhos se fitão em um retrato de mulher que occupa o centro da sala, e que, coberto de um espesso véo preto, não deixa perceber as feições; o coronel, depois de alguns segundos de abstracção estremecia todo elle, um gemido abafado lhe trasbordava do coração e deixava cahir a cabeça sobre o peito, seguindo-se a mais absoluta prostração.

Outras vezes parava a contemplar com muda indesivel ternura o perfil gracioso e bello de sua filha.... uma expressão de serenidade e consolação derramava no seu rosto quasi a ventura.

Não obstante a preoccupação do coronel, o toque das nove horas, que o vento trazia em som amortecido dos sinos das igrejas, pareceu despertar a sua ordinaria apathia; e exclamou:

— Nove horas!... e Ramon ainda não veio! que novidade o poderá reter contra o seu costume!

Emirena estremece, e aproveitando o ensejo que seu pai lhe offerece para dar desabafo á impaciencia que a devora, ella responde:

— O capitão Maza terá ido ao theatro.... a alguma partida.... não quereis que se aborreça de aqui vir?... a nossa sociedade é tão triste!

Por afastado que o coronel se tivesse conservado dos negocios do coração, elle bem sabia a injustiça que preside sempre nos juizos das mulheres que estão apaixonadas.... por isso leve sorriso ironico lhe animou um instante as sombrias feições, e sacudiu a cabeça em ar de quem diz:

« Menina, tu não pensas no que dizes, nem assim o acreditas, mas fallas, porque queres dar pasto á tua impaciencia!

Com effeito, Emirena e o jovên Maza, amavão-se desde os primeiros dias da adolescencia; a affeição que ligava os seus corações pertencia ao numero daquellas que plantadas no albor da vida, connosco crescem, arreigão-se, formando parte de nós mesmo, e filtrando toda a existencia que nos anima... era uma dessas affeições que nem o tempo, nem a perfidia, nem demonio algum dos que perseguem os amores castos, podião vence-la ou extermina-la nos seus corações.

Poucos momentos se passárão ainda, e o joven capitão se apresentou aos seus amigos; o seu nobre rosto exprime tão bem as emoções que agitárão a sua alma, que ao apresentar-lhe a mão o coronel não pôde deixar de reconhece-lo, e disse-lhe:

— E então, capitão, o que ha de novo? que lhe aconteceu ao senhor!?

— Oh! não é nada, coronel, respondeu o moço, procurando sorrir-se

— Nada? não senhor, isso não é possivel; seu rosto me diz o contrario—temos algum grave acontecimento....

Emirena que á entrada do capitão quer fingir um ar frio e reservado, tão depressa ouve as palavras de seu pai, e observa que o rosto de Ramon denuncía penosas emoções, a bella menina esquece tudo, e procurando o olhar do seu bem-amado parece dizer-lhe:

Soffremos juntos.

Ramon sabe que golpe vai desfechar no coração do coronel, e confuso não atina o começo da fatal noticia que temia dar.... senta-se junto de Emirena, o coronel em frente de ambos e todos tres, pallidos, mudos, e irresolutos ficão em silencio.

O primeiro que falla é o coronel.

— Falle, capitão; o senhor bem sabe que tudo quanto é da sua familia me interessa, talvez mais que os meus proprios negocios.... a familia que está ligada ao meu caro Alsina, é para mim uma segunda familia.

— Vou satisfazer o meu amigo, responde Maza, porêm de ante-mão arme-se de coragem e de resignação.

— E por ventura estaria eu vivo, sem possuir a mais estoica coragem? sem levar a resignação até o mais requintado ponto?... oh! falle, falle, meu joven amigo; mais uma gota de fel na taça das minhas amarguras ... é pouca cousa.... falle; sou homem, sei soffrer!

— Conheço o caracter elevado do meu amigo, mas a noticia que vou dar-lhe é terrivel!

— Oh! já vejo que se trata de Alsina! exclama Rojas, e seu rosto se cobre de livida pallidez.

Emirena toma a palavra.

— E' alguma má noticia do Dr. Alsina?!

— Ah! senhora, uma noticia bem infausta....

meu cunhado está no Ponton.... minha mana, desembarquei-a hoje.... lá está em casa!

— Ah! exclamou Emirena cruzando as mãos sobre o peito. Piedade, meu Deus! meu Deus, vellai sobre elles!... E duas lagrimas lhe correm pelas faces.

— Preso no Ponton! repete Rojas depois de uma pausa. Mas como?!

— Atraiçoado! vendido! retorna Maza.

— Miseraveis! cobardes! dizia Rojas, tremendo ligeiramente, e alisando os largos e ruivos bigodes, encrespados de raiva.

Depois essa colera passou, e uma lagrima rolou nos olhos do velho soldado: e disse com voz mal segura pela emoção.

— Alsina preso no Ponton! Alsina carregado de ferros e sumido n'um lobrego Ponton! Esse coração tão nobre, tão generoso, tão leal para os seus amigos!... Essa cabeça tão intelligente, tão bella, tão esperançosa para a patria! esse homem tão virtuoso, abysmado no logar que a justiça humana marca como o purgatorio do crime! Ah! Rosas! é esta a tua obra de restauração! é este o systema que tu proclamas—federal! Oh! quanto seria bemdita do Eterno a mão que te atravessasse esse impio coração!...

Rojas cruza os braços sobre o peito, e curva sua fronte pallida, onde o sabre hespanhol deixou uma profunda cicatriz, como uma corôa de martyrio—ao nobre guerreiro de Maio.

Ramon e Emirena, mudos e contristados, trocão tristes olhares, e nem se atrevem os seus labios a um brando sorriso de amor!

Ah! triste mocidade a nossa! tristes amores que a proscripção murchou! pares infelizes, cujo leito nupcial foi pela mór parte a fria e negra sepultura! Constancia inutil que só recebeu o galardão da morte!

Ah! quantos sonhos queridos esvaecidos pela mais acerba decepção! quanta suave esperança dissipada pelas balas dos soldados de Rosas! que de brilhante porvir calcado pelos ferros dos ferozes lanceiros de Oribe!... Pobre mocidade!

— Paciencia, meu coronel! disse Ramon. Na época presente, não ha garantia possivel contra a perseguição politica! N'outro tempo era um dezar para o homem de honra ir ter á cadêa.... era uma nodoa no seu nome.... era um opprobrio para a sua familia! Mas hoje, debaixo da tyrannia de Rosas, cruzar as cadêas e ser agrilhoado é uma honra. São os martyres da revolução, cujos nomes grava em letras de ouro o buril do historiador.... Entramos na senda dos perseguidos.... e quem sabe até onde chegará a vingança de Rosas!...

— Ah! que porvir! que porvir se prepara para essa triste mocidade!...

— Seja qual for saberemos lutar!

— Vamos, disse Rojas levantando-se; vamos ver a Sra. de Alsina!

O coronel, Emirena e Ramon, depressa atravessárão o espaço que separava as duas quintas, e D. Antonia viu-se rodeada de amigos devotados! recebendo os cuidados mais ternos que possue a familia, as consolações mais supremas que nos dispensa a amizade nas horas infaustas da vida!

Já era muito tarde quando separárão-se aquellas duas familias, que o infortunio começou a ligar, e que o amor promettia reunir em um só laço com a união de Ramon e Emirena.

(Continua.)

Com este numero damos ás nossas assignantes uma simples e pequena valsa, intitulada—AS LAGRIMAS DA AMIZADE—limitada offerenda, mas permittí que demos este fiel testemunho de veneração á memoria da Exm. Sra. D. Emilia Dulce Moncorvo de Figueredo, nossa sempre pranteada collaboradora e amiga sincera. É sua a composição desta valsa—tão triste, tão sentimental..., e feita no meio de sua prospera e virtuosa existencia, rodeada de amigas, das caricias de um terno esposo, de prazeres e galas...!

Foi um anjo que subio ao seio de Deus.

JORNAL DAS SENHORAS.

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom, em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica moldes e padrões de bordados.

SUBSCREVE-SE para este jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN E COMP. n. 70, A. E F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS E SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PREÇO DA Assignatura: Por tres mezes 3$000 rs. na Côrte, 4$000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro—Typographia de Santos & Silva Junior, Rua da Carioca n. 32.

TOMO I. --DOMINGO, 6 DE JUNHO DE 1852.

O JORNAL

DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

O programa e condicções deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

MODAS.

Muito breve, minha filha, ides deixar o véo de virgem, o tecto paterno e as descuidosas occupações da vossa mocidade, pelas occupações muito mais sérias e muito mais importantes de esposa e de mãi de familia: » Forão estas as palavras de um parocho a uma noiva, com as quaes principiou elle um suave e edificante discurso sobre o casamento que naquelle momento ia abençoar em nome do Céu entre um lindissimo par do meu intimo conhecimento. E com as mesmas palavras, se me dais licença, principio eu o meu artigo de modas que vai ser hoje dedicado ás solteirinhas, cujo desembargo do paço, desejos, ambições, sonhos e pretenções, estão fixados e constantemente empregados nas douradas illusões do casamento.

Já sabeis portanto que se trata de uma noiva e do rigoroso *toilette* de noivado, tão sublime e delicado, como é esse laço divino e humano, em que para sempre se prendem dois corações que se estimão, que se adorão e que se casão.

Para bem avaliardes a verdadeira solemnidade e o grave respeito do acto de um casamento seria necessario vel-o com os vossos olhos celebrado em qualquer parte da culta Europa, catholica apostolica ou protestante. Ahi não se faz um miseravel contrabando, nem um triste segredo, dessa solemnidade tão sublime e edificante, tão indispensavel mesma, digamol-o, á religião e á civilisação dos povos. Em Paris, por exemplo, a solemnidade é feita entre onze horas e meio dia, porque é sempre acompanhada do santo sacrificio da missa, em meio de cuja celebração recebem-se então os noivos, benzem-se os anneis nupciaes, e o sacerdote depois dirige-lhes um discurso analogo e bem deduzido, e continúa a missa até o fim, a que os noivos são obrigados a assistir. Salvo os casos urgentes, os que querem casar mais particularmente, que são poucos, assim mesmo nunca o podem fazer senão da meia noite em diante, porque teem de sujeitar-se ás mesmas formalidades, e hão de assistir indispensavelmente á missa do noivado.

Presenciarieis então, querida leitora, um acto

respeitoso, uma verdadeira ceremonia religiosamente bem preenchida perante o altar de Deus. E isto vale tanto!...

Mas eu estou escrevendo um artigo de modas, que não deve ser nenhum sermão que vos enfastie, não é assim? Será bem feito que me deis um beliscãozinho na pelle—que não seja muito torcido que tenho de sahir amanhã de manga curta.

Pois bem, dir-vos-hei então que, por ser o casamento em França uma solemnidade feita de manhã, a moda entendeu que a noiva de bom tom deve estrear dois vestidos no dia do seu desposorio—um com que vai á igreja, e outro com que assiste ao jantar, sendo o primeiro afogado e de mangas semi-compridas; e o segundo decotado com mangas curtas; ao passo que o véo e a grinalda acompanhão-na em ambos os *toilettes* até o fim desse dia tão venturoso.

Apezar dos casamentos cá na nossa terra fazerem-se de tarde, (hora tão impropria!) nem por isso deixão-se de fazer riquissimos enxovaes em tudo conformes aos usos parisienses.

Ha dias fui eu apreciar á casa de Mme. Barat um enxoval de valiosa importancia e de uma distincção do mais apurado gosto elegante da moda; tinha sido feito e acabado com todo o capricho para uma linda menina, que não direi quem é, mas que daqui a bem poucos dias será a soberana deidade dos destinos de um feliz mortal, seu futuro esposo.

Este enxoval immenso, chefe d'obra da arte e de bom gosto, cujas peças de finissima roupa branca não vos posso enumerar, estava dentro de quatro aromaticas caixas de sandalo, e mais tres que guardavão os vestidos de seda ou os primeiros *toilettes* do noivado. Na primeira estavão tres vestidos, o primeiro era o delicioso vestido de casamento, conforme representa o figurino de hoje, e de que vos darei explicação mais adiante. O segundo era o vestido para o jantar, de riquissima seda branca lavrada, ramos soltos, ornado com tres ordens de renda de ponto de Inglaterra; o corpo liso, decotado, e de bico guarnecido de um berthe *chateleine*, de renda do mesmo valor, fechado no peito por igual ramo de flores do primeiro vestido. A mesma grinalda e véo do casamento hão de acompanhar este *toilette*. O terceiro era o vestido para o segundo dia. Que lindo e feiticeiro *négligé!* Compunha-se de um forro de nobreza azul claro com um roupão de transparente cassa lisa, guarnecido de entremeios e renda *valenciennes*, e simplesmente uma larga fita azul clara de pontas cahidas, para prender a cintura—para enfeite da cabeça uma linda e diafana touca de *valenciennes* e estreitas fitinhas da mesma côr do cinto.

Na segunda caixa estavão outros tres—um para fazer visitas de intimidade, de seda furta côr *rose et gris perle*, afogado, aberto adiante, e de *basquine* fechando o corpo, com laços e um rico apparelho de brilhantes botões de fantasia; mangas largas abertas deixando apparecer umas sub-mangás de apurada cassa bordada, camisinha da mesma fazenda, e um lindissimo chapéo de filó de seda côr de rosa enfeitado com uma só pluma-da-mesma côr completava este encantador *toilette*. O outro vestido, era para as visitas de parabens, de riquissima seda lavrada azul clara, com grandes ramos soltos de côres matisadas, que pelo seu valor não admittiu enfeites na saia; corpo decotado a Luiz XV guarnecido de deliciosos blondes de seda branca bordada de côres, mangas curtas, e para enfeite da cabeça as mais lindas flores de Constantino com as mesmas blondes entrelaçadas. O terceiro finalmente era um fascinador e delicadissimo vestido para baile, de filó côr de rosa com tres saias progressivas tendo a ultima por guarnição uma franja toda de prata, o corpo decotado com um cabeção redondo guarnecido da mesma franja; e para a cabeça um enfeite de fita *Algerienne* côr de rosa prateada. Deslumbrante e nobre *toilette*.

A ultima caixa guardava os diversos e magnificos vestidos de passeio das mais modernas e bonitas sedas listadas em xadrez, barege e popeline, enfeitados com toda a delicadeza e arte de que sabe dispôr Mme. Barat em todas as suas felizes creações deste genero.

Não vos posso descrever a belleza de todos estes vestidos, enfeites e adereços, se não dizendo-vos que—cada um era uma preciosidade, uma joia de valor!

Venturosa a noiva que, a par de tão elevado luxo e grandeza, alcança entre os laços de hymeneu a realidade de seus dourados sonhos e a felicidade de um porvir risonho. Está no Céo em vida.

Descreverei aqui o *toilette* de noiva que apresenta a nossa gravura, feita ha dous mezes em Paris pelo gosto mais moderno das suas mais afamadas modistas.

O vestido é da mais rica seda branca, toda bordada a seda frouxa, com larga e espaçosa barra de magnifica bordadura—em disposição.

Corpo afogado, aberto adiante, primorosa e ricamente guarnecido de duas ordens de renda de ponto de Inglaterra, que lhe acompanhão a abertura até á cintura. Mangas pagode, semi-compridas, circulares de quatro ordens da mesma renda encrespada. Por dentro, velando a abertura do corpo, uma valiosa camisinha afogada de entremeios e renda de ponto de Inglaterra. Ramo de rosas brancas e flores de laranjá ao lado esquerdo do cinto. Grinalda do mesmo gosto e véo mui cumprido de filó de linho liso, rodeado de renda estreita, ponto de Inglaterra, da largura de quatro dedos. Luvas curtas de pellica branca, sem enfeites nem pulseiras. Livro de missa na mão, de capa de chamalote branco, fêcho e cantos de prata. Sapatos de setim branco.

O penteado é simples, de bandeletas, para conter elegantemente a grinalda, a qual deve apanhar uma pequena parte da testa, e gradualmente ir descahindo aos lados da cabeça até á nuca, onde casão as duas pontas por sobre o véo.

Eis minhas queridas solteirinhas um vestuario de noiva no galarim, no rigor e riqueza da moda. Eis ahi o vestido e o véo do talisman da vossa existencia—o casamento. E' um magico de duas faces diversas, com o surriso angelico das felicidades do Céo em uma dellas.

Aceitai-o; e que em breve vos veja a todas casadinhas e venturosas.

Infante, 4 de junho.

A vossa amiga,

Christina.

O DUELLO DAS DAMAS.

Conclusão.

II.

Longe dos olhos, longe do coração, diz o adagio. Tanto mais conhecêra este axioma a bella Francisca Fernandez, quanto os zelos havião tomado assento em seu coração desde o momento em que de seu esposo se apartára. Sabendo que D. Felix tão fraco era de affectos quanto facil de apaixonar-se, emprehendêra com bastante custo uma jornada indispensavel para negocios de familia: e ao mesmo tempo que fazia todo o possivel por abreviar sua ausencia, fingia prolongal-a para dar a seu marido ou o prazer, ou a lição de uma sorpreza. No mesmo dia em que emprehendera voltar a Vega, escreveu a D. Felix que só ao cabo de um mez poderia ter o gosto da sua vista. Porêm ao chegar ao castello foi ella a sorprendida em vez daquelle que pretendia tomar de sobresalto. D. Felix no dia antecedente partira sem dizer para onde, nem quando tornaria, e sem abraçar seus filhos que entregára ás mãos mercenarias; não contára com a hospeda, e facil é imaginar-se que suspeitas entrarião no animo de D. Francisca; perguntando a quantos encontrava com a sagacidade propria do ciume exaltado, não tardou que soubesse a aventura da capella, e este fio conduzin á morada da feiticeira. Interrogada esta, innocentemente relatou a historia de seus accidentes bemfeitores; e que por vezes a visitárão, distribuindo-lhe dadivas até que a marqueza annunciára sua partida para a côrte.— « E com effeito partiu?.... perguntou a esposa de D. Felix sobresaltada. » — « Antehontem; respondeu a mulher; e sem perceber o effeito de sua declaração, ajuntou—O Sr. de la Vega veio de tarde fazer-me a mesma pergunta; creio que tambem partiria porque não tornei a vêl-o.—Não inquiriu D. Francisca mais noticias; comprehendeu o enigma; fez esmola á feiticeira; e sem resfolgar caminhando direita ao castello, bradou á entrada a seus criados: — Já, cavallos apparelhados, cavallos promptos; carruagem a caminho, quero sahir já; que se um pai no accesso de paixão desordenada pôde esquecer-se de seus filhos, a mãi tambem só póde esquecel-os no desesperado auge do ciume.

III.

A' entrada de uma rua estreita de Madrid, contigua á porta de Guadalajara, uma lanterna pendurada defronte do nicho de S. Fernando despedia vacillante luz e soturna, ao clarão debil e intercadente via-se um cavalheiro, de estatura baixa, com sombreiro carregado sobre os olhos, mascarado, e de espada á cinta, passeava lentamente, parando a intervallos para advirtir se era observado. Tão socegada e silenciosa estava aquella rua, como agitadas as demais da tumultuosa capital; o embuçado já começava a inquietar-se porque só trevas descubria, e tudo era mudo; eis que outro cavalheiro, mascarado tambem, de figura e aspecto em tudo semelhantes, approxima-se deliberadamente, e mettendo mão aos copos da espada, diz com voz tenue, mas resoluta:

— Que fazeis aqui, senhor?

— Faço o que não tenho tenção de explicar-

replicou o passeante com mais soberba que firmeza.

— Se não tendes tenção de o declarar, necessito eu sabel-o. E o tom da voz já ameaçador.

O primeiro fez um movimento de espanto, acompanhado de gestos de indignação, e indiciava reunir todo o seu valor para pedir ao inesperado interlocutor que se retirasse.

— Era o mesmo que ia impedir-vos, cavalheiro, replicou o segundo; necessito de aqui estar só, onde espero outra pessoa.

— Tambem eu espero; e se o não levais a mal, aguardaremos ambos.

— Digo-vos que não póde ser.... Segui vosso caminho por vontade, que se não o fareis por força.

Esta ameaça, proferida insultuosamente, fez sem duvida subir ao rosto do primeiro passeante todo o calor do sangue hispano que lhe corria nas veias; porquanto sem consultar se as proprias forças lhe permittirião arrostar com o provocador, metteu tremulo de raiva mão á espada; o outro o imitou logo, como desejoso de levar as cousas ao peior extremo; e ambos se achárão em guarda, frente á frente, cubiçosos de vingança, como dois rivaes que sem conhecer-se presumem que o são, e receão, não obstante, desfechar o primeiro golpe, quaes meninos que se espantão do sangue derramado. Assim os dous reciprocamente se esforçavão por encubrir a turvação de espirito sob as apparencias da colera. Novo e pungente insulto da parte do provocador pôz termo á indicisão; alçárão-se os braços, e os ferros se cruzárão. Apenas durou um minuto o duello; ao cabo delle o primeiro cavalheiro mediu o chão, soltando um grito que fez estremecer o outro; acudiu o vencedor a certificar-se de que o seu adversario tão sómente n'uma das mãos fôra ferido, e inclinando-se lhe disse ao ouvido:

« Marqueza de la Puebla de los Montes, havemos desempenhado o nosso papel tão bem ou melhor que homens. Lembrai-vos que vos feriu na mão aquella a quem feristes no coração. »

Neste relance appareceu nova personagem na rua de S. Fernando: Francisca, que reconheceu D. Felix, correu a elle, travou-lhe do braço, e mostrou-lhe a marqueza desmaiada, que por ordem sua era levada por dois criados.

« Uma hora mais tarde, a malaria, disse a ciosa hespanhola. Vós, senhor, ainda podeis ser digno de mim: vinde pedir-me perdão, e ver nossos filhos. »

Abatido pelo sobresalto e confusão, D. Felix se deixou guiar por sua consorte, como o menino por sua mãi.

Narrou-lhe ella o como soubera da sua partida da Vega em seguimento da marqueza; como os descubrira e espiara em Madrid nas funcções do carnaval, e os colhera na primeira entrevista, designada para a rua de S. Fernando; e a final como havia consummado sua vingança, prevenindo a deshonra. D. Felix mais leviano do que culpavel, mereceu immediatamente o seu perdão.

Passados nove mezes depois desta reconciliação inteiramente hespanhola nasceu D. Lopo de Vega Carpio, o primeiro poeta dramatico do seu seculo.

Este homem insigne comprazia-se em repetir ás vezes *que por pouco estivera o não ser filho de sua mãi;* e accrescentava que o filho da *feiticeira de Carriedo* era o celebre Felix Paulo Valdez: o melhor interprete de suas obras, e o primeiro tragico de Hespanha.

Quanto á marqueza de la Puebla de los Montes, aproveitando a seu modo a terrivel lição de Francisca, recolheu-se a um mosteiro de freiras em Madrid, onde chegou á dignidade d'abbadeça; e ainda ha poucos annos nelle mostravão o seu retrato, facil de reconhecer pela funda cicatriz na mão direita.

Panorama.

POESIA.

A MENINA VAIDOSA.

Uma noite, oh! bem lembrada....
Fruía bellos instantes
A par de seres amantes,
A quem muito eu adorava;
Pai e mãi que idolatrava.

Minha mãi me mandou ler
Um livrinho de orações,
Que sempre em nossos serões
Uma de nós o fazia:
Nessa noite era eu quem lia.

Minha irmã adormeceu,
Coitadinha, ali p'ra o lado,
E eu vendo-a nesse estado
Mostrei-a assás com vangloria....
Tenho disso bem memoria.

« Olhai como ella adormece!
« No entanto eu estou lendo....
« Vós, mamã, estais bem vendo
« Quanto sou estudiosa,
« E quanto ella é preguiçosa!

Mamã voltou-se, abraçou-me;
Senti na face um calor....
Uma lagrima de dôr
Sobre mim tinha cahido:
Eu tinha emmudecido.

« Melhor fôra, minha filha,
« Que tivesses te rendido
« Ao cançaço, e adormecido;
« Não terias sim resado
« Mas dormias sem peccado. »

Submissa logo aceitei
A terna reprehensão,
Chorando pedi perdão
De ser tão má, tão vaidosa;
E me tornei caridosa.

Hoje penso e com razão,
Que uma menina vaidosa
Jamais póde ser ditosa,
Quer solteira, quer casada:
Quasi sempre é pouco amada.

Torna-se ella aborrecida,
Sem amigas, despresada,
Nos circ'los sempre notada,
E' das outras—irrisão!
E' propriamente um—pavão!

Mas meu Deos! quem me pediu
Neste artiguinho um sermão?
Eu não queria isso não!
P'ra prova do meu intento
Eu não quero pagamento.

Nem ninguem me encommendou
Q'eu escrevesse um artigo
Em versos, que tem perigo
De se tornarem massada:
E pois, sou vossa criada.

Paula de L.

CHRONICA DA SEMANA.

Meu dito, meu feito. O Santos, com a satisfação que vos dei pelo silencio que—guardei no domingo 23 do proximo passado mez, apresentou-se-me uma destas tardes alegre e garrido, fez-me muitas zumbaias, e disse-me que eu lhe tinha enchido as medidas confessando-vos o meu peccado.

Eu estava pachorrenta, e aturei suas momices, do que me não arrependo, porque o bom do velho desenrolou um novello tão comprido de noticias que, por vezes, obriguei-o a calar-se para apanhar as que me convinhão. Dizem que nós mulheres—fallamos pelos cotovellos—e prouvera a Deus que fosse esse o unico defeito que nos notassem os homens que, não podendo passar sem nós, nos assacão um sem numero delles, e alguns bem máos—; mas conheço tantos machacazes, cujas guelas se não—seccão nunca, que citar-vol-os seria um trabalho insano. O Santos pertence a essa escola. Mas deixemos frioleiras, e vamos ao que serve.

— Na minha ultima Chronica fallei em ultimo logar—dos théatros; n'esta—, porêm, seguirei outra senda.—Na segunda feira (31 do mez que acabou) recebi por mão de um criado—agaloado—uma carta escripta em papel setim—e com brazões de armas.—Supposto ella não esteja assignada, todavia, quem a traçou é cá do nosso sexo como vereis pelo seu contexto. Eis o parafo d'essa carta que escolhi para publicar.

« Pasma que V. Sra. D. Bellona, tendo tantos *novelleiros* e chichisbéos, e sendo tão atilada, não esteja ao facto do que vou relatar-lhe; garantindo a verocidade da causa. Eu sou mulher, e por isso não se admirará de que, tendo promettido guardar segredo á respeito do que passo a relatar-lhe, eu o communique a V; mas, minha cara senhora, ha gente que ignora ainda que—segredo em boca de mulher é o mesmo que escrever em papel pardo. » O caso é o seguinte:

« O nosso eximio actor Brasileiro—escuso nomeal-o porque V bem sabe a quem me refiro—recebeu do litterato brasileiro o Sr. Dr. Pinheiro Guimarães a traducção da tragedia de Lord Biron—SARDANAPALO—a qual, tendo sido remettida ao Conservatorio Dramatico, foi sujeita á commissão de censura que, sobre ella, lavrou o seguinte parecer. » Esta traducção, de ha muito conhecida pelos litteratos do Rio de Janeiro, manifesta o talento e bom gosto do seu author, e a rara facilidade com que se tiroù das difficuldades do original, adaptando-a ao theatro Brasileiro. »—

—No theatro Provisorio tem tido logar os ensaios da orchestra da *Favorita*, e corre que a

senhora Stoltz tem causado *furor* aos mestres da companhia lyrica, e que os professores da orchestra a teem applaudido freneticamente. A' vista do exposto posso affirmar-vos que a questão está a decidir-se—e que breve vós e eu teremos o grande prazer de ouvir essa eximia artista, segundo dizem. Não ha dia em que eu não reze um Padre Nosso ao Santinho da minha devoção para que em breve se realise este meu ardente desejo. O povo desta capital é tão apreciador do merito que—se a Sra. Stoltz merecer seus applausos, elle lh'os dará, e que posto a não possa chamar á scena, como lá na *menos* culta Europa se fez a Grizi e Mario—mais de 20 vezes —todavia, muitas corôas de flores lhe serão lançadas, e presentes de alto valor lhe serão offertados. Eu por mim lhe garanto que duas mal alinhavadas linhas escreverei em seu elogio; o que não é pouco—porque lá diz o rifão—quem dá o que tem não é a mais obrigado. Deus abrevie o termo da estréa da Sra. Stoltz, para que cessem os malditos *retalhos* e espeques, tanto mais quando a Sra. Zechini, por incommodos de saude, —se ausenta por alguns mezes do theatro; e permitta tambem o mesmo Deus que melhor escolha presida d'ora avante nas—danças—para que não—nos matem a paciencia com outras iguaes á tal—*João o Cruel*,—que foi mesmo uma *crueldade*!

A póz uma tão aturada ausencia, fui visitada tambem pelo meu doutor, que, mais folgado das suas lidas medicas, me entreteve algumas horas. Gosto muito de ouvil-o: sua conversação é instructiva e espirituosa—Desta feita porêm achei-o carrancudo e cabísbaixo, e perguntando-lhe a razão—disse-me—que os medicos de merito e acreditados brévemente irão plantar aboboras por que os charlatães ião se apoderando de quasi todos os doentes.

Apezar do seu *máo humor* (é palavrinha da moda) contou-me o seguinte caso, que refiro, para dar-vos uma pequena amostra do seu bom gosto. —Eil-o *tim-tim* por *tim-tim*: « Passando um celebre medico hollandez por uma praça em Londres viu um homem n'uma rica carruagem puxada a quatro, cujos criados, magnificamente ajaezados, distribuião ao povo varias receitas *milagrosas*. Entreconhecendo—o medico foi ter com o tal sujeito horas depois, e lhe disse.— Creio que já vos vi, mas não me lembro aonde— Em casa de uma senhora á quem outr'ora eu servia, respondeu o homem.—E como é que exerceis hoje a medicina, vós, que, ha tão pouco tempo, ereis criado de servir? respondeu o medico.—Antes de satifazer á vossa pergunta, disse o nosso homem, permitti que vos dirija a seguinte.—Quantas pessoas julgaes que passão no correr do dia pela rua em que moraes ?— Não posso calcular ao certo, disse o medico, mas avalio o numero em 700. « E dessas 700, quantas julgaes que tem senso commum? perguntou o charlatão. « 200 pouco mais ou menos, respondeu o medico.—Pois bem, essas 200 pessoas são as que vos procurão, e as outras são as que comprão as minhas receitas. »

O azedume do meu assistente não déu lugar á que eu me alargasse com elle sobre outras materias; e para não desgostal-o, e tambem por que ando farta de aturar—caras feias—deixei—o ir-se embora sem lhe pedir que se demorasse

—Passou-se a festa do Espirito Santo com todos os seus accessorios. Na freguezia de Santa Anna houverão tres festas, muitos foguetes e bombas, o competente *imperio*, musica, leilões, &c., tudo com pompa; e no Campo de Santa Anna as bem conhecidas *barracas* que enchêrão as algibeiras de *alguns* e *despejárão* a de muitas: todas ellas forão muito frequentadas. Na freguezia de S. Gonçalo, segundo m'informão, por isso que, por incommodos de familia, lá não pude ir, esteve tambem a festa muito boa e concorrida. No convento da Lapa festejou-se tambem o Divino, e a festa e as novenas forão brilhantes.

—O Prado Fluminense foi mais caipora: a chuva não deu logar ás suspiradas corridas do dia 31 do passado, tambem o dia amanheceu tão carrancudo como a cára de um homem enciumado, e com taes caras não ha meias medidas. ! Os apostantes retirárão-se do Prado contrariados, e os ginetes parelheiros tiverão mais essa folga até o dia 6, que é justamente o dia em que apparece esta minha Chronica.

—O baile—Vestal—foi concorrido; e a sociedade—Recreio dos Militares—trata de designar o dia em que deve ter logar o baile do mez de Junho.—Deos queira que elle se effectue brevemente.

—Deixo muitas vezes de dar largas á imaginação, para que se não diga que mão varonil é que traça os meus escriptos. Sombra de Mme. Stael fallae por mim a esses que não se podem capacitar de que uma pobre mulher é capaz de escrever cousa que preste—A despeito do que a mim mesma promettera, de não tratar de certas materias, não posso deixar de escrever estas poucas palavras sobre o prematuro passamento de um

mancebo que sempre me mereceu muita estima.. fallo do Sr. Dr. Gabriel Getulio Monteiro de Meneonça que, na idade de 23 annos, deu a alma a Deus... Esses 23 annos passarão-se como uma nuvem vaporosa... E...

Seu rosto, pallido e bello,
Já não tem vida nem côr,
Sobre elle a morte descança
Envôlta em baço pallôr.

Mas....

Não choremos essa morte,
Não choremos casos taes,
Quando a terra perde um justo
Conta um anjo o Ceo de mais (1)

Temos tambem de lastimar a morte do Sr. Bassadona, tenor engajado ultimamente para o nosso theatro lyrico e a do Sr. Bianchi di Masoletti, baixo profundo da mesma companhia.....

E aqui deponho a penna; não só porque a dôr me opprime como porque estareis cançadas de aturar-me.

Adeus minhas amigas. O Céo vos guarde, e vos dê mil prosperidades.

Bellona.

Sexta feira, 4 de Junho.

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra cousa que a relação desta interminavel lucta.

MICHELET, Historia de França.

O CORONEL ROJAS.

A vida particular do coronel Rojas era um desses dramas horriveis que passão desapercebidos e sem o tragico desfecho desse drama que o póz na scena do mundo, ninguem teria ido estudar e aprofundar todas as dolorosas emoções, todas as asperas magoas que despedaçavão o seu coração.

Eis a sua historia.

Alguns annos antes da época em que principião os acontecimentos que relata este romance; o coronel Rojas era um galhardo guerreiro de pôrte altivo e de fórmas colossaes; as suas maneiras cavalheirosas não estavão despidas de elegancia, e sabia galantear as mulheres com certa ousadia, que ao mesmo tempo tornava-se ás vezes em uma especie de culto, que se remontava a Galeas de Mantua.

Educado, por assim dizer, nos campos de batalha, as relações de passageiros amores só pousavão tão de leve no seu coração, que este conservava virgem e intacta essa força de amor que pertence á primeira e inexperta mocidade.

De retorno da longa cruzada libertadora da guerra da independencia, Rojas amou pela primeira vez na sua vida; essa primeira impressão tornou-se uma paixão volcanica e indomavel, e só um prompto hymeneo póde trazer-lhe a sua costumada tranquillidade, mas conservando para sua joven esposa um amor immenso, e concentrando nella todas as suas affeições, desejos, porvir e felicidade.

Apressado em gozar da sua dita o mais longamente possivel, sollicitou o commando militar da fortaleza da *Bahia Branca*, situada na costa da Patagonia, e ahi escondeu-se com a sua idolatrada companheira, para viver entre os dois elementos que completavão a sua existencia—a guerra e o amor.

A mulher, com a qual ligára o seu destino, era uma dessas jovens de pouca intelligencia, que, á uma educação descuidada, ajuntão uma má indole. A conquista do coronel, que ainda conservava como um crepusculo da sua belleza viril, vestido com a sua farda toda brilhante, com o peito cheio de condecorações, premio das muitas feridas com que soube compral-as, isto tudo offuscou a joven senhora; atordoada, magnetisada talvez instantaneamente por aquelle ardente e irresistivel amor, nos primeiros mezes que seguirão ao seu casamento, ella respondia aos beijos extremosos de seu marido com outros iguaes, e o acompanhava em todos os delirios da paixão.

Comtudo, como ella não amava, como só tinha sido fascinada, chegou o momento em que a desaffeição principiou a manifestar-se. O prestigio do heroe se dissipava, e á medida que este fugia, a esposa do coronel, estudando o rosto de seu marido, cada dia o achava mais velho, cada dia lhe descubria novas rugas, annuncio da velhice que já batia á porta.... então ella afastava-se delle.... e elle a procurava.... e redobrava de caricias e de finezas! Ella pelo contrario, depois da frieza, mostrou-lhe uma indifferença a mais decidida, e por fim chegou um dia que a repugnancia appareceu.

Esse dia era o primeiro em que a Sra. de Rojas sentiu que uma paixão criminosa entrava em seu coração!

Nada tão rapido como as gradações do sentimento.... Da frieza á indifferença, da indifferença á repugnancia, desta ao odio, e tudo foi dito entre aquelles dois seres que tinhão ligado o seu destino e a sua vida para sempre, diante de Deus e dos homens!...

Então começou uma luta horrivel entre os dois.... um inferno de todos os momentos; Rojas que amava sua mulher com paixão, não queria renuncial-a, por isso, rogos, lagrimas, exprobrações, máos tratos, todas as peripecias da paixão se succedião no seu coração, e elle ensaiava todos os meios que poderião alcançar o retorno dos primeiros tempos.... mas ella, que além de odial-o, amava outrem, resistia e lutava sem tregoas!

Tambem para o coronel Rojas chegou um dia em que a convicção, penetrando no seu espirito, ferido mortalmente no seu amor e no seu orgulho de homem, entendeu que como homem de bem, devia sustentar a sua dignidade, e deixar a sua mulher em completa liberdade.... Desde esse dia, só houve de commum entre os dois—o nome—a casa e a hora que os reunia á mesa.

Um silencio profundo reinava entre elles, evi-

(1) O Sr. Gonçalves Dias.

(*) Vide o n. 22.

tárão olhar um para o outro e nunca se encontravão a sós.

Ella amaldiçoava o laço de ferro que a encadeava áquelle homem, que não só ella o não amavã, mas o considerava como um obstaculo á sua felicidade.

E por fim concluiu por decidir-se—que ella não devia sacrificar-se por tal fórma, e então dedicou-se sem reserva ao homem a quem amava.

Era este um dos officiaes do regimento de Rojas.

O coronel, pela sua parte, lutava comsigo mesmo; mas soffria horrivelmente....

Os seus ciumes não tardárão em mostrar-lhe toda a extensão da sua desventura!

Prudente acaso, pela primeira vez na sua vida observou em silencio, e quando certificou-se da extenção da sua desgraça e ignominia, uma ordem do coronel afastou o joven official em commissão para outro logar.

Então a joven senhora esquece todo o recato, todo o pudor, e além de insultar o marido, annuncia por fim a resoluçao de partir a reunir-se com o seu amante!

E Rojas teve de soffrer tanto vexame! e fugiu da presença da ingrata, retirando-se ao seu quarto.... mas ella o seguiu para mais insultal-o, para desabafar a colera e o odio que lhe trasbordavão d'alma!...

Desse ultimo colloquio só se sabe que, ao ruido de um tiro de pistola, a gente da casa acudiu ao quarto de Rojas.... a mulher estava banhada no seu proprio sangue, a cabeça despedaçada em fragmentos pela bala da pistola, elle de joelhos, livido e quasi demente, sustentando nos seus braços o cadaver de sua mulher!

Foi este um suicidio ou um assassinato?

Era o mysterio da existencia do coronel! O mysterio, do qual só duas pessoas sabião—elle, e aquella que já estava reduzida a pó.... Acima delles dois, só Deus, ante cujos olhos nada se disfarça nem se occulta!

O mundo o tinha condemnado n'um primeiro juizo.... Ella era tão moça, tão bella, a catastrophe era tão horrorosa!

Comtudo elle não intentára fugir.... tinha-se entregado á justiça por sua livre vontade, e jurava sobre a cruz do Redemptor que não tocára nem com um dedo a arma mortifera!

Dizia elle que sua mulher o seguira ao quarto sempre o insultando, porêm que elle lhe não dera resposta.

Só lhe asseverára por fim que ella não acompanharia o official.

— Pois a viver sem elle e ao teu lado, prefiro antes a morte.

Isto dizendo, chegára a pistola ao ouvido; elle correu para ella, mas rapida em seus movimentos, descarregou o tiro em si mesma, e cahiu sem vida!

O mundo o absolveu depois, e por muito tempo foi o heróe do dia.

Entretanto, elle abatido e concentrado em seu pezar definhava-se no fundo de uma prisão!

Dois advogados celebres successivamente o defendêrão—Mas sem fructo.— Duas vezes foi sentenciado á morte!

Elle não desejava viver.... porêm, aos dez mezes de casados, tinha nascido Emirena, que contava apenas dois annos quando teve logar o drama sanguinolento que a deixára sem mãi!

Rojas não queria deixal-a tão só no mundo, nem queria tambem deixar-lhe por herança o nome de um assassino—do assassino de sua mãi, morrendo ignominiosamente sobre o cadafalso!

A terceira appellação decidia do seu destino.

Foi nesse momento que Alsina se apresentou! e Alsina salvou a vida e a honra do coronel!

Eis o principio da sua amizade com Alsina.

(Continua.)

Por chegar muito tarde ás nossas mãos a linda poesia do Sr. Salomon—O SEPULCHRO—dedicada á memoria do Illma. Sra. D. Emilia Dulce Moncorvo de Figueiredo, não podemos infelizmente publical-a em o nosso Jornal de domingo passado, conforme expressamente se nos pedia, e por isso foi impressa no *Mercantil* 31 de maio. Recommendamos particularmente ás nossas assignantes a leitura de sa bella poesia.

Com este numero vai um figurino de *toilette* do noiva.

JORNAL DAS SENHORAS.

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom, em Paris, e os outros seguintes de uma engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica moldes e padrões de bordados.

SUBSCREVE-SE para este jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN E COMP. n. 70, A. E F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS E SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PREÇO DA Assignatura: Por tres mezes 3U000 rs. na Côrte, 4U000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro—Typographia de Santos & Silva Junior, Rua da Carioca n. 32.

TOMO I.—DOMINGO, 13 DE JUNHO DE 1852.

O JORNAL

DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

O programa e condicções deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

PRELUDIOS.

Todos nós neste mundo temos o nosso dia de alegrias, ou para melhor dizer, o dia em que, á força de vontade, enxotamos o *gato preto*, e sacudimos para longe de nós o peso dos dias emperrados da magra e afadigada existencia; esse dia predilecto tambem o tem o *Jornal das Senhoras*, que Deus o conserve por muitos annos.

Haja o que houver, o dia do milagroso S. Antonio é o nosso dia de brincar e folgar com todo o prazer de nossa alma; e pois, já que não podemos fazer filistrias e convidar-vos a todas vós (porque não cabem todas cá em casa) para juntas chuparmos uns roletinhos de canna creoula, e comermos uma batatinha doce.... tão doce como o favor com que nos tendes tratado, ao menos queremos repartir comvosco e transmittir-vos o nosso contentamento, offerecendo-vos hoje um numero do nosso *Jornal* (já que mais não podemos fazer) todo alegre, leviano e cheio de esturdices, na intenção de que elle poderá entreter-vos por alguns instantes na noite traquina do nosso Santo, depois, bem entendido, de haverdes desfructado outros melhores divertimentos, por certo mui preferiveis á leitura deste acanhado *Jornal*.

S. Antonio permitta que assim seja.

Então nos lembramos, para que se tornasse galhofeiro e variado, de tomarmos cada uma de nós um trabalho especial para apresentarms neste numero: uma incumbiu-se de dar a sua opinião a respeito do que pensa dos homens gordos,—outra, a respeito dos homens magros.—Certa pessoa de *barbas* prometteu (e cumpriu) de dar o seu juizo ácerca das moças claras, morenas, velhas, casadas ou solteiras—uma nossa amiga mimoseou-nos com a—ARTE DE FAZER SONETOS TODO O MUNDO—como vereis adiante; até o nosso joven poeta, o Sr. Salomon, que tambem gosta da folia e tem suas devoções com o Santo, offereceu-nos o seu lundum—DAS BEATAS;—o Sr. Noronha, o seu lundum de—S. ANTONIO—que são bem engraçados e buliçosos; finalmente todas demos conta da mão (e fallem mal do sexo feminino!) os originaes apparecêrão, *gemêrão os prêlos*, e realisamos a idéa de fazermos um *Jornal pimpão* para no dia de S. Antonio ir direitinho ás vossas

mimosas mãozinhas enfeitado das melhores facecias que havião na loja, e de que póde lançar mão o nosso pouco cabedal.

A' vista do exposto, principiamos por dirigir uma muito formal reverencia ao Santinho da nossa devoção, transcrevendo-lhe a sua competente FÉ DE OFFICIO desde soldado raso, que foi, até a patente de tenente-coronel de que hoje goza. Ainda não sabieis, querida leitora, que o nosso S. Antonio é militar? Pois lêde a sua FÉ DE OFFICIO:

FÉ DE OFFICIO.

do glorioso Santo Antonio.

S. Thiago, S. Diniz e S. Jorge forão por certo grandes e bons santos, mas forão grandes tão sómente nas armas, e só bons na sua especialidade. S. Antonio, pelo contrario, é páo para toda obra, é um santo prestimoso, que fez prodigios em vida, e maravilhas depois de morto. O seu repouso não resume as suas virtudes, como a sua historia não basta para os seus actos; devemos tambem conhecer a sua fé de officio, que é o remate da sua historia divina, o ultimo artigo do seu responso e o não menor dos seus milagres.

Como não tinha cursado o nobre mister das armas emquanto vivo, envergárão-lhe a couraça depois de morto, e o Santo tornou-se um leão de cordeiro que era, e fez prodigios de valor como soldado, e um sem numero de milagres como Santo. Foi o caso que a 24 de janeiro de 1668, D. Pedro II, então regente de Portugal, ordenou que S. Antonio fosse recrutado e alistado como soldado raso no regimento de Lagos—o segundo de infantaria.

Era costume então dar cada recruta um fiador que se obrigava a apresentar outro homem no caso que desertasse o seu afiançado. A Virgem Santissima foi a fiadora do glorioso recruta. Foi isto uma simples formalidade, como é bem de suppôr, porque, apezar de bisonho, nunca mereceu S. Antonio nem cadêa, nem castigo, nem reprehensão, mas antes deu provas continuadas de exactidão, assiduidade e santidade, tantas e taes que a 12 de setembro de 1683 foi promovido ao posto de capitão no mesmo regimento.

Durante a guerra da Successão deu o Santo mais que nunca, por meio de muitas e nunca ouvidas façanhas, provas de que bem merecêra o accesso que lhe havião dado. Um dia, entre outros, devia o regimento de Lagos passar de Olivença a Jurumenha. A guarnição hespanhola de Badajoz, inteirada deste designio, postou-se de embuscada perto de Marincillas para surprender a marcha do regimento portuguez; os portuguezes todavia chegárão ao seu destino sem queimar uma escorva; e disto não houve quem se admirasse quando souberão que S. Antonio tinha sido visto, durante toda a jornada, caminhando a pé, impavida e marcialmente, com catadura feroz e gesto horrendo, á frente da primeira companhia.

Foi crido o facto durante todo o reinado de D. João V, não só pela tradicção como principalmente pela ordem do dia que o attestava em publica fórma e razo; mas no tempo do marquez de Pombal, que foi um grandissimo incredulo, como todos nós sabemos, começou-se a pôr em talvez as virtudes bellicas do Santo, a quem com tudo não se attrevêrão a demitir, o que já não foi pequeno milagre.

A rainha D. Maria subiu ao throno, e o coronel do regimento de Lagos, em um longo memorial legalmente documentado, expoz que S. Antonio era o capitão mais antigo, não só do seu corpo, mas de todo o exercito, com effeito então contava elle bons noventa annos de praça. Com tão grandes e tão aturados serviços, o menos que lhe podião dar era o posto de Major: tratárão-no liberalmente: foi promovido a Coronel, sem peita nem suborno, por decreto de tantos de Janeiro de 1680.

Esta foi puramente honorifica, porque continuou o Santo a receber o soldo de Capitão—isto é—os trezentos mil réis que lhe havia marcado D. Pedro II.—quantia que se applicava aos ornatos da sua igreja e festejo do seu dia. Assim pois havemos de dizer que S. Antonio foi reformado em Coronel com o soldo de Capitão.

Quando foi na invasão dos francezes em 1807, apresentárão ao General Junot por parte de S. Antonio, as suas patentes, commissão e fé de officio, e toda a mais papelada que sempre acompanha as petições de um velho official. O General francez não quiz ficar atraz dos Reis portuguezes—e eis o unico milagre dos tempos modernos!—o soldo do velho Capitão de Lagos continuou a ser pago exactamente ao seu Coronel, até que pela nova organisação do exercito portuguez, pouco tempo depois, se extinguiu aquelle regimento.

« Em o Rio de Janeiro S. Antonio foi mais feliz: o Sr. D. João VI promoveu-o a major com o

seu respectivo soldo, e o condecorou com a grã-cruz da Ordem de Christo; annos depois passou a teenente-coronel por graça do Sr. D. Pedro I, e ainda hoje se conserva neste posto percebendo todos os vencimentos de official da 1.ª classe; e como Santo que é, resignado espera a sua promoção á patente immediata, a exemplo dos seus profanos collegas menos antigos que ultimamente forão promovidos. »

Consignamos estes factos para edificação e maravilhas dos devotos do Santo milagroso.

SUPPLICA

QUE FAZ UM LEITOR DO JORNAL DAS SENHORAS EM 13 DE JUNHO DE 1852 PARA SER IMPRESSA NO MESMO JORNAL SE A SUA DIGNA REDACTORA O CONSENTIR.

Santo Antonio, meu bom santo,
Meu Santo tão milagroso,
Ouve um voto fervoroso,
Já que o teu poder é tanto:
Eu te prometto um bom amante
Uma véla em teu altar,
Hei de descalço esmolar:
Fazei que até o Natal
Leitoras deste *Jornal*
Solteirinhas, vãocasar.

Santo Antonio, oh milagroso!
Ouve meu voto sincero;
Para mim nada quero,
Quero p'ra um sexo mimoso:
Dá-lhe um porvir bem ditoso
A todas com igualdade,
A's casadas f'licidade.
A's veuvas boas sortes,
A's solteiras bons consortes,
E com muita brevidade.

Antonio Pinto L....

RESUMO

DO QUE DISSE LAVATER E ROUSSEAU SOBRE AS PHYSIONOMIAS E CARACTERES DAS MULHERES.

AS CLARINHAS.

A clarinha desmaiada!...
Só Deus sabe o que formou...
E' peixinho de escabeche
Que aos homens nunca enganou.

A clarazinha rosada
Tem o genio apimentado:
Quando se põe nas pontinhas....
Pobre do triste coitado!

A clarazinha sardenta
E' mui propensa aos Antonios:
Abre portas, quebra vidros,
E' da pelle dos demonios!

E as que tem olhos azues?
São finas como o coral.
Com dous dedos de namoro,
Fogem logo e ficão mal.

Na clarinha uns olhos pretos
Quer dizer—feitiço inteiro—
Mas qu'importa: se elles vivem
Nos ferros do captiveiro!

Em taes moças olhos pardos
E' máo signal na verdade
Namorão, promettem, jurão.
Na velhice ou mocidade.

A que tem olhos verdinhos...
Cruzes, moça vá p'ara lá!
Ciumenta endiabrada,
E' um dragão, cousa má!

Um nariz desenvolvido
Que lhe chamão narigão,
Na moça é ornamento
De um ardente coração.

Se ao contrario é pequenino,
Com ventinhas de pimenta,
Ou de chapa é bandoleira,
Ou é fria e ciumenta,

Toda a clara désdentada
E' de genio cousa bôa;
Vive sempre resmungando
Por qualquer cousinha atôa.

A que tem dentes postiços,
Signal é que morde pouco:
Mas se pilha um padecente
E' capaz de o tornar louco!

Boca grande em moça clara!
Se engraçada ella não fôr,
Não importa, é bom indicio,
Que em farturas vive amor.

A que tem beicinho grosso,
Bem chamado de—cidrão—
Falla muito e tem bom genio,
Com travesso coração.

Estreitinho e fino beiço
Que ás vezes fica franzido...
(Máo genio! desconfiada!)
Cuidado, senhor marido.

Fresca boca nacarada,
Boca assim se póde vêr!
Quem tem boquinha tão bella
Casa cedo, e sem querer.

Beiço murcho, miser'cordia!
Quem póde ver beiço assim!
Morre cedo, ou mal casada
Co'algum pedestre ou malsim.

Beiço branco assafroado
Não merece aqui mensão;
Moça assim não tira sortes
Na noite de S. João.

Pequenina boca encerra
Nesta gente um máo signal.
São raivosas por demais
Hão de sempre casar mal.

Negros cabellos bem dizem
Na clara ou morena côr ;
Negros cabellos bem mostrão
Ardente e sincero amor.

Moça loura ! isso está claro
Que hade ser sempre inconstante;
(Salva honrosas excepções)
Tem 3, 4, 5 amantes.

Castanhos, na moça gorda
Quer dizer que é—preguiçosa—
Porêm n'ardente magrinha
Quer dizer que é—generosa.

O pé grande em corpo esbelto
Tem seu—que—de especial,
Denuncia qualidades
Que na moça é bom signal.

Pé pequeno em alta moça
E' defeito ; e na baixinha
Força de genio, inconstancia,
Dos diabos levadinha.

A que tem seu pé de pato,
Foi assim que Deus a fez ;
Deu-lhe genio taciturno
P'ra mulher d'algum Inglez.

Moça gorda. oh lá são banhas,
Amacia e refrigera,
Mas se dá para os ciumes
E' um demonio ! uma fera !

A magrinha delicada
Clara, de ossinho coberto,
Quando adora ama deveras,
Ou é gaiata por certo.

A cintura fina inculca
Em qualquer moça elegancia
Na trigueira, ardor, coragem,
No clara em tudo constancia.

Se o corpo não tem cintura
E a moça é toda grossa
E' raivosa, é sacco em pè,
Nella amor! qual, não faz móça.

AS TRIGUEIRINHAS.

A morena coradinha,
Côr de manga da Bahia,
Namora por brincadeira,
Vae casando por folia.

Se o moreno é carregado,
Negras grandes sobrancelhas,
E' moça d'alta coragem;
Não lhe apertem as c'ravelhas...

Se o moreno é desmaiado
Com pretos olhos, bem vivos,
Ama o luxo e traja a gosto,
Usa de saias de crivos.

A trigue'ra d'essa côr
Custa muito a querer bem;
Mas se amante ella se torna
Passa as métas, vae alêm!

Um moreno sobre o claro,
Tem um certo não sei que...
Quando casão ficão mais bellas!
Quando morrem... tem tendê...

Olhos pretos na trigueira,
Se ella gostá da leitura,
E lhe dá p'ra ser romantica....
Oh que grande diabrura !

Olhos pardos, são foguetes !
Cartas de traques da china !
A morena que os possue
E' das moças a mais fina !

Tambem indicão tristeza,
Genio occulto na trigueira
Olhso verdes, gateados,
Chamados de terça feira.

Grandes olhos, grandes cousas,
Se elles tem doce expressão.
Casão ricas cento e quatro,
Dous milhões com pobretão.

Morena de olhos pequenos,
Que raivosa Deus criou !
A' cerca de namorados
—Que olho viu o peito amou.—

A que tem alvinhos dentes
E' risonha por demais ;
Ficão viuvas mui cedo
Entre suspiros e ais.

A que tem menos dois dentes,
Logo na frente da bôca,
No geral, se não me engano,
Tem cabecinha bem ôcca.

Rasgada bôca purpurea
Denota d'alma a grandeza :
Toda a bôca grande encerra
Feitiços da natureza.

A boquinha pequenina,
Seja embora perfeição ;
Inconstantes, exigentes,
São todas por condição.

E' de facto melancolica
A que tem grande nariz :
São devotas e propensas
Aos que tem sobre pelliz

Casão mal, ou brigão logo
As de nariz pequenino,
Tem genio forte, assomado,
Por nada, perdem o tino !

A trigueira, que por sorte
Tem grossos beiços gorduxos.
Falla muito, é resmungona;
Quer na pobreza ou nos luxos.

Beiço fino, santo Deus !
Em magra moça trigueira !...
Quem póde aturar, ature
Tal fervente frigideira !

Longos e pretos cabellos
Na trigueira é bom destino ;
Se ella é feia, é engraçada,
Bella, tem genio divino.

Louros cabellos são raros
Na morena, é muito feio ;
Se alguma tal qual existe
Tiste sorte lhe receio....

O pé grande nestas moças,
Que o pé pequeno é melhor.
São sinceras, generosas,
Ardentes no seu amor.

A gordura na trigueira
Não traz lá mui boa sina ;
Se é alegre, inda vai bem ;
Se é triste, é muito rabina ;

Moça magra, trigueirinha,
De nariz arrebitado....
Cruz demonio ! Isso é menina
De pôr o homem quebrado !

Cintura fina elegante
Na trigueira que é dengosa,
Cuidado, que é bandoleira !
Nunca será amorosa.

Ao contrario são as outras
Com sua grossa cintura,
Se constantes são na vida,
São firmes na sepultura.

AS SENHORAS VELHAS.

As velhas por sua idade
Respeital-as mui convêm:
Vamos só ler sua sorte
P'ra vêr a sina que tem.

Toda a velha desdentada
Que hoje deu em choradeira,
Apertando as pobres netas;
—No seu tempo foi gaiteira.

Se tem quatro dentes só,
E anda ralhando co' a filha
Por ir de tarde á janella;
—No seu tempo foi casquilha.

Se ella é gorda matronassa,
Não quer filhos na mucamba,
Fecha portas, tudo espia;
«Chorou no seu tempo o «lamba»

Se ella é magra encarquilhada,
Tem ciumes do marido,
Quebrando pratos e chicaras;
—Teve amor sempre fingido.

Velha que diz—ai, não gosto
De moças nem de rapazes!—
Se ella é velha barriguda,
—Jogou no seu tempo os azes.

Aqu'é tola presumpçosa,
Em galas sempre enfunada,
Não querendo inda ser velha;
— Em moça viveu fechada.

Velha rica, se é devota
Ampara a pobreza afflicta;
Seus pais tambem ricos forão,
—Foi em moça mui bonita...

A rica que aos pobres foge,
E que os grandes só procura;
—Mui pobres forão seus pais!
Deu-lhe o marido a fartura.

A velha que quer casar,
Se casada ella já foi,
Santo Nome de Jesus!..
Merece um coice de boi.

Na velhice o meio termo,
O que ao mundo todo agrada,
Não são severos carões;
E' só juizo e mais nada.

Ir com todos, sem descer
Da posição que se tem;
E' varinha de condão,
Que aos velhos muito convêm.

Por F...

MEUS ESTUDOS

Sobre o caracter e disposições dos magricellas.

Os magros são amorosos
Mui sensiveis, pertinazes;
Quando lhes cheira a chamusco
São de tudo mui capazes!

Se porêm são barrigudos....
Melhor fôra não nascer,
Do que andar ás embigadas
Sem nunca os cothurnos vêr.

O magro, de perna fina,
E' por força mui ciumento;
Quando se casa... oh meu Deus!
Pobre mulher! que tormento!

O moço magro é esbelto,
Mais bonito que o lamprêa;
O moço gordo de mais
Bem póde dormir sem cêa.

O magro de meia idade,
E' muito raro engordar;
Quando é alto, vai curvando
Se nunca foi r..litar.

O homem magro e *usado*,
Celibatario por gosto....
Vejão bem que os seus carinhos
Em cousa ruim já foi posto.

E' ditado bem antigo
—Foge de velho solteiro,
—Menina, que elle é rapoza,
Muito velhaco e matreiro....

A calva diz bem nos gordos,
Nelles mostra melhor porte,
Porque velho, magro e calvo,
E' o retrato da morte.

Magro e claro—são bons homens;
Trigueiros—são bem teimosos;
D'olhos verdes—são matreiros;
Os ruivos—são caprichosos.

De olhos azues—delicados;
De olhos pretos—persistentes,
Em tudo quanto desejão
São bem máos p'ra pretendentes...

Magros, de cabellos pretos,
São muitos namoradores;
Os louros, tambem namorão,
Porêm são mais soffredores.

O magro, de cabelleira!
Vá servir n'artilharia,
E' *uma haste com lanada;*
Cousa feia! Ave Maria!

O magro, que é desdentado,
Tem tambem atenuante;
Delle nunca se dirá
Que mordeu a sua amante.

O que tem os dentes podres.
Bem mostra não saber ler,
Aguia dos dentes sãos,
Que o *Jornal* dá a vender.

Se tiver dentes postiços,
Diga-o á noiva ao casar;
Do contrario é uma fraude;
Com usura hade pagar....

Commette um est'lionato,
E' pela lei fraudulento,
Nada postiço tem voga
No acto do casamento.

O magro d'oculos não vê,
Como é mui de acreditar,
E o de luneta? tambem,
Se não é p'ra namorar.

O magro negociante,
Do que o gordo, é mais activo;
Está sempre ao pé da *burra*,
Parece della captivo.

O doutor, deve ser magro,
Deve ser gordo tambem,
A' vontade do doente,
Que só quer que o tratem bem.

O magro que é empregado,
Empregado da nação,
E' o retrato vivente
Da sua magra ração!

O militar, vai bem magro,
Se inda não é—general;
Se o é, então que engorde,
Tambem nisso não vai mal.

O caixeiro, se elle é gordo,
Cuidado com tal maudrião!
Vejão bem que elle do bolo
Levará melhor quinhão....

O magro, que é sem officio,
Certo não ha de engordar,
Amanhece pretendente,
Anoitece a namorar!...

O magro sentimental
E' magico mui matreiro....
Cuidado, oh! minhas leitoras!
E' lobo, quer ser cordeiro!

O que alêm de muito magro,
E' sequista fallador,
Ou foi soldado, ou foi frade,
Viuvo, ou procurador.

Homem magro mui beato,
A quem chamão santarrão,
Cruz demonio! com tal homem
Casar-me não quero não!

Tambem o magro, sophista,
Com pelle de pergaminho,
Com pouca barba, ou pellado!...
Isso só n'um pelourinho.

Amai, leitoras, aos magros,
De quem fiz tão breve esboço;
Quaes são os imigos d'alma?
E' mundo, diabo e osso?

Pois se a propria natureza
Os quiz de carnes privar
Para que foi? P'ra dizer-vos
Aos magros deveis amar!

Ser magro, é muito economico,
Gasta menos no vestir,
Occupa menor lugar,
Ronca menos no dormir.

Se morrer, *dura mais tempo,*
Póde o enterro esperar;
Cabe o magro em toda a parte,
Mas o gordo? Anda a rolar!

Eis-aqui, caras leitoras,
Depois de muito cançar,
Dos magros cá deste mundo
O que eu vos posso apontar.

Li as sortes, os destinos,
Li mais de quarenta autores;
Aqui pois dou em resumo
O que li desses *senhores*.

Se são bons ou máos, não tenho
Cá de casa mais que os versos;
O mais escrevêrão homens
Contra homens bons ou perversos.

Se os magros são bons ou máos,
Nisso não quero fallar;
Os *gordos* dizem a todos
Que os *magros* não tem que dar.

O magro que falla baixo,
O que falla só gritando....
Do, dois o Demo que diga
O melhor em se casando.

Se entra em omnibus não carece
De dois lugares tomar;
Se andar comvosco de braço
Jamais vos ha de eclipsar.

E. L.

MINHAS OBSERVAÇÕES

A respeito dos homens gordos.

O moço gordo é bonito,
Lhe fica bem tal gordura,
A menos que não lhe creça
A barriga em desmesura.

O gordo, sendo solteiro,
Trata logo de casar,
Sendo casado conserva
Da mulher o bem-estar.

O gorducho, sendo calvo,
Não fica feio por isso;
Mas em materias de amor,
Todo o careca é remisso.

Com cabello preto—é bello,
Se o tem castanhos—tambem;
Não gostão de viver sós,
Mesmo os ruivos tem seu bem.

Homem gordo desdentado,
Cara larga, olhos sumidos,
Reparai bem, oh leitoras,
Sempre são bem presumidos!

Os que tem os olhos grandes,
Boas palavras, bons actos,
São muito namoradores,
E nos amores gaiatos.

O caixeiro gordo mostra
Que o amo lhe dá bom trato,
Faz honra á casa, ao negocio,
E a caixa não paga o pato.

O bom servidor do Estado
Deve ser gordo e refeito,
P'ra não reformar-se em moço,
Alegando soffrer do peito.

Que galhardo militar!
O gordo é tão magestoso!
Vê-se—homem na fileira,
E' sempre mais valeroso.

A balla do inimigo
Matará um até tres,
E dos magros mata um cento
Todos juntos de uma vez.

Um regimento de magros
Tem só armas e mochilas,
Mettidos nos uniformes,
Não se vê homens nas filas!

O gordalhão—de negocio
E' por força dinheiroso;
Não engorda certamente
O que anda cuidadoso.

Até das moças risota
E' sempre um tal camafêo!
Gostar de tudo que é gordo
E' natural voto meu.

Viva, viva, e sempre viva,
Viva e reviva a gordura;
Fuja p'ra longe a magreza,
—Pelle e osso é mal sem cura.

Se eu fosse legisladora
Prohibiria o casar
A todo o homem magriço.
Você quer? Vá engordar.

Homem magro, é um estojo,
Porém estojo vivente,
Que vai de um lado p'ra outro
Com pelle e osso sómente.

Um gordo pelo contrario
E' nedio, bello, faceiro;
Entre o gordo e um magrinho,
Leitora, escolhe o primeiro.

Do gordo os ciumes vão-se
Com qualquer explicação;
Mas o magro! tem dendê....
Não vai com qualquer razão.

JORNAL DAS SENHORAS

LUNDUM DAS MOÇAS

Para cantar no dia S. Antonio.

BIBL. DA CORTE

VOZ

PIANO

Andante

Santo Anto_nio meu san_ti_ _ nho

At_ten_dei minha ora_çaõ

Eu prometo ter vos sempre juntinho

1ª V.

2ª V.

no meu co_ ra_çaõ

*çaõ li_vrai medo laço oh! meu santo An_*

lonio pa_ra q'o de_monio não venha ten_ tar a dar vos um

banho no fundo do mar a dar-vos um banho no fun-do do

mar livrai me do laço oh! meu santo Antonio pa-ra q'o de-

monio não venha tentar a dar-vos um banho no fundo do

mar a dar-vos um banho no fundo do mar.

D.C.

Dai-me um noivo, meu santinho.
Um noivo gordo ou bem magro,
Que me adore, e recompense
O amor que lhe consagro.

Não o quero dos que fallão
Em bailes, funcções somente,
Qu'esses tirados d'ahi
A fórma só tem de gente.

Não me dês destes que fallão
Com modos de sautarrão,
Que cochichão segredinhos
Limpando as unhas da mão.

Dos que olhão com tregeitos,
Com artes não sei de que!
Fallando sempre em amores
Meu santinho não me dê.

Dos que andão farejando
Casamento com dinheiro,
D'esses não, ¡por que só querem
Escrava no cativeiro.

Dos beatos moralistas
Que a tudo chamão—indecente.
Cruz demonio! agoa salgada!
Deos me livre de tal gente!

O que tem má dentadura,
Deixe logo de roer;
Não mastigue, mas engula
O máu genio que ha de ter.

O homem gordo, ainda gago,
Vesgo, pansudo ou sequista,
Inda assim é agradavel
Se não for um demandista!

Tudo o que digo dos gordos
Tambem tem attenuantes,
Alguns são falsos, perjuros,
Tem tres, cinco, sete amantes.

Homem gordo besuntão,
Parece certo animal
De focinho enlameado....
Não direi neste jornal.

Parece que a Natureza
A todos quiz dar gordura;
Fazendo do magro gordo,
Do gordo paz e ventura.

Quando vir homem bem feito,
Bonito, gordo e chibante,
Meigo olhar, cara risonha,
Mui sentido em tal amante!...

O gordo que é namorado
Anda sempre entre suores;
Para as guerras de Cupido
Não são de certo os melhores.

Quantos homens por magricos
Não tem sido atropellados!
Nos apertos, barafundas
Quasi sempre maltratados!

Se tiver cabello ruivo,
Preto, louro e até castanho,
Dentes alvos, porte altivo,
Regular no seu tamanho.

E' por isso que homem gordo
E' mais franco e verdadeiro;
O magro! Deus nos acuda!
Rende amor ao mundo inteiro.

Já vi, leitoras, eu vi
Um requerente magrellas,
Entalado n'uma gondola
A bulir só com as canellas!

Quem já deu seu coração,
No que digo—vire folha,
Pois é rifão mui antigo
—Que o amor não faz escolha.

Seja moço, ou mesmo velho,
Sentido nelles, leitoras!
Que esses affirmão que as moças
São por gosto enganadoras!

Nesses jamais tocarei,
Que os prezo a muitos respeitos,
Mesmo porque meu Adão
E' um desses taes sujeitos.

E com esta me retiro
Sem na carta mais lhe pôr;
Quem o gordo ou magro amar
Vá gozando o seu amor.

Se tiveres a fortuna
De alcançar as excepções,
Encontrareis nobres peitos
Nobres firmes corações.

Seja por isto ou aquillo,
Seja qual fôr a razão,
Estudei os homens gordos,
Esta é minha opinião.

Té que um dia bem se lembrem
Do que hoje a todas disse
Esta serva humilde vossa
Anna Maria Clarisse.

O magro é mais comilão,
Ceia bem, póde comer;
Ha mais viuvas de magros;
—O gordo custa a morrer.

Clarisse.

LUNDUM DAS MOÇAS

Cantado a Santo Antonio.

Para as nossas leitoras mais certas ficarem nas quadrinhas do lundum de Santo Antonio, postas em musica que acompanha este jornal, nós transcrevemol-as aqui tambem.

Santo Antonio, meu Santinho,
Attendei minha oracão;
Eu prometto ter-vos sempre
Juntinho ao meu coração.

Livrai-me do lance,
O' meu Santo Antonio,
P'ra que o demonio
Não venha tentar,
A dar-vos um banho
Ao fundo do mar.

Dae-me um noivo meu Santinho,
Um noivo gordo ou bem magro,
Que me adore, e recompense
O amor que lhe consagro

Livrai-me do lance, &c.

Não o quero dos que fallão
Em bailes funcções somente,
Que esses tirados d'ahi
A fórma só tem de gente.

Livrai-me do lance, &c.

Não me dês destes que fallão
Com modos de santarrão,
Que cuchichão segredinhos
Limpando as unhas da mão.

Livrai-me do lance, &c.

Dos que olhão com trogeitos,
Com artes não sei de que,
Fallando sempre em amores,
Meu santinho não me dê.

Livrai-me do lance &c.

Dos que andão farejando
Casamento com dinheiro,
Esses não, porque só querem
—Escrava no cativei o.

Livrai-me do lance &c.

Dos beatos moralistas
Que à tudo chamão —indecente,
Cruz demonio! agua salgada!
Deus me livre de tal gente.

Livrai-me do lance éc.

Dai-me um noivo, meu Santinho,
Um noivo gordo ou bem magro,
Que me adore, e recompense
O amor que lhe consagro.

Livrai-me do lance &c.

Por M...

COM LICENÇA.

Agora passemos á segunda parte da folia. Estamos em outro genero differente de leitura: já fizemos as pazes todos, e acabou a dubadoura—dos magros e dos gordos—das morenas e das claras; tudo está lido e relido, e morreu o Neves. Vamos pois, todas reunidas, cada uma de nós fazer um soneto.... gentes, um soneto!... Sim, respeitabillissima, um soneto, e que soneto! E' um soneto que cada uma de nós póde fazel-o, com tanta facilidade e perfeição, como se fôra cada uma de nós um poeta de legua e meia, de extensão litteraria e de uma poesia assombrosa!

E o que vai vos surprender ainda mais, é que os poetas precisão da cabeça, alma e coração, para as suas poesias, e vós só careceis de *um dado* para esse fim! Com um simples dado de marfim tereis á vossa disposição, debaixo de vossas lindas mãozinhas, uma familia de sonetos differentes, engraçados e bonitos, e mui engenhosamente arranjados, que vos servirão de agradavel passatempo a alguns momentos que roubeis á folia das fogueiras, rodinhas e traques da China.

Esta bem bom, gósto disso.

Por descargo porêm de consciencia desde já vos declaramos que a invenção não é nossa. Deus nos livre e guarde de vestirmo-nos com as pennas alheias sem que digamos alto e bom som que as honras da lembrança pertencem a José Daniel, esse escriptor tão espirituoso e engraçado, e que tanta gente se tem servido das suas producções (calados como um pepino!) sem ao menos lhes fazerem uma *simples cortezia*....

Que piratas,
Pataratas,
Egoistas,
Publicistas!

O que é nosso, isso sim, e que juramos se preciso fôr, é este insignificante e humilissimo artigo, e a *franqueza* com que transcrevemos a engenhosa lembrança do citado autor, persuadidas, e com muita razão, de que as nossas leitoras todas, ou quasi todas, nunca tiverão noticia de tão agradavel entretenimento; nós o publicamos tal qual elle veio á luz, para que ellas o fiquem conhecendo e decidão em sua alma e consciencia se vale a pena o trabalho que lhes dedicamos.

Principiemos a ler agora a explicação que nos ensina a compôr os sonetos.

Explicação do modo, com que se usa do Mappa adiante publicado.

Neste mappa de numeros se achão—quatro columnas, para—a primeira quadra do soneto; e de igual modo—outras quatro para a segunda, e mais— tres columnas para o primeiro terceto, com—outras tres para o segundo, como estaes vendo no mappa.

Agora bota-se o dado(deve ser um só) e sahiu, por exemplho, uns—3—vai-se á primeira columna da primeira quadra, e defronte do numero (3) do dado se acha o n.—44—então se deve ir buscar—na pauta dos versos—o verso que tem o n.—44—que é

Ver finezas e amor, tudo baldado.

Torna-se a botar o dado, sahiu uns—5—vae-se á segunda columna, e defronte do n. 5 do dado se acha o n.—4—procure-se na pauta dos versos o verso que tem uns—4—que é

Faz dar suspiros, faz andar queixoso.

Torna-se a botar o dado sahiu uns—6—váe-se á terceira columna (sempre da primeira quadra) e defronte do n. 6 do dado se acha o n.—1—procure-se na—pauta dos versos o verso, que tem—1—que é:

Nem o dia raiar verá gostoso.

Torna-se a botar o dado, e sahiu uns—4—vai-se á quarta columna, e defronte do n. 3 do dado se acha o n.—63—procure-se na pauta dos versos o verso que tem —63—que é:

Quem fôr tão infeliz tão desgraçado.

Está completa a primeira quadra do soneto. Pela mesma fórma se tira—a segunda quadra,—o primeiro e o segundo terceto; pois que, estudado o mappa dos numeros com as declarações que tem, é preciso que a nossa leitora esteja de arrufos, candeias as avessas, ou o quer que seja de máo humor, para deixar de atinar com este divertimento.

MAPPA.

N. DO DADO.	1.ª QUADRA.				N. DO DADO.	2.ª QUADRA.				N. DO DADO.	1.º TERCETO.			N. DO DADO.	2.º TERCETO.		
1	10	31	42	51	1	60	84	7	45	1	38	55	8	1	14	26	19
2	18	33	50	28	2	2	43	6	40	2	16	25	47	2	9	57	21
3	44	54	11	63	3	58	82	17	68	3	75	30	70	3	5	49	36
4	27	39	62	35	4	66	12	53	76	4	23	83	80	4	78	72	41
5	46	4	57	52	5	61	20	65	71	5	24	67	77	5	13	81	74
6	34	48	1	29	6	15	59	64	22	6	79	36	3	6	32	73	69
	1.ª Columna para o 1.º verso . .					5.ª Columna para o 5.º verso . .					9.ª Columna para o 9.º verso . .				12.ª Columna para o 12.º verso .		
	2.ª Columna para o 2.º verso . .					6.ª Columna para o 6.º verso . .					10.ª Columna para o 10.º verso .				13.ª Columna para o 13.º verso .		
	3.ª Columna para o 3.º verso . .					7.ª Columna para o 7.º verso . .					11.ª Columna para o 11.º verso .				14.ª Columna para o 14.º verso .		
	4.ª Columna para o 4.º verso . .					8.ª Columna para o 8.º verso . .											

Pauta dos versos.

1	Nem o dia raiar verá gostoso.
2	Dos passados prazeres recordado.
3	E ás vozes da prudencia surdos são.
4	Faz dar suspiros, faz andar queixoso.
5	Quem não quizer entre afflicções morrer.
6	E a não valer-lhe um braço poderoso.
7	E a não o soccorrer o Céu piedoso.
8	Ou seja com razão, ou sem razão.
9	Quem sua vida alegre quizer ver.
10	Trazer um bem perdido no cuidado.
11	Nem quanto se lhe offreça, terá goso.
12	Cançar-se o soffrimento é mal forçoso.
13	Quem quizer evitar o desprazer.
14	Quem ser ledo no mundo pretender.
15	Em funebres idéas engolfado.
16	Que dignos sois, mortaes, de compaixão.

17 E a faltar-lhe um auxilio milagroso.
18 Viver dos seus amores desprezado.
19 Fuja aos laços que tece uma mulher.
20 Desmaia o coração cançado ancioso.
21 Fuja aos laços de amor quanto puder.
22 Cahirá de suicida no attentado.
23 Ah! desgraçada, humana geração.
24 Misera raça do culpado Adão.
25 Todos querem seus gostos promover.
26 Fuja de dar ouvidos á paixão.
27 O ver-se de uma falsa maltratado.
28 Aquelle, a quem tal pena der seu fado.
29 Quem para tal soffrer foi destinado.
30 Todos querem fortuna e gloria ter.
31 E' flagello de um peito generoso.
32 Quem socego na vida e paz quizer.
33 E' martyrio cruel e o mais penoso.
34 Ser amante e não ser recompensado.
35 O que para esta dôr creou seu fado.
36 Porque a dita vem tarde, e se vier.
37 Nem verá do prazer o rosto airoso.
38 Dos homens quanto é triste a condição!
39 Arranca amargo pranto lastimoso.
40 Seu peito rasgará de allucinado.
41 Que assim razão o manda, o Céu o quer.
42 Nem póde um só momento ser ditoso.
43 O seu pezar se torna mais furioso.
44 Ver finezas e amor, tudo baldado.
45 A si se matará desesperado.
46 Andar sempre em ciumes abrasado.
47 Mas, acertados passos poucos dão.
48 Faz andar noite e dia pezaroso.
49 Fuja sempre d'amante inclinação.
50 Nem póde ter um dia venturoso.
51 Quem se vir por desgraça em tal estado.
52 Quem para afflicção tal já foi creado.
53 E se o mal não atalha o Céu piedoso.
54 Transtorna o coração mais valeroso.
55 Todos correm após o seu querer.
56 Entre as ditas de amor querem viver.
57 Negue sempre os seus braços á prisão.
58 Da ventura, que teve, então lembrado.
59 Cresce o seu mal, passando a pavoroso.
60 Lembra-lhe então a gloria do passado.
61 A idéas tristes tão sómente dado.
62 Nem ter póde socego, bem precioso.
63 Quem fôr tão infeliz, tão desgraçado.
64 E a não ser um soccorro portentoso.
65 E se o fado prosegue por teimoso.
66 De tristes pensamentos rodeado.
67 Querem todos lograr dita e prazer.
68 Por terra cahirá desanimado.
69 Que no fugir de amor está vencer.
70 Porêm por meios rectos isso não.
71 Morrerá triste, afflicto, angustiado.
72 Fuja de ir arrastar duro grilhão.
73 Aos amantes encantos dê de mão.
74 Que só fugindo evita o padecer.
75 Que tristes homens nesta situação.
76 A vida exalará envenenado.
77 E cegamente despenhar-se vão.
78 O que taes males não quizer soffrer.
79 Oh! dos homens miserrima illusão!
80 A prudencia calcando e a reflexão.
81 Não dê nunca ás ingratas attenção.
82 O seu damno se faz mais amargoso.
83 Todos desejão venturosos ser.
84 Seu tormento se faz mais doloroso.

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra cousa que a relação desta interminavel lucta.

MICHELET, Historia de França.

NOVA MANEIRA DE PROPAGAR AS IDÉAS.

Depois de uma noite inteira de orgia, de embriaguez e de desordem, a Mashorca dispersa-se ao raiar do dia; não sem resolverem primeiro nova reunião para a noite proxima afim de concordarem na maneira porque darião principio á extincção das suissas, e arranjar o programma das funcções com as quaes se devia festejar a captura do selvagem unitario Alsina.

Como medida preparatoria; durante esse dia a Mashorca se apresenta de bigodes, os quaes desde esse momento são proclamados, como a primeira prova de pertencer á *boa causa*.

Porêm, como apezar da sua excellencia, os bigodes dos mashorqueiros não tinhão similhança alguma com a vara de Aradou e de Moisés, que florecia em uma noite, a luz do novo sol ao raiar lá no oriente não illumina os desejados bigodes.... mas, em falta de um milagre de Deus emfavor da *boa causa*, a obra imperfeita dos homens trata de operar uma maravilha.

Desde manhã cedo tudo está em movimento—os cabelleireros já recusão sobre carregar-se de mais obra; toda a mascara que se encontra com bigodes é logo arrebatada—uns pregão os bigodes com gomma, e outros mandão pintal-os com rolha queimada, e é este o maior numero.

Uma manifestação tão solemne e espontanea de patriotismo e de adhesão á causa americana

(*) Vide o n. 23.

teve logo immenso acolhimento, e como resultado immediato, uma extraordinaria extração de navalhas de barba: os inglezes sobre tudo, ficárão encantados de tão sabia medida que ia restituir todo o monopolio á introducção dos seus —*Patent razors*—que as barbas tinhão em a mais completa paralisação.

E' um golpe de vista surprendedor o que apresenta a Mashorca assim enfeitada com tão grande variedade de bigodes, acompanhados do ar terrivel destes espirituosos propagadores do dogma federal, que com o chapéo sobre a orelha, o cigarro na boca, o punhal na cintura, e de chicote na mão, percorrem as ruas, lanção sarcasmos insultantes a quem lhes parece, e cochichão em vós baixa preludiando o drama de sangue e violencias que se preparão a perpetrar durante a noite.

As cinco horas do tarde começão os heroes moshorqueiros a reunirem-se na casa do club, que já conhecem os nossos leitores.—

No meio da sala das assembléas havia n'aquella tarde uma meia pipa de vinho guarnecida de canecas de folha, e sobre as mesas, em redor da sala, ostentava-se uma profusão de garrafas de genebra e aguardente.—

Principiou a sessão por um assalto geral á pipa e ás garrafas.

Como era de esperar-se, Salomon, Parras, e Coitinho, forão os oradores mais eloquentes, e demonstrárão do modo mais conciso e philosophico, que o uso das barbas, era opposto, debaixo de todos os aspectos, á marcha do governo, incompativel com o systema federal e mais outra porção de bellas theorias resplandescentes, idéas todas de progresso e de liberdade!

O programma dos festejos, em congratulação á prisão do selvagem unitario Alsina, já o trazia Salomon, escripto; tinha sido redigido em Palermo, e cada paragrapho foi coberto de applausos.

As oito horas da noite, isto é, depois de tres horas de saudes, de vivas, de morras, &c., &c., os socios da SOCIEDADE POPULAR RESTAURADORA; com os olhos saltando-lhes das orbitas, alguns em mangas de camisa, outros sem ellas, estes sem calças, aquelles com meia camiza somente, e todos pouco mais ou menos no mais extraordinario vestuario, se formão em procissão com archotes acesos, e navalhas de barba na mão e assim, freneticos, embriagados e ferozes sáem a percorrer a cidade, acompanhados de dois clarinetes, uma flauta e uma rabeca—musica esta destinada a festejar as façanhas da noite.

Essa noite, como todas as que são serenas, ainda mesmo que frias; as ruas de primeira ordem erão frequentadas pelas famílias e naturalmente por grande numero de jovens, que sem a mais pequena suspeita, trocárão com os seus pares, doces palavras e ternos olhares.

Entretanto a Mashorca, aproximava-se, gritando, apedrejando, e agarrando a todo individuo que encontrava no seu caminho—esse desventurado era examinado, e se achavão n'elle a barba de—V—immediatamente, começavão a raspar-lhe o rosto com as navalhas de que vinhão preparados... naturalmente, ninguem pensava em humedecer o rosto do paciente, que amarrado de pés e mãos, á luz fantastica dos archotes, no meio da pouça armonlosa musica, dos vivas e dos morras, sentia a mão pisada e vacilante do—seu algoz arrancar-lhe junto com as barbas— os pedaços de pelle, as vezes o nariz, uma orelha, e outras vezes, crescendo a raiva do improvisado barbeiro, dava golpes á direita e á esquerda... e se a cabeça do paciente rolava, então augmentava-se a algazarra e os applausos!

Quanto mais sanguinolenta era a operação mais fortes erão as risadas, a algazarra, os vivas, os morras.... a orgia de sangue d'aquelles furiosos, instigados pela embriaguez e o fanatismo!

Quando a Mashorca chegou a essas ruas em que as familias passeavão, visitando as lojas e indagando das modas, uma voz resoou no momento—a mashorca! e a este grito respondeu outro miseravel de terror; então a gente corria de tropel, entrava nas primeiras portas abertas que encontrava, sem se importar de quem vinha atraz, fo se a mãi, a tia ou avó... era uma confusão, uma desordem indesiveis, e o que se queria era fugir da Mashorca!

Não obstante a procissão dos propagadores continua a sua marcha triumphal..., mas as victimas já são mais raras, a hora é adiantada, o Céo está cuberto de negras nuvens, fuzila ao longe e a voz do trovão, grave e ameaçadora, retumba por intervallos, como o mensageiro da colera divina.

Ao voltar a esquina de uma rua dos bairros afastados, um joven de bella presença, cujo rosto é guarnecido de fina e povoada barba negra, encontrava-se cara a cara com a Mashorca.

Longe de fugir, o moço que vinha andando pelo meio da rua, cruza os braços sobre o peito, e olha com curiosidade misturada de surpresa para aquella multidão de homens meio núa, ensanguentados, e cujos bigodes, desfigurados pela continua acção em que estavão ha mais de seis ou oito horas, alguns estão dissolvidos pelo suor, e outros quasi desmanchados.

A Mashorca pela sua parte pára tambem, e instintivamente espera uma lucta ou alguma cousa de extraordinario. Coitinho é o primeiro que se adianta para pôr a mão sobre o destinado mancebo, mas este previnido, empurra o heroe mashorqueiro, cujas bambaleantes pernas não resistem e vai rolando ao chão.

Parras puxa da espada e atirando-se sobre o desconhecido grita.—Morre infame unitario!

Mas o intrepido contendor dispara sobre o seu antagonista um par de pistolas de algibeira, e puxando immediatamente da propria espada, se abre passo, dando cutiladas a torto e a direito.

Como acontece sempre, os homens de uma coragem intelligente, offuscão e abatem, pela força da sua superioridade, a essas massas vis e cobardes, cuja unica força é a fraqueza dos outros!

O estampido dos tiros, o imprevisto ataque do moço, e uma violenta chuva que se despenha n'aquelle momento apagando os archotes, atordoa os heroes da federação de Rosas—que principião a dispersar-se em desordem.

No dia seguinte, havia pela cidade uns zuns zuns de que o capitão Ramon Maza tinha batido em regra a Mashorca.

Em quanto a propagação do dogma federal, pelo meio que descubrira a *alta capacidade* de Coltinho, continuou a vagar, e no dia seguinte ao da bacanal que acabamos de descrever, na porta da repartição da policia e n'alguns outros logares notaveis da cidade, havião essas barbearias volantes, onde se raspavão as caras, e até com tesoura de cortar a lãa aos carneiros....!

Por espaço de duas semanas continuou o furor das barbas, que occasionou uma emigração de Buenos-Ayres; depois começou a guerra contra os cabellos compridos, e a final chegou a vez das mulheres!

ATE' ONDE NÃO ALCANÇA O PODER DOS TYRANNOS.

E' já tempo de abandonarmos os delirios da Mashorca, e voltarmos ao Dr. Alsina que deixamos desde o dia da sua chegada a Buenos-Ayres, preso por ordem de Rosas — no *Ponton*.

Conduzido a um dos camarins do porão da prisão fluctuante, o que occupa Alsina, além de estreito é empestado, falta-lhe o ar e a luz, e múltidão de insectos cruzão por elle a todo instante.... a agua que filtra da apodrecida quilha é motivo para a cada quarto de hora virem abrir a porta da prisão, e dois homens acompanhados de um official e dois soldados descem para extrahir a agua... é isto tambem a pretexto de uma continua vigilancia e guarda ao preso, tanto de dia como de noite.... assim Rosas póde ter duas participações diarias do estado de sua victima.... saber quando o achárão mais resignado ou mais abatido... e medir e saborear os seus soffrimentos! Assim, a toda hora, póde ver na fronte do seu martyr, a palidez da doença ou do desalento!

E Alsina? ali está o desventurado, acabrunhado com o pezo dos ferros, os pés de continuo na agua, sentindo regelar os seus grilhões, cheios de mofo, que começão a roçar-lhe as carnes, e que não tardão em lh'as abrir em chagas.... porêm elle e tá sereno e tranquillo; seu rosto pallido, sombreado pela negra e espessa barba, só exprime a enfermidade e parece illuminado de uma aureola resplandescente... a aureola santa do martyrio!...

A vontade ferrenha do tyranno, o arroja dos patrios lares.... persegue-o até na terra estranha onde se refugiára.... arranca-o por fim dos braços de uma esposa e de um filho idolatrados essa implacavel vontade, lança-o agrilhoado ao fundo de uma prisão... porêm o que essa mesma vontade do tyranno não póde é arrancar-lhe as suas convicções... o que ella não póde, é prostitui-l-o, trocar as suas crenças, derribal-o do pedestal aonde a virtude e a intelligencia o collocárão; o que não póde a vontade do tyranno é escravisar-lhe a alma, tolher-lhe o pensamento, anniquilar o genio que Deus lhe doou! o que o poder do tyranno não alcança é prostrar a sua dignidade de homem!

Quando alguma lagrima sulcava a face emmagrecida e pallida do prisioneiro, sempre era acompanhada de um triste sorriso... isto era nos momentos em que lembrando-se da meiga consorte e do rosto infantil de seu filho... respondia ao choro e ás saudades que com elles trocava mentalmente assim—com um sorriso e uma lagrima!

Quando nas partes diarias sobre o estado de sua victima, Rosas lia:

« O selvagem unitario está muito pallido, pa-
« rece que os ferros sempre humidos lhe causão
« vivas dores—Não obstante, não está prostra-
« do—nada pergunta relativo á sua prisão, nem
« sobre cousa alguma que não seja inteiramente
« indifferente.—Hontem ao entregar-lhe os ob-
« jectos que vierão por mão do Sr. chefe de po-
« licia se lhe disse que era sua mulher que
« os tinha enviado—pareceu commover-se, mas
« nada diz.

Rosas furioso rasgava o papel e dizia. —

—Poderei fuzilal-o! mas dobrar-lhe a soberba, jamais!

Rosas não se lembrava, que philosopho e espiritualista, Alsina ao sentir-se livre, como alma, como espirito que existe pela intelligencia, no thesouro da sua illustração achava vasto manancial de consolação, e sorria sardonicamente quando recordava que até á vida intima do homem não alcança o poder dos tyrannos.

Continua

JORNAL DAS SENHORAS.

Publica-se todos os Domingos: o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom, em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica moldes e padrões de bordados.

Subscreve-se para este jornal nas casas dos Srs. Wallerstein e Comp. n. 79, A[illegible] r. Desmarais n. 86, Mongie n. 47 rua do Ouvidor; e na Typographia de Santos e Silva Junior, rua da Carioca n. 32.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em [illegible] qualquer das casas mencionadas.

Preço da Assignatura: Por tres mezes 3U000 rs. na Côrte, 4U000 rs. [illegible] provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pag[illegible]

Rio de Janeiro—Typographia de Santos & Silva Junior, Rua da Carioca n. 32.

TOMO I.---DOMINGO, 29 DE JUNHO DE 1852.

O JORNAL

DA TARDE

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

O programa e condicções deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

LUNDU DAS BEATAS.

Aqui tendes, querida laitora, o suspirado LUNDU DAS BEATAS, esse lundu que entendestes que devia ter apparecido dommingo pas ado, sem vos lembrardes que as *beatas* nunca vos perdoarião uma offensa de tal natureza. Em dia de S. Antonio o *lundu das beatas!* Ora esta!... S. Antonio que foi um patusco de chapa, que brincou e saltou na sua mocidade como qualquer rapaz de olho vivo e pé ligeiro, que logrou e judiou com muita moça de seu tempo, verdade seja, para convertel-a, ou reduzil-as ao temor de Deos, S. Antonio, advogado das moças, havia agora entrar de parceria com as beatas, inimigo figadal e serrazina implacavel dos moços e moças, e tudo quanto cheira a moço... Que nos livre Deos de tal barafunda. Hoje sim, tenhão as beatas ingresso neste *Jornal*, e appareça o seu lundu com as formalidades e reverencias requeridas.... (esta qualidade de gente é muito cavacuda, é preciso ter com ella todas as attenções) para que a querida leitóra o vá desde já astudar, e se não estiver para isso porque ainda está arrufada desde a noite de S. Antonio, damos-lhe de conselho que o empreste á aquella de suas amigas a mais endiabrada e que ao mesmo tempo saiba fingir (oh! gente, que lembrança!) uma carinha muito séria e contricta, com ficções de santarrona, e que finja (ahi vem outra vez!...) quando cantar o lundu, ficar muito zangada, mas com ares de quem está gostando da impertinencia do rapaz que a persegue nas horas de suas oraçoes. Uma tal moça cantará o LUNDU DAS BEATAS conforme o seu autor o escreveu, o o que é mais, executará ao pintar da sanefa as formalidades do caracter exigido de uma refinada beata, que é o que se quer.

Oh! se vós ouvisseis cantar o *lundu das moças* como o ouvimos na noite mesmo de S. Antonio por uma certa moça.... qual! aquillo não é moça; é um diabinho capaz de tentar os Santos nos seus altares, muito capaz de fazer arder o allemão mais enregelado dos fundos da Allemanha, muitissimo capaz de pôr em desordem a meio mundo! Ora, nós que somos mulher ficamos doida de amores por ella, imaginai o que por lá succedeu entre os homens.... Eu vi velhos e moças em completo desatino! Se me não

engano, de todos o de coração mais molle, mais sensivel, ou mais babão fo: um velho commendadòr, pobre criatura, dava cada suspiro tão repuxado que metia dó e compaixão! Ora, é muito interessante ver um velho apaixanado, sobre tudo se elle engraxa os cabellos.... ah! ah! ah! ah! Que pratinho desfructavel! E então, quando por sua maior desgraça, cáe nas mãozinhas de uma judia como aquella, ficão tão amarrotados.... o suor despenha-se em bicas pela testa abaixo, amofinão-se, sevandijão-se, e por fim súa a cabeça, a graxa escorre pelas orelhas, e os cabellos ficão duros como espetos, á modo de horrorisados do que seu dono está praticando!

Nunca ouvi cantar lundus com tanta graça e expressão! Abençoado velho, que não se póde suster no balanço e apaixonou-se.

E creio que tão cedo não vos darei um outro lundú, porque tenho agora de dar-vos figurinos todos os domingos do mez que vem em diante, e só no ultimo domingo de julho é que poderei offerecer-vos uma brilhante valsa; por tanto aproveitai o presente lundú, e cantai-o como vos eu expliquei que elle deve ser cantado: vereis o effeito que elle produz.

ACHAR MARIDO N'UM OVO.

(Episodio em 183g.)

O que vou referir teve logar em uma sala onde estavão reunidas algumas senhoras na vespora de S. Antonio, ás onze horas da noite, depois de haverem esperado por muito tempo os moços da reunião que, sem dó nem piedade, tinhão desertado das fileiras do galanteio para irem ouvir M.me Stoltz no Provisorio.

Estavão ellas em circulo em um dos lados da sala, e já tinhão tomado chá; principiavão a chupar os competentes roletes de canna assada.

Uma dellas, moça dos seus vinte e quatro annos e mui espirituosa, encetou uma nova conversação referindo o seguinte caso, ainda com o roletinho na mão.

— Faz annos por este tempo que aconteceu cousa bem singular! D. Gertrudes achou seu marido n'um ovo...!

— Em um ovo!! exclamárão todas as senhoras que se achavão reunidas; em um ovo, só se foi algum pinto!

— Não senhoras; pois era nem mais nem menos o bello e elegante J... que vós bem o conheceis, e tão bom marido como o que desejo para vós todas que estais a rir do principio da minha historia.

— Porêm, disserão as mais incredulas da roda, como é isso possivel, nós não o comprehendemos!

— E' porque elle será filho de alguma tartaruga, observou uma maligna ouvinte, de olhos travessos.

— Tartaruga!!. repetirão as outras, como será galante um marido tartaruga!

— Não gracejem, disse a historiadora, quando não calo-me. Não admitto apartes, que cortão-me o fio do discurso.

— Pois entre em materia; respondeu uma bella, de vestido côr de rosa escocez, que tomou áres e adamanes de presidente.

— Como dizia, senhora presidente, D. Gertrudes vindo de S. Paulo, onde nasceu, vivia com sua familia no Engenho Velho; era em uma noite de S. João.....

— De S. João Baptista? perguntou uma interruptora.

A ordem! a ordem! chamárão as outras ouvintes; vamos ao tartaruga.

— De S. João, continuou a oradora, e D. Gertrudes ainda não amava...

— Nem ás bonecas? perguntou uma distrahida que se entretinha em lêr um jornal.

— Senhora, chamo-vos nominalmente á ordem se interromperdes a oradora, observou a presidente de vestido côr de rosa. *Apoiado! apoiado!* (movimento no auditorio.)

— D. Gertrudes, como ia dizendo, não amava ainda, porêm sentia necessidade disso...

— Está visto! disserão varios apartes; e reinou silencio.

—... O bello J... era visita da casa de D. Gertrudes, e na vespora de S. João foi convidado para a crepitante fogueira e mais folia dessa noite, que foi toda divertida e cheia de praseres.

Na occasião das sortes e habilidades muitas tirárão-se e fizerão-se, extremamente galantes que divertirão a companhia, que não era pequena.

A maliciosa E... amiga de D. Gertrudes, e que já desconfiava de alguma cousa... lembrou-se tambem fazer uma sorte, e escreveu em um ovo varios signaes cabalisticos com sebo derretido, tendo antes ligado o ovo com uma linha fina para poder suspendel-o dentro de um copo sobre um palito atravessado. Tendo isto

feito, declarou á D. Gertrudes em alta voz que ia botar uma sorte por ella, e que em um ovo, que deixaria ao sereno, amanheceria o nome do seu futuro marido nelle escripto.

Concordárão que sim, que se botasse a sorte, e proseguiu a função até alta madrugada. Neste comenos E.... escreveu escondidamente o nome de J... entre os signaes cabalisticos do ovo, com o mesmo sebo, e depois o mergulhou em um copo cheio de vinagre deluido.

Sabeis que o acido ataca a casca do ovo que não está cuberta pela camada oleosa; pois bem. No outro dia mui cedinho, antes de todos se levantarem, levantou-se E.... foi buscar o ovo, lavou-o com todo o cuidado com agua sabão e uma escova, para tirar-lhe toda a gordura, e o colocou em outro copo, mas com agua unicamente, no mesmo logar onde estivera.

Mais tarde forão todas as moças ver o ovo e o que nelle dizia a sorte. Que surpresa que teve D. Gertrudes, que galhofa que lhe fizerão as outras! que de risadas não houverão!

Estava escripto em alto relevo sobre a casca do ovo o nome de J...entre os signaes cabalisticos!

—E..... ora, ora que historia! Pois ovo é marido? Se J... assistiu á fogueira, como estava dentro do ovo! De que tamanho seria esse tal ovo? Observárão algumas das circumstantes.

—Senhoras, á ordem, disse a presidente; oução! oução!

—Nada disso era, minha senhoras, proseguiu a oradora, J... não estava dentro do ovo, nem o ovo era mais que um brinquedo e um incentivo, que fez D. Gertrudes pensar então em amor, em casamento, e achar que a proposta não era fóra de razão; e.... eu assisti ao seu casamento em outubro de 1839.

—Sempre é marido de ovo. Disserão algumas das ouvintes.

—Nego, redarguiu uma bella menina de vestido azul ferrete que tinha comparecido depois de feita a chamada, nego a proposição. J... é marido como são todos os outros: a sorte os escolhe e nós os preferimos por qualquer circumstancia, ás vezes bem inperceptivel. E se nós nos quizermos servir da frase do vulgo, que chama *um ovo* a qualquer cousa intrincada, o marido é um ovo que nós não sabemos se sahirá gorado.

Não apoiado! apoiado! Sim, sim!

Não, não! ouvia-se de todos os lados.

—Pois minhas senhoras, se entre vós solteiras ha uma só que na noite de S. João, entre a alegria e o folguedo de uma função familiar, no livro de sortes, não tenha tido o desejo de saber quem será o vosso noivo, dê um passo á frente!

Esta intimação, feita com todo o fulgor de um olhar scintillante e nimiamente maligno, fez recuar todo o auditorio, e moça houve que, em logar de dar o passo para diante, recuou e foi parar quasi ao meio da sala...!

A oradora ficou só, e proclamou que estava vencido e decidido, que mais de um marido tem apparecido dentro das sortes da noite de S. João.

Fechou-se a sessão á meia noite em ponto, quando chegárão os rapazes do theatro. Levárão *sabonetes* de todo o tamanho, houverão seus arrufos á uestura: mas nem por isso deixárão de dançar tres quadrilhas e uma schotisch, onde provavelmente fizerão-se as pazes.

E' o que tem estes amantes; tão depressa ficão mal, como fazem logo as pazes!

Escolastica P. de L.

CORRESPONDENCIA.

Estimavel redactora. Subjugada pelo inefavel prazer de ler as vossas producções tomo a liberdade de vos offerecer como testemunho de minha particular estima a seguinte poesia.

São máos versos, porêm em compensação constituem uma advinhação bem curiosa, para, se vos aprouver, offerecerdes tambem ás vossas assignantes nas vesporas de S. João. Vão divididos em cinco cartões e cada um dos versos principia por uma das letras do vosso nome.

Para fazer a advinhação é necessario ter sempre os cartões na ordem directa do vosso nome: e uma vez feito isto vós podereis advinhar mui facilmente qualquer desses versos que outra pessoa á vossa vista escolher em segredo para si. (1)

Se tiverdes a bondade de os publicar, estou que elles merecerão acolhimento, acobertados como vão com as letras do vosso nome, cuja repetição nos lembrá o prazer que gozamos com a leitura do vosso jornal.

Posto que sobremaneira me honre em dar-vos publico testemunho da consideração e sympathia que vos consagro, rogo-vos que não reveleis o incognito do meu sobrenome.

Sou, &c.

Emilia Constança Ferreira de L.

(1) Vão em separado as explicações convenientes para o uso dos cartões.

TRIBUTO DE AFFECTUOSA ESTIMA.

AMIZADE.	Joanna Paula Manso de Noronha. O mais nobre coração teu peito encerra. Amizade, virtude, amor, constancia. Não posso resistir aos teus agrados. Ninguem mais do que eu cultos te rende.
SYMPATHIA.	A ti consagro, o mais sincero affecto Por ti eu nutro terna sympathia: A teus talentos se curvou Minerva. Unida a ti, que importa o universo?.. Linguagem sublimada tem teus labios.
AMOR.	Aos dotes que te adornão eu me dedico. Mais póde um teu agrado que a vontade. A teu lado eu contente viveria. Nunca, de ti jámais hei de esquecer-me. Sympathia, constante. carinhosa.
GRATIDÃO.	Orpheo por certo, te emprestou a Lyra. Derivão-se de ti as graças bellas. Eu não sei o que sinto... oh! eu te adoro. No teu estiio eu libo doce nectar. O que mais te admiro é a bondade.
FIDELIDADA.	Roubaste-me a razão com tanto encanto... Os dotes teus, divinos mo captivão. Não desdenhes affectos de meu peito. És amiga melhor, melhor esposa. A ti consagro eterna gratidão.

EXPLICAÇÃO.

Estes cinco cartões já estão calculadamente preparados para uma advinhação, que vem a ser, poder advinhar-se qual foi o verso que qualquer pessoa tomou de cór destes cinco versos aqui estabelecidos. Para este fim fazem-se as seguintes perguntas que vão com as respostas para melhor entenderdes.

Perg. Tome de cór um destes 25 versos para si.

Resp. Já tomei.

Perg. Em qual dos cartões está o verso que escolheu?

Resp. No 4.º cartão. (O advinhador não se esquece do n.º 4 e volta os cartões.)

Perg. Agora procure deste lado onde está o verso que escolheu.

Resp. Já o encontrei.

Perg. Em que cartão está elle?

Resp. Está mesmo no 4.º cartão?

O advinhador lê então em voz alta o 4.º verso do 4.º cartão, que é necessariamente o que fôra escolhido,

De sorte que o verso que se quer advinhar corresponde sempre ao numero de qualquer dos primeirôs cartões, onde elle foi decorado. Se o verso pertence ao 3.º cartão e do outro lado está no 5.º cartão, é por consequencia o 3.º verso do 5.º cartão. Se está no 2.º cartão e do outro lado no 5.º é o 2.º verso do 5.º cartão.

Está explicada a advinhação; agora guardai segredo.

JORNAL DAS SENHORAS

LUNDÚM DAS BEATAS

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

Poesia de Salomon *Maxicarte J. da S.a Ramos.*

LUNDUM

Yô_yô_si_nho va se embora quẽu não gosto de brincar

Yô_yo_si_nho va se embora quẽu não gosto de brincar

Não venha com seos carinhos minha reza atrapalhar

não venha com seos ca_ ri _ nhos minha reza atrapalhar

ritard. tempo

Você quer perder minh'alma vo_ cê quer só me enganar

ritard tempo

vo_cê quer perder minh'alma vo_cê quer só me enga _ nar

com o canto

DC

2

Va-se imbora yôyôsinho,
Não me venha já attentar,
As boquinhas que me pede
Tenha mêdo de lhe dar.
O mesmo utrebilho, etc.

3

Não venha com seos abraços
Meus amores despertar,
Guarde tudo para logo,
Quando acabar de rezar.
O mesmo utrebilho, etc.

4

Tenha mêdo yôyôsinho,
Basta já de me abraçar;
Não me de tanta boquinha
Que me pode atarantar..
O mesmo utrebilho, etc.

Verso da pagina em frente.

	Não posso resistir aos teus agrados. Unida a ti que importa o universo?.. Nunca de ti já mais hei de esquecer. Eu não sei o que sinto.... oh! eu te adoro. A ti consagro eterna gratidão.
	Ninguem mais do que eu cultos te rende: A teus talentes se curvou Minerva. Mais póde um teu agrado que a vontade. No teu estylo, eu libo doce nectar. Não desdenhes affectos de meu peito.
	O mais nobre coração teu peito encerra. Por ti eu nutro terna sympathia. Sympathia, constante carinhosa. O que mais te admiro é a bondade. Os dotes teus divinos me captivão.
	Joanna Paula Manso de Noronha. A ti consagro, o mais sincero affecto. Aos dotes que te adornão eu me dedico. Orpheo por certo te emprestou a Lyra. Roubast--me a razão, com tanto encanto...
	Amizade, viriude amor constancia. Linguagem sublimada tem teus labios. A teu lado eu contente viveria. Derivão-se de ti as graças bellas. Ès amiga melhor, melhor esposa.

CHRONICA DA SEMANA.

Forte celebreira! Parece que todos de mãos dadas me querem comprometter para comvosco! No domingo passado, em que me devera apresentar a vós, foi o espaço, *que se me abre* nesta folha, occupado com os versos ao *mimoso* Santo Antonio, lembrança essa que eu não posso deixar de applaudir, e que geralmente foi bem aceita, tanto que mandando esta vossa humilde serva (que não é nenhum *peixe pôdre*) buscar outro numerosinho do periodico para remettel-o a uma sua amiga, não achou um só para *mésinha*, o que prova o que acima vos disse, e mais que a *futrica* desta vez *fez filé*, pelo que por certo desculpareis a falta que commetti, e que tão cara me custou: o *Santos* não me apparece desde então! Olhem que é um *pé de boi* muito *birrento!!* Mas, dado este pequeno cavaco, vamos ao que importa. Porèm, por onde começarei? Aqui é que são ellas.... Vá porèm *pelo principio.*

Nos 15 dias ultimos houverão nesta cidade muitos casamentos, desoito forão elles, e a semana que findou foi tambem farta de foguetes... que não deixárão de encommodar ás pessoas nervosas; a não ser o *per contra* dos sustos que raspárão, que forão os doces roletesinhos de canna creoula e os mimosos carás, por certo que as senhoras principalmente, que tanto se assustão com as *bombas*, havião de praguejar contra os fogueteiros, dos quaes os mais acreditados e barateiros fartarão-se tambem de vender o seu suor, tão bem ganho!

— No Prado Fluminense (mais vale tarde do que nunca) derão-se as corridas, e posto que não houvessem lá muitos *paretheiros*, comtudo os

poucos ginetes que entrárão em liça agradárão, e os carros á romana merecêrão tambem as honras de favoravel acolhimento das pessoas que estavão presentes! Creio que pegão as bichas! A concurrencia não foi grande, o que não havia de agradar aos que lá forão especular vendendo agua.... assucarada.... por capilé!...

— A attenção publica esteve preoccupada com os nossos theatros, quer lyrico, quer dramatico. A estréa da Sra. Rosina Stoltz, que teve logar de feito na noite de 12 com a *Favorita*, absorvia o pensamento de quasi todas as pessoas.... e força é confessar que a Sra. Stoltz não *bigodeou* os dilettanti, porque mereceu os applausos que lhe forão dados na supradita noite, e repetidos na de terça-feira passada. O Sr. João Caetano, lá no seu acanhado theatro de S. Januario, continúa a apresentar ao publico dramas de alto merecimento. Na noite de 5 representou-se o intitulado—Marianna ou a Vivandeira, em beneficio de uma liberdade, e após este repetiu-se os—Dous Renegados, que ainda foi melhor desempenhado desta vez do que da outra. Cabe por certo aqui estigmatisar o máo costume, já tantas vezes por mim censurado, de certas familias que levão para o theatro meninos de mama! que de vez em quando soltão altos guinchos que azoinão os ouvidos de quem presta toda a sua attenção ao drama, para o que paga os competentes cobres. A conducta dessas familias corres parelhas com o costume de certos *petit-maitres* que vão para o theatro lyrico encommodar a quem lhes fica ao pé, resmungando a aria que lá na scena se está cantando. O meu doutor, que é homem lido em todas as materias, contou-me ha tempos uma anedocta a este respeito que vou transmittir-vos, porque não deixa de ter applicação ao caso, e bastante sal. Ouvi-me.—O Sr. . (o nome não vem ao caso) dilettanti de bom gosto, assistia no theatro *** em *** á representação de uma opera em que uma *prima-dona absoluta* cantava uma aria de muita força. Defronte do *apreciador*, homem já idoso, veio sentar-se um pintalegrete, que logo que ouviu os primeiros preludios da aria cantada pela prima-dona, poz-se a repetil-a por entre dentes, ao que o nosso pachorrento dilettanti disse—*Che bestia!*... O casquilho, ouvindo estas palavras, voltou-se promptamente e perguntou ao nosso homem se ellas se referião a elle.—Não, senhor; respondeu elle, nada.... chamei *bestia* a aquella senhora (e apontou para a cantora) que me não deixa apreciar-vos como mereceis.—O pintalegrete então, ou porque não entendesse a indirecta, ou porque a achasse bem cabida, metteu a viola no sacco, e dahi ha pouco safou-se do logar.

— Chegou para o soberbo theatro de S. Pedro, que vai elegante renascendo das suas cinzas—o seu magnifico lustre, que tem trezentas luzes, e é de gaz.

—E esta! Ia-me esquecendo de fallar no sempre alegre dia e vespora de S. Antonio, de tanta minha devoção...; Vamos a isto sem mais demora antes que me apparecão mais pedidos e recommendações, que desta vez puzerão-me em papos de aranha.

Ha bem annos não é o milagroso Santo tão geralmente festejado nesta côrte como foi desta vez! Poucas forão as ruas da cidade que não tiverão sua fogueiras e sua função mais ou menos historiada; ruas houverão por onde as seges não podião transitar, pela grande quantidade de fogueiras mal alinhadas que as guarnecião, e em outras, pelo bombardeamento de foguetes de todas as especies, que de certa hora em diante constantemente se cruzavão com endiabrado *zig-zag* ou tremebundos estouros, capazes de espantar o mais sendeiro burriego!

A cidade e seus arrebaldes resplandecião ao clarão das fogueiras e ao estrondo da folia! Todos os que podião brincar, divertirão-se á grande. Funções não faltárão de todos os lotes e tamanhos alturas e larguras; e os convites chovião de todas as partes! Só não passou a noite alegre de S. Antonio quem esteve em peccado mofento. Cruz, tinhoso!

Cá por mim, estive na vespora na magnifica habitação provisoria do Sr. commendador Costa Ferreira, no Cattete, onde este Sr. deu ás familias de sua amizade e aos seus amigos uma das mais agradaveis *soirées* a que tenho assistido. Estive em um Céu de delicias. O luxo e a profusão dos serviços, o circulo de bellezas com tanta felicidade reunidas n'aquelle magico salão, a par da constante alegria, maneiras urbanas e delicadas do Sr. Costa Ferreira, sua e posa e sua presada mãe, derão aos seus convidados uma noite de encantos e um contentamento geral. Trinta e seis senhoras, ou antes, trinta e seis mimosas flores formavão a preciosa grinalda que enfeiticava essa especial reunião, cujo fundo compunha-se de quarenta cavalheiros, jovens, alegres e espirituosos. Que olhos seductores que eu lá vi em mais de uma dessas feiticeiras meninas... oh! se eu fosse homem.... quantos olhos assim eu visse, nenhum delles me escapava, que os não adorasse. Por muito tempo me lembrarei agradavelmente desta tão interessante *soirée*.

— Na noite seguinte o Sr. Antonio José Domingues Ferreira festejou o dia de Santo Antonio recebendo na sua linda casa em S. Christovão uma escolhida companhia, a quem offereceu, com o cavalherismo, urbanidade e bom gosto, que o caracterisão, um completo e rico serviço que finalisou por uma explendida ceia do mais apurado gosto culinario, segundo me affirmou certa pessoa que de tudo deu fé, e que em tal assumpto tem voto muito respeitavel. Dançou-se muito, duas interessantes meninas cantárão com muitos applausos, e até vierão a baila os lundús que me fizerão rir a mais não poder. Foi uma noite bem passada.

Não me posso esquecer porêm das maneiras angelicas das duas queridas filhas do Sr. Ferreira, captivárão a toda companhia, e nenhuma de nós de lá se retirou que não trouxesse vivas sympathias pelas dignas filhas de tão excellentes paes.

— Outra brilhante reunião teve logar nessa mesma noite na casa do Sr. commendador Antonio Luiz Fernandes Pinto no campo de S.

Chirstovão: ahi concorrêrão para mais de sessenta convidados de ambos os sexos.

Muitas pessoas de illustração e representação abrilhantavão esse concurso, ainda mais brilhante pela concurrencia de muitas bellezas que forão festejar os annos do Sr. commendador. — Cantárão admiravelmente as senhoras D. Francisca Puga, D. Thereza Fascioli e D. Delfina de Vasconcellos; os duettos do 2.° acto da Norma, o dos Capullettos, o do Pirata em que tambem executou o Sr. Rufino, e finalmente o bello terceto da Norma, nos fizerão lembrar das noites em que no theatro de S. Pedro fomos arrebatados pelas inspirações do immortal Bellini.

—Vai ter logar na capital da Provincia um baile em honra, dos altos feitos do exercito brasileiro e armada nos campos de Moron e Passo do Tonellero, consta que SS. MM. II. o honrarão com suas augustas presenças. Consignando agora simplesmente este facto, direi algumas palavras no numero seguinte, e publicarei então o programma. Por ora pois limito-me a convidar os amadores, para que concorrão com as suas cotisações no escriptorio do Sr. Ireneo, rua Direita n. 63, aonde poderão procurar os respectivos cartões em tempo competente.

E adeus, minhas amigas; tenho feito desta vez uma chronica monstro, não me demorarei mais.

Um beijinho nos pequenos.....

Adeus, minhas encommendas! Chegou neste momento a seguinte correspondencia a respeito do theatro de S. Francisco: tambem não posso faltar a quem m'a remetteu. Eil-a:

Estimada D. Bellona.—Com quanto quizestes-vos encarregar unicamente da chronica semanal por esta vez tereis a bondade de inserir na vossa caderneta (como diz o Santos) estas linhas como testemunho de sympathia, que todo o escriptor deve aos artistas que se lhe tornão merecedores della.

Domingo passado, emquanto o respeitavel publico collectivo se divertia queimando rodas, atirando ao ar foguetes e semeando busca-pés pelas calçadas em risco de incendiarem uma criatura; emquanto que dos sobrados jogavão bombas á rua e lagrimas de pistolas, multidão innocente de projectis inoffensivos, e que das vendas e casas baixas atirão foguetes tambem á cara das bestas, dos carros, carrinhos e carroças. ect.. etc.: eu dirigia-me, não sem alguma inquietação, entre o tumulto do bombardeamento innocente, para o theatro de S. Francisco.

Representava-se nessa noite— A Duqueza de Marsan.

E' um lindo drama, de alta sociedade; sua linguagem é bem escolhida, e ás vezes achamos muito bellos pensamentos. Os lances dramaticos abundão; o assumpto é interessante, bem desenvolvido, e o drama no seu todo agradou-nos summamente.

Fallemos agora da sua execução.

A Sra. D. Gabriella, com as suas maneiras de bom-ton, seu *chique* de salão, sua dicção pura e sua feliz physionomia que possue o jogo que tanto distingue a actriz de merecimento, era uma completa duqueza.—No prologo, nobre moça, cheia de paixão e inquieta; annos mais tarde, pobre mulher macerada, mãi extremosa que treme pelos seres queridos de seu coração! D. Gabriella é mãi—nada pois fazia, nada dizia, que o seu coração não sentisse—essa extrema naturalidade é de muito bom gosto. O drama, não é mais do que a vida em acção.

A Sra. Orsat Mendes—no seu papel de Gaston estava muito interessante.—Seu bello e pallido rosto exprimia perfeitamente a magoa da posição excepcional do filho do mysterio e da desgraça.

A menina Julia—Henrique na peça—promette muito: seu andar na scena era desembaraçado, natural; e na verdade ella tem bellas disposições, que bem desenvolvidas promettem para o futuro uma actriz de merecimento.

Da parte masculina da companhia, limitar-nos-hemos a dizer que todos tiverão seus momentos felizes.

Seguiu-se depois do drama—o duetto do Meirinho e a Pobre—pelo Sr. José Candido e a Sr.ª Digiovanni.

O nosso publico ainda se não cansou de ouvir os duettos e fazel-os repetir. E eu, querida Bellona, sou absolutamente do partido do publico, gosto dos duettos, dos lundús, e rio-me até mais não poder.

Finalisou o espectaculo a nova peça—Maricota ou os defeitos de sua educação.—Gostamos muito da Sr.ª Veluti, mas... não sympathisamos com o autor da peça—*hypocrisia não é educação. Rusticidade não é virtude.*

Concluirei dizendo-vos que para os recursos tão limitados de que póde dispôr o Sr. Florindo.

elle faz quasi um milagre em pôr em scena dramas como o da Duqueza de Marsan.

17 de Junho.

J. P.

Bellona.

RECTIFICAÇÃO.

Na supplica feita a Santo Antonio em o nosso n.° 24 em logar do 5.° verso da 1.ª decima

Eu te prometto um bom amante

Deve-se ler

Eu te prometto um bom manto.

Em logar do 3.° verso da 2.ª decima

Para mim nada quero

Deve-se ler

Para mim eu nada quero.

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra cousa que a relação desta interminavel lucta.

MICHELET, Historia de França.

A RECOLETA.

Para descançar do aborrecimento que nos causa a perpetua orgia das ruas, e nos substrahimos ás suas scenas infernaes, para não ouvir os berros dos carrascos nem os queixumes das victimas, encaminhemos os nossos passos ao campo do silencio e do esquecimento, que guarda o pó dos que *forão?*

Agora que o inverno esparge suas tintas sombrias sobre a vegetação, agora que na tarde serena e fria, ouve-se apenas a brisa que geme solitaria por entre a secca ramagem das arvores.... uma tristeza suave e mysteriosa parece desdobrar um pardo manto por sobre os objectos que nos rodeião!

Afastemo-nos d'essas ruas apinhadas de populaça sediciosa ... eis a rua larga da *Recoleta*... segui-me leitor... ouvis como se esvaece aqui o echo furibundo das abjectas paixões que se combatem lá em cima?!... othai, no fim da rua que percorremos, para aquella grande grade de ferro!... é a porta do cemiterio... empurrai-a.

Entremos.

Eis uma cidade.... aqui ha tambem milhares de moradores.... quereis comprehender a sua linguagem?

Estudai-a como a estudei, eu sentada, largas horas á borda dos tumulos....

Em pé, no meio de suas ruas silenciosas.... onde o echo da voz humana resoa como uma profanação....

Onde a brisa murmura um canto funebre por entre a ramagem do cipreste....

Onde os passaros não ousão cantar...

Onde as flores tem um cheiro particular!

Quanta historia curiosa a estudar no fundo d'essas tumbas! quantas connexões entre os vivos e os mortos!

Nada tão suavemente religioso e poetico, como o cemiterio da *Recoleta*.... colocado á margem do *Plata*, jardim em outro tempo do abandonado mosteiro da *Recoleta*, a cruz, que se eleva sobre a alta torre da Igreja, tem os seus braços sempre erguidos e abertos, parecendo prometter a quem a contempla, uma outra vida alem do limiar do tumulo!

A cruz, como o mysterio do destino humano, encerra em si mesma alguma cousa que sentimos sem poder explicar... mas que derrama em o nosso coração uma suave luz de esperança, no meio das trevas que nos rodeião e que reflectem ante os nossos olhos.

O desencanto!

E' então que olhando para a cruz dizemos.

Talvez!

Mas, silencio sobre os mysterios que a mente humana jamais poderá decifrar... !

Vinde; percorramos essas ruas bordadas de arbustos que o inverno despojou.... vede que ricos tumulos nos cercão, e ao pé da modesta cruz do pobre!... é a ultima demonstração da vaidade humana que luta sempre contra a igualdade!

Eis a humanidade!

Os homens todos nascem iguaes—é a vontade de Deus!

(*) Vide o n. 22.

E' o mesmo vagido ao nascer—a mesma fragilidade, os mesmos soffrimentos da mãe e do filho !...

Dexai-os percorrer a estrada da vida.—O fim será igual !

A mesma agonia... as mesmas dôres...

Depois debaixo da terra.

A igualdade !

Para o ver-me roedor não ha distancias sociaes... o elemento eterno criativo absorve todas as substancias que a morte lhe envia, sem devidil-as em classes !

A luz do sol se esvae o crepuslo se aproxima, mensageiro da noite...

O sino toca—Ave Maria. Um homem penetra no cemiterio.

Seu andar é pausado... Olha para uma e outra banda... conhece ali tanta gente !

Parentes, amigos companheires de armas !

Mas, ninguem sem sauda-lo, nenhuma voz amiga o chama, mão alguma vem pousar sobre seu dilacerado coração !...

O homem que seguimos pára defronte de um tumulo de marmore preto, que em letras douradas contém a data de um dia e anno....

Nada mais.

Aquelle homem é Rojas, que vem todos os dias ali alimentar seus pesares...

Elle ali fica, mudo como os tumulos, palido e desbotado o rosto, o olhar apagado e fixo !

Pobre alma que renunciou a esperança ! que chora sem consolação !

O sino vibra sempre, a brisa murmura.

Algum insecto escondido na escaça relva chia.

O perilampo começa a voar, oppondo sua luz phosphorecente á moribnnda luz do crepusculo.

Dois homens empurrão a grade do cemiterio e penetrão no seu recinto.

— Descancemos aqui, até fechar a noite ; diz o mais ancião das novas personagens ao seu companheiro. —

E ambos começão a passear pelas ruas do cemiterio.

A casualidade reune os tres individuos ao pé do tumulo preto.

Rojas olha para ambos.

O mais alto, era um moço, de rosto altivo e triste, de feições varonis e expressivas, seu todo é tão distincto, que não póde passar desapercebido... o seu companheiro era um velho de cabellos brancos como a neve, de cor morena, de perfil severo—Rojas contempla este ultimo por mais tempo; depois, como fatigado, torna a deixar cahir a sua cabeça sobre o peito.

Pelo contrario o velho o examina attentamente, e depois de breve espaço exclama.

—Enganar-me-hão as minhas lembranças, ou sois vós o coronel Rojas ?

Rojas volta o rosto lentamente, torna a examinar o velho, depois responde como um homem. cujo coração senão está morto, pelo menos acha-se muito angustiado pelas emoções.

—Tu és o meu velho companheiro de armas—o lanceiro Simão !

—Ah ! meu coronel... lá vão dezeseis annos que não nos viamos '

— Porque easualidade estás tu aqui ? disse Rojas : este moço será teu filho ?

— E' meu filho adoptivo, meu coronel... sabeis porque estou aqui ? por que son perseguido lá no campo, e venho á cidade a fim de ver se podemos salvar um homem... o Dr. Alsina !

— Pois forão voces os que....

— Sableis isso meu coronel ?

— A Sra. de Alsina contou-me tudo, mas ignorava os vossos nomes.

— Temos jurado salvar o preso ; respondeu Miguel com a sua voz breve e decidida.

— Salval-o ? será deficil !

— Assim tinha-o eu pensado ; disse Simão com tudo as difficuldades podem vencer-se á custa de sacrificios....

— Vinde comigo. reuniremos os nossos esforços ; não ha que perder a esperança.

A lua aparecia então no firmamento azul, e sua luz frouxa e serena illuminava a lugubre cidade.

Os tres homens afastarão-se, a porta fechou-se atraz delles, e o silencio da noite tornou a succeder.

CORTEJO TRIUMPHAL.

Se os dramas sociaes dos povos do *Plata* não estivessem tão intimamente ligados aos dramas politicos ; se os delirios dessa plebe estupida não fossem as tristes origens de tantas scenas lugubres e sanguinolentas ; nós abandonariamos ao esquecimento e ao despreso essas orgias freneticas da populaça dos nossos paizes, que figurão perante o mundo civilisado com o enganoso, quanto injusto, nome de povo argentino.

Disse-se á distancia, e Rosas o tem repetido nos seus jornaes assalariados a *Gaceta* e o *Britsh Packet*. O povo mata, o povo castiga, o povo odeia os estrangeiros.... e por fim dizem as nações estrangeiras—o povo adora o general Rosas !

Por ventura uma fracção, a mais bruta da nação, composta de homens cheios de vicios, estupidos, sanguinarios e ignorantes, poderá nunca representar a nacionalidade de um paiz ?

Não !

O povo argentino, como todos os povos da terra, só póde e deve ser representado pelos seus circulos illustrados, pelos seus homens minentes e não por uma banda de facinorosos semelhante á sociedade—Mashorca !

Se este romance chegar a publicar-se, como nós o escrevemos para os estrangeiros e para nossas proprias sociedades futuras, por isso vencendo a nossa repugnancia, emquanto que as personagens desta historia se entregão, cada um aos seus pesares, nós vamos dar um rapido lançar de olhos ao drama das ruas.

Tratamos do programma da solemnidade com que devia celebrar-se a captura do Dr. Alsina.

Eis o esboço desta nova mascarada no estylo da procissão dos—Corta-Suissas.

Como a discordancia das datas, e a distancia

dos acontecimentos, nunca foi obstaculo aos absurdos de Rosas e da sua Mashorca, comquanto Alsina chegasse em abril, é o dia 25 de maio, anniversario da revolução de 1810, o escolhido para a grande solemnidade.

Era tocante a ceremonia de religião patria que convocava em outras épocas o povo a reunir-se na grande praça da Victoria, para esperar o primeiro raio de sol que luzia no orizonte.... havia nessa adoração do sol, que illuminou o dia feliz da nossa independencia, como que uma vaga semelhança ao culto de nossos avós os indigenas —a adoração do Inca!

Perdoai, leitores, é uma lembrança de infancia!... Além do povo, dos regimentos, das musicas, e das pessoas gradas que ali se reunião, havia tambem uma multidão de meninas de ambos os sexos.... os chamados orphãos da patria, outros pobres que recebião a educação gratuita, e depois os abastados e filhos de proletarios! e quando o primeiro vislumbre de sol apparecia, era o canto unisono desse enxame de crianças a primeira saudação do dia 25 de maio.... e o echo desse canto infantil, discorde talvez, porêm sincero, tinha em si alguma cousa tão tocante que não podemos explicar!...

Na época de Rosas tudo mudou!

Este dia, como os antecedentes dos annos da dictadura, depois das salvas e repiques do costume, começa a dança dos pretos!

Ao meio dia, todos os corpos da guarnição da Praça reunirão-se na praça da Victoria—é d'ali que parte o cortejo. Vejamos.

Marcha na frente a musica, segue um carro imperial ornado de velludo vermelho, enfeitado de ouro; sobre um estrado, dentro do carro e debaixo de rico docel de brocado de ouro, vem o retrato do general Rosas. Quatro senhoras notaveis, vestidas de vermelho, vão adiante puxando o carro!

Se as minhas nobres e corajosas patricias não tivessem sido as primeiras victimas dessa populaça feroz, que violava a santidade do lar domestico, e açoitava indefensas mulheres, se ellas com esse espirito que é todo seu, e que tanto as distingue no continente americano, não tivessem lutado melhor do que os mesmos homens, oppondo sempre inabalavel constancia aos ataques de Rosas, salvando as vidas dos seus pais, irmãos, maridos e amantes, á custa da propria vida, e com um denodo sem igual; diriamos que o acto de puxar o carro do retrato, executado tambem por argentinas, era uma nodoa de affronta sobre o nosso nome.... Mas não, as excepções são feitas para justificar as regras geraes, e ha uma que colloca as argentinas ao nivel das mulheres da America do Sul, de mais graças, virtudes e espirituoso patriotismo.

Ao carro do retrato seguia o primeiro terço da Mashorca levando á sua frente a Salomon e Coitinho, a quem os bigodes metamorphoseavão horrivelmente.

Seguia immediatamente a sege do governador com os *dous loucos* dentro.

Rignão ia no logar de honra, mais sujo e zangado que do costume, porque desde manhã cedo tinha sido atormentado sem tregua; tinha um chapéo armado de papel pardo com plumas de avestruz e uma espada de páo ao lado.

O padre leigo com a cara toda enfarruscada, com pinturas de vermelhão, trazia um rosario de batatas inglezas ao pescoço, com uma cruz de papelão no fim.

O segundo terço da Mashorca, commandado por Parras e Julião Fabre seguia depois da sege, e a retaguarda, como sempre, compunha-se da populaça de todas as côres, rota, suja e grotesca, que grita, apedreja, e dispara foguetes em todas as direcções.

O primeiro passo do cortejo é dirigir-se á igreja da Sé.

Ali nova surpreza nos espera.... O cura e diaconos da igreja sahem á porta do templo, o retrato é tirado do carro e depois carregado por dous sacerdotes, debaixo de palio e incensado na frente, entra na igreja catholica para ser collocado sobre o altar-mór, de encontro ao lugar da imagem Divina de Jesus!...

Profanação! vilipendio!

Facto indecoroso e sacrilego, desgraçadamente tão certo, e que nós, cheios de horror, consignamos nas paginas deste romance, para lembrança da época do barbaro dictador!

Todas as igrejas forão assim successivamente visitadas, e todas aceitárão tal prostituição e sacrilegio!...

O clero catholico firmára nesse dia nefando a sua ruina, se os jesuitas, com essa força de espirito calculista que os distingue, e sua irrecusavel sagacidade, não resolvessem sustentar a dignidade da igreja romana, expondo antes as vidas e abjurando seus proprios interesses para salvar o clero catholico apostolico romano.

Fiel ao seu systema de hypocrisia e retrogradação, no tempo da emigração dos frades, cujo predominio quebrava a Hespanha depois de tres seculos de escravidão, Rosas declarou-se o protector dos frades, restaurou os conventos que a Republica os abrira tão liberalmente, e suppondo verificar uma alliança offensiva e defensiva, Rosas chamou os jesuitas, deu-lhes o collegio, e encarregou-lhes a educação da mocidade.... porêm os jesuitas, aceitando os beneficios do tyranno, conservárão a independencia da ordem.

O dia da luta chegára. O cortejo dirige-se á igreja denominada o collegio, residencia dos jesuitas, cujo principal era naquelle tempo D. Marianno Verdugo, moço de profundos conhecimentos, dotado de grande força de espirito e de um caracter elevado e austero.

O cortejo avançava pois, e em pouco tempo chegou ao atrio do convento.

As portas da igreja fechadas, o exterior mudo e solemne do templo impunha involuntario respeito.

No meio do atrio, porêm, havia um moço sacerdote que com a cabeça descuberta, os braços cruzados sobre o peito, o olhar sereno e magestoso esperava a aproximação do cortejo.

Era bella e nobre aquella joven cabeça, cheia de intelligencia e de sublime coragem, e que só se erguia contra a borrasca revolucionaria que vinha derribar a imagem do salvador e collocar em seu logar a imagem sacrilega do tyranno!

Os heróes do cortejo ficárão pasmados, um cuchichéo geral seguiu-se, e tudo ficou parado— depois de alguns momentos de indecisão uma voz se elevou da multidão.

— Abra-se a igreja para receber o retrato do Restaurador!

A populaça responde em alaridos freneticos.

D. Marianno Verdugo espera qne o fu acão acalme, e então caminha corajoso até o limiar do atrio e com voz varonil, porêm souora e clara disse:

— Meus filhos.... como principal e como interprete dos sentimentos da companhia de Jesus, tenho a dizer-vos que somos os primeiros a reconhecer as qualidades eminentes de S. Ex. o Sr. governador, que agradecemos os seus innumeros beneficios que tem dispensado á nossa ordem, porêm, pelo que respeita a abrir as portas da igreja a uma mullidão que só pronuncia palavras de exterminio, é que repetil-as-hia no templo do Senhor!... collocar no altar da Divindade a imagem sacrilega de um homem!... isso jamais consentirá a companhia de Jesus!... Arrastaremos resignados o martyrio, mas desenganai-vos—a nossa igreja só se abre á oração dos fieis.... nos altares do nosso templo só se adora a imagem do Salvador!

Isto dito, D. Marianno Verdugo faz uma profunda cortezia e vira as costas ao cortejo, entrando no convento por uma pequena porta lateral.

Silencio profundo succede á falla do joven jesuita.... depois um grito furibundo semelhante ao mugido do tigre se levanta.

— Morrão os selvagens unitarios! E' o primeiro impeto da sua raiva.... os miseraveis!

Como momentanea vingança, redobrão os foguetes, os gritos, a confusão e a musica. e dirigem-se em retirada a dar parte do occorrido ao governador!

Entretanto, Rignão dizia dentro da sege:

— Bem feito! gosto disso!

E o padre leigo, mastigando uma batata crua. accrescentava:

E' necessario que eu falle nisto ao nosso bispo, para mandar soprar estes frade.; pois elles não virárão de casaca? Os selvagens unitarios!

UM AMIGO FIEL.

Ha cinco mezes decorridos já, desde o dia terrivel em que o sacrilegio e o fanatismo collocárão a imagem do general Rosas no altar consagrado á Divindade.

Cinco mezes que Miguel e Simão, perseguidos por toda a parte, são hospedes do coronel Rojas; comtudo permanecem firmes no seu proposito de salvar o prisioneiro do Ponton.

A familia do ex-conselheiro continúa morando na quinta do bairro de Monserrat entregue aos seus pesares.... A Sra. de Alsina com especialidade, é apenas uma sombra de si mesma.... Seu pai, por amor della, insta com Rosas para saber do destino de seu genro, ou pelo menos suavisar o seu doloroso estado.... Rosas é inflexivel!

A dôr se apodera de todos os corações affeiçoados ao misero Alsina!

A familia e os amigos celebrão um conselho intimo, e çada qual propõe os meios que julga conducente para salvar a victima.... D. Antonia recusa tudo. Nada aceita, nada consente que se intente para o fim que ella mesma tão ardentemente deseja.... Naquelle coração nobre e corajoso ao mesmo tempo combatia o amor que a impellia a salvar seu esposo, e o temor de comprometter a existencia dos seus parentes e dos seus amigos.

Todos a julgão resignada e esperão o desfecho da guerra de Montevidéo; (1) mas a Sra. de Alsina, pelo contrario, temia esse desfecho, porque conhecendo melhor do que os seus amigos os negocios da Banda Oriental do Plata, sabia que Oribe seria vencido, e que seu marido estava reservado para ser uma das victimas expiatorias da colera do tyranno! Ella tem concebido um projecto atrevido, porêm quasi infallivel. Necessita para o effeito de um homem, mas um homem estranho, que não arraste compromettimento algum, e no qual ella possa confiar-se sem temor.

Depois que a Sra. de Alsina recusa os offerecimentos da sua familia e dos seus amigos, Simon quer retirar-se da cidade, mais de uma vez já disse elle ao seu joven companheiro.

— Meu filho, vamos embora! Não somos necessarios aqui, retornemos ao deserto.

A estas palavras do velho, Miguel nada respondia; levantava seu olhar repassado de dôr e desesperação, depois tornava a abaixar a cabeça, cruzava os braços, e era tudo!

Pobre Miguel! quanto estava desfigurado! que livida pallidez lhe cobria o emagracido rosto.... um circulo roxo marcava seus olhos.... seus olhos, que sós revelavão a vida naquelle rosto macerado e adoentado!

Assim devia de succeder.... Ao pé de Emirena, Miguel não podia ficar indifferente!

Seu coração virgem e inexperto, succumbiu ignorando-se a si mesmo.... Comtudo, observador silencioso, elle desde o principio comprehendeu a relação que existia entre Ramon e Emirena; seus desesperados ciumes forão os primeiros que lhe advirtirão dos seus proprios sentimentos.... então travou-se no fundo daquella alma energica, agreste e ardente, uma luta sem repouso que em breve prostrou as forças physicas e moraes do desgraçado. Então não lutou, mas abandona-se sem mais resistencia, devorando o martyrio que o consumia e que em breve infeccionou o seu sangue escandecido!

O velho Simão adevinhára tudo o que se passava no coração de Miguel, mas esmorecia-lhe a coragem e calava tambem!...

Emquanto as personagens do nosso romance

(1) Devemos lembrar aos leitores que esta guerra foi a de Rivera contra Oribe, sendo este ainda presidente em 1837.

conservão-se nestas differentes situações, o prologo da revolução que commovia a sociedade da Banda Oriental do Plata, e que mais tarde devia despedaçal-a, o prologo dessa terrivel revolução terminava em Montevidéo com a demissão *espontanea* do presidente Oribe, que dizia nesses momentos supremos—Não quero mandar á custa do sangue, de meus concidadãos.—O general Rivera entrava para occupar a cadeira presidencial!

Os emigrados argentinos, que o ajudárão a derrubar o seu rival, reclamavão as promessas que se lhes fizera, a generosa Corrientes, tendo á frente o malogrado Beron de Astrada, as mal subordinadas provincias do litoral Argentino estremecião todas, uma commoção electrica agitava a suas sociedades, por toda a parte erguia a voz poderosa uma mocidade ardente e generosa. Os agentes francezes, os Srs. Le Blanc e Martygni tambem estreitavão cada dia mais o governador de Buenos-Ayres, a tempestade formava-se, e o tyranno em vingança fazia que a Mashorca redobrasse a insolencia e principiasse seus ferozes attentados.

Oribe chegou a Buenos-Ayres. O perigo de Alsina e de todos os povos politicos nas mãos de Rosas era imminente; para elles não havia hora segura.

A nossa heroina estava no mais cruel estado de inquietação e soffrimento, para ella não havia um só minuto de repouso, passava as noites em claro, não chorava, porêm a febre a devorava.... sua familia, seus amigos instavão generosamente e a desventurada lutava entre seu amor de esposa e seus deveres de filha, de irmã, de amiga....

Uma noite, encostada em cima das janellas que deitão para o campo, através da escuridão parece-lhe distinguir um cadafalso, depois vê subir um homem, esse homem era alto e de porte nobre, porêm sua cabeça rola a um golpe de machado, e essa cabeça vira-se para o lado onde ella está e parece murmurar algumas palavras... D. Antonia crê reconhecer a cabeça de seu marido! ella dá um grito e cobre os olhos com as mãos.... A desgraçada entregue a um delirio passageiro, sonhava acordada e não reparára em um individuo que havia tempo rondava por ali e que naquelle momento chegando-se á janella dizia-lhe

— Estais só, senhora?

A Sra. de Alsina estremece, o seu primeiro movimento é fugir, porêm o som daquella voz traz-lhe a lembrança alguem que ella desejára encontrar, e retornando á janella pôde ver o rosto do individuo, mas a crise porque acaba de passar ainda lhe perturba a razão:

— Quem sois! o que me quereis? perguntou D. Antonia.

— Já me não reconheceis, senhora! Sou Lostardo.

Lostardo!... Ah! que vindes fazer?!

— Podeis duvidal-o, senhora? Fui atraiçoado, ferido, e longo tempo lutei entre a vida e a morte.... emfim, eu sou moço e robusto.... fiquei bom... meus marinheiros voltarão a Montevideo, a *Francesca di Rimini* foi vendida, em seu logar comprei uma balieira para navegar pela costa, a *Joven Italia*, é veloz como o vento mesmo. Sabeis, senhora, qual foi meu primeiro passo? Buscar o infame que por um punhado de ouro, vendeu a cabeça do vosso marido, de meu bemfeitor... encontrei-o e...

— Que lhe fizestes?

— O que se faz aos cães enraivecidos, matei-o!

— Céos!

— O meu segundo passo foi procurar-vos, acho-vos; agora, senhora, aqui estou, eu e meu companheiro Piero, mais oito bravos marujos que já conheceis porque vos livrárão de morrer affogada no Paraná, e alêm disto tudo, a minha balieira *La Gioven Italia*, estamos ás vossas ordens. A nossa devisa é salvar vosso marido ou morrer!

A Sra. de Alsina parece-lhe sonhar! A emoção não a deixa pronunciar uma palavra, depois a alegria, o sobresalto, tudo concorre a perturbal-a. Ouvi, disse ella a Lostardo.

— Não convêm que ninguem nesta casa saiba da nossa entrevista, afastae-vos... e marcae um logar onde possa fallar-vos sem temor de sermos vendidos.

Pois bem, vinde á casa de minha mãe, é uma boa mulher que se atiraria ao fogo por mim e pelos meus amigos.

— Onde é?

— Mais abaixo da esquina de *Sotoca* para o rio.

— Então até amanhã á noite.

— Mas, senhora, é tão longe..,

— Nada temo! Nada temais! Agora o que é necesserio é não perder um minuto! Adeus.

Continua.

JORNAL DAS SENHORAS.

Publica-se todos os Domingos; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor gosto, em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundu ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica moldes e padrões de bordados.

Subscreve-se para este jornal nas casas dos Srs. Wallerstein e Comp. n. 70. A. e F. Desmarais n. 86, Mongie n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de Santos e Silva Junior, rua da Carioca n. 32.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

Preço da Assignatura: Por tres mezes 3U000 rs. na Côrte, 4U000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro—Typographia de Santos & Silva Junior, Rua da Carioca n. 32.

TOMO I.---DOMINGO, 27 DE JUNHO DE 1852.

O JORNAL

DAS DAMAS.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condicções deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

MODAS.

Sou hoje portadora de uma noticia, querida leitora, que vos será por certo mui agradavel: do mez que vem em diante o *Jornal das Senhoras* principia a dar-vos uma brilhante estampa com dous lindos figurinos todos os domingos de cada mez, e no ultimo uma peça de musica, das quaes a primeira é uma feliz composição do Sr. Stokmayer filho. Esta publicação tambem principia a ser feita—pela primeira vez no Rio de Janeiro—em typos typographicos como são impressas as musicas de todos os jornaes da Europa; em um artigo especial a redacção vos dirá a quem deve esta vantajosa acquisição ha tanto tempo reclamada no paiz para as publicações deste genero.

Penso que vos dei uma boa noticia, e parece-me que já vos estou vendo impaciente esperar pelo domingo que vem, para terdes entre as vossas mãosinhas os lindos figurinos de baile que vos heide apresentar—quereis satisfazer o vosso desejo e o vosso bom gosto—por sem duvida que assim acontecerá. Desde já vos posso assegurar que ainda nenhum jornal do paiz vos deu melhores, mais engraçados e elegantes figurinos, do que os que vai dar o *Jornal das Senhoras*. Só vistos! vêde-os, e depois rogo-vos que vos recordeis do que disse a minha antecessora « O *Jornal das Senhoras* não mira o ouro, mas curva-se ao desejo de ser util ás suas assignantes—para seu recreio e illustração. » Ainda hoje predominão as mesmas convicções.

Com o augmento do numero dos assignantes augmentar-se-hão tambem as despezas deste jornal para tornal-o cada vez mais digno de vossas attenções, e como que revelando o seu reconhecimento á constante coadjuvação que tão benignamente lhe tendes prestado.

Assim irá elle caminhando até chegar ao gráo de perfeição a que podem atingir jornaes desta ordem.

Mas.... não ha gostos perfeitos! dou-vos outra noticia, bem desconsolada. Estou eu (que tristonha noticia....) a vossa amiga Christina, incumbida dos artigos de modas que hão de

acompanhar *todas as semanas* a discripção dos figurinos....

Ora, quando eu pensaria em tal!... Eu que, alêm de não ter genio de subordinar-me ás obrigações certas e determinadas, reconheço a minha insufficiencia, e de mais a mais tenho uma completa disposição.... para a mandriice, que nem quantos remedios simples e compostos tem uma botica inteira terão a energia de curar-me deste mal antigo e *natural!* Não sei como darei conta da mão se me desamparar a vossa bondade e tolerancia.... Vamos porêm ao assumpto principal deste artigo, que a respeito de introducção já vai cheirando a *serrote.*

Para batedores dos novos figurinos offereço-vos uma estampa que julguei muito util apresentar-vos nesta semana, não só porque dizem todas as folhinhas que o inverno principiou na segunda-feira passada, con o porque no meu entender é este um dos objectos mais indispensaveis ao rigoroso *toilette* de baile e de visitas, no inverno ou no verão, em o nosso Rio de Janeiro, onde as constipações trazem geralmente tão funestos resultados, e tão pouco se cuida de prevenil-as.

E' uma estampa com oito differentes modelos de SAHIDAS DE BAILE dos de melhor tom em Paris, donde nos forão remettidos pelo paquete deste mez para mimosearmos as nossas assignantes. Cada um delles traz o competente appellido porque são distinctos e indicados entre o mundo elegante—o 1.º appellida-se *Almeria*—o 2.º, *Bretonne*—o 3.º, *Henri III*—o 4.º, *Armada*—o 5.º, *Manteau Espagnol*—o 6.º, *Mimosa*—o 7.º, *Odessa*—o 8.º, *Valdivia.* Não vos indico qual dos oito é o de mais bom gosto, porque todos elles estão no requinte da moda, e um só não será preferido, que não tenha merecido as honras das primazias de centenas de parisienses. Entretanto elles dividem-se em duas classes—de capuz—e decotados: para as sahidas de baile ou theatro estou que nenhuma senhora de bom-tom escolherá os decotados, só pelo prazer de em volta do seu mimoso queixo atar um lindo e transparente lenço—este antigo costume já está na terceira classe dos—sem prestimo.

No baile do Cassino tenho visto algumas elegantes retirarem-se já previnidas de SAHIDAS DE BAILE approximando-se a algum destes modelos; e estou bem certa que, se todas as senhoras em geral se compenetrarem da necessidade que ellas teem de mais este objecto para o complemento do seu *toilette*, nenhuma deixará de possuil-o, sobretudo na presente estação quando ao sahir de um baile, de uma *soirée*, ou de uma visita mui demorada, deixão um salão aquecido, para exporem-se ás intemperies de uma noite fria.

Os armazens dos Srs. Wallerstein e C.ª, Francisco Paquet, Alexandre Castel e C.ª, Mmes. Hortense Lacarrière, e Josephina Meunier, podem offerecer-vos um lindo e variado sortimento de SAHIDAS DE BAILE, em que podereis escolher a capricho de vosso bom gosto a que mais elegante vos ficar.

Agora devo dizer-vos, querida leitora, duas palavrinhas ácerca da interessante noiva de que vos deu conta o meu artigo do primeiro domingo deste mez. Esta linda menina casou-se a 12 do corrente mez, ás 10 horas da manhã, entre as bençãos de seus estimaveis pais e a geral approvação de todos os amigos que testemunhárão o acto solemne; houve depois um esplendido jantar para sessenta pessoas, e no meio da profusão de um delicadissimo dessert, ao saltar a primeira rolha do fumegante champagne, derão-me a honra de ler as duas quadrinhas seguintes, que eu havia escripto e introduzido entre as rendas do vestido de noivado, quando fui apreciar o rico enchoval nas suas odoriferas caixas de saudalo.

Estava quasi não reproduzindo aqui essas toscas quadrinhas... tenho receio de passar por vaidosa... Emfim, agora é préci o repetil-as, não ha remedio. Forão estas:

Alheia aos erros de amor.
Submissa á lei paternal,
E's do teu sexo um primor
Sel-o-has da fé conjugal.

Com as egregias virtudes,
Que a natureza te deu,
Tens de ser bem venturosa
Entre os laços d'hymeneo.

E sabeis que depois disto recebi um escripto... Emfim, não vos posso declarar o nome dos noivos, que tanto desejaveis saber; contentai-vos em vos affiançar que são duas interessantes criaturas, um par digno de toda a estima.

25 de Junho. — Infante.

Christina.

A FLORINHA DA FONTE.

Bemdito senhor, que déste
No deserto uma fontinha;
Bemdito Tu que criaste
Junto á fonte uma florinha

A. X. L. Cordeiro. (O Vôo d'Alma.)

Por aqui passa o ribeirinho, bordado de humidas pedrinhas e de meiga relva vicosa; borbulha sonhando em sua fonte, e brando e mysterioso leva a sua agua de brilhantes por entre o verde da mais linda planice.

Uma lagrima debaixo da pedra indica o seu chorar—a sua nascente.

E mansas se deslisão depois essas gotas espalhadas—e mansas continuão em seu pranto de amores solitarios.

Elle vive ahi só, longe do ruido do mar, do rugir do rio, do açoutar dos ventos!

Elle só ahi existe—nesse mesmo logar o criou Deus—nesse logar jamais ninguem o visitou.

Nasceu filho da melancolia!

Nasceu de noite quando a lua reflectia um dos seus pallidos raios sobre sua mãi!

Pobre que assim gerou um filho em sua triste solidão!

Apenas gemeu com a brisa que se escoava por entre os galhos da floresta.

Ninguem a ouviu—ouviu-a Deus; — e ao outro dia cavou na planice o berço desse pequenino triste—ornou-o de redondas pedrinhas brancas—matizou-o de relva macia—e em sua cabeceira colocou uma florinha.

E' a florinha da fonte.

Levantou-se apenas de um montãozinho de terra humidecida—ahi iu uma singella corôa pequenina de côr azulada e de suave perfume.

Em cima—lá onde borbulha a agua—ahi se balança ella em languido meneio.

Quando passa a borboleta não se poisa sobre ella, que a não poderia sustentar.

Quando o sol arde ao meio dia, ella esconde-se abatida—quasi murcha; e depois com as primeiras gotas do sereno viça de novo para adormecer sem cuidados.

E em seu berço sonha brincando o pequeno melancolico filho da solidão.

De madrugada desperta a flôr e brilha com uma gota de orvalho pendida em seu diadema.

A sua côr é a côr do Céo—o seu perfume é doce halito—o seu movimento é tenue tremor.

E beijando o seu ribeirinho parece dizer-lhe: não te esqueças de mim!

Aos suspiros da virgem, que lhe bafejão em torno, acolhendo-os, chama-os seus companheiros.

E' que a virgem é como ella—um anginho na solidão.

E' que a virgem que jamais a viu, como ella é meiga, é doce, é modesta e simples.

Uma florinha assim, é uma virgem que innocente recosta a fronte sobre uma alma de tristuras.

A virgem—é como a florinha—ninguem ama; porque jamais a virão—e com que amor se amaria a sua alma candida?

Talvez com amor de anjo—amor de fonte, e não com profano amor de homem.

São ambas iguaes.

Uma não sabe amar senão o seu queridinho—o seu ribeiro.

A outra ama a sua innocencia, porque com ella cresceu—viveu—brincou: ama os seus suspiros que lhe brincão nos labios.

Quando ella quizer amar perderá a sua innocencia—morre com ella.

Quando a florinha da fonte quizer mais do que essa divina solidão—murchará—cahirá—e morrerá.

II.

E em um dia o sol brilhava mais forte, e foi a virgem ao prádo; subiu pelo ribeirinho e chegou bem perto da florinha azul.

« Não te esqueças de mim » dizia ella.

Pobrezinha foi colhida—murchou depois.

Longe da sua pequena patria suspirosa deixou de existir.

Secou-se o ribeirinho—apenas branca arêa mostrava ter elle ahi vivido.

Abandonado, que mais lhe restava?

Depois de algum tempo, nesse mesmo logar, quando ao anoitecer, chorava uma virgem isolada.

Erão suas lagrimas, a agua do ribeirinho.

Era ella, a florinha da fonte.

L. C. A. Junior.

CARTA INEDITA DE FRANKLIN

A UM MOÇO SEU COMPATRIOTA QUE EM MA'S CIRCUNSTANCIAS SE ACHAVA EM PARIS.

« Sr. W.—Inclusa achareis uma letra de 150 luizes de ouro. Eu não vos dou ésta quantia, empresto-vol-a. Quando voltardes á vossa patria, é natural que se vos proporcionem meios de ganhar uma fortuna, que vos ponha independente, e com que possais pagar as vossas dividas. Supposto isto, se não encontrardes um moço de bem e honrado, no mesmo embaraço passageiro em que ora vos achais, me pagareis, emprestando-lhe esta mesma quantia, com a clausula delle vol-a pagar pela mesma operação, logo que possa, ou se lhe apresente igual occasião. Eu confio que este dinheiro passará assim por muitas mãos primeiro que encontre algum velhaco que suspenda a sua circulação. Lembrei-me deste expediente para fazer o bem com pequeno sacrificio, pois que eu não sou tão rico que possa despender muito no exercicio de boas obras; e por isso me vejo obrigado a recorrer á astucia, com quanto remedêe esta sentida falta, fazendo de tal modo o bem possivel com pouco ou quasi nada.

Vosso amigo

Franklin.

Esta carta de Benjamin Franklin, desse genio que de simples fabricante de velas, e depois impressor, se tornou o arbitro dos destinos da sua patria, que consolidou sua liberdade e sua independencia, que a enriqueceu com mais de uma industria nova, que *roubou* á natureza alguns dos seus maravilhosos segredos, que durante 80 annos deu o exemplo de todas as virtudes de homem e de cidadão, esta carta, digo, merece o respeito de todos, não só por sua originalidade, como pela benignidade que em cada expressão se nella revela.

De L. de B.

POESIA.

CONTEMPLEI-A E SUMIO-SE!

Vi-a sim em noite bella,
Qual singella,
Qual singella apparição;
Meiga a lua prateada
Equilibrada,
Bem cortava a immensidão.

E gemia a meiga vaga
Sobre a plaga,
Sobre a plaga com amor;
E a brisa que girava
Suspirava
Sobre o calix d'uma flôr.

Lá no Céo a sua imagem
De roupagem,
De roupagem de christal,
Tinha visto ao fim do dia
Co'a harmonia
D'uma estrella glacial.

Era o anjo a sós vagando,
Suspirando,
Do saráo o estridor;
Em tristeza mergulhado
Muitas vezes esquecido,
Confundido,
Contemplei-a entre o rumor.

E o som da doce orchestra,
A palestra,
A palestra dava fim;
Enlacei-lhe a mão na cinta,
E o anjo não valsava,
Só voava,
Só voava ao pé de mim.

No meu hombro mão de neve
Bem de leve,
Bem de leve descançava;
Umas vezes toda fria
Mal tremia,
Mal tremia a que apertava.

E do anjo a mão nevada
Delicada,
Delicada quiz beijar;
C'um surriso a retirava,
Que matava,
Que matava a não matar.

E eu lhe disse—virgem pura,
Que tristura
Pousa sempre em teu semblante.
Nunca foste tu fagueira,
Feiticeira,
Feiticeira, radiante?

Pelas faces pranto ardente
De repente,
De repente resvalou;
Lindos olhos, virgem pura,
Com tristura,
Com tristura os abaixou.

Como o lyrio que fenece,
Que enmurchece,
Innocente á luz do dia;
E da noite a luz esplendida
D'uma tocha rezinosa,
Flôr mimosa,
No saráo se fenecia!...

Como foge a estrella pura,
Que fulgura,
A surrir na immensidão;
Tal fugiu-me em noite bella,
Qual singela,
Qual singela apparição!...

Salomon.

CHARADAS.

De mim partiu tua morte oh Goliath 1.ª 2.ª
O que exprimo soffrestes com má sorte, 3.ª
Com a primeira e segunda te vencêrão,
Com a terceira te causárão a morte.

CONCEITO.

Musulmano ou Calvenista
Israelita ou Christão,
Dominico ou Jesuita,
A mim devem o que são.

No Brasil denoto aquelle
Que é de saudosa memoria,
A quem deve a liberdade
Que hoje faz a sua gloria.

Eliza G.

Por ser curiosa } 2
Em sal me tornei }
Eu sou um pastor } 2
O mal metiguei }

CONCEITO.

Dous nomes tem o meu nome,
E feliz da humanidade
Enferma que os alcança
Antes de ir p'ra eternidade.

Porêm que sou? Avesinha
Bem modesta e elegante,
Vivo em casa bem mancinha
Ou vivo no brejo errante.

Constança.

PENSAMENTOS.

Palavras ha, cuja offensa póde ser comparada ao golpe de um punhal.

Quando se me faz uma offensa, dizia Descartes, eu procuro elevar minha alma tão alto que a offensa não possa chegar a ella.

Todo o genero de desgosto se acalma em face do Céo, quando a nossa consciencia está pura.

Quando as almas elevadas carecem de um refugio, é em sua mesma elèvação que o encontrão; e então sua altivez excede ao poder dos máos.

Nas mais violentas situações da vida humana, ha sempre um momento de calma, como na hora da morte um instante de bem ser; é a hora das presses ou das despedidas.

Ha na vida humana acontecimentos tão extraordinarios e inevitaveis que negar a existencia de uma Providencia que nelles se revela, seria mais que incredulidade, seria testemunhar a falta de bom senso.

A morte não é um acontecimento tão terrivel como se imagina, nós a julgamos mal ao avistal-a de longe; figura-se-nos um espectro que nos assusta; mas logo que a encaramos de perto, desapparece o medo.

Porque temer a morte se tivermos bem vivido? Porque temer um instante que é precedido por uma infinidade de outros instantes da mesma ordem? Não é a morte tão natural como a vida? Não nos chega uma e outra da mesma sorte sem que o sintamos, e sem que possamos mesmo disso nos apercebermos? Comtudo, esse instante deve ser temivel para os máos, se, como diz um sabio, não vemos a essa hora senão nossas faltas; porque morrendo o orgulho pouco tempo antes de nós, esta destruição annuncia a nossa, e deve ser um horrivel martyrio, o da consciencia criminosa, perfeitamente esclarecida!...

A....

Continua.

VARIEDADE.

O PINTOR.

Um habil pintor de Athenas, que pintava mais por amor ao prazer da arte do que porque lhe pagassem as obras, mostrou um dia a um conhecedor o quadro de um *Marte* que elle tinha feito, e lhe rogou o seu parecer. Este homem lhe disse francamente que tal quadro de fórma alguma lhe agradava, porquanto para ser uma boa pintura devia ter sido feita com muito menos arte. O pintor lhe objectou muitas cousas, mas o conhecedor o combateu com mui fortes razões, sem que nunca o podesse convencer. Neste momento entrou um peralta, que se pôz a considerar o quadro:— « Oh deuses, exclamou elle, logo ao primeiro lance d'olhos, que obra primorosa. Ah! que pés, e com que arte não estão desenhadas estas unhas! Marte respira em todo este quadro. Que arte, que magnificencia neste elmo, naquelle escudo, e finalmente em toda a sua armadura não estão empregadas! » O pintor ficou tão tolhido de vergonha á vista de um tal elogio, que não ousava encarar com o conhecedor. « Agora, amigo, sim, estou convencido que vós em nada me offendestes. »

E apenas sahiu o peralta, que o pintor correu a borrar o Deus da guerra.

Se as vossas obras não merecem a approvação dos entendedores, não as devei publicar; mas se o tolo as louvar, correi logo e logo a riscal-as.

Traducção de L. de B.

UMA RESPOSTA AO PÉ DA LETRA.

Estando Napoleão em Milão quiz conhecer o celebre musico Marchesi, e mandou-o chamar á sua presença; convidando-o, logo que appareceu, á que cantasse *un aria*. Marchesi, ou por que se quizesse msotrar espirituoso, ou porque n'aquella occasião estivesse de *candeias ás avessas*, respondeu ao Consul o seguinte, em pessimo francez: « Signor Zeneral, ci c'est un *bon air* « qu'il vous faut, vous en trouverez un excel- « lent en faisant un petit tour de zardin. »

Napoleão offendido mandou prender Marchesi, e d'ahi a um mez o mandon vir á sua presença, repetindo o convite que lhe fizera antecedentemente.

Marchesi prestou-se para logo ao pedido de Bonaparte, e cantou uma aria admiravelmente. Napoleão o applaudiu freneticamente, e, batendo-lhe no hombro, lhe disse prazenteiro « — que « estimava muito que *l'aria* da sua prisão lhe « houvesse restituido a voz—, e abrandado o genio. —

Ext. por *L. de B.*

DE UM LORD INGLEZ.

Homens ha sem imaginação, sem graça na falla ou conversação, sem agudeza de espirito, e comtudo ferteis em sarcasmos. Homens taes assemelhão-se á navalha de barba molhada em agua fria que arranca couro e cabello sem que para isso seja necessario afial-a.

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra cousa que a relação desta interminavel lucta.

MICHELET, Historia de França.

A SENHORA DE ALSINA.

No seguinte dia da noite que Lostardo fallára com D. Antonia, ella queixa-se de uma forte dôr de cabeça, e fica no seu quarto todo esse dia.

Esperando a noite com impaciencia, occupa-se por momentos dos preparativos do disfarce, debaixo do qual irá á casa do joven marujo: logo que as primeiras badaladas d'Ave Marias se deixão ouvir, D. Antonia pinta seu rosto, pescoço, mãos e braços, calça umas meias pretas e chinellas, recolhe os cabellos debaixo de um lenço de algodão vermelho, veste uma roupa velha, meia esfarrapada, e se embrulha n'uma larga manta de flanella vermelha, que a gente do povo usa, e que chamão vulgarmente *Reboso*.

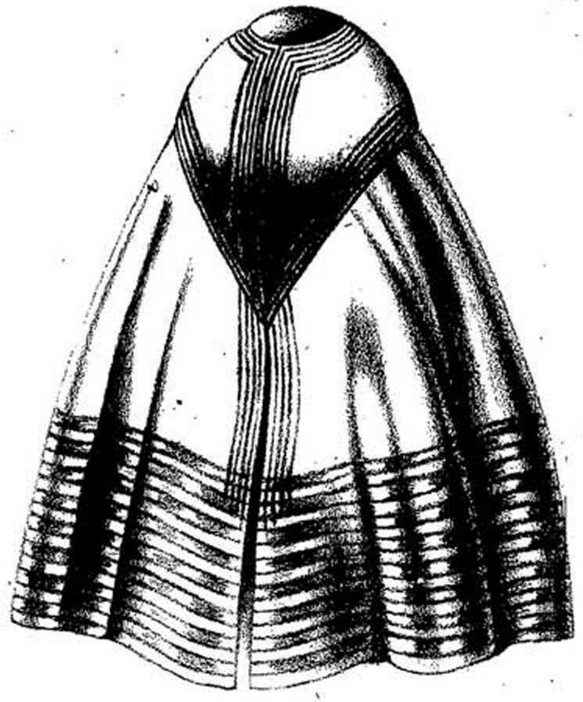
Rapida e misteriosa como uma sombra, D. Antonia aproveita a escuridade que começa a estender-se sobre a terra, e depois de fechar o seu quarto, sahe da quinta por uma porta desnecessaria que dá para o campo.

Serena e resoluta cruza a cidade; nada é capaz de acobardal-a, nem suspender a sua marcha. Envolvida ás vezes entre a populaça que acompanha a Mashorca, a Sra. de Alsina não sente um só momento vacillar a sua coragem.... é que uma força magnetica a sustenta; o seu amor, o seu amor immenso de esposa, tão santo e legitimo, que como todas aquellas affeições que não transgridem as leis da consciencia e da sociedade, nos dão força com que prehencher os sacrificios mais sublimes!

(*) **Vide o n. 25.**

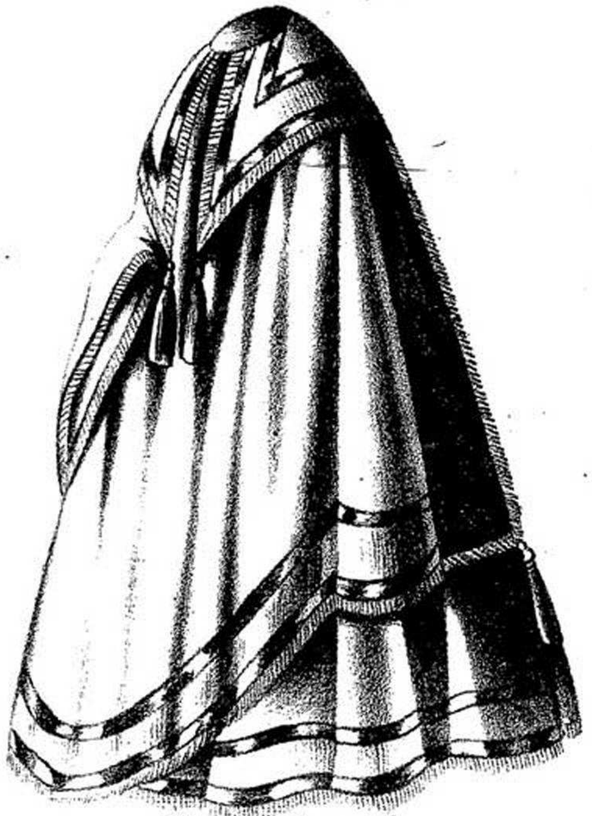
Almeria

Breloune



Henri III

Armada



Manteau Espagnol

Mimosa

Oceana

Valdivia

Quando D. Antonia se apresenta a Lostardo, este fica surprendido, e custa a reconhecer a corajosa senhora!

A casinhola da mãi de Lostardo era uma pobre moradia, onde o asseio servia de ornamento, onde todos os utensilios reluzião de limpeza, e onde a velha *Ghita* imprimia o seu caracter suave e religioso em tudo. A velha italiana era um perfil antigo que na mocidade devia ser o de uma formosa mulher, e que hoje, apezar das rugas e dos sulcos da velhice, era ainda bello, porque *Ghita* era uma dessas mulheres em cujo coração puro immaculado só se abrigavão sentimentos nobres e virtuosos; sua mocidade não lhe deixára remorsos, e sua velhice não lhe fazia provar a inveja.

Ella recebeu a hospede de seu filho como se fossem antigas amigas; e como as almas virtuosas fallão todas a mesma linguagem, ellas amárão-se logo e confiárão-se uma á outra.

A Sra. de Alsina confiou seu plano a Lostardo, que este approvou. Só necessitava de uma modificação — comprar um dos commandantes do Ponton, que assegurasse melhor o exito.

— Pois bem, diz D. Antonia, podeis offerecer até cinco mil patacões; mas, estais seguro que esse homem se venderá, e que no caso contrario não irá delatar tudo ao tyranno?

— Conheço, responde Lostardo, a pessoa a quem me dirijo.... depois disso, senhora, ao poder do dinheiro poucos homens sabem resistir; se lh'o fossemos pedir por favor, então mudava de figura ... Não temais nada, John Anderson, 1º commandante do Ponton, não conhece outro Deus que o seu negocio, e este traduz-se por — dinheiro.

— Bem; como para ganhar é necessario arriscar tambem, eu lhe deixo toda a liberdade para tratar deste negocio.... Fica em vossas mãos o nosso destino.... mas urge que se trate disto quanto antes.

— Amanhã de noite póde a senhora vir saber a resposta; amanhã é domingo, justamente é um dia optimo para ver e fallar a Anderson.

— Então até amanhã; e Deus tenha misericordia de nós!

A Sra. de Alsina diz adeus aos seus amigos, e regressa á quinta de seu pai sem o menor obstaculo.

Lostardo seguia ao longe, sem que ella o notasse, disposto a defendel-a se necessario fosse.

O DINHEIRO É A ALMA DO MUNDO.

Nos paizes catholicos, que não sejão o Reino-Unido da Grã-Bretanha e os Estados-Unidos da America do Norte, o domingo é o dia de folga, de festa, de pagode, e até de bebedeira para as classes industriaes, e tambem para outras mais elevadas.

Mas John Anderson fiel aos costumes anglo-americanos, quando não está de guarda a bordo do Ponton, vai á igreja duas vezes por dia, e o resto do tempo passa em casa lendo a Biblia e mastigando tabaco.

Meio dia marcava o relogio do Cabido, quando Lostardo batia á porta da casinhola da *Alameda*, que occupava Anderson.

O primeiro commandante, sentado em uma grande poltrona, descança os pés estendidos sobre uma mesa, vestido de preto, de chapéo na cabeça; mastiga o sempiterno tabaco e bebe, gole a gole, um copo de agua de salsaparrilha, sem ser de Sands.

Ao barulho da aldraba da porta, Anderson, sem levantar os olhos do livro, responde:

— *Wacking if yon please..* (Seja servido de entrar.)

O marujo genovez, que parece estar ao facto das maneiras de Anderson, entra de chapéo na cabeça e as mãos nas algibeiras das calças.

Sem cumprimentar o dono da casa, Lostardo toma uma cadeira, senta-se, estende os pés n'outro extremo da mesa, e começou a seguinte conversa em inglez, que nós traduziremos para poupar o encommodo áquelles dos nossos leitores que não saibão o idioma dos passaros.

Lostardo é o primeiro a fallar.

— Sr. Anderson venho a negocio.

Anderson fecha a Biblia, tira o chapéo, alisa o cabello, e torna a collocar o chapéo sobre os olhos; depois tira da algibeira do collete um canivete e começa a aparar as unhas; concluida esta operação preparatoria de todo o inglez ou americano quando vai entrar em materia de busiles, Anderson faz um

— Hum! hum.

Que, segundo as inflexões da voz, varia tambem no seu sentido. Aqui queria dizer—estou sciente, póde continuar.

Lostardo pela sua parte faz um—halte—tira um charuto do bolso da sua jaqueta de marujo, procura um phosphoro e acende o charuto, o qual durante alguns segundos parece occupar-lhe completamente a attenção. Depois de alguns instantes, Lostardo repete:

— Venho a um negocio.

— Muito bem.

— Bello negocio de dinheiro, accrescenta Lostardo sacudindo a cinza do seu charuto.

— Hum! hum! Faz Anderson, que neste caso quer dizer—explique-se.

— Negocio de cinco mil patacões n'uma noite.

— Ah! cinco mil patacões? hum, hum.

E' bonito, heim?

— Conforme.... póde ser....

— Hum! hum! faz Lostardo pela sua vez; o que deve traduzir-se— meu camarada, se você é velhaco e desconfia de mim, eu tambem não me confio em você.

— Então! diz Anderson empenhando-se em dar a uma unha a maior pollidez possivel. Então você diz que?...

— Sim, eu digo que se você quer deixar o commando do Ponton e ir-se embora com alguem, lhe dão cinco mil patacões.

Anderson cospe, deixa as unhas, bota fóra o tabaco que estava na boca, tira outro bocado da algibeira e renova a posição, continúa a limpar as unhas, e por fim resolve-se a dizer:

— Querem que eu fuja com algum preso que está lá?

— Hum, hum—faz Lostardo novamente, e Anderson traduz—pense o que quizer.

— Quem é o preso?

— Então quer sempre o negocio?

— Conforme.

— Vejamos.

— Responsabilidade?

— Forçosamente.

— O dinheiro?

— Lhe será apresentado á vista da casa de.... em Montevidéo.

— Que me será entregue?

— Na manhã seguinte á noite da fuga, passando você um documento em regra....

— Hum, hum.

Por esta vez o *hum-hum* de Anderson parecia dizer—vocês tem medo que eu os atraiçoe.

— Então podemos contar com você?

— Sim.

— O dia?

— Eu sahi hoje da guarda, entro no domingo que vem; sabbado á-noite, pela minha parte não haverá inconveniente.

A alegria de Lostardo é tal que elle de boa vontade déra um abraço no *jankee*, porém sabe conter-se, e apresentando-lhe a mão os dous homens trocão o que os inglezes chamão *Check-hand*, em signal de que o contracto estava feito e cumprir-se-hia sem falta alguma.

Nessa noite a Sra. de Alsina entregava a Lostardo uma carta para a casa ingleza de.... & C.ª em Montevidéo, e juntamente uma somma de dinheiro destinada á compra de todo o necessario para a empreza.

Na segunda-feira ás nove horas da noite a balieira *Joven Italia* fendia as aguas com velocidade, os marujos remavão sem descanço, o patrão Lostardo fumava ao leme, e toda a tripulação parecia agitada, mas contente.

Quinta-feira ás dez horas da noite Lostardo estava de retorno; seus marujos o acompanhavão carregados de saccos. A velha *Ghita* servia uma abundante ceia, e a Sra. de Alsina recebia nessa noite pela janella do seu quarto um enorme pacote que lhe entregava Lostardo.

Continua.

— Com este nosso n.º 26 completamos o ultimo numero do segundo trimestre, com o qual prefaz o *Jornal das Senhoras* — 215 paginas de impressão—mais do que tinhamo prometido e —pouco para o que desejamos vos offerecer. Do mez que vem em diante daremos dois figurinos coloridos em uma brilhante estampa do mais moderno gosto de Paris, todos os domingos, e no ultimo uma peça de musica, cada mez. Rogamos portanto a todos os nossos Assignantes o favor de mandarem renovar as suas assignaturas, que ficão estabelecidas em um só semestre até o fim do anno, nas casas dos Srs. Mongie n. 87 e Wallerstein n. 70, rua do Ouvidor.

O preço de cada assignatura por semestre fica sendo de 6$000 para a Côrte, e 7$000 para as Provincias.

JORNAL DAS SENHORAS.

Publica-se todos os Domingos; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de velhos, em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica moldes e padrões de bordados.

Subscreve-se para este jornal nas casas dos Srs. Wallerstein e Comp. n. 70, A. e P. Desmarais n. 86, Mongie n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de Santos e Silva Junior, rua da Carioca n. 32.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

Preço da Assignatura: Por tres mezes 3$000 rs. na Côrte, 4$000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro—Typographia de Santos & Silva Junior, Rua da Carioca n. 32.

TOMO II.—DOMINGO, 4 DE JUHLO DE 1852.

O JORNAL

DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

BIBL. E ARC. PUBL. DA CORTE

O programa e condicções deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

A'S NOSSAS ASSIGNANTES.

Completarão-se no dia 1.º do corrente seis mezes da existencia do *Jornal das Senhoras*, que, sob a redacção em chefe da Illm.ª Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha radiante e esbelto se vos apresentou em tão longo espaço. Motivos, porèm, imperiosos obrigão á dita nossa Illm.ª amiga a attender a outros deveres, e por conseguinte a não dirigir a redacção d'este periodico. Sobre mim recahiu a escolha para tão pesado encargo, e comquanto falda dos conhecimentos e illustração que adornão a Illm.ª Sra. D. Joanna, eu empenharei todos os meus esforços para imitar e seguir a senda que se ella traçou na redacção deste jornal, que no espaço de seis mezes vos offereceu 215 paginas de impressão—mais do que houvera promettido, contendo ellas artigos originaes sobre a educação da mulher, seus deveres e posição social, e muitos outros, moraes e religiosos; muitas poesias, e artigos sobre modas, theatros, bellas artes... e um lindo romance.

Não arripiaremos na carreira encetada pela nossa illustre amiga, emquanto o *Jornal das Senhoras* fôr protegido por vós, emquanto os amigos da litteratura continuarem a sustental-o com a dignidade que tem patenteado.

Novel na carreira litteraria não vos posso offerecer altas garantias ácerca de meus cabedaes de intelligencia, e nem pomposas promessas vos quero fazer—porque—pelo que fizer em prol do *Jornal das Senhoras* vós me julgareis então mais acertadamente.

Não temos em mira o interesse do ouro, por que nem cabe isso no nosso sexo, nem tão pouco é esta a ideia primordial dos que criárão este jornal.

No semestre corrente melhoras consideraveis apresentará o *Jornal das Senhoras* no que diz respeito a—figurinos—porque na parte litteraria a ausencia da Illm. Sra. D. Joanna difficilmente poderá ser substituida.

Apresentando-me á vós, eu ouso pedir-vos que continueis a favorecer, como eis feito, o *Jornal das Senhoras*, para que elle attinja ao gráo de perfeição de que é merecedor.

— Prosperos dias aguardem a nossa Illm.ª amiga a Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha; que ella não nos deixe e que não desampare o *Jornal das Senhoras* que sob a sua egide tanto ha prosperado, e para o qual devemos invocar tambem o auxilio de Deus... e a protecção de todos.

Acceitae, minhas amigas, os meus protestos de pura affeição por vós, a quem mil bens appetecço.

Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco.

Redactora em chefe.

MODAS.

Mal pensava eu, querida leitora, quando escrevia o meu ultimo artigo dando-vos a alegre noticia da publicação dos nossos novos figurinos, que logo depois receberia uma assetinada carta, cheia de termos amigaveis e sinceros (desta frase a que não se póde resistir) participando-se-me a entrada da nova redactora em chefe deste Jornal e ao mesmo tempo pedindo-se-me (e que pedir tão seductor...) a continuação da fraquissima cooperação dos nossos humildes artiguinhos de modas. Foi por certo um acto de delicadeza e bondade da nossa nova redactora que mais me obriga a cumprir gostosa aquillo mesmo que eu já vos havia promettido domingo passado.

Houve por tanto mudança de ministerio, mas a politica é a mesma.

E' a Illm.ª Sra. D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco, filha do Sr. conselheiro Bivar, a redactora em chefe do JORNAL DAS SENHORAS. Brasileira illustrada e espirituosa nos virá mitigar a saudade que nos deixa nesta redacção a Illm.ª Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha, nossa amiga querida, a quem damos-lhe razão de haver largado o honroso encargo que tão dignamente preencheu: é penoso para quem a outros misteres da vida tem de applicar os seus cuidados.

Não obstante, eu alimento a agradavel esperança de que de todo não nos deixará ella. Oh! sem duvida; tanta intelligencia e sabedoria as composições dramaticas não absorverão só para si! a nós tambem nos tocará um bocadinho de vez em quando.

Eis pois realisado, querida leitora, o que eu vos havia promettido com tanto prazer quanto é o desejo de vos agradar e de ser util em alguma cousa.—Dous lindissimos figurinos em uma brilhante estampa todos os domingos, excepto o ultimo de cada mez, em que por variar tereis uma peça de musica.

Para principiar, ahi tendes já presentes os dous primeiros figurinos. Agora fazei o favor de miral-os bem, avaliai-os segundo o vosso bom gosto, comparai com quaesquer outros que tenhão sido publicados em o nosso paiz, e dizei-me imparcialmente se pequei por exagerada quando vos assegurei, que os nossos figurinos são os de mais fama e os da primeira plana em Paris.

Dito isto de passagem, para não me parecer com certos especuladores que encarecem o que é seu, desfazendo no que é do vizinho, porque só elles querem vender a sua fazenda, lembrar-vos-hei o que disse a minha antecessora em um dos seus primeiros artigos: « A moda que se appellida—bom-tom—não se encerra em executar obediente e cegamente, ponto por ponto, os immensos desvaneios della, a multidão incommensuravel dos seus detalhes e a fantasia continuada de suas novidades; pelo contrario, consiste em saber acommodar com arte e gosto ás feições do rosto, á nossa idade e posição, tudo o que de melhor e de mais effeito nos apresenta a moda sem com tudo nos sobrecarregar-mos de mil enfeites e adornos, muitas vezes lindissimos na pintura e excessivos na execução. » Eu sou da mesma opinião—voto em favor da materia.

Muitas elegantes votão comigo pelo que presenciei no baile Campestre e no Cassino ultimamente. Seu rico e brilhante *toilette*, guardando as conveniencias das côres e da symetria, estreado no magico Cassino, comparado com o singelo mas elegante *toilette* no alegre Campestre, não me deixárão nenhuma duvida a este respeito.

Que lindo que era o grupo daquelles seis cherubins que adejavão pelo salão do Cassino! como que derramando a vida nos corações e os encantos á vista humana! Aquella elegante *carijózinha* como é feiticeira! Mais dous annos só; e teremos uma gentil belleza digna de todas as adorações. Os homens digão o resto.

Sabeis em que eu noto algum abandono ás vezes? No penteado. Em algumas feições talvez fossem melhor os bandós oudeados, em outras os bandeletes ou as pastas, em outras os caracóes frisados ou os caixos; em umas—flores, rendas, folhagem, as modernas tranças de ouro ou de prata; em outras—nada—só o seu cabello. E' um particular estudo, que não devemos julgar propriedade sómente dos cabelleireiros. E elles que andão sempre com tanta pressa....

Vereis nos presentes figurinos dous diversos penteados de muito bom gosto, mas notareis para adiante a variedade dos que forem apparecendo que, pela escolha que delles tiverdes de fazer, precisamente confirmarão a necessidade de combinar feições, a primeira das mais caprichosas attenções do *toilette*.

Eis a descripção da estampa, conforme póde ser desta vez.

Discripção da estampa.

A primeira figura representa um delicado *toilete* para theatros ou grande jantar.

Saia de *gros de Naples* cinzento claro com cinco folhos *em disposição*, o que quer dizer — que estes folhos são feitos da barra escoceza que já traz a fazenda e que a modista a corta em pequenos pedaços, da largura que se quer o folho, e depois ajunta-os e fórma delles esses cinco engraçados folhos atravessados—Collete, de rebuço bordado, de renda branca forrado de chamalote da mesma côr, fechado por cinco pequenos botões de seda e deixando apparecer parte de uma modestia de cambraia de linho e renda guarnecida com duas ordens de estreitos roquetes—Casawek redondo, da mesma fazenda da saia, enfeitado em volta de fita escoceza encrespada, imitando as côres da barra, mangas quasi curtas, por ser *toilete* de cerimonia, e abertas tres polegadas pelo lado de fóra, mostrando todo o meio braço, com a mesma fita encrespada e duas ordens de renda sobreposta em guarnição—Penteado de renda *maline*, pontas fluctuantes com duas tufas de flores do campo sobre bandós fortemente ondeados.

A segunda figura representa um *toilette* de baile que vae primeiramente apparecar no theatro, por isso traja um *Pardessus*, para servir nessa occasião, de velludo azul meia côr guarnecido de trança de prata, lindo e elegante como estaes vendo.

Vestido de nobreza branca com a saia ornada de nove guarniçõos de renda de bico, de tres polegadas de largura,—Corpo a Luiz XV com o mesmo ornamento de renda mais estreita até ao decóte, ao qual acompanha, como rematando a progressão dos enfeites, uma outra renda encrespada voltada para cima —Um grande fio de perolas em tres voltas cahindo a terceira sobre o peito—Penteado de meios bandós fortemente ondeados em fórma de canudos, circulando toda a cabeça uma graciosa corôa de trança, no centro da qual sobresáe o moderno pente marchetado de prata e perolas, que completa este candido e lindissimo *toiletle*.

Deveis notar, querida leitora, a distincção especial entre estas duas figuras: ambas representão dois *toilettes* de rigor, mas uma é para uma joven solteira, por isso seu elegante peito e pescoço estão nús—nem os brincos apparecem. A graciosidade de seu trajar revela a todos os corações a sua posição na sociedade. O outro é para uma senhora casada; este *toilette* tambem é vaporoso e encantador, mas está carregado de perolas e diamantes. As elegantes parisienses guardão estas distincções da moda com todo o requinte da arte e conveniencias da sociedade.

Adeus: até a semana que vem.

Infante—2 de Julho.

Christina.

A' POESIA.

Sim, poeta: a sociedade te comprehenderá melhor que os sabios, e que os eruditos. Os teus magicos preludios não serão perdidos, nem infecundos. Prosegue no teu glorio o empenho: caminha sempre desde o albor da tua aurora até ao futuro de explendor e de gloria que te espera. Cantaste as dores do coração, os mysterios da alma, as maravilhas da natureza, e o poder da inspiração; matizaste com as tintas da luz do oriente as sombras da idade passada, e nos mostraste uma luz fulgurante no fundo dos antigos sepulchros. Prosegue. Talvez que o destino te reserve outra carreira, e te prepare outra coroa: ha de a tua poesia lançar-se para um novo perio, do mais philosophico e mais brilhante: tu conheces que o presente não é digno de ti, porêm deves de saber tambem que o passado é esteril, que o que uma vez morreu jámais resuscita, assim como é lei da providencia que a humanidade não retrograda nunca. O provir te aguarda, —esse provir mysterioso que pára sobre toda a Europa e com cujos encantos sonhamos, como sonhamos, na adolecencia com os encantos e com as graças de uma criatura mimosa que advinhamos no coração. Essa idade porque suspira a juventude,—essa idade invocada pelos votos dos nossos corações,—essa idade—terra de promissão neste desterro para as nossas religiosas e fervorosas esperanças, é tua, ó poeta; e antes de nós, deve lá chegar essa phantasia que vai com todas as velas vogando pelo mar dos tempos. A tua musa está reservada pintar essas desconhecidas maravilhas, e rasgar aos nossos olhos o véu, através do qual tão vagamente nos parece lobrigar alguma luz consoladora. Só tu serás capaz de realisar com as tuas propheticas criações, esse apocalypse da intelligencia, essa época de reorganisação e de harmonia, em que a grandeza dos antigos tempos se mutiplique pelas

bellezas e progressos da civilisação moderna, despojada esta do seu egoismo, como aquelles do seu barbarismo,—em que uma lei universal de justiça de sabedoria e de liberdade reuna em uma familia commum as nações agora isoladas, e em que uma religião de paz e de amor realise sobre a terra o glorioso destino que se reserva á humanidade.

Sim, poeta. Talvez que os teus versos nos pintem o que os politicos não se atrevem a calcular; talvez que ao teu canto se revele, o que á philosophia não é dado prever. Não foi em vão que a providencia te fez apparecer; e pois que te evocou de um tumulo, deves por ventura de saber segredos que aos outros mortaes ignoramos. Não importa que os que a si mesmo se desprecião, os que não se julgão nascidos para algum fim, os que pensão que existem arrojados casualmente neste mundo como pedras no poço da vida, os que negão a previsão da intelligencia suprema, a divindade do espirito humano, e o seu imperio sobre o mundo, vacilem e definhem. Tu, porêm, que tens fé e crença, porque dentro de ti sente, a vozdivina que t'as dita, prosegue sereno a pesar das tempestades que pretendem afogar a inspiração sublime, com a qual te remontas a regiões desconhecidas.

Da Redacção.

O MANACA'.

Coitadinha, mimosa flôr!

Multi-corada ella tão modesta vive no brejo, sem que alguem a veja:

Occulta-se como si não fosse formosa, e tão cheia de vivas côres como a rosa, e tão fragante como o jasmim.

Ninguem falla d'ella. Escondidinha como a violêta, é melhor ainda que esta florinha. E a sua sorte é tão mesquinha!

Coitada, mimosa flôr!

Como o arco-iris, que representa o pacto entre o senhor do Céu e os homens da terra, ella brilha as suas côres a um raio solar perdido, que vai á fonte beijal-a por entre as espinhosas folhas do *gravatá*, e ainda assim esse brilhar é tão dubioso, tão modesto, como o apparecer de um seio de virgem ao albôr descorado de uma odorifera matina.

Flôr modesta! flôr candida, da-me a tua placidez e teu invejado existir; flôr rubra, da-me o teu fogo que não arde para acender a minha alma na poesia; flôr roxa, da-me essa tua saudade do Céu para eu sentil-a pela minha amada, e tambem por Deus.

E eu te cantarei, coitada, mimosa flôr!

E heide fazer-te a rainha das flôres, porque outra não ha como tu.

L. C. A. Junior.

Um pensamento de mãe.

Meu Deus, porque a extrema sensibilidade de uma mulher ha de tornal-a tão intelligente para perscrutar no fundo do coração d'aquelle a quem ama qualquer mudança que ahi appareça, antes mesmo que este coração se lhe resinta?

Será para a mulher soffrer mais do que já soffre no mundo; oh! se a mulher não fôr muito religiosa tornar-se-ha um ente bem digno de compaixão!

O que mais poderá sustentar sua resignação?

As felicidades, que dizem, que ella goza, os predominios, que assegurão que ella possue, são falsos e apparentes.

Menos uma, a qual nem todas a tem, e que depois da religião da-lhe uma magnanima coragem para supportar a sua sorte de mulher.

E' a MATERNIDADE.

E.

AMOR ETERNO.

I.

Já quando, minha Enaira, as cãs nevadas
Bem poucas me restando a fronte oruarem;
Já quando, minha Enaira, a mente minha
Não puder idear um pensamento,
Que brilhe de poesia co'essa rima
Suave e natural que tu m'inspiras:
Já quando, minha Enaira, a minha dextra
Debil, sem força, descarnada e tremula
Não mais engrandecer, levar teu nome
Lá onde os homens immortaes se tornão;
Já quando, minha Enaira, a voz de fraca

Superar não puder meus frios labios,
E os proprios labios se tornarem mudos;
Inda assim oh! Enaira, a mão esquerda
Do velho já sem força e moribundo
Pousará sobre o peito, e os olhos baços
Derramando em teu rosto só ternura,
Te dirão—Inda eu amo, inda em meu peito
Palpita o coração!... O proprio fado,
O mesmo tempo, que consome as rochas
E consumiu meu corpo e a minha vida,
Não póde consumir o amor que nutro.

II.

Dous minutos depois, Enaira bella,
Terei deixado de existir no mundo,
A Parca os olhos meus terá cerrado,
O proprio coração que antes batia
Deixará de bater—estarei morto....
— Tu, Enaira meu bem, chora-me a perda;
Mas não blasfemes por eu ter morrido,
Qu'eu, lá no Céu de Deus que adoro tanto,
Ainda te heide amar, inda minha alma
Hade sentir por ti qual sente o peito.
E quando tambem tu, deixando a terra
Em branca nuvem para o Céu voares,
O mesmo Deus, Enaira, hade ligar-te
Ao fido amante que no Céu te espera,
E ligados por Deus nós sentiremos
Sem limites amor, amor eterno.

F. C. do Amaral.

LINGUAGEM DAS FLORES.

Continuação.

Depois do estenso artigo sobre as rosas, dirá alguem—ahi vem a confraria dos *cravos;* e depois virão as *camelias*, *dhalias*, *jasmins* e... Isto de escriptores tem seus caprichos; ora eu que me metti com as caprichosas flores, por que se ha cousas que neste mundo tenhão caprichos, são ellas, o que não será? Pois declaro-lhes, minhas estimadissimas leitoras, que ficárão logradas; foi meu capricho deixar desapontadas aquellas, que esperavão pelos *cravos*, e as que almejavão pelas *camelias*, e as que suppunhão, lá com os seus babadinhos, que os *jasmins* devião ter a preferencia. Quantos *moxoxos* não estou ouvindo! Quantas jurinhas de vingança ao procurarem com avidez a — linguagem das flores — e, acharem-se em branco com a logração! E com effeito esses *moxoxos*, essas jurinhas são justas, porque depois de vos apresentar a — rainha das flores—a *Rosa* ataviada com todas as louçainhas, com seus caprichos e bellezas, devia offerecer-vos o rei das flores— o *Cravo*—tambem adornado de suas purpuras, caprichos e elegancia. Mas o que direis quando vos lembrardes de que entramos no inverno, e que forçoso é fallar deste senhor, que em outros paizes vem regelado e rebuçado em longos mantos forrados de arminhos e de pellucias, aquecido por fogareiros e tripoles, mas que neste bello clima do Rio de Janeiro passa por uma risonha primavera de alguns classicos paizes da velha Europa! Vejamos pois o que Mme. de la Tour diz do

INVERNO.

FOLHAS SECCAS.—*Tristeza melancolia.*

« Chega o inverno; as arvores perdem a verdura depois de se terem despojado de seus fructos: o sol caminhando em retirada derrama sobre as arvores cores sombrias e melancolicas: o *alamo* reveste-se de descorado amarello, em quanto que a *acacia* dobra os delicados foliolos, que os raios do sol não tornarão a despertar senão para se abrirem na seguinte primavera: todavia a *betula* deixa fluctuar a longa coma, já privada dos seus ornamentos, e o *abeto*, que tem de conservar a verde pyramide, abalancea com arrogancia nos ares. Vê-se o *carvalho* immobil resistir aos esforços dos ventos, que não souberão despojal-o do magestoso cimo; mas o rei das florestas cederá na primavera seguinte as folhas avermelhadas pelo inverno a novos rebentos. Parecem todas essas arvores agitadas por paixões diversas: uma se inclina profundamente como que se quizesse render homenagem a aquella que a tempestade não póde abalar; outra mostra querer abraçar a companheira, apoio de sua fraqueza; e emquanto que ellas confundem e misturão os desguarnecidos ramos, outras se agitão em todos os sentidos, como que se estivessem cercadas de inimigos; o respeito, a amizade, o odio, a colera passão successivamente de umas ás outras. Açoitadas assim por todos os ventos, e como que devoradas por todas as paixões, deixão ouvir longos gemidos semelhantes ao burburinho de um povo em alarma; não ha voz dominante; é um sussurro profundo, monotono, que precipita a alma em uma vaga distracção; frequentemente a vista se occupa com espessas nuvens de folhas, que sem vitalidade se desprendem das arvores, e que cobrem o solo de um tapete mortuario. O espirito maravilha-se a contemplar a tempestade que as impelle, as disperça, as agita e atormenta estes tristes despojos da primavera que acabou.

Por esta razão fizerão das folhas seccas o emblema da *tristeza* e da *melancolia*; porque nada ha de mais triste e melancolico do que os campos da Europa em tempo de inverno.

O inverno no Rio de Janeiro bem se póde comparar a uma primavera daquelles paizes como já dissemos; mas como nos nossos mezes desta estação ha poucas flores, e com algumas excepções, de pouca estima, a não serem as rosas sempre bellas e sempre respirando pura fragancia, para supprir a falta que ellas vão causar nos nossos salões, e nos nossos jardins, julgamos a proposito remontar-nos ao uso que os antigos sabião fazer das côres.

Nesses felizes tempos cavalleirescos, em que a belleza distribuia corôas, em que todas as festas erão jogos guerreiros, em que todos os jogos erão uma homenagem á gloria e ás damas, sentiu-se a necessidade de criar uma nova lingua-

gem, que, fallando-se sómente com os olhos, podesse exprimir sentimentos que a boca não ousava proferir. Tal foi a origem dessa engenhosa união de divisas e de côres que distinguião os cavalleiros.

Se um amante, desesperado, se apresentava na liça, provava seu amor por prodigios de valor, porêm se no pendão e charpa havia mistura das côres vermelha e violeta, annunciavão ellas a perturbação de sua alma. Se depois da victoria, a dama de seus pensamentos estava decidida a pôr termo a seus tormentos, apresentava-se-no dia seguinte com a côr verde do pilriteiro ligada com listões encarnados que significavão—*esperança no amor*.

A cóta d'armas tinta de cinzento arruivado indicava que a *gloria afastava o cavalleiro de mais doces combates*. O amarello unido ao verde e violeta testemunhava *que tudo se tinha obtido da belleza a quem se amava;* não era permittido porêm encontrarem-se estas côres entre os guerreiros modestos.

Depois destes tempos os antigos forão mais longe; e a arte de fazer fallar as côres foi levado a tão alto gráo de perfeição, que até se chegou a compôr com ellas o vestido moral do homem e da mulher. Citamos algumas passagens de um livro tão curioso como singular intitulado—*Le langage des couleurs en armes, livrées et divises*.

Continua.

QUE DESAPONTAMENTO!

A mania dos *albuns* data de longos annos como vereis pelo facto que passamos a narrar.

« Um barão allemão emprehendeu uma longa viagem—em 1710—para ir a Paris pedir a Mme. Dacier que escrevesse no seu *album* qualquer cousa, ao que, depois de muito instada, se prestou a dita senhora, que escreveu o seguinte verso de Sofocles—*O silencio é o dom mais precioso da mulher*.—O desapontado barão maldisse a hora em que com tantos sacrificios procurára a eximia litterata, e nunca mais fez pedido igual a pessoa alguma.

AOS CRITICOS.

As tragedias de Corneille forão acrimoniosamente censuradas pelos criticos de então. Quando elle publicou a que tem por titulo—Os Horacios—advirtirão-n'o de que se ia imprimir um opusculo em que se abocanhava a sua obra. Corneille então respondeu á pessoa que lhe deu parte disso, o seguinte: — « Horacio foi condemnado pelos decemviros, mas foi absolvido pelo povo. »

L. de B.

MISTERIOS DEL PLATA. (*)

Com o mundo começou uma luta que so com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra cousa que a relação desta interminavel lucta.

MICHELET, Historia de França.

Ultimo Capitulo.

A FUGA.

No sabbado designado por Anderson, a noite estava escura, alguns chuviscos precursores do *Pampero* vinhão de hora em hora, e a brisa refrescava por intervalos; no Céu escuro e nublado nem uma estrella....

Oito horas da noite dão os sinos das igrejas.

Um homem de figura delicada, de passo breve que elle alarga o mais possivel, rebuçado em uma capa militar, se dirige de um bairro afastado da cidade para a margem do rio—leva pela mão, dabaixo do capote, um menino como de nove ou dez annos de idade.

O desconhecido a quem vamos seguindo, cruza as ruas com passo precipitado, vira a cabeça para ver se é espreitado, e quando ao longe divisa um grupo de homens ou alguma patrulha, retrocéde sobre seus passos e toma outra rua, ou entra n'alguma casa que encontra aberta, enfia o corredor, e evita todo o encontro possivel.

Depois de tres quartos de hora de accelerada marcha o homem do capote chega á esquina de *Sotoca;* a venda, cheia de marujos de todas as nações, deitava para a rua a luz avermelhada do lampeão que se balançava á entrada, onde se lia em differentes linguas:

Hospedagem de noite.

O desconhecido atravessa a calçada opposta onde reina a mais profunda escuridão, e começa a descer a ribanceira do rio.

— Já estamos na *Alameda;* balbucia o desconhecido; e se dirige para o lado do *Retiro*, tendo cuidado de tomar a margem do rio. Por fim exhausto de fadiga senta-se com o menino, em um dos bancos mais retirados e quasi cubertos pela corpulenta ramagem de um Ombú.

Nove horas davão ao longe.

Do lado mesmo do *Retiro* um homem se aproximava fumando; o nosso desconhecido tira tambem da algibeira um cigarro e adiantando-se em direcção ao fumante lhe disse em inglez:

— Faz obsequio do seu lume.

— Estou ás ordens, responde o outro.

Então todos dous e o menino afastão-se dali algumas braças.

Outro individuo, vestido de semi-official, se adianta para os dous fumantes, e lhes diz em italiano:

— Faz obsequio do seu lume.

— Ora e sempre; responde o sujeito do capote.

Então todos tres e o menino descêrão ao rio.

Os dous fumantes e o menino forão carrega-

(*) Vide o n. 26.

dos, pequena distancia, até á balieira que os esperava; o terceiro, que era o patrão, foi por dentro d'agua.

Chegárão a bordo. Ali havião quatro soldados, os marujos assim como o patrão todos vestião o uniforme dos empregados de Rosas.

A pequena embarcação se afasta á força de remos.

Todos guardão um profundo silencio.

A balieira voa sobre as ondas cri talinas do rio; e o patrão sentado ao leme acaricia os bordos da fragil embarcação, assim como o cavalleiro acaricia seu cavallo na carreira, como se o animal pudesse comprehender sua muda linguagem..... Tambem a esguia balieira, como se instincto tivesse, parecia voar mais rapida segundo o desejo de seu dono.

Não sei, porêm aquelle barco, sombrio e rapido, cheio de vultos mudos e immoveis, no meio das trevas, sem outro ruido que o movimento leve dos remos e da quilha rompendo a corrente, parecia ter alguma cousa de fantastico..... Sem a obscuridade que a todos envolvia; poderia adivinhar-se que todas aquellas figuras firmes e silenciosas erão as personagens de um drama senistro, cujo desfecho poderia ser a morte de todos.

Dez horas.—

Ouvião-se as lentas badaladas dos sino, que fendendo o ar enviarão lá bem longe o écho solemne do bronze, que vai marcando os instantes da nossa vida.

Mais alguns minutos a balieira atraca ao Ponton.

Dick passeava sobre o convés amaldiçoando o lento decorrer do tempo, porque durante sua semana de guarda só bebia a serveja e o rhum com agua, e esperava com ancia o momento de render-se a guarda para tomar a sua mona do costume.

—Quem vive? diz a sentinella da pôpa—

—A Patria— contesta Anderson—

—Que gente?

—Primeiro commandante do Ponton—

—Oh! grita Dick—bem vindo seja!

—As ceremonias do costume para o recebimento de um chefe seguem-se, e Anderson salta a bordo acompanhado do desconhecido de capote—

—Que novidades temos? pergunta Dick—que diabo de equipagem é esta?!

—O Sr. traz uma ordem do Sr. Governador para Vmc., e eu tambem recebi outra a poucos momentos. Anderson designou o individuo a quem seguimos desde o principio deste capitulo.

A' luz dos lampeões de bordo podemos examinal-o.

Era um moço de fórmas delicadas, cujo rosto estava coberto em grande parte por barbas e bigodes pretos e compridos; a pala de seu boné militar cobria-lhe a testa e os olhos; seu vestuario e insignias erão de capitão de caçadores.

—Queira Vmc. inteirar-se do conteudo do presente despacho e cumprir á risca as ordens que lhe transmitte S. Ex.—disse o moço official—tirando um officio do peito da fardeta e apresendo-o a Dick.

O inglez olhou de cima para baixo o mensageiro do restaurador, tomou o papel que lhe era apresentado, e disse lá com os seus botões—que voz de maricas tem o tal Capitão...

O officio estava em toda fórma e rigor official, e seu contendo era o seguinte:

« Viva a Confederação Argentina!

« Morrão os selvagens unitarios!

« O official superior, de guarda a bordo do « Ponton, porá ás ordens do official portador da « presente communicação, o capitão Dom Ma« nuel Torres, os dois presos politicos, selvagem « unitario coronel Manuel de Pugredon e selva« gem unitario Dr. Valentim Alsina, os quaes « devendo ser fuzilados esta noite no quartel do « *Retiro*, convêm que sejão acompanhados até o « logar da execução pelo outro official superior « que estiver de folga de serviço a bordo do Pon« ton, afim de lavrar a competente acta, com que « ficarão ambos responsaveis pela entrega e su« plicio dos dois selvagens unitarios acima men« cionados. E para que assim se execute e cum« pra á risca, firmo a presente do meu punho e « letra.

« Deus guarde a vmc., &c. » Seguia a data do logar, anno, dia e mez e a assignatura de Rosas no espaço do costume.

Anderson mostrou tambem a ordem que recebera; o inglez, leu duas vezes, comparou, preencheu todas as formalidades do estylo, e chamando um cabo e quatro soldados, ordenou que trouxessem os presos que a ordem designara.

—Pobres diabos, accrescentou Dick, vão morrer esta noite! Sempre é melhor que estarem ahi a padecer.

Um! um! resmungou Anderson; e foi toda a resposta que obteve a compaixão negativa do inglez.

Dois espectros carregados de ferros, apparecêrão sobre o convés.

Foi necessario descel-os á balieira.

Os officiaes Anderson e Torres descêrão tambem.

— Até logo, Mr. Dick, disse Anderson.

— Até logo, respondeu Dick, estimarei que isso não leve muito tempo.

A balieira começou a afastar-se.

Dick tornou a continuar o seu passeio sobre o convés, dizendo—O janckee está muito cheio de attenções hoje comigo!

A balieira remou algum tempo em direcção á terra do lado do *Retiro*, depois virando de bordo, fez pròa ao Oriente, largou a véla, os remadores redobrárão de energia, e a brisa resfrescando tambem parecia favorecel-os.

Os presos, que depois de tantos mezes sepultados nas enxovias do Ponton, respirárão com difficuldade o ar fresco da noite, estavão tão atordoados que não sabião o que lhes acontecia.

— Vamos ser fuzilados? perguntou Alsina virando-se para o desconhecido do capote que lhe ficava ao lado.

A inflexão daquella voz que ha tanto tempo não ouvira, o supposto Torres não resiste mais,

e aperta contra seu coração um esposo adorado! Manoel Torres, o enviado do governador, não era outro que a Sra. de Alsina!

Adolfo, escondido no fundo da balieira, abraça os joelhos de seu pai, e todos tres unidos em apertado abraço não fallão.... suas lagrimas se confundem, suas mãos estreitão-se.... para que dizer mais.... essas emoções sentem-se, mas não se explicão!

Lostardo ao leme respira com difficuldade, e seu olhar querendo penetrar as trevas, tão depressa, interroga o Céu, o vento, a corrente, como procura no espaço que já percorrêrão se apparece algum ponto longiquo!

Anderson, com um excellente oculo de noite, não deixa tambem o posto de observação, porque desde que a pelle e a algibeira estão no jogo, já não faz mais—hum, hum,—quando lhe fallão.

Os valentes marujos estão contentes a não poder occultal-o por mais tempo; a *Joven Italia* vôa sem repouso impellida pela brisa que mais e mais refresca

Ao romper do dia, passageiros, tripulação e chefes, todos saltavão em terra na Colonia do Sacramento, terra tão formosa, tão fertil, cujo bem situado porto figurará algum dia no nosso querido Plata.

Alsina estava livre!

Sua dedicada esposa quebrára seus ferros!

Consignando nos annaes immortaes da nossa historia o facto mais estrondoso da coragem de uma esposa e de uma mãi!

Que resolução, que valor sem igual para arrostar tantos perigos que a cercavão! E ella tão firme, tão serena!

Quando os nossos amigos saltárão na terra hospitaleira, á vista da Colonia cruzava a escuna de guerra

Federal Neto.

Mas na Colonia estava Estevão com trezentos bravos!

Alsina estava livre!

NOTA DA AUTORA.

Comecei a esboçar este romance em Philadelphia, em 1846; foi concluido na fortaleza do Garavatá, onde morei cinco mezes, em fins de 1849 e principios de 1850.

Temia publical-o, porque a mór parte das personagens vivas ainda, sobretudo Rosas não me perdoaria facilmente a revelação de factos, que muitos não acreditão, e são pela nossa desgraça assás verdicos.

Os *Mysterios del Plata* não são mais do que o começo de uma serie de romances historicos que apparecerão mais tarde, se me fôr possivel dar-lhes publicidade; o epilogo do presente romance não é possivel por ora publicar-se no *Jornal das Senhoras* por inconvenientes independentes da nossa vontade; mas estamos disposta, sempre que acharmos cooperação, a fazer uma edição dos *Mysterios* acompanhada então do epilogo.

Como sabeis, leitoras, depois da quéda do tyranno, Alsina foi chamado ao ministerio. Assim devia de ser: hoje pediu a sua demissão e se retirou á vida privada; é a ultima prova que esperavamos da virtude do nosso heróe, a quem mais ainda uma vez prestamos nossa homenagem de admiração e respeito.

Rio de Janeiro, 2 de Junho de 1852.

Joanna Paulo Manso de Noronha.

A significação da 1ª charada é — FUNDADOR—e da 2ª — SARACURA.

Rogamos mais uma vez aos nossos assignantes da Côrte e Provincias, que tenhão a bondade de mandar renovar suas assignaturas á casa dos Srs. Mongie n. 80, e Wallerstein n. 70, na rua do Ouvidor.

JORNAL DAS SENHORAS.

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS; com lindos figurinos dos de melhor tom em Paris, e no ultimo Domingo de cada mez uma peça de musica.

SUBSCREVE-SE para este jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN E COMP. n. 70. A. E F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS E SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA A CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PREÇO DA Assignatura: Por seis mezes 6$000 rs. na Côrte, 7$000 rs. para as Provincias.

Os semestres contão-se em Janeiro, e Julho, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro—Typographia de Santos & Silva Junior, Rua da Carioca n. 32.